VIRGINIA WOOLF

GRANDES OBRAS





AS ONDAS

ORLANDO

MRS. DALLOWAY



VIRGINIA WOOLF

Título original: *As ondas*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagens de capa
Tara Moore/Stone/Getty Images
Mondadori Portfolio via Getty Images
Bettmann/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W862o
2. ed.

Woolf, Virginia, 1882-1941
Grandes obras Virginia Woolf ; As ondas ; Orlando ; Mrs. Dalloway [recurso eletrônico] / Virginia Woolf ; tradução Lya Luft , Laura Alves , Mario Quintana. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Tradução de: The waves; Orlando; Mrs. Dalloway
Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520942840 (recurso eletrônico)
ISBN 9788520942024

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Luft, Lya. II. Alves, Laura. III. Quintana, Mario. IV. Título. V. Título: As ondas. VI. Título: Orlando. VII. Título: Mrs. Dalloway.

18-50986

CDD: 823
CDU: 82-31(420)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária CRB-7/6644



AS ONDAS

ORLANDO

MRS. DALLOWAY



VIRGINIA WOOLF

O sol ainda não nascera. O mar não se distinguia do céu, exceto por estar um pouco encrespado, como um tecido que se enrugasse. Gradualmente, conforme o céu alvejava, uma linha escura assentou-se no horizonte, dividindo o mar e o céu, e o tecido cinza listrou-se de grossas pulsações movendo-se uma após outra, sob a superfície, perseguindo-se num ritmo sem fim.

Aproximando-se da praia, cada uma dessas ondas erguia-se, acumulava-se, quebrava e varria pela areia um tênue véu de água branca. A onda parava, partia novamente, suspirando como um ser adormecido cuja respiração vai e vem inconscientemente. Aos poucos, a faixa escura no horizonte clareou como se a borra numa velha garrafa de vinho se tivesse acomodado, deixando transparecer o verde de seu vidro. Ao fundo, também o céu se fez translúcido, como se ali baixasse um sedimento branco, ou como se o braço de uma mulher deitada sob o horizonte erguesse uma lâmpada, e faixas brancas, verdes e amarelas se espraiassem pelo céu como as varetas de um leque. Depois, a mulher ergueu a lâmpada mais alto, e o ar pareceu tornar-se fibroso, apartando-se da superfície verde, bruxuleando e chamejando em fibras vermelhas e amarelas, como flamas enfumaçadas que se alçam de uma fogueira. Pouco a pouco, as fibras fundiram-se numa só brasa incandescente, e a pesada cobertura cinza do céu levantou-se e transformou-se num milhão de átomos de um macio azul. Lentamente, transluziu a superfície do mar, fremindo e cintilando, até que as linhas escuras apagaram-se quase completamente. Devagar, o braço que sustinha a lâmpada ergueu-a mais alto, e uma larga chama apareceu enfim. Um disco de fogo ardeu na fímbria do horizonte e o mar inteiro acendeu-se em ouro.

A luz incidiu sobre as árvores no jardim, e suas folhas, tornadas transparentes, iluminaram-se uma depois da outra. Um pássaro trinou no

alto; *houve uma pausa*; *outro pássaro trinou mais abaixo*. *O sol aguçou os contornos da casa e pousou como a ponta de um leque sobre uma cortina branca, deixando uma impressão digital azul sob as folhas próximas à janela do quarto de dormir*. *A cortina moveu-se de leve*, *mas dentro da casa tudo era penumbroso e sem substância*. *Fora*, *os pássaros cantavam sua vazia melodia*.

— Vejo um anel — disse Bernard — suspenso acima de mim. Treme e balança num laço de luz.

— Vejo uma faixa de amarelo pálido — disse Susan — espalhando-se até encontrar uma listra roxa.

— Ouço um som — disse Rhoda —, chip, chap, chip, chap, subindo e descendo.

— Vejo um globo — disse Neville — pendendo como uma pérola nos imensos flancos de uma colina.

— Vejo uma borla vermelho-vivo — disse Jinny — tramada com fios de ouro.

— Ouço alguma coisa batendo — disse Louis. — A pata de um grande animal acorrentado. Bate, bate, não para de bater.

— Olhem a teia de aranha no canto da sacada — disse Bernard. — Há gotas de água nela, gotas de luz branca.

— As folhas se juntaram em torno da janela como orelhas pontiagudas — disse Susan.

— Uma sombra cai sobre a vereda — disse Louis — como um cotovelo dobrado.

— Ilhas de luz flutuam na relva — disse Rhoda. — Caíram através das árvores.

— Os olhos dos pássaros rebrilham nos túneis entre as folhas — disse Neville.

— Os caules estão cobertos de pelos ásperos e curtos — disse Jinny — e há gotas de água neles.

— Uma lagarta enrolou-se formando um anel verde — disse Susan —, presa em si mesma com seus pés rombudos.

— O caracol arrasta sua concha cinzenta através da vereda e esmaga as folhas da grama — disse Rhoda.

— E os golpes da luz nas vidraças das janelas relampejam, entrando e saindo dos talos de capim — disse Louis.

— Há pedras frias contra meus pés — disse Neville. — Sinto, separadamente, cada uma delas, redonda ou pontiaguda.

— As costas da minha mão ardem — disse Jinny —, mas a palma está úmida e molhada de orvalho.

— Agora o galo canta como um jorro de água vermelha e dura sobre a brancura da manhã — disse Bernard.

— Há pássaros cantando em cima e embaixo e dentro e fora, por toda parte a nosso redor — disse Susan.

— O animal bate as patas; o elefante com o pé acorrentado; a grande besta pateia na praia — disse Louis.

— Olhem a casa — disse Jinny — com todas as janelas de cortinas brancas.

— A água fria da torneira da despensa — disse Rhoda — põe-se a escorrer sobre o peixe na bacia.

— As paredes estão rachadas em gretas de ouro — disse Bernard — e há sombras de folhas azuis, em forma de dedos, sob a janela.

— Agora a sra. Constable está puxando para cima suas grossas meias pretas — disse Susan.

— Quando a fumaça se ergue, o sono sobe do telhado, enovelado como um nevoeiro — disse Louis.

— Primeiro, os pássaros cantaram em coro — disse Rhoda. — Agora, a porta da despensa foi aberta. Eles saem em revoada. Voam como um jato de sementes. Um deles, porém, canta sozinho na janela do quarto de dormir.

— Bolhas formam-se no fundo da caçarola — disse Jinny. — Depois, erguem-se cada vez mais depressa, até as bordas, numa cadeia de prata.

— Agora Biddy tira as escamas dos peixes com uma faca denteada, sobre uma tábua — disse Neville.

— A janela da sala de jantar agora está azul-escuro — disse Bernard — e o ar ondula por sobre as chaminés.

— Uma andorinha empoeirou-se no fio elétrico — disse Susan. — E Biddy despejou o balde nos ladrilhos da cozinha.

— Ouçam o primeiro toque do sino da igreja — disse Louis. — Depois, seguem-se outros: um, dois; um, dois; um, dois.

— Vejam a toalha descendo alva pela mesa — disse Rhoda. — Agora, há sobre ela, em cada lugar, um branco disco de louça, e ao lado de cada prato listras de prata.

— Subitamente uma abelha zumbe em meu ouvido — disse Neville. — Está aqui; passou.

— Sinto calor, sinto frio — disse Jinny —, saindo deste sol para entrar na sombra.

— Agora, foram-se todos — disse Louis. — Estou completamente só. Entraram em casa para o café da manhã e deixaram-me parado junto do muro entre as flores. É muito cedo, antes da hora das aulas. Cada flor é uma pequena nódoa nos verdes profundos. As pétalas são arlequins. Caules erguem-se das cavidades negras. Flores boiam como peixes de luz nas águas escuras e verdes. Pego um caule na mão. Sou o caule. Minhas raízes descem às profundezas do mundo, varando a terra seca e a terra úmida, atravessando veios de chumbo e prata. Sou todo fibras. Tremores sacodem-me, o peso da terra pressiona minhas costelas. Aqui em cima meus olhos são verdes folhas cegas. Sou um menino em calças de flanela cinza, o cinto preso por uma serpente de latão. Meus olhos lá embaixo são os olhos sem pálpebra de uma estátua de pedra num deserto do Nilo. Vejo mulheres que passam com cântaros vermelhos em direção ao rio; vejo camelos balouçando e homens com turbantes. A meu redor ouço pisadas, tremores, agitação.

— Aqui próximos, Bernard, Neville, Jinny e Susan (mas não Rhoda) afagam os canteiros com suas redes. Tiram as borboletas das corolas recurvas das flores. Afagam a superfície do mundo. Suas redes estão repletas de asas que tatalam. Gritam: "Louis! Louis! Louis!" Mas não podem ver-me. Estou do outro lado da sebe. Entre as folhas existem apenas diminutos orifícios para espreitar. Ah, Deus, fazei com que passem. Fazei com que deponham suas borboletas sobre um lenço no chão. Fazei com que contem suas borboletas-tartarugas, suas almirantes vermelhas, e as brancas. Deixai-me, porém, permanecer invisível. Sou verde como um teixo à sombra da sebe. Meu cabelo é feito de flores. Estou enraizado no centro da Terra. Meu corpo é um caule. Espremo o caule. Uma gota poreja na cavidade da boca, vagarosa, densa, crescendo cada vez mais. Agora, algo rosado passa pelo orifício. Agora, o raio de luz de um olho desliza pela fresta. O raio incide sobre mim. Sou um menino num traje de flanela cinza. Ela me encontrou. Um toque na nuca. Ela me beijou. Tudo se fragmenta.

— Eu corria depois do café — disse Jinny. — Vi folhas que se moviam num buraco na sebe. Pensei: "É um pássaro em seu ninho." Separei as

folhas e olhei; mas não havia pássaro num ninho. As folhas continuavam a se mover. Fiquei assustada. Passei correndo por Susan, por Rhoda, por Neville e Bernard que conversavam no galpão. Enquanto corria, cada vez mais depressa, eu gritava. O que movia as folhas? O que move meu coração, minhas pernas? E irrompi aqui, vendo você verde como um arbusto, como um ramo, Louis, muito quieto, os olhos fixos. "Está morto?", pensei e beijei você, meu coração saltando debaixo da roupa cor-de-rosa como as folhas que continuam a se mover, embora nada faça com que se movam. Agora, sinto o aroma dos gerânios; cheiro de húmus. Danço. Agito-me. Sou lançada sobre você como uma rede de luz. E fico deitada sobre você, tremendo.

— Pela fresta na sebe eu a vi beijando-o — disse Susan. — Ergui minha cabeça do meu vaso de flores e espiei pela fresta na sebe. Via-a beijando-o. Vi Jinny e Louis beijando-se. Agora vou embrulhar minha angústia dentro do meu lenço. Vou amassá-la numa bola apertada. Antes das aulas, quero ir sozinha ao bosque de faias. Não ficarei sentada à mesa fazendo cálculos. Não me sentarei perto de Jinny e perto de Louis. Vou levar minha angústia e depositá-la nas raízes sob as faias. Vou examiná-la, pegá-la entre meus dedos. Não me encontrarão. Comerei nozes e procurarei ovos entre as sarças, meu cabelo ficará emaranhado e vou dormir sob as sebes, bebendo água das poças, e morrerei lá.

— Susan passou por nós — disse Bernard. — Passou pela porta do galpão com seu lenço amassado numa bola. Não chorava, mas os olhos dela, tão lindos, estavam apertados como os de um gato antes do pulo. Vou atrás dela, Neville. Vou docemente atrás dela, para estar a seu alcance com meu interesse, para confortá-la quando irromper num acesso de ira e pensar: "Estou sozinha."

— Agora, ela atravessa o campo, o andar oscilante, indiferente, para nos enganar. Depois, chega à encosta; pensa que ninguém a vê; põe-se a correr com os punhos fechados à sua frente. As unhas enfiadas na bola do lenço amassado. Corre para o bosque de faias, fora da luz. Quando chega, abre os braços e entra na sombra como um nadador. Mas está cega depois de tanta luz, e cambaleia até as raízes sob as árvores, onde a luz parece entrar e sair. Os ramos erguem-se e abaixam-se. Há movimento e agitação. Há sombra. A luz é indecisa. Tudo está pleno de angústia. As raízes formam um esqueleto no solo, com folhas mortas amontoadas nos cantos. Susan

espalhou sua angústia. Seu lenço colocado sobre as raízes das faias, e ela soluça, sentada, encolhida onde caiu.

— Eu a vi beijá-lo — disse Susan. — Espiei entre as folhas e vi. Ela dançava coberta de diamantes leves como poeira. E eu sou gorda, Bernard, sou baixa. Tenho olhos que enxergam bem perto do chão e vejo insetos na relva. O ardor amarelo dentro de mim virou pedra quando vi Jinny beijar Louis. Comerei relva e morrerei numa vala, na água castanha onde apodreceram as folhas mortas.

— Vi você andando — disse Bernard. — Quando passou pela porta do galpão, ouvi você exclamar: "Sou infeliz", e larguei minha faca. Eu estava fazendo barcos de madeira com Neville. E meu cabelo está despenteado porque, quando a sra. Constable me disse que devia escová-lo, havia uma mosca na teia e perguntei: "Devo libertar a mosca? Devo deixar que a devorem?" É por causa dessas coisas que estou sempre atrasado. Meu cabelo está despenteado, cheio de gravetos. Quando ouvi você chorar, eu a segui, vi quando colocou no chão seu lenço amassado, a ira e o ódio amarrados dentro dele. Mas isso logo passará. Agora, nossos corpos estão próximos. Você ouve minha respiração. Você vê também o besouro carregando uma folha nas costas. Corre para cá, corre para lá, de modo que, enquanto você observa o besouro, até mesmo seu desejo de possuir uma só coisa (agora, é Louis) oscila como a luz entrando e saindo das folhas das faias; depois, hão de baixar palavras sobre esse nó de dureza apertado dentro do seu lenço, palavras que se movem escuras nas profundezas de sua mente.

— Eu amo e odeio — disse Susan. — Desejo uma só coisa. Meus olhos são duros. Os olhos de Jinny fragmentam-se em mil luzes. Os olhos de Rhoda são como as flores pálidas que as mariposas procuram à noite. Os seus estão cheios até as bordas e nunca se perturbam. Mas já me acalmei na minha busca. Vejo insetos na relva. Embora minha mãe ainda tricoteie meias brancas para mim e faça bainha em aventais e eu seja uma criança, amo e odeio.

— Mas quando nos sentamos juntos, perto um do outro — disse Bernard —, nossas palavras nos fundem um no outro. Estamos emoldurados pela neblina. Formamos um território inapreensível.

— Vejo o besouro — disse Susan. — É negro, estou vendo; é verde, estou vendo; estou amarrada por palavras isoladas. Mas você se afasta;

você se esvai; você se ergue mais alto, com palavras e palavras encadeadas em frases.

— Agora, vamos explorar — disse Bernard. — Lá está a casa branca entre as árvores. Está lá embaixo, longe de nós. Vamos mergulhar como nadadores que mal tocam o fundo do mar com as pontas dos dedos dos pés. Vamos mergulhar pelo ar verde de folhas, Susan. Mergulhamos enquanto corremos. As ondas fecham-se sobre nós, as folhas das faias tocam-se por cima de nossas cabeças. Lá está o relógio do estábulo com os ponteiros dourados a rebrilhar. Lá estão as partes altas e baixas dos telhados da grande casa. O cavalariço, em botas de borracha, anda pelo pátio. Aquilo lá é Elvedon.

— Agora, caímos do topo das árvores ao chão. O ar já não desenrola sobre nós suas ondas compridas, infelizes, roxas. Tocamos a terra; pisamos o chão. Aquilo é a sebe densa do jardim das damas. Ao meio-dia, elas passeiam com tesouras, cortando rosas. Agora, estamos no bosque circular, rodeado pelo muro. É Elvedon. Vi marcos na encruzilhada com um braço apontando: "Elvedon". Ninguém jamais esteve lá. As samambaias têm odor muito forte, e fungos vermelhos crescem debaixo delas. Agora, despertamos as gralhas adormecidas que nunca viram antes uma forma humana; agora, pisamos em bolotas de carvalho decompostas, vermelhas de velhice, escorregadias. Há um anel de muros em torno deste bosque; ninguém chega até aqui. Ouça! É o baque de um sapo gigantesco na vegetação rasteira; é o tamborilar de pinhas prematuras caindo para apodrecer entre as samambaias.

— Ponha o pé nesse tijolo. Olhe por cima do muro. Isto é Elvedon. A dama está sentada entre duas janelas compridas, escrevendo. Os jardineiros varrem o gramado com vassouras gigantescas. Somos os primeiros a vir aqui. Somos os descobridores de uma terra desconhecida. Não se mexa; se os jardins nos vissem, atirariam em nós. Seríamos pregados na porta do estábulo como peles de arminho. Olhe! Não se mexa. Agarre firme nas samambaias em cima do muro.

— Estou vendo a dama que escreve. Vejo os jardineiros varrendo — disse Susan. — Se morrêssemos aqui, ninguém nos enterraria.

— Corra! — disse Bernard. — Corra! O jardineiro de barba negra nos viu! Levaremos um tiro! Atirarão em nós como em gaios e seremos pregados na parede! Estamos em terra inimiga. Temos de escapar para o bosque de faias. Precisamos esconder-nos debaixo das árvores. Quebrei

um ramo seco quando viemos. Há uma vereda secreta. Abaixe-se o mais que puder. Siga-me sem olhar para trás. Pensarão que somos raposas. Corra!

— Agora, estamos salvos. Podemos ficar em pé novamente. Podemos estender os braços nesse alto dossel, nessa vasta floresta. Não ouço coisa alguma. Apenas o murmúrio das ondas no ar. Um pombo silvestre irrompe de seu abrigo no topo das faias. O pombo fere o ar; o pombo fere o ar com asas inábeis.

— Agora, você se afasta de mim, construindo frases — disse Susan. — Agora, você sobe como um balão, cada vez mais alto, através de camadas de folhas, fora do meu alcance. Agora, você se retarda. Agora, puxa minha saia, olhando para trás, formando frases. Escapou de mim. Aqui está o jardim. Aqui está a sebe. Aqui está Rhoda, na trilha, balouçando pétalas em sua bacia cor de cobre.

— Todos os meus navios são brancos — disse Rhoda. — Não quero pétalas vermelhas de malvas-rosa nem gerânios. Quero pétalas brancas que flutuem quando agito a bacia. Tenho uma frota boiando de praia em praia. Vou atirar um galhinho como jangada para o marujo que se afoga. Vou lançar uma pedra e ver as bolhas que se erguem no fundo do mar. Neville se foi e Susan se foi; Jinny está no quintal, talvez colhendo groselhas com Louis. Tenho um pouco de tempo para ficar sozinha enquanto a srta. Hudson espalha nossos cadernos sobre a mesa da sala de aula. Tenho um espaço de liberdade. Peguei todas as pétalas caídas e as fiz boiar. Coloquei em algumas delas gotas de chuva. Quero pôr aqui um farol, como sobre um promontório de ervilhas-de-cheiro. Agora vou agitar a bacia cor de cobre a fim de que meus navios cavalguem as ondas. Alguns vão afundar. Alguns vão destroçar-se contra os rochedos. Um navega sozinho. É o meu navio. Singra por dentro de cavernas geladas onde o urso polar grunhe e estalactites agitam suas correntes verdes. As ondas erguem-se; as cristas encrespam-se; vejam as luzes nos mastros. Eles se dispersaram, naufragaram, todos, exceto meu navio, que cavalga a onda e desliza adiante do vento e chega às ilhas onde os papagaios tagarelam e os répteis...

— Onde está Bernard? — disse Neville. — Ele levou minha faca. Estávamos no galpão fazendo barquinhos e Susan passou pela porta. E Bernard largou seu barco e foi atrás dela levando minha faca, a afiada, que serve para esculpir as quilhas. Ele é como um fio elétrico pendente, um

cordão de sineta partido, sempre a vibrar. É como a alga pendurada fora da janela, ora seca ora úmida. Ele me deixa na mão; vai atrás de Susan; se Susan chorar, ele vai levar minha faca e lhe contará histórias. A grande lâmina é um imperador; a lâmina quebrada é um negro. Odeio coisas oscilantes; odeio coisas nebulosas. Odeio andar por aí misturando coisas. Agora, a sineta está tocando e chegaremos tarde. Agora, temos de largar nossos brinquedos. Agora, temos de entrar em casa juntos. Os cadernos estão colocados lado a lado sobre a mesa forrada de feltro verde.

— Não conjugarei o verbo — disse Louis — enquanto Bernard não o tiver feito. Meu pai é banqueiro em Brisbane e falo com sotaque australiano. Vou esperar e imitar Bernard. Ele é inglês. Todos são ingleses. O pai de Susan é clérigo. Rhoda não tem pai. Bernard e Neville são filhos de cavalheiros. Jinny vive com a avó em Londres. Agora, estão chupando as canetas. Agora, estão enrolando os cadernos e, olhando de lado para a srta. Hudson, contam os botões roxos do corpete dela. Bernard tem um graveto no cabelo. Susan tem olhos vermelhos. Os dois estão corados. Eu, porém, estou pálido; estou limpo e minhas calças estão presas por um cinto com uma serpente de cobre. Sei a lição de cor. Sei mais do que eles jamais saberão. Conheço meus casos e gêneros; se quisesse, poderia saber qualquer coisa no mundo. Mas não quero ir lá para a frente e dizer a lição. Como fibras num pote de flores, minhas raízes estão tramadas ao redor do mundo. Não desejo aparecer na frente e viver sob o olho desse grande relógio de cara amarela, com seus tiques e seus taques. Jinny e Susan, Bernard e Neville fundem-se num chicote para açoitar-me. Riem de meu asseio, de meu sotaque australiano. Agora, vou imitar Bernard ciciando brandamente em latim.

— Estas são palavras brancas como pedras que a gente apanha na praia — disse Susan.

— Quando as pronuncio — disse Bernard —, sacodem suas caudas para a direita e para a esquerda. Sacodem as caudas; balançam as caudas; movem-se pelo ar em flocos, ora para cá, ora para lá, movem-se todas juntas, depois dividem-se e novamente se unem.

— Estas são palavras amarelas, palavras flamejantes — disse Jinny. — Gostaria de um vestido flamejante, um vestido amarelo, um vestido fulvo para usar à noite.

— Cada tempo de verbo tem um sentido diverso — disse Neville. — Existe ordem neste mundo; há distinções, há diferenças neste mundo, em

cuja margem caminho. Pois isto é apenas um começo.

— Agora, a srta. Hudson fechou o livro — disse Rhoda. — Agora, o terror está começando. Agora, pegando o pedaço de giz, ela desenha números, seis, sete, oito, depois uma cruz e uma linha no quadro-negro. Qual a resposta? Os outros olham; olham compreendendo. Louis escreve; Susan escreve; Neville escreve; Jinny escreve; até Bernard começou a escrever agora. Mas não sei escrever. Vejo apenas números. Os outros estão entregando suas respostas, um a um. Agora, é minha vez. Não tenho resposta. Os outros recebem licença para sair. Batem a porta. A srta. Hudson sai. Fico sozinha para encontrar a resposta. Agora os números são significam coisa alguma. O sentido se foi. O relógio tiquetaqueia. Os ponteiros são comboios marchando por um deserto. As listras negras na cara do relógio são oásis verdes. O ponteiro comprido marchou para encontrar água. O outro cambaleia penosamente entre pedras ardentes no deserto. Morrerá no deserto. A porta da cozinha bate. Cães selvagens latem ao longe. Vejam, a curva do algarismo começa a encher-se de tempo e contém em si o mundo. Começo a desenhar um algarismo e o mundo está contido na sua curvatura, e eu própria estou fora dela; agora, fecho essa curva — assim — e a cerro e torno-a inteiriça. O mundo está ali inteiro e eu fora dele chorando: “Ah, não me deixem ficar para sempre fora da curva do tempo!”

— Lá está Rhoda, sentada, olhando fixamente o quadro-negro — disse Louis — na sala de aula, enquanto perambulamos, apanhando aqui um tomilho, ali beliscando uma folha de artemísia, enquanto Bernard conta uma história. As omoplatas dela encontram-se em suas costas como as asas de uma pequena borboleta. E, enquanto ela fixa os algarismos traçados a giz, sua mente se aloja naqueles círculos brancos; caminha solitária através dos arabescos em direção ao vazio. Para ela, eles nada significam. Ela não tem respostas. Não tem corpo como os outros o têm. E eu, que falo com sotaque australiano, filho de pai banqueiro em Brisbane, não tenho medo dela como tenho dos outros.

— Vamos agora rastejar debaixo do dossel das folhas da groselheira — disse Bernard — e contar histórias. Vamos habitar o submundo. Vamos tomar posse do nosso território secreto, iluminado por groselhas pendentes como candelabros, vermelhas refulgentes de um lado, negras do outro. Aqui, Jinny, se nos encolhermos um junto do outro, poderemos sentar sob esse dossel de folhas de groselheira, e observar os turíbulos de incenso

oscilando. Este é o nosso universo. Os outros passam pela estrada das carruagens. As saias da srta. Hudson e da srta. Curry passam arrastando-se como apagadores de velas. Aquelas são as meias brancas de Susan. Aqueles são os sapatos limpos de Louis imprimindo-se firmemente no cascalho. Chegam sopros mornos de folhas em decomposição, de vegetação podre. Agora, estamos num pântano; uma floresta virgem em que há malária. Há um elefante, branco de tantos vermes, morto por uma flechada no olho. Os olhos brilhantes das aves de rapina — águias, abutres — aparecem. Elas pensam que somos folhas caídas. Bicam um verme — uma cobra-de-capuz — e deixam-na com uma cicatriz castanha e purulenta, para ser devorada pelos leões. Este é o nosso mundo, iluminado por meias-luas e estrelas luzentes; e grandes pétalas semitransparentes fecham as aberturas como janelas roxas. Tudo é estranho. As coisas são imensas e diminutas. Os caules das flores são grossos como carvalhos. Folhas altas como cúpulas de vastas catedrais. Somos gigantes aqui deitados, capazes de fazer com que tremam as florestas.

— Isto é aqui — disse Jinny —, isto é agora. Logo, porém, teremos de ir. Logo, a srta. Curry vai soprar seu apito. E andaremos. E nos separaremos. Vocês irão para o colégio. Terão professores que usam crucifixos e gravatas brancas. Eu terei uma professora numa escola da Costa Leste, sentada sob o retrato da rainha Alexandra. É para lá que estou indo, e Susan e Rhoda. Isto é apenas aqui, apenas agora. Agora, estamos deitados sob arbustos de groselha e cada vez que a brisa se agita ficamos jaspeados de sombra. Minha mão é como pele de cobra. Meus joelhos são rosadas ilhas flutuantes. Seu rosto é como uma macieira toda coberta por uma fina rede.

— O calor afasta-se da selva — disse Bernard. — As folhas tatalam asas negras sobre nós. A srta. Curry soprou seu apito no terraço. Temos de rastejar para fora do abrigo de folhas de groselheira e ficar em pé. Há gravetos em seu cabelo, Jinny. Há uma lagarta verde em seu pescoço. Temos de ir em fila, dois a dois. A srta. Curry vai levar-nos para um rápido passeio, enquanto a srta. Hudson fica sentada à sua escrivaninha, pondo em ordem seus relatórios.

— É enjoado andar pela estrada sem janelas para ver, sem os turvos olhos de vidro azul dando para a calçada — disse Jinny.

— Temos de ir aos pares — disse Susan — e caminhar ordenadamente, sem arrastar os pés, sem retardar o passo, Louis à frente para nos guiar,

pois Louis é vigilante, e não um sonhador.

— Como me julgam frágil demais para ir com eles — disse Neville —, como me canso facilmente e depois adoeço, vou aproveitar essa hora de solidão, essa ausência de conversa, para andar nos confins da casa e, se puder, parando na mesma escada, a meio caminho do patamar, recuperar o que senti quando escutei pela porta falarem daquele homem, ontem à noite, quando a cozinheira empurrava para dentro e para fora os reguladores do forno. Ele foi encontrado com a garganta cortada. As folhas da macieira ficaram hirtas contra o céu; a lua resplandecia; fui incapaz de erguer meu pé na escada. Encontraram-no numa sarjeta. O sangue gorgolejava na sarjeta. Sua mandíbula era branca como um bacalhau morto. Para sempre chamarei essa constrição, essa rigidez, de "morte sob a macieira". Havia nuvens de um cinza pálido flutuando; e a árvore imitigável; a árvore implacável com a armadura de seu córtice de prata. A vibração da minha vida era vã. Não conseguia seguir adiante. Havia um obstáculo. "Não posso superar esse obstáculo ininteligível", eu disse. E os outros seguiram adiante. Mas todos estamos condenados pelas macieiras, pela árvore imitigável que não podemos ultrapassar.

— Agora, a constrição e a rigidez passaram; continuarei a investigar os confins da casa no fim da tarde, ao crepúsculo, quando o sol lança manchas oleosas no linóleo, e uma greta de luz se ajoelha na parede, fazendo parecer quebradas as pernas da cadeira.

— Vi Florrie no quintal — disse Susan — quando voltamos de nosso passeio, com a roupa lavada estendida a seu redor, os pijamas, as ceroulas, as camisolas infladas. E Ernest a beijava. Ele usava o avental verde de feltro, pois limpara a prataria; sua boca estava chupada, enrugada como uma bolsa, e ele agarrou-a com os pijamas estendidos no meio deles. Estava cego como um touro, ela desmaiava de agonia, veiazinhas marcando-lhe de vermelho as faces pálidas. Agora, enquanto ambos passam pratos de pão e manteiga e xícaras de leite nesta hora do chá, vejo uma fenda na terra e um vapor quente que sobe sibilando; e a chaleira brame como ainda há pouco bramia Ernest, e fico inflada como os pijamas, enquanto meus dentes se enfiam no pão macio com manteiga e bebo o leite adocicado. Não tenho medo do calor nem do inverno gelado. Rhoda sonha, chupando uma crosta de pão molhado no leite; Louis olha a parede oposta, com olhos verdes e lerdos; Bernard molda seu pão em bolinhas que chama de "pessoas". Neville terminou de comer, na sua

maneira limpa e decisiva. Enrolou o guardanapo e enfiou-o na argola de prata. Jinny trança os dedos na toalha da mesa, como se dançassem ao sol, fazendo piruetas. Não tenho medo do calor nem do inverno gelado.

— Agora, todos nos erguemos — disse Louis. — Todos ficamos de pé. A srta. Curry abre o livro preto no harmônio. É difícil não chorar quando cantamos, quando rezamos para que Deus nos guarde enquanto dormimos, chamando a nós mesmos de criancinhas. Quando estamos tristes, tremendo de apreensão, é doce cantarmos juntos, inclinando-nos de leve, eu em direção a Susan, Susan em direção a Bernard, as mãos agarrando-se, com medo de muitas coisas, eu do meu sotaque, Rhoda dos algarismos; decididos, porém, a vencer tudo isso.

— Subimos as escadas pateando como pôneis — disse Bernard —, pisando forte, atropelando uns aos outros para termos nossa vez no banheiro. Nós nos esbofeteamos, brigamos, saltamos no ar e caímos nas camas duras e alvas. Chegou minha vez. Estou indo.

— A sra. Constable, toalha amarrada à cintura, pega a esponja cor de limão e a mergulha na água; a esponja torna-se cor de chocolate; pinga; e, segurando-a bem no alto sobre mim que tremo, ela espreme a esponja. A água desce pelo córrego da minha coluna vertebral. Luminosas flechas de sensação disparam dos dois lados. Estou coberto de carne cálida. Minhas fendas secas estão molhadas; meu corpo frio está aquecido; está limpo e reluzente. A água desce e cobre-me como uma enguia. Agora, toalhas quentes envolvem-me, e sua aspereza faz meu sangue ronronar quando esfrego as costas. Sensações ricas e pesadas formam-se em minha mente como sob um telhado; as imagens do dia chovem sobre mim — as florestas; Elvedon; Susan e o pombo. Despejando-se pelas paredes de minha mente, juntando-se na torrente, o dia escorre copioso, resplandecente. Agora, amarro frouxamente meu pijama em mim, e deito sob o lençol fino, boiando na luz superficial que é como uma teia de água lançada sobre meus olhos por uma onda. Ouço longe, muito longe daqui, abafado pela distância, o coro noturno que se inicia; rodas; cães; homens gritando; sinos de igreja; o coro noturno que se inicia.

— Quando dobro minha saia e minha blusa — disse Rhoda —, dispo meu vão desejo de ser Susan, de ser Jinny. Estendo os dedos dos pés para que toquem a beira da cama; quero assegurar-me de mim mesma tocando a guarda da cama, algo duro. Agora, não posso afundar; não posso cair através desse fino lençol. Agora, estendo meu corpo sobre esse colchão

frágil e fico suspensa no ar. Estou acima da terra. Não estou mais em pé, capaz de ser golpeada e ferida. Tudo é macio e flexível. Paredes e armários branqueiam e curvam suas quinas amarelas sobre as quais reluz um vidro pálido. Agora, minha mente pode despejar-se para fora de mim. Posso pensar em armadas singrando altas ondas. Estou livre de duros contactos e colisões. Singro solitária sob recifes alvos. Ah, mergulho, porém; caio! É a quina do armário; é o espelho do quarto de dormir das crianças. Mas se esticam, alongam-se. Mergulho nas negras plumas do sono; suas grossas asas estão premidas contra meus olhos. Viajando através da escuridão, vejo os canteiros estendidos, e a sra. Constable corre de trás do capim-seda para dizer que minha tia veio apanhar-me de carruagem. Levanto-me; escapo; alço-me, com botas de salto de mola, por cima dos topos das árvores. Agora, contudo, caí na carruagem, na porta do vestíbulo, onde ela está sentada agitando plumas amarelas, os olhos duros como vítreas bolinhas de gude. Ah, acordar do sonho! Lá está a cômoda. Quero arrancar-me dessas águas. Mas elas se amontoam sobre mim; arrastam-me por entre seus ombros enormes; reviram-me; sacodem-me; fico estendida entre essas longas luzes, essas longas ondas, essas veredas intermináveis, com gente que me persegue, persegue.

O sol ergueu-se mais. Ondas azuis, ondas verdes derramam um rápido leque sobre a praia, circundando as pontas dos cardos marinhos, depositando poças rasas de luz aqui e ali na areia. Atrás de si, as ondas deixaram uma tênue orla negra. As rochas, antes nevoentas e macias, endureceram, vincadas por fissuras rubras.

Nítidas faixas de sombra jazem na relva; o orvalho, dançando nas pontas das flores e folhas, fazia o jardim parecer um mosaico de nódoas isoladas, ainda sem formar um conjunto. Os pássaros, com peitos pintalgados de amarelo-canário e rosa, cantavam agora juntos uma melodia ou duas, selvagens como patinadores deslizando de braços dados; de repente, porém, silenciavam e afastavam-se.

O sol pousava lâminas mais largas sobre a casa. A luz tocava em algo verde no canto da janela, tornando-o uma mancha esmeralda, uma gruta de puro verde como um fruto sem semente. Aguçava as quinas das cadeiras e mesas, e as toalhas de renda branca com finos fios de ouro. À medida que a luz aumentava, um botão abria-se aqui e ali, soltando flores de veias verdes, trêmulas, como se o esforço de abrir as tivesse feito oscilar,

desencadeando um suave carrilhão quando batiam as frágeis corolas contra as paredes brancas. Tudo ficava ductilmente amorfo, como se a porcelana do prato se diluísse e o aço da faca se liquefizesse. E, durante o tempo todo, a concussão das ondas quebrando-se soava em golpes abafados, como troncos de árvores caindo na praia.

— Agora, chegou a hora — disse Bernard. — Chegou o dia. O fiacre está na porta. Meu grande baú torna as pernas de George ainda mais abertas. A horrenda cerimônia acabou, as palmadinhas e as despedidas no saguão. Agora, há a cerimônia sufocante com minha mãe, a cerimônia do aperto de mãos com meu pai; agora, preciso continuar acenando, preciso continuar acenando até dobrarmos a esquina. Agora, essa cerimônia acabou. Graças aos céus, todas as cerimônias acabaram. Estou sozinho; vou para o colégio pela primeira vez.

— Todos parecem fazer coisas apenas neste momento e, depois, nunca mais. Nunca mais. A urgência de tudo isso é assustadora. Todo mundo sabe que estou indo para o colégio, indo para o colégio pela primeira vez. "Esse menino está indo para o colégio pela primeira vez", diz a empregada limpando os degraus. Não devo chorar. Preciso tratá-los com indiferença. Agora, os horríveis portais da estação se escancaram; "o relógio com cara de lua me olha". Preciso compor frases e frases, e assim interpor algo rijo entre mim e o olhar das criadas, o olhar dos relógios, esses rostos que me encaram, rostos indiferentes; caso contrário, chorarei. Aí está Louis, aí está Neville, de casacos compridos, carregando maletas de mão, junto do guichê. Estão serenos. Contudo, parecem diferentes.

— Aqui está Bernard — disse Louis. — Está sereno; está à vontade. Balança a mala enquanto anda. Vou seguir Bernard porque ele não tem medo. Somos empurrados do guichê até a plataforma como uma torrente empurra gravetos e tiscos de palha em torno dos pilares de uma ponte. Aqui está a máquina verde-garrafa, poderosíssima, máquina sem pescoço, toda costas e quadris, respirando vapor. O guarda sopra seu apito; a bandeira é agitada; sem esforço, por impulso próprio, como uma avalanche iniciada por um suave empurrão, seguimos em frente. Bernard estende um tapete e joga com ossinhos. Neville lê. Londres se desintegra. Londres cresce e decresce, eriçada de chaminés e torres. Aqui, uma igreja branca; ali, um mastro entre espirais. Aqui, um canal. Agora, espaços abertos com caminhos asfaltados sobre os quais é estranho que haja

pessoas andando. Há uma colina estriada de casas vermelhas. Um homem atravessa uma ponte com um cão nos calcanhares. Agora, o menino vermelho começa a atirar num faisão. O menino azul o afasta para o lado. "Meu tio é o melhor atirador da Inglaterra. Meu primo é Mestre dos Cães de Caça." Começam a exibir-se. Não posso exibir-me, eu cujo pai é banqueiro em Brisbane, eu que falo com sotaque australiano.

— Depois de toda essa confusão — disse Neville —, todo esse rebuliço e confusão, chegamos. Este é realmente um momento — é realmente um momento solene. Chego como um senhor destinado a esses lugares. Este é nosso fundador; nosso ilustre fundador, parado no jardim com um pé erguido. Saúdo nosso fundador. Um nobre ar romano paira sobre os patamares austeros. As luzes já estão acesas nos aposentos onde se ensina. Talvez ali sejam os laboratórios, e aqui uma biblioteca, onde explorarei a exatidão da língua latina, e andarei firme através de frases bem construídas, e pronunciarei os explícitos, sonoros hexâmetros de Virgílio, de Lucrécio; e com paixão jamais obscura nem vaga, cantarei os amores de Catulo, lendo num grande livro, um in-quarto, com amplas margens. Também me deitarei nos campos entre talos de grama que fazem cócegas. Vou deitar-me com meus amigos sob os olmos gigantescos.

— Atenção, o reitor. Ai de mim, ele excita meu senso de ridículo. É polido demais, excessivamente lustroso e preto, como uma estátua numa praça pública. E no lado esquerdo do colete, esse colete retesado como um tambor, pende um crucifixo.

— O velho Crane agora se ergue para falar conosco — disse Bernard. — O velho Crane, o reitor, tem o nariz como uma montanha ao pôr do sol, e uma fissura azul no queixo, como uma ravina cheia de árvores que algum viajante incendiou; como uma ravina cheia de árvores, vista de uma janela de trem. Ele oscila de leve, pronunciando suas palavras tremendas e sonoras. Amo palavras tremendas e sonoras. Mas as palavras dele são muito cordiais para serem verdadeiras. Ainda assim, agora está convencido da veracidade delas. E quando sai da sala, oscilando pesadamente de um lado para outro, abrindo caminho através das portas giratórias, todos os professores, oscilando, pesadamente de um lado para outro, também abrem caminho através das portas giratórias. Esta é a nossa primeira noite no colégio, separados de nossas irmãs.

— Esta é a minha primeira noite no colégio — disse Susan —, separada de meu pai, longe de minha casa. Meus olhos incham; meus olhos ardem de lágrimas. Odeio o cheiro de pinho e de linóleo. Odeio os arbustos sacudidos pelo vento e os ladrilhos dos banheiros. Odeio as piadas alegres e o olhar vítreo de todo mundo. Deixei meu esquilo e meus pombos para o criado jovem cuidar. A porta da cozinha bate, e o tiro corre entre as folhas quando Percy dispara contra as gralhas. Tudo aqui é falso; tudo prostituído. Rhoda e Jinny sentam-se longe, vestidas de sarja marrom, olhando a srta. Lambert sentada sob o retrato da rainha Alexandra, lendo um livro à sua frente. Há também uma tapeçaria azul tecida por alguma solteirona. Se não repuxar meus lábios, se não amassar meu lenço, vou chorar.

— A luz violeta no anel da srta. Lambert — disse Rhoda — vai e vem, trespassando a mancha negra na página branca do Livro de Orações. É uma luz amorosa, cor de vinho. Agora que nossos baús estão desfeitos nos dormitórios, ficamos sentadas num rebanho, juntas, sob mapas do mundo inteiro. Há escrivaninhas com pequenos potes cheios de tinta. Escreveremos aqui nossos exercícios a tinta. Mas não sou ninguém aqui. Não tenho rosto. Essa grande comunidade, toda vestida de sarja marrom, roubou minha identidade. Todas somos insensíveis, inamistosas. Procurarei por um rosto, um rosto bem delineado e monumental, e lhe conferirei onisciência, e o usarei sob meu vestido como um talismã, e então (prometo) encontrarei um pequeno vale numa floresta onde poderei espalhar meu sortimento de estranhos tesouros. Prometo isto a mim mesma. Assim, não terei de chorar.

— Aquela mulher escura com suas faces altas — disse Jinny — tem um vestido brilhante, como uma concha, com veiazinhas, para usar à noite. É bom para o verão, mas no inverno eu preferiria um vestido fino com fitas vermelhas, que reluzisse à luz de lareira. Então, quando as lâmpadas fossem acesas, vestiria meu vestido vermelho e ele seria tênue como um véu, voltearia em torno de meu corpo e ondularia quando eu entrasse na sala, fazendo piruetas. Tomaria forma de flor quando eu desabasse sobre uma cadeira dourada no meio do aposento. A srta. Lambert, porém, usa um vestido opaco, que desce pelas cascatas de seus babados brancos, quando ela senta sob o retrato da rainha Alexandra, pressionando firmemente um dedo alvo na página. E nós rezamos.

— Agora, marchamos dois a dois, ordenadamente — disse Louis — em procissão para a capela. Gosto da penumbra que baixa quando entramos neste edifício sagrado. Gosto deste avançar ordenado. Entramos nas filas; sentamo-nos. Entrando aqui, despimos nossas diferenças. Gosto da hora em que, oscilando de leve, mas só por seu próprio ímpeto, o dr. Crane sobe ao púlpito e lê o texto de uma Bíblia aberta nas costas da águia de bronze. Rejubilo; meu coração expande-se por causa do seu tamanho, da sua autoridade. Ele dissipa as turbilhonantes nuvens de pó de minha mente trêmula, ignominiosamente agitada — tal como quando dançávamos em torno da árvore de Natal e, ao entregarem os presentes, esqueceram-se de mim, e a mulher gorda disse: "Esse menininho aí não tem presente", e deu-me uma reluzente bandeira do Reino Unido que estava no alto da árvore, e chorei furioso, porque se lembravam de mim com pena. Agora, tudo foi dissipado pela autoridade dele, pelo seu crucifixo, e começo a sentir terra firme sob meus pés, minhas raízes descendo, descendo até se enroscarem em torno de algo duro no centro. Enquanto ele lê, recobro minha continuidade. Torno-me uma figura na procissão, um raio na imensa roda a girar, que por fim me instala aqui e agora. Eu estava nas trevas; estava escondido; contudo, quando a roda gira (enquanto ele lê), levanto-me nessa luz penumbrosa onde só escassamente percebo rapazes ajoelhados, pilares e placas tumulares de bronze. Não há nenhuma crueldade aqui, nem beijos inesperados.

— Esse bruto ameaça minha liberdade quando reza — disse Neville. — Sem o calor da imaginação, suas palavras desabam frias sobre minha cabeça, como pedras de calçamento, enquanto a cruz dourada oscila sobre seu colete. As palavras da autoridade são corrompidas por quem as pronuncia. Zombo e rio dessa triste religião, dessas figuras trêmulas e agoniadas avançando, cadavéricas e feridas, por uma estrada branca sombreada por figueiras onde meninos se reviram no pó — meninos nus; e os odres, feitos de pele de cabra, inchados de vinho pendem da porta da taverna. Estive em Roma, viajando com meu pai na Páscoa; a imagem oscilante da mãe de Cristo era carregada pelas ruas; passou também a imagem ferida de Cristo, no interior de uma caixa de vidro.

— Agora, vou inclinar-me para o lado como se fosse coçar minha coxa. E verei Percival. Está sentado ali, ereto entre os menores; respira pesadamente através de seu nariz reto. Seus olhos azuis e bizarramente inexpressivos fixam com indiferença pagã o pilar à frente. Ele daria um

pároco admirável. Deveria ter uma vara de vidoeiro e bater nos meninos quando cometessem pequenas faltas. Está absorto nas frases latinas inscritas nas placas tumulares de bronze. Não enxerga nada; não ouve nada. Está afastado de nós todos, num universo pagão. Mas vejam — ele toca a nuca com a mão. Um gesto assim pode deixar-nos irremediavelmente apaixonados pelo resto da vida. Dalton, Jones, Edgar e Bateman tocam suas nucas da mesma maneira. Mas sem nenhum sucesso.

— Enfim, cessam os resmungos do dr. Crane — disse Bernard. — O sermão termina. Ele pulverizou a dança das borboletas brancas na porta. Sua voz áspera e peluda é como um queixo que não foi barbeado. Agora cambaleia de volta ao seu assento como um marinheiro bêbado. É um ato que todos os outros professores tentarão imitar; mas relaxados, insignificantes, usando calças cinza, só conseguirão ser ridículos. Não os desprezo. A meus olhos, os trejeitos deles parecem dignos de comiseração. Anoto esse fato com vários outros em meu caderno, para futuras referências. Quando crescer, levarei comigo um caderno de notas — um livro gordo com muitas páginas, metodicamente alfabetado. Colocarei nele minhas frases. Na letra P haverá: "pó de borboleta". Se, no meu romance, eu descrever o sol no peitoral da janela, olharei no P e encontrarei "pó de borboleta". Será útil. A árvore "sombreia a janela com dedos verdes". Isso será útil. Mas, ai de mim! Logo me distraio — com cabelos que parecem açúcar-cande trançado, ou com o Livro de Orações de Célia recoberto de marfim. Louis consegue olhar a natureza uma hora inteira sem piscar. Eu logo fracasso, a não ser que me advirtam. "O lago da minha mente, intocado pelos remos, ergue-se plácido e logo cai numa sonolência oleosa." Essa frase poderá ser útil.

— Agora, saímos desse templo frio para os campos amarelos — disse Louis. — E, como é meio feriado (aniversário do duque), nos sentaremos entre os longos talos de grama, enquanto os outros jogam críquete. Se eu pudesse ser "eles", jogaria; haveria de me curvar sobre minhas joelheiras e correr pelo campo à frente dos batedores de críquete. Vejam agora como todos seguem Percival. Ele é pesado. Anda desajeitadamente pelo campo, através da grama alta, até onde se erguem os grandes olmos. Magnífico como um comandante medieval. Uma esteira de luz parece jazer na grama atrás dele. Olhem como trotamos atrás dele, seus servos fiéis, para sermos caçados como carneiros, pois certamente ele tentará algum empreendimento infeliz e morrerá na batalha. Meu coração fica todo

áspero, esfola meu peito como uma espada de dois gumes; por um lado, adoro sua magnificência; por outro, desprezo sua pronúncia relaxada — eu, que lhe sou tão superior — e tenho ciúmes.

— E agora — disse Neville — deixemos Bernard começar. Deixemos que se enrede, contando-nos histórias enquanto estamos aqui deitados, ociosos. Deixemos que descreva o que todos vimos, de modo a se tornar uma sequência lógica. Bernard diz que sempre há uma história. Eu sou uma história; Louis é uma história. Existe a história do menino das botas, a história do homem de um olho só, a história da mulher que vende caracóis. Que ele se enrede com sua história enquanto me deito de costas, contemplando os vultos de pernas duras, que são os batedores do jogo, através dos trêmulos talos de grama. Parece que o mundo inteiro desliza e recurva-se — na terra as árvores, no céu as nuvens. Ergo o olhar, através das árvores, até o céu. O jogo parece ter terminado ali. Tênue entre as macias nuvens brancas, ouço o grito: "Corra"; ou o grito: "O que foi?" As nuvens soltam tufos de brancura quando a brisa as dissolve. Se este céu azul pudesse permanecer para sempre; se esta abertura pudesse durar para sempre; se este momento pudesse ficar para sempre...

— Mas Bernard continua falando. Lá vão elas borbulhando — as imagens: "como um camelo"... "um abutre". O camelo é um abutre; o abutre, um camelo; pois Bernard é um fio pendurado, solto, conquanto sedutor. Sim, quando ele fala, quando faz suas tolas comparações, ficamos iluminados. E flutuamos também como se fôssemos uma bolha de ar; ficamos libertos; escapei, é o que a gente sente. Até os meninos gorduchos (Dalton, Larpent e Baker) sentem o mesmo abandono. Gostam mais disso que de críquete. Apanham as frases enquanto elas borbulham. Deixam os talos penugentos de grama fazer cócegas em seus narizes. E todos então percebemos Percival pesadamente deitado entre nós. Sua gargalhada estranha parece sancionar nossas risadas. Agora, porém, ele rola na grama alta. Acho que masca um caule entre os dentes. Sente-se entediado; eu também me sinto entediado. De repente, Bernard percebe que estamos entediados. Detecto certo esforço em sua frase, certa extravagância, como se dissesse: "Olhem!" Mas Percival diz: "Não." Pois é sempre ele o primeiro a detectar a insinceridade; e é extremamente brutal. A frase perde-se debilmente. Sim, chegou o espantoso momento em que o poder de Bernard falha, e não há mais continuidade, e ele se engasga e retorce entre os dedos um pedaço de barbante e cai em silêncio, pasmo, como se

estivesse prestes a chorar. Entre os tormentos e devastações da vida, existe este — nossos amigos não são capazes de concluir suas histórias.

— Agora — disse Louis —, antes de nos levantarmos, antes de irmos tomar chá, deixem-me tentar fixar o momento, num supremo esforço de vontade. É preciso que este momento perdure. Estamos separando-nos; alguns vão para o chá; outros, para as redes de tênis; mostrarei meu ensaio ao sr. Baker. É preciso que este momento perdure. A partir da discórdia, do ódio (desprezo quem é diletante na imaginação; ressinto-me intensamente da ascendência exercida por Percival), minha mente fragmentada se sente reconstruída por uma súbita percepção. Tomo as árvores e as nuvens como testemunhas da minha completa integração. Eu, Louis, eu, que deverei andar pela terra nos próximos setenta anos, nasço inteiro, fora do ódio, fora da discórdia. Aqui neste círculo de relva sentamo-nos juntos, ligados pelo tremendo poder de uma compulsão interna. As árvores acenam, as nuvens passam, chegará o tempo em que todos esses solilóquios serão partilhados. Nem sempre emitiremos sons como os de um gongo que percute quando as sensações o golpeiam sucessivamente. Crianças, nossas vidas foram gongos golpeados; clamor e orgulho; gritos de desespero; toques na nuca em meio aos jardins.

— Agora, relva e árvores, o ar que passa soprando espaços vazios no céu azul que depois se recobrem, sacudindo folhas que depois retornam a seus lugares, e nosso círculo aqui, sentados, braços segurando nossos joelhos, tudo isso sugere uma outra ordem de coisas, superior, cuja razão de ser é eterna. Percebo isso por um segundo. E, esta noite, tentarei fixar essa percepção em palavras, forjá-la num anel de aço, ainda que Percival a destrua quando se afasta com seu passo pesado, esmagando sob os pés os talos de relva, seguido pelos alunos menores, que trotam atrás dele, subservientes. No entanto, é de Percival que preciso; pois é Percival quem inspira a poesia.

— Por quantos meses — disse Susan —, por quantos anos corri essas escadas acima, nos sombrios dias de inverno, nos frescos dias de primavera? Agora, é pleno verão. Subimos para mudar de roupa, vestindo trajes brancos para jogar tênis — Jinny e eu, Rhoda nos seguindo. Conto cada degrau enquanto subo, conto cada degrau como uma coisa definitivamente ultrapassada. Assim também, a cada noite, arranco do

calendário o dia que acaba de findar e o amasso numa bolinha bem apertada. Faço isso para me vingar, enquanto Betty e Clara estão ajoelhadas. Eu não rezo. Vingo-me do dia. Descarrego meu ódio sobre as imagens dele. Agora, você está morto, digo, dia passado no colégio, dia odiado. Essa gente conseguiu dar a todos os dias de junho — hoje já é 25 — o mesmo ar brilhante e ordenado, com as mesmas batidas de gongo, as mesmas lições, as mesmas ordens de se lavar, mudar de roupa, trabalhar, comer. Ouvimos missionários vindos da China. Saímos em carruagens por estradas asfaltadas para assistirmos a concertos. Mostraram-nos galerias de arte e quadros.

— Lá em casa, o feno ondula nos campos. Meu pai encosta-se na cerca, fumando. Uma porta, depois outra, bate na casa, quando o ar do verão sopra pelos corredores vazios. Talvez um quadro antigo oscile na parede. Uma pétala tomba da rosa na jarra. As carroças da fazenda espalham tufos de feno pelas sebes. Vejo tudo isso, sempre vejo, quando passa pelo espelho no patamar, com Jinny à frente e Rhoda retardando-se atrás. Jinny dança. Jinny sempre dança no vestíbulo, sobre os ladrilhos feios e carcomidos; vira cambalhotas no pátio; apanha alguma flor proibida e a enfia atrás da orelha, e os olhos escuros da srta. Perry ardem de admiração — por Jinny, não por mim. A srta. Perry ama Jinny; eu poderia tê-la amado; agora, porém, não amo ninguém, exceto meu pai, meus pombos e o esquilo que deixei na gaiola em casa, para o criado jovem cuidar.

— Odeio aquele espelho estreito no patamar — disse Jinny. — Ele só mostra as cabeças das pessoas; corta as cabeças fora. E meus lábios ficam grandes demais, meus olhos, juntos demais; ao rir, mostro excessivamente as gengivas. O rosto de Susan, com seu olhar fatal, os olhos verde-relva que os poetas hão de amar, segundo diz Bernard, ao verem-nos baixar sobre miúdos bordados brancos, anulam os meus; até o rosto de Rhoda, lunar e vazio, basta-se a si mesmo, tal como as pétalas brancas que ela costumava fazer boiar em sua bacia. Assim subo as escadas, passando por ambas, até o patamar seguinte, onde pende o espelho comprido, e vejo-me inteira. Agora, vejo meu corpo e cabeça juntos; pois, mesmo nessa roupa de sarja, eles são uma coisa, meu corpo e minha cabeça. Sim, quando mexo a cabeça todo o meu corpo fino ondula; até minhas pernas magras ondulam como um caule ao vento. Oscilo entre o rosto inteiriço de Susan e a vaguidão do de Rhoda; salto como uma daquelas labaredas que correm entre fendas na terra; movo-me, danço; não cesso de mover-me e dançar.

Movo-me como uma folha se movia na sebe quando eu era criança e me assustava. Danço sobre essas paredes listradas, essas paredes impessoais, com suas orlas amarelas, como uma flama dança sobre bules de chá. Até ante os olhos frios das mulheres incendeio-me. Quando leio, uma risca cor de violeta corre pelo canto negro do livro. Contudo, não consigo seguir palavra alguma em suas transformações. Não consigo seguir nenhum pensamento que remonta do presente para o passado. Não fico parada, perdida, como Susan, com lágrimas nos olhos lembrando-me de casa; nem me deito, como Rhoda, encolhida entre as samambaias, manchando de verde minha roupa rosa, enquanto sonho com plantas que florescem debaixo do mar, e rochas entre as quais os peixes nadam lentos. Não, eu não sonho.

— Agora, sejamos rápidas. Quero ser a primeira a tirar essas roupas grosseiras. Aqui estão minhas meias brancas e limpas. Aqui, meus sapatos novos. Prendo o cabelo com uma fita branca, de maneira que, quando correr pelo pátio, a fita ondulará num impulso, mas se enrolará outra vez na minha nuca, no seu lugar exato. Nenhum cabelo deve ficar despenteado.

— Este é meu rosto — disse Rhoda — no espelho por trás do ombro de Susan; este rosto é o meu rosto. Vou agachar-me atrás dela para ocultá-lo, pois não estou aqui. Não tenho rosto. Outras pessoas têm rostos; Susan e Jinny têm rostos; estão aqui. O mundo delas é um mundo real. As coisas que elas soerguem, têm peso. Elas dizem: “Sim”; dizem: “Não”; eu, porém, sempre que me movo, ou me transformo, é possível ver através de mim em apenas um segundo. Se encontram uma criada, ela as fita sem rir. Mas de mim ela ri. Elas sabem o que dizer quando são interpeladas. Riem de verdade; enfurecem-se de verdade; ao passo que eu preciso olhar em volta de mim e fazer o que os outros fazem.

— Vejam com que extraordinária exatidão Jinny calça suas meias, simplesmente, para jogar tênis. Admiro isso. Mas prefiro os modos de Susan, que é mais resoluta, menos desejosa de brilhar do que Jinny. Ambas desprezam-me por imitá-las; às vezes, porém, Susan ensina-me, por exemplo, a dar um laço, ao passo que Jinny possui sua própria sabedoria, que ela guarda para si. Têm amigas junto de quem sentam. Têm coisas a dizer em particular nos cantos. Eu, contudo, só me ligo a nomes e rostos; armazeno-os como amuletos contra alguma desgraça. Escolho na sala um rosto desconhecido e quase não consigo tomar meu chá quando aquela cujo nome não sei senta-se à minha frente. Sufoco. A violência de minha

emoção atira-me de um lado para outro. Imagino essas pessoas inominadas, imaculadas, observando-me atrás de arbustos. Pulo bem alto para chamar a atenção delas. À noite, na cama, excito sua admiração. Muitas vezes morro trespassada de flechas só para arrancar suas lágrimas. Se elas dissessem, ou se eu reconhecesse pelas etiquetas em seus baús, que estiveram em Scarborough nas férias passadas, a cidade toda ficaria dourada e o calçamento se iluminaria. Por isso odeio espelhos que me revelam meu verdadeiro rosto. Sozinha, muitas vezes mergulho no nada. Preciso firmar meu pé fortemente, se não, caio do limite do mundo para dentro do nada. Preciso bater minha mão contra uma porta rija, para me chamar de regresso a meu corpo.

— Estamos atrasadas — disse Susan. — Temos de esperar nossa vez de jogar. Vamos deitar-nos aqui no capim alto e fingir que estamos vendo Jinny e Clara, Betty e Mavis. Mas não as observaremos. Detesto observar outras pessoas jogando. Carregarei as coisas que me cercam de significados odiosos e as enterrarei fundo no chão. Essa pedrinha reluzente é *madame* Carlo; vou enterrá-la por causa de seus modos aduladores e insinuantes, por causa da moeda de seis *pence* que ela me deu para obrigar-me a manter os dedos retos quando executo minhas escalas. Enterro a sua moeda. Enterraria a escola inteira: o ginásio de esportes, a sala de aula, a sala de jantar que sempre cheira a carne, e a capela. Gostaria de enterrar os tijolos vermelhos, e os retratos oleosos de homens velhos — benfeitores, fundadores de escolas. Há algumas árvores de que gosto; a cerejeira com gomos de resina translúcida na casca; e a vista que se tem do sótão sobre as colinas longínquas. À parte isso, enterraria tudo como enterro essas pedras horríveis, sempre espalhadas nessa praia com seus quebra-mares e seus turistas. Lá em casa, as ondas têm léguas de comprimento. Nas noite de inverno, ouvimos seu bramido. No último Natal, um homem afogou-se sentado sozinho em sua carroça.

— Quando a srta. Lambert passa — diz Rhoda — conversando com o pastor, as outras riem e imitam sua corcunda; ainda assim, porém, tudo se transfigura e se ilumina. Jinny também salta mais alto quando a srta. Lambert passa. Onde quer que ela vá, as coisas se transmudam ao toque de seus olhos; ainda assim, porém, quando ela já se foi, as coisas não voltam a ser as mesmas outra vez? A srta. Lambert atravessa a cancela, conduzindo o pastor a seu jardim particular. Quando chegar ao tanque, ela verá uma rã sobre uma folha e a rã se transformará. Quando ela para, tal

uma estátua numa gruta, tudo em torno se faz pálido e solene. Ela deixa cair dos ombros a capa de seda com longas franjas, e só seu anel de ametista continua a brilhar, seu anel cor de vinho. Quando nos deixam, as pessoas tornam-se misteriosas. Quando nos deixam, posso acompanhá-las até o tanque e transformá-las em estátuas majestosas. Quando a srta. Lambert passa, as margaridas mudam; e tudo se desencadeia como labaredas quando ela corta a carne. Mês a mês as coisas vão perdendo sua dureza; até meu corpo agora deixa passar a luz; minhas vértebras estão macias como cera perto da chama de uma vela. Sonho... sonho...

— Ganhei o jogo — disse Jinny. — Agora, é a vez de vocês. Preciso atirar-me ao chão e tomar fôlego. Sufoco de tanto correr, de tanto triunfar. Tudo no meu corpo parece-me mais límpido com a corrida e o triunfo. Meu sangue deve estar vermelho-vivo, excitado, batendo contra minhas costelas. As solas de meus pés estão sensíveis como se fios elétricos se tocassem e se separassem nelas. Vejo nitidamente cada talo de grama. Contudo, o sangue lateja de tal maneira na minha fronte, atrás de meus olhos, que tudo dança — a rede de tênis, a relva; os rostos de vocês esvoaçam como borboletas; as árvores parecem saltar para cima e para baixo. Nada se fixa, nada se acomoda neste universo. Tudo ondula, dança; tudo é rapidez e triunfo. No entanto, quando vejo vocês jogarem, deitada sozinha no chão duro, começo a sentir desejo de ser escolhida, convidada, chamada por alguém que vem e me encontra, que se sente atraído por mim, que não consegue afastar-se de mim, que se mantém junto a mim quando me sento em minha cadeira dourada e meu vestido ondula a meus pés como uma flor. E nos retiramos para um canto sombrio, sentados sozinhos numa sacada, e conversamos.

— Agora, a maré está baixando. Agora, as árvores tocam o chão; as ondas bruscas que batem em minhas costelas oscilam mais docemente, e meu coração cavalga uma âncora, como um bote cujas velas deslizam lentas sobre o convés imaculado. O jogo terminou. Agora, vamos tomar chá.

— O bando de meninos pretensiosos foi jogar críquete — disse Louis. — Saíram na carruagem grande, cantando em coro. Viram suas cabeças ao mesmo tempo na esquina, junto dos arbustos de louro. Agora, exibem-se. O irmão de Larpent jogou futebol no time de Oxford; o pai de Smith está

há um século na Câmara dos Lordes; Archie e Hugh; Parker e Dalton; Larpent e Smith; depois, novamente Archie e Hugh; Parker e Dalton; Larpent e Smith — os nomes repetem-se; sempre os mesmos nomes. São eles os voluntários, os jogadores de críquete, os membros da Sociedade de História Natural. Sempre em fila de quatro, marchando em bandos com distintivos nos barretes; saúdam simultaneamente ao passarem pela estátua de seu general. Como é majestosa a sua ordem, como é bela a sua obediência! Se pudesse segui-los, se pudesse acompanhá-los, sacrificaria tudo o que sei. Contudo, eles deixam atrás de si borboletas cujas asas trêmulas se fanam; jogam nos cantos lenços sujos de sangue coagulado. Fazem soluçar os menininhos nos corredores escuros. Têm grandes orelhas vermelhas que despontam por baixo dos barretes. Mas é assim que desejaríamos ser, Neville e eu. Observo-os com inveja. Espiando atrás da cortina, percebo, deliciado, a simultaneidade de seus movimentos. Se minhas pernas tivessem a força das deles, como haveriam de correr! Se eu os tivesse acompanhado, se tivesse triunfado nas partidas de críquete e nas competições de remo, se tivesse galopado o dia inteiro, com que voz de trovão eu entoaria as canções de brindes à meia-noite; em que torrentes as palavras brotariam da minha garganta!

— Percival foi embora agora — disse Neville. — Só pensa na competição. Nem acenou com a mão quando a carruagem dobrou a esquina junto dos arbustos de louro. Desdenha-me por ser fraco demais para jogar (embora sempre se mostre atencioso para com minha fragilidade). Despreza-me porque não me importo se eles ganham ou perdem, a não ser na medida em que ele próprio se importa. Aceita, porém, minha devoção; aceita a trêmula oferenda, sem dúvida abjeta, que de mim mesmo lhe faço, eu que, no entanto, desprezo sua estupidez. Pois ele não é capaz de ler. Mas, quando leio Shakespeare ou Catulo, deitado na alta relva, ele os entende mais do que Louis. Não o sentido das palavras, mas o que são palavras? Acaso já não sei como fazer rimas, como imitar Pope, Dryden, e até Shakespeare? Mas não consigo ficar parado ao sol o dia todo com os olhos postos na bola; não consigo sentir o voo da bola contra meu corpo e pensar apenas nela. Serei pelo resto da minha vida alguém que se agarra à franja das palavras. Não poderia, porém, viver com Percival e suportar sua estupidez. Vai tornar-se grosseiro e roncar. Vai casar-se e haverá cenas de ternura no café da manhã. Agora, porém, ele ainda é jovem. Nenhum fio, nenhuma folha de papel interpõem-se entre

ele e o sol, entre ele e a chuva, entre ele e a lua, quando jaz nu, rolando quente em sua cama. Agora, enquanto seguem pela estrada na carruagem, o rosto dele se mancha de vermelho e amarelo. Vai tirar o casaco e parar de pernas abertas, as mãos prontas, observando a meta. E vai rezar: "Deus, fazei com que ganhemos a partida"; pensará apenas numa coisa: o time tem de vencer.

— Como poderia eu acompanhá-los na carruagem e ir jogar críquete? Só Bernard poderia ir, mas Bernard está sempre atrasado. Atrasado demais para partir com eles. Sua incorrigível melancolia impede-o de ir. Para quando lava as mãos e diz: "Há uma mosca naquela teia. Devo salvar essa mosca; devo deixar que a aranha a devore?" Inúmeras perplexidades o anuviam. Se tivesse ido com eles, ele se deitaria na grama, olharia o céu, e só sairia correndo depois que a bola tivesse sido lançada há muito tempo. Mas eles o perdoariam, pois ele se poria a lhes contar uma história.

— Foram-se — disse Bernard — e chego atrasado para acompanhá-los. Esses meninos horrendos, embora também tão belos, que Louis e você, Neville, tanto invejam, partiram, virando suas cabeças ao mesmo tempo. Eu, contudo, não presto atenção às distinções sutis de vocês. Meus dedos deslizam sobre as teclas sem saber quais são as brancas e quais as pretas. Archie alcança facilmente cem pontos; eu, às vezes, chego a fazer 15, por pura sorte. Mas qual é a diferença entre nós? Espere, Neville, deixe-me falar. Bolhas sobem do fundo de uma caçarola numa sucessão de cachos de prata. Imagens juntam-se a imagens. Não consigo sentar-me junto de meu livro, como Louis, com a feroz tenacidade dele. Preciso abrir a portinhola do meu alçapão e deixar que saiam as frases articuladas em que ligo tudo quanto acontece. Desse modo, o sentimento de incoerência é substituído por um vínculo sinuoso que une ductilmente as coisas entre si. Vou contar a vocês uma história do reitor.

— Quando o dr. Crane cambaleia através da porta giratória depois das orações, parece estar convencido de sua imensa superioridade; e, realmente, Neville, não podemos negar que sua saída nos dá não apenas uma sensação de alívio, mas também a sensação de que algo em nós foi removido, como quando nos arrancam um dente. Agora, vamos segui-lo através da porta giratória até seus aposentos particulares. Vamos imaginá-lo a se despir, em seu quarto, acima dos estábulos. Ele desaperta as ligas (não há que temer esses detalhes triviais, íntimos). Depois, com um gesto característico (é difícil aceitar essas frases feitas; de todo modo, nesse

caso elas são inteiramente apropriadas), tira as moedas de prata e cobre dos bolsos das calças e as coloca sobre a cômoda. Com as duas mãos repousadas sobre os braços da cadeira, ele reflete (este é o momento em que está sozinho consigo próprio; é neste momento que devemos tentar percebê-lo); será que vai ou não atravessar a passarela rosada que conduz ao quarto de dormir conjugal? O abajur da cabeceira da cama projeta uma luminosidade rósea entre os dois cômodos: a sra. Crane está deitada, os cabelos espalhados sobre o travesseiro, lendo um volume de memórias sobre a corte francesa. Conforme lê, passa a mão na testa, num gesto abandonado e desesperado, e suspira: "Isso é tudo?", comparando-se com alguma duquesa de França. "Olhe", diz o reitor, "em dois anos vou aposentar-me. Vou para o oeste, e apararei sebes de teixo no meu jardim. Poderia ter sido almirante, ou juiz, e não um mestre-escola. Que forças", indaga, fitando as labaredas do gás com ombros mais erguidos do que quando os observamos (lembrem-se de que ele está em mangas de camisa), "trouxeram-me até aqui? Que forças incomensuráveis?", pergunta-se ele, entrando na torrente de suas frases imponentes, enquanto olha sobre o ombro para a janela. A noite é tempestuosa; os ramos dos castanheiros agitam-se, e entre eles relampejam estrelas. "Que incomensuráveis forças do bem e do mal trouxeram-me até aqui?", indaga, notando com melancolia que a pressão de sua cadeira fez um pequeno buraco no pelo do tapete cor de vinho. É assim que ele fica, sentado, balançando os braços. As histórias que perseguem as pessoas até seus quartos de dormir são difíceis. Não consigo prosseguir com esta história. Ponho-me a retorcer um pedaço de barbante; reviro quatro ou cinco moedas no bolso de minha calça.

— As histórias de Bernard me divertem no começo — disse Neville. — Mas, quando disparam absurdamente e ele tenta tomar fôlego, retorcendo um barbante entre os dedos sinto minha própria solidão. Ele vê todos os seres como imagens com contornos imprecisos. Por isso, com ele não posso falar de Percival. Não posso expor à simpatia de sua compreensão minha absurda e violenta paixão. Isso também constituiria uma "história". Preciso de alguém cuja mente caia como um machado sobre o bloco de madeira; que julgue sublime o cúmulo do absurdo e adorável o laço do cordão de um sapato. A quem expor a urgência de minha paixão? Louis é excessivamente frio, excessivamente universal. Não há ninguém aqui — entre esses arcos cinzentos e esses pombos a gemer tristes, entre esses

jogos alegres e essas tradições, essas emulações, tudo metodicamente organizado para evitar que nos sintamos sozinhos. Ainda assim, enquanto caminho, esmagam-me súbitas premonições do que está por vir. Ontem, passando pela porta aberta que conduz à parte reservada do jardim, vi Fenwick com seu bastão erguido. O vapor do samovar espalhava-se pelo gramado. Havia grupos de flores azuis. Depois, subitamente, baixou sobre mim o obscuro, místico sentimento de adoração, de perfeição que triunfa sobre o caos. Ninguém viu meu vulto grave e concentrado, postado no limiar da porta aberta. Ninguém adivinhou a necessidade que eu experimentava de ofertar meu ser a um deus, e de perecer e de sumir. O bastão do jogador baixou; desfez-se a visão.

— Devo escolher uma árvore? Devo afastar-me dessas salas de aula, dessas bibliotecas, da ampla página amarela em que leio Catulo, trocando tudo por bosques e campos? Devo andar sob as faias, ou vaguear ao longo da margem do rio, onde as árvores enlaçam-se entre si nas águas como amantes? A natureza, porém, é demasiado vegetal, demasiado insípida. Não possui mais que grandezas e vastidões e água e folhas. Começo a desejar flamas, privacidade, e o corpo de uma só pessoa.

— Começo a desejar que a noite chegue — disse Louis. — Parado aqui com minha mão na áspera almofada de carvalho da porta do sr. Wickham, imagino-me amigo de Richelieu, ou do duque de Saint-Simon estendendo ao rei em pessoa uma caixinha de rapé. É privilégio meu. Meus ditos espirituosos correm pela corte como relâmpagos. Duquesas arrancam esmeraldas de seus brincos, por pura admiração — mas esses foguetes disparam melhor na escuridão, na minha cama, à noite. Agora, não passo de um rapaz com sotaque das colônias, pressionando os nós dos dedos contra a porta de áspero carvalho do sr. Wickham. O dia foi repleto de ignomínias e de triunfos, que dissimulo por medo do riso alheio. Sou o melhor aluno do colégio. Mas, quando a noite chega, saio desse corpo inviável — meu nariz grande, meus lábios finos, meu sotaque das colônias — e habito os espaços. Então, faço-me companheiro de Virgílio e de Platão. Sou o último descendente de uma das grandes casas de França. Contudo, sou também aquele que se obrigará a abandonar esses territórios enluarados e varridos pelo vento, esses passeios à meia-noite, e se defrontará com ásperas portas de carvalho. No correr de minha vida — os Céus permitam que não seja longa —, farei o gigantesco amálgama das

discrepâncias tão cruelmente óbvias em mim. Conseguirei isso à força de tanto sofrer. Vou bater. Vou entrar.

— Arranquei do calendário todos os dias de maio e junho — disse Susan — e vinte dias de julho. Arranquei-os e amassei-os, de modo que não existem mais, exceto como um peso no meu coração. Foram dias mutilados, como mariposas noturnas de asas arrancadas, incapazes de voar. Sobram apenas oito dias. Daqui a oito dias sairei do trem e ficarei parada na plataforma às 6h25. Então minha liberdade desabrochará, e todas as restrições que a enrugam e encolhem — horários, ordem, disciplina, e estar aqui e estar ali na hora exata — tudo isso se esfacelará. O dia explodirá, quando eu abrir a porta e vir meu pai com seu velho chapéu e suas perneiras. Vou tremer. Vou romper em pranto. Depois, na manhã seguinte, vou levantar ao amanhecer. Sairei pela porta da cozinha. Andarei pelo pântano. Os grandes cavalos montados por fantasmas trovejarão atrás de mim, parando subitamente. Verei a andorinha afagar a relva. Vou atirar-me sobre um banco junto do rio e observarei os peixes deslizando para dentro e para fora dos juncos. As palmas de minhas mãos serão marcadas pelas agulhas dos pinheiros. Lá, desdobrarei e examinarei de perto tudo o que tiver nascido em mim aqui, através dos invernos e verões, pelas escadas e dormitórios. Ao contrário de Jinny, não quero ser admirada. Não quero que as pessoas ergam os olhos admirativamente quando eu entrar. Quero dar, quero receber, quero solidão onde possa desdobrar em paz tudo o que possuo.

— Depois, voltarei através das trêmulas aleias sob os arcos das folhas de castanheiro. Encontrarei uma anciã empurrando um carrinho de mão transbordante de gravetos, e depois o pastor. Mas não conversaremos. Voltarei pela horta, verei as folhas recurvas dos repolhos cobertas de carvalho, e no jardim a casa com suas janelas cegas por causa das cortinas. Subirei para meu quarto, mexerei em minhas coisas, cuidadosamente trancadas no armário: minhas conchas, meus ovos de pássaros, minhas bizarras folhas de capim. Alimentarei meus pombos e meu esquilo. Irei ao canil escovar meu *spaniel*. Assim, aos poucos, afastarei essa coisa dura que cresceu em meu coração. Aqui, porém, as sinetas não cessam de tocar, os pés se arrastam perpetuamente.

— Odeio a escuridão, o sono e a noite — disse Jinny — e fico deitada ansiosa para que o dia nasça. Queria que a semana toda fosse um só dia sem divisões. Quando acordo cedo — e os pássaros sempre me acordam — fico na cama, observando as maçanetas de cobre do armário, depois a pia, depois o porta-toalha, que recomeçam a brilhar. À medida que cada objeto brilha no quarto, meu coração bate mais rápido. Sinto meu corpo enrijecer, tornar-se rosado, amarelo, castanho. Minhas mãos passam ao longo de minhas pernas e meu corpo. Sinto-lhe as curvas e a magreza. Gosto de ouvir o gongo soar através da casa toda, e a movimentação que se inicia — aqui um baque surdo, ali um tropel. Portas batem; a água corre. Eis outro dia, eis outro dia, grito, quando meus pés tocam o chão. Poderá ser um dia maculado, um dia imperfeito. Muitas vezes repreendem-me. Muitas vezes sou censurada por preguiça, por rir; contudo, até mesmo quando a srta. Matthews resmunga por causa de minha frívola negligência, vejo alguma coisa que se move — talvez uma nódoa de sol num quadro, ou o jumento que puxa a cortadeira de grama através do gramado; ou uma andorinha que voluteia entre as folhas de louro. Assim, nunca fico abatida. Ninguém pode impedir-me de fazer piruetas nas costas da srta. Matthews em meio às orações.

— Agora está chegando o momento de sairmos da escola e usarmos vestidos longos. À noite, usarei colares e um vestido branco sem mangas. Haverá festas em salões iluminados; e um homem me escolherá e me dirá o que ainda não disse a ninguém. Gostará mais de mim do que de Susan ou de Rhoda. Encontrará em mim uma qualidade especial, algo peculiar. Mas não me deixarei prender a uma pessoa só. Não quero ser fixada, manietada. Tremo, vibro, como folha na sebe, sentada balançando os pés na beirada da cama, enquanto se entreabre um novo dia. Tenho cinquenta, sessenta anos a gastar. Ainda não abri o cofre dos meus tesouros. Isto é apenas o começo.

— Faltam horas e horas para que eu possa apagar a luz — disse Rhoda — e deitar-me, suspensa em minha cama, acima do mundo antes de deixar o dia cair, antes de deixar que minha árvore cresça em frementes pavilhões verdes sobre minha cabeça. Aqui não posso deixá-la crescer. Alguém golpeia através dela. E as pessoas fazem perguntas, interrompem-me, atiram tudo isso ao chão.

— Agora, irei ao banheiro e tirarei meus sapatos e me lavarei; enquanto me lavo e baixo a cabeça sobre a bacia, deixarei o véu de imperatriz da

Rússia cascatear pelos meus ombros. Os diamantes da coroa imperial cintilam na minha testa. Ouço o bramido da multidão hostil quando saio para a sacada. Agora, enxugo minhas mãos vigorosamente, de modo que a senhorita cujo nome esqueci não suspeite que ameaço com meu punho cerrado a multidão enfurecida. "Povo, sou a vossa imperatriz." Minha atitude é de desafio. Não tenho medo. Triunfo.

— Mas é um sonho frágil. Uma árvore de papelão. A srta. Lambert a derruba num sopro. Até a visão dela sumindo no corredor basta para tudo esfarelar em átomos. Não é sólido, não me satisfaz o sonho de ser imperatriz. Agora que desabou, deixa-me tremendo no corredor. As coisas parecem mais pálidas. Agora, irei à biblioteca pegar um livro qualquer, ler e olhar em volta; e ler novamente e olhar ainda. Eis aqui um poema que fala de uma sebe. Descerei ao longo dela e colherei flores, os cabaceiros e a flor do espinheiro cor de lua, as rosas silvestres e as serpentinas de hera. Vou agarrar tudo isso com minhas mãos e colocar no lustroso tampo da escrivaninha. Vou sentar-me na margem trêmula do rio e contemplar os grandes, fúlgidos nenúfares. Eles derramam sobre o carvalho que cobre a sebe a sua luz úmida como um raio de luar. Colherei flores; vou entrançá-las numa guirlanda única e ofertá-las. — Oh! A quem? Há um obstáculo no fluxo do meu ser; um rio profundo pressiona um empecilho; empurra; puxa; um nó resiste no centro de mim. Ah, essa dor, essa agonia! Desfaleço, fracasso. Agora, meu corpo descongela; estou aberta, estou incandescente. Agora, o rio se derrama, vasta maré fertilizante rompendo eclusas, insinuando-se à força por entre as gretas, inundando livremente a terra. A quem darei tudo o que flui através de mim, de meu corpo cálido, meu corpo poroso? Juntarei minhas flores e as darei — Oh! A quem?

— Marinheiros e casais de namorados passeiam sem destino pelo quebra-mar. Ônibus matraqueiam ao longo do mar em direção à cidade. Quero dar; quero enriquecer alguém; quero devolver toda essa beleza ao mundo. Vou trançar minhas flores numa guirlanda única e, avançando com a mão estendida, haverei de dá-las — Oh! A quem?

— Agora — disse Louis —, este é o último dia do último período, o último dia para Neville, Bernard e eu. Recebemos tudo o que nossos mestres tinham para nos dar. A iniciação foi feita e o mundo, apresentado. Os mestres ficam, nós partimos. O imenso reitor, a quem respeito mais

que a todos os homens, oscilando um pouco entre as mesas, entre os volumes encadernados, distribuiu Horácio, Tennyson, as obras completas de Keats e Matthew Arnold, com as dedicatórias adequadas. Respeito a mão que os deu. Ele fala com absoluta convicção. Para ele, suas palavras são verdadeiras, embora não para nós. Falando com voz áspera por causa da profunda emoção, arrebatadamente, ternamente disse-nos que estamos prestes a partir. Ordenou que "nos portássemos como homens". (Nos lábios dele, citações da Bíblia e do *Times* parecem igualmente magníficas.) Alguns farão isto; outros, aquilo. Alguns nunca mais se encontrarão. Neville, Bernard e eu não nos reencontraremos aqui. A vida nos apartará. Mas formamos certos laços. Acabaram nossos anos de infância, de irresponsabilidade. Mas forjamos certos elos. Acima de tudo, herdamos tradições. Estas lajes são usadas há seiscentos anos. Nestas paredes estão inscritos os nomes de guerreiros, estadistas, alguns poetas infelizes (o meu estará entre estes). Abençoadas todas as tradições, todas as salvaguardas e limitações! Sou extremamente grato a vós, homens de trajes negros, e a vós, mortos, pelo vosso exemplo, pela vossa proteção; apesar de tudo, porém, o problema permanece. As contradições ainda não foram conciliadas. Flores movem suas cabeças contra a janela. Vejo pássaros selvagens, e instintos mais selvagens do que os mais selvagens pássaros erguem-se do meu selvagem coração. Meus olhos são selvagens; meus lábios, firmemente comprimidos. O pássaro voa; a flor dança; mas eu ouço sempre o embate monótono das ondas; e a besta acorrentada pateia na praia. Pateia sem parar.

— Esta é a cerimônia final — disse Bernard. — Esta é a última de todas as nossas cerimônias. Somos assolados por estranhas sensações. O chefe do trem segura sua bandeira, prestes a soprar seu apito: o trem exala seu vapor e partirá daqui a pouco. A gente quer dizer algo, sentir algo absolutamente apropriado para a ocasião. A mente está preparada; os lábios, franzidos. Então, uma abelha chega, vagueando, zumbe em redor das flores no ramo de *lady* Hampton, esposa do general, está cheirando para mostrar o quanto apreciou o cumprimento. E se a abelha picasse o nariz dela? Todos ficamos profundamente comovidos; ainda assim, porém, irreverentes; ainda assim, penitentes; ainda assim, ansiosos para que tudo isso acabe; ainda assim, relutamos em partir. A abelha nos distrai; seu voo casual parece zombar da intensidade de nossas emoções. Zumbindo vagamente, planando no espaço, agora instalou-se num cravo. Muitos de

nós não se encontrarão nunca mais. Não gozaremos mais de certos prazeres, quando nos sentirmos livres para irmos para a cama, ou nos sentarmos, quando eu não precisar mais contrabandear para o quarto tocos de vela e literatura imortal. Agora, a abelha zumbe em torno da cabeça do imenso reitor. Larpent, John, Archie, Percival, Baker e Smith — gostei bastante deles. Entre os alunos, não conheci mais que um menino bruto; não odiei mais que um menino perverso. Saboreio retrospectivamente meu café da manhã na mesa do reitor, onde serviam torrada e geleia, e eu me sentia terrivelmente desajeitado. Só ele não percebe a abelha. Se pousasse em seu nariz, ele a afastaria com um gesto imponente. Agora ele acaba de dizer sua piadinha; agora, sua voz está quase alquebrada. Agora, estamos dispensados — Louis, Neville e eu —, para sempre. Pegamos nossos livros lustrosos, com dedicatórias escolásticas traçadas numa letrinha severa. Erguemo-nos, dispersamo-nos; a pressão está sendo removida. A abelha tornou-se insignificante, um inseto que não se nota, voa pela janela aberta e se perde na obscuridade. Partiremos amanhã.

— Estamos prestes a nos separar — disse Neville. — Aqui estão os baús; aqui, fiacres. Lá está Percival com seu chapéu de feltro. Ele me esquecerá. Deixará sem resposta minhas cartas, que ficarão em meio a suas espingardas, seus cães. Eu lhe mandarei poemas, talvez ele responda com um cartão-postal. Mas é por isso que o amo. Proporei um encontro — debaixo de um relógio, ou numa encruzilhada; esperarei, e ele não virá. É por isso que o amo. Ele se afastará da minha vida, esquecido, quase inteiramente ignorante do que foi para mim. E, por incrível que pareça, entrarei em outras vidas; talvez não seja mais que uma escapada, um simples prelúdio. Embora não consiga suportar a pomposa palhaçada do reitor e suas emoções fingidas, já sinto a aproximação das coisas que até agora só percebemos vagamente. Serei livre para entrar no jardim em que Fenwick ergue seu bastão: os que me desprezam reconhecerão minha soberania. No entanto, por alguma imperscrutável lei, minha soberania e meu poder não me bastarão; continuarei a deslizar para trás das cortinas, para o seio da intimidade, em busca de palavras sussurradas a sós. Por isso parto, hesitante mas altivo; sentindo uma dor intolerável, mas seguro de que vou triunfar nessa aventura após tanto sofrimento, seguro — quero crer — de que no fim descobrirei o objeto do meu desejo. Pela última vez, contemplo a estátua do piedoso fundador do colégio; sua cabeça está cercada pelos pombos. Eternamente os pombos girarão em torno de sua

cabeça, embranquecendo-a com suas fezes, enquanto o órgão gemerá na capela. Vou pegar minha passagem e, quando achar meu lugar no canto do nosso compartimento reservado, levarei um livro a meus olhos para esconder uma lágrima. Erguerei meu livro à frente de meus olhos para observar à vontade, para espreitar um rosto. É o primeiro dia das férias de verão.

— É o primeiro dia das férias de verão — disse Susan. — Mas o dia ainda se mostra embrulhado como num pacote. Não o examinarei antes de descer do trem à noite. Não me permitirei cheirá-lo antes de respirar o frio ar verde dos campos. Esses, porém, já não são os campos do colégio; não são as sebes do colégio; os homens nesses campos fazem coisas reais; enchem carroças com feno de verdade; essas são vacas de verdade, não as vacas do colégio. Mas o cheiro de desinfetante dos corredores e o cheiro de giz das salas de aula ainda se entranham em minhas narinas. A aparência vítrea, lustrosa dos assoalhos ainda se imprime em meus olhos. Preciso aguardar campos e sebes, bosques e campos e encostas em declive na via férrea, salpicadas de arbustos de tojo, e caminhões e estradas e túneis e jardins de subúrbio com mulheres estendendo roupa lavada, e depois novamente campos e crianças balançando-se nos portões, a fim de recobrir e enterrar profundamente o colégio que odiei.

— Não mandarei meus filhos ao colégio, nem passarei uma só noite em Londres em toda a minha vida. Aqui, nesta imensa estação, tudo ecoa e reboa num som cavo. A luz é como uma luz amarela filtrada sob um toldo. Jinny mora aqui. Jinny leva seu cão a passear nestas calçadas. Aqui, as pessoas passam silenciosas pelas ruas. Não olham para nada, só para vitrinas. Suas cabeças sobem e descem à mesma altura. As ruas são unidas por fios de telégrafo. As casas são todas em vidro, em festões e resplendores. Agora, só vejo portas de frente e cortinas de renda, pilares e degraus brancos. Passamos adiante, saímos novamente de Londres; recomeçam os campos, e as casas e as mulheres pendurando roupa lavada, e as árvores e ainda os campos. Londres agora está velada, desvaneceu-se, esfarelou-se, ruiu por terra. O cheiro de desinfetante e de terebintina começa a perder sua força. Respiro o odor dos campos de trigo e de nabos. Desfaço um pacote amarrado com um barbante branco. Cascas de ovos escorregam na cavidade entre meus joelhos. Agora, paramos em uma

estação após outra, o trem descarrega vasilhames de leite. Agora, mulheres se beijam e ajudam-se com as cestas. Agora, vou debruçar-me para fora da janela. O ar invade meu nariz e minha garganta — o ar frio, o ar salgado com cheiro de plantações de nabo. Lá está meu pai de costas, falando com um fazendeiro. Tremo. Choro. Lá está meu pai de perneiras. Lá está ele.

— Sento-me aconchegada no meu canto, indo para o norte — disse Jinny —, nesse trem expresso trovejante, tão brando, porém, que alisa sebes e alonga colinas. Disparamos por entre as sinalizações; fazemos a terra oscilar levemente de um lado para outro. O horizonte sempre se fecha num ponto; e sempre o abrimos novamente. Os postes de telégrafo ondulam incessantemente; um se abaixa, outro se ergue. Agora rugimos e disparamos por um túnel. O cavalheiro levanta a janela. Ao longo do túnel, vejo imagens que se refletem no vidro brilhante. Vejo o cavalheiro baixar seu jornal. Ele sorri para meu reflexo no túnel. Instintivamente, como se comandado, por si próprio, meu corpo palpita sob esse olhar. Meu corpo adquire vida própria. Agora, a vidraça negra ficou verde outra vez. Estamos fora do túnel. Ele lê seu jornal. Contudo, trocamos a mútua aprovação de nossos corpos. Então existe uma grande sociedade de corpos, e o meu acaba de ser apresentado a ela; meu corpo entrou na sala em que estão as cadeiras douradas. Vejam — todas as janelas das mansões e suas alvas cortinas dançam; e os homens sentados nas cercas dos trigais, com lenços azuis amarrados ao pescoço, também percebem, como eu, o calor e o êxtase. Um acena quando passamos. Há pérgulas e caramanchões nos jardins das mansões, e rapazes em mangas de camisa nas escadas, podando roseiras. Um homem trota a cavalo pelo campo. O cavalo corcoveia quando passamos. E o cavaleiro volta-se para nos olhar. Ainda uma vez, trovejamos pela escuridão adentro. Recosto-me, entrego-me ao êxtase, imagino que, ao sairmos do túnel, entrarei num aposento iluminado, repleto de cadeiras, numa das quais me sentarei, admirada por todos, o vestido cascateando ao meu redor. Mas — atenção! —, erguendo os olhos deparo-me com o olhar de uma mulher carrancuda que suspeita de meu êxtase. Como um guarda-sol, meu corpo fecha-se insolente na cara dela. Abro meu corpo, fecho meu corpo à vontade. A vida está apenas começando. O tesouro da minha vida ainda está intacto.

— Este é o primeiro dia das férias de verão — disse Rhoda. — E agora, quando o trem passa por estas rochas rubras, esse mar azul, o período escolar cumprido forma um só vulto atrás de mim. Vejo sua cor. Junho foi

todo branco, com os campos cobertos de margaridas e incontáveis vestidos brancos, e também as canchas de tênis marcadas por listras brancas. Depois, houve o vento e violentos trovões. Uma estrela cavalgava entre nuvens certa noite, e eu disse a ela: "Devora-me." Era já pleno verão, depois da festa no jardim, festa em que me senti humilhada. O vento e a tempestade coloriram julho. E, bem no meio, cadavérica, horrível, houve a poça cinzenta do pátio, perto da qual eu passei, segurando um envelope, quando me mandaram levar uma mensagem. Senti-me à beira da morte. Não consegui passar por cima dela. Meu senso de identidade esvaiu-se. Não somos nada, gritei, e caí. Senti-me soprada como uma pluma, arremessada através de túneis. Depois, cautelosamente, avancei meu pé por sobre a poça. Apoiei a mão numa parede de tijolos. Voltei atrás com grande cuidado, trazendo-me de regresso a meu próprio corpo por cima do espaço cinza e cadavérico da poça de lama. Esta é a vida a que estou destinada.

— Assim me livro do período de verão. Com choques intermitentes, súbita como os botes de um tigre, a vida, ofegante, faz emergir do mar sua crista negra. É a esse monstro que estamos ligados; é a esse monstro que estamos presos, como corpos em cavalos selvagens. Contudo, é certo que inventamos artifícios para preencher fendas e dissimular fissuras. Aqui está o inspetor que recolhe as passagens. Há dois homens; três mulheres; um gato num cesto; eu com meu cotovelo no peitoril da janela — isto é aqui e agora. Seguimos adiante, partimos entre os murmúrios de trigais dourados. Mulheres nos campos surpreendem-se por serem deixadas para trás com suas enxadas. Agora, o trem resfolega pesadamente, respira em meio a estertores, pois está subindo cada vez mais. Por fim, atingimos o topo do pântano. Aqui vivem apenas alguns carneiros selvagens, alguns pôneis de pelo cerrado; mas temos todo o conforto; mesas para colocar nossos jornais, alças para sustentar nossos copos. Passamos para o cume, carregando esses utensílios. O silêncio se fechará atrás de nós. Se olho para trás, por cima deste crânio calvo, posso ver o silêncio já se fechando, e as sombras das nuvens perseguindo-se umas às outras sobre o pântano vazio; o silêncio fecha-se depois da nossa passagem. Digo isto neste momento; este é o primeiro dia das férias de verão. Tudo isso faz parte do monstro que emerge, o monstro ao qual estamos ligados.

— Agora, estamos a caminho — disse Louis. — Agora, estou suspenso sem amarras. Não estamos em lugar algum. Atravessamos a Inglaterra de trem. A Inglaterra desliza diante da janela, sempre mudando de colinas para florestas, de rios e salgueiros para novas cidades. E não tenho chão firme para onde ir. Bernard e Neville, Percival, Archie, Larpent e Baker vão a Oxford ou Cambridge, a Edimburgo, Roma, Paris, Berlim, ou para alguma universidade americana. Eu sou alguém que segue vagamente, a fim de ganhar dinheiro vagamente. É por isso que uma sombra pungente, um significado atroz baixam sobre estas sedas douradas, estes campos de papoulas, este trigo ondulante que nunca transborda de seus limites mas corre tremulando até suas margens. Este é o primeiro dia de uma nova vida, outro raio desta roda que não para de crescer. Meu corpo, porém, passa errante como a sombra de um pássaro. Eu deveria ser transitório como a sombra sobre o campo, ora desvanecendo-se, ora escurecendo e morrendo ao encontrar a floresta, se não coagisse meu cérebro a se condensar por trás da minha fronte; forço-me a exprimir este momento, ainda que num verso de um poema não escrito; a marcar esta polegada na longa história que começou no Egito, no tempo dos faraós, quando mulheres carregavam cântaros vermelhos até o Nilo. Parece que já vivi milhares de anos. Contudo, se agora cerro os olhos, não consigo perceber onde se encontram passado e presente, pois estou sentado num vagão de terceira classe cheio de rapazes indo de férias para casa, e a história humana se defrauda na visão de um momento. O olho desta visão, que veria através de mim, fecha-se — agora durmo; por negligência ou covardia enterro-me no passado, no escuro; ou faço-me aquiescente, tal como Bernard, que conta histórias; ou fico presunçoso, tal como Percival, Archie, John, Ealther, Lathom, Larpent, Roper, Smith — os nomes são sempre os mesmos, os nomes desses rapazinhos presunçosos. Todos se jactam, todos falam, exceto Neville, que de vez em quando escorrega um olhar sobre um romance francês, pois Neville deslizará sempre para dentro de salas com sofás e lareiras, com muitos livros e um amigo, enquanto eu batalharei numa mesa de escritório, atrás de um guichê. E ficarei amargo e debocharei deles. Invejarei sua persistência nas coisas tradicionais à sombra de velhos teixos, enquanto me ligarei com gente suburbana, com os contínuos, e perambularei pelas calçadas da cidade.

— Mas agora, desincorporado, sem domicílio, passando pelos campos — (ali há um rio; um homem pesca; ali há uma torre de igreja, ali, a rua da

aldeia com sua taverna de janelas góticas) —, tudo me parece nebuloso e como imerso em sonho. Estes pensamentos duros, esta inveja, esta amargura não se alojam em mim. Sou o fantasma de Louis, um passante efêmero, em cuja mente os sonhos são poderosos e um jardim ressoa quando, ao amanhecer, pétalas flutuam em profundezas insondáveis e os pássaros cantam. Mergulho, banho-me nas claras águas da infância. Seu tênue véu tremula. Mas a besta acorrentada não para de patear na praia.

— Louis e Neville estão sentados em silêncio — disse Bernard. — Ambos absortos. Ambos sentindo a presença de outras pessoas como uma parede que separa. Eu, porém, se estou com outras pessoas, as palavras logo formam anéis de fumaça — vejam como imediatamente as frases começam a fluir em espirais dos meus lábios. Parece que um fósforo pegou fogo, algo está queimando. Um homem de certa idade, aparentemente próspero, um viajante, acaba de entrar. Imediatamente, desejo aproximar-me dele; instintivamente, aborrece-me a sensação de sua presença fria, inassimilada entre nós. Não creio em separação. Não somos seres isolados. Também desejo aumentar minha coleção de valiosas observações sobre a verdadeira natureza da vida humana. Meu livro sem dúvida terá vários volumes, abrangendo todas as variedades conhecidas de homens e mulheres. Encho minha mente com tudo o que está contido num aposento ou num vagão de trem, tal como se enche uma caneta num tinteiro. Minha sede é contínua, insaciável. Agora sinto, por sinais imperceptíveis que ainda não posso interpretar, mas poderei mais tarde, que a desconfiança do viajante está prestes a se desfazer. Sua solidão mostra sinais de querer romper-se. Ele fez uma observação sobre uma casa de campo. Um anel de fumaça brota de meus lábios (falo sobre as colheitas) e o envolve, entrando em contato com ele. A voz humana tem uma qualidade que desarma (não somos seres isolados; somos um). Quando trocamos esses poucos mas amáveis comentários sobre casas de campo, eu o restauro e o torno concreto. Trata-se provavelmente de um marido indulgente, embora infiel; talvez um pequeno construtor que emprega poucos homens. Ocupa lugar importante no meio social de sua cidade; já é conselheiro e talvez um dia seja prefeito. Usa um enfeite grande, feito de coral, como um molar arrancado na raiz, pendurado na corrente do relógio. Walter J. Trumble é o tipo de nome que combinaria com ele. Esteve nos Estados Unidos, em viagem de negócios, com sua

mulher, e um quarto de casal num hotel pequeno custou-lhe o ordenado de todo um mês. Seu dente da frente tem uma obturação de ouro.

— O fato é que tenho pouca aptidão para a meditação. Necessito do que é concreto em todas as coisas. Só assim consigo tocar o mundo. Contudo, uma boa frase parece-me ter existência independente. Ainda assim, acho que as melhores frases são feitas na solidão. Exigem não sei que refrigeração final que não lhes posso dar, eu que vivo a chapinhar em meio a palavras mornas, solúveis. Apesar disso, porém, meu método leva certas vantagens sobre os deles. Neville sente repulsa pela grosseria de Trumble. Louis, dando uma olhada, avança com passinhos curtos de garça altiva e apanha palavras como se usasse pinças para pegar cubinhos de açúcar. É verdade que seus olhos — selvagens, risonhos, embora desesperados — exprimem algo que não avaliamos. Há em Louis e Neville uma precisão, uma exatidão que admiro e que jamais terei. Agora, começo a notar que é preciso agir. Aproximamo-nos de um entroncamento. Aqui terei de descer. Vou embarcar num trem para Edimburgo. Não posso realmente tocar esse fato com as mãos — ele se aloja frouxo entre meus pensamentos como um botão, uma moedinha. Eis o velhote jovial que recolhe as passagens. Eu tinha uma, certamente tinha. Mas não importa. Ou a encontro ou não a encontro. Examino minha carteira. Verifico em todos os meus bolsos. Estas são coisas que não cessam de interromper o processo — no qual estou para sempre engajado — de encontrar uma frase perfeita, que sirva exatamente para o momento que passa.

— Bernard se foi sem achar sua passagem — disse Neville. — Escapou de nós, fazendo uma frase, acenando com a mão. Falava tão facilmente com o criador de cavalos ou com o encanador quanto conosco. O encanador aceitou-o com devoção. “Se tivesse um filho assim”, pensava ele, “daria um jeito de mandá-lo para Oxford.” Mas o que sentia Bernard pelo encanador? Não estaria apenas querendo dar seguimento à história que jamais cessa de contar a si mesmo? Começou-a ainda quando fazia bolinhas com pão em criança. Uma bolinha era um homem; outra, uma mulher. Todos somos bolinhas de pão. Todos somos frases na narrativa de Bernard, coisas que ele anota em seu caderno, na letra A ou na B. Ele narra nossa história com extraordinária compreensão, exceto quando se trata dos sentimentos que experimentamos mais profundamente. Pois ele não precisa de nós. Jamais depende de nossa clemência. Lá está ele, acenando com os braços na plataforma. O trem partiu sem ele. Bernard perdeu sua

conexão. Perdeu a passagem. Pouco importa. Ele irá ao bar e conversará com a garçonete sobre a natureza do destino humano. Vamos partir, e ele já nos esqueceu; saímos do campo de sua visão; seguiremos nosso caminho, plenos de sensações indecisas, meio amargas, meio doces, pois Bernard é alguém que merece compaixão, ele que enfrenta o mundo com suas frases inacabadas, ele que perdeu sua passagem de trem. Ele que também merece ser amado.

— Agora, pretendo voltar a ler. Ergo o livro até quase cobrir meus olhos. Mas não posso ler na presença de criadores de cavalos e encanadores. Não tenho o poder de me insinuar entre as pessoas. Não admiro esse homem, ele não me admira. Pelo menos quero ser honesto. Quero denunciar este mundo disparatado, frívolo, enfatuado; estas poltronas de crina; estas fotos coloridas de quebra-mares e diques. Eu poderia gritar diante da presunção, da mediocridade deste mundo que produz criadores de cavalos com ornamentos de coral pendurados nas correntes dos seus relógios. Há esta força em mim que os consumirá inteiramente. Meu riso fará com que se contorçam em suas poltronas; fará com que uivem diante de mim. Não: eles são imortais. São triunfantes. Tornarão impossível para mim ler sempre Catulo num vagão de terceira classe. Em outubro farão com que me refugie numa das universidades em que me tornarei deão; e irei com outros professores à Grécia; e pronunciarei conferências sobre as ruínas do Partenon. Seria melhor criar cavalos e viver numa dessas mansões vermelhas do que ficar entrando e saindo dos esqueletos de Sófocles e Eurípides feito um verme, na companhia de uma mulher culta, uma dessas universitárias. Este, porém, será o meu destino. Vou sofrer. Já aos 18 anos sou capaz de tanto desdém que até criadores de cavalo me odeiam. Este é o meu triunfo: não faço concessões. Não sou tímido. Não tenho sotaque. Não me inquieto quanto ao que as pessoas possam pensar de "meu pai que é banqueiro em Brisbane", como Louis.

— Agora, aproximamo-nos do centro do mundo civilizado. Lá estão os gasômetros familiares. Lá, as praças públicas cortadas por alamedas asfaltadas. Lá estão os amantes deitados despudoradamente, boca contra boca, na relva crestada. Agora, Percival já está quase chegando à Escócia; seu trem atravessa os pântanos vermelhos; ele vê a longa linha das colinas da fronteira e os muros das fortificações romanas. Lê um romance policial, e compreende tudo.

— O trem diminui a velocidade ao nos aproximarmos de Londres, do centro, e meu coração também hesita, cheio de medo e exultação. Estou prestes a encontrar — o quê? Que extraordinária aventura me aguarda entre os furgões dos correios, os porteiros, as multidões chamando táxis. Sinto-me insignificante, perdido, mas exultante. Paramos com um choque suave. Deixarei os outros saírem antes de mim. Ficarei sentado, quieto, por um momento, antes de emergir nesse caos, nesse tumulto. Não quero antecipar o que está por vir. O grande tumulto está em meus ouvidos. Soa e ressoa sob esse teto de vidro como a ressaca do mar. Somos lançados na plataforma com nossas malas. Somos afastados por um redemoinho. Meu senso de mim mesmo, meu desdém, quase desaparecem. Sou empurrado, esmagado, projetado para o céu. Saio para a plataforma, agarrando firme tudo o que possuo: uma mala.

O sol ergueu-se. Barras amarelas e verdes tombaram na praia, dourando os flancos do bote carcomido e fazendo o cardo marinho e suas folhas duras reluzirem azuis como aço. A luz quase perfurava as ondas tênues, balouçantes, correndo em forma de leque sobre a praia. A jovem que sacudira a cabeça e fizera dançar todas as joias, o topázio, a água-marinha, as joias cor de água com centelhas de fogo, agora expôs sua testa e com olhos bem abertos traçou um caminho reto sobre as ondas. A espuma cintilante escureceu; as ondas se confundiram; suas cavidades verdes aprofundaram-se, atravessadas talvez por cardumes de peixes erradios. Quando rebentaram e recuaram novamente, deixaram na praia uma orla negra de gravetos e cortiça, tiscos de palha e raminhos, como se alguma leve chalupa tivesse naufragado e rompido os cascos, e o marinheiro houvesse nadado para a praia, escalando a falésia e deixando sua frágil carga ser levada pela corrente.

No jardim, os pássaros que pipilavam à toa, espasmodicamente, na penumbra de uma árvore, de um arbusto, agora cantavam em coro, em tom estridente e nítido, ora juntos, como conscientes de sua camaradagem, ora sozinhos, como se cantassem para o pálido céu azul. Revoaram todos ao mesmo tempo, quando o gato preto se moveu ao longo dos arbustos, quando a cozinheira jogou brasas sobre um monte de cinzas e os espantou. Havia medo no seu canto, e suspeita de dor, e também a alegria que se extrai rapidamente do instante. Depois, cantaram todos de maneira estimulante no límpido ar da manhã, voando sobre os olmos, perseguindo-

se uns aos outros, escapando, caçando-se, picando-se, rodopiando alto no céu. Em seguida, cansados da perseguição e do voo, desceram docemente, baixaram delicadamente, pousaram silenciosos nas árvores, nos muros, olhos brilhantes à espreita, cabecinhas viradas para cá, para lá; atentos, despertos; intensamente conscientes de alguma coisa, um objeto em particular.

Talvez se tratasse de um caracol que se erguia da relva como uma catedral cinzenta, um edifício incendiado, marcado por círculos escuros, na sombra verde da relva. Ou talvez eles vissem o esplendor das flores disseminando uma luz de fluido violeta nos canteiros, através da qual escuros túneis de sombra roxa perpassavam entre os caules. Ou então fixavam o olhar nas folhinhas finas da macieira, dançando, mas de modo contido, cintilando hirtas entre as flores de bordas cor-de-rosa. Ou viam uma gota de chuva na sebe, pendente mas sem cair, com a imagem de uma casa inteira contida dentro dela, e os olmos altos como torres; ou, então, contemplando de frente o sol, seus olhos tornavam-se grãos de ouro.

Olhando para um lado e outro, viam profundamente, entre as flores, as escuras avenidas do mundo sem luz em que as folhas apodrecem e as flores tombam. Depois, disparando lindamente, como um dardo, baixando cuidadosamente, um deles bicou um mole, monstruoso verme indefeso, bicou mais uma vez e outra, e deixou-o para que apodrecesse. Lá embaixo, entre as raízes onde as flores se decompunham, sopravam lufadas de morte; gotas formavam-se nos flancos intumescidos de coisas inchadas. A pele das frutas podres rompia-se e uma substância deslizava, grossa demais para escorrer. Lesmas exsudavam secreções amarelas, e aqui e ali algum corpo amorfo, com uma cabeça em cada ponta, oscilava lento de um lado para outro. Os pássaros de olhos dourados, disparando entre as folhas, observavam ironicamente essa purulência, essa umidade. De vez em quando, mergulhavam selvagemente as pontas dos seus bicos nessa mistura sufocante.

Enfim, o sol atingiu a altura da janela, roçou a cortina bordada de vermelho e iluminou círculos e linhas. A brancura da luz nascente instalou-se no fundo do prato; seu brilho concentrou-se no fio da faca. Cadeiras e armários também reluziram, de modo que, embora separados uns dos outros, pareciam inextricavelmente entrelaçados. O espelho branqueou suas águas na parede. A flor real no peitoril da janela era assistida por uma flor fantasma. E, no entanto, o fantasma fazia parte da

flor verdadeira, *pois quando um botão rebentava livre*, *um outro botão semelhante desabrochava também na flor mais pálida do espelho*.

O vento soprou. *As ondas rufavam na praia*, *como guerreiros com turbantes*, *como homens com turbantes*, *que brandiam suas azagaias envenenadas sobre suas cabeças*, *precipitando-se ao encontro dos rebanhos de ovelhas brancas*.

— A complexidade das coisas torna-se mais presente aqui na universidade — disse Bernard —, onde o movimento e a pressão da vida são extremos, e onde a excitação de simplesmente viver se torna a cada dia mais urgente. A cada instante, pesco algo de novo no fundo desse enorme saco de surpresas. O que sou eu? Indago. Isto? Não. Sou aquilo. Especialmente agora, que deixei uma sala e pessoas nela conversando, e as lajes de pedra ecoam sob meus passos solitários, e contemplo a lua que se ergue, sublime e indiferente, por cima da antiga capela — torna-se claro que não sou uno, nem simples, mas complexo, múltiplo. Em público, Bernard borbulha; em particular, é um ser secreto. É isso que não entendem, pois agora sem dúvida falam de mim, dizendo que lhes escapo, que sou evasivo. Não entendem que preciso passar pelas mais diversas transições; preciso estar atento às entradas e saídas de vários indivíduos que desempenham alternadamente o papel de Bernard. Sou anormalmente consciente das circunstâncias. Jamais consigo ler um livro num vagão de trem sem perguntar: Ele será um construtor? Ela será infeliz? Hoje percebi claramente que o pobre Simes, com sua cara cheia de espinhas, sofria com amargura por ser remota sua chance de causar boa impressão a Billy Jackson. Sentindo pena dele, convidei-o pressurosamente a jantar comigo. Ele atribuirá o convite a uma admiração que não sinto. É verdade. Mas "ao mesmo tempo que a sensibilidade de uma mulher" (cito meu futuro biógrafo), "Bernard tinha a sobriedade lógica de um homem". Pessoas que dão impressão de serem simples e, de modo geral, boas (pois parece haver virtude na simplicidade) são as que se mantêm em equilíbrio numa distância igual das duas margens, em pleno rio. (Vejo instantaneamente peixes com as narinas em uma só direção, a correnteza disparando em outra.) Canon, Lycett, Peters, Hawkins, Larpent, Neville — todos eles, peixes na correnteza. Mas *você* compreende, *você*, o meu eu, que sempre acorre a meu chamado (seria uma experiência atroz chamar e não aparecer

ninguém), você compreende que o que andei dizendo esta noite só superficialmente dá uma ideia de mim. Por dentro, no momento em que me mostro mais incongruente, sou também um ser integrado. Simpatizo de modo efusivo; contudo, sento-me como um sapo numa toca e recebo com frieza o que aparecer. Poucos dentre vocês, que agora discutem sobre minha pessoa, dispõem dessa dupla capacidade de sentir e de raciocinar. Lycett, vocês sabem, acredita em correr atrás de lebres; Hawkins passou a tarde extremamente ocupado na biblioteca. Peters está enamorado de uma jovem na biblioteca circulante. Vocês todos estão envolvidos, comprometidos, atraídos, as energias concentradas em suas capacidades — todos, exceto Neville, cujo espírito é complexo demais para que apenas uma atividade o imobilize. Também eu sou por demais complexo. No meu caso, algo sempre flutua, desvinculado de tudo.

— Agora, como prova de minha sensibilidade a toda essa atmosfera, ao entrar em meu quarto e acender a luz, vendo a folha de papel, a mesa, meu robe negligentemente atirado no encosto da cadeira, sinto que sou um homem enérgico embora reflexivo, uma figura arrojada e audaciosa, que despe com leveza sua capa, pega da pena e num ímpeto escreve a uma moça que ele ama apaixonadamente.

— Sim, tudo agora é propício. Estou disposto. Posso escrever a carta tantas vezes iniciada. Acabo de entrar; atirei longe chapéu e bengala; estou escrevendo a primeira coisa que me vem à cabeça, sem me preocupar em colocar a folha em posição correta. Será uma pequena obra-prima brilhante, que ela deverá julgar escrita sem pausa e sem qualquer rasura. Vejam como as letras são informes — e, bem ali, uma mancha descuidada. Devo sacrificar tudo à rapidez e à negligência. Escreverei em letra rápida, apressada, miúda, exagerando o traço do "y" para baixo, e cortando o "t" assim — num só impulso. A data deverá ser apenas terça, 17, e depois um ponto de interrogação. No entanto, também devo dar a impressão de que, embora ele — este que não sou eu — escreva de modo improvisado, precipitado, existe uma sutil sugestão de intimidade e respeito. Preciso aludir às conversas que tivemos — trazer de volta alguma cena lembrada. Devo também parecer-lhe (é da máxima importância) alguém que passa de um assunto a outro com a maior facilidade. Passarei da cerimônia fúnebre por causa do homem recém-afogado (tenho a frase certa para isso) à sra. Moffat e seus ditos (eu os anotei) e a algumas reflexões aparentemente casuais mas profundas (às vezes uma crítica profunda é escrita de maneira

casual) sobre algum livro que li, algum livro bastante especial. Quero que ela venha a dizer, enquanto escova os cabelos ou apaga a vela: "Onde foi que li isso? Ah, na carta de Bernard." Preciso do efeito rápido, ardente, fluido, exercendo-se de frase em frase. Em quem estou pensando? Byron, naturalmente. Sob alguns aspectos sou como Byron. Talvez um pouco de Byron ajude-me a encontrar o melhor tom. Lerei uma página dele. Não; é monótono, é descosido, é formal demais. Agora, começo a pegar o jeito. Agora, sinto pulsar minha mente (nada mais importante que o ritmo, quando se escreve). Agora, começarei sem interrupções, na cadência mesma do impulso.

— A coisa, porém, se achata. Esgota-se. Não consigo ímpeto suficiente que me conduza por entre as transições. Meu verdadeiro eu afasta-se de meu eu factício. E, se me puser a reescrever, ela dirá: "Bernard está posando de literato; Bernard está mais é pensando em seu futuro biógrafo" (o que é verdade). Não, escreverei a carta amanhã, depois do café.

— Agora, encherei meu espírito de imagens. Vou supor que me pediram para passar alguns dias em Restover, King's Laughton, a três milhas da estação de Langley. Chego ao anoitecer. No pátio dessa casa arruinada, mas muito digna, há dois ou três cães furtivos de pernas compridas. Tapetes desbotados no vestíbulo; um militar fuma cachimbo, andando para cá e para lá no terraço. A atmosfera é de pobreza elegante e supõe relações militares. O casco de um cavalo de caçadas repousa sobre a escrivaninha — um cavalo favorito. "Você cavalga?" "Sim, senhor, adoro andar a cavalo." "Minha filha espera por nós na sala de visitas." Meu coração bate contra minhas costelas. Ela está postada junto a uma mesinha baixa; esteve caçando; come sanduíches como se fosse um moleque. Causo impressão bastante favorável no coronel. Não me acha inteligente em excesso, e não sou dos mais mal-educados. Além disso, jogo bilhar. Depois, entra a simpática criada que trabalha com a família há trinta anos. O desenho dos pratos representa pássaros orientais de longas caudas. O retrato da mãe dela em vestido de musselina está pendurado sobre a lareira. Posso esboçar com extraordinária facilidade esse ambiente. Conseguirei, porém, fazer com que funcione? Poderei ouvir a voz dela — o tom exato com que, quando estamos sós, diz "Bernard"? E depois?

— A verdade é que preciso do estímulo de outras pessoas. Sozinho diante do fogo apagado, inclino-me a ver as partes fracas de minhas histórias. O verdadeiro romancista, o ser humano perfeitamente simples,

poderia continuar imaginando indefinidamente. Não integraria as coisas numa só síntese como eu. Não teria essa sensação devastadora de cinzas frias numa grelha apagada. Uma cortina cerra meus olhos. Tudo se torna impenetrável. Cesso de inventar.

— Quero lembrar. De modo geral, foi um bom dia. A gota que se forma no telhado da alma a cada noite é agora redonda e multicolorida. Houve a manhã, ótima; houve a tarde com seu passeio. Gosto de paisagens com torres sobre campos cinzentos. Gosto de olhar por entre os ombros das pessoas. As coisas não pararam de entrar em minha cabeça. Sentia-me imaginoso e sutil. Depois do jantar, mostrei-me brilhante. Dei forma concreta a muitas coisas indistintamente observadas em nossos amigos comuns. Passei com facilidade por entre minhas transições. Agora, contudo, quero fazer a mim mesmo a indagação final, sentado diante desse fogo acinzentado, com seus promontórios nus de carvão negro: qual dessas pessoas sou eu? Dependo sempre do ambiente. Quando digo a mim mesmo: "Bernard" — quem aparece? Um homem fiel, sardônico, desiludido, embora não amargo. Um homem sem idade ou posição social. Eu apenas. Agora, é ele quem pega o atiçador e remexe as cinzas de modo a caírem como chuva através das grades. "Deus", diz a si mesmo, observando as cinzas caindo, "que sujeira!" Depois, acrescenta, lúgubre, mas com algum consolo: "A sra. Moffat virá limpar tudo." Imagino-me repetindo essa frase muitas vezes a mim mesmo, enquanto sigo a matraquear e a fazer estrépito pela estrada da vida, batendo ora de um ora do outro lado da carruagem. "Ah, sim, a sra. Moffat virá limpar tudo." E agora, para a cama.

— Num mundo que contém em si o momento presente — disse Neville —, por que fazer discriminações? Nada deveria ser nomeado, a não ser que, agindo assim, estejamos transformando alguma coisa. Deixemos que exista este banco, esta beleza e eu, por um instante, embebido em prazer. Arde o sol. Vejo o rio. Vejo árvores manchadas e crestadas pelo sol do outono. Barcos flutuam no verde, no vermelho. Longe, tange-se um sino, mas não é pelos mortos. Há sinos que ressoam por causa da vida. Uma folha cai de alegria. Ah, amo a vida! Vejam como o salgueiro lança para o ar seus finos ramos! Vejam como um barco passa por entre eles, repleto de rapazes indolentes, inconscientes, vigorosos. Ouvem um gramofone; comem frutas tiradas de sacos de papel. Jogando as cascas das bananas no rio, onde elas mergulham como enguias. Tudo o que fazem é belo.

Habitam ambientes enfeitados com bibelôs e coisas de porcelana barata; remos e gravuras coloridas enchem seus quartos; eles, porém, transformam tudo em beleza. Um barco passa sob a ponte. Outro se aproxima. E mais outro. Aquele lá é Percival, recostado nas almofadas, monolítico em seu repouso de gigante. Não, não é ele; trata-se apenas de um dos seus satélites, que tenta imitar-lhe o repouso monolítico de gigante. Ele permanece inconsciente desses truques; quando os surpreende assim, dá-lhes um tapinha bem-humorado com sua pata. Também eles passaram sob uma ponte, através "dos ramos das árvores que caem como a água das fontes", varando seus tênues jorros de amarelo e cor de ameixa. A brisa se levanta; a cortina freme; por trás da folhagem vejo os edifícios graves, embora eternamente alegres, porosos, desprovidos de peso, imemorialmente colocados sobre a turfa antiga. Agora, começa a surdir dentro de mim o ritmo familiar; palavras que jaziam adormecidas agora se erguem, agitam suas cristas, erguem-se e tombam, sem parar. Sou poeta. Certamente, sou um grande poeta. Barcos e jovens passando e árvores ao longe, e os ramos das árvores que caem como a água das fontes. Vejo tudo isto. Sinto tudo isto. Estou inspirado. Meus olhos enchem-se de lágrimas. Meu arrebatamento ferve. Espuma. Torna-se artificial, falso. Palavras, palavras e mais palavras galopando, agitando as longas crinas e caudas; por alguma falha minha, não consigo abandonar-me a seus dorsos, não consigo voar com elas por entre mulheres em fuga e suas sacolas derrubadas. Existe uma falha dentro de mim — uma hesitação fatal que, se a ultrapasso, se transforma em espuma e falsidade. É inacreditável, porém, que eu não seja um grande poeta. O que escrevi na noite passada não foi poesia? Escrevo com rapidez excessiva, demasiada facilidade? Não sei. Às vezes, não sei de mim mesmo, nem como medir ou nomear ou somar os fragmentos que me fazem tal como sou.

— Algo agora está saindo de mim; algo sai de mim, ao encontro de uma imagem que se aproxima, e me assegura que a conheço antes de ver quem é. Como, curiosamente, mudamos, quando se nos adiciona um amigo, ainda que a distância. Como desempenham de maneira útil seu ofício nossos amigos, ao se lembrarem de nós. Ainda assim, quão doloroso é ser lembrado, ser mitigado, ver-se adulterado, misturado, tornado parte de outrem. Quando ele se aproxima, não me torno eu mesmo, mas Neville misturado a alguém — quem? — Bernard? Sim, Bernard, é a Bernard que perguntarei: "Quem sou?"

— Que estranho parece o salgueiro quando o vemos juntos — disse Bernard. — Eu era Byron e a árvore era a árvore de Byron, lacrimosa, cascateante, cheia de lamentos. Agora que juntos contemplamos essa árvore, ela parece bem penteada, cada ramo separado do outro, e vou dizer-lhe o que sinto, sob a compulsão da claridade que emana de você.

— Sinto sua força, sinto que você me desaprova. Com você, torno-me um ser humano desordenado, impulsivo, cujo lenço colorido perpetuamente se mancha de gordura. Sim, tenho numa das mãos a *Elegia* de Gray; com a outra, apanho a torrada do fundo, a que absorveu toda a manteiga derretida e que gruda no prato. Isso ofende você; percebo agudamente seu desgosto. Inspirado por ele, ansioso por recuperar sua aprovação, conto-lhe que acabo de empurrar Percival para fora da cama; descrevo os chinelos dele, sua mesa, sua vela derretida; o tom rude de sua queixa quando puxo os lençóis de cima de seus pés, e ele se enrola como num casulo. Descrevo tudo isso de tal maneira que, concentrado como está em alguma tristeza particular (pois há um vulto embuçado a presidir nosso encontro), você cede, ri, delicia-se comigo. Meu encanto e a fluência de minha linguagem, inesperada e espontânea, também a mim me deliciam. Fico atônito quando afasto o véu das coisas com palavras, e constato o quanto mais, infinitamente mais, observei do que consigo dizer. Enquanto falo, as imagens não cessam de borbulhar dentro de mim. É disso que preciso, digo a mim mesmo. Por que não consigo concluir a carta que estou escrevendo? Pois em meu quarto há sempre cartas interrompidas. Quando me acho com você, começo a perceber que sou um dos homens de maior talento que conheço. Estou pleno do encanto da juventude, cheio de vigor, prevendo o meu futuro. Desajeitado, mas com todo fervor, vejo-me zumbindo em torno de flores de corola escarlate, fazendo com que as cavidades azuis ressoem ao ruído de meu voo. Como saborearei profusamente minha juventude (é você quem me faz sentir isso), e Londres, e a liberdade. Mas, espere. Você não me ouve. Faz um protesto enquanto desliza a mão pelo joelho num gesto inexpressivamente familiar. É através desses sinais que diagnosticamos as doenças de nossos amigos. Você parece dizer: "Não se distancie de mim com sua fluência e sua plenitude. Pare. Pergunte pelo meu sofrimento."

— Então, deixe-me criar você. (Pois você acaba de fazer isso por mim.) Você está deitado neste banco quente, neste adorável dia de outubro que se desvanece mas que ainda está claro, e observa os barcos flutuando um

depois do outro através dos ramos bem penteados do salgueiro. Quer ser poeta e quer ser amante. Contudo, a esplêndida luz de sua inteligência e a honestidade implacável de seu intelecto (devo-lhe estas palavras latinas; estas qualidades fazem com que me sinta um tanto inseguro e veja os remendos desbotados e as partes rotas de meus próprios recursos mentais) levam você a parar no meio do caminho. Você não tem indulgência para com nenhuma mistificação. Não se deixa envolver pela neblina das nuvens rosadas ou de ouro.

— Estou certo? Interpretei corretamente o pequeno gesto de sua mão esquerda? Se for assim, dê-me seus poemas; passe-me as folhas escritas na noite passada com tamanho fervor, com tanta inspiração, sua ou minha. Voltemos juntos pela ponte sob os olmos, ao meu quarto, onde, protegidos pelas paredes, as cortinas de sarja vermelha baixadas, poderemos afastar as vozes que nos distraem, os aromas e o sabor das tílias, e as vidas alheias; as jovens atrevidas fazendo compras com seus passinhos desdenhosos; as anciãs que se arrastam carregando embrulhos pesados; as furtivas visões de algum vulto vago que some — talvez Jinny, talvez Susan, ou Rhoda, desaparecendo na alameda? Por algum leve frêmito, mais uma vez adivinho suas emoções; escapo de você; afasto-me como um enxame de abelhas a vaguear interminavelmente, desprovido deste seu poder de se fixar implacavelmente num único objeto. Mas voltarei.

— Diante de edifícios como esses — disse Neville — não suporto mocinhas fazendo compras. Seus risos, seus mexericos me insultam; irrompem em meio à minha serenidade, perturbam meus momentos de pura exaltação, vêm lembrar-me como somos degradados.

— Mas agora, depois de passar entre as bicicletas e o aroma das tílias e os vultos evanescentes na rua distraída, recuperamos nosso território. Aqui, somos senhores da ordem e da tranquilidade; herdeiros de uma tradição altiva. As luzes começam a abrir fendas amarelas na praça. A neblina que sobe do rio enche esses lugares antigos, agarra-se docemente à pedra veneranda. As folhas adensam-se nas alamedas do campo, os carneiros tossem nas pastagens úmidas; mas aqui em seu quarto estamos bem abrigados. Falamos a sós. Move-se o fogo, canta, faz brilhar a maçaneta da porta.

— Você leu Byron. Sublinhou trechos que combinam com sua personalidade. Encontro marcas em todas as frases que parecem exprimir uma natureza irônica mas apaixonada, a impetuosidade de uma mariposa

que não se cansa de bater contra a vidraça rija. Quando você passou o lápis aqui, pensou: "Também eu tiro dessa maneira a minha capa. Também eu estalo os dedos na cara do destino." Contudo, Byron nunca preparou chá do mesmo modo que você, enchendo tanto o bule que, quando coloca a tampa, o chá transborda. Olhe a poça marrom na mesa — escorre entre seus livros e papéis. Agora, você a enxuga desajeitadamente com o lenço. Depois, enfia o lenço novamente no bolso — isto não é Byron, isto é você; isto é tão essencialmente você que, se eu pensar em você dentro de vinte anos, quando formos famosos, reumáticos e insuportáveis, será nesta cena; se você estiver morto, chorarei. Você já foi discípulo de Tolstói; agora, é discípulo de Byron; talvez um dia venha a sê-lo de Meredith; depois, visitará Paris, nas férias da Páscoa, e regressará usando uma gravata preta, como um detestável francês de que ninguém nunca ouviu falar. Então, eu o abandonarei.

— Sou apenas uma pessoa — eu mesmo. Não personifico Catulo, a quem adoro. Sou o mais escravo dos estudantes, munido de um dicionário, de um caderno em que anoto os modos mais curiosos de empregar o particípio passado. Mas não se pode passar a vida a raspar com um canivete essas velhas inscrições. Deverei sempre baixar a cortina de sarja vermelha e ver meu livro como um bloco de mármore pálido sob a lâmpada? Seria uma vida gloriosa, devotar-me à perfeição; seguir a curva da frase para onde quer que ela levasse, para desertos, ao longo de colinas de areia, sem me importar com miragens ou seduções; ser sempre pobre e mal-arrumado: ser ridículo em pleno Piccadilly.

— Mas estou nervoso demais para concluir adequadamente minha frase. Falo depressa, andando para lá e para cá, procurando dominar minha agitação. Odeio estes seus lenços cheios de gordura — você vai manchar seu exemplar do *Don Juan*. Você não está me ouvindo. Faz frases sobre Byron. E enquanto gesticula, com sua capa, sua bengala, tento expor um segredo que ainda não foi contado a ninguém; estou pedindo (parado, de costas para você) que tome minha vida em suas mãos e me diga se estou condenado a sempre causar repulsa naqueles a quem amo.

— Estou de costas para você, estou inquieto. Não, minhas mãos estão absolutamente serenas. Abro espaço na prateleira e coloco com precisão o *Don Juan*; pronto. Preferiria ser amado, preferiria ser famoso a perseguir a perfeição através das areias. Mas estarei condenado a provocar desgosto? Serei um poeta? Presumamos que sim. O desejo acumulado por trás de

meus lábios, frio como chumbo, caiu como uma bala: a coisa que imito nas mocinhas fazendo compras, nas mulheres, a pretensão, a vulgaridade da vida (pois amo tudo isso) atinge você quando lanço — apanhe-o! — meu poema.

— Ele disparou do quarto como uma flecha — disse Bernard. — Deixou-me um poema. Ah, amizade, também comprimirei flores entre as páginas dos sonetos de Shakespeare! Ah, amizade, como são agudos teus dardos — ali, ali, mais uma vez ali. Ele me olhou, voltou-se para me fitar; e deu-me seu poema. Todos os nevoeiros erguem-se em espirais do telhado do meu ser. Guardarei esse segredo até o dia da minha morte. Como uma comprida onda, um rolo de águas pesadas, ele passou sobre mim sua presença devastadora — abrindo-me ao meio, expondo os pedregulhos da praia de minha alma. Foi humilhante; transformei-me em cascalho. Todas as minhas semelhanças foram aniquiladas. "Você não é Byron; você é você mesmo." Ser contraído num único ser por outra pessoa — que coisa estranha!

— Como é estranho sentir a linha tecida partindo de nós, alongando seus finos filamentos através dos espaços enevoados do mundo que se interpõe. Ele se foi; fico aqui, parado, segurando seu poema: entre nós, este fio. Agora, porém, como é confortável, como tranquiliza, sentir que se afastou a presença alheia, o sombrio, embuçado escrutinador! Como gratifica abrir as cortinas e não admitir nenhuma outra presença; sentir que, dos recantos escuros em que se refugiaram, voltam aqueles habitantes pálidos, familiares, que ele, com sua força maior, obrigou a se esconderem. Os espíritos irônicos e observadores que, mesmo na crise e na punhalada do momento, contemplavam minha postura agora regressam a casa. Somando-me a eles, sou Bernard, sou Byron, sou isto e aquilo. Eles enchem o ar e me enriquecem, antigos, com seus trejeitos, seus comentários; anuviam a sutil simplicidade do momento de minha emoção. Pois possuo mais eus do que Neville pensa. Não somos simples como nossos amigos gostariam que fôssemos para irmos ao encontro de suas necessidades. Ainda assim, porém, o amor é simples.

— Agora, voltaram meus habitantes, meus familiares. Agora, a estocada, a fissura nas minhas defesas, que Neville abriu com sua espada espantosamente fina, foram reparadas. Estou quase inteiro outra vez; vejam como rejubilo, trazendo à cena tudo aquilo que Neville ignora em mim. Olhando pela janela, abrindo as cortinas, sinto: "Isso, que não lhe

daria prazer, me alegra.” (Usamos nossos amigos para medirmos nossa própria estatura.) Meu espaço abrange aquilo que Neville jamais alcançará. Na estrada gritam canções de caça. Celebram alguma corrida com os cães. Os meninos de barrete, que sempre se viravam ao mesmo tempo quando a carruagem dobrava a esquina, dão palmadinhas uns nos ombros dos outros, contando vantagem. Mas Neville, delicadamente evitando interferências, volta depressa ao seu quarto, furtivo como um conspirador. Vejo-o cair em sua poltrona baixa, olhando fixamente o fogo, que, por um momento, assume solidez arquitetônica. Se a vida pudesse ter essa permanência, pensa, se a vida pudesse ter essa ordem — pois acima de tudo ele deseja ordem, e detesta meu desmazelo byroniano; e assim, puxa sua cortina, tranca sua porta. Seus olhos (pois está apaixonado; a sinistra figura do amor presidia nosso encontro) enchem-se de nostalgia, enchem-se de lágrimas. Ele maneja o atiçador e num golpe destrói a momentânea aparência de solidez dos carvões esbraseados. Tudo se transmuda. A juventude, o amor. O barco flutuou por entre o arco dos salgueiros e agora está debaixo da ponte. Percival, Tony, Archie, ou algum outro, irão para a Índia. Não nos encontraremos mais. Depois, Neville estende a mão para seu caderno — um belo volume encadernado em papel jaspeado — e escreve febrilmente longos versos, à maneira daquele a quem no momento mais admira.

— Mas quero ficar ocioso; debruçar-me à janela; escutar. Lá vem de novo o coro jovial. Agora, estão quebrando louça — trata-se de algo também já convencionado. Como uma torrente saltando pedras, brutalmente arrostando velhas árvores, jorra o coro com esplêndido abandono sobre precipícios. Rolam adiante: galopam; atrás de cães, atrás de bolas de futebol; pulam para cima e para baixo, agarrados a remos como sacos de farinha. Todas as divisões estão amalgamadas — agem como um só homem. O tempestuoso vento de outubro sopra o vozerio pelo pátio em golpes alternados de som e silêncio. Agora, estão novamente quebrando louça: assim foi convencionado. Uma mulher velha e insegura, carregando uma mala, trota para casa sob as janelas incandescentes. Tem receio de que caiam sobre ela e a empurrem para a sarjeta. Contudo, para, como se quisesse aquecer as mãos nodosas, reumáticas, no fogo que fulgura em torrentes de fagulhas e pedaços de papel esvoaçantes. A velha para mais uma vez, junto da janela acesa. Contraste que vejo e Neville não vê; que sinto e Neville não sente. Mas ele alcançará a perfeição, eu

fracassarei e não deixarei nada atrás de mim senão frases imperfeitas, cobertas de areia.

— Agora, penso em Louis. Que luz maligna, e ainda assim perquiridora, Louis lançaria sobre esta noite de outono que fenece, sobre este quebrar de lanças e o vigor destas canções, sobre Neville e Byron e nossa vida aqui? Seus lábios finos estão um tanto repuxados; suas faces, pálidas; lê atentamente algum obscuro documento comercial num escritório. "Meu pai é banqueiro em Brisbane" — envergonhado, frustrado, fala sempre nele. Assim fica sentado em seu escritório, Louis, o melhor aluno do colégio. Contudo, procurando contrastes, muitas vezes sinto o olhar dele sobre nós, o olhar risonho, selvagem, adicionando-nos como parcelas insignificantes numa grande soma que ele calcula eternamente em seu escritório. E um dia, tomando de uma pena fina, molhando-a em tinta vermelha, a soma estará completa; nosso total será conhecido. Será insuficiente, porém.

— Bang! Jogaram uma cadeira contra a parede. Que o diabo os carregue. Meu caso também é duvidoso. Não me estarei entregando com complacência a emoções imperdoáveis? Sim, debruçando-me à janela, jogando fora meu cigarro de modo que rodopie levemente até o chão, sinto Louis observar até mesmo meu cigarro. E Louis diz: "Isso significa alguma coisa. Mas, o quê?"

— Há sempre gente passando — disse Louis. — Passam incessantemente pela vitrina do restaurante. Motocicletas, furgões, ônibus; novamente ônibus, furgões, motocicletas — passam pela vitrina. Percebo ao fundo lojas e casas; também as flechas cinzentas de uma igreja da cidade. À frente, em primeiro plano, estão as prateleiras de vidro com pratos de doces e sanduíches de presunto. Tudo está um tanto obscurecido pelo vapor de um bule de chá. Um odor substancial e insosso de carne de boi e carneiro, de salsichas e guisado baixa como uma rede úmida no meio do restaurante. Encosto meu livro num frasco de molho Worcester, e tento parecer com os outros.

— Não consigo. (Eles passam e passam, numa procissão desordenada.) Não consigo ler meu livro, nem encomendar minha carne com convicção. Repito: "Sou um inglês comum; sou um funcionário de escritório comum", mas olho os homens humildes na mesa ao lado para ter certeza de estar agindo como eles. Rostos flexíveis, com peles enrugadas sempre remexendo-se de acordo com a multiplicidade de suas sensações, agarram

coisas como macacos, submissos a esse momento particular, discutem, com todos os gestos adequados, a venda de um piano de armário. Este bloqueia a entrada, de modo que o homem aceitaria mesmo uma nota de dez libras. As pessoas continuam passando; passam diante das flechas da igreja e dos pratos de sanduíches de presunto. O curso da minha consciência vacila e é perpetuamente rompido e confundido pela sua desordem. Por isso não posso concentrar-me em meu jantar. "Eu aceitaria uma nota de dez. O armário é bonito, mas bloqueia a entrada." Eles mergulham e especulam como aves aquáticas com penas escorregadias de óleo. Todo excesso além dessa norma de conduta é futilidade. Este é o meio-termo, a média. Entrementes os chapéus se inclinam e se erguem; a porta abre e fecha perpetuamente. Tenho consciência do fluxo, da desordem; da aniquilação e desespero. Se isso for tudo, não vale nada. Mas também sinto o ritmo do restaurante. É como o som de uma valsa, turbilhonando, a girar, girar. As garçonetes, balançando bandejas, giram e regiram, entregando pratos de salada, abricós e pudins, entregando-os na hora certa ao freguês certo. Os homens comuns, inserindo o ritmo dessa vida no seu próprio ritmo ("Eu aceitaria uma nota de dez libras, pois ele bloqueia a entrada"), pegam suas saladas, pegam seus abricós e pudins. Onde está a fratura nessa continuidade? Qual a fissura pela qual vemos a desgraça? O círculo está fechado; a harmonia, completa. Aqui, está o ritmo central; aqui, a mola principal. Observo como se expande, como se contrai; depois, expande-se novamente. Mas estou excluído. Se falo, imitando o sotaque deles, aguçam os ouvidos, esperando que eu fale outra vez para poderem me situar — se venho do Canadá ou da Austrália, eu, que acima de tudo desejo ser tomado nos braços com amor, sou estrangeiro, de fora. Eu, que desejo sentir sobre mim, próximas, as protetoras ondas da vida comum, olho com o rabo do olho algum horizonte longínquo; tenho consciência de chapéus que se inclinam e se erguem em perpétua desordem. A mim se dirige o lamento do espírito errante e angustiado (uma mulher com dentes podres hesita no balcão): "Leve-nos de volta ao aprisco, nós, que passamos tão dispersos, nos inclinando e nos erguendo ao longo de vitrinas com pratos de sanduíches de presunto em primeiro plano." Sim, vou trazê-los à ordem.

— Lerei no livro apoiado no frasco de molho Worcester. Ele contém alguns volteios bem forjados, algumas afirmações perfeitas, umas poucas palavras, mas poesia. Vocês, todos vocês, a ignoram. Esqueceram o que

disse o poeta morto. Não posso traduzi-lo de modo que seu poder persuasivo os prenda e lhes mostre claramente como são indecisos; como seu ritmo é vulgar, valendo nada; e assim remova essa degradação que pervade vocês quando inconscientes de sua própria incerteza, tornando-os senis em plena juventude. Meu empenho será traduzir o poema de modo que seja lido facilmente. Eu, companheiro de Platão, de Virgílio, baterei na porta de carvalho. Oponho ao que passa esse soquete de aço batido. Não me submeterei a esse inútil desfile de chapéus-coco e chapéus de feltro e de todos os variados e emplumados adornos de cabeças femininas. (Susan, a quem respeito, usaria um simples chapéu de palha num dia de verão.) E o pó e o vapor que escorre em gotas desiguais pela vidraça; e as bruscas paradas e partidas dos ônibus; e as hesitações nos balcões; e as palavras que vagueiam lugubremente sem significado humano; e as trarei à ordem.

— Minhas raízes descem por veias de chumbo e prata, por lugares úmidos e podres que exalam miasmas, até um nó central feito de raízes de carvalho. Cego e fechado, com os ouvidos tapados por terra, ainda assim escutei rumores de guerras; e o rouxinol; senti a correria de muitas tropas reunindo-se aqui e ali em busca da civilização, como bandos de pássaros migradores à procura do verão; vi mulheres carregando cântaros vermelhos junto ao Nilo. Acordei em um jardim com um toque na nuca, um beijo ardente, o de Jinny; lembro tudo isso como se lembram chamados confusos e pilares derrubados e feixes de luzes vermelhas e negras em alguma conflagração noturna. Estou dormindo e despertando eternamente. Agora, durmo; logo, desperto. Vejo o samovar reluzir; as prateleiras de vidro cheias de sanduíches de um amarelo-pálido; os homens com casacos redondos aboletados em banquetas no balcão; e também, atrás deles, a eternidade. É um estigma marcado com um ferro em brasa na minha carne fremente por um homem embuçado. Vejo esse restaurante contra asas de pássaros do passado, unidas e esvoaçantes, muitas emplumadas, dobradas. Por isso meus lábios repuxados, minha palidez doentia; meu aspecto repugnante e desagradável quando, com ódio e amargor, volto meu rosto para Bernard e Neville, que passeiam debaixo de teixos; que herdam poltronas; e cerram suas cortinas, de modo que a luz da lâmpada caia sobre seus livros.

— Respeito Susan, porque ela fica sentada, bordando. Cose debaixo de uma lâmpada tranquila, em uma casa onde o trigo suspira perto da janela, e me dá segurança. Pois sou o mais fraco e mais jovem de todos eles. Sou

uma criança olhando a seus pés as pequenas estrias de água que a chuva deixou no chão. Digo: “Isto é um caracol; isto é uma folha.” Encanto-me com os caracóis; encanto-me com a folha. Sou sempre o mais novo, o mais inocente, o mais confiante. Todos vocês estão protegidos. Eu estou nu. Enquanto a garçonete com uma coroa de tranças na cabeça passa oscilando, entrega-lhes abricós e pudins, sem hesitar, como uma irmã. Vocês são irmãos dela.

— Mas quando me levanto, limpando com a mão as migalhas do meu colete, enfio uma gorjeta excessiva, um xelim, debaixo do meu prato, de modo que ela talvez só o encontre quando eu tiver partido, e sua zombaria ao pegá-la entre risadas talvez não me atinja antes de eu ter passado pela porta giratória.

— Agora, o vento ergue as persianas — disse Susan. — Jarras, vasos, esteiras e a poltrona com um buraco tornam-se nítidos. As listas desbotadas de sempre riscam o papel de parede. O coro dos pássaros silenciou, agora apenas um pássaro canta junto à janela do quarto. Vou colocar minhas meias e passar discretamente pelas portas dos quartos, e descer à cozinha, sair para o jardim, passar pela estufa e ir até o campo. Ainda é bastante cedo. O nevoeiro paira sobre os charcos. O dia está hirto e rígido como uma mortalha de linho. Mas vai abrandar; esquentar. A essa hora, tão cedo, penso que sou o campo, que sou o celeiro, que sou as árvores; são meus os bandos de pássaros e esta lebre nova que salta no último instante, quando quase piso nela. Meus são a garça que estende preguiçosamente suas grandes pernas; a vaca que muge ao empurrar uma pata para diante da outra, mascando; a andorinha intrépida que despenca do céu; o leve rubor do céu, e o verde em que esse rubor se desvanece; o silêncio e o sino; o grito do homem que traz do campo os cavalos e a carreta — tudo é meu.

— Não posso ser dividida ou apartada. Mandaram-me para a escola; enviaram-me à Suíça para concluir meus estudos. Odeio linóleo; odeio pinheiros e montanhas. Deixem que agora eu me jogue nesse chão plano, debaixo de um céu pálido onde as nuvens andam lentas. A carreta vai aumentando à medida que vem pela estrada. Os carneiros juntam-se no meio do campo. As aves juntam-se no meio da estrada — ainda não precisam voar. Ergue-se fumaça da madeira queimada. A rigidez da

madrugada diminui. O dia se põe em movimento. A cor retorna. O dia ondula amarelo em todos os trigais. A terra pesa debaixo de mim.

— Mas quem sou eu, recostada neste portão a observar meu *setter* que fareja em torno? Às vezes penso (ainda não tenho vinte anos) que não sou uma mulher, mas a luz que cai neste portão, neste solo. Sou as estações, penso às vezes, janeiro, maio, novembro, a lama, a neblina, a madrugada. Não posso agitar-me nem esvoaçar docemente, nem misturar-me com outras pessoas. Mas agora, recostada neste portão até o ferro deixar marcas nos meus braços, sinto o peso que se formou dentro de mim. Algo foi se formando na escola, na Suíça, algo duro. Nem suspiros nem risos; nem volteios nem frases engenhosas; nem as estranhas comunicações de Rhoda, quando olha além de nós, sobre nossos ombros; nem as piruetas de Jinny, membros e corpo uma coisa só. O que sou é peso. Não posso esvoaçar docemente, misturando-me com outras pessoas. Prefiro o olhar fixo dos pastores na estrada; o olhar da cigana ao lado de uma carroça na valeta, amamentando os filhos como amamentarei os meus. Pois logo, ao ardente meio-dia, quando as abelhas zumbirem em torno das malvas-rosa, meu amado virá. Estará sob o cedro. A uma única palavra sua responderei com minha única palavra. Darei a ele o que se formou dentro de mim. Terei filhos, terei criadas de avental, empregados com forcado, uma cozinha para onde trazem os cordeirinhos novos a fim de se aquecerem em cestos, onde pedem presuntos e as cebolas rebrilham. Serei como minha mãe, silenciosa, de avental azul, passando a chave nos armários.

— Agora, tenho fome. Chamarei meu *setter*. Penso em bolos e pão e manteiga e alvos pratos em um aposento ensolarado. Voltarei pelos campos. Caminharei por essa trilha de relva com passos firmes, iguais, ora desviando-me de uma poça de lama, ora saltando leve por um montículo. Gotas de umidade formam-se em minha saia de tecido áspero; meus sapatos ficam ensopados e escuros. A rigidez do dia se desfez; está sombreado de cinza, verde e ferrugem. Os pássaros já não pousam na estrada.

— Volto, como um gato ou raposa volta, o pelo cinza de geada, as patas endurecidas pela lama espessa. Passo entre os repolhos, fazendo suas folhas ranger e as gotas tombar. Sento-me, aguardando os passos de meu pai, enquanto ele anda arrastado pela vereda, beliscando alguma erva entre os dedos. Encho xícara após xícara, enquanto as flores fechadas se mantêm

eretas sobre a mesa entre potes de geleia, fatias de pão e manteiga. Ficamos calados.

— Depois vou até o armário e apanho os úmidos sacos de ricas passas de uva; coloco a pesada farinha na mesa da cozinha, escovada e limpa. Amasso; estendo; empurro, metendo as mãos nas mornas entranhas da massa. Deixo a água fria correr em leque entre meus dedos. O fogo chia; as moscas zumbem em círculos. Minhas passas de Corinto e meu arroz, e os sacos prateados e azuis estão novamente trancados no armário. A carne está no forno; o pão alteia-se em uma cúpula suave debaixo da toalha limpa. À tarde, passeio até o rio. O mundo inteiro está germinando. As moscas voam de planta em planta. As flores estão inchadas de pólen. Os cisnes sobem ordenadamente o rio. As nuvens, agora cálidas, manchadas de sol, deslizam sobre as colinas, depondo ouro nas águas, ouro no pescoço dos cisnes. Empurrando um pé diante do outro, as vacas abrem seu caminho pelo campo, mascando. Apalpo a relva, procurando os cogumelos de copas brancas; quebro seu caule e apanho a orquídea roxa que cresce ao lado, e a coloco junto do cogumelo, com terra na raiz, e volto para casa a fim de ferver a água do bule para meu pai, entre as rosas que acabam de se avermelhar sobre a mesa de chá.

— Mas a noite baixa e acendem-se as lâmpadas. E, quando a noite baixa e acendem-se as lâmpadas, estas projetam na hera um reflexo amarelo. Sento-me junto à mesa com minha costura. Penso em Jinny; em Rhoda; ouço o matraquear de rodas no calçamento, quando os cavalos da fazenda voltam para casa; ouço tráfego bramindo no vento noturno. Olho as folhas trêmulas no jardim escuro, e penso: "Estão dançando em Londres. Jinny beija Louis."

— Que estranho que as pessoas durmam — disse Jinny —, que as pessoas apaguem as luzes e subam as escadas. Tiraram suas roupas, colocaram camisolas brancas. Não há luzes em nenhuma dessas casas. Há uma linha de chaminés contra o céu; e um lampião de rua ou dois, acesos como lâmpadas que ardem quando ninguém precisa delas. As únicas pessoas na rua são os pobres, andando apressados. Ninguém vai nem vem nesta rua; o dia terminou. Alguns policiais estão postados nas esquinas. No entanto, a noite ainda está começando. Sinto-me reluzir na treva. Há sedas no meu joelho. Minhas pernas de seda esfregam-se docemente uma na outra. As pedras de um colar jazem frias na minha garganta. Meus pés sentem o aperto dos sapatos. Sento-me ereta para que meu cabelo não

toque o encosto da cadeira. Estou vestida, estou preparada. Esta é a pausa de um momento; o momento sombrio. Os violinistas ergueram seus arcos.

— Agora, o carro desliza até estacionar. Uma faixa do calçamento se ilumina. A porta abre e fecha. Pessoas chegam; não falam; entram precipitadamente. Há o som farfalhante de capas caindo no vestíbulo. Este é o prelúdio, este é o começo. Olho, espio, passo pó de arroz. Tudo exato, preparado. Meu cabelo tem a curva de que precisava. Meus lábios têm o exato tom de vermelho. Estou pronta a me juntar a homens e mulheres na escada, meus pares. Passo por eles, exposta ao seu olhar, assim como estão exposto ao meu. Olhamos como relâmpagos, mas não nos abrandamos nem damos demonstrações de reconhecimento. Nossos corpos se comunicam. Este é o meu chamado. Este é o meu mundo. Tudo está pronto e decidido; os criados, postados aqui e ali, recebem meu nome, meu nome recente e desconhecido, e lançam-no adiante de mim. Entro.

— Há cadeiras douradas nos aposentos vazios e expectantes, flores, mais silenciosas, mais imponentes, depois flores que crescem, espalhando verde, espalhando branco diante das paredes. E em uma mesa pequena há um livro encadernado. Foi isto que sonhei; foi isto que previ. Este é o meu lugar. Passo com naturalidade sobre grossos tapetes. Deslizo com facilidade sobre assoalhos suaves e polidos; começo, nesse aroma, nessa luminosidade, a me desenrolar, como uma samambaia ao desdobrar suas folhas. Paro. Avalio o mundo. Olho grupos de pessoas desconhecidas. Entre resplandecentes mulheres verdes, rosa, cinza-pérola, distinguem-se os corpos eretos dos homens. São brancos e negros; estão encaixados em suas roupas com profundas ranhuras. Sinto novamente o reflexo na janela do túnel; ele se move. As figuras brancas e negras dos homens desconhecidos me fitam quando me inclino para diante; quando me viro para o lado para olhar o quadro, também se viram. Suas mãos agitadas sobem até as gravatas. Tocam seus coletes, seus lenços de bolso. São muito jovens. Estão ansiosos por causar boa impressão. Sinto mil capacidades brotarem em mim. Ora sou brejeira, alegre, lânguida, ora melancólica. Tenho raízes, mas sou fluida. Toda dourada, fluindo, digo a um: “Venha.” Em ondulações negras, digo a outro: “Não.” Um deles sai de seu lugar debaixo do armário de vidro. Aproxima-se. Vem em minha direção. Este é o momento mais excitante que jamais vivi. Adejo. Ondulo. Flutuo como planta no rio, deslizando para um lado, para outro, mas enraizada, de modo que ele possa aproximar-se de mim. “Venha”, digo,

“venha.” Pálido, cabelos escuros, o que se aproxima é melancólico, romântico. Sou brejeira e fluida e caprichosa, pois ele é melancólico, romântico. Está aqui, a meu lado.

— Com um pequeno movimento, como marisco solto de uma rocha, também me solto; caio com ele; sou arrebatada. Entregamo-nos a essa lenta correnteza. Entramos e saímos dessa música hesitante. Rochedos interrompem a torrente da dança; ela vibra, treme. Somos agora carregados para dentro e para fora dessa grande figura; ela nos mantém unidos; não podemos dar um passo para fora de suas paredes sinuosas, hesitantes, ab-ruptas, num círculo perfeito. Nossos corpos, fluido o meu, rígido o dele, são pressionados um contra o outro, dentro do corpo dessa figura; ela nos mantém unidos; depois, espraiando-se em dobras macias e sinuosas, vai-nos enrolando dentro de si, mais e mais. Subitamente, a música se interrompe. Meu sangue corre, mas meu corpo para. O aposento oscila a meus olhos. Imobiliza-se.

— Venha, vamos rodopiar até as cadeiras douradas. O corpo é mais forte do que eu pensava. Estou mais tonta do que supunha. Não me importo com nada neste mundo. Não me importo com ninguém, exceto este homem cujo nome não sei. Lua, não somos agradáveis? Não somos adoráveis sentados aqui juntos, eu com meu cetim, ele de branco e negro? Agora meus fidalgos podem olhar para mim. Devolvo firmemente vosso olhar, homens e mulheres. Sou uma de vós. Este é o meu mundo. Pego este cálice de caule fino e bebo. O vinho tem um sabor drástico e adstringente. Não posso evitar um tremor quando bebo. Aroma e flores, brilho e calor são aqui destilados em um líquido amarelo e abrasador. Bem atrás de minhas omoplatas, alguma coisa seca, com grandes olhos, cerra-se docemente, aos poucos embala-se para dormir. Isto é êxtase; isto é alívio. O nó na minha garganta vai diminuindo. Palavras juntam-se, grudam-se, atropelam-se umas por cima das outras. Não importa quais sejam. Empurram-se e trepam umas nos ombros das outras. As isoladas, as solitárias acasalam-se, cambaleiam, multiplicam-se. Não importa o que digo. Como um pássaro a esvoaçar, uma frase cruza o espaço vazio entre nós. Pousa nos lábios dele. Encho novamente meu cálice. Bebi. Caem os véus que nos separam. Sou admitida no calor e na intimidade de outra alma. Estamos juntos, bem no alto, em algum passo dos Alpes. Ele se posta melancolicamente no cimo da estrada. Abaixo-me. Apanho uma flor azul e, parada na ponta dos pés

para alcançá-lo, prendo-a em seu casaco. Aí está! Este é o meu momento de êxtase. Agora, passou.

— Somos invadidos pelo desânimo e pela indiferença. Outras pessoas passam. Perdemos consciência dos nossos corpos unidos debaixo da mesa. Também gosto de homens louros de olhos azuis. A porta se abre. A porta continua a se abrir. Da próxima vez que abrir, penso, toda a minha vida vai mudar. Quem chega? Mas é apenas uma criada que traz cálices. Ali há um ancião — devo ser uma criança para ele. Ali, uma grande dama — diante dela, eu seria ignorada. Há moças da minha idade, pelas quais sinto desembainhadas as espadas de uma venerável hostilidade. Pois estes são meus fidalgos. Sou nativa deste mundo. Aqui está meu risco, aqui está minha aventura. A porta se abre. Oh, venha, digo a este homem, com ondulações douradas da cabeça aos pés. "Venha." E ele vem em minha direção.

— Vou insinuar-me por trás deles — disse Rhoda —, como se tivesse visto alguém que conheço. Mas não conheço ninguém. Vou entreabrir a cortina e olhar a lua. Poções de esquecimento aplacam minha agitação. A porta abre-se; o tigre salta. A porta abre-se; o terror entra; terror e mais terror, perseguindo-me. Quero visitar furtivamente os tesouros que separei. Há tanques de água do outro lado do mundo, refletindo colunas de mármore. A andorinha mergulha sua asa em águas escuras. Mas aqui a porta se abre e pessoas entram; vêm em minha direção. Agarram-me com frágeis sorrisos que mascaram sua crueldade, sua indiferença. A andorinha molha suas asas; solitária, a lua percorre mares azuis. Tenho de pegar a mão dele; preciso responder. Mas que resposta dar? Impelida para trás, posto-me esbraseada neste corpo desajeitado e enfermiço, para receber os golpes da indiferença e do escárnio dele, eu que anseio por colunas de mármore e tanques de água do outro lado do mundo, onde a andorinha molha suas asas.

— A noite rolou mais um pouco por sobre as chaminés. Pela janela, sobre o ombro dele, vejo um gato desenvolto, não mergulhado na luz, não envolvido em sedas, livre para parar, esticar o corpo, mover-se novamente. Odeio todos os detalhes da vida individual. Mas aqui sou obrigada a escutar. Um enorme peso me oprime. Não posso mover-me sem desalojar o peso de séculos. Um milhão de flechas me trespassam. Escárnio e ridículo me atingem. Eu, que poderia expor meu peito à tempestade e alegremente deixar o granizo me sufocar, estou transfixada neste lugar;

estou exposta. O tigre salta. Línguas me chicoteiam. Movediças, incessantes, adejam sobre mim. Preciso tergiversar e afastá-las com mentiras. Que amuleto existe contra essa desgraça? Que face posso evocar, fonte de frescor nesta fornalha? Penso em nomes lidos nas etiquetas das malas; mães por cujos joelhos alvos descem saias; clareiras para onde descem colinas escarpadas. Escondam-me, grito, protejam-me, pois sou a mais jovem, a mais nua de todos. Jinny se desenvolve como uma gaivota sobre a onda, dirigindo habilmente seus olhares para cá e para lá dizendo isto, dizendo aquilo, com sinceridade. Mas eu, eu minto; eu tergiverso.

— Sozinha, balanço minhas bacias; sou senhora de minha frota. Aqui, porém, a torcer as borlas da cortina de brocado da janela de minha anfitriã, sinto-me esquartejada; já não sou uma. Qual será o conhecimento que Jinny tem enquanto dança; a certeza que Susan tem enquanto, calmamente, à luz da lâmpada, passa linha branca pelo fundo da agulha? Elas dizem: "sim"; elas dizem: "não"; baixam seus punhos, golpeando a mesa. Eu, porém, duvido; tremo; vejo o espinheiro selvagem sacudir sua sombra no deserto.

— Agora, caminharei como se tivesse um fim em vista, atravessarei o quarto, até a sacada coberta pelo toldo. Vejo o céu, suavemente adornado pelo súbito fulgor da lua. Também vejo as amuradas da praça, e duas pessoas sem rostos, recostadas como estátuas contra o céu. Existe então um mundo imune às transformações. Quando eu tiver passado por essa sala com línguas que adejam, cortando-me como facas, fazendo-me gaguejar, fazendo-me mentir, encontrarei rostos sem feições, a que roubaram a beleza. Os amantes agacham-se sob o plátano. O policial está de sentinela na esquina. Um homem passa. Existe então um mundo imune às transformações. Todavia, parada na ponta dos pés à beira do fogo, ainda chamuscada pelo sopro ardente, com medo da porta que se abre e do salto do tigre, não estou suficientemente serena para poder formar uma só frase. O que digo é perfeitamente contestado. A cada vez que a porta se abre, sou interrompida. Ainda não tenho 21 anos. Serei aniquilada. Vão rir de mim por toda minha vida. Como uma rolha em mar revolto, serei jogada para cima e para baixo, entre esses homens e mulheres com rostos repuxados, línguas mentirosas. A cada vez que a porta se abre, adejo longe, como um talo de erva. Sou a espuma que varre e enche de brancura as fendas mais remotas das rochas; sou também uma jovem, aqui nesta sala.

O sol, alto, não mais recostado no colchão verde, a lançar raios vacilantes, através de joias liquefeitas, expôs seu rosto e olhou direto por sobre as ondas. Elas caíam com um baque surdo e regular. Caíam com uma concussão de patas de cavalos sobre turfa. Seus respingos erguiam-se como o arremesso de lanças e azagaias sobre as cabeças dos cavaleiros. Varriam a praia com suas águas azul-metálicas salpicadas de diamantes. Entravam e saíam com a energia e a musculosidade de uma máquina que impulsiona sua força para dentro e para fora. O sol incidiu em trigais e florestas. Rios tornaram-se azuis e franzidos; relvados que descem até a beira da água ficaram verdes como penas de pássaros que eriçam docemente sua plumagem. Arqueadas e serenas, as colinas pareciam contidas por rédeas, como um membro amarrado em seus músculos; e os bosques, que altivos se encrespam em seus flancos, eram como a crina áspera e tosquiada do pescoço de um cavalo.

No jardim, onde as árvores se adensavam sobre canteiros de flores, poças de água e estufas, os pássaros cantavam, separadamente, ao cálido brilho do sol. Um cantava debaixo da janela do quarto de dormir; outro, no raminho mais alto do arbusto de lilases; outro, na quina do muro. Cada um cantava com estridência, com paixão, com veemência, como a deixar o canto rebentar, não importando se fragmentasse o canto de outro pássaro numa áspera dissonância. Seus olhos redondos exorbitavam de tanta luz; suas patas seguravam os ramos ou cercas. Cantavam expostos, desabrigados, ao ar e ao sol, belos em sua plumagem nova, nacarada ou com manchas vivas, aqui com listras de suave azul, ali com nódoas de ouro, ou com a faixa de uma só pena clara. Cantavam como se o canto fosse instantemente solicitado pela manhã. Cantavam como se a franja do ser estivesse afiada e precisasse cortar, fender a suavidade da luz azul-esverdeada, a umidade da terra encharcada; os vapores e as fumaças das gordurosas exalações da cozinha; o bafo ardente de carne de carneiro e vaca; a riqueza das pastelarias e frutas; as cascas úmidas jogadas no lixo da cozinha, soltando um lento vapor no montículo escorregadio. E desciam ab-ruptos, implacáveis, com seus bicos aguçados, sobre aquela coisa encharcada, manchada de umidade, retorcida. Voavam subitamente dos lilases ou da cerca. Bicavam um caracol e batiam a concha contra uma pedra. Batiam furiosamente, metodicamente, até a casca se partir e alguma coisa, limosa, escorregar da fenda. Ascendiam e planavam muito

alto, emitindo notas breves e agudas, pousando nos ramos mais altos de alguma árvore, baixando o olhar sobre as folhas e os pináculos abaixo, e o campo alvo de flores, com sua relva fluida, e o mar que batia como um tambor a chamar um regimento de soldados com suas plumas e turbantes. Vez por outra seus cantos se entrechocavam em rápidas escalas como os entrelaçamentos de uma torrente de montanhas, cujas águas, encontrando-se, espumam, depois se misturam, e disparam mais e mais depressa pelo mesmo canal, roçando as mesmas largas folhas. Mas há uma pedra, e elas se dividem.

O sol entrou no aposento, em cunhas agudas. O que quer que a luz tocasse assumia uma intensa existência. Um prato era como um alvo lago. Uma faca parecia um punhal de gelo. Subitamente, maçanetas revelavam-se, apoiadas em faixas de luz. Mesas e cadeiras emergiam à *superfície, como se tivessem estado mergulhadas debaixo da água e agora se erguessem veladas de vermelho, laranja e violeta, parecendo a aveludada superfície da casca de um fruto maduro. As veias do verniz da porcelana, os nós da madeira, as fibras dos tapetes pareciam mais finamente gravados. Nada tinha sombras. Uma jarra era tão verde que o olho parecia sugado através de um funil por sua intensidade, agarrando-se nela como um marisco. Depois as formas assumiam volume e contorno. Lá estava o ornamento de uma cadeira; ali, o volume de um armário. E, à medida que a luz crescia, flocos de sombras iam sendo expulsos, para diante dela, aglomerando-se e pendendo em muitas dobras ao fundo.*

— Que belo! que estranho! — disse Bernard — Londres a jazer diante de mim sob o nevoeiro, cintilante, com tantas pontas e cúpulas. Guardada por gasômetros, por chaminés de fábricas, jaz adormecida quando nos aproximamos. Segura o formigueiro contra o peito. Todos os gritos, todos os clamores estão docemente envoltos em silêncio. Nem a própria Roma parece mais majestosa. Mas nos projetamos contra ela: sua sonolência maternal torna-se insegura. Cumeeiras de casas erguem-se no nevoeiro. Despontam fábricas, catedrais, cúpulas de vidro, instituições e teatros. O primeiro trem do Norte arremessa-se para ela como um míssil. Ao passar, puxamos uma cortina. Rostos pasmos e expectantes fitam-nos ao dispararmos pelas estações. Ao serem varridos pelo nosso vento, homens agarram seus jornais um pouco mais firmemente, e meditam na morte. Mas seguimos trovejando. Estamos prestes a explodir pelos flancos da

cidade, como uma granada no peito de algum animal pesado, maternal, majestático. Ela rosna e murmura; aguarda-nos.

— Enquanto isso, estou parado a olhar pela janela do trem, sentindo, estranhamente, persuasivamente, que, por causa da minha grande felicidade (estar noivo), me torno parte dessa velocidade, desse míssil disparado contra a cidade. Tendo tolerância e aquiescência. Meu caro senhor, diria eu, por que se mexe, pegando a maleta e comprimindo nela o barrete que usou a noite toda? Nada do que fizermos terá utilidade. Uma esplêndida unanimidade se forma sobre todos nós. Aumentados e solenes, somos empurrados numa uniformidade como que debaixo da asa cinzenta de algum ganso gigantesco (uma bela manhã mas sem cor), porque temos um só desejo — chegar à estação. Não quero que o trem pare com um baque surdo. Não quero que se rompa o vínculo que nos ligou a noite toda, sentados um em frente ao outro. Não quero sentir que o ódio e a rivalidade retomaram seu impulso, assim como diferentes desejos. Nossa comunhão, no trem em disparada, sentados juntos com um só desejo, o de chegar a Euston, foi muito agradável. Mas, cuidado! Acabou. Conseguimos nosso desejo. Somos empurrados para a plataforma. Afirmam-se a pressa e a confusão, e a vontade de passar primeiro pelo portão que dá para o elevador. Mas não pretendo ser o primeiro a atravessar o portão, assumir o ônus da vida individual. Eu, que desde a segunda-feira, quando ela me aceitou, carrego em cada nervo a sensação de identidade, eu, que não podia ver uma escova de dentes em um copo sem dizer “Minha escova de dentes”, agora desejo espalmar as mãos e deixar cair meus objetos, e ficar apenas parado na rua, sem participar, observando os ônibus, sem cobiça, sem inveja, com o que seria uma ilimitada curiosidade quanto ao destino humano, se houvesse alguma aresta em minha mente. Mas não há nenhuma. Cheguei; fui aceito. Não peço nada.

— Satisfeito como uma criança tirada do seio, tenho agora liberdade para mergulhar fundo no que passa, a onipresente vida comum. (Quero observar como muitas coisas dependem das calças; uma cabeça inteligente fica inteiramente prejudicada por calças rotas.) Observam-se curiosas hesitações na porta do elevador. Por aqui, por ali, pelo outro lado? Depois, a individualidade se afirma. Foram embora. Todos impelidos por alguma necessidade. Alguma obrigação miserável, como comparecer a um compromisso, comprar um chapéu, separa essas belas criaturas humanas, antes tão unidas. Quanto a mim, não tenho objetivo. Não tenho ambição.

Deixar-me-ei levar pelo impulso geral. A superfície da minha mente desliza numa torrente cinza-pálido, refletindo o que passa. Não consigo lembrar meu passado, meu nariz, a cor de meus olhos ou qual minha opinião a respeito de mim mesmo. Só em momentos de emergência, em um cruzamento, em um meio-fio, o desejo de preservar meu corpo irrompe, e me agarra, e me faz parar aqui, diante deste ônibus. Parece que insistimos em viver. Depois, a indiferença baixa novamente. O rumor do tráfego, a passagem de rostos iguais para lá e para cá fazem-me sonhar; apagam os traços dos rostos. As pessoas poderiam andar através de mim. E qual é este momento, este dia particular em que me surpreendi aprisionado? O bramido do tráfego pode ser qualquer tumulto — árvores de floresta ou rugido de animais selvagens. O tempo recuou uma polegada ou duas em seu trilho; nosso pequeno progresso foi cancelado. Também penso que nossos corpos na verdade estão nus. Estamos apenas levemente cobertos por roupas abotoadas; e debaixo desses calçamentos há conchas, ossos e silêncio.

— Ainda assim, é verdade que meu sonho, minha tentativa de avançar como alguém transportado sob a superfície de um rio, é depois interrompido, dilacerado, aguilhoado e abalado por sensações, espontâneas e irrelevantes, de curiosidade, cobiça, desejo, irresponsáveis como durante o sono. (Desejo aquela bolsa — etc.) Não, desejo mergulhar; visitar profundezas remotas; exercitar de vez em quando minha prerrogativa de nem sempre agir, mas de também explorar; ouvir sons vagos, ancestrais, de ramos estalando, de mamutes; ter indulgência para com impossíveis desejos de abarcar com os braços do entendimento o mundo inteiro — desejos impossíveis para aqueles que agem. Quando caminho, não tremo com as estranhas oscilações e vibrações de simpatia, que, desamarrado como estou do meu ser particular, me ordenam que abrace essas grandes manadas; os de olhar pasmo e os turistas; os mensageiros e as furtivas e fugazes mocinhas que, ignorando sua condenação, olham vitrinas? Mas tenho consciência da nossa passagem efêmera.

— Contudo, é verdade que não posso negar uma sensação de que, para mim, agora, a vida se prolongou misteriosamente. Talvez eu tenha filhos, possa entrever uma semente lançada mais longe, além desta geração, deste povo rodeado pela sua própria condenação, arrastando-se pela rua em uma competição interminável? Minhas filhas virão aqui, em outros verões; meus filhos vão lavrar novos campos. Consequentemente, não somos gotas

de chuva logo secas pelo vento; fazemos jardins rebentar e florestas bramir; nascemos diferentes, por toda a eternidade. Então isso explica minha confiança, minha estabilidade central, que de outra forma seria monstruosamente absurda quando enfrento a torrente desta passagem congestionada, abrindo caminho entre os corpos das pessoas, aproveitando momentos seguros para atravessar. Isto não é vaidade, pois sou isento de ambições; não recordo meus dons especiais, nem idiossincrasias, nem as marcas que há na minha pessoa; nariz, olhos ou boca. Neste momento não sou eu mesmo.

— Veja, está voltando. Não se pode extinguir esse odor persistente. Ela se esgueira por alguma fenda da estrutura — nossa identidade. Não sou parte da rua — não, eu observo a rua. Por isso, a gente se aparta. Por exemplo, naquela rua lateral uma mocinha espera, em pé; por quem? Uma história romântica. Na parede daquela loja, há um pequeno guindaste afixado. Por que, perguntou, afixaram ali esse guindaste? E invento uma dama violeta a brotar de uma caleche, ajudada pelo marido sessentão que transpira. Uma história grotesca. Quer dizer, sou por natureza um fabricante de palavras, um soprador de bolhas através de uma coisa ou outra. E, soltando essas observações espontaneamente, elaboro a mim mesmo; diferencio-me e, ouvindo a voz que diz quando passo "Olhe! Tome nota disso!", imagino-me chamado a providenciar, em certa noite de inverno, um significado para todas as minhas observações — uma linha que corra de uma a outra, um resumo que as complete. Mas solilóquios em ruas laterais logo se tornam insípidos. Preciso de uma audiência. Esta é a minha fraqueza. Isso sempre enruga as margens da afirmativa final e evita que ela se forme. Não posso sentar-me em algum restaurante sórdido e encomendar o mesmo copo dia após dia e encharcar-me todo desse fluido — desta vida. Farei minha frase e fugirei com ela para algum quarto mobiliado em que haverá a luz de dúzias de velas. Preciso de olhos sobre mim, para esboçar esses ornamentos e esses babados. Para ser eu mesmo (percebo) preciso da iluminação dos olhos de outras pessoas; por isso não posso ter certeza absoluta do que seja eu mesmo. Os autênticos, como Louis, como Rhoda, têm êxito mais completo na solidão. Ressentem-se da iluminação, da reduplicação. Uma vez pintados, jogam seus quadros no chão, com a face para baixo. Nas palavras de Louis, há uma grossa camada de gelo. Suas palavras nascem comprimidas, condensadas, permanentes.

— Por isso, depois dessa sonolência, desejo cintilar multifacetado sob a luz dos rostos de meus amigos. Tenho atravessado o território sombrio da não identidade. Uma terra estranha. Em meu instante de apaziguamento, deliberado em meu instante de satisfação, ouvi um suspiro entrar e sair, o suspiro da maré que se contrai debaixo desse círculo de luz brilhante, desse rufar de fúria enlouquecida. Tive um momento de imensa paz. Talvez isso seja felicidade. Agora sou trazido de volta por sensações pungentes; curiosidade, avidez (tenho fome) e o desejo irresistível de ser eu mesmo. Penso em pessoas a quem poderia dizer coisas: Louis, Neville, Susan, Jinny e Rhoda. Perto deles tenho várias facetas. Eles me recompõem nas trevas. Esta noite nos encontraremos, graças a Deus. Graças a Deus, não precisarei ficar sozinho. Jantaremos juntos. Diremos adeus a Percival, que vai para a Índia. A hora ainda está distante, mas já sinto a presença desses arautos, desses mensageiros que são em nós as imagens dos amigos ausentes. Vejo Louis burilado em pedra, escultural; Neville cortado a tesoura, exato; Susan com olhos como contas de cristal; Jinny dançando como uma labareda, febril, ardente, sobre terra seca; e Rhoda, a ninfa da fonte, sempre úmida. São imagens fantásticas — são ficções, visões de amigos ausentes, grotescas, hidrópicas, desfazendo-se ao primeiro toque da ponta de uma bota real. Mas ainda assim chamam-me à vida com seu rufar. Afastam os miasmas. Começo a impacientar-me com a solidão — a sentir seus babados pendendo em torno de mim, sufocantes e insalubres. Ah, jogá-los longe e agir! Qualquer pessoa serviria. Não sou exigente. O varredor de rua servirá; o carteiro, o garçom deste restaurante francês; melhor ainda, o amável proprietário, cuja amabilidade parece reservada para a gente. Ele mistura a salada com as próprias mãos, para algum freguês privilegiado. Quem é o freguês privilegiado, pergunto, e por quê? E o que estará dizendo à dama de brincos; será uma amiga ou cliente? Sinto num momento, quando me sento à mesa, a deliciosa pressão da confusão, da incerteza, da possibilidade, da especulação. Imagens germinam instantaneamente. Fico embaraçado com minha própria fertilidade. Poderia descrever aqui, copiosamente, livremente, cada cadeira, mesa ou pessoa que almoça. Minha mente zumbe aqui e ali com seu véu de palavras para todas as coisas. Falar sobre o vinho, mesmo para o garçom, é provocar uma explosão. Lá se vai o foguete. Seus grãos dourados caem, fertilizando o rico solo da minha imaginação. Toda a natureza inesperada dessa explosão

— é a alegria da comunicação. Eu, misturado com um desconhecido garçom italiano — o que sou eu? Não há estabilidade neste mundo. Quem dirá o significado de qualquer coisa? Quem predirá o voo de uma palavra? Um balão navega sobre as copas das árvores. Falar em conhecimento é fútil. Tudo é experiência e aventura. Sempre estamos nos misturando com quantidades desconhecidas. O que está por vir? Não sei. Mas quando pouso meu corpo, recordo: estou noivo. Vou jantar com meus amigos esta noite. Sou Bernard, eu mesmo.

— Faltam agora cinco para as oito — disse Neville. — Cheguei cedo. Tomei meu lugar à mesa dez minutos antes da hora, para saborear cada momento de antecipação; para ver a porta abrir, e dizer: "É Percival? Não, não é Percival." Há um prazer mórbido em dizer: "Não, não é Percival." Vi a porta abrir e fechar vinte vezes; a cada vez, a tensão aumenta. Este é o lugar para onde ele vem. Esta é a mesa à qual se sentará. Aqui, por incrível que pareça, estará seu corpo verdadeiro. Esta mesa, estas cadeiras, este vaso de metal com suas três flores vermelhas estão prestes a passar por uma transformação extraordinária. O aposento, com suas portas giratórias, mesas cobertas de frutas e pernil frio, assume a aparência ondulante e irreal de um lugar onde se espera que algo aconteça. As coisas fremem como se ainda não existissem. A brancura da alva toalha de mesa resplandece. A hostilidade, a indiferença de outras pessoas que aqui jantam é opressiva. Olhamos uns para os outros; vemos que não nos conhecemos, olhamos, afastamo-nos. Esses olhares são chicotadas. Sinto neles toda a crueldade e indiferença do mundo. Se ele não viesse, eu não poderia suportar. Haveria de partir. Mas alguém deve estar vendo Percival agora. Deve estar em algum táxi; deve estar passando por alguma loja. A cada instante ele parece estar bombeando para dentro desta sala essa luz espicaçante, essa intensidade de ser, de modo que as coisas perderam sua função normal — a lâmina da faca é apenas um relampejo de luz, não algo para cortar. O normal foi abolido.

— A porta se abre, mas ele não vem. É Louis quem hesita ali. É a sua estranha mistura de segurança e timidez. Olha-se no espelho ao entrar; toca o cabelo; está insatisfeito com sua aparência. Diz: "Sou um duque — o último de uma antiga estirpe." Ele é ácido, cheio de suspeitas, dominador, difícil (estou comparando-o com Percival). Ao mesmo tempo é formidável, pois há riso em seus olhos. Ele me viu. Está aqui.

— Lá está Susan — disse Louis. — Ela não nos viu. Não se vestiu de modo especial porque despreza as futilidades de Londres. Para por um momento na porta giratória, olhando em torno como uma criatura ofuscada pela luz de uma lâmpada. Agora, move-se. Tem os movimentos furtivos mas seguros (mesmo entre cadeiras e mesas) de um animal selvagem. Parece achar seu caminho por instinto entre estas mesinhas, sem tocar nenhuma, sem olhar os garçons, e vem direto para o canto onde está nossa mesa. Quando nos vê (Neville e eu), seu rosto assume uma segurança alarmante, como se tivesse obtido o que desejava. Ser amado por Susan seria como ser empalado no bico agudo de um pássaro, ser pregado na porta de um celeiro. Mas há momentos em que quase desejo ser lanceado por um bico, pregado numa porta de celeiro de uma vez por todas.

— Agora chega Rhoda, de lugar nenhum, esgueirou-se para dentro quando não estávamos olhando. Deve ter feito um caminho tortuoso, oculta ora atrás de um garçom, ora atrás de um pilar, de modo a adiar o mais possível o choque do reconhecimento, de modo a ter certeza de poder por mais um momento balançar suas pétalas na bacia. Nós a despertamos. Nós a torturamos. Ela nos odeia, despreza-nos, mas vem aduladoramente para nosso lado, porque, apesar de toda nossa crueldade, há sempre um nome, um rosto, que irradia uma claridade, que ilumina seus caminhos e lhe torna possível reabastecer seus sonhos.

— A porta abre, continua a abrir — disse Neville —, mas ele não chega.

— Lá está Jinny — disse Susan. — Parada na porta. Tudo parece suspenso. O garçom para. Os que jantam na mesa junto da porta, olham. Ela parece o centro de tudo: a seu redor, mesas, molduras de portas, janelas, tetos alinham-se em raios, raios em torno da estrela no meio de uma vidraça estilhaçada. Ela leva as coisas a um certo ponto, à ordem. Agora nos vê, e move-se, e todos os raios ondulam e fluem e oscilam sobre nós, trazendo novas ondas de sensação. Mudamos. Louis põe a mão na gravata. Neville, sentado à espera com agoniada intensidade, ajeita nervosamente os garfos à sua frente. Rhoda a vê com surpresa, como se um fogo incendiasse algum horizonte longínquo. E eu, embora empilhe em minha mente relva úmida, campos molhados, som de chuva no telhado e sopros de vento que fustigam a casa no inverno, assim protegendo minha alma contra ela, sinto sua zombaria esgueirar-se em torno de mim, sinto seu riso enrolar línguas de fogo em torno de mim, e iluminar

impiedosamente minha roupa velha, minhas unhas de pontas quadradas, que imediatamente escondo debaixo da toalha.

— Ele não veio — disse Neville. — A porta abre e ele não vem. Este é Bernard. Quando tira o casaco, naturalmente mostra a camisa azul debaixo das axilas. Depois, diferente de todos nós, entra sem abrir porta alguma, sem notar que está entrando em uma sala cheia de pessoas estranhas. Não olha o espelho. Seu cabelo está desalinhado, mas ele não sabe disso. Não percebe que somos diferentes, ou que esta mesa é sua meta. Hesita ao vir para cá. Quem será? Indaga de si mesmo quando mais ou menos reconhece uma mulher que usa uma capa de noite. Conhece um pouco todo mundo; não conhece ninguém (comparo-o com Percival). Mas, ao nos perceber, acena numa saudação benevolente; chega com tal benignidade, tamanho amor à humanidade (marcado por humor quanto à futilidade da "humanidade apaixonada"), que, se não fosse por Percival, que transforma tudo isso em vaga fumaça, eu sentiria o que os outros já estão sentindo: agora, vem nossa festa; agora, estamos juntos. Mas sem Percival não há solidez. Somos silhuetas, fantasmas ocos que se movem nebulosos, sem pano de fundo.

— A porta giratória abre sem parar — disse Rhoda. — Entram pessoas estranhas, gente que nunca mais veremos, gente que nos roça de maneira desagradável com sua familiaridade, sua indiferença, e a sensação de que há um mundo que prossegue sem nós. Não podemos submergir, não podemos esquecer nossos rostos. Mesmo eu, que não tenho rosto, que não faço diferença ao entrar (Susan e Jinny transformam rostos e corpos), flutuo desligada, sem ancorar em parte alguma, não consolidada, incapaz de compor qualquer espaço branco ou continuidade ou muro diante do qual esses corpos se movessem. É por causa de Neville e da sua miséria. O sopro áspero da sua miséria dispersa meu ser. Nada pode estabelecer-se; nada pode subsistir. A cada vez que a porta abre, ele olha fixamente para a mesa — não se atreve a erguer os olhos —, depois olha por um segundo e diz: "Ele não veio." Mas aqui está ele.

— Agora, minha árvore floresce — disse Neville. — Meu coração se alça. Toda opressão foi aliviada. Todo obstáculo, removido. O reinado de caos terminou. Ele impôs ordem. As facas voltaram a cortar.

— Aí está Percival — disse Rhoda. — Não se vestiu para a ocasião.

— Aí está Percival — disse Bernard —, ajeitando o cabelo, não por vaidade (ele não se olha no espelho) mas para agradar ao deus de decência.

É convencional; é um herói. Os menininhos corriam em bando atrás dele nos campos de esporte. Assoavam seus narizes quando ele assoava o nariz, mas sem qualquer resultado, pois ele é que é Percival. Agora que está prestes a nos deixar, a ir para a Índia, todas essas ninharias se acumulam. Ele é um herói. Oh, sim, não se pode negar isso, e quando senta junto de Susan, a quem ama, está completa a ocasião. Nós, que latíamos uns para os outros como chacais a nos mordermos reciprocamente os calcanhares, assumimos agora um ar sombrio e confiante de soldados diante do seu capitão. Nós, que estávamos separados pela nossa juventude (o mais velho de nós ainda não tem 25 anos), que cantávamos cada um sua canção como pássaros ansiosos a bater com egoísmo selvagem e implacável nossa própria concha até rachar (estou noivo), ou que pousávamos solitários fora de alguma janela de um quarto de dormir cantando amor, fama e outras experiência isoladas, tão caras ao pássaro implume com um tufo amarelo no bico, nós agora nos aproximamos uns dos outros; e, nos apertando em nosso poleiro, neste restaurante em que os interesses são variados, e onde a incessante passagem do tráfego nos desgasta com suas solicitações, e onde a porta, abrindo perpetuamente sua gaiola de vidro, nos chama com miríades de tentações, ferindo e injuriando nossa confiança — nós, sentados juntos aqui, nos amamos e acreditamos em nossa própria duração.

— Agora sairemos das trevas da solidão — disse Louis.

— Agora digamos, brutal e diretamente, o que temos em mente — disse Neville. — Nosso isolamento, nosso período de iniciação chegaram ao fim. Os furtivos dias de ocultamento e segredo, as revelações nas escadas, momentos de terror e êxtase.

— A velha sra. Constable erguia sua esponja e o calor se derramava sobre nós — disse Bernard. — Ficávamos vestidos com esse traje de carne, mutável e vivo.

— O cavalariço fazia amor com a copeira — disse Susan —, entre as roupas lavadas infladas pelo vento.

— O sopro do vento era como um bafo de tigre — disse Rhoda.

— O homem jazia lívido na sarjeta, a garganta cortada — disse Neville. — Subo as escadas e não consigo levantar meu pé contra a implacável macieira com suas hirtas folhas de prata.

— A folha dançava na sebe sem ninguém soprar nela — disse Jinny.

— No nicho ardido de sol, as pétalas boiavam em profundezas verdes — disse Louis.

— Em Elvedon os jardineiros varriam e varriam com grandes vassouras, e a dama sentava-se à mesa escrevendo — disse Bernard.

— Quando recordamos o passado ao nos encontrarmos — disse Louis —, puxamos os filamentos dessas bolas de fios enovelados.

— Depois — disse Bernard — o tílburi chegou à porta e, baixando mais nossos chapéus novos de feltro sobre os olhos, para ocultarmos lágrimas pouco viris, seguimos pelas ruas onde até as criadas nos olhavam, e nossos nomes, pintados em branco nos baús, proclamavam ao mundo todo que estávamos a caminho da escola levando nos baús o número regulamentar de meias e ceroulas, nas quais, antes, no correr de algumas noites, nossas mães haviam bordado nossas iniciais. Uma segunda separação do corpo de nossa mãe.

— E a srta. Lambert, a srta. Cutting e a srta. Bard — disse Jinny —, damas monumentais em seus babados alvos e pedras coloridas, enigmáticas, com anéis de ametista movendo-se como círios virginais, turvos vaga-lumes, em páginas de francês, geografia e aritmética, presidiam a aula; havia mapas, quadros de tecido verde e fileiras de sapatos em uma prateleira.

— As sinetas tocavam pontuais — disse Susan —, donzelas arrastavam pés e davam risadinhas. Havia cadeiras arrastadas no linóleo, e recolocadas no lugar. Mas de um sótão avistava-se uma paisagem azul, uma paisagem distante, um campo não maculado pela corrupção daquela existência regulamentada e falsa.

— Véus cascateavam de nossas cabeças — disse Rhoda. — Juntávamos em guirlandas flores com verdes folhas sussurrantes.

— Mudávamos, ficávamos irreconhecíveis — disse Louis. — Expostos a todas essas luzes diversas (pois somos todos tão diferentes), o que havia dentro de nós emergia, intermitente, em ímpetos violentos, espacejado por lacunas brancas, chegando à superfície como se algum ácido tivesse pingado irregularmente sobre o prato. Eu era isso; Neville, aquilo; Rhoda, outra coisa diferente; Bernard também.

— Depois, deslizavam barcos entre pálidos ramos de salgueiro — disse Neville — e Bernard, avançando com seu jeito casual por vastidões verdes, casas muito antigas, tropeçou no montículo a meu lado. Num acesso de emoção — ventos não seriam mais delirantes, nem relâmpagos

mais súbitos — peguei meu poema, atirei meu poema, e bati a porta atrás de mim.

— Eu, porém — disse Louis —, não mais os vendo, sentei-me em meu gabinete e arranquei a folha do calendário, anunciando ao mundo dos corretores marítimos, dos vendedores de cereais e dos estatísticos que sexta-feira, dez, ou terça-feira, 18, amanhecera sobre Londres.

— Depois — disse Jinny — Rhoda e eu, expostas em nossos vestidos claros, com algumas pedras aninhadas em um aro frio em volta de nosso pescoço, fizemos mesuras e apertamos mãos, e com um sorriso tirávamos sanduíches de um prato.

— O tigre saltava, a andorinha mergulhava suas asas em tanques de água escura, do outro lado do mundo — disse Rhoda.

— Mas aqui e agora estamos juntos — disse Bernard. — Reunimo-nos em um momento particular, neste lugar em especial. Fomos trazidos a esta comunhão por uma profunda emoção comum. Vamos chamá-la convenientemente de "amor"? Devemos falar de "amor por Percival" porque Percival vai para a Índia?

— Não, essa é uma palavra muito pequena, muito particular. Não podemos vincular a amplidão e o alcance de nossas emoções a um signo tão pequeno. Nós nos reunimos (vindos do Norte, do Sul, da fazenda de Susan, do escritório de Louis) para fazermos uma coisa passageira — pois o que é passageiro? —, mas vista simultaneamente por muitos olhos. Há um cravo vermelho neste vaso. Uma única e simples flor, enquanto nos sentamos aqui à espera, mas agora uma flor de sete lados, muitas pétalas, rubra, castanho-avermelhada, com sombras roxas, hirta com suas pétalas de prata — uma flor inteira, à qual cada olho dá sua contribuição.

— Depois dos fogos caprichosos, da monotonia abissal da juventude — disse Neville —, a luz tomba sobre objetos reais. Aqui há garfos e facas. O mundo está exposto, e nós também, de modo que podemos falar.

— Diferimos, talvez profundamente demais — disse Louis —, para haver explicações. Mas tentemos. Ajeitei meu cabelo ao entrar, por querer parecer com vocês. Mas não consigo, pois não tenho individualidade e não sou completo como vocês. Já vivi mil vidas. A cada dia desenterro algo — vivo cavando. Encontro relíquias de mim mesmo na areia que mulheres fizeram há milhares de anos, quando escutei canções junto ao Nilo, e o patear da besta acorrentada. O que veem ao lado de vocês, este homem, este Louis, é apenas cinzas e restos de algo outrora esplêndido. Fui um

príncipe árabe; vejam meus gestos livres. Fui um grande poeta na época de Isabel. Fui um duque na corte de Luís XIV. Sou muito vaidoso, muito seguro de mim; tenho um imensurável desejo de que as mulheres suspirem por mim. Hoje não almocei, para que Susan me achasse abatido e Jinny me estendesse a singular fragrância de sua simpatia. Mas enquanto admiro Susan e Percival, odeio os outros, pois é por causa deles que faço esses trejeitos, arrumando meu cabelo, vigiando meu sotaque. Sou o macaquinho que tagarela diante de uma noz, e vocês são as mulheres desmazeladas com lustrosas sacolas cheias de bolos podres; sou também o tigre enjaulado, e vocês os guardas com barras de ferro em brasa. Isto é, sou mais feroz e forte que vocês, mas o espectro que surge acima do solo após séculos de não existência será consumido pelo terror de que se riam de mim, mudando de direção conforme o vento sopre contra tempestades de fuligem, esforçando-se para forjar um anel de aço de clara poesia, que estabelecesse um vínculo entre gaivotas e mulheres de dentes podres, a flecha da igreja e os balouçantes chapéus-coco que avisto ao almoçar apoiando meu poeta preferido — será Lucrécio? — no galheteiro e no cardápio respingado de molho.

— Mas você nunca me odiará — disse Jinny. — Jamais me verá, nem do outro lado de uma sala cheia de cadeiras douradas e de embaixadores, sem vir ter comigo atravessando o aposento, a fim de obter minha aprovação. Quando entrei há pouco, tudo se imobilizou segundo um determinado modelo. Os garçons pararam, os que jantavam ergueram seus garfos e os mantiveram no ar. Eu tinha o aspecto de quem está preparada para tudo o que vier? Quando me sentei, vocês puseram as mãos nas gravatas, ocultaram-nas debaixo da mesa. Mas eu nada oculto. Estou preparada. A cada vez que a porta abre, exclamo: “Mais!” Todavia, minha imaginação são os corpos. Não posso imaginar nada fora do círculo que meu corpo abrange. Meu corpo vai diante de mim como uma lanterna em um relvado escuro, extraindo das trevas uma coisa após outra, para um círculo de luz. Deixo-os deslumbrados; faço com que acreditem — é tudo.

— Mas quando você para na porta — disse Neville — impõe silêncio, exigindo admiração, e isto é um grande estorvo à liberdade do relacionamento. Você para na porta, fazendo com que a notemos. Mas nenhum de vocês me viu quando eu me aproximava. Cheguei cedo; cheguei rápido e direto *para cá*, a fim de me sentar junto à pessoa de quem gosto. Minha vida tem uma rapidez que falta às vidas de vocês. Sou como

um cão de caça farejando. Caço do amanhecer ao crepúsculo. Nada, nem a busca da perfeição através das areias, nem a fama, nem o dinheiro, tem significado para mim. Mas nunca terei o que deseja, porque me falta graça física e a coragem que ela traz. A rapidez de minha mente é excessiva para meu corpo. Falho antes de chegar ao fim, caio em um monte úmido, talvez repulsivo. Provoco piedade nas crises da vida, não amor. E sofro horrivelmente por isso. Mas não sofro para dar um espetáculo, como faz Louis. Tenho um senso demasiado sutil da realidade para me permitir essas chantagens, esses fingimentos. Isso me salva. É o que confere ao meu sofrimento uma agitação incessante. É o que me faz dar ordens mesmo quando estou calado. E como, sob certo aspecto, sou iludido, porque a pessoa está sempre mudando, e o desejo não, e pela manhã não sei com quem me sentarei à noite, nunca estagno; ergo-me de minhas piores desgraças, volto, transformo-me. Pedregulhos ricocheteiam na armadura de meu corpo musculoso e distendido. Envelhecerei nessa busca.

— Se eu pudesse acreditar que envelhecerei na busca e na mudança — disse Rhoda —, estaria livre do meu medo: nada persiste. Um momento não leva a outro. A porta abre, e o tigre salta. Vocês não me viram chegar. Circulei em torno das cadeiras para evitar o horror do salto. Tenho medo de todos vocês. Tenho medo do choque da sensação que salta sobre mim porque não posso lidar com ela como vocês — não posso fazer um momento fundir-se no outro. Para mim são todos violentos, todos apartados; e se eu cair ao impacto do salto do momento, vocês estarão sobre mim, fazendo-me em pedaços. Não tenho um fim em vista. Não sei como correr de minuto a minuto, hora a hora, dissolvendo-os por uma força natural até que formem a massa inteira e indivisível que vocês chamam vida. Porque vocês têm um fim em vista — é uma pessoa ao lado de quem sentar, é uma ideia, é a beleza? Não sei — seus dias e horas passam assim como a ramaria de árvores e o macio verde da floresta passam para um cão disparando atrás de um faro. Mas não há um só odor, um só corpo que eu possa seguir. E não tenho rosto. Sou como a espuma que corre pela praia ou o luar que despenca como uma seta sobre uma vasilha de estanho, sobre uma espiga de azevim do mar, sobre um osso ou um barco meio carcomido. Sou levada em redemoinhos por cavernas, adejo como papel por corredores intermináveis, preciso comprimir minha mão na parede para me conter.

— Mas, como acima de tudo desejo abrigo, finjo ter um fim em vista, quando subo lentamente as escadas atrás de Jinny e Susan. Puxo minhas meias tal como as vejo puxarem as suas. Espero que falem, depois falo da mesma maneira. Sou impelida através de Londres para determinado ponto, determinado lugar, não para ver você, nem você, nem você, mas para acender meu fogo no incêndio geral de vocês, que vivem inteiros, indivisíveis, e sem se importar.

— Quando entrei na sala esta noite — disse Susan —, parei, olhei em torno como um animal com os olhos pregados no chão. O cheiro de tapetes e móveis e o perfume me repugnam. Gosto de caminhar sozinha por campos úmidos, ou parar em um portão e observar meu *setter* a farejar em círculos, e perguntar: onde está a lebre? Gosto de estar com pessoas que esmagam ervas entre os dedos, e cospem no fogo, e arrastam os pés em longos corredores, de chinelos como meu pai. As únicas palavras que compreendo são gritos de amor, ódio, fúria e dor. Esta conversa é como despir uma anciã cujo vestido parecia parte dela; mas agora, à medida que falamos, ela aparece rosada por baixo, tem coxas enrugadas e peitos caídos. Quando tornam a se calar, vocês são belos. Nunca terei nada senão felicidade natural. Isso quase me satisfará. Irei cansada para a cama. Eu me deitarei como um campo sustendo o rodízio de suas colheitas; no verão o calor dançará sobre mim; no inverno terei rachaduras de frio. Mas calor e frio se seguirão um ao outro de maneira natural, sem que eu queira ou não queira. Meus filhos me levarão adiante; sua dentição, seu choro, sua ida à escola e sua volta serão como ondas do mar debaixo de mim. Não haverá dia sem essa movimentação. Serei erguida mais alto do que qualquer um de vocês, nos flancos das estações do ano. Quando morrer, possuirei mais do que Jinny ou Rhoda. Mas, por outro lado, ali onde vocês forem variados e vibrarem mil vezes com ideias e risos alheios, eu permanecerei sombria, matizada em tons de tempestade e roxo. Serei aviltada e maltratada pela bestial, maravilhosa paixão da maternidade. Empurrarei adiante inescrupulosamente os destinos de meus filhos. Odiarei os que virem seus erros. Mentirei para ajudá-los. Deixarei que me separem de você, você e você. Também sou dilacerada pelo ciúme. Odeio Jinny porque ela me mostra que minhas mãos são vermelhas, minhas unhas, roídas. Amo com tamanha ferocidade, que morro quando o objeto de meu amor mostra por uma só frase que pode escapar. Ele escapa, e fico

agarrada a uma corda que entra e sai das folhas do topo das árvores. Não compreendo frases.

— Se eu tivesse nascido sem saber que uma palavra segue a outra — disse Bernard —, talvez, quem sabe, pudesse ser qualquer coisa. Mas do modo como as coisas são, encontrando sequências por toda parte, não suporto a pressão da solidão. Quando não vejo palavras enroscando-se como anéis de fumaça ao meu redor, fico nas trevas — sou nada. Quando estou só, caio em letargia, e digo debilmente a mim mesmo, enquanto remexo as cinzas através da grade da lareira: a sra. Moffat vai chegar. Ela vai chegar e limpar tudo. Quando Louis está só, vê com espantosa intensidade e escreve algumas palavras que poderão sobreviver a todos nós. Rhoda adora estar sozinha. Tem medo de nós porque dispersamos a sensação de existir, que é tão extrema na solidão — vejam como ela agarra seu garfo: sua arma contra nós. Mas eu só começo a existir quando o encanador, o vendedor de cavalos, ou seja lá quem for, diz alguma coisa que me incendeia. Então, como é adorável a fumaça de minhas palavras, erguendo-se e tombando, ostentando-se e tombando sobre lagostas rubras e frutos amarelos, enlaçando tudo em uma só coisa bela. Mas observem como é prostituída a frase — feita de evasivas, antigas mentiras. Assim meu caráter é parte do estímulo que outras pessoas fornecem, e não é meu, como o de vocês é de vocês. Há uma listra fatal, um veio móvel e irregular de prata, que o enfraquece. Vem daí o que costumava deixar Neville furioso na escola: que eu o abandonasse. Saía com os menininhos presunçosos com seus barretes e distintivos, em grandes carruagens — alguns deles estão aqui esta noite, jantando juntos, corretamente vestidos, antes de saírem em perfeita harmonia para o concerto; eu os amava. Pois me fazem existir, como certamente vocês o fazem. Por isso, também, quando deixo vocês e o trem parte, sentem que não é o trem que parte mas eu, Bernard, que não se importa, que não sente, que não tem sua passagem e talvez tenha perdido sua carteira. Susan, fitando a corda que entra e sai das folhas das faias, grita: “Ele se foi! Escapou de mim!” Pois não há nada para agarrar. Sou feito e refeito continuamente. Pessoas diferentes tiram diferentes palavras de mim.

— Assim, não há uma pessoa, mas cinquenta pessoas ao lado das quais desejo sentar-me esta noite. Mas sou o único entre vocês que se sente em casa aqui, sem tomar liberdades. Não sou rude; não sou esnobe. Se estou exposto às pressões da sociedade, muitas vezes consigo, com a habilidade

da minha língua, tornar corrente algo difícil. Vejam meus brinquedinhos, feitos do nada em um segundo, como distraem. Não amealho — quando morrer, deixarei apenas um armário com roupas velhas — e sou quase indiferente às vaidades menores da vida, que tanto tormento causam a Louis. Mas sacrifiquei muito. Com meus veios de ferro, prata e barro comum, não posso cerrar firmemente o punho, tal como o fazem os que não dependem de estímulos. Sou incapaz das recusas, dos heroísmos de Louis e Rhoda. Jamais conseguirei, nem na conversa, fazer uma frase perfeita. Mas terei contribuído mais que vocês para o momento que passa; entrarei em mais salas, mais salas diferentes, do que vocês. Mas, porque há algo que vem de fora, e não de dentro, serei esquecido; quando minha voz se calar, vocês não se lembrarão de mim, exceto como o eco de uma voz que um dia teceu frases sobre um fruto.

— Olhem — disse Rhoda —, ouçam. Vejam como a luz se torna mais rica a cada segundo, e como há florescência e maturidade por toda parte; e como nossos olhos, ao abrangerem esta sala com todas as suas mesas, parecem varar cortinas de cores, vermelho, laranja, matizes sombrios e, estranhamente, ambíguos, que cedem como véus e se fecham atrás deles, com cada coisa fundindo-se em outra.

— Sim — disse Jinny —, nossos sentidos se ampliaram. Membranas, redes de nervos brancos e flácidos intumesceram-se e distenderam-se e flutuam em torno de nós como filamentos, tornando o ar palpável e captando sons longínquos, antes não ouvidos.

— O bramido de Londres nos circunda — disse Louis. — Automóveis, furgões, ônibus, passam e repassam continuamente. Todos estão fundidos na roda giratória de um único som. Todos os sons separados — rodas, sinos, gritos de bêbados ou de foliões — misturam-se em um único som, azul-metálico, circular. Então uma sirene uiva. Diante disso, praias afastam-se deslizando, chaminés se aplainam, o navio parte para o mar aberto.

— Percival vai partir — disse Neville. — Estamos sentados aqui, circundados, acesos, coloridos; todas as coisas — mãos, cortinados, facas e garfos, outras pessoas jantando — escorrem umas para dentro das outras. Todos estamos murados aqui. Mas a Índia fica do lado de fora.

— Vejo a Índia — disse Bernard. — Vejo a praia plana e longa; vejo as superfícies tortuosas de barro pisado que levam para dentro e para fora de pagodes arruinados; vejo construções douradas com ameias, com aspecto

frágil e decadente, como construções edificadas às pressas, temporariamente, em alguma feira oriental. Vejo uma parelha de bois puxando uma carreta baixa ao longo da estrada castigada pelo sol. A carreta balança desengonçada de um lado para outro. Agora, uma roda atola na trilha e imediatamente incontáveis nativos de tangas a rodeiam, tagarelando excitados. Mas não fazem nada. O tempo parece interminável, toda ambição, inútil. Por cima de tudo paira a sensação de inutilidade da ação humana. Há cheiros estranhos e rançosos. Um ancião em uma vala continua a mascar betel e a contemplar seu umbigo. Mas agora, vejam, Percival se adianta; Percival cavalga uma égua picada de pulgas, e usa capacete. Aplicando os modelos do Ocidente, usando a linguagem violenta que lhe é natural, em menos de cinco minutos recoloca a carreta em seu lugar. O problema oriental foi resolvido. Ele segue adiante; a multidão junta-se a seu redor, contemplando-o como se fosse — o que realmente é — um Deus.

— Desconhecido, com ou sem segredos — disse Rhoda —, não importa. Ele é como uma pedra caída em um tanque de água repleto de peixinhos coloridos. Como peixinhos coloridos, nós, que disparávamos para lá e para cá, disparamos todos para rodeá-lo quando chega. Como peixinhos coloridos, conscientes da presença de uma grande pedra, ondulamos e redemoinhamos contentes. Uma sensação de conforto baixa sobre nós. Corre ouro em nossas veias. Um, dois; um, dois; o coração pulsa quieto, confiante, em um transe de bem-estar, um êxtase de bondade; e, vejam — as partes mais longínquas da Terra — sombras pálidas no mais longínquo horizonte, como a Índia, por exemplo, estão ao nosso alcance. O mundo que fora encolhido, arredonda-se; províncias remotas são retiradas das trevas; vemos estradas lamacentas, florestas intricadas, bandos de homens e o abutre que se alimenta de uma carcaça inchada, como se estivessem dentro do nosso meio, como parte da nossa esplêndida e altiva província, pois, cavalgando sozinho uma égua mordida de pulgas, Percival avança por uma trilha solitária, tem sua tenda presa entre árvores desoladas, diante de montanhas enormes.

— É Percival, sentado quieto como se sentava entre o capim que faz cócegas, quando a brisa dividia as nuvens e elas se juntavam novamente — disse Louis —, quem nos torna conscientes de que são falsas essas tentativas que estamos fazendo de dizer “sou isto, sou aquilo”, reunindo-nos como partes separadas de um corpo e uma alma. Algo foi deixado de

fora, por medo. Algo foi alterado, por vaidade. Tentamos acentuar diferenças. Pelo desejo de sermos separados, acentuamos nossa faltas, e nossas particularidades. Mas abaixo há uma corrente girando em redor, em redor, num círculo azul-metálico.

— É ódio, é amor — disse Susan. — É a furiosa torrente negra como carvão que nos deixa tontos se olhamos para ela, lá embaixo. Estamos parados aqui na saliência de um rochedo, mas, se olhamos para baixo sentimos vertigem.

— É amor — disse Jinny —, é ódio, como o que Susan sente por mim porque um dia beijei Louis no jardim; porque, quando entro, arrumada como estou, faço-a pensar: "Minhas mãos estão vermelhas", e escondê-las. Mas nosso ódio quase não se distingue do nosso amor.

— Mas essas águas rumorejantes sobre as quais construímos nossas loucas plataformas — disse Neville — são mais estáveis que os gritos selvagens, fracos e inconsequentes que emitimos quando, tentando falar, nos erguemos; quando raciocinamos e pronunciamos coisas falsas como "eu sou isto; sou aquilo!". A linguagem é falsa.

— Mas eu como. Aos poucos, enquanto como, perco a noção de particularidades. Estou ficando pesado de tanta comida. Essas porções deliciosas de pato assado, corretamente cobertas de verduras, seguindo-se umas às outras em uma delicada rotação de calor, peso, doce e amargo, passam pelo meu palato, descem pela garganta, entram em meu estômago, estabilizam meu corpo. Sinto quietude, gravidade, controle. Tudo agora é sólido. Instintivamente meu palato agora exige e antecipa doçura e claridade, algo doce e evanescente; e vinho frio, cobrindo como uma luva os nervos mais finos, que parecem tremer no céu de minha boca e fazê-lo espalhar-se (quando bebo) por uma caverna abobadada, verde de folhas de parreira, com aroma almiscarado, roxo de uvas. Agora posso olhar firmemente o redemoinho que espuma abaixo. Com que nome especial devemos designá-lo? Deixem Rhoda falar, ela cujo rosto vejo refletido nebulosamente no espelho à nossa frente; Rhoda, a quem interrompi quando balançava suas pétalas em uma bacia castanha, pedindo o canivete que Bernard roubara. Para ela o amor não é um redemoinho. Não tem vertigens quando olha para baixo. Rhoda olha bem por cima de nossas cabeças, para além da Índia.

— Sim, entre seus ombros, sobre suas cabeças, vejo uma paisagem — disse Rhoda —, uma garganta aonde chegam as íngremes colinas como

asas dobradas de pássaros. Lá, na turfa curta e firme, há arbustos de folhas escuras, e diante de sua escuridão vejo um vulto, mas não de uma pedra, pois se move, talvez vivo. Mas não é você, nem você, nem você; nem Percival, Susan, Jinny, Neville ou Louis. Quando o braço alvo repousa sobre o joelho, é um triângulo; agora está erguido — uma coluna; agora, é uma fonte despencando. Não faz sinal, não acena, não nos vê. O mar brame atrás dele. Está fora do nosso alcance. Mas aventuro-me até lá. Vou até lá reabastecer meu vazio, distender minhas noites e enchê-las de mais e mais sonhos. E por um segundo, até mesmo agora, até mesmo aqui, toco meu objeto e digo: "Não ande mais. Todo o resto é tentativa e fingimento. Aqui é o fim." Mas essas peregrinações, esses momentos de separação, sempre começam na presença de vocês, partem desta mesa, destas luzes, de Percival e Susan, aqui e agora. Vejo sempre o bosque por sobre suas cabeças, entre seus ombros, ou de uma janela quando atravessei uma sala em uma festa, e me ponho a olhar a rua lá embaixo.

— Mas e os chinelos dele? — disse Neville. — E sua voz no vestíbulo? E a visão dele quando não nos enxerga? Esperamos e ele não vem. Fica cada vez mais tarde. Ele esqueceu. Está com outra pessoa. É infiel, seu amor não significava nada. Ah, então a agonia — então o desespero intolerável! E eis que a porta abre. Ele está aqui.

— Com frêmito de ouro eu lhe digo: "Venha" — disse Jinny. — E ele vem; atravessa a sala até onde estou sentada, com meu vestido espraiando-se como um véu ao redor de minha cadeira dourada. Nossas mãos tocam-se, nossos corpos pegam fogo. A cadeira, a taça, a mesa — tudo se ilumina. Tudo vibra, tudo brilha, tudo se incendeia.

(— Olhe, Rhoda — disse Louis —, eles se tornaram noturnos, arrebatados. Seus olhos são como asas de mariposas movendo-se tão depressa que de modo algum parecem mover-se.

— Cornetas e trombetas soam — disse Rhoda. — Folhas se desdobram; cervos gritam nas moitas. Há danças e rufar de pés, como a dança e o rufar de homens nus com azagaias.

— Como a dança de selvagens em torno da fogueira — disse Louis. — Eles são selvagens; são insensíveis. Dançam em círculo, tocando tambores. As chamas saltam em seus rostos pintados, sobre as peles de leopardo e os membros sangrentos que arrancaram do corpo vivo.

— As chamas da festa erguem-se altas — disse Rhoda. — A grande procissão passa, agitando ramos verdes e galhos floridos. Suas cornetas

sopram uma fumaça azul; suas peles ficam jaspeadas de vermelho e amarelo à luz das tochas. Jogam violetas. Cobrem a amada com guirlandas e folhas de louro, ali no círculo de turfa para onde as colinas escarpadas descem. A procissão passa. E enquanto passa, Louis, temos consciência da queda, prevemos a decadência. A sombra baixa. Nós, que somos conspiradores, reunidos para nos debruçarmos sobre alguma urna fria, notamos como vai diminuindo a labareda roxa.

— Com as violetas — disse Louis — entrelaça-se a morte. Morte e mais uma vez morte.)

— Como nos sentamos aqui altivos — disse Jinny —, nós que ainda nem temos 25 anos! Lá fora, as árvores florescem; lá fora, as mulheres passam lentas; lá fora, os tílburis volteiam, rodam macios. Emergindo das tentativas, das obscuridades e deslumbramentos da juventude, olhamos diretamente em frente, prontos para o que possa vir (a porta abre, a porta continua a abrir). Tudo é real; tudo é firme, sem sombra ou ilusão. A beleza cavalga nossas frontes. Esta é a minha, aquela a de Susan. Nossa carne é firme e fria. Nossas diferenças são nitidamente delineadas como sombras de rochas em pleno sol. Ao nosso lado jazem pãezinhos frescos, rijos, de um amarelo vítreo; a toalha da mesa é alva; nossas mãos estão meio enroscadas, prontas para se contraírem. Há dias e dias por vir; dias de inverno, dias de verão; mal começamos a abrir nosso tesouro. Agora o fruto inchou debaixo da folha. A sala está dourada, e digo a ele: "Venha."

— Ele tem orelhas vermelhas — disse Louis. — E o odor de carne pende como uma rede úmida, enquanto funcionários de escritórios da cidade fazem refeições rápidas nas lanchonetes.

— Com um tempo infinito à nossa frente — disse Neville — perguntamos o que fazer? Devemos perambular por Bond Street, olhando aqui e ali, talvez comprando uma caneta-tinteiro porque é verde, ou perguntando quanto custa o anel de pedra azul? Ou devemos sentar dentro de casa contemplando os carvões em brasa? Devemos estender nossas mãos para livros e ler uma passagem aqui, outra ali? Devemos gritar de tanto rir, sem motivo? Devemos passar por campos floridos, fazendo guirlandas de margaridas? Devemos descobrir quando parte o próximo trem para as Hébridas e reservar um compartimento privado? Tudo está por vir.

— Para você — disse Bernard —, mas eu ontem choquei-me com uma caixa de correios. Ontem fiquei noivo.

— Que estranhos parecem os montinhos de açúcar ao lado de nossos pratos — disse Susan. — Também as cascas pintalgadas das peras, e as molduras de camurça dos espelhos. Eu não as vira antes. Lá fora tudo está estabelecido; fixo. Bernard ficou noivo. Algo irrevogável aconteceu. Um círculo foi traçado sobre as águas; uma corrente imposta. Nunca mais flutuaremos livremente.

— Só por um momento — disse Louis. — Antes que a corrente se rompa, antes que a desordem retorne, vejamos como estamos fixos, expostos, vejamos como estamos presos em um torno.

— Mas agora o círculo se rompe. A torrente agora flui. Agora, dispara mais rápida que antes. Agora as paixões à espera nas plantas escuras que crescem no fundo erguem-se e nos fustigam com suas ondas. Dor e ciúme, inveja e desejo, e algo mais profundo que eles, mais forte do que o amor, mais subterrâneo. Fala a voz da ação. Ouça, Rhoda (pois somos conspiradores com nossas mãos na urna fria), a voz casual, rápida e excitante da ação, cães correndo atrás de um faro. Agora falam, sem maiores cuidados ao concluírem as frases. Conversam em linguagem reduzida, como a dos amantes. Estão possuídos por algo brutal e imperioso. Os nervos fremem em suas coxas. Seus corações pulsam e remexem-se nos flancos. Susan amassa seu lenço. Nos olhos de Jinny, dançam labaredas.

— São imunes a dedos que os peguem e a olhos que os busquem — disse Rhoda. — Com que facilidade viram-se e olham; que posturas de altivez e energia assumem! Que vida lampeja nos olhos de Jinny; como é feroz, como é inteiriço o olhar de Susan, buscando insetos entre as raízes! O cabelo de ambas é lustroso. Seus olhos queimam como olhos de animais a correr entre folhas atrás do faro da presa. O círculo foi desfeito. Somos lançados longe uns dos outros.

— Mas cedo, cedo demais — disse Bernard —, essa exaltação egoísta falha. Cedo demais passa o momento de ávida identidade, e o apetite de felicidade, e mais felicidade, e ainda mais felicidade, é saciado. A pedra mergulha; o momento passou. Ao redor de mim espraia-se uma larga margem de indiferença. Agora abrem-se em meus olhos mil outros olhos de curiosidade. Qualquer um tem agora liberdade de assassinar Bernard, que está noivo, desde que deixem intocada essa margem de território desconhecido, essa floresta do mundo ignorado. Por que, pergunto (sussurrando discretamente), mulheres jantam sozinhas reunidas ali?

Quem são? E o que as trouxe nesta noite especial a este ponto especial? A julgar pela maneira nervosa como de tempos em tempos passa a mão na parte de trás da cabeça, o jovem no canto é do interior. Está ocupando um emprego provisório, e sente-se tão ansioso por corresponder à bondade do amigo do pai, seu anfitrião, que mal pode saborear agora o que saboreará intensamente às 11h30, amanhã pela manhã. Também vi a dama empoar o nariz três vezes no meio de uma conversa absorvente — talvez sobre amor, talvez sobre a desgraça da sua melhor amiga. "Ah, mas em que estado está o meu nariz!", pensa ela, e lá vem sua esponja de pó, obliterando a passagem aos mais fervorosos sentimentos do coração humano. Contudo, permanece insolúvel o problema do homem solitário com seus óculos; da senhora idosa tomando champanhe sozinha. Quem e o que são esses desconhecidos? — pergunto. Eu poderia fazer uma dúzia de histórias com o que ele disse, o que ela disse — posso ver uma dúzia de imagens. Mas o que são histórias? Brinquedos que formo com os dedos, bolhas que sopro, um anel atravessando o outro. E por vezes começo a duvidar se há histórias. Qual é a minha história? Qual é a de Rhoda? A de Neville? Há fatos, como, por exemplo: "O simpático jovem de terno cinza, cuja reserva contrasta tão singularmente com a loquacidade dos outros, agora limpou com a mão as migalhas do colete, e, com um gesto característico, a um tempo imperioso e benevolente, fez sinal para o garçom, que chegou no mesmo instante e voltou um momento depois com a conta discretamente dobrada em um prato." Esta é a verdade; este é o fato, mas para além disso tudo só há escuridão e conjecturas.

— Agora, mais uma vez estamos prestes a nos separar — disse Louis —, depois de pagarmos nossa conta, e o ciclo de nosso sangue, tantas vezes interrompido bruscamente, pois somos tão diferentes, fecha-se em um anel. Alguma coisa se formou. Sim, quando nos erguemos e remexemos, um pouco nervosos, sustentando nas mãos esse sentimento comum, suplicamos: "Não se mova, não deixe a porta giratória cortar em pedaços o que fizemos, o que assumiu forma esférica aqui entre essas luzes, essas cascas, essa confusão de migalhas e gente passando. Não se mova, não vá. Segure isso para todo o sempre."

— Vamos segurá-lo por um momento — disse Jinny — amor, ódio, qualquer que seja o nome que lhe dermos, essa esfera cujas paredes são constituídas por Percival, juventude e beleza, e algo tão profundamente

imerso em nós que talvez nunca mais possamos obter um momento assim com um só homem.

— Florestas e países distantes do outro lado do mundo — disse Rhoda — estão dentro dela; mares e selvas; os uivos dos chacais e o luar que tomba sobre algum alto rochedo sobrevoado pela águia.

— Há felicidade dentro dela — disse Neville —, assim como a quietude das coisas comuns. Uma mesa, uma cadeira, um livro com um abridor de cartas enfiado entre as páginas. E a pétala que cai da rosa, e a luz que bruxuleia quando nos sentamos silenciosos ou talvez a refletir alguma fala súbita e insignificante.

— Nela há dias de semana — disse Susan — segunda, terça, quarta; cavalos indo para os campos, cavalos retornando; gralhas erguendo-se e baixando, apanhando os olmos em sua rede, seja abril seja novembro.

— O que está por vir existe nela — disse Bernard. — É a última gota e a mais luminosa, que deixamos cair como mercúrio celeste no intumescido e esplêndido momento que criamos com Percival. O que está por vir? — pergunto, retirando migalhas do meu colete, o que há lá fora? Sentados comendo e sentados conversando, provamos que podemos adicionar algo ao tesouro dos momentos. Não somos escravos condenados a sofrer incessantemente em nossas costas curvadas pequenos golpes não percebidos. Nem somos carneiros, seguindo um guia. Somos criadores. Também fizemos algo que se reunirá às inumeráveis congregações do passado. Nós também, colocando nossos chapéus e abrindo a porta, não entramos no caos, mas em um mundo que nossa própria força pode subjugar e tornar parte da estrada luminosa e eterna.

— Enquanto chamam o táxi, Percival, veja as perspectivas que você perderá tão cedo. A rua é dura e polida pelo roçar de incontáveis rodas. O dossel amarelo da nossa tremenda energia pende como um pano ardente sobre nossas cabeças. Teatros, salas de concerto e lâmpadas em residências particulares formam essa luz.

— Nuvens picotadas viajam por um céu escuro como barbatanas polidas de baleias — disse Rhoda.

— Agora começa a agonia; agora o horror me prendeu em suas garras — disse Neville. — Agora chega o carro; agora Percival se vai. O que podemos fazer para retê-lo? Como ultrapassar a distância entre nós? Como soprar o fogo de modo que arda para sempre? Como indicar para todos os

tempos futuros que nós, parados na rua, à luz do lampião, amamos Percival? Agora, Percival se foi.

O sol atingira seu ponto mais alto. Não era mais entrevisto e adivinhado por sugestões e fulgurações, como se uma jovem pousasse em seu colchão verde-marinho a fronte com joias de brilho liquefeito, as quais lançam setas de luz opalina que caem e relampejam no ar indeciso como os flancos de um delfim que salta, ou o brilho de uma lâmina que cai. Agora, o sol queimava inflexível e irrefutável. Batia na areia dura, e as rochas tornavam-se fornalhas de rubro calor; vasculhava todas as poças e colhia os peixinhos coloridos escondidos nas gretas, mostrando a roda de carreta enferrujada, o osso branco, a bota sem cadarços enfiada na areia, negra como ferro. Dava a tudo a medida exata de cor; às dunas de areia seu cintilar inumerável, aos capins silvestres seu verde resplandecente; ou caía sobre uma árida extensão do deserto, aqui estriado pelo vento, ali varrido para desoladas pedras tumulares, mais adiante salpicado de raquíticas árvores verde-escuras. Incendiava a suave mesquita dourada, as frágeis casas de cartas de baralho, brancas e rosa, da aldeia do sul, e as mulheres de seios compridos e cabelos brancos, ajoelhadas no leito do rio, batendo nas pedras roupas retorcidas. Navios a apitarem lentos sobre o mar eram colhidos pelo olhar abrangente do sol, que incidia, entre toldos amarelos, sobre passageiros que cochilavam ou passeavam no convés protegendo os olhos com a mão em busca de terra, enquanto, dia após dia, o navio os transportava monotonamente pelas águas, comprimidos em seus flancos oleosos e palpitantes.

O sol batia nos pináculos compactos das colinas ao sul, e rebrilhava em profundos leitos pedregosos de rios, onde a água se recolhera debaixo da alta ponte de arcos, de modo que, ajoelhadas em pedras quentes, as lavadeiras dificilmente conseguiam molhar seus panos; e onde mulas esqueléticas abriam caminho entre pedras cinzentas e inseguras, com cestos de vime no lombo estreito. Ao meio-dia, o calor do sol tornava cinzentas as colinas, como se raspadas e chamuscadas por uma explosão, enquanto mais adiante, ao norte, em terras mais nubladas e chuvosas, as colinas se adoçavam em fatias como que alisadas pelas costas de uma faca, e mostravam uma luz interior, como se uma sentinela, bem lá dentro, andasse de sala em sala com uma lamparina verde. Através de átomos de ar azul-cinza, o sol desabava sobre campos ingleses iluminando charcos e

poças, uma gaivota branca em uma estaca, o lento singrar de sombras sobre florestas de copas rombudas, e trigo novo, e fluidos campos de feno. Incidiu no muro do pomar, e cada orifício e grão do tijolo ficou pontilhado de prata, roxo, chamejando como se fosse macio ao tato, como se, tocado, fosse derreter-se em ondulações e cascatas de um vermelho lustroso; ameixeiras intumesciam suas folhas, e todos os talos de grama eram unidos por uma chama verde corrente. A sombra das árvores mergulhava, nas raízes, em uma poça escura. Descendo em jorros, a luz dissolvia as folhas isoladas em um só túmulo verde.

Os pássaros cantavam cantos apaixonados, endereçados a um só ouvido, depois interrompiam-se. Gorgolejando e casquinando, carregavam tiscos de palha e gravetos para os nós escuros nos ramos mais altos. Roxos e dourados, pousavam no jardim, onde cones de laburno e amaranto despejavam ouro e lilás, pois agora, ao meio-dia, o jardim era todo flores e profusão, e até os túneis debaixo das plantas ficavam verdes e roxos e acastanhados, quando o sol varava as pétalas rubras, ou as grandes pétalas amarelas, ou era detido por algum caule verde, de grossa penugem.

O sol incidia direto sobre a casa, fazendo as paredes brancas reluzirem entre as janelas escuras. Seus caixilhos, densamente tramados de ramos verdes, guardavam círculos de impenetrável escuridão. Agudas quinas de luz jaziam sobre o peitoril e mostravam no interior do quarto pratos com beiras azuis, xícaras com alças recurvadas, o volume de uma grande jarra, o desenho em zigue-zague do tapete, e os imponentes cantos e linhas de armários e prateleiras. Atrás desse conglomerado, pendia uma zona de sombra, na qual podia existir mais algum vulto a ser despido de sombra, ou profundezas ainda mais densas de escuridão.

As ondas quebravam-se, esparramando agilmente suas águas sobre a praia. Uma após outra, amontoavam-se e desabavam; com a força da queda os respingos voltavam-se sobre si mesmos. As ondas eram de um macerado azul-profundo, exceto pelo desenho dos diamantes em seus dorsos, que fremiam como dorsos de grandes cavalos que vibram os músculos quando se movem. As ondas tombavam; recuavam e tombavam novamente, como o baque surdo de um grande animal pateando.

— Está morto — disse Neville. — Levou um tombo. Seu cavalo tropeçou. Foi lançado fora. As velas do mundo giraram e me atingiram na

cabeça. Tudo está terminado. As luzes do mundo apagaram-se. Aí está a árvore que não posso ultrapassar.

— Ah, amassar esse telegrama entre meus dedos, deixar a luz do mundo retornar em jorros, dizer que isso não aconteceu! Mas por que virar a cabeça assim de um lado para outro? Esta é a verdade. Este é o fato. O cavalo tropeçou; ele foi lançado fora. As árvores em disparada e as cercas brancas ergueram-se em turbilhão. Um movimento de ressaca; um rufar em seus ouvidos. Depois, o golpe; o mundo se despedaçando; ele respirava com dificuldade. Morreu onde caiu.

— Celeiros e dias de verão no campo, quartos em que estivemos sentados — tudo agora jaz em um mundo irreal, que se foi. Meu passado está separado de mim. Vieram correndo. Carregaram-no até um pavilhão, homens com botas de montar, homens de capacete; morreu entre desconhecidos. Muitas vezes ficava envolvido pela solidão e pelo silêncio. Ele muitas vezes me abandonou. Depois, quando retornava, eu dizia: "Vejam só, ele está vindo!"

— Mulheres arrastam os pés ao passar pela janela, como se não houvesse um abismo no meio da rua, uma árvore de folhas hirtas que não podemos ultrapassar. Então merecemos tropeçar em um montículo de terra. Somos infinitamente abjetos, passando de olhos fechados, a arrastar os pés. Mas por que haveria de me submeter? Por que tentar erguer meu pé e subir a escada? É aqui que estou parado; aqui, segurando o telegrama. O passado, dias de verão e quartos em que estivemos sentados, vai-se como papel queimado com olhos vermelhos dentro dele. Por que encontrar-se e recomeçar? Por que falar e comer e fazer outras ligações com outras pessoas? A partir de agora, sou solitário. Ninguém me conhecerá mais. Tenho três cartas, "Estou prestes a jogar malha com um coronel, nada mais que isso", assim ele encerra nossa amizade, abrindo caminho na multidão, com um aceno. Essa farsa já não merece celebração formal. Mas se alguém tivesse apenas dito: "Espere"; se tivesse apertado a cilha três buracos mais — ele teria feito justiça por cinquenta anos, e se sentaria no tribunal, e cavalgaria sozinho à frente de tropas, e denunciaria alguma tirania monstruosa, e voltaria para nós.

— Agora, digo que há um esgar, um subterfúgio. Algo escarnece de nós, às nossas costas. Aquele menino ali quase perdeu a firmeza ao saltar do ônibus. Percival caiu; morreu; está enterrado; e observo pessoas passando;

agarrando-se firmes aos corrimões dos ônibus; determinadas a salvarem suas vidas.

— Não erguerei meu pé para subir a escada. Ficarei parado um momento sob a árvore imitigável, sozinho com o homem cuja garganta foi cortada, enquanto no andar térreo a cozinheira maneja os reguladores do forno. Não subirei a escada. Estamos condenados, todos nós. Mulheres arrastando os pés passam com sacolas de compras. As pessoas continuam passando. Mas não me destruirás. Por este momento, só por este momento, estamos juntos. Aperto-te contra mim. Venha, dor, devora-me. Enterra tuas garras em minha carne. Rasga-me em pedaços. Choro, choro.

— Tamanha é a ininteligibilidade da combinação — disse Bernard —, tamanha a complexidade das coisas, que, quando desço a escadaria, não sei o que é dor, o que é alegria. Meu filho nasceu; Percival está morto. Sou amparado por pilares, escorado dos dois lados por fortes emoções; mas qual a dor, qual a alegria? Indago, e não sei, apenas preciso de silêncio, e de estar sozinho, e de sair, e de guardar uma hora para refletir sobre o que aconteceu ao meu mundo, sobre o que a morte fez a esse mundo.

— Então este é o mundo que Percival já não vê. Quero olhar. O açougueiro entrega carne no vizinho; dois velhos cambaleiam pela calçada; pardais pousam no chão. Então a máquina funciona; percebo o ritmo, a pulsação, mas como algo de que não participo, pois que ele já não o vê. (Está deitado, pálido e com ataduras, em algum aposento.) Então agora é minha chance de descobrir o que é importante, e preciso ter cautela, e não mentir. Meu sentimento em relação a ele era: ele sentava-se no centro. Agora não vou mais àquele lugar. Está vazio.

— Ah, sim, posso assegurar-lhes, homens de chapéus de feltro e mulheres carregando cestos, vocês perderam algo que lhes teria sido de grande valor. Perderam um líder a quem teriam seguido; e um de vocês perdeu a felicidade e os filhos. Está morto aquele que lhes teria dado isso. Jaz numa cama de campanha, com ataduras, em algum quente hospital da Índia, enquanto trabalhadores hindus de cócoras no chão agitam leques — esqueci como se chamam. Mas isto é o importante: "Você está fora disso tudo", disse eu enquanto pombos baixavam sobre telhados e meu filho nascera, como se fosse um fato. Lembro que, quando menino, ele tinha aquele estranho ar de desinteresse. E continuo dizendo (meus olhos enchem-se de lágrimas, depois secam): "Mas isso é melhor do que eu me atreveria a esperar." Dirigindo-me ao que é abstrato, que me enfrenta sem

olhos no fim de uma avenida, no céu, digo: “Isso é o máximo que você consegue fazer?” Então triunfamos. Você fez o máximo que podia, digo, falando em vão para aquele rosto vazio e brutal (pois ele tinha 25 anos e deveria ter vivido até os oitenta). Não desperdiçarei uma vida chorando. (Uma anotação a ser registrada em minha caderneta: desprezo pelos que provocam morte sem sentido.) Também isto é importante: que eu seja capaz de colocá-lo em situações frívolas e ridículas, de modo que não se sinta absurdo, empoleirado em um grande cavalo. Devo ser capaz de dizer: “Percival, um nome ridículo.” Ao mesmo tempo, quero dizer-lhes, homens e mulheres a correrem para a estação do metrô, que vocês o teriam respeitado. Ter-se-iam enfileirado e seguido atrás dele. Como é estranho abrir caminho nas multidões, vendo a vida através de olhos ocos, olhos ardentes.

— Mas já começam os sinais, os chamados, as tentativas de me atrair de volta. A curiosidade é eliminada só por pouco tempo. Não se pode viver fora da engrenagem mais do que talvez meia hora. Percebo que os corpos já começam a parecer comuns; mas o que está por trás deles é diferente — a perspectiva. Atrás daquele anúncio de jornal fica o hospital; o longo aposento com homens pretos puxando cordas; e depois o enterram. Mas, como o anúncio diz que uma famosa atriz se divorciou, pergunto instantaneamente: qual? Todavia, não consigo tirar um tostão; não consigo comprar um jornal; ainda não consigo tolerar qualquer interrupção.

— Pergunto, se nunca mais verei você, nem fixarei meus olhos sobre sua solidez, que forma assumirá nossa comunicação? Você atravessou o campo, cada vez mais longe, tornando mais e mais tênue o fio que nos liga. Mas em algum lugar você existe. Algo de seu permanece. Um juiz. Quer dizer, se eu descobrir em mim um veio novo, vou submetê-lo a você em particular. Perguntarei: qual seu veredicto? As coisas serão difíceis demais de explicar: haverá novas coisas; agora, já há meu filho. Estou no zênite de uma experiência. Ela declinará. Já não grito com convicção: "Que sorte!" Exaltação, revoada de pombos descendo, acabou. O caos e o detalhe retornam. Não me divirto mais com nomes escritos em vitrinas. Não sinto mais: "Por que essa pressa? Para que pegar trens?" A sequência retorna; uma coisa leva a outra — na ordem habitual.

— Mas ainda me ressinto da ordem habitual. Não me permitirei ainda aceitar a sequência das coisas. Caminharei; não mudarei o ritmo da minha mente, parando, olhando; caminharei. Subirei por esses degraus até a galeria e me submeterei à influência de mentes como a minha, fora da sequência. Resta pouco tempo para responder à pergunta; meus poderes vão afrouxando; sinto-me entorpecido. Aqui há quadros. Aqui há frias madonas entre pilares. Que elas façam repousar a incessante atividade do olho da mente, a cabeça com ataduras, os homens com cordas, de modo que eu possa encontrar algo não visual. Aqui há jardins; e Vênus entre flores; aqui há santos e madonas azuis. Piedosamente, esses quadros não fazem referência a nada; não mexem comigo; não apontam para nada. Assim expandem a consciência que tenho dele, e o trazem de volta a mim de maneira diferente. Lembro sua beleza. "Vejam só, ele está vindo", disse eu.

— Linhas e cores quase me persuadem de que também posso ser heroico, eu, que faço frases com facilidade, e depressa sou seduzido, amo o que vem a seguir, e não posso fechar meu punho, mas vacilo debilmente fazendo frases, conforme minhas circunstâncias. Agora, através de minha própria fragilidade, recupero o que ele foi para mim: o meu oposto. Sendo honesto por natureza, ele não via a causa desses exageros, possuía um natural senso de adequação, e foi na verdade um grande mestre da arte de viver, de modo que parece ter vivido muito tempo, e ter espalhado calma ao seu redor, quase se poderia dizer, indiferença, certamente para seu próprio progresso, embora também tivesse grande compaixão. Uma criança brincando — uma noite estival — portas abrirão e fecharão,

continuarão abrindo e fechando, e através delas tenho visões que me fazem chorar. Pois não podem ser comunicadas. Daí nossa solidão; nossa desolação. Volto àquele ponto em minha mente, e o encontro vazio. Minhas próprias fraquezas me oprimem. Ele já não existe, para contrastar com elas.

— Contemplemos, pois, a madona azul que chora. Esta é a minha cerimônia fúnebre. Não temos rituais, apenas elegias e nenhuma conclusão, apenas sensações violentas, cada uma isolada da outra. Nada do que foi dito combina com nosso caso. Estamos sentados na sala italiana da National Gallery e colhemos fragmentos. Duvido que Ticiano jamais tenha sentido esse rato a roer. Pintores vivem vidas de metódica absorção, acrescentando um traço a outro traço. Não são como poetas — bodes expiatórios; não estão acorrentados a um rochedo. Daí o silêncio, a sublimidade. Mas aquele vermelho-vivo deve ter ardido nas entranhas de Ticiano. Sem dúvida ele se ergueu, com os grandes braços segurando a cornucópia, e caiu naquele declive. Mas o silêncio pesa sobre mim — a perpétua solicitação do olhar. A pressão é intermitente e amortecida. Distingo muito pouco e muito vagamente. A campainha foi comprimida e não ressoo nem emito clamores irrelevantes ou dissonantes. Sinto desordenadamente a cintilação de algum esplendor; o vermelho-vivo franzido contra o forro verde; a linha dos pilares; a luz alaranjada atrás das orelhas pretas e pontudas das oliveiras. Setas de sensação disparam em minha coluna vertebral, mas desordenadamente.

— Algo, porém, se acrescenta à minha interpretação. Algo jaz enterrado mais fundo. Por um momento, pensei que o agarrava. Mas enterrem-no, enterrem-no; deixem que germine, oculto nas profundezas de minha mente, para um dia frutificar. Depois de uma longa vida, frouxamente, em um momento de revelação, eu talvez o pegue, mas agora a ideia se fragmenta em minha mão. Ideias fragmentam-se mil vezes para cada vez que formarem uma espera inteira. Partem-se; caem sobre mim. Em linhas e cores sobrevivem, daí...

— Bocejo. Estou saturado de sensações. Estou exausto pela tensão e pelo longo, longo tempo — 25 minutos, meia hora — que passei mantendo-me sozinho, desligado da engrenagem. Estou ficando entorpecido; estou ficando rígido. Como poderei romper esse torpor que desmente meu coração compassivo? Há outros sofrimentos — multidões de gente sofrendo. Neville sofre. Amava Percival. Mas não posso mais

suportar extremismos; quero alguém com quem rir, com quem bocejar, com quem lembrar como ele coçava a cabeça; alguém com quem ele ficava à vontade, de quem gostava (não Susan, a quem amava, mas Jinny). Pois, então, no quarto dela eu poderia fazer penitência. Poderia perguntar: "Ele lhe contou que recusei quando me convidou a ir a Hampton Court naquele dia?" São esses os pensamentos que me acordarão, debatendo-me em angústia, no meio da noite — os crimes pelos quais se faria penitência em todas as praças do mundo, de cabeça nua; não ter ido a Hampton Court naquele dia.

— Mas agora quero vida ao meu redor, e livros, e pequenos enfeites, os sons habituais dos vendedores chamando, para neles repousar minha cabeça depois dessa exaustão, e fechar meus olhos depois dessa revelação. Quero descer direto as escadas, e chamar o primeiro táxi, e ir até a casa de Jinny.

— Eis a poça de lama — disse Rhoda —, e não posso cruzá-la. Ouço o rumor da grande pedra de rebolo a uma polegada da minha cabeça. Seu vento ruge em meu rosto. Todos as formas palpáveis de vida me faltaram. A não ser que eu possa estender a mão e tocar alguma coisa dura, serei soprada pelos corredores eternos, para sempre. Então, o que poderei tocar? Que tijolo, que pedra? — e assim passar a salvo através da imensa voragem, retornando ao meu corpo?

— Agora, a sombra caiu e a luz violeta desce oblíqua. Agora, a estátua que se trajava de beleza está vestida de ruínas. A estátua parada na floresta para onde as colinas escarpadas descem está caindo em ruínas, conforme eu lhes disse quando afirmaram que amavam a voz dele na escada, e seus sapatos velhos e os momentos que passaram juntos.

— Agora descerei Oxford Street, divisando um mundo dilacerado por relâmpagos; verei carvalhos despedaçados e vermelhos de onde caiu o galho florido. Irei a Oxford Street comprar meias para uma festa. Farei coisas costumeiras, sob os clarões dos relâmpagos. Apanharei violetas no solo nu e as reunirei em um buquê e as ofertarei a Percival, algo dado a ele por mim. Vejamos o que Percival me deu. Vejamos a rua, agora que Percival está morto. As casas têm alicerces leves para poderem ser soprados do lugar por uma lufada de vento. Os carros disparam e trovejam descuidados, ao acaso, perseguindo-nos até a morte como sabujos. Estou sozinha em um mundo hostil. O rosto humano é horrendo. É isso que aprecio. Quero publicidade e violência e ser lançada como uma pedra

contra as rochas. Aprecio chaminés de fábricas e guindastes e vagões. Gosto da passagem de um rosto, e outro rosto, e mais outro, deformados, indiferentes. Estou nauseada de beleza; estou nauseada de privacidade. Cavalgo sobre as águas e afundarei sem ninguém que me salve.

— Com sua morte, Percival me deu este presente, revelou-me este terror, fez com que me submetesse a esta humilhação — rostos e mais rostos, distribuídos como pratos de sopa por lavadores de pratos; grosseiros, sôfregos, descuidados; devorando tudo com os olhos, esfregando, destruindo, deixando impuro até mesmo o nosso amor, tocado agora por seus dedos sujos.

— Esta é a loja onde comprarei meias. E poderia acreditar que a beleza flui mais uma vez. Seu sussurro vem por essas passagens, por essas rendas, respirando entre cestos de fitas coloridas. Então há cálidas cavidades entalhadas no coração do tumulto; alcovas de silêncio em que podemos refugiar-nos sob a asa da beleza, da verdade que desejo. A dor fica suspensa quando silenciosamente uma jovem abre uma gaveta. E depois ela fala; sua voz me acorda. Disparo até o fundo entre as ervas e vejo inveja, ciúme, ódio e desprezo, fugindo rápidos como caranguejos sobre a areia, enquanto ela fala. São estes os nossos companheiros. Pagarei minha conta e pegarei meu embrulho.

— Esta é Oxford Street. Aqui estão ódio, ciúme, pressa e indiferença, envoltos na selvagem aparência de vida. Estes são os nossos companheiros. Consideremos os amigos com quem nos sentamos e comemos. Penso em Louis, lendo a coluna de esportes de um jornal vespertino, com medo do ridículo; um esnobe. Olhando as pessoas que passam, diz que, se o seguirmos, nos guiará. Se nos submetermos, vai levar-nos à ordem. Assim há de suavizar a morte de Percival a seu gosto, olhando fixamente o céu por sobre o galheteiro, para além do casario. Enquanto isso, Bernard desaba numa poltrona, olhos vermelhos. Pegará seu caderno de notas; no M escreverá “Frases para serem usadas na morte de amigos”. Jinny, em piruetas pelo quarto, pousará no braço da cadeira dele, perguntando: “Será que ele me amava? Mais do que a Susan?” E Susan, noiva do seu fazendeiro do interior, ficará parada por um segundo diante do telegrama, segurando um prato; depois com um pontapé com o salto do sapato fechará a porta do forno. Neville, após olhar a janela através de lágrimas, verá através dessas lágrimas e indagará: “Quem passa

pela janela? Que rapaz adorável?" Este é o meu tributo a Percival; violetas murchas, violetas enegrecidas.

— Para onde então devo ir? Algum museu onde guardam anéis em caixas de vidro, onde há armários especiais e vestidos que rainhas usaram? Ou devo ir a Hampton Court, ver as paredes vermelhas e os jardins e a serenidade dos teixos em grupos erguendo na relva, entre flores, pirâmides simétricas? Lá recobrarei a beleza, imporei ordem à minha alma revolta e desgrenhada? Devo parar sozinha na relva deserta e dizer: gralhas, voem; alguém passa com uma bolsa; há um jardineiro com um carrinho de mão. Eu pararei numa fila e cheirarei suor, e emanarei um odor tão horrível quanto o do suor; e serei dependurada com outras pessoas como um quarto de boi entre outros quartos de boi.

— Aqui há uma sala em que se paga e entra, e se ouve música entre pessoas sonolentas que vieram para cá depois do almoço numa tarde quente. Comemos carne e pudim o bastante para vivermos uma semana sem tocar em comida. Por isso nos agarramos como vermes nas costas de qualquer coisa que nos carregue. Com decoro, com imponência — temos cabelos brancos ondulados debaixo de nossos chapéus; sapatos finos; bolsas pequenas; faces bem escanhoadas; aqui e ali, um bigode militar; nem um grão de pó tem permissão de aninhar-se em qualquer lugar das nossas roupas de casimira. Sacudindo e abrindo programas, com algumas palavras de saudação a amigos, instalamo-nos, como vacas-marinhas encalhadas em rochedos, pesados corpos incapazes de rolar até o mar, esperando que uma onda nos erga, mas somos pesados demais, e há demasiadas pedras secas entre nós e o mar. Ficamos ali estirados, empanturrados de comida, entorpecidos no calor. Depois, inchada, mas contida no cetim escorregadio, a mulher verde-marinho vem nos salvar. Chupa os lábios, assume um ar de intensidade, infla-se e se arremessa exatamente no momento certo, como se visse uma maçã e sua voz fosse uma seta atingindo a nota: "Ah!"

— Um machado dividiu a árvore até o cerne; o cerne está quente; dentro do córtice vibra um som. "Ah!", exclamou uma mulher a seu amante, debruçando-se de sua janela em Veneza. "Ah, ah!", exclama, e novamente: "Ah!" Ela nos forneceu um grito. Tão somente um grito. E o que é um grito? Depois, homens em forma de besouro entram com seus violinos; esperam; contam; fazem sinal com a cabeça; baixam-se os arcos. E há um frêmito e risos como a dança das oliveiras, suas folhas com miríades de

línguas, quando, mordendo um raminho entre os dentes lá onde as colinas escarpadas descem, um marujo salta para a praia.

— "Como" e "como" e "como" — mas qual é a coisa que jaz debaixo da aparência da coisa? Agora que o relâmpago fez um talho na árvore, e o ramo florido caiu, e Percival me deu este presente com sua morte, quero ver a coisa. Há um quadrado; há um retângulo. Os músicos pegam o quadrado e colocam-no sobre o retângulo. Fazem isso acuradamente, formando um brigue perfeito. Muito pouca coisa fica de fora. Agora a estrutura está visível; aqui se estabelece o que é incipiente; não somos tão variados nem tão vis; fizemos retângulos e colocamos sobre quadrados. Este é o nosso triunfo; este, o nosso consolo.

— A doçura transbordante desta descoberta desce pelas paredes de minha mente e oblitera o entendimento. Não ande mais, digo; este é o fim. O quadrado foi posto sobre o retângulo; a espiral no topo. Fomos arrastados para o mar sobre pedregulhos. Os músicos voltam, mas estão enxugando os rostos. Já não estão tão elegantes e afáveis. Partirei. Porei de lado esta tarde. Irei a Greenwich. Lançar-me-ei destemida em bondes, em ônibus. Quando oscilamos Regent Street abaixo, e sou jogada sobre esta mulher, sobre este homem, não fico ofendida, não fico indignada com o choque. Um quadrado sobre um retângulo. Aqui há ruas sórdidas em que se regateia em mercados na calçada, e se exibe toda a sorte de barras de ferro, cavilhas e parafusos, e as pessoas chegam em bandos pela calçada beliscando carne crua com dedos gordos. A estrutura está visível. Fizemos um abrigo.

— Então são essas as flores que crescem entre os rudes capins do campo, espezinhados pelas vacas, mordidos pelo vento, quase deformados, sem fruto ou flor. É isso que trago, arrancado pelas raízes na calçada de Oxford Street, meu raminho de um *penny*, meu raminho de violetas que custou um *penny*. Agora, da janela do bonde, vejo mastros entre chaminés; lá está o rio; lá há navios que partirão para a Índia. Andarei à margem do rio. Caminharei por esse aterro onde um velho lê um jornal numa cabine de vidro. Caminharei por esse terraço e observarei os navios fendendo a maré. Uma mulher anda pelo convés, com um cão latindo a seu redor. Suas saias estão infladas de vento; seu cabelo esvoaçava; estão saindo para o mar; estão nos deixando; estão sumindo nessa noite de verão. Agora vou desistir; agora vou me abandonar. Agora por fim libertarei meu desejo reprimido, meu desejo contido de ser consumida. Galoparemos juntos

pelas colinas desertas onde a andorinha molha suas asas em tanques de água escura e os pilares estão intactos. Na onda que se rompe na praia, na onda que lança sua espuma aos recantos mais distantes da terra, jogo minhas violetas, minha oferenda a Percival.

O sol já não estava no meio do céu. Sua luz inclinava-se, caindo oblíqua. Aqui apanhava a quina de uma nuvem e a incendiava numa fatia de luz, uma ilha esbraseada sobre a qual nenhum pé poderia pousar. Depois outra nuvem era colhida pela luz, e outra, e mais outra, de modo que as ondas abaixo eram flechadas por dardos de plumas de fogo, disparados ao acaso pelo fremente azul.

As folhas mais altas da árvore estavam crestadas de sol. Farfalhavam rígidas na brisa errante. Os pássaros pousavam quietos, exceto quando viravam bruscamente as cabeças de um lado para outro. Agora faziam uma pausa em seu canto, como se estivessem saciados de som, como se a plenitude do meio-dia os tivesse empanturrado. A libélula pousava imóvel sobre um junco, depois disparava distante sua agulha azul. O zumbido distante parecia feito do tremor débil de finas asas dançando para baixo e para cima no horizonte. A água do rio agora fixava os juncos como se houvesse vidro hirto em torno deles; depois o vidro ondulava, e os juncos balouçavam até embaixo. O gado parava nos campos, meditando, cabeças baixas, e movia desajeitadamente um pé, depois outro. Na tina perto da casa a torneira parou de pingar, como se a tina estivesse cheia, depois a torneira pingou uma, duas, três gotas separadas, sucessivamente.

As janelas mostravam manchas errantes de fogo aceso, o cotovelo de um galho, depois algum tranquilo espaço de pura claridade. A cortina pendia rubra no canto da janela, e dentro do quarto adagas de luz tombavam sobre cadeiras e mesas abrindo rachaduras em sua laca ou seu verniz. O pote verde parecia imenso, com sua janela branca alongada no flanco. Empurrando a escuridão à frente, a luz derramava-se profusa sobre quinas e saliências; e acumulava negrume em montes informes.

As ondas concentravam-se, curvavam os dorsos e quebravam. Pedras e cascalho espirravam no ar. Giravam em torno dos rochedos, e os borrifos de água, saltando alto, respingavam as paredes de uma caverna que antes estivera seca, deixando poças na terra, onde algum peixe encalhado batia sua cauda enquanto a onda recuava.

— Já assinei meu nome vinte vezes — disse Louis. — Eu, e novamente eu, e novamente eu. Lá está meu nome, claro, firme, inequívoco. Também sou bem delineado e inequívoco. Mas uma vasta herança de experiência acumula-se em mim. Vivi mil anos. Sou como um verme que abriu seu caminho comendo a madeira de uma trave de carvalho muito antiga. Mas agora sou compacto; agora estou inteiro, nesta bela manhã.

— O sol brilha em um céu limpo. Mas o meio-dia não traz chuva nem sol. É a hora em que a srta. Johnson vem com minhas cartas em um cesto de arame. Identifico meu nome nesses papéis brancos. O sussurro de folhas, água correndo em sarjetas, profundezas verdes manchadas de dálias ou zínias; eu, ora um duque, ora Platão, companheiro de Sócrates; o andar pesado de homens escuros e homens amarelos migrando para leste, oeste, norte e sul; a procissão eterna, mulheres com pastas de documentos pelo Strand como outrora iam com cântaros ao Nilo; todas as folhas enroladas e comprimidas da minha múltipla vida agora estão resumidas no meu nome; inscritas clara e sobriamente na página. Agora homem adulto, parado ereto no sol ou na chuva, preciso cair pesado como uma machadinha e cortar o carvalho com meu peso todo, pois se me desviar, olhando para cá ou para lá, tombarei como neve e serei dissipado.

— Estou meio apaixonado pela máquina de escrever e pelo telefone. Com cartas e cabos e ordens breves mas corteses, ao telefone, para Paris, Berlim, Nova Iorque, fundi as minhas muitas vidas numa só; ajudei com minha assiduidade e decisão a desenhar essas linhas no mapa, enlaçando as diferentes partes do mundo. Amo ser pontual ao entrar às dez na minha sala; amo o brilho violeta do mogno escuro; amo a mesa e sua quina pronunciada; e as gavetas que correm macias. Amo o telefone com seu lábio estendido para meu sussurro, e a folhinha na parede; e minha agenda: o sr. Prentice às quatro; o sr. Eyres exatamente às quatro e meia.

— Gosto que me peçam para entrar na sala particular do sr. Burchard e relatar nossas realizações na China. Espero herdar uma poltrona e um tapete turco. Meu ombro empurra a roda; rolo a escuridão à minha frente, espalhando comércio onde havia caos, nas partes mais distantes do mundo. Se eu pressionar mais, transformando o caos em ordem, encontrar-me-ei onde estiveram Chatham, Pitt, Burk e *Sir* Robert Peel. Assim apago certas manchas e anulo velhas corrupções; a mulher que me deu a bandeira do

alto da árvore de Natal; meu sotaque; surras e outras torturas; os meninos presunçosos; meu pai, banqueiro em Brisbane.

— Li meu poeta em um restaurante e, mexendo meu café, escutei os empregados de escritórios fazendo suas apostas em mesinhas, observei mulheres hesitando no balcão. Eu disse que nada seria irrelevante, como um pedaço de papel pardo jogado acidentalmente no chão. Eu disse que suas jornadas deveriam ter um fim em vista; deveriam ganhar suas duas libras e dez por semana, trabalhando sob o comando de algum senhor nobre; uma mão, um traje deveriam cingir-nos à noite. Quando eu tiver curado essas fraturas e compreendido essas monstruosidades, de modo que não precisem nem de desculpas nem de perdão, coisas que desperdiçam nossa energia, devolverei à rua e ao restaurante o que perderam quando tombaram sobre esses tempos difíceis e quebraram nessas praias empedradas. Reunirei algumas palavras e forjarei para nós um anel de aço batido.

— Mas agora não tenho um minuto a perder. Aqui não há repouso, nenhuma sombra de folhas trêmulas, ou alcova onde possa abrigar-me do sol, sentar-me com uma amante, no frescor da noite. O peso do mundo está sobre nossos ombros; sua visão vara nossos olhos; se pestanejamos ou olhamos para o lado, ou recuamos para procurar o que Platão disse, ou recordar Napoleão e suas conquistas, infligiremos ao mundo o dano de algum desvio. Isto é a vida; o sr. Prentice às quatro; o sr. Eyres às quatro e meia. Gosto de escutar o suave deslizar do elevador e o baque surdo com que para no meu andar, e o trilhar viril de pés responsáveis pelos corredores. Assim, unindo nossas forças, enviamos navios às partes mais remotas do globo; repletos de lavatórios e aparelhos de ginástica. O peso do mundo está sobre nossos ombros. Isto é a vida. Se eu progredir, herdarei uma poltrona e um tapete; um lugar em Surrey, com estufas de plantas e algumas coníferas raras, melões ou árvores floridas pelas quais outros comerciantes me invejarão.

— Ainda mantenho meu quarto no sótão. Lá, abro meu habitual livrinho; lá observo a chuva cintilar nas telhas até que brilhem como o impermeável do policial; lá vejo as janelas quebradas nas casas pobres; os gatos magros; alguma mulher desmazelada dando uma olhadela no espelho rachado enquanto arruma o rosto para seu trabalho nas esquinas; Rhoda vem ver-me algumas vezes. Porque somos amantes.

— Percival morreu (morreu no Egito; morreu na Grécia; todas as mortes são uma só morte). Susan tem filhos; Neville sobe rapidamente para alturas notáveis. A vida passa. As nuvens mudam perpetuamente sobre as casas. Faço isto, faço aquilo, novamente isto ou aquilo. Encontrando-nos e separando-nos, assumimos formas diversas, formamos diversos padrões. Mas se eu não afixar essas impressões no quadro e formar um só com os muitos homens que vivem em mim; se eu existir aqui e agora, e não em faixas e remendos, como neve dispersa em montanhas distantes; se eu não perguntar à srta. Johnson sobre os filmes quando passo pelo escritório, nem tomar minha xícara de chá e aceitar meu biscoito favorito, então tombarei como a neve e serei dissipado.

— Mas quando batem seis horas e toco o chapéu com os dedos saudando o chefe da seção, sempre efusivo demais nos cumprimentos porque quero ser aceito; e luto resistindo ao vento, roupa bem abotoada, maxilar azul e olhos lacrimejando, então desejo que aquela pequena datilógrafa se aninhe nos meus joelhos; penso que meu prato favorito é fígado com *bacon*; e assim sou capaz de andar até o rio, até as ruelas onde as casas públicas são abundantes, e as sombras dos navios passam no fim da rua, e mulheres brigam. Mas, recuperando meu juízo, digo a mim mesmo: o sr. Prentice às quatro; o sr. Eyres às quatro e meia. O machado tem de cair sobre o cepo; o carvalho tem de ser fendido ao meio. O peso do mundo repousa nos meus ombros. Aqui estão caneta e papel; assino meu nome nas cartas do cesto de arame, eu, eu, e novamente eu.

— Chega o verão — disse Susan — e o inverno. As estações passam. A pera intumesce e cai da árvore. A folha morta repousa na beirada. Mas o vapor embaciou a vidraça. Sento-me junto ao fogo e contemplo a chaleira que ferve. Vejo a pereira entre as listras de vapor na vidraça.

— Durma, durma, canto baixinho, seja verão ou inverno, maio ou novembro. Durma, canto eu — eu, que não sou musical nem ouço música exceto música rústica quando um cão ladra, um sino toca ou rodas rangem no cascalho. Canto minha canção junto ao fogo como uma velha concha murmurando na praia. Durma, durma, digo, mantendo afastados com minha voz todos os que batem com vasilhas de leite, atiram em gralhas, disparam contra coelhos, ou de algum modo trazem o choque da destruição perto deste berço balouçante que carrega doces membros enrolados debaixo de um cobertor rosa.

— Perdi minha indiferença, meus olhos vazios, meus olhos em formato de pera, que espreitavam raízes. Já não sou janeiro, maio ou qualquer estação, mas estou toda tramada numa fina rede ao redor do berço, minha criança. Durma, digo, e sinto despertar dentro de mim uma violência mais selvagem, sombria, que abateria com um só golpe qualquer intruso, qualquer estranho que irrompesse neste quarto e acordasse quem dorme.

— Arrasto-me pela casa o dia inteiro, de avental e chinelos, como minha mãe que morreu de câncer. Seja verão ou inverno, já não sei disso pelo capim dos pântanos ou pela flor estival; apenas pela vidraça embaciada, ou coberta de geada. Quando a cotovia lança alto seu anel de som, e ele despenca pelos ares como uma maçã podada do ramo, debruço-me; alimento meu filho. Eu, que costumava andar pelos bosques de faias, notando a pena do gaio azulado quando caía, passando pelo pastor e pelo vagabundo, que encarava a mulher agachada ao lado de uma carreta tombada num valo, agora ando de quarto em quarto com um espanador. Durmo, digo, desejando que o sono baixe como um lençol cobrindo este corpo frágil; exigindo que a vida esconda suas unhas e oculte seus relâmpagos, e passe ao longe, e faço com meu próprio corpo uma cavidade, um cálido abrigo para meu filho dormir. Durma, digo, durma. Ou vou até à janela, contemplo o alto ninho da gralha; e a pereira. "Os olhos dele enxergarão quando os meus estiverem cerrados", penso. "Com eles sairei do meu corpo e verei a Índia. Ele voltará para casa, trazendo troféus para serem depositados aos meus pés. Ele multiplicará minhas posses."

— Mas nunca me levanto ao amanhecer para ver as gotas roxas nas folhas de couve; ou as gotas rubras nas rosas. Não observo o *setter* farejar em círculo, nem me deito à noite para contemplar as folhas esconderem as estrelas, e as estrelas se moverem enquanto as rochas permanecem imóveis. O açougueiro chama; o leite tem de ser tapado se não azeda.

— Durma, digo, durma, enquanto a chaleira ferve e sua respiração sai mais densa, emergindo num jato do bico. Assim a vida enche minhas veias. Assim a vida corre pelos meus membros. Assim sou impelida adiante, embora, enquanto me movimento da madrugada ao anoitecer, abrindo e fechando, pudesse gritar: "Basta. Estou saciada de felicidade natural." Contudo, mais e mais filhos virão; mais berços, mais cestos na cozinha e mais presuntos curtindo; e cebolas cintilando; e mais canteiros de alface e batatas. Sou soprada como uma folha pela ventania, ora

roçando a relva úmida, ora redemoinhando no ar. Estou saturada de felicidade natural; e por vezes desejo que essa plenitude me abandone e que se erga o peso da casa adormecida, quando nos sentamos a ler, e enfio a linha no buraco da agulha. A lâmpada acende um fogo na vidraça escura. Um fogo arde no coração da hera. Vejo uma rua iluminada nas sempre-vivas. Ouço tráfego na corrida do vento pelo gramado, e vozes quebradas, e risos, e Jinny gritando quando a porta abre: "Venha, venha!"

— Mas nenhum som rompe o silêncio de nossa casa, onde os campos suspiram junto à porta. O vento farfalha nos olmos; uma mariposa bate na lâmpada; uma vaca muge; uma viga põe-se a ranger, e passo a linha pela agulha, e murmuro: "Durma."

— Agora é o momento — disse Jinny. — Agora nos encontramos, estamos juntos. Agora vamos falar, contar histórias uns para os outros. Quem é ele? Quem é ela? Estou infinitamente curiosa e não sei o que acontecerá. Se vocês, a quem encontro pela primeira vez, me dissessem: "A carruagem sai de Piccadilly às quatro", eu não me demoraria jogando objetos numa bolsa, mas viria logo.

— Sentemos aqui debaixo das flores, no sofá diante do quarto. Decoremos nossa árvore de Natal com fatos e mais fatos. As pessoas vão-se tão depressa; vamos segurá-las. Esse homem junto do armário; vocês dizem que ele vive rodeado de potes de porcelana. Quebre um, e terá despedaçado mil libras. Ele amava uma moça em Roma, que o abandonou. Daí os potes, velharias encontradas em estalagens ou cavadas nas areias do deserto. E como a beleza tem de ser quebrada diariamente para permanecer bela, e ele é estático, sua vida fica estagnada num mar de porcelana. Mas é estranho, pois um dia, quando moço, ele se sentou no chão úmido bebendo rum com soldados.

— É preciso ser rápido e somar fatos habilmente, como brinquedos numa árvore, prendendo-os com um torcer de dedos. Ele se inclina, como se inclina, até sobre uma azálea. Inclina-se para uma anciã também porque ela usa diamantes nas orelhas e, correndo por sua propriedade numa carruagem puxada por pôneis, determina quem deve ser ajudado, que árvore será abatida, quem será despedido amanhã. (Devo dizer que vivi minha vida nesses anos, e tenho mais de trinta, como uma cabra saltando perigosamente de penhasco em penhasco; não me estabeleço muito tempo em lugar algum; não me ligo a nenhuma pessoa em particular; mas verão que, se eu erguer o braço, alguém aparecerá, aproximando-se de mim.) E

aquele homem é um juiz; aquele, um milionário; aquele de óculos, quando tinha dez anos de idade, varou com uma flecha o coração de sua governanta. Depois disso, atravessou desertos com mensagens, participou de rebeliões, e agora coleciona material para a história da família de sua mãe, há muito estabelecida em Norfolk. O homenzinho de queixo azulado tem a mão direita mirrada. Por quê? Não sabemos. Aquela mulher, vocês sussurram discretamente, com brincos de pérola pendendo das orelhas como pagodes, foi a pura chama que incendiou a vida de um dos nossos estadistas; agora, desde a morte dele, ela vê fantasmas, lê a sorte, adotou um jovem cor de café a quem chama Messias. Aquele homem de bigodes caídos como um oficial da cavalaria viveu uma vida muito dissoluta (tudo está registrado em alguma biografia), até que um dia, em um trem, encontrou um estranho e este o converteu, entre Edimburgo e Carlisle, lendo a Bíblia.

— Assim, em alguns segundos, agilmente, habilmente, decifr amos os hieróglifos inscritos nos rostos de outras pessoas. Aqui nesta sala há conchas gastas e corroídas na praia. A porta continua a se abrir. O aposento enche-se mais e mais de conhecimento, agonia, muitas espécies de ambição, muita indiferença, algum desespero. Entre nós, vocês dizem, podíamos construir catedrais, ditar a política, condenar homens à morte e administrar vários órgãos do governo. A reserva comum de experiência é muito funda. Temos entre nós bandos de crianças dos dois sexos, que educamos, que visitamos na escola com sarampo e que criamos para herdarem nossas casas. De um modo ou de outro, fazemos este dia, esta sexta-feira, alguns indo aos tribunais; outros à cidade; outros ao berçário; outros marchando em filas de quatro. Um milhão de mãos bordam, erguem caixas com tijolos. A atividade é interminável. E amanhã recomeça; amanhã faremos o sábado. Alguns pegarão o trem para a França; outros, o navio para a Índia. Alguns nunca voltarão a esta sala. Um pode morrer esta noite. Outro gerará um filho. De nós brotará toda espécie de construção, política, felicidade, poema, filho, fábrica. A vida chega; a vida se vai; nós fazemos a vida. Assim dizem vocês.

— Mas nós que vivemos no corpo vemos com a imaginação do corpo as coisas desenhadas a traço. Vejo rochas ao sol claro. Não posso levar esses fatos para dentro de alguma caverna e, tapando meus olhos, fundir seus amarelos, azuis e cor de ferrugem em uma só substância. Não posso ficar muito tempo sentada. Preciso levantar-me de um salto e partir. A

carruagem pode partir para Piccadilly. Solto todos esses fatos — diamantes, mãos mirradas, potes de porcelana e o resto — como um macaco solta nozes de suas mãos peladas. Não posso dizer-lhes se a vida é isto ou aquilo. Vou sair para a multidão heterogênea. Serei golpeada; erguida e baixada entre homens, como um navio no mar.

— Pois agora acena meu corpo, meu companheiro, que está sempre enviando seus sinais, o áspero e negro "Não", o dourado "Entre", em rápidas setas de sensação. Alguém se move. Ergui meu braço? Olhei? Meu lenço amarelo com manchas cor de morango flutuou, emitindo um sinal? Ele se afastou da parede. Vem atrás de mim. Sou perseguida pela floresta. Tudo é êxtase, tudo é noturno, e os pardais seguem gritando através dos ramos. Todos os meus sentidos estão de pé, eretos. Agora sinto a aspereza da fibra da cortina pela qual passo; agora sinto a balaustrada de ferro frio e sua tinta descascada contra a palma de minha mão. Agora a escura maré das trevas derrama suas águas sobre mim. Estamos ao ar livre. A noite se abre; a noite varada por mariposas errantes; a noite ocultando amantes que vagueiam em direção à aventura. Sinto aroma de rosas; sinto aroma de violetas; vejo vermelho e azul escondidos. Agora, há cascalho sob meus pés; agora, relva. Paredes de trás de altas casas erguem-se pesadas de luzes. Londres inteira hesita com lampejos de luz. Agora cantemos nossa canção de amor — Venha, venha, venha. Agora meu sinal dourado é como uma libélula voando retesada. Gorjeio, gorjeio, gorjeio como o rouxinol cuja melodia se acumula na passagem muito estreita da garganta. Agora ouço ramos que se quebram e cedem, e o embate de galhadas de cervos, como se todos os animais da floresta estivessem caçando, todos se erguendo e tombando entre espinhos. Um deles me penetrou. Um enfiou-se fundo em mim.

— E flores de veludo e folhas cujo frescor vem da água, envolvem-me, embalsamando-me.

— Por que — perguntou Neville — olhar o relógio tiquetaqueando sobre a lareira? Sim, o tempo passa. E envelhecemos. Mas sentar-me com você, sozinho com você em Londres, neste quarto iluminado pelo fogo, e você ali, e eu aqui, isto é tudo. O mundo esquadrinhado até os confins, todas as suas montanhas com as flores arrancadas e colhidas, não se sustém mais. Veja a luz do fogo correndo acima e abaixo no fio dourado da cortina. A fruta que ele rodeia enlanguesce pesadamente. A luz cai sobre a ponta da sua bota, dá a seu rosto uma orla vermelha — penso que é o fogo,

não seu rosto; penso que isso são livros contra a parede, e aquilo, uma cortina, e aquilo, talvez uma poltrona. Mas, quando você chega, tudo muda. As xícaras e os pires mudaram quando você entrou esta manhã. Não pode haver dúvida, pensei, afastando o jornal, de que nossas insignificantes vidas, disformes como são, assumem esplendor e significado apenas aos olhos do amor.

— Levantei-me. Terminara meu café da manhã. Depois havia o dia inteiro à nossa frente, e era um belo dia, terno, descomprometido, e passeamos pelo parque até o aterro, e pelo Strand até St. Paul, depois a uma loja onde comprei um guarda-chuva, sempre conversando, parando aqui e ali para olhar. Mas isto pode durar? — perguntei a mim mesmo junto de um leão em Trafalgar Square, esse leão visto uma vez para sempre. Assim revistei minha vida passada, cena após cena; existe um olmo e ali se deita Percival. Eternamente, jurei. Depois caí na dúvida costumeira. Agarrei sua mão. Você me abandonou. A descida pelo metrô foi como a morte. Ficamos apartados, desligados por todos aqueles rostos e o vento oco que parecia bramir sobre grandes rochedos ermos. Sentei-me em meu quarto, olhando sem ver. Pelas cinco sabia que você me era infiel. Peguei o telefone, e o bzzz, bzzz, bzzz de sua voz estúpida no seu quarto vazio desmontava meu coração, quando a porta se abriu e lá estava você. Aquele foi o mais perfeito dos nossos encontros. Mas esses encontros e essas separações acabam por nos destruir.

— Agora este quarto me parece o centro do mundo, algo retirado da noite eterna. Lá fora linhas se retorcem e interseccionam, mas em torno de nós, enroscando-se em nós. Aqui estamos centrados. Aqui podemos calar, ou falar sem erguermos a voz. Dizemos: você notou isto e aquilo? Ele disse aquilo, dando a entender... Ela hesitou, e creio que suspeitava. De qualquer modo, ouvi vozes, um soluço na escada, tarde da noite. Este é o fim de nosso relacionamento. Assim tecemos em volta de nós filamentos infinitamente finos, e construímos um sistema. Platão e Shakespeare estão incluídos, e também pessoas bastante obscuras, gente sem nenhuma importância. Odeio homens que usam crucifixos do lado esquerdo de seu colete. Odeio cerimônias e lamentações, e a triste imagem de Cristo oscilando ao lado de outra imagem triste e oscilante. Também a pompa e a indiferença e a ênfase, sempre no lugar errado, de pessoas que exibem sob candelabros seus trajes de festa, com estrelas e outros ornamentos. Mas um respingo na sebe, ou um pôr do sol sobre um campo liso no inverno, ou

a maneira de uma anciã sentar-se num ônibus, com os cotovelos para fora, segurando uma cesta — a estes indicamos para que o outro os veja. Há tamanho alívio em indicar algo para o outro ver. E não dizer nada. Seguir as escuras trilhas da mente, e entrar no passado, para visitar livros, afastar seus ramos e colher alguma fruta. E você a apanha e se maravilha, tal como eu colho os movimentos descuidados de seu corpo e me maravilho, por sua naturalidade, seu poder — como você abre janelas e é hábil com as mãos. Pois, ai de mim! — minha mente está um pouco embaraçada, logo se cansa; caio na meta de chegada, úmido, talvez repulsivo.

— Ai de mim! Eu não poderia cavalgar na Índia com um capacete e voltar a um bangalô. Não posso cambalear por um convés, como você faz, feito menininhos seminus esguichando água um no outro com seringas de borracha. Quero este fogo, esta cadeira. Quero alguém para sentar comigo depois da correria do dia, com toda a sua angústia, depois de tanto escutar, e esperar, e suspeitar. Depois da briga e da reconciliação, preciso de privacidade — para ficar sozinho com você, para pôr em ordem essa confusão. Pois em meus hábitos sou asseado como um gato. Precisamos opor-nos ao desperdício e à deformidade do mundo, suas multidões circulando por aí, vomitadas e pisoteadas. É preciso passar espetáculos de maneira suave e exata entre as páginas do romance, amarrar maços de cartas asseadamente com seda verde, e varrer as cinzas com a escova da lareira. Tudo deve ser feito para exprobrar o horror da deformidade. Leiamos autores de severidade e virtude romanas; procuremos a perfeição atravessando as areias. Sim, mas gosto de fazer passar a virtude e a severidade dos nobres romanos debaixo da luz cinzenta dos seus olhos, e relvas dançarinas e brisas estivais e o risco e os gritos de meninos que brincam — os cabineiros de navio, nus, no convés, esguichando uns nos outros a água de seringas de borracha. Por isso não sou um pesquisador desinteressado como Louis, que segue atrás da perfeição nas areias. Cores sempre mancham a página; nuvens passam sobre ela. E, penso, o poema é apenas a sua voz falando. Alcebíades, Ajax, Heitor e Percival também são você. Eles gostavam de cavalgar, arriscavam suas vidas temerariamente, e também não eram grandes leitores. Mas você não é Ajax nem Percival. Eles não franziam o nariz nem coçavam a testa com um gesto preciso. Você é você. É isso que me consola da falta de muitas coisas — sou feio, sou fraco — e da depravação do mundo, e da fuga da juventude, e da morte de Percival, e amargura e rancor, e incontáveis invejas.

— Mas se algum dia você não vier depois do café da manhã, se algum dia avistar você em algum espelho, talvez procurando por outro homem, se o telefone toca e toca em seu quarto vazio, então, depois de indizível agonia, então — pois não tem fim a loucura do coração humano — procurarei outro, encontrarei outro, você. Nesse meio-tempo, vamos abolir com um sopro o tique-taque dos relógios. Chegue mais perto de mim.

Agora o sol baixara mais no céu. Ilhas de nuvens adensavam-se atravessando-se diante do sol, de modo que subitamente as nuvens se tornavam negras, e o trêmulo azevim do mar perdia seu azul tornando-se prateado, e sombras estendiam-se como panos cinza sobre o mar. As ondas já não visitavam as poças mais distantes, nem atingiam a linha preta e salpicada, irregularmente demarcada na praia. A areia era de um branco perolado, macio e lustroso.

Pássaros giravam e desciam no céu. Alguns disparavam nos sulcos do vento e voltavam e atravessavam-nos como se fossem um corpo cortado em mil fatias. Pássaros tombavam como uma rede descendo dos cimos das árvores. Aqui um pássaro solitário voou até o charco, pousando isolado numa estaca branca, abrindo e fechando as asas.

Algumas pétalas haviam caído no jardim. Em forma de conchas, jaziam na terra. A folha morta já não estava equilibrada sobre sua ponta, mas fora soprada, ora correndo, ora parando, contra um caule. Por todas as flores perpassava a mesma onda de luz, num súbito alarde e lampejo, como se uma barbatana cortasse o vidro verde de um lago. Vez por outra, uma rajada soprava as inúmeras folhas, erguendo-as e baixando-as, e então, quando o vento tatalava, cada folha recuperava sua identidade. As flores, ardendo em seus discos claros ao sol, lançavam de lado a luz do sol, quando o vento as balançava, e depois algumas corolas, pesadas demais para se erguerem novamente, descaíam um pouco.

O sol da tarde aquecia os campos, despejava azul nas sombras e avermelhava o trigo. Um profundo verniz era passado como laca sobre os campos. Uma carreta, um cavalo, um bando de gralhas — o que quer que se movesse ali era banhado em ouro. Se uma vaca mexesse uma perna, provocava ondulações de ouro vermelho, e seus chifres pareciam forrados de luz. Feixes de trigo com cabelos cor de linho jaziam nas sebes, caídos das carretas oscilantes que subiam dos prados, baixas e de aparência primitiva. As nuvens de cabeças redondas não minguavam quando rolavam

adiante, mas retinham cada átomo da sua forma. Agora, passando, colhiam no voo de sua rede a aldeia inteira, e, depois de passadas, deixavam-na livre novamente. Longe no horizonte, entre milhões de grãos de poeira azul-cinza, ardia uma vidraça, ou erguia-se a linha isolada de um campanário ou de uma árvore.

As cortinas vermelhas e as persianas brancas sopravam para dentro e para fora, batendo contra a beirada da janela, e a luz que entrava desigualmente nessas batidas e nesse arfar mostravam uma coloração castanha, e certo abandono ao entrar em golfadas pelas cortinas intumescidas. Aqui dava um tom castanho a um armário, ali avermelhava uma cadeira, lá fazia a janela ondular no flanco do jarro verde.

Por um instante, tudo ondulou e curvou-se em incerteza e ambiguidade, como se uma imensa mariposa noturna, singrando pelo quarto, tivesse sombreado com asas frementes a enorme solidez das cadeiras e mesas.

— E o tempo deixa tomar sua gota — disse Bernard. — A gota que se formou no telhado da alma despenca. Condensando-se sobre o telhado da minha mente, o tempo deixa tombar sua gota. Na semana passada, quando eu estava me barbeando, a gota caiu. Eu, parado com meu barbeador na mão, subitamente tomei consciência da natureza habitual do meu ato (esta é a gota se formando) e ironicamente congratulei minhas mãos por realizarem isso. Barbear, barbear, disse eu. Sigam barbeando. A gota também. Durante todo o dia de trabalho, em intervalos, minha mente ia a um lugar vazio, dizendo: "O que se perdeu? O que terminou?" E murmurei: "Acabou, acabou", consolando-me com palavras. As pessoas notaram o vazio de meu rosto, e a falta de objetivo de minha conversa. As últimas palavras da minha frase sumiam. E quando abotoei meu casaco para ir para casa, disse mais dramaticamente: "Perdi minha juventude."

— É tão estranho como, a cada crise, alguma frase que não combina insiste em voltar em nosso socorro — é a desgraça de viver com um caderno de notas em meio a uma civilização. Essa gota caindo não tem nada a ver com a perda da minha juventude. Essa gota caindo é o tempo afilando-se num ponto. O tempo, que é uma pastagem ensolarada coberta de luz dançarina, o tempo estendido como um campo ao meio-dia, torna-se pendente. O tempo se afila em um ponto. O tempo cai como uma gota cai dos sedimentos no fundo de um cálice. Esses são os verdadeiros ciclos, esses, os verdadeiros eventos. Pois, como se toda luminosidade da

atmosfera fosse afastada, vejo o fundo nu. Vejo o que fica coberto pelos hábitos. Deito-me na cama dias a fio, ocioso. Janto fora e abro a boca como um bacalhau. Não me importo em terminar minhas frases, e minhas ações, habitualmente tão incertas, adquirem uma precisão mecânica. Desta vez, passando por uma agência de viagens, entrei e, com toda a serenidade de um mecânico, comprei uma passagem para Roma.

— Agora, estou sentado no banco de pedra destes jardins olhando a cidade eterna, e o homenzinho que fazia a barba em Londres há cinco dias já parece uma trouxa de roupas velhas. Londres também se esfacelou. Londres é um amontoado de fábricas arruinadas e alguns gasômetros. Ao mesmo tempo não estou envolvido nesta pompa. Vejo os padres com faixas cor de vinho e as babás pitorescas; noto apenas coisas externas. Sento-me aqui como um convalescente, como um homem muito simples que sabe apenas palavras de uma única sílaba. "O sol está quente", digo. "O vento está frio."* Sinto-me carregado num giro como um inseto pousado no topo da Terra, e poderia jurar que, sentado aqui, sinto sua dureza e seu movimento de rotação. Não tenho desejo de andar em direção oposta à da Terra. Se pudesse prolongar essa sensação por mais seis polegadas, pressinto que poderia tocar algum território estranho. Mas minha tromba é muito curta. Não quero jamais prolongar esses estados de alheamento; não gosto deles; desprezo-os também. Não quero ser um homem que fica sentado cinquenta anos no mesmo lugar, pensando com seus botões. Quero ser amarrado a uma carreta, uma carreta de legumes que sacoleja por sobre as pedras irregulares do calçamento.[1]

— A verdade é que não sou um desses que encontram sua satisfação em uma pessoa ou no infinito. Meu quarto me entedia, o céu também. Meu ser cintila apenas quando todas as suas facetas estão expostas a muitas pessoas. Se elas falharem, ficarei cheio de buracos, minguando como papel queimado. Ah, digo, sra. Moffat, sra. Moffat, venha e limpe tudo isto. Essas coisas caíram de mim. Gastei certos desejos; perdi amigos, alguns pela morte — Percival —, outros pela mera falta de habilidade para cruzar a rua. Não tenho tantos dons como outrora parecia. Certas coisas estão fora do meu alcance. Nunca entenderei os problemas mais difíceis da filosofia. Roma é o limite de minhas viagens. Quando pego no sono à noite, por vezes me atinge como um golpe o fato de que jamais verei selvagens no Taiti capturarem peixes com lanças à luz da vasilha com brasas, ou um leão saltar na selva, ou um homem nu comer carne crua.

Nem aprenderei russo ou lerei os Vedas. Nunca mais me chocarei com uma caixa de correios. (Mas ainda há algumas estrelas caindo na minha noite, lindamente, provindas da violência daquela concussão.) Mas, penso, a verdade se aproximou mais. Por muitos anos recitei complacente: "Meus filhos... minha mulher... minha casa... meu cão." Quando abria minha porta com a chave, eu passava por aquele ritual familiar, e me envolvia em cobertores quentes. Agora, esse adorável véu caiu. Não quero possuir nada. (Nota: uma lavadeira italiana está no mesmo grau de refinamento físico que a filha de um duque inglês.)

— Mas deixem-me pensar. A gota cai; outro estágio foi alcançado. Um estágio depois do outro. E por que haveria um fim dos estágios? E para onde levam? A que conclusão? Pois chegam usando trajes solenes. Nesses dilemas, os devotos consultam os cavalheiros de faixas cor de vinho na cintura e de aparência sensual, que passam em grupos a meu lado. Mas nós, nós sentimos falta de mestres. Se um homem se ergue e diz: "Veja, esta é a verdade", eu instantaneamente percebo ao fundo um gato cor de areia furtando um peixe. Veja, digo, você esqueceu o gato. Assim, na escola, na capela penumbrosa, Neville ficava furioso vendo o crucifixo do reitor. Eu, sempre distraído, seja por um gato ou por uma abelha zumbindo em torno do buquê que *lady* Hampden mantém tão diligentemente pressionado contra seu nariz, imediatamente invento uma história, e assim oblitero os ângulos do crucifixo. Inventei milhares de histórias; enchi incontáveis cadernos de notas com frases para serem usadas quando eu tivesse encontrado a verdadeira história, aquela história única, aquela à qual todas essas frases se referem. Mas nunca encontrei tal história. E começo a perguntar: haverá histórias?

— Agora, deste terraço, olhem a população aglomerada embaixo. Vejam a atividade e o clamor geral. Aquele homem tem problemas com sua mula. Meia dúzia de vadios bondosos oferecem seus serviços. Outros passam sem um olhar. Têm tantos interesses quanto os fios de uma madeixa. Vejam o fluir do céu, recurvado sobre nuvens redondas e brancas. Imaginem as léguas de terra plana e os aquedutos e o calçamento romano quebrado, e as pedras tumulares da Campagna, o mar, depois mais terra, depois outro mar. Eu poderia destacar qualquer detalhe de toda essa visão — digamos, a carreta com a mula — e descrevê-lo com a maior facilidade. Mas por que descrever um homem que tem problemas com sua mula? Mais uma vez, eu poderia inventar histórias sobre aquela moça que sobe

os degraus. “Ela o encontrou debaixo de uma arcada sombria... ‘Acabou’, disse ele, virando-se da gaiola onde está o papagaio de porcelana.” Ou simplesmente: “Isto foi tudo.” Mas por que impor meu desenho arbitrário? Por que salientar isto e dar forma àquilo e formar figurinhas como os homens de brinquedo vendidos em bandejas na rua? Por que selecionar isto no meio de tudo — um detalhe?

— Aqui estou eu, descascando uma das peles da minha vida, e tudo o que dizem é: “Bernard está passando dez dias em Roma.” Aqui estou eu subindo e caminhando por este terraço, sozinho, desorientado. Mas observem como, à medida que caminho, pontos e traços se fundem em linhas continuadas, como as coisas vão perdendo a identidade nua e separada que tinham quando subi estes degraus. O mundo começa a passar por mim como as beiras de uma sebe quando o trem parte, como ondas do mar envolvidas na sequência geral quando uma coisa segue outra e parece inevitável que uma árvore apareça, depois o poste do telégrafo, depois a fenda na sebe. Quando me movo, rodeado, incluído e participante, as frases habituais começam a borbulhar, e desejo libertar essas bolhas pela porta do alçapão na minha cabeça, por isso dirijo meus passos para aquele homem cuja parte de trás da cabeça me é familiar. Estivemos juntos na escola. Sem dúvida nos encontraremos. Certamente almoçaremos juntos. Mas espere, um momento, espere.

— Esses instantes de fuga não devem ser desprezados. São raros demais. Taiti se torna possível. Debruçado nesse parapeito, vejo ao longe uma vastidão de água. Uma nadadeira se vira. Essa impressão visual nua está desligada de qualquer racionalização, salta por si quando alguém vê uma barbatana de delfim no horizonte. Muitas vezes impressões visuais transmitem assim rápidas manifestações que no futuro haveremos de desvendar e colocar em palavras. Por isso, anoto no B: “Barbatana num deserto de águas.” Eu, que estou perpetuamente tomando notas na margem da minha mente, para alguma afirmação final, faço esta anotação aguardando uma noite de inverno.

— Agora irei almoçar em qualquer lugar, erguerei meu cálice, olharei através do vinho, observarei com mais do que meu alheamento habitual, e, quando uma bela mulher entrar no restaurante e vier entre as mesas, direi a mim mesmo: “Olhe como ela chega diante do deserto das águas.” Uma observação sem significado, mas, para mim, solene e cor de ardósia, com

um som fatal de mundos desmoronando e águas despencando na destruição.

— Assim, Bernard (chamo você de volta, você companheiro habitual dos meus empreendimentos), comecemos esse novo capítulo, e observemos a criação dessa experiência nova, desconhecida, estranha, totalmente não identificada e aterradora — a nova gota —, que está na iminência de se formar. Aquele homem chama-se Larpent.

— Nesta tarde quente — disse Susan —, aqui, neste jardim, aqui neste campo em que ando com meu filho, atingi o ápice dos meus desejos. Os gonzos do portão estão enferrujados; ele o abre de par em par. As violentas paixões da infância, minhas lágrimas no jardim quando Jinny beijou Louis, minha fúria na sala de aula que cheirava a pinho, minha solidão em lugares estranhos quando as mulas vinham matraqueando seus cascos pontudos e as mulheres italianas tagarelavam na fonte, enroladas em xales, com cravos enfiados no cabelo, foram recompensadas com segurança, posse, familiaridade. Tive anos tranquilos e produtivos. Possuo tudo o que vejo. Vi árvores crescerem da semente que lancei. Fiz tanques em que peixes dourados se ocultam debaixo de lírios e folhas largas. Cobri com redes canteiros de morangos e canteiros de alface, e costurei peras e ameixas em saquinhos brancos para resguardá-las das vespas. Vi meus filhos e filhas, outrora envolvidos em seus casacos como frutos, romperem as malhas e caminharem comigo, mais altos que eu, lançando sombras na relva.

— Estou protegida aqui, estou plantada aqui como uma de minhas próprias árvores. Digo: “Meu filho”, digo: “Minha filha”, e até o dono da casa de ferragens, erguendo o olhar do seu balcão cheio de pregos, tinta e arame para cercas, respeita o velho carro na porta com suas redes de borboleta, joelheiras e favos de mel. Penduramos visco sobre o relógio no Natal, pesamos nossas amoras e nossos cogumelos, contamos nossos potes de geleia, e ano após ano nos colocamos para sermos medidos diante da janela na sala de estar. Também faço para os mortos grinaldas de flores brancas entrançadas com plantas de folhas prateadas, anexando meu cartão com tristeza pelo pastor morto, com simpatia pela mulher do carroceiro morto; e sento-me ao lado de camas de mulheres moribundas, que murmuram seus últimos terrores, que agarram minha mão; frequentando aposentos intoleráveis exceto para alguém nascido como eu, e cedo familiarizada com a fazenda e o monte de estrume e as galinhas entrando e

saindo, e a mãe com seus dois quartos e filhos crescendo. Tenho visto janelas embaciadas pelo calor, tenho cheirado o esgoto.

— Agora, parada entre minhas flores com minha tesoura, indago: por onde poderia entrar a sombra? Que abalo poderá afrouxar minha vida laboriosamente reunida, inflexivelmente comprimida? Mas por vezes fico nauseada de tanta felicidade natural, e de frutos crescendo e crianças espalhando na casa remos, armas, caveiras de bichos, livros recebidos como prêmio e outros troféus. Fico nauseada do corpo, nauseada de minha própria atividade, industriosa e cheia de artimanhas, da falta de escrúpulos da mãe que protege, que junta debaixo de seus olhos ciumentos numa comprida mesa seus próprios filhos, sempre os seus próprios.

— E quando vem a primavera, com chuvaradas frias e inesperadas flores amarelas — então, enquanto olho a carne debaixo da tampa azul e comprimo os pesados sacos prateados de chá ou passas de uva, lembro como o sol se levantava e as andorinhas roçavam a relva, e as frases que Bernard construía quando éramos crianças e as folhas balouçavam sobre nós, múltiplas e levíssimas, quebrando o azul do céu, espalhando luzes erráticas sobre o esqueleto de raízes das faias onde eu me sentava soluçando. O pombo alçava voo. Eu me erguia de um salto e corria atrás das palavras, que sumiam como o fio fremente de um balão erguendo-se mais e mais, escapando de galho em galho. Depois, como um jarro rachado, a fixidez da manhã fendia-se, e depondo os sacos de farinha eu pensava: "A vida está ao redor de mim como vidro em torno de juncos aprisionados."

— Seguro a tesoura e corto malvas-rosa, eu, que fui a Elvedon e pisei bolotas podres de carvalho, e vi a dama escrevendo e jardineiros com suas vassouras enormes. Corríamos de volta, ofegantes, pois seríamos mortos a tiros e pregados como peles de arminho na parede. Agora, meço e preservo. À noite sento-me em minha poltrona e estendo a mão para a costura; e ouço meu marido roncar; e ergo os olhos quando a luz de um carro que passa relampeja na vidraça e sinto as ondas da minha vida arremessando-se e quebrando em torno de mim, que estou enraizada; e ouço gritos, e vejo outras vidas girando como palhas ao redor dos pilares de uma ponte enquanto enfio e retiro minha agulha, e passo meu fio de linha pelo tecido.

— Às vezes penso em Percival, que me amou. Ele cavalgou e caiu na Índia. Às vezes penso em Rhoda. Gritos vagos me despertam nas horas

mortas da noite. Mas na maior parte do tempo passeio contente com meus filhos. Corto as pétalas mortas das malvas-rosa. Um tanto gorda, grisalha antes do tempo, mas com olhos claros, olhos em formato de pera, atravesso meus campos.

— Estou aqui parada — disse Jinny — na estação do metrô, onde se encontra tudo que é desejável — Piccadilly South Side, Piccadilly North Side, Regent Street e o Haymarket. Por um momento posto-me debaixo do calçamento, no coração de Londres. Inumeráveis, rodas passam e pés pisam bem em cima da minha cabeça. As grandes avenidas da civilização encontram-se aqui e seguem este caminho ou outro. Estou no coração da vida. Mas, vejam — meu corpo naquele espelho. Que solitário, que mirrado, que envelhecido! Já não sou jovem. Já não faço parte da procissão. Milhões descem aquelas escadas numa terrível avalancha. Grandes rodas batem inexoravelmente, urgindo-os a descer. Milhões morreram. Percival morreu. Eu ainda me movo. Ainda vivo. Mas quem virá, quando eu fizer um aceno?

— Sou um animalzinho, inflando e esvaziando meus flancos de medo, parada aqui, palpitante, trêmula. Mas não quero ter medo. Quero baixar a chibata sobre meus flancos. Não sou um animalzinho lamuriento à procura de abrigo. Foi só por um momento que desanimei, vendo-me antes de ter tempo de me preparar para mim mesma, como sempre me preparo para a visão de mim mesma. É verdade; não sou jovem — logo erguerei em vão meu braço e meu lenço tombará a meu lado, sem ter feito sinal algum. Não ouvirei o inesperado suspiro na noite, sentindo que na escuridão alguém se aproxima. Não haverá reflexos nas vidraças, em túneis escuros. Olharei nos rostos, e verei que buscam algum outro rosto. Por um momento, admito, o voo silencioso dos corpos eretos escadas abaixo, movendo-se como a descida compacta e terrível de algum exército de mortos, e o baque de grandes máquinas empurrando-nos implacáveis para diante, a todos nós, para diante, me acovardou e me fez procurar refúgio.

— Mas agora, fazendo diante do espelho, deliberadamente, esses insignificantes preparativos que me enfeitam, juro que não terei medo. Quero pensar nos soberbos ônibus, vermelhos e amarelos, parando e partindo pontualmente. Pensar nos belos e potentes carros que ora retardam a velocidade, igualando o passo de uma pessoa, ora disparam em frente; pensar em homens, pensar em mulheres, enfeitados, preparados, avançando. Esta é a procissão triunfante; este, o exército da vitória, com

pendões e águias de bronze, e cabeças coroadas de louros conquistados em combate. São melhores do que selvagens de tanga, e mulheres de cabelo molhado, longos peitos caídos, crianças dando puxões nestes peitos longos. Estas amplas ruas — Piccadilly South, Picadilly North, Regent Street e o Haymarket — são arenosas veredas de vitória abertas na selva. Também eu, com meus sapatinhos de couro, meu lenço que não passa de uma tênue gaze, meus lábios avermelhados e sobrancelhas finamente traçadas a lápis, marcho com esse grupo para a vitória.

— Vejam como exibem roupas, mesmo aqui embaixo do solo, num perpétuo brilho. Não deixarão que a terra fique cheia de vermes e encharcada. Há gazes e sedas rebrilhando em vitrinas e roupas íntimas repassadas de milhões de pontos de fino bordado. Vermelho-vivo, verde, violeta, todas as cores. Pensem em como se organizam, maciamente mergulham em tintas e abrem túneis explodindo rochas. Elevadores erguem-se e baixam; trens param, trens partem com a regularidade das ondas do mar. É isso que merece minha adesão. Sou nativa deste mundo, sigo suas bandeiras. Como poderia procurar abrigo quando são tão magnificamente aventureiros, audaciosos, curiosos também, e suficientemente fortes no esforço de parar e gravar com a mão livre uma piada na parede? Por isso quero empoar meu rosto e pintar de vermelho meus lábios. Quero tornar mais nítido do que habitualmente o ângulo da minha sobrancelha. Quero subir à superfície e ficar imóvel, ereta, junto com os outros, em Piccadilly Circus. Quero chamar com gesto firme um táxi cujo motorista me demonstrará com indescritível alegria que entende meus sinais. Pois ainda desperto cobiça. Ainda percebo as mesuras dos homens na rua como a silenciosa inclinação dos trigais quando o vento sopra leve, conferindo-lhes frêmitos rubros.

— Quero seguir até minha própria casa. Encherei os vasos de uma profusão de flores exuberantes, extravagantes, com grandes hastes inclinadas. Quero instalar uma cadeira aqui, outra ali. Colocarei à mão cigarros, cálices e algum livro novo, ainda não lido, de capa alegre, para o caso de Bernard chegar, ou Neville, ou Louis. Mas talvez não seja Bernard, Neville ou Louis, e sim alguém novo, alguém desconhecido, alguém por quem passei numa escadaria e para quem murmurei, mal me virando ao passar: “Venha.” Ele virá esta tarde; alguém a quem não conheço, alguém novo. Que o silencioso exército dos mortos desça. Eu marcho em frente.

— Não preciso mais de um quarto novo — disse Neville — ou de paredes e lareira. Já não sou jovem. Passo pela casa de Jinny sem cobiça, e sorrio para o rapaz que arranja sua gravata um pouco nervoso ao pé da escada. Deixe o garboso jovem tocar a campainha; deixe-o encontrá-la. Eu a encontrarei se a desejar; caso contrário, seguirei adiante. A antiga corrosão perdeu sua força — avidez, intriga e amargor me abandonaram. Perdemos também nossa glória. Quando éramos jovens, sentávamo-nos em qualquer lugar, em bancos nus de saguões com ar encanado, portas sempre batendo. Tropeçávamos em menininhos seminus no convés de um navio, esguichando uns nos outros água de seringas de borracha. Agora eu poderia jurar que gosto das pessoas que jorram profusamente do metrô quando o trabalho do dia termina, unânimes, indiscriminadas, inúmeras. Colhi meu próprio fruto. Olho sem paixão.

— Afinal, não somos responsáveis. Não somos juízes. Não somos convocados para torturar nossos camaradas com ferros e instrumentos que lhes esmaguem os polegares; não somos convocados para subir em púlpitos e instruí-los em pálidas tardes de domingo. É melhor ver uma rosa, ou ler Shakespeare como eu lia aqui em Shaftesbury Avenue. Aqui está o bobo, ali, o vilão, ali chega Cleópatra num carro como em esplêndido barco. Ali estão também as figuras dos condenados, homens sem nariz diante da parede do tribunal de polícia, berrando com os pés no fogo. Esta é a poesia quando não a escrevemos. Representam seus papéis sem erro, e quase antes que abram seus lábios sei o que dirão, e aguardo o momento divino em que pronunciarão a palavra que deve ter sido escrita. Se fosse apenas pela peça, eu poderia andar pela Shaftesbury Avenue para sempre.

— Depois, vindo da rua, entrando em alguma sala, há pessoas falando ou quase não se dando ao trabalho de conversar. Ele diz, ela diz, alguém diz coisas ditas tantas vezes que hoje uma palavra só basta para erguer um peso inteiro. Discussão, riso, velhas mágoas — tombam pelo ar, tornando-o denso. Pego um livro e leio meia página de qualquer coisa. Ainda não consertaram o bico do bule de chá. A criança dança vestindo as roupas da mãe.

— Mas então Rhoda, ou talvez Louis, algum espírito dissipado e agoniado, entra e sai novamente. Querem uma trama, não querem? Querem uma justificação? Esta cena comum não lhes basta. Não é suficiente aguardar que a coisa seja pronunciada como se fosse escrita; ver

a frase colocando no lugar certo seu pedacinho de argila, dando-lhe forma; perceber subitamente um grupo delineado contra o céu. Mas, se quiserem violência, tenho visto morte e crime e suicídio, tudo numa sala só. A gente entra e sai. Há soluços na escada. Ouvi fios rompidos e nós atados e o silencioso bordar de alva cambraia avançando e avançando sobre os joelhos de uma mulher. Por que indagar, como Louis, pelo motivo, ou voar como Rhoda para alguma floresta distante, e entreabrir as folhas dos loureiros e procurar estátuas? Dizem que é preciso bater as asas contra a tempestade, na crença de que, para além dessa confusão, brilha o sol; o sol incide direto nos tanques de água emplumados de salgueiros. É novembro aqui; os pobres exibem nas ruas caixas de fósforos em dedos corroídos pelo vento. Dizem que lá a verdade se encontraria inteira, e que a virtude, que aqui anda a passo arrastado por becos sem saída, lá se pode encontrar perfeita. Rhoda passa por nós, voando, pescoço esticado e olhos alucinados. Louis, agora tão opulento, vai à janela do sótão entre telhados arruinados, e olha para o lugar onde ela desapareceu, mas tem de ficar sentado em seu gabinete entre datilógrafas e máquinas de escrever e telefones, e labutar em tudo, para nos instruir, nos regenerar, e reformar um mundo ainda não nascido.

— Mas agora, neste aposento em que entro sem bater, as coisas são ditas como se tivessem sido escritas. Vou até a prateleira. Se escolho, leio meia página de qualquer coisa. Não preciso falar. Mas escuto. Estou maravilhosamente alerta. Certamente não se pode ler sem esforço esse poema. Muitas vezes a página está decomposta e manchada de lama, rasgada e grudada por folhas fanadas, fragmentos de verbena ou gerânio. Para ler esse poema é preciso ter miríades de olhos, como um daqueles faróis que giram sobre as águas agitadas do Atlântico à meia-noite, quando talvez somente uma réstia de algas marinhas fende a superfície, ou subitamente as ondas se escancaram e delas emerge algum monstro. É preciso pôr de lado antipatias e ciúmes, e não interromper. É preciso ter paciência e infinito cuidado e deixar que também se desdobre o tênue som, seja o das delicadas patas de uma aranha sobre uma folha, seja o da risadinha das águas em alguma insignificante torneira. Nada deve ser rejeitado por medo ou horror. O poeta que escreveu essa página (que leio em meio a pessoas falando) desviou-se. Não há vírgula nem ponto e vírgula. Os versos não seguem a extensão adequada. Muita coisa é puro contrassenso. É preciso ser cético, mas lançar ao vento a prudência e,

quando a porta se abrir, aceitar resolutamente. Também, por vezes, chorar; também cortar fora implacavelmente com um talho de lâmina a fuligem, a casca e duras excreções de toda sorte. E assim (enquanto falam) baixar nossa rede mais e mais fundo, e mergulhá-la docemente e trazer à superfície o que ele disse e o que ela disse, e fazer poesia.

— Agora, ouvi o que falam. Agora, se foram. Estou só. Poderia contentar-me em olhar o fogo arder para sempre como uma cúpula, como uma fornalha. Agora, uma haste de lenha assume a aparência de um cadafalso, ou cova, ou vale feliz; agora, é uma serpente de um tom vermelho-vivo enrolada com escamas brancas. Na cortina, avoluma-se o fruto sob o bico do papagaio. O fogo crepita, chhh... chhh... chhh... como o chiar dos insetos no meio da floresta. Chhh... chhh... estala, enquanto lá fora os ramos batem no ar e agora, como uma saraivada de tiros, uma árvore tomba. Estes são os sons de Londres à noite. Depois, ouço o som pelo qual estive esperando. Sobe, e sobe, aproxima-se, hesita, para à minha porta. Chamo: "Entre. Sente ao meu lado. Sente na beira da cadeira." Arrebatado pela antiga alucinação, chamo: "Chegue mais perto, mais perto."

— Estou voltando do escritório — disse Louis. — Penduro meu casaco aqui, coloco ali minha bengala — gosto de imaginar que Richelieu andava com um bastão igual. Assim me dispo de minha autoridade. Estive sentado à direita de um diretor numa mesa envernizada. Os mapas de nossos bem-sucedidos empreendimentos estão na parede diante de nós. Amarramos o mundo com as rotas de nossos navios. O globo está riscado por nossas linhas. Sou imensamente respeitável. Todas as jovens do escritório notam minha entrada. Posso jantar onde quiser agora, e sem vaidade posso supor que em breve comprarei uma casa em Surrey, dois carros, uma estufa de plantas e espécies raras de melões. Mas ainda volto, ainda retorno a meu sótão, penduro meu chapéu e em solidão retomo a singular tentativa que tenho feito desde que coloquei o punho na porta de áspero carvalho do quarto de meu professor. Abro um livrinho. Leio um poema. Um poema basta.

Oh vento oeste...

— Oh vento oeste, você não combina com minha mesa de mogno, minhas polainas e também, ai de mim, com a vulgaridade da minha amante, a atrizinha que nunca conseguiu falar corretamente inglês —

Oh vento oeste, quando soprarás...

— Rhoda, com sua intensa abstração, com seus olhos cegos, cor de carne de caracol, não o destrói, vento oeste, quer venha à meia-noite quando as estrelas ardem, quer venha em hora mais prosaica, ao meio-dia. Ela se posta à janela e olha as chaminés e vidraças quebradas nas casas dos pobres —

Oh vento oeste, quando soprarás...

— Minha tarefa, meu ônus, sempre foi maior do que o de outras pessoas. Colocaram uma pirâmide sobre meus ombros. Tenho tentado executar um trabalho colossal. Tenho dirigido uma equipe violenta, desregrada, corrupta. Com meu sotaque australiano, sentei-me em restaurantes e tentei fazer os funcionários de escritórios me aceitarem, mas nunca esqueci minhas severas convicções e as discrepâncias e incoerências que têm de ser resolvidas. Quando menino, sonhei com o Nilo, relutei em acordar, mas baixei meu punho sobre a áspera porta de carvalho. Maior felicidade teria sido nascer sem destino, como Susan, como Percival, a quem admiro mais do que a todos os outros.

Oh vento oeste, quando soprarás,
Para que a chuva miúda possa chover?

— A vida tem sido um problema terrível para mim. Sou como uma imensa ventosa, uma boca adesiva e insaciável. Tentei arrancar a pedra alojada no centro da carne viva. Conheci pouca felicidade natural, embora tivesse escolhido uma amante que, com seu sotaque suburbano, me deixasse à vontade. Mas ela apenas encheu o chão do meu quarto com roupa íntima suja, e a arrumadeira e os meninos de recados que me chamam uma dúzia de vezes ao dia zombam de minha maneira de andar, afetada e desdenhosa.

Oh vento oeste, quando soprarás,
Para que a chuva miúda possa chover?

— O que foi o meu destino, a pirâmide de ponta afilada comprimindo minhas costelas todos esses anos? Recordei o Nilo e mulheres transportando cântaros na cabeça; senti-me empurrado para dentro e para fora de longos verões e invernos, que ondulavam o trigo e congelavam as torrentes. Não sou um ser isolado e efêmero. Minha vida não é a clara

centelha de um momento, como a superfície de um diamante. Penetro tortuosamente sob a terra, como uma sentinela carregando de cela em cela uma lamparina acesa. Meu destino foi recordar e tramar, e trançar numa só meada esses muitos fios, o fino e o grosso, o rompido, a duração de nossa longa história, de nosso dia vário e tumultuado. Há sempre mais a ser compreendido; uma dissonância a ser ouvida; uma falsidade a censurar. São quebrados e fuliginosos estes telhados com suas chaminés, as telhas de ardósia soltas, gatos furtivos e janelas de sótãos. Forço meu caminho sobre vidro estilhaçado e ladrilhos rachados, e vejo apenas rostos depravados e esfomeados.

— Suponhamos que eu elabore uma explicação para tudo isso — um poema de uma página — e depois morra. Posso assegurar que não irei relutante. Percival morreu. Rhoda abandonou-me. Mas tenho de viver para me tornar sombrio e insensível, para caminhar pelas calçadas da cidade, respeitado com minha bengala de castão de ouro. Talvez eu nunca morra, e não obtenha nem mesmo essa continuidade e permanência —

Oh vento oeste, quando soprarás,
Para que a chuva miúda possa chover?

— Percival floresceu em folhas verdes e puseram-no na terra com todos os seus ramos ainda suspirando ao vento estival. Rhoda, com quem partilhei silêncio enquanto outros falavam, ela, que recuava e se afastava de lado quando o rebanho se reunia, e galopava com dorso apaziguado e lustroso por ricas pastagens, hoje foi-se como o calor do deserto. Quando o sol descasca os telhados da cidade, penso nela; quando as folhas secas farfalham no chão; quando os velhos chegam com bastões apontados e trespassam pedacinhos de papel como nós a trespassávamos —

Oh vento oeste, quando soprarás,
Para que a chuva miúda possa chover?
Cristo, se meu amor estivesse em meus braços,
E eu novamente em minha cama!

Retorno ao meu livro; retorno, agora, ao meu empreendimento.

— Ah, vida, como te receei — disse Rhoda —, ah, criaturas humanas, como as odiei! Como me importunaram, como me interromperam, de que horrenda maneira apareciam em Oxford Street, como eram esquálidas, sentadas no metrô, uma diante das outras, olhos fixos! Agora, enquanto

escalo esta montanha, do cimo da qual verei a África, estão gravados em minha mente embrulhos de papel pardo e os rostos de vocês. Seu contato me deixou manchada, corrompida. E cheiravam tão mal, enfileirados nas ruas para comprar passagens. Todos vestidos em indefinidas tonalidades de cinza e castanho, sem ao menos uma pluma azul presa num chapéu. Ninguém tinha coragem de ser uma coisa ou outra. Que dissolução da alma exigiam para conseguirem transpor um dia, que mentiras, que mesuras, que lixo, que concessões, que servilismo! Como me acorrentaram a um lugar, uma hora, uma cadeira, sentando-se bem à minha frente! Como roubaram de mim os espaços brancos que há entre uma hora e outra, enrolando-os em migalhas sujas, e jogando-os no cesto de papel, com suas pastas gordurentas. Mas aquilo era a minha vida.

— E ainda assim eu consentia. Minha mão tapava risinhos de escárnio e bocejos. Eu não ia à rua quebrar uma garrafa na sarjeta como sinal de indignação. Tremendo de raiva, fingi não estar surpresa. Fiz tudo o que vocês faziam. Se Susan e Jinny puxavam para cima suas meias desse jeito, eu puxava as minhas do mesmo jeito. A vida era tão terrível que eu colocava à minha frente um biombo depois do outro. Olhar a vida através disso, olhar a vida através daquilo; deixar que existam pétalas de rosas, que existam folhas de videira — eu cobria toda a rua. Oxford Street, Piccadilly Circus, com o fervor e o frêmito da minha mente, com folhas de videira e pétalas de rosas. Havia também malas no corredor, quando as aulas terminavam. Eu passava furtivamente para ler os rótulos e sonhar com nomes e rostos. Harrogate, ou talvez Edimburgo, nomes emplumados com dourado esplendor lá onde alguma moça cujo nome esqueci, parava na calçada. Mas apenas o nome. Deixei Louis; eu tinha medo de abraços. Tentei cobrir a lâmina azul-negra com cabelos tosquiados, com vestimentas. Implorei ao dia que se transformasse em noite. Ansiei por ver o armário definhar, sentir a cama amaciar-se e flutuar suspensa, percebendo árvores alongadas, rostos alongados, um banco verde no pântano e dois vultos angustiados dizendo adeus. Joguei palavras em leques como os grãos que o semeador lança sobre os campos quando a terra está nua. Sempre desejei ampliar a noite e enchê-la mais e mais de sonhos.

— Depois, em alguma sala de concerto, separei os ramos da música e espiei a casa que tínhamos feito; o quadrado posto em cima do retângulo. “A casa que contém todas as coisas”, disse eu, balouçando num ônibus

contra os ombros de outras pessoas, depois que Percival morreu; mas fui a Greenwich. Caminhando sobre o aterro, rezei para que pudesse ressoar eternamente nos limites do mundo, onde não há vegetação, mas, aqui e ali, um pilar de mármore. Lancei meu buquê de flores na onda que se espraiava e disse: "Consome-me, carregue-me até o limite mais distante." A onda quebrou-se; o ramo feneceu. Agora, raramente penso em Percival.

— Agora, escalo esta colina espanhola; vou imaginar que este lombo de mula é minha cama e que estou deitada nela, morrendo. Há apenas um fino lenço entre mim e as infinitas profundezas. As saliências do colchão amaciam-se sob mim. Seguimos aos tropeções — para cima, para adiante. Meu caminho foi sempre para cima, em direção a alguma árvore solitária com um tanque de água ao lado, bem no alto. Dividi as águas da beleza à noite, quando as colinas se fecham, como pássaros de asas dobradas. Apanhei vez ou outra um cravo vermelho, e punhados de feno. Desabei sozinha na turfa e revolvi entre os dedos algum osso antigo, e pensei: quando o vento baixar para roçar estas alturas, talvez não encontre mais que uma pitada de pó.

— A mula segue para cima e para diante, aos tropeções. O topo da colina alteia-se como nevoeiros, mas do alto verei a África. Agora o leito cede sob mim. Os lençóis com orifícios amarelos deixavam-me passar. A mulher bondosa com rosto de cavalo branco ao pé de cama faz um gesto de despedida e vira-se para partir. Quem então irá comigo? Apenas flores, cabaceiros e a flor do espinheiro, cor de lua. Juntando-as frouxamente num ramo faço uma guirlanda e dou-as — ah, a quem? Agora, lançamo-nos sobre o precipício. Abaixo de nós, as luzes de frota de pescadores de arenque. Os recifes desaparecem. Em estreitos frêmitos, frêmitos cinzentos, incontáveis ondas espalham-se embaixo. Não toco nada. Não vejo nada. Podemos baixar e aninhar-nos nas ondas. O mar há de rufar ao meu ouvido. As pétalas alvas serão escurecidas pela água do mar. Flutuarão por um momento, depois afundarão. Empurrando-me, as ondas me sustentarão nos ombros. Tudo desaba numa poderosa torrente, dissolvendo-me.

— Mas aquela árvore tinha ramos eriçados; aquilo é o contorno hirto de um telhado. Aqueles balões pintados de vermelho e amarelo são rostos. Colocando meu pé no chão, caminho cautelosa e comprimo com a mão a dura porta da taverna.

O sol baixava. A rija pedra do dia fendera-se, e a luz se derramava pelas fissuras. Vermelho e ouro saltavam pelas ondas em rápidas setas, com plumas de escuridão. Raios errantes de luz lampejavam e prosseguiam como sinais de ilhas afundadas ou dardos disparados em florestas de louro por meninos despudorados e risonhos. Mas as ondas, aproximando-se da praia, vestiam-se de luz, e desabavam numa prolongada concussão, como um muro ruindo, um muro de pedra cinzenta, sem uma única fresta de luz.

Uma brisa ergueu-se; um arrepio percorreu as folhas; e assim remexidas, perderam sua densidade castanha, tornando-se cinzentas ou alvas quando a árvore moveu sua massa, acenou e perdeu sua forma de ogiva. O falcão pousado no ramo mais alto bateu suas pálpebras, ergueu-se e singrou o ar, e voou para bem longe. A tarambola gritou nos charcos, evadindo-se, girando, gritando mais longe, solitária. A fumaça de trens e chaminés foi esticada e rompida, e tornou-se parte do lanoso dossel que pendia sobre o mar e os campos.

Agora o trigo estava cortado. Apenas alegres tocos sobravam de todo aquele frêmito e fluxo. Lentamente, uma grande coruja lançou-se do olmo, girou e ergueu-se para as alturas do cedro como se estivesse presa a um fio que balançasse. As sombras lentas ora se alargavam nas colinas, ora se encolhiam de passar. A poça de água no alto do pântano jazia límpida. Nenhum rosto borrado espiava ali, nenhum casco chapinhava, nenhum focinho quente agitava as águas. Pousado num graveto cor de cinza, um pássaro encheu o bico de água fria. Nenhum ruído de gente ceifando, nem de rodas, apenas o súbito bramido do vento enchendo suas velas e roçando a franja dos talos de grama. Um osso jazia, lavado de chuva e esbranquiçado de sol, até brilhar como um graveto que o mar bruniu. A árvore que ardera num vermelho-castanho durante a primavera, e no verão curvara suas folhas dóceis ao vento sul, agora estava preta como ferro, e igualmente nua.

A terra ficava tão distante que não se viam mais nenhum telhado lustroso ou vidraça relampejante. O tremendo peso da terra ensombreada engolira tão frágeis grilhões, obstáculos delicados como conchas de caracóis. Agora havia apenas a sombra líquida da nuvem, o ruído da chuva, um raio isolado de sol dardejando, ou o súbito golpe da tempestade. Árvores solitárias demarcavam, como obeliscos, as colinas distantes.

O sol da tarde, cujo calor se fora e cujo ponto de intenso ardor se tornara difuso, deixava cadeiras e mesas menos nítidas, e incrustava-as com losangos castanhos e amarelos. Estriadas de sombras, seu peso parecia menor, como se a cor tivesse escorrido para um só lado, oblíqua. Ali estavam faca, garfo e cálice, mas alongados, intumescidos, portentosos. Com uma moldura de ouro, o espelho redondo retinha aquela cena em seu olho, como se ela fosse perdurar eternamente.

Enquanto isso, as sombras se alongavam na praia; o negror tornava-se mais profundo. O sapato velho, de um negro cor de ferro tornava-se uma poça de profundo azul. As rochas perderam sua dureza. A água em torno do velho barco estava escura como se alguém tivesse metido mexilhões dentro dela. A espuma tornara-se lívida, e largava aqui e ali nas areias nevoentas um alvo cintilar de pérola.

— Hampton Court — disse Bernard —, Hampton Court. Este é nosso ponto de encontro. Vejam as chaminés vermelhas, as ameias retangulares de Hampton Court. O som de minha voz quando digo "Hampton Court" prova que sou de meia-idade. Há dez, 15 anos, eu teria dito "Hampton Court?" com tom de interrogação: como será? Haverá lagos, labirintos. Ou fazendo suposições: "O que vai acontecer comigo lá? A quem encontrarei?" Agora, "Hampton Court, Hampton Court" — as palavras fazem soar um gongo no espaço que abri tão laboriosamente com meia dúzia de telefonemas e postais, emitem som e mais som, retumbantes, sonoras: e imagens se erguem — tardes de verão, barcos, velhas damas arrepanhando as saias, uma urna no inverno, alguns narcisos silvestres em março — tudo isso flutua até a flor das águas que agora jazem, profundas, sobre cada imagem.

— Eles já estão parados aqui, à porta da taverna, nosso ponto de encontro — Susan, Louis, Rhoda, Jinny e Neville. Já se reuniram. Dentro de um instante, quando eu estiver com eles, será formada outra disposição, outro desenho. O que agora se esbanja em cenas profusas será controlado, fixado. Reluto em sofrer tal compulsão. À cinquenta jardas de distância, já sinto mudar-se a ordem de meu ser. A atração de ímã desse grupo age sobre mim. Aproximo-me. Não me veem. Agora, Rhoda me avista, mas, com seu horror ao choque de um encontro, finge que sou um estranho. Agora, Neville se vira. Subitamente, levantando a mão, exclamo cumprimentando Neville: "Também comprimi flores entre as páginas dos

sonetos de Shakespeare", e sou erguido num impulso. Meu barquinho oscila inseguro sobre as ondas encapeladas e agitadas. Não há remédio (deixe-me anotar isso) contra o choque do encontro.

— E é desconfortável também juntar beiradas angulosas, ásperas; só gradualmente, quando entramos na taverna, arrastando os pés e tropeçando, tirando casacos e chapéus, o encontro vai-se tornando agradável. Agora nos reunimos na longa e despida sala de jantar que dá para um parque, um espaço verde ainda fantasticamente iluminado pelo sol que se vai pondo, de modo que há uma faixa de ouro entre as árvores, e nos sentamos.

— Sentados agora lado a lado, nesta mesa estreita — disse Neville —, agora, antes de a primeira emoção abrandar-se, o que estamos sentindo? Honestamente, agora, aberta e diretamente como convém a velhos amigos encontrando-se com dificuldade, o que sentimos neste encontro? Melancolia. A porta não se abrirá; ele não há de vir. E sentimo-nos onerados. Sendo agora todos de meia-idade, suportamos cargas. Vamos retirá-las. O que fizeram de sua vida, perguntamos, e eu? Você, Bernard; você, Susan; você, Jinny; e Rhoda e Louis? As listas foram afixadas nas portas. Antes de partirmos esses pãezinhos e nos servirmos de peixe e salada, apalpo meu bolso interno e encontro minhas credenciais — trago comigo para provar minha superioridade. Fui aprovado. Tenho no bolso interno papéis que provam isso. Mas seus olhos, Susan, repletos de nabos e trigais, me perturbam. Esses papéis no meu bolso interno emitem um som tênue como o de um homem batendo palmas num campo vazio, deserto, para afugentar as gralhas. Agora o som se esvaiu, ao olhar fixo de Susan (as palmas, a reverberação que provoquei), e ouço apenas o vento varrendo a terra arada, e algum pássaro cantando — talvez uma cotovia intoxicada. Será que o garçom já ouviu falar em mim, ou esses casais furtivos e eternos, ora passeando sem destino, ora parando e olhando as árvores, ainda não suficientemente escuras para ocultarem seus corpos prostrados? Não; o som das palmas falhou.

— O que então permanece quando não posso tirar meus papéis e, lendo alto minhas credenciais, fazer com que acreditem que fui aprovado? O que permanece é o que Susan traz à luz debaixo do verde ácido de seus olhos, esses olhos de cristal em forma de pera. Há sempre alguém, quando nos reunimos, que se recusa a ser submergido; cuja identidade por isso mesmo

desejamos abater sob nossa própria. Para mim, agora, é Susan. Falo para impressionar Susan. Ouça-me, Susan.

— Quando alguém que amo entra na hora do café da manhã, até a fruta bordada na minha cortina se infla tanto que os papagaios a podem bicar; podemos abri-la entre o polegar e o indicador. O fino e espumante leite do começo da manhã torna-se opalino, azul, rosado. A essa hora, seu marido — o homem que bateu em suas perneiras, apontando com o chicote para a vaca estéril —, esse homem, resmunga qualquer coisa. Você não diz nada. Não vê nada. O hábito cega seus olhos. A essa hora seu relacionamento é mudo, nulo, pardacento. O meu, a essa hora é cálido e variado. Não há repetições para mim. Todos os dias são perigosos. Suaves na superfície, por baixo somos todos ossos, como serpentes coleantes. Suponha que leiamos o *Times*; suponha que discutamos. Já é uma experiência. Suponha que seja inverno. A neve caindo deposita sua carga no telhado e nos tranca juntos numa caverna rubra. Os canos estouraram. Colocamos uma banheira de folha de flandres no meio do quarto. Corremos confusamente, procurando bacias. Olhe só — derramou mais uma vez sobre a prateleira de livros. Gritávamos de tanto rir diante do estrago. Deixe a solidez ser destruída. Não tenhamos posses. Ou será verão? Podemos passear até um lago e contemplar gansos chineses bamboleando de pés chatos até a beira da água, ou contemplar uma igreja da cidade que parece feita de ossos, com árvores jovens tremulando em frente. (Escolho ao acaso; escolho o que é óbvio.) Cada visão é um arabesco traçado de súbito para ilustrar um capricho ou a maravilha de um momento de intimidade. A neve, o cano estourado, a banheira de folha de flandres, os gansos chineses — são sinais lançados ao alto, onde, olhando para trás, leio a característica de cada amor; como cada um era diferente.

— Entrementes, você — pois quero reduzir sua hostilidade, seus verdes olhos fixos nos meus, seu vestido desbotado, suas mãos ásperas e todos os demais emblemas do seu esplendor maternal — esteve agarrada como um marisco ao mesmo rochedo. Mas é verdade, não a quero ferir; apenas renovar e restaurar minha fé em mim mesmo, que falhou quando você entrava. Não posso mais mudar. Estamos comprometidos. Antes, quando nos encontrávamos com Percival em um restaurante de Londres, tudo era efervescência e agitação; podíamos ter sido qualquer coisa. Agora, escolhemos, ou por vezes parece que fizemos a escolha por nós — um par de tenazes nos beliscou entre os ombros. Escolhi. Interpretei a marca da

vida, não de fora mas por dentro, nas ásperas e desprotegidas fibras. Estou anuviado e ferido pela marca de mentes e rostos e coisas sutis que têm aroma, cor, textura, substância, mas não têm nome. Sou apenas "Neville" para vocês que enxergam os estreitos limites de minha vida e a linha que ela não pode ultrapassar. Mas, para mim mesmo, sou imensurável; uma rede cujas fibras passam imperceptíveis debaixo do mundo. Minha rede quase não se distingue daquilo que ela envolve. Ergue baleias — imensos leviatãs e alvas medusas, tudo o que é amorfo e errante; detecto, percebo. Diante de meus olhos abre-se — um livro; olho o fundo; o coração — vejo as profundezas. Sei que amores fremem em fogo; ciúme dispara seus lampejos verdes aqui e ali; como o amor atravessa intrincadamente o amor, o amor faz os nós; o amor desmancha-os brutalmente outra vez. Tenho sido atado; tenho sido dilacerado.

— Mas certa vez, quando olhávamos para ver a porta abrir e Percival entrar, havia outro êxtase; quando nos precipitamos, soltos, num banco duro, numa sala pública.

— Havia um bosque de faias — disse Susan —, Elvedon, e os dourados ponteiros do relógio cintilando entre as árvores. Os pombos rompiam as folhagens. As mutantes luzes peregrinas passavam sobre mim. Escapavam de mim. Mas, veja, Neville, você a quem desminto a fim de ser eu mesma, veja minha mão na mesa. Veja as gradações de coloração saudável aqui nas juntas, aqui na palma. Meu corpo foi usado diariamente, corretamente, como um prego é usado por um bom operário. A lâmina está limpa, afiada, gasta no centro. (Batalhamos juntos como animais lutando no campo, cervos entrechocando suas galhadas.) Vistas através de sua carne pálida e submissa, até maçãs e pencas de frutos devem ter aparência nevoenta, como debaixo de um vidro. Deitado no fundo de uma poltrona, com uma pessoa, uma pessoa apenas, mas uma pessoa que se transforma, você não vê senão uma polegada de carne, seus nervos, fibras, o fluxo lento ou rápido do sangue; nada que seja inteiro. Você não vê uma casa num jardim; um cavalo num campo; uma cidade espraiada como quando você se curva feito uma anciã forçando os olhos sobre o que cirze. Mas eu tenho visto a vida em blocos substanciais, imensos; suas ameias e torres, fábricas e gasômetros; um abrigo construído há tempos imemoriais segundo um modelo hereditário. Essas coisas permanecem quadradas, proeminentes, indissolvidas em minha mente. Não sou sinuosa nem suave; sento-me entre vocês esfolando sua maciez com minha dureza, esmagando

com o esguicho verde de meus olhos claros o tremular das palavras, asas de mariposa cinza-prata, palpitantes.

— Agora entrechocamos nossas galhadas. Este é o prelúdio necessário; a saudação de velhos amigos.

— O ouro desvaneceu-se entre as árvores — diz Rhoda — e uma fatia de verde jaz por trás delas, alongada como a lâmina de uma faca vista em sonhos, ou algum cone de ilha onde ninguém ainda pisou. Agora os carros começam a brilhar e vibrar descendo a avenida. Amantes podem correr para a escuridão agora; os troncos das árvores estão inflados, obscenos, de amantes.

— Outrora era diferente — disse Bernard. — Podíamos interromper o fluxo conforme desejássemos. Quantos telefonemas, quantos cartões-postais são precisos para abrir esse orifício através do qual nos reunimos em Hamptom Court? Como flui depressa a vida de janeiro a dezembro! Todos somos carregados pela torrente de coisas que se tornaram familiares a ponto de já não lançarem sombras; não fazemos comparações; raramente pensamos no eu ou no você; e nessa inconsciência tornamo-nos livres de qualquer atrito, e afastamos as heras que tapam a boca de canais submersos. Temos de saltar alto, como peixes, a fim de apanharmos o trem de Waterloo. E não importa a altura do nosso salto, cairemos de volta na torrente. Não tomarei mais aquele trem para as ilhas dos mares do sul. Uma viagem a Roma é o limite de minhas jornadas. Tenho filhos e filhas. Estou preso ao lugar que ocupo neste quebra-cabeça.

— Mas é apenas meu corpo — este homem aqui, idoso, que vocês chamam Bernard — irrevogavelmente fixo — assim quero acreditar. Penso mais desinteressadamente do que podia quando era jovem e precisava cavar furiosamente para descobrir a mim mesmo, como uma criança revirando um pastelão. “Veja, o que é isso? E isso? E isso será um bom presente? É só isso?” e assim por diante. Agora sei o que contêm os embrulhos; e não me interessam muito. Lanço pelos ares minha mente como um homem lança sementes em grandes leques de claridade, caindo pelo crepúsculo arroxeado, caindo sobre a terra arada, prensada e lustrosa e nua.

— Uma frase. Uma frase imperfeita. E o que são frases? Deixaram-me muito pouca coisa para colocar na mesa, junto da mão de Susan; para tirar do meu bolso, como as credenciais de Neville. Não sou autoridade em medicina, nem em leis, ou finanças. Estou todo envolvido por frases, como

palha úmida; rebrilho, fosforescente. E cada um de vocês sente, enquanto falo: “Estou iluminado. Estou brilhante.” Os menininhos costumavam sentir, “Essa é boa, essa é boa”, quando as frases borbulhavam de meus lábios sob os olmos no campo de jogos. Também eles borbulhavam; também eles se evadiam com minhas frases. Mas agora definho em solidão. Solidão é o meu aniquilamento.

— Passo de casa em casa como os frades da Idade Média, que distraíam viúvas e donzelas com rosários e baladas, sou um peregrino, um mascate pagando minha hospedagem com uma balada; sou um hóspede indiscriminado e fácil de agradar; muitas vezes alojado no melhor quarto numa cama com colunas; outras vezes, deitado num celeiro, sobre um saco de feno. Não me importo com as pulgas nem encontro defeitos na seda. Sou muito tolerante. Não sou moralista. Tenho demasiado senso de brevidade da vida e de suas tentações, para fazer marcas com um lápis vermelho.

— Mas não sou tão ingênuo como pensam, julgando-me — pois me julgam — segundo minha fluência. Trago escondido em minha manga um pequeno punhal de desprezo e severidade. Mas sou flexível. Faço histórias. Crio brinquedos a partir do nada. Uma jovem senta-se na porta de uma casa; espera; por quem? Seduzida ou não seduzida? O reitor vê o buraco no tapete. Suspira. Sua mulher, passando os dedos pelas ondas do cabelo ainda abundante, reflete — etc. Acenos de mãos, hesitações em esquinas, alguém que deixa cair um cigarro na sarjeta — tudo são histórias. Mas qual a história verdadeira? Não sei. Consequentemente mantenho minhas frases pendentes como roupas num armário, aguardando que alguém as use. Esperando, especulando, tomando esta nota e depois outra, não me agarro à vida. Serei varrido como uma abelha de um girassol. Minha filosofia, sempre acumulativa, brota de momento a momento, corre como mercúrio por uma dúzia de caminhos simultaneamente. Mas Louis, de olhos selvagens porém severos, em seu sótão, em seu escritório, tirou conclusões inalteráveis sobre a verdadeira natureza do que deve ser conhecido.

— Isto rompe o fio que estou tentando tramar — disse Louis —; seu riso o rompe, sua indiferença, também sua beleza. Jinny rompeu o fio quando me beijou no jardim, anos atrás. Os menininhos presunçosos da escola zombavam de mim pelo meu sotaque australiano, e romperam o fio. “Este é o significado”, digo; e depois começa uma súbita angústia —

vaidade. “Ouçam”, digo, “ouçam o rouxinol que canta no meio dos pés em tropel; conquistas e migrações. Acreditem —” e então sou apartado. Abro meu caminho sobre ladrilhos quebrados e cacos de vidro. Diferentes luzes caem, deixando manchado e estranho o leopardo comum. Este momento de reconciliação, quando nos encontramos unidos, este momento noturno, com seu vinho e folhas balouçantes, e os jovens vindos do rio em roupas de flanela branca, carregando almofadas, para mim está escurecido pelas sombras das masmorras e torturas e infâmias praticadas contra o homem pelo homem. Tão imperfeitos são meus sentidos que nunca obscurecem com uma nódoa de esplendor as graves acusações que minha razão acumula em nosso desfavor, mesmo agora quando estamos aqui sentados. Qual a solução, indago de mim mesmo, e a ponte? Como reduzir essas visões dançarinas e deslumbrantes a uma linha capaz de unir tudo? É nisso que reflito; enquanto isso, vocês observam maliciosamente meus lábios repuxados, minhas faces encovadas e minha sobrancelha invariavelmente franzida.

— Mas também imploro que notem minha bengala e meu colete. Herdei uma escrivaninha de sólido mogno num aposento cheio de mapas nas paredes. Nossos navios conseguiram considerável reputação por causa de suas cabines luxuosas. Fornecemos suprimentos para piscinas e ginásios de esporte. Uso colete branco agora, e, antes de assumir um compromisso, consulto um caderninho.

— Esta é a maneira astuta e irônica como espero desviar a atenção de vocês de minha alma trêmula, minha alma terna e infinitamente jovem e desprotegida. Pois sou sempre o mais moço; o que se surpreende mais ingenuamente; aquele que corre à frente apreensivo, simpatizando com o desconforto ou o ridículo — caso haja uma mancha num nariz ou um botão aberto. Sofro com todas as humilhações. Mas também sou insensível e marmóreo. Não vejo como podem dizer que é uma felicidade ter vivido. Suas pequenas excitações, seus arrebatamentos infantis, quando uma chaleira ferve, quando o ar macio ergue o lenço pontilhado de Jinny e ele flutua como uma teia de aranha, são para mim fitas de prata lançadas sobre os olhos de um touro que ataca. Condeno vocês. Mas meu coração anseia por vocês. Com vocês eu atravessaria as fogueiras da morte. E ainda assim sou mais feliz sozinho. Ostento o luxo de vestimentas douradas e roxas. E ainda assim prefiro a paisagem sobre chaminés; gatos

esqueléticos se esfregando em chaminés descascadas; janelas quebradas; e o clangor rouco de sinos no campanário de alguma capela de tijolos.

— Vejo o que está diante de mim — disse Jinny. — Este lenço, estas manchas cor de vinho. Este cálice. Este pote de mostarda. Esta flor. Gosto do que se toca, do que se saboreia. Gosto da chuva quando se transforma em neve e se torna palpável. E, sendo arrojada, e muito mais corajosa que vocês, não equilibro minha beleza com vulgaridade, para que não me queime. Engulo-a inteira. É feita de carne; é feita de substância. Minha imaginação é a do corpo. Suas visões não são finamente tecidas e de alva pureza como as de Louis. Não gosto de seus gatos magros e suas chaminés descascadas. A beleza decadente dos seus telhados me causa repulsa. Encantam-me homens e mulheres de uniforme, perucas e becas, chapéus-coco e camisetas de tênis lindamente abertas no pescoço, a infinita variedade dos vestidos das mulheres (sempre observo todas as roupas). Circulo com eles, entrando e saindo, entrando e saindo em salas, saguões, aqui, ali, por toda parte, para onde quer que sigam. Este homem ergue a pata de um cavalo. Aquele homem abre e fecha as gavetas de sua coleção de desenhos. Nunca estou só. Um regimento de camaradas me assiste. Minha mãe deve ter seguido o tambor, meu pai, o mar. Sou como um cãozinho que trota pela estrada atrás da banda do regimento, mas para a fim de cheirar um tronco de árvore, farejar alguma mancha castanha, e subitamente dispara através da rua atrás de algum vira-lata, e ergue uma pata enquanto cheira um bafo de carne do açougue. Meus negócios me levaram a estranhos lugares. Homens, quantos deles, afastaram-se da parede e vieram em minha direção. Basta que eu erga a mão. E vieram, retos como um dardo, para o lugar de encontro — talvez uma cadeira num terraço, talvez uma loja numa esquina. Os tormentos, as divisões de nossas vidas foram resolvidas para mim noite após noite, por vezes simplesmente ao toque de um dedo por baixo da toalha de mesa enquanto estávamos sentados jantando — meu corpo tornou-se tão fluido, que até ao toque de um dedo ele forma uma gota plena, que enche a si mesma, freme, lampeja e tomba em êxtase.

— Sentei-me diante de um espelho como vocês se sentam escrevendo, somando algarismos em escrivaninhas. Assim, diante do espelho no tempo do meu quarto, avaliei meu nariz e meu queixo; meus lábios que se abrem demasiadamente e mostram gengivas em excesso. Olhei. Anotei. Escolhi o amarelo ou o branco, a luz ou a sombra, o gesto ou a imobilidade que

melhor servem. Sou volátil para um, rígida para outro, angulosa como uma estalactite de prata, ou voluptuosa como a chama de ouro de uma vela. Corri violentamente como um chicote estalado, até a ponta extrema da correia que me segura. O peito da camisa dele era branco, ali na esquina; depois roxo; fumaça e labareda nos envolveram; depois de uma furiosa conflagração — ainda assim quase não erguíamos nossas vozes, sentados no tapete defronte à lareira, murmurando todos os segredos de nossos corações como dentro de conchas para que ninguém os ouvisse no dormitório, embora uma vez eu tenha ouvido o cozinheiro mover-se, e uma vez pensamos que o tiquetaquear do relógio fosse uma pisada — desfizemo-nos em cinzas, não deixando relíquias, nenhum osso não queimado, nenhuma madeixa de cabelo para ser guardada em medalhões, daqueles que as amizades íntimas deixam para vocês quando se vão. Ora sou acinzentada; ora sou descarnada; mas olho meu rosto ao meio-dia, sentada diante do espelho em plena luz, e percebo com exatidão meu nariz, meu queixo, meus lábios que se abrem demasiadamente e mostram gengivas em excesso. Mas não tenho medo.

— No caminho da estação, havia postes de luz — disse Rhoda — e árvores que ainda não tinham largado suas folhas. As folhas ainda poderiam ter-me escondido. Mas não me escondi atrás delas. Andei ereta na direção de vocês, em vez de fazer um desvio para evitar o choque da sensação, como costumava fazer. Mas era apenas porque ensinei meu corpo a executar esse truque. Interiormente não aprendi nada; temo, odeio, amo, invejo e desprezo-os, nunca me reúno a vocês com alegria. Vindo da estação, recusando-me a aceitar a sombra das árvores e das caixas-postais, percebi, por seus casacos e guarda-chuvas, mesmo à distância, como estavam embebidos numa substância feita da reunião de repetidos momentos; estão comprometidos, têm uma atitude, filhos, autoridade, fama, amor, sociedade; ao passo que eu não tenho nada. Não tenho rosto.

— Aqui nesta sala de jantar vocês veem galhadas de cervos e copos; os saleiros; manchas amarelas na toalha de mesa. “Garçom!”, diz Bernard. “Pão!”, diz Susan. E o garçom vem; traz pão. Mas vejo com admiração e terror o lado de uma xícara como uma montanha, apenas partes de galhadas, e a claridade no flanco daquele jarro como uma rachadura na escuridão. Suas vozes soam como árvores rangendo na floresta. Assim também, seus rostos e suas proeminências e cavidades. Como são belos, parados, imóveis, a distância, à meia-noite, diante das amuradas de

alguma praça! Atrás de vocês há uma meia-lua alva de espuma, e pescadores na fímbria do mundo lançam e recolhem redes. Um vento arrufa as folhas mais altas das árvores primevas. (Mas estamos sentados aqui em Hampton Court.) Papagaios a guinchar rompem a intensa quietude da floresta virgem. (Aqui, o trem dá partida.) A andorinha mergulha sua asa em tanques de água à meia-noite. (Aqui, conversamos.) Essa é a circunferência que tento agarrar enquanto estamos sentados juntos. Assim, tenho de me submeter à penitência de Hampton Court, precisamente às sete e meia.

— Mas, de uma vez que preciso desses pãezinhos e de garrafas de vinho, e que são belos seus rostos com suas concavidades e proeminências, e a toalha de mesa e suas manchas amarelas, longe de poder espalhar-se em círculos cada vez mais amplos de compreensão, que por fim (assim sonho, despencando na margem da terra quando à noite minha cama flutua suspensa) abrangessem o mundo inteiro, tenho de assumir os trejeitos do solitário. Tenho de partir quando vocês me puxam com seus filhos, seus poemas, suas frieiras ou o que quer que andem fazendo ou sofrendo. Mas não estou decepcionada. Depois de todos esses chamados aqui e ali, safanões e buscas, cairei sozinha através do tênue lençol em golfadas de fogo. E vocês não me ajudarão. Mais cruéis que antigos torturadores, me deixarão cair e, quando tiver caído, me despedaçarão. Contudo, há momentos em que as paredes da mente se tornam mais finas; quando nada está inabsorvido, e eu poderia imaginar que conseguimos soprar uma bolha tão grande que o sol se ergueria e se poria nela, e poderíamos agarrar o azul do meio-dia e o negror da meia-noite, e ser lançados para fora e escapar do aqui e do agora.

— Gota a gota — disse Bernard — tomba o silêncio. Condensa-se no telhado da mente e cai por tanques de água abaixo. Para sempre sozinho, sozinho, sozinho — ouço o silêncio tombar e espalhar seus círculos até os mais longínquos recantos. Saciado e repleto, sólido na satisfação da meia-noite, eu, a quem a solidão destrói, deixo que o silêncio tombe gota a gota.

— Mas agora, caindo, o silêncio marca minha face, desmancha meu nariz como um homem de neve imóvel sob a chuva num jardim. Quando o silêncio cai, sou totalmente dissolvido e perco meus traços, sendo quase impossível distinguir-me de outro qualquer. Não importa. O que importa? Jantamos bem. O peixe, as costeletas de vitela, o vinho tornaram obtusos os afiados dentes do egoísmo. A ansiedade repousa. O mais fútil de nós,

talvez Louis, não liga para o que as pessoas pensam. Os tormentos de Neville repousam. Os outros que prosperem — é o que ele pensa. Susan ouve a respiração de todos os seus filhos, que dormem bem guardados. Durmam, durmam, murmura. Rhoda trouxe seus navios até a praia. Não se importa mais em saber se afundaram, se ancoraram. Estamos prontos para considerarmos com bastante imparcialidade qualquer sugestão que o mundo nos ofereça. Agora, pondero que a Terra é apenas um pedregulho acidentalmente caído do rosto do Sol, e não há vida em lugar algum nos abismos do espaço.

— Nesse silêncio — disse Susan — é como se nenhuma folha jamais tombasse, nem pássaro algum levantasse voo.

— Como se o milagre tivesse acontecido — disse Jinny — e a vida estivesse imobilizada aqui e agora.

— E — disse Rhoda — não tivéssemos mais que viver.

— Mas — disse Louis — ouçam o mundo a mover-se pelos abismos do espaço infinito. Ele dispara; a faixa iluminada da história passou, com nossos reis e nossas rainhas; nós sumimos; nossa civilização; o Nilo; a vida toda. Nossas gotas separadas dissolveram-se; estamos extintos, perdidos nos abismos do tempo, na treva.

— O silêncio tomba; o silêncio tomba — disse Bernard. — Mas agora, ouçam; tique, tique; tuuut, tuuut; o mundo nos chama novamente. Por um momento, escutei os ventos uivantes das trevas quando passamos para além da vida. Depois, tique, tique (o relógio); depois, tuuut, tuuut (são os carros). Estamos em terra; chegamos à praia; estamos sentados, seis de nós, numa mesa. É a lembrança do meu nariz que retorna a mim. Levantou-me. “Lute”! grito, “lute!”, lembrando a forma do meu nariz, e belicosamente malho a mesa com esta colher.

— Vamos opor-nos a esse caos ilimitado — disse Neville —, essa estupidez informe. Fazendo amor com uma babá atrás de uma árvore, aquele soldado é mais admirável que todas as estrelas. Por vezes, porém, uma estrela fremente aparece no céu claro e me faz pensar que o mundo é belo e que somos vermes que com nossa luxúria deformamos até mesmo árvores.

— Ainda assim, Louis — disse Rhoda —, como é breve um silêncio. Já começaram a alisar seus guardanapos ao lado dos pratos. “Quem chegou?” — pergunta Jinny —, e Neville suspira, lembrando Percival, que não virá mais. Jinny pegou seu espelho. Observando o rosto como um artista, passa

uma esponja de pó no nariz, e depois de um momento de reflexão dá aos lábios exatamente o vermelho de que lábios precisam. Susan, que sente desprezo e medo à vista desses preparativos, abotoa e desabotoa o botão superior de seu casaco. Para que estará se preparando? Para algo, mas algo diferente.

— Estão dizendo a si mesmos — disse Louis — "Está na hora. Ainda tenho vigor", estão dizendo. "Meu rosto se destacará do negror do espaço infinito." Não terminam suas frases. Ficam dizendo "está na hora". "Os jardins serão fechados." E junto com eles vai Rhoda, levada na torrente deles, e nós talvez fiquemos um pouquinho atrás.

— Como conspiradores que têm algo a sussurrar — disse Rhoda.

— É verdade — disse Bernard —, sei que é, tanto quanto descermos por esta avenida, onde um rei que aqui estava a cavalgar caiu devido a uma pequena protuberância do solo. Mas como parece estranho colocar diante dos redemoinhantes abismos do espaço infinito uma pequena imagem, com uma espécie de bule de chá dourado na cabeça. Recuperamos depressa nossa crença em imagens; mas não nisso que colocam sobre suas cabeças. Nosso passado inglês — uma polegada de luz. Depois as pessoas colocam bules de chá nas cabeças e dizem: "Sou um rei!" Não, tento recuperar a noção de tempo, enquanto andamos, mas, com essa torrente de escuridão em meus olhos, perdi a segurança. Este palácio parece leve como uma nuvem pousada por um instante no céu. É um truque da mente — colocar reis sobre seus tronos, um após o outro, com coroas nas cabeças. E nós, caminhando lado a lado, os seis, a que nos opomos, com esse fortuito lampejo de luz em nós, a que chamamos cérebro e sentimento; como podemos combater essa torrente; o que tem permanência? Nossas vidas também seguem adiante, descendo avenidas escuras, passando a faixa do tempo, sem serem identificadas. Uma vez Neville jogou um poema em minha cabeça. Sentindo uma repentina convicção de imortalidade, eu disse: "Também sei o que Shakespeare sabia." Mas isso acabou.

— De maneira insensata, ridícula — disse Neville —, o tempo retorna enquanto andamos. Um cão faz isso, saltando. A máquina funciona. A passagem dos anos torna aquele portão venerável. Trezentos anos parecem mais do que um momento que se desvanece diante deste cão. O rei Guilherme usa peruca quando monta seu cavalo, e as damas da corte roçam a turfa com suas saias de anquinhas bordadas. Estou começando a

me convencer, enquanto caminhamos, de que o destino da Europa é de enorme importância, e, por ridículo que pareça, de que tudo depende da batalha de Blenheim. Sim; declaro, quando passamos por este portão, é o momento presente; tornei-me um súdito do rei Jorge.

— Enquanto avançamos por esta avenida — disse Louis —, eu recostado levemente em Jinny, Bernard de braço com Neville, e Susan com sua mão na minha, é difícil não chorar, chamando-nos de criancinhas, pedindo que Deus nos proteja enquanto dormimos. É doce cantarmos juntos, dando-nos as mãos, com medo do escuro, enquanto a srta. Curry toca harmônio.

— Os portões de ferro se fecharam — disse Jinny. — As presas do tempo cessaram de devorar. Triunfamos sobre os abismos do espaço, com ruge, com pó de arroz, com frívolos lencinhos.

— Eu seguro — disse Susan —, seguro firmemente esta mão, a de qualquer pessoa, com amor, com ódio; não importa qual.

— Sobre nós baixou um espírito de quietude, incorpóreo — disse Rhoda —, e saboreamos este alívio momentâneo (é raro alguém não sentir ansiedade) quando as paredes da mente se tornam translúcidas. Como o quarteto tocado para as pessoas secas e encalhadas nas cadeiras, o palácio de Wren forma um retângulo. Um quadrado é posto sobre o retângulo, e dizemos: "Este é o nosso abrigo. Agora a estrutura está visível. Muito pouca coisa ficou de fora."

— A flor — disse Bernard —, o cravo vermelho que estava no vaso sobre a mesa do restaurante quando jantamos com Percival, tornou-se uma flor de seis lados; feita de seis vidas.

— Uma misteriosa iluminação — disse Louis —, visível diante destes teixos.

— Construída com muita dor, muitos golpes — disse Jinny.

— Casamento, morte, viagem, amizade — disse Bernard —, cidade e campo; filhos e tudo isso; uma substância de muitos lados, recortada nessa treva; uma flor multifacetada. Paremos por um momento; contemplemos o que fizemos. Deixemos que rebrilhe diante dos teixos. Uma vida. Ali. Passou. Apagou-se.

— Agora — disse Louis —, Susan e Bernard desaparecem. Neville com Jinny. Você e eu, Rhoda, paramos por um momento junto desta urna de pedra. Que canção ouviremos agora que esses casais procuram os bosques e Jinny, apontando com sua mão enluvada, finge observar os nenúfares, e

Susan, que sempre amou Bernard, lhe diz: “Minha vida arruinada, minha vida desperdiçada.” E Neville, pegando a pequena mão de Jinny, com as unhas cor de cereja, junto do lago, das águas enluaradas, exclama: “Amor, amor”, e ela responde imitando o pássaro: “Amor, amor?” Qual a canção que escutamos?

— Eles desapareceram em direção ao lago — disse Rhoda. — Esgueiraram-se furtivamente sobre a relva, mas com segurança, como se solicitassem à nossa compaixão seu antigo direito — não serem perturbados. A maré na alma, recurvada, escorre naquela direção; eles não podem deixar de abandonar-nos. A treva fechou-se sobre seus corpos. Qual a canção que escutamos — a da coruja, do rouxinol, da carriça? O vapor apita; a luz lampeja nos fios elétricos; as árvores curvam-se e abaixam-se gravemente. Sobre Londres paira uma fulguração. Aqui há uma anciã, voltando quieta, e um homem, um pescador retardatário, desce pelo terraço com seu caniço. Nenhum som, nenhum movimento deve escapar-nos.

— Um pássaro voa para casa — disse Louis. — A noite abre as pálpebras e lança um rápido olhar entre os arbustos, antes de adormecer. Como poderemos juntar tudo isso, a mensagem confusa que nos enviam, não apenas eles, mas muitos mortos, rapazes e moças, homens e mulheres, que andaram por aqui, sob este ou aquele rei?

— Um peso caiu na noite — disse Bernard —, achatando-a. Cada árvore se amplia com uma sombra que não é a sombra da árvore atrás dela. Ouvimos um rufar sobre os telhados de uma cidade sitiada quando os turcos estão famintos e inseguros. Ouvimos como gritam, em latidos agudos, parecendo punhais: “Abram, abram.” Ouvimos bondes guinchando e fios elétricos soltando fagulhas. Ouvimos faias e bétulas erguendo seus ramos como se a noite tivesse deixado cair sua camisola de seda e viesse até a porta dizendo: “Abra, abra.”

— Tudo parece vivo — disse Louis. — Não consigo escutar a morte em lugar algum esta noite. A estupidez, no rosto deste homem, e a idade, no daquela mulher, seriam fortes o bastante para resistir ao encantamento, pensamos, e trazer a morte. Mas onde está a morte esta noite? Toda a crueza, confusão e restos foram lançados como cacos de vidro na maré azul de franjas rubras, que, invadindo a praia, fértil de incontáveis peixes, quebra-se a nossos pés.

— Se pudéssemos subir juntos — disse Rhoda —, se pudéssemos observar de uma altura suficiente, se pudéssemos permanecer intocados, sem qualquer apoio — mas vocês, perturbados por leves ruídos de palmas de louvor ou riso, e eu, ressentindo-me do certo e errado nos lábios das pessoas, confiamos unicamente na solidão e na violência da morte, e por isso estamos divididos.

— Para sempre — disse Louis —, divididos. Sacrificamos o abraço entre as samambaias, e amor, amor, amor à margem do lago, parados junto da urna como conspiradores que se afastaram para partilhar algum segredo. Mas agora, vejam, quando estamos aqui postados, irrompe um frêmito no horizonte. A rede ergue-se mais e mais. Chega à superfície da água. A água é varada por peixinhos trêmulos e prateados. Ora saltando, ora disparando, são depositados na praia. A vida lança sua rede sobre a relva. Há vultos que vêm nessa direção. São homens ou mulheres? Ainda usam os ambíguos panejamentos da ondulante maré em que estiveram submersos.

— Agora — disse Rhoda —, quando passam por aquela árvore, reassumem seu tamanho natural. São apenas homens, apenas mulheres. Espanto e admiração mudam quando despem os panejamentos da maré ondulante. A compaixão retorna quando emergem para o luar, como relíquias de um exército, nossos representantes, indo para a batalha todas as noites (aqui ou na Grécia), e todas as noites regressando com seus ferimentos e seus rostos devastados. Agora a luz cai sobre eles. Têm rostos. Transformam-se em Susan e Bernard, Jinny e Neville, pessoas que conhecemos. Que encolhimento! Que atrofiamento, que humilhação! Os antigos calafrios me perpassam, ódio e terror, quando me sinto manietada a um lugar por esses ganchos que são lançados sobre nós; essas saudações, reconhecimentos, apertos de dedos, olhos que buscam. E, no entanto, para me enternecer, basta que falem, que pronunciem palavras cujo tom é familiar e o sentido, sempre diferente do que se esperava, ou que suas mãos se movam e façam ressurgir do âmago das trevas os milhares de dias do passado.

— Alguma coisa cintila e dança — disse Louis. — A ilusão retorna quando se aproximam descendo a avenida. Começam a leve agitação e as indagações. O que penso de vocês — o que pensam de mim? Quem são vocês? Quem sou eu? — isso faz encrespar-se novamente um ar indeciso sobre nós, e o pulso se apressa e o olho se ilumina e toda a loucura da

existência pessoal, sem a qual a vida se achataria e morreria, recomeça. Eles estão perto de nós. O sol do Sul cintila sobre esta urna; entramos na maré do oceano violento e cruel. Deus nos ajude a desempenhar nossos papéis quando os saudarmos no retorno — Susan e Bernard, Neville e Jinny.

— Destruímos alguma coisa com nossa presença — disse Bernard —, talvez um mundo.

— Quase nem respiramos — disse Neville —, gastos como estamos. Encontramo-nos nessa passiva e exausta disposição de alma em que apenas queremos voltar ao corpo de nossa mãe, do qual fomos apartados. Todo o resto é desagradável, forçado e fatigante. O lenço amarelo de Jinny tem cor de mariposa nessa luz; os olhos de Susan estão apagados. Quase não nos distinguimos do rio. A brasa de um cigarro é o único ponto de ênfase entre nós. A tristeza tinge nossa alegria por termos abandonado vocês, rompido a textura; entregues ao desejo de espremermos sozinhos uma seiva mais amarga, mais negra, que também era doce. Mas agora estamos desgastados.

— Depois do nosso fogo — disse Jinny —, nada resta para ser guardado em medalhões.

— Ainda abro a boca — disse Susan —, como um pássaro jovem e insaciado, para apanhar algo que me escapou.

— Fiquemos ainda um momento, antes de partir — disse Bernard. — Andemos pelo terraço junto ao rio quase deserto. Falta pouco para a hora de dormir. Todos foram para suas casas. Como tranquiliza observar agora as luzes emergindo dos quartos de dormir de pequenos comerciantes do outro lado do rio. Uma aqui, outra ali. O que pensam que lucraram hoje? Apenas o bastante para pagar o aluguel, luz e comida e a roupa das crianças. Apenas o bastante. Que impressão de uma vida tolerável nos dão as luzes dos quartos de dormir dos pequenos comerciantes! Chega o sábado, e há apenas o suficiente para talvez pagar as entradas de cinema. Talvez antes de apagarem a luz andem até o jardinzinho e contemplem o coelho gigante agachado em sua casinhola de madeira. É o coelho que comerão no jantar de domingo. Depois apagam as luzes. E dormem. E, para milhares de pessoas, o sono não é senão calor e silêncio, e o jogo momentâneo com algum sonho fantástico. “Despachei minha carta para o jornal de domingo”, pensa o verdureiro. “E se eu ganhar quinhentas libras na aposta de futebol? E vamos matar o coelho. A vida é agradável. A vida

é boa. Despachei a carta. Vamos matar o coelho.” E o verdureiro adormece.

— A coisa continua. Ouçam. Há um ruído como entrechoques de vagões num desvio da linha férrea. É a feliz concatenação de um evento seguindo o outro em nossas vidas. Bate, bate, bate. Tem, tem, tem. Tem de partir, tem de dormir, tem de acordar, tem de levantar — palavra solene e misericordiosa que fingimos injuriar, que apertamos ao coração, sem a qual não existiríamos. Como reverenciamos este som, parecido com o entrechoque de vagões num desvio!

— Agora, ouço o coro ao longe, rio abaixo; a canção dos menininhos presunçosos que voltam em grandes ônibus, vindos de um dia ao ar livre no convés de navios repletos. Ainda cantam como costumavam cantar, no pátio, em noites de inverno, ou com as janelas abertas no verão, embebedando-se, quebrando os móveis, usando pequenos barretes listrados, todos voltando as cabeças na mesma direção quando a carruagem dobrava a curva; e eu desejava estar com eles.

— Com o coro e a água veloz e o murmúrio quase imperceptível da brisa, estamos nos afastando. Pedacinhos de nós mesmos, migalhas. Ali! Algo muito grave desabou. Não consigo manter-me inteiro. Vou dormir. Mas precisamos partir; temos de pegar nosso trem; temos de andar de volta à estação — temos, temos, temos. Somos apenas corpos correndo lado a lado. Existo unicamente nas solas dos meus pés e nos fatigados músculos de minhas coxas. Parece que estivemos andando horas a fio. Mas onde? Não consigo lembrar. Sou como um toro de madeira deslizando suavemente por uma cascata. Não sou um juiz. Não sou convocado para dar minha opinião. Casas e árvores são a mesma coisa nessa luz cinzenta. Aquilo é um poste? É uma mulher andando? Aqui fica a estação, e se o trem me despedaçasse em dois, eu me ajuntaria novamente do outro lado, uno, indivisível. Mas o estranho é que mesmo agora, mesmo dormindo, ainda posso agarrar firme entre os dedos da mão direita o pedaço de volta de minha passagem para Waterloo.

O sol declinara. Não se distinguiam mar e céu. As ondas, ao quebrarem, derramavam na praia seus leques alvos, enviavam alvas sombras para o recesso das cavernas sonoras, depois rolavam de volta, suspirando por sobre as pedras.

A árvore sacudiu seus ramos e uma chuva de folhas caiu no solo. Acomodaram-se em perfeita quietude, no lugar exato em que aguardariam a dissolução. Negror e cinzas foram lançados no jardim pelo recipiente partido que antes contivera luz vermelha. Sombras escureciam os túneis entre caules. O tordo silenciara e o verme encolhera-se de volta à sua caverna estreita. Vez por outra, uma palha esbranquiçada e oca era soprada de algum ninho antigo e tombava nos capins escuros entre maçãs podres. A luz desvanecera-se na parede do galpão de ferramentas, e a pele de víbora pendia vazia no prego. Todas as cores do aposento haviam transbordado de suas margens. A pincelada precisa estava inchada e oblíqua; armários e cadeiras diluíam suas massas castanhas em uma volumosa obscuridade. No espaço entre o chão e o teto, pendiam amplos cortinados de trêmula escuridão. O espelho estava baço como a boca de uma caverna coberta de trepadeiras pendentes.

As colinas perderam sua solidez. Luzes errantes impeliam uma cunha emplumada através de invisíveis estradas submersas, mas luz alguma se abria entre as asas dobradas das colinas, e não se ouvia som, exceto o grito de algum pássaro em busca de uma árvore mais isolada. Na beira do rochedo, havia um monótono rumor de ar varrido através de florestas, de água resfriada nas mil cavidades vítreas do alto-mar.

Como se houvesse ondas de escuridão no ar, a noite avançava, cobrindo casas, colinas, árvores, como as ondas que rodeiam os flancos de um navio naufragado. A escuridão corria pelas casas abaixo, circundando vultos isolados, engolfando-os; apagando casais agarrados debaixo da chuvosa treva dos olmos com sua densa folhagem de verão. A escuridão rolava suas ondas pelas veredas cheias de relva e por sobre a enrugada pele da turfa, envolvendo o solitário espinheiro e os caramujos vazios a seus pés. Subindo mais alto, a escuridão soprou pelas rampas nuas do planalto, encontrando os pináculos desgastados e esmerilhados da montanha, onde a neve se aloja perpetuamente na dura rocha, mesmo quando os vales estão repletos de torrentes e de folhas amarelas das videiras, e, sentadas em varandas, as jovens erguem o olhar para a neve, protegendo os rostos com seus leques. Também a elas a escuridão encobriu.

— Agora, trata-se de resumir — disse Bernard. — Agora, trata-se de explicar-lhe o sentido de minha vida. Como não nos conhecemos (embora

eu tenha visto você uma vez, penso, a bordo de um navio a caminho da África), podemos falar livremente. Tenho a ilusão de que alguma coisa adere por um momento, assume forma, peso, profundidade, perfeição. No momento, parece ser a minha vida. Se fosse possível, eu a daria a você. Haveria de colhê-la como se colhe um cacho de uvas. E diria: "Tome-a. É minha vida."

— Infelizmente, porém, o que vejo (esta esfera cheia de imagens), você não vê. Você me vê, sentado à mesa à sua frente, um homem um tanto pesado, de certa idade, têmporas grisalhas. Vê-me apanhar o guardanapo e desdobrá-lo. Você me vê encher o cálice de vinho. E vê atrás de mim a porta que se abre, gente passando. Mas a fim de fazê-lo compreender, e lhe dar minha vida, preciso contar-lhe uma história — e há tantas, tantas: histórias de infância, histórias de colégio, amor, casamento, morte, e assim por diante; e nenhuma delas é verdadeira. Mas, feito crianças, contamos histórias uns aos outros, e, para enfeitá-las, inventamos essas frases ridículas, extravagantes e lindas. Como estou cansado de histórias, como estou cansado de frases que descem lindamente, colocando todos os seus pés no chão! Além disso, como desconfio dos nítidos desenhos da vida lançados sobre meias folhas de papel de carta. Começo a ansiar por alguma linguagem reduzida, como a que os amantes usam, palavras quebradas, palavras inarticuladas, como pés arrastando-se no calçamento. Começo a procurar algum desenho mais em harmonia com aqueles momentos de humilhação e triunfo que vez por outra inegavelmente chegam. Deitado numa vala num dia de tempestade, ver depois da chuva enormes nuvens aparecerem marchando no céu, nuvens esfarrapadas, fiapos de nuvens. O que então me encanta é a confusão, a altitude, a indiferença e a fúria. Grandes nuvens em constante alteração e movimento; sulfurosas e sinistras, a inchar, bojudas, apressadas; alteando-se como torres, singrando, apartadas, perdidas, e eu esquecido, minúsculo, numa vala. E então não vejo sinal de história, de desenho.

— Enquanto isso, enquanto comemos, viremos essas cenas como crianças viram páginas de um livro de figuras e a ama, apontando, diz: "Isto é uma vaca. Aquilo é um barco." Vamos virar as páginas, e, para diverti-lo, acrescentarei um comentário à margem.

— No começo era um quarto de crianças com janelas para um jardim, e mais além o mar. Vi algo iluminar-se — sem dúvida a maçaneta de cobre de um armário. Depois a sra. Constable erguia a esponja sobre a cabeça,

espremia-a, e dela disparavam, à direita, à esquerda, descendo pela minha espinha, dardos de sensações. E assim, enquanto respirarmos, pelo resto dos nossos dias, se batermos numa cadeira, numa mesa ou numa mulher, seremos varados por dardos de sensações — se andarmos num jardim, se bebermos este vinho. Algumas vezes, é verdade, quando passo por uma casa com uma luz na janela onde nasceu uma criança, gostaria de implorar-lhes que não espremessem a esponja sobre esse novo corpo. Depois, havia o jardim e o dossel das folhas caídas que pareciam fechar tudo; flores ardendo como centelhas nas profundezas verdes; um rato coroado de vermes debaixo de uma folha de ruibarbo; a mosca zumbindo, zumbindo, zumbindo no teto do quarto das crianças, e pratos e mais pratos de inocente pão com manteiga. Todas essas coisas acontecem num segundo, e duram para sempre. Rostos assomam, indistintos. Disparando pela esquina, dizemos: "Olá, ali está Jinny. Aquele é Neville. Aquele é Louis, usando flanela cinza com cinto de couro de cobra. Aquela é Rhoda." Ela tinha uma bacia na qual boiavam pétalas de flores brancas. Foi Susan quem chorou naquele dia em que eu estava no galpão com Neville; e senti minha indiferença esvair-se. Neville não. "Por isso", disse eu, "sou eu mesmo, não sou Neville", uma descoberta maravilhosa. Susan chorava e eu a segui. Seu lenço molhado, e a visão de suas pequenas costas subindo e descendo como uma alavanca, soluçando pelo que eu lhe negara, irritou meus nervos. "Não posso suportar isso", disse eu, sentando-me a seu lado sobre as raízes duras como esqueletos. E pela primeira vez tive consciência da presença daqueles inimigos, que mudam mas estão sempre lá; as forças contra as quais lutamos. É inconcebível deixar-se levar passivamente. Dizemos: "Mundo, essa é a sua sorte, a minha é esta." Então exclamei: "Vamos fazer uma exploração por aqui", e levantei-me de um salto, e corri colina abaixo com Susan, e vi o cavalariço pateando no quintal com grandes botas. Bem abaixo, nas profundezas das folhas, os jardineiros varriam os relvados com grandes vassouras. A dama estava sentada escrevendo. Transfixado, parei de repente, e pensei: "Não posso interferir num só roçar dessas vassouras. Elas varrem e varrem. Nem na fixidez daquela dama que escreve." É estranho que não se possa fazer parar jardineiros varrendo nem desalojar uma mulher. Permaneceram lá durante toda a minha vida. É como se eu tivesse despertado em Stonehenge, rodeado de um círculo de grandes pedras, estes inimigos, estas presenças. Depois um pombo silvestre saiu voando das árvores. E,

apaixonado pela primeira vez, fiz uma frase — um poema sobre um pombo silvestre —, uma frase só, pois se tinha aberto um buraco em minha mente, uma dessas súbitas transparências através da qual vemos tudo. Depois, mais pão e manteiga, e mais moscas zumbindo em círculos no teto do quarto das crianças, no qual tremulavam ilhas de luz, penugentas, opalescentes enquanto os dedos estendidos do lustre gotejavam poças azuis na beira da cornija da lareira. Dia após dia, sentados na hora do chá, contemplávamos essas visões.

— Mas todos éramos diferentes. A cera — a cera virginal que envolve a coluna vertebral derretia em formas diversas para cada um de nós. Os bramidos do cavalariço fazendo amor com a copeira entre as groselheiras; as roupas infladas e retesadas no varal; o morto na sarjeta; a macieira hirta ao luar; o rato coberto de vermes; o lustre gotejando luz azul — nossa cera alva estriada e manchada de maneira diferente sob efeito de cada uma dessas coisas. Louis sentia repugnância pela natureza da carne humana; Rhoda, por nossa crueldade; Susan não conseguia partilhar coisa alguma; Neville desejava ordem; Jinny, amor; e assim por diante. Sofremos terrivelmente quando nos tornamos corpos separados.

— Mas fui preservado desses excessos e sobrevivi a muitos de meus amigos, estou um pouco gordo, grisalho, tórax arqueado, porque é o panorama da vida, visto, não do telhado, mas de uma janela do terceiro andar, que me encanta, não o que uma mulher diz a um homem, nem que esse homem seja eu. Como puderam zombar de mim na escola por causa disso? Como puderam dificultar tanto as coisas para mim? Lá vinha o reitor para a capela, num passo balouçante, como se comandasse um navio de guerra numa tempestade, gritando ordem num megafone, pois, quando têm autoridade, as pessoas sempre se tornam melodramáticas — eu não o odiava como Neville, nem o reverenciava como Louis. Tomava notas quando estávamos sentados juntos na capela. Havia pilares, sombras, placas de bronze comemorativas, rapazes que brigavam e arrebentavam selos uns dos outros por trás do Livro de Orações; o som de uma bomba enferrujada; o reitor que trovejava a respeito da imortalidade e de partirmos como homens; e Percival que coçava sua coxa. Eu tomava notas para histórias; desenhava retratos na margem do meu caderno de bolso, e assim me tornava mais isolado ainda. Aqui há uma ou duas das imagens que eu via. Naquele dia, na capela, Percival sentava-se olhando fixamente em frente. Também tinha uma maneira de passar rapidamente a mão na

nuca. Seus movimentos eram sempre notáveis. Todos passávamos as mãos na parte de trás de nossas cabeças — sem qualquer êxito. Ele tinha a espécie de beleza que se defende de qualquer carícia. Como não fosse nem um pouco precoce, lia tudo o que era escrito para nossa edificação, sem qualquer comentário, e pensava, com a magnificente equanimidade (palavras latinas me ocorrem naturalmente) que o preservaria de tantas vulgaridades e humilhações, que as tranças cor de linho de Lucy e suas faces rosadas eram o auge da beleza feminina. Assim preservado, seu gosto mais tarde tornou-se extremamente refinado. Mas haveria música, algum cântico selvagem. Pela janela entraria a canção de caça de alguma vida rápida e inapreensível — um som que dispara entre as colinas, e morre. O que é espantoso, o que é inesperado, aquilo de que não podemos prestar contas, o que transforma a simetria em absurdo — é isto que súbito me vem à mente, quando penso nele. O pequeno instrumento de observação é desarticulado. Pilares se abaixam; o reitor afasta-se flutuando; uma repentina exaltação me domina. Cavalgando numa competição, ele foi lançado do cavalo, e quando vim por Shaftesbury Avenue esta noite, os rostos insignificantes e escassamente formulados que borbulham emergindo das portas do metrô, e muitos hindus obscuros, e pessoas morrendo de fome e doença, mulheres traídas, cães surrados e crianças em pranto — todos me pareceram privados de algo essencial. Ele teria feito justiça. Teria concedido proteção. Aos quarentas anos, teria abalado as autoridades. Jamais me ocorreu uma canção de ninar que com sua melodia fosse capaz de fazê-lo repousar.

— Mas quero mergulhar novamente e com minha colher trazer à tona outro desses diminutos objetos a que chamamos com otimismo “as personalidades de nossos amigos” — Louis. Ele ficava sentado olhando o pregador. Seu ser parecia acumulado em sua fronte, os lábios comprimidos; olhos fixos, nos quais subitamente lampejava o riso. Também sofria de frieiras, castigo por uma circulação imperfeita. Infeliz, sem amigos, em exílio, por vezes, em momentos de confidência, descrevia a onda varrendo as praias na sua terra natal. O implacável olho da juventude fixava-se em suas juntas inchadas. Sim, mas também percebíamos logo o quanto era sarcástico, competente, severo, e, quando jazíamos debaixo dos olmos fingindo acompanhar o jogo de críquete, com que naturalidade desejávamos sua aprovação, raramente concedida. Ressentíamo-nos tanto de sua ascendência sobre nós quanto adorávamos a

de Percival. Afetado, desconfiado, erguia os pés como uma grua, mas havia uma lenda de que a punho nu quebrara uma porta. Contudo, seu cume era demasiado despido e pedregoso para poder sustentar essa espécie de nevoeiro. Ele não possuía as ligações simples com que uma pessoa se une a outra. Permanecia reservado; enigmático; um estudante capaz de uma inspirada compreensão por vezes admirável. Minhas frases (como descrever a lua) não mereciam sua aprovação. Por outro lado, ele me invejava com desespero, porque me sentia à vontade com os criados. Não que lhe faltasse consciência de seus próprios méritos. Ela era proporcional ao seu respeito pela disciplina. Enfim, daí o seu sucesso. Mas não era feliz. Veja — seu olho torna-se baço aqui na palma de minha mão. Subitamente perdemos a noção do que são as pessoas. Deponho-o outra vez no tanque de água, e voltará a adquirir seu brilho.

— Agora, Neville — deitado de costas olhando o céu de verão. Flutuava entre nós como lanugem de cardo, indolentemente habitando o canto ensolarado do campo de esportes, sem prestar atenção ao que se dizia, mas, ainda assim, não remoto. Foi através dele que meti um pouco o nariz nos clássicos latinos, sem jamais os tocar realmente, e também peguei alguns daqueles persistentes hábitos de pensar que nos tornam irremediavelmente fora de esquadro — por exemplo, sobre crucifixos: são a marca do diabo. Nossos meios amores e meios ódios e ambiguidade nesses assuntos eram para ele traições indefensáveis. O reitor cambaleante e estentórico, que eu imaginava sentado agitando os suspensórios sobre a chama do gás, não era para ele senão um instrumento da Inquisição. Assim, com uma paixão que compensava a indolência, voltava-se para Catulo, Horácio, Lucrécio, jazendo preguiçosamente a cochilar, sim, mas observando, notando, com arrebatamento, os jogadores de críquete, enquanto, com a mente parecendo uma língua de tamanduá, rápida, hábil, glutona, escolhia daquelas frases romanas cada circunvolução, cada torneio, e escolhia uma pessoa, sempre uma pessoa para sentar-se ao lado.

— E as longas saias das esposas dos professores passariam farfalhando, altas, ameaçadoras; e nossas mãos voariam para os barretes. E um enorme embotamento baixaria, inteiriço e monótono. Nada, nada, nada rompia com sua barbatana esse plúmbeo deserto de águas. Nada aconteceria para erguer aquele peso de intolerável fastio. Os períodos escolares prosseguiam. Crescemos; mudamos; pois, naturalmente, somos animais. Nem sempre estamos totalmente conscientes; respiramos, comemos,

dormimos mecanicamente. Existimos, não apenas separadamente, mas em blocos indiferenciados de matéria. Com um só movimento de pá todo um vagão cheio de rapazes é varrido e se vai, jogando críquete, jogando futebol. Um exército marcha através da Europa. Reunimo-nos em parques e salões, e laboriosamente nos opomos a qualquer renegado (Neville, Louis, Rhoda) que construa uma existência à parte. Sou formado de tal maneira que, ouvindo uma das melodias distintas, como as que Louis canta, ou Neville, também sou irresistivelmente impelido para o som do coro entoando sua canção antiga, sua canção quase sem palavras, quase sem sentido, que vem pelos pátios à noite; que agora escutamos ribombando a nosso redor, enquanto carros e ônibus levam pessoas aos teatros. (Ouça, os carros passam disparando por este restaurante; vez por outra, lá embaixo no rio, uma sirene uiva, quando um vapor parte para o mar.) Se no trem um caixeiro-viajante me oferece uma dose de rapé, aceito. Gosto do aspecto das coisas copiosas, informes, cálidas, não muito inteligentes, mas extremamente fáceis e um tanto rudes; a fala de homens em clubes e casas públicas, de mineiros seminus em ceroulas — sinceros, perfeitamente despretensiosos, sem fim em vista senão jantar, amor, dinheiro e arranjar-se de maneira suportável; que não têm grandes esperanças, ideais, nem qualquer coisa desse tipo; que nada pretendem senão fazer de tudo isso um trabalho razoavelmente bom. Gosto disso. Assim reunia-me a eles quando Neville se amuava, ou Louis, concordo que, de maneira sublime, se afastava ab-ruptamente.

— Assim, não era de maneira igual, ordenada, que meu colete de cera se derretia, mas em grandes estrias, uma gota aqui, outra ali. Agora, viam-se através dessas transparências aquelas admiráveis pastagens, primeiro tão alvas de lua, tão radiantes, em que jamais pisou pé algum; campinas de rosa, de açafrão, de rochedos e serpentes também; de manchas e cor trigueira; os embaraços, os vínculos, subidas a passos curtos. Saltamos da cama, abrimos a janela num impulso; que sussurro de pássaros a alçarem voo! Você conhece esse súbito fremir de asas, esse clamor, gorjeio, confusão; o tumulto e o balbucio de vozes; e todas as gotas cintilam, tremulam, como se o jardim fosse um mosaico estilhaçado, evanescente, cintilante; ainda não conformado em uma unidade; e um pássaro canta perto da janela. Ouvi esses cantos. Segui esses fantasmas. Vi Joans, Dorothys e Mirians, esqueci seus nomes, descendo avenidas, parando sobre pontes para olhar o rio embaixo. E dentre elas erguem-se uma ou

duas imagens distintas, pássaros que cantaram junto à janela com o extasiado egoísmo da juventude; partiram seus caracóis contra pedras, mergulharam seus bicos em substância viscosa e sufocante; duros, ávidos, implacáveis; Jinny, Susan, Rhoda. Tinham sido educadas na costa leste e na costa sul. Deixaram crescer longas tranças e adquiriram a aparência de potros amedrontados, a marca da adolescência.

— Jinny foi a primeira a entrar pelo portão, andando de lado, para comer açúcar: tirava-o da palma de minha mão, muito hábil, mas suas orelhas viravam-se para trás como se fosse capaz de morder. Rhoda era selvagem — nunca se podia agarrar Rhoda. Era ao mesmo tempo assustada e desajeitada. Foi Susan quem se tornou mulher em primeiro lugar, puramente feminina. Foi ela quem gotejou em meu rosto aquelas lágrimas escaldantes que são belas, terríveis; ambas as coisas, nenhuma coisa. Nascera para ser adorada por poetas, pois os poetas exigem segurança; alguém que permaneça sentada costurando; que diga: "Odeio, amo", que não seja confortável nem próspera, mas que harmonize com a elevada porém não enfática beleza do estilo puro que os poetas tanto admiram. O pai dela singrava de quarto em quarto, e por corredores embandeirados, com seu robe esvoaçante e chinelos cambaios. Em noites quietas, uma cortina de água despencava com um bramido, a uma milha dali. O velho cão quase não conseguia subir em sua cadeira. E podia-se ouvir alguma criada tola rindo no sótão da casa enquanto girava e girava a roda da máquina de costura.

— Observei isso até no meio da minha agonia, quando, enrolando seu lenço, Susan chorava: "Amo, odeio." Comentei: "Uma criada insignificante está rindo lá em cima no sótão", e essa pequena passagem dramática mostra como mergulhamos de maneira incompleta em nossas próprias experiências. Nas fímbrias de cada agonia, há um observador sentado a apontar o dedo, sussurrando como ele sussurrou para mim naquela manhã de verão, na casa em que o trigal sobe até a janela: "O salgueiro cresce na turfa junto ao rio. Os jardineiros varrem com suas grandes vassouras, e a dama está sentada escrevendo." Assim ele me indicava o que está além e fora de nossa própria condição; o que é simbólico e ainda assim, talvez, permanente, se é que há qualquer permanência em nossas vidas que dormem, comem, respiram, tão animais, tão espirituais e tão tumultuadas.

— O salgueiro crescia junto ao rio. Sentei-me na turfa macia com Neville, com Larpent, com Baker, Ramsey, Hughes, Percival e Jinny. Através de suas finas plumas pontilhadas por diminutas orelhas de folhas verdes na primavera, cor de laranja no outono, avistei barcos; avistei edifícios; avistei mulheres decrépitas e apressadas. Enterrei fósforo após fósforo decididamente na turfa, para marcar este ou aquele estágio no processo de compreensão (podia ser filosofia; ciência; podia ser eu mesmo) enquanto, flutuando desligada, a franja da minha inteligência colhia aquelas sensações distantes em que, depois de algum tempo, a mente penetra e nas quais trabalha: o toque de sinos; murmúrios generalizados; vultos evanescentes; uma jovem numa bicicleta que, rodando, parecia erguer o canto de uma cortina a esconder o caos populoso e indiferenciado da vida que subia e descia por trás dos contornos de meus amigos e do salgueiro.

— Somente a árvore resistia a nosso eterno fluxo. Pois eu mudava e mudava; fui Hamlet, fui Shelley, fui o herói, cujo nome agora esqueço, de um romance de Dostoievski; fui, inacreditavelmente, por todo um período escolar, Napoleão; mas fui principalmente Byron. Por muitas semanas consecutivas meu papel foi entrar em salas e jogar luvas e casaco no encosto de cadeiras, franzindo de leve a sobrancelha. Estava sempre indo até a estante para outro gole do divino elixir. Por isso, despejava sobre alguém inadequado minha tremenda bateria de frases — uma jovem, hoje casada, hoje sepultada; cada livro, cada lugar junto à janela, cobria-se das folhas de minhas cartas não concluídas à mulher que me transformava em Byron. Pois é difícil concluir uma carta no estilo de outra pessoa. Mandei tudo para a casa dela num transe; troquei presentes, mas não casei com ela, indubitavelmente imaturo demais para tamanha intensidade.

Aqui, mais uma vez, deveria haver música. Não aquela selvagem canção de caça, a música de Percival; mas uma canção dolorosa, gutural, visceral, também sublime, sonoro canto de cotovia, para substituir essas transcrições desgastadas e tolas — tão excessivamente deliberadas! tão excessivamente razoáveis! — que tentam descrever o passageiro instante do primeiro amor. Um vidro roxo é posto diante do dia. Ver um aposento antes que ela chegue, e depois. Ver os inocentes lá fora abrindo seu caminho. Eles não enxergam nem ouvem; mas continuam em frente. Movendo-nos nessa atmosfera radiante mas pegajosa, como somos conscientes de cada movimento — alguma coisa adere, alguma coisa se

prende em nossas mãos, até quando pegamos no jornal. Depois vem a dilaceração — ser puxado para fora, tramado como teia de aranha, enrolado em agonia em torno de um espinho. Depois o trovejar de uma absoluta indiferença; a luz foi soprada e apagou-se; depois, o retorno de uma alegria imensurável e irresponsável; alguns campos parecem rebrilhar verdes para sempre, e inocentes paisagens emergem à luz de uma primeira madrugada — um quadrado verde, por exemplo, em Hampstead; e todos os rostos se iluminam, todos conspiram num sopro de eternecida alegria; depois, a sensação mística de plenitude, e depois aquela aspereza irritante, como a pele de um tubarão — negros dardos de sensação trêmula quando ela não escreve, quando ela não vem. Irrompe uma porção de suspeitas eriçadas, horror, horror, horror — de que adianta elaborar penosamente essas frases coerentes, quando precisamos não de uma sequência coerente, mas de um latido, um gemido? E, anos mais tarde, ver uma mulher de meia-idade tirando sua capa num restaurante.

— Retornar, porém. Vamos fingir uma vez que a vida é uma substância sólida, em forma de esfera, que podemos revirar entre os dedos. Vamos fingir que podemos inventar uma história clara e lógica, de modo que, quando um assunto for resolvido — amor, por exemplo — continuemos ordenadamente até o outro. Eu dizia que havia um salgueiro. Sua chuva de ramos pendentes, sua casca áspera e tortuosa tinham a aparência do que permanece fora de nossas ilusões, mas não pode resistir a elas, é por elas transformado num instante, e ainda assim transparece estável, quieto, numa rigidez que nossas vidas não têm. Daí o comentário que essa árvore faz sobre nossas vidas; o modelo que apresenta e a razão pela qual, enquanto fluímos e mudamos, parece medi-las. Neville, por exemplo, sentado comigo na turfa. Mas é possível algo ser tão claro quanto isso aí, disse eu, seguindo seu olhar pelas ramadas até um barco no rio e um rapaz comendo bananas tiradas de um saco de papel. A cena destacava-se com tal intensidade, e tão permeada pela característica do olhar dele, que, por um momento, também pude ver: o barco, as bananas, o rapaz, através dos ramos de salgueiro. Depois, desvaneceu-se.

— Rhoda veio andando vagamente. Usaria, para ocultar-se atrás, qualquer estudante de roupas largas, qualquer jumento revolvendo a turfa com as patas, a escorregar. Que medo palpitava e se escondia, erguendo-se em labareda no fundo de seus olhos cinzentos, aqueles seus olhos perplexos, sonhadores? Por mais cruéis e vingativos, não somos maus a tal

ponto. Temos certamente nossa bondade fundamental, ou me seria impossível falar livremente com alguém que mal conheço — deveríamos parar. O salgueiro, quando ela o avistou, crescia na fímbria de um deserto cinza, onde nenhum pássaro cantava. As folhas encolheram-se quando ela as fitou. Debateram-se em agonia quando ela passou por perto. Os bondes e os ônibus bramiam roucos na rua, disparando sobre rochedos, seguindo velozes e espumejantes. Talvez um pilar, incendiado pelo sol, se erguesse no deserto dela, junto a um tanque de água onde animais selvagens vêm furtivamente beber.

— Depois, chegou Jinny. Lançou seu fogo sobre a árvore. Era como uma papoula crespa, febril, sedenta, com desejo de beber poeira seca. Vinha preparada, dardejando, angulosa, nem um pouco impulsiva. Assim ziguezagueiam pequenas chamas sobre as fendas da terra seca. Ela fazia com que os salgueiros dançassem, mas não pela ilusão, pois não via nada que não estivesse ali. Era uma árvore; havia o rio; era de tarde; estávamos ali; eu com meu terno de sarja; ela, de verde. Não havia passado, nem futuro; apenas o momento em seu anel de luz, e nossos corpos; e o inevitável clímax, o êxtase. — Louis, acomodando-se na relva, espraiando cautelosamente (não exagero) um quadrado de tecido impermeável, fazia notar sua presença. Era formidável. Eu tinha a inteligência de saudar sua integridade; seus dedos ossudos envolvidos em trapos por causa das frieiras, procurando algum diamante de indissolúvel veracidade. Em buracos na turfa a seus pés, eu enterrava caixas de fósforos queimados. Sua língua severa e cáustica reprovava minha indolência. Ele me fascinava com sua sórdida imaginação. Seus heróis usavam chapéu-coco e falavam em vender pianos por dez libras. O bonde guinchava agudamente na paisagem dele; a fábrica soprava seus vapores acres. Ele habitava ruas e cidades ordinárias onde mulheres jaziam bêbadas, nuas, sobre colchas, no dia de Natal. Suas palavras caindo de uma torre batiam na água, que saltava. Encontrava uma palavra, uma só, para a lua. Depois erguia-se e partia; todos nos erguíamos; todos partíamos. Mas eu, parando, olhei a árvore, e, como via no outono as ramagens amarelas e rubras, um sedimento se formou; eu me formei; uma gota tombou; eu tombei — isto é, eu emergira de alguma experiência plena. Emergira.

— Ergui-me e andei — Eu, eu, eu; não Byron, Shelley, Dostoievski, mas eu, Bernard. Até repeti meu próprio nome uma vez ou duas. Balançando minha bengala, entrei numa loja, e — não que eu ame música — comprei

um retrato de Beethoven dentro de uma moldura de prata. Não que eu ame música, mas porque o todo da vida, seus mestres, suas aventuras, apareceram em longas filas de magníficos seres humanos atrás de mim; eu era o herdeiro; o continuador; eu, a pessoa miraculosamente indicada para levar aquilo adiante. Assim, balançando minha bengala, com olhos enevoados, não de orgulho, mas de humildade, desci a rua. A primeira agitação de asas erguera-se, o gorjeio, o clamor; e agora entramos; entramos na casa, a casa seca, descomprometida, habitada; o lugar com todas as suas tradições, e objetos, seus acúmulos de lixo, e tesouros dispostos sobre mesas. Visitei o alfaiate da família que se recordava de meu tio. Pessoas apareciam em grande quantidade, não nítidas como os primeiros rostos (Neville, Louis, Jinny, Susan, Rhoda), mas confusas, sem feições, ou mudando suas feições tão depressa que pareciam não ter nenhuma. E, corando mas cheio de desprezo, na mais estranha condição de puro êxtase e ceticismo, recebi o golpe; essa mistura de sensações perturbadoras, completamente imprevistas, que despencam sobre mim de toda parte, o tempo todo. Que aborrecido! Que humilhante nunca ter certeza do que dizer em seguida, e aqueles penosos silêncios, claros como desertos ressequidos, com cada pedregulho aparecendo; e depois dizer o que não se devia ter dito, e depois ter consciência de um impulso de incorruptível sinceridade, que se desejaria trocar por uma chuva de polidas moedinhas, mas não era possível ali na festa, enquanto Jinny sentava-se, calma e à vontade, abrindo seus raios numa cadeira dourada.

— Depois uma dama diz com um gesto comovente: “Venha comigo.” Leva-nos a uma alcova particular e nos introduz nas honras de sua intimidade. Sobrenomes mudam para primeiros nomes; primeiros nomes, para apelidos. O que se deve fazer em relação à Índia, Irlanda, Marrocos? Cavalheiros idosos respondem à pergunta decorativamente postados sob candelabros. Estamos surpreendentemente bem providos de informações. Lá fora, bramem as forças indiferenciadas; aqui dentro, somos muito privados, muito explícitos, temos consciência de que é aqui, nesta pequena sala, que fazemos qualquer dia da semana que desejarmos. Sexta-feira ou sábado. Uma concha forma-se por sobre a alma, suave, nacarada, lustrosa, e nela as sensações golpeiam seus bicos em vão. Em mim formou-se mais cedo do que na maioria. Logo eu estaria cortando minha pera, quando os outros tivessem terminado sua sobremesa. E conseguia concluir minha frase num silêncio absoluto. É também nessa estação que a perfeição nos

atrai como um chamariz. Pensamos poder aprender espanhol amarrando uma cordinha ao pé e acordando mais cedo. Enchemos os pequenos compartimentos de nossa agenda com jantares às oito; almoços à uma e trinta. Temos camisas, meias, gravatas expostas sobre a cama.

— Mas é um erro, essa precisão extremada, esse avanço ordenado e militar; uma conveniência, uma mentira. Por debaixo, bem no fundo, mesmo quando chegamos pontualmente na hora marcada, com nossos coletes alvos e cortesias formalizadas, há sempre uma torrente rápida de sonhos desmoronados, cantigas de criança, gritos na rua, frases inconclusas e suspiros — olmos, salgueiros, jardineiros varrendo, mulheres escrevendo —, que se alteia e baixa mesmo quando levamos uma dama para jantar. Enquanto colocamos o garfo tão precisamente sobre a toalha, mil rostos fazem caretas. Não há nada que se possa pescar com a colher; nada que se possa chamar de acontecimento. Mas essa torrente também é viva e profunda. Submerso nela, eu pararia entre um bocado e outro, olhando intensamente um vaso, talvez com uma flor rubra, enquanto um raciocínio me atingia, uma súbita revelação. Ou eu diria, andando pelo Strand: "Esta é a frase que desejo", quando algum belo, fabuloso pássaro-fantasma, peixe ou nuvem com fímbrias de fogo, se erguesse para envolver definitivamente alguma ideia que me perseguia, atrás da qual eu trotava examinando com renovado encanto gravatas e coisas expostas nas vitrinas.

— O cristal, a esfera da vida como se diz, longe de ser rígida e fria ao toque, tem paredes do mais fino ar. Se eu as pressionar, tudo estourará. Qualquer frase que eu extraia inteira e intacta desse caldeirão será apenas um fio de seis peixinhos que se deixam apanhar enquanto milhões de outros saltam e chiam fazendo o caldeirão borbulhar como prata em ebulição, e escorregam entre meus dedos. Rostos retornam, rostos e rostos — comprimem sua beleza contra as paredes da minha bolha — Neville, Susan, Louis, Jinny, Rhoda e mil outros. Como é impossível ordená-los corretamente, destacar um separadamente, ou dar o efeito do todo — mais uma vez, como na música. Que sinfonia surge, com suas consonâncias e dissonâncias, com as melodias no alto e o complicado acompanhamento por baixo! Cada um toca sua própria melodia, violino, flauta, trompete, tambor ou qualquer instrumento. Com Neville, "vamos discutir Hamlet". Com Louis, ciências. Com Jinny, amor. Depois, subitamente, num momento de exasperação, parte-se para Cumberland com um homem

quieto, por uma semana inteira numa estalagem, a chuva descendo pelas vidraças e nada para jantar a não ser carne de carneiro e carneiro e novamente carneiro. Mas aquela semana permanece uma pedra sólida no caos das sensações não registradas. Foi quando jogamos dominó; depois discutimos por causa da carne de carneiro que estava dura. Depois passeamos na charneca. E uma menininha, espiando na porta, entregou-me aquela carta escrita em papel azul, pela qual fiquei sabendo que a moça que me fizera ser Byron ia casar-se com um nobre fazendeiro. Um homem de perneiras, um homem que usa chibata, um homem que faz discursos sobre bois gordos ao jantar — exclamei irônico, e olhei as nuvens em disparada, e senti meu próprio fracasso; meu desejo de ser livre; de escapar; de me amarrar; de pôr um fim em tudo; de continuar; de ser Louis; de ser eu mesmo; e, com meu impermeável, saí sozinho, e me senti entediado ao pé das colinas eternas, e nem um pouco sublime; e voltei para casa e reclamei da carne e fiz as malas e voltei ao tumulto; à tortura.

— Mesmo assim a vida é agradável, a vida é tolerável. Terça-feira vem depois de segunda; depois, vem quarta. A mente cresce em anéis; a identidade se robustece; a dor é absorvida no crescimento. Abrindo e fechando, fechando e abrindo, com crescente rumor e intensidade, a pressa e a febre da juventude trabalham até que todo o ser pareça expandir e encolher-se como a mola principal de um relógio. Como flui depressa a torrente de janeiro a dezembro! Somos impelidos à frente pelo fluxo das coisas que se tornam familiares a ponto de já nem lançarem sombra. Flutuamos, flutuamos...

— Contudo, uma vez que preciso saltar (para lhes contar esta história), salto aqui, neste ponto, e pouso sobre algum objeto absolutamente trivial — talvez o atiçador de fogo e as pinças, como os vi algum tempo depois de se casar a dama que me fizera ser Byron, à luz de quem chamarei de terceira srta. Jones. É a jovem que usa certo vestido rosa esperando por mim ao jantar, que apanha certa rosa, que me faz sentir — "Devagar, devagar, esse assunto tem certa importância!", na hora em que me barbeio. — E pergunto: "Como será que ela se porta com crianças?" E observo que é um pouco desajeitada ao lidar com sua sobrinha; mas comoveu-se quando uma toupeira ficou presa na armadilha; por fim, não faria o pão no café da manhã (enquanto me barbeava, eu pensava nos intermináveis cafés da manhã da vida de casado) parecer tão prosaico — quem sentasse diante dessa moça não se surpreenderia vendo, no café da manhã, uma libélula

pousada no pão. Ela também me inspirava desejo de me destacar no mundo; também me fazia olhar com curiosidade os rostos até então repulsivos dos bebês recém-nascidos. E o diminuto e feroz latejar — tique-taque, tique-taque — do pulso de minha mente assumia um ritmo mais majestoso. Eu perambulava por Oxford Street. Somos continuadores, somos herdeiros, dizia eu, pensando em meus filhos e filhas; e embora a sensação seja tão grandiosa que chega a ser absurda, e a sintamos ao subir num ônibus ou ao comprar o jornal da tarde, ainda assim é um elemento especial no fervor com que amarramos nossas botinas, com que agora falamos a velhos amigos metidos em diferentes carreiras. Louis, o habitante do sótão; Rhoda, a ninfa da fonte, sempre úmida; ambos contradiziam o que era tão positivo para mim naquele tempo; ambos me ofereciam o outro lado do que me parecia tão óbvio (que nos casamos, que nos domesticamos); razão pela qual eu os amava, compadecia-me deles, e também os invejava profundamente, por sua sorte diversa.

— Um dia tive um biógrafo, que morreu há muito, mas, se ainda seguisse meus passos com sua antiga intensidade tão lisonjeira, haveria de dizer agora: "Nessa época Bernard casou e comprou uma casa... Seus amigos observaram nele uma crescente tendência para a vida doméstica... O nascimento de filhos tornava altamente desejável que ele aumentasse seus ganhos." Esse é o estilo biográfico que tenta alinhavar os dilacerados pedaços de uma substância, uma substância com beiradas ásperas. Afinal não pode julgar ruim o estilo biográfico quem começa cartas com "Caro senhor" e termina-as com "respeitosamente seu"; não é possível desprezar tais frases dispostas como estradas romanas a varar o tumulto de nossas vidas, pois nos compelem a andar a passo como gente civilizada, com andadura lenta e medida de policiais, embora talvez estejamos cantarolando qualquer tolice ao respirar.

— "Escute, escute, os cães latem", "Venha, venha, ó morte", "Agora o enlace de duas mentes", e assim por diante. "Ele conseguiu algum sucesso na carreira... Herdou uma pequena quantia de um tio" — é assim que o biógrafo prossegue, e, se usamos calças e as prendemos com suspensórios, é preciso mencionar isso, embora seja tentador vez por outra colher amoras; esbanjar frases. Mas é preciso mencionar isso.

— Quero dizer, tornei-me um tipo determinado de homem, traçando meu caminho na vida como se risca uma trilha pelos campos. Minhas botinas gastavam-se um pouco mais do lado esquerdo. Quando eu entrava,

eram feitos alguns rearranjos. “Aí está Bernard!” Como as pessoas dizem isso de maneiras diferentes! Há muitos aposentos — muitos Bernards. Havia o encantador, mas fraco; o forte, mas desdenhoso; o brilhante, mas implacável; o camarada muito bom, mas, sem dúvida, terrivelmente maçante; o compreensivo, mas frio; o maltrapilho, mas — vá até o outro quarto — janota, mundano, demasiadamente bem-trajado. Para mim mesmo, eu era algo diferente; não era nada disso. Tenho tendência a me plantar mais firmemente ali diante do pão no café da manhã com minha esposa, que, sendo agora inteiramente minha esposa, e não mais a jovem que usava certa rosa quando esperava encontrar-me, me dá a sensação de existir no centro de uma inconsciência, como aquela rã deve ter-se instalado no lado direito de uma folha verde. “Passe...”, dizia eu, e ela talvez respondesse: “Leite” ou “Mary virá hoje”... — palavras simples para os que herdaram os espólios de todos os tempos, mas não da maneira como ditas ali, dia após dia, na maré plena da vida, quando nos sentimos completos, inteiros, no café da manhã. Músculos, nervos, intestinos, veias, tudo isso que forma a mola e a espiral de nosso ser, o zumbido inconsciente da engrenagem, bem como o dardejar e vibrar da língua, funcionava de maneira soberba. Abrir, fechar; fechar, abrir; comer, beber; por vezes falar — todo o mecanismo parecia expandir-se, contrair-se, como a mola de um relógio. Torrada e manteiga, café e *bacon*, o *Times* e cartas — de repente o telefone tocava com premência e eu me erguia deliberadamente e ia até o telefone. Pegava a boca preta. Notava a facilidade com que minha mente se ajustava para assimilar a mensagem — podia ser (a gente tem dessas fantasias) para assumir o comando do Império Britânico; eu observava minha compostura; percebia com que magnífica vitalidade os átomos da minha atenção se dispersavam, circundavam a interrupção, assimilavam a mensagem, adaptavam-se à nova situação, e quando eu colocava de volta o fone, criavam um mundo mais rico, mais forte, mais complicado, no qual eu era convocado a desempenhar meu papel e não tinha nenhuma dúvida de que poderia executá-lo. Enfiando o chapéu na cabeça, eu saía para um mundo habitado por um número imenso de homens que também tinham enfiado os chapéus nas cabeças e, enquanto nos empurrávamos, e sacolejávamos em trens e metrôs, trocávamos a piscadela familiar de competidores e camaradas obrigados com mil artimanhas e ciladas a atingir o mesmo objetivo — ganhar a vida.

— A vida é agradável. A vida é boa. O mero processo da vida é satisfatório. Pense no homem comum de boa saúde. Ele gosta de comer e dormir. Gosta de farejar o ar fresco e andar com passo rápido pelo Strand. Ou no campo há um galo empoleirado num portão; há um potro galopando por um prado. Sempre há alguma coisa a ser feita a seguir. Terça-feira segue a segunda; quarta, a terça. Cada dia espalha a mesma ondulação de bem-estar, repete a mesma curva de ritmo; cobre areia fresca com um calafrio ou retira-se sem isso, um pouco preguiçosamente. Assim o ser vai crescendo em anéis; a identidade se robustece. O que era flamejante e furtivo como o voo das sementes jogadas no ar e sopradas para cá e para lá pelos selvagens bafejos da vida, agora é metódico e ordenado, e lançado com um objetivo — assim parece.

— Deus do céu, que agradável! Deus do céu, que bom! Que tolerável é a vida de pequenos comerciantes, dizia eu, quando o trem saía pelos subúrbios e viam-se luzes em janelas de quartos de dormir. Ativos, enérgicos como um enxame de formigas, dizia eu, parado na janela a observar os operários de sacola na mão passarem em torrente em direção à cidade. Que dureza, que energia e violência nos membros, pensava eu, ao ver homens de ceroulas brancas a correr, em janeiro, atrás de uma bola de futebol num quadrado de neve. Mal-humorado por alguma razão insignificante — podia ser a carne —, parecia-me verdadeira volúpia perturbar com uma pequena agitação a enorme estabilidade de nossa vida matrimonial, cujo frêmito aumentava em alegria, pois nosso filho estava por nascer. Vociferei na hora do jantar. Falei de maneira insensata, como se, milionário, pudesse jogar fora cinco xelins; ou, sendo um perfeito limpador de chaminés, tropeçasse de propósito sobre um escabelo. Subindo para o quarto de dormir, resolvemos na escada nossa briga, e, parado na janela, olhando o céu claro como o interior de uma pedra azul, eu disse: “Graças a Deus não precisamos transpor essa prosa para poesia. Basta a linguagem cotidiana.” Pois o espaço da cena e sua claridade pareciam não oferecer dificuldade alguma, mas permitir que nossas vidas se espraiassem mais e mais além daqueles eriçados telhados e chaminés, até as beiradas sem nenhuma jaça.

— E dentro disso irrompeu a morte — a de Percival. “O que é felicidade?” perguntei (nosso filho nascera), “o que é dor?”, referindo-me aos dois lados de meu corpo enquanto descia as escadas, e fazendo uma

constatação puramente física. Também percebi o estado da casa; a cortina inflada; a cozinheira cantando; o armário visto através da porta entreaberta. Enquanto descia as escadas, eu disse: "Dê-lhe (a mim mesmo) a prorrogação de um momento a mais." "Agora, nessa sala de estar, ele vai sofrer. Não há como escapar." Mas faltam palavras para a dor. Deveria haver gritos, rachaduras, fissuras, brancura passando sobre coberturas de *chintz*, interferência na noção de tempo e espaço; também a sensação de extrema fixidez dos objetos que passam; sons muito remotos, depois muito próximos; carne rasgada e sangue saltando, uma junta subitamente destroncada — aparecendo debaixo disso tudo algo muito importante, mas remoto, para ser mantido em solidão. Então saí. Vi a primeira manhã que ele jamais veria — os pardais pareciam brinquedos que uma criança puxasse por um barbante. Ver coisas sem ligar-se a elas, de fora, e depois perceber sua beleza — que estranho! E depois a sensação de que um peso foi removido; pretensão e fingimento e irrealidade foram-se, e baixou uma leveza, uma espécie de transparência, deixando-nos invisíveis e enquanto andamos podendo ver através das coisas — que estranho. "E agora", disse eu, "que descoberta haverá?", e, para manter tudo inteiro, ignorei as manchetes de jornal e fui olhar os quadros. Madonas e pilares, arcos e laranjeiras, como no dia da criação, mas familiarizados com a dor, ali pendiam, e eu os fitava. "Aqui estamos juntos sem que nada nos perturbe", disse eu. E essa liberdade, essa imunidade pareceram-me uma conquista, e deixaram-me numa tal exaltação que por vezes ainda vou até lá, mesmo agora, trazer de volta a exaltação e Percival. Mas aquilo não durou. Que tormentos nos causa a horrenda atividade do olho da mente — como será que ele caiu, como se parecia, aonde o levaram; homens de tanga puxando cordas; as ataduras e a lama. Depois o terrível golpe na memória, por não ter previsto, por não ter sido prevenido — por eu não ter ido com ele a Hampton Court. Esta pata estendia-se; esta garra me rasgava; não fui com ele. Apesar de seu impaciente protesto de que não fazia mal; por que interromper, por que estragar nosso momento de comunhão ininterrupta?

— Ainda assim, repeti obstinado, não fui, e, expulso do santuário por esses demônios intrometidos, procurei Jinny porque ela tinha um quarto; um quarto com mesinhas, pequenos enfeites espalhados em mesinhas. Lá, confessei com lágrimas — eu não fora a Hampton Court. E ela, recordando outras coisas, para mim ninharias, para ela tormentos, mostrou-me como a

vida definha quando há coisas que não podemos partilhar. Logo entrou uma criada com um bilhete e, quando ela se virou para responder, senti curiosidade de saber o que escrevia, e para quem, e vi a primeira folha tombar sobre a sepultura dele. Vi-nos passando para além daquele momento, deixando-o para trás, definitivamente. Depois, sentados lado a lado no sofá, recordamos inevitavelmente o que outros haviam dito: "o lírio do dia é muito mais belo em maio"; comparamos Percival a um lírio — Percival, que desejei perdesse o cabelo e abalasse autoridades e envelhecesse comigo; ele já estava coberto de lírios.

— Assim passou a sinceridade do momento; tornou-se simbólica; e não pude suportar isso. Cometamos qualquer blasfêmia, de riso ou crítica, em vez de exsudarmos essa seiva de lírio, pegajosa e doce; e cobri-lo de frases, exclamei. Então parti, e Jinny, sem futuro nem especulação, mas respeitando o momento, com perfeita integridade chicoteou seu corpo, empoou o rosto (amei-a por isso) e acenou-me parada na porta, com a mão nos cabelos para que o vento não os despenteasse, gesto pelo qual a respeitei, como se confirmasse nossa resolução — não deixaríamos os lírios crescerem.

— Observei com desencantada lucidez a desprezível falta de identidade da rua; seus pórticos; suas cortinas de janela; as roupas grosseiras; a cupidez e complacência de mulheres fazendo compras; e anciãos tomando ar envoltos em cachecóis; a prudência das pessoas atravessando ruas; a universal determinação de continuar vivendo, quando, na verdade, tolos e imbecis, disse eu, qualquer telha pode cair de um telhado, qualquer carro pode dar uma guinada, pois não há rima nem razão quando um bêbado cambaleia com um porrete na mão — isso é tudo. Eu era como alguém admitido nos bastidores: como alguém a quem se mostra como se produzem os efeitos. Contudo, voltei a meu próprio aconchegante lar, e a arrumadeira avisou-me que subisse as escadas de meias. A criança dormia. Fui ao meu quarto.

— Não havia espada, coisa alguma com que demolir essas paredes, essa proteção, esse gerar filhos e viver atrás de cortinas, esse tornar-se cada dia mais envolvido e comprometido com livros e quadros? É melhor consumir nossa vida como Louis, desejando perfeição; ou como Rhoda, que nos

abandona e passa por nós, voando, em direção ao deserto; ou escolher entre milhões um só, um só como Neville; melhor ser Susan e amar e odiar o calor do sol ou a relva calcinada pela geada; ou ser, como Jinny, honesta e animal. Todos tiveram seu êxtase; seu sentimento comum em relação à morte; algo que lhes servisse de apoio. Então visitei cada um de meus amigos, tentando com dedos inquietos abrir seus cofrezinhos fechados. Fui de um a outro expondo minha dor — não, não minha dor, mas a incompreensível natureza desta nossa vida — para que a inspecionassem. Algumas pessoas procuram sacerdotes; outras, poesia; eu vou ter com meus amigos, vou procurar meu próprio coração, procuro entre frases e fragmentos algo intacto — eu, para quem não há suficiente beleza na lua ou árvore; a quem o toque de uma pessoa com outra é tudo, mas que nem isso consegue agarrar, que sou tão imperfeito, tão fraco, tão indizivelmente solitário. Lá estava eu sentado.

— Isso deveria ser um final da história? Uma espécie de suspiro? Um último estremecimento da onda? Um gotejar de água em alguma pia, onde, borbulhando, vai morrer? Deixe-me tocar a mesa — assim — e dessa maneira recobrar a sensação do momento. Um aparador coberto de galheteiros; um cesto cheio de pãezinhos; um prato de bananas — estas são visões reconfortantes. Mas se não há histórias, que final poderá haver, ou que começo? A vida talvez não seja suscetível de ser tratada como o fazemos ao tentar relatá-la. Sentados tarde da noite, parece estranho não termos mais controle. Pequenos compartimentos já não são muito úteis. É estranho como a maré da força se retira para algum córrego seco. Sentados sozinhos, parece que fomos gastos; nossas águas mal conseguem rodear debilmente aquela espiga de azevim do mar; não podemos alcançar aquele calhau distante para umedecê-lo. Acabou, estamos no fim. Mas espere — fiquei a noite toda sentado à espera — mais uma vez um impulso me perpassa; ergo-me, lanço para trás uma franja de alvos respingos; desabo na praia; não posso ser confinado. Quer dizer, fiz a barba e lavei-me; não acordei minha esposa, e tomei café; coloquei meu chapéu, e saí para ganhar a vida. Depois da segunda-feira, vem a terça.

— Mas alguma dúvida permanecia, uma nota de interrogação. Fiquei surpreso, abrindo uma porta, ao encontrar gente ocupada; hesitei, tomando uma xícara de chá, sem saber se dizia leite ou açúcar. E a luz das estrelas

tombando, como tomba agora sobre minha mão, depois de viajar milhões e milhões de anos — por um momento recebi um choque gelado por isso — não mais, minha imaginação é frágil demais. Mas alguma dúvida permanecia. Uma sombra esgueirou-se rápida pela minha mente, como asas de mariposas entre cadeiras e mesas numa sala noturna. Quando, por exemplo, fui naquele verão a Lincolnshire ver Susan, e ela avançou em minha direção através do jardim, com o movimento preguiçoso de uma vela meio inflada, com o movimento balouçante de uma mulher grávida, pensei: "Está continuando; mas por quê?" Sentamo-nos no jardim; carroças da fazenda chegaram transbordantes de feno; era a costumeira confusão campestre de gralhas e pombos; frutos avaliados e recobertos; o jardineiro cavava. Abelhas zumbiam pelos túneis roxos das flores; abelhas aninhavam-se em dourados broquéis de girassóis. Galhinhos eram soprados sobre a relva. Tudo era rítmico e semi-inconsciente, como algo envolto em névoas; para mim, porém, era odioso como a rede prendendo nossos membros em suas malhas, constritora. Ela, que recusara Percival, prestava-se a isso, a esse encobrimento.

— Sentando-me num banco para esperar meu trem, pensei então em como nos rendemos, em como nos submetemos à estupidez da natureza. Diante de mim, florestas cobertas de grossa folhagem verde. E por um toque rápido de aroma ou som num nervo, a velha imagem — os jardineiros varrendo, a dama escrevendo — retornou. Vi as figuras debaixo das faias em Elvedon. Os jardineiros varriam; a dama sentada à mesa escrevia. Mas agora dei a contribuição de maturidade às intuições da infância — saciedade e ruína; a sensação do que há de inevitável em nosso destino; morte; a consciência das limitações; como a vida é mais empedernida do que tínhamos pensado. Pois, quando eu era criança, a presença de um inimigo havia-se declarado; a necessidade de oposição me instigara. Eu me erguera de um salto gritando: "Vamos explorar." O horror da situação terminara.

— Mas que situação havia agora para terminar? Embotamento e ruína. E o que a explorar? As folhas e a floresta não ocultam nada. Se um pássaro se erguesse eu já não faria um poema — haveria de repetir o que dissera antes. Assim, se eu tivesse uma bengala com a qual apontar as beiras denteadas na curva do ser, esta é a mais baixa; aqui se enrosca inútil na

lama, onde não chega nenhuma maré — aqui, onde me sentei de costas para uma sebe, chapéu sobre os olhos, enquanto os carneiros avançavam implacavelmente naquele seu modo hirto, passo a passo sobre pernas pontudas e duras. Mas quando se coloca por tempo suficiente uma lâmina cega contra uma pedra de amolar, algo salta — uma quina afiada de fogo; assim, segurem-se as coisas habituais contra a ausência de raciocínio, sem objetivo, tudo misturado, e saltarão numa só chama o ódio, o desprezo. Peguei minha mente, meu ser, objeto velho e rejeitado, quase inanimado, e bati com ele nessas quinquilharias, gravetinhos e palhas, pequenos e detestáveis pedaços de destroços, coisas vis, boiando na superfície oleosa. Levantei-me de um salto. Disse: "Lutar! Lutar!" repeti. É o esforço e a luta, é a guerra perpétua, é o despedaçar e juntar pedaços — esta é a batalha diária, derrota ou vitória, a absorvente perseguição. As árvores, dispersas, ordenavam as coisas; o denso verde das folhas atenuava-se sob uma luz dançarina. Eu os recobri com uma frase súbita. Com palavras, salvei-os da condição amarga.

— O trem chegou. Alongando-se na plataforma, o trem parou. Apanhei meu trem. E assim, estou de volta a Londres, à noite. Como é reconfortante a atmosfera de bom senso e tabaco; anciãs subindo para a terceira classe com suas cestas; o ruído de quem suga cachimbos; o boa-noite e até amanhã de amigos que se separam em estação à beira do caminho, e depois as luzes de Londres — não o rútilo êxtase da juventude, não aquela bandeira roxa e esfarrapada, mas, ainda assim, as luzes de Londres; duras luzes elétricas, lá em cima nos escritórios; lampiões de rua guarnecendo calçadas secas; cintilações sobre mercados. Gosto disso tudo, quando por um momento consigo rechaçar meu inimigo.

— Também gosto de ver o cortejo da vida passando, num teatro, por exemplo. Cor de barro, terrestre e informe, o animal do campo aqui se ergue, e com infinita ingenuidade e esforço inicia uma batalha contra os verdes bosques e verdes campos e carneiros que, mascando, avançam a passo medido. E naturalmente janelas iluminavam-se nas longas ruas cinzentas; tiras de tapete cortavam o calçamento; ali havia aposentos varridos e enfeitados, fogo, comida, vinho, conversa. Homens com mãos mirradas e mulheres com pagodes de pérola pendentes das orelhas entravam e saíam. Vi os rostos de anciãos vincados de rugas, nos quais a

ação do mundo esculpira sulcos e escárnio; beleza tão apreciada que parecia recente, mesmo na velhice; e juventude tão apta para o prazer que o prazer, pensava-se, tem de existir; era como se houvesse relvados levando até o prazer; e o mar há de estar encapelado em pequenas ondas; e os bosques farfalhantes de pássaros coloridos, para a juventude, para a juventude expectante. Lá se encontrariam Jinny e Hal, Tom e Betty; lá fizemos nossas brincadeiras e repartimos nossos segredos; e nunca nos separamos no umbral sem termos combinado novo encontro, em algum outro aposento, conforme sugerissem a ocasião e a época do ano. A vida é agradável; a vida é boa. Depois da segunda-feira, vem a terça e segue-se a quarta.

— Sim, mas depois de algum tempo ocorre algo diferente. Pode ser que certa noite algo na aparência da sala, no arranjo das cadeiras, sugira isso. Parece confortável desabar num sofá de canto para olhar, escutar. Depois, dois vultos de costas para a janela aparecem diante dos ramos de uma árvore que se espraia. Com um toque de emoção, sentimos: "Ali há vultos sem feições, trajados de beleza." Na pausa que segue enquanto as vibrações se espalham, a jovem com quem deveríamos estar conversando diz a si mesma: "Ele é um velho." Mas está enganada. Não é a idade; é que a gota tombou; outra gota. O tempo deu outra sacudidela na disposição das coisas. E saímos de rastros do arco de folhas pendentes, para um mundo mais amplo. A verdadeira ordem das coisas — esta é a nossa perpétua ilusão — aparece agora. Assim, por um momento, numa sala de estar, nossa vida se ajusta à majestosa marcha do dia através do céu.

— Foi por essa razão que, em vez de empurrar para diante meus sapatos de couro e encontrar uma gravata razoável, procurei Neville. Procurei meu mais antigo amigo, que me conhecera quando fui Byron; quando fui o mancebo de Meredith, e também aquele herói de Dostoievski, cujo nome esqueci. Encontrei-o sozinho, lendo. Mesa absolutamente bem arrumada; cortina metodicamente arranjada; uma espátula de abrir cartas dividindo um livro em francês — ninguém, pensei, ninguém jamais muda a postura na qual o vimos pela primeira vez, nem as roupas. Ele está sentado nessa cadeira vestindo as mesmas roupas, desde que nos encontramos pela primeira vez. Aqui havia liberdade; aqui, intimidade; a luz da lareira dividia a maçã redonda da cortina. Aqui conversávamos; sentávamo-nos

conversando; passeávamos ociosos por aquela avenida, a avenida que corre sob árvores, sob árvores rumorejantes de folhas grossas, árvores pesadas de frutos que tantas vezes esmagamos juntos com nossos pés, de modo que agora a turfa está nua em torno de algumas daquelas árvores, em torno de certos poemas e peças, nossos textos favoritos — a turfa pisoteada até ficar nua, com nosso andar incessante e desordenado. Se tenho de esperar, leio; se acordo na noite, apalpo a prateleira em busca de algum livro. Inchada, aumentando perpetuamente, existe em minha cabeça uma vasta acumulação de assuntos não registrados. Vez por outra abro um volume, pode ser Shakespeare, talvez uma anciã chamada Peck; e digo a mim mesmo, fumando um cigarro na cama: "Isto é Shakespeare. Aquilo é a Peck" — com uma segurança de reconhecimento e um choque de consciência interminavelmente deliciosos, embora não possam ser divulgados. Assim partilhávamos nossas Pecks e nossos Shakespeares; comparávamos nossas versões; permitíamos um ao outro essa visão a fim de colocarmos sob uma luz mais adequada nossa própria Peck ou nosso Shakespeare; e depois caíamos num daqueles silêncios que vez por outra se interrompem por raras palavras, como uma barbatana a erguer-se em desertos de silêncio; e depois a barbatana, o pensamento, recaía nas profundezas, espalhando em torno uma pequena ondulação de satisfação, de contentamento.

— Sim, mas de repente ouvimos o tiquetaquear de um relógio. Nós, que haviam os estado imersos nesse mundo, tomávamos consciência um do outro. É doloroso. Foi Neville quem mudou nosso tempo. Ele, que estivera pensando com o ilimitado tempo da mente, que num lampejo se estende de Shakespeare até nós, remexeu o fogo e começou a viver com aquele outro relógio, que marca a aproximação de uma pessoa especial. O voo amplo e nobre de seu pensamento encolheu. Ele ficou alerta. Pude vê-lo escutando sons da rua. Percebi como tocava uma almofada. De miríades na raça humana, em todo o passado, ele escolhera uma pessoa, um momento em particular. Ouviu-se um som no vestíbulo. O que ele estava dizendo tremulou no ar como uma chama indecisa. Eu o observei desembaraçar um passo de outros passos; esperar algum sinal particular de identificação, e olhar com a rapidez de uma cobra a maçaneta da porta. (Daí a espantosa acuidade de suas percepções; ele sempre foi treinado por uma só pessoa.) Tão concentrada, uma paixão expulsava outras como matéria estranha de

um fluido quieto e cintilante. Tornei-me consciente de minha própria natureza vaga e nebulosa, cheia de sedimentos, cheia de dúvidas, cheia de frases e anotações que fizera em cadernetas. As dobras da cortina tornaram-se hirtas, esculturais; o peso de papel na mesa enrijeceu; os fios da cortina cintilavam; tudo se tornava definido, externo, uma cena da qual eu não participava. Por isso, ergui-me; deixei-o.

— Céus! Como me apanharam, enquanto eu deixava o quarto, as garras daquela antiga dor; o desejo de alguém que não estava lá. De quem? No começo eu não sabia; depois recordei Percival. Há meses não pensava nele. Agora poder rir com ele, rir de Neville, com ele — era isso que eu queria, sairmos juntos de braços dados, rindo. Mas ele não estava lá. O lugar estava vazio.

— É estranho como os mortos saltam sobre nós nas esquinas, ou nos sonhos.

— Essa golfada espasmódica soprando tão áspera e fria sobre mim naquela noite enviou-me através de Londres para visitar outros amigos, Rhoda e Louis, desejoso de companhia, certeza, contato. Enquanto subia as escadas, fiquei pensando em qual seria o relacionamento deles? O que diriam quando estivessem a sós? Imaginei-a inábil com o bule de chá. Ela olhava fixamente sobre os telhados de ardósia — a ninfa da fonte, sempre úmida, obcecada por visões, sonhando. Afastava a cortina para olhar a noite. "Lá longe!", disse ela. "O pântano está escuro sob a lua." Toquei a campainha; esperei. Talvez Louis derramasse leite num pires para o gato; Louis, cujas mãos ossudas fechavam-se como os lados de um dique, cerrando-se na lenta agonia do esforço sobre um imenso tumulto de águas; que sabia o que fora dito pelos egípcios, pelos hindus, por homens com zigomas salientes e solitários em camisas de lã selvagem. Bati; esperei; não houve resposta. Desci novamente as escadas de pedra. Nossos amigos — quão distantes, mudos, raramente visitados e pouco conhecidos. E eu, também, sou opaco para meus amigos, e desconhecido; um fantasma por vezes avistado, frequentemente invisível. Certamente a vida é como um sonho. Nossa chama, o fogo-fátuo que dança em poucos olhos, cedo será apagada e fenecerá. Lembrei meus amigos. Pensei em Susan. Ela comprara campos. Pepinos e tomates amadureciam em suas estufas. O vinhedo

morto pela geada do ano passado fazia brotar uma folha ou duas. Pesadamente ela caminhava com os filhos através de suas pradarias. Andava pelo campo acompanhada de homens de perneiras, apontando com sua bengala um telhado, sebes, paredes em mau estado. Os pombos a seguiam, bamboleando, atrás dos grãos que ela deixava cair de seus dedos terrosos e hábeis. "Mas já não me levanto de madrugada", disse ela. Depois Jinny — certamente entretendo algum novo jovem. Chegariam ao momento crítico da conversa habitual. O aposento seria escurecido, cadeiras, arranjadas. Pois ela ainda procurava o momento. Sem ilusões, dura e clara como cristal, enfrentava o dia com os seios nus. Deixava que suas pontas a ferissem. Quando a madeixa embranqueceu em sua fronte, ela a enroscou sem medo entre as outras. Assim, quando viessem enterrá-la, nada estaria fora de ordem. Encontrar-se-iam pedaços de fitas enroscados. Mas a porta ainda se abre. Quem entra? ela pergunta e levanta-se para ir ao encontro dele, preparada como naquelas primeiras noites de primavera, quando a árvore, sob as grandes casas londrinas em que cidadãos respeitáveis iam sobriamente para a cama, não ocultou inteiramente o seu amor; e o rangido dos bondes misturou-se a seu grito de prazer, e as folhas trêmulas tiveram de sombrear o seu langor, sua deliciosa lassidão, quando desabou apaziguada com toda a doçura de uma natureza satisfeita. Como são raramente visitados nossos amigos, pouco conhecidos — é verdade; e ainda assim, quando encontro um desconhecido, e tento expor, aqui nesta mesa, o que chamo de "minha vida", não é para uma vida que olho, ao recordar; não sou uma pessoa; sou muitas; não sei bem quem sou — Jinny, Susan, Neville, Rhoda ou Louis — nem como distinguir minha vida das suas.

— Assim pensei, naquela noite de inícios do outono, quando nos encontramos e mais uma vez jantamos em Hampton Court. No começo nosso desconforto foi considerável, pois àquela altura cada um estava comprometido com uma certa postura, e o outro, vindo pela estrada até o ponto de encontro, vestido assim ou assim, com ou sem bengala, parecia opor-se a isso. Vi Jinny olhando os dedos terrosos de Susan, e depois esconder os seus; eu, observando Neville, tão asseado e exato, senti a nebulosidade de minha própria vida, diluída por todas aquelas frases. Então ele começou a jactar-se, pois tinha vergonha de seu quarto, de se dedicar a uma só pessoa e de seu próprio sucesso. Louis e Rhoda, os

conspiradores, os espiões à mesa, que tomavam notas, disseram: “Afinal Bernard bem que pode pedir ao garçom que nos traga pãezinhos — conforme essa capacidade de contato que nos é negada.” Por um momento, vimos expostos entre nós o cadáver do ser humano completo que não conseguimos ser, mas ao mesmo tempo não conseguimos esquecer. Vimos tudo o que poderíamos ter sido; tudo o que tínhamos deixado de ser, e, por um momento, invejamos o que o outro reivindicara, como crianças, quando o bolo é cortado, o único bolo, contemplando suas fatias diminuírem.

— Contudo, tomamos nossa garrafa de vinho, e sob aquela sedução perdemos nossa hostilidade, e cessamos de fazer comparações. E, no meio do jantar, sentimos espraiar-se em torno de nós o grande negrume do que nos é exterior, daquilo que não somos. O vento e a rápida passagem de rodas tornaram-se o bramido do tempo, e corríamos — para onde? Quem éramos? Por um momento, fomos extinguidos, apagando-nos como fagulhas de papel queimado, e as trevas bramiam. Pelo tempo passamos, pela história. Para mim isso não dura senão um segundo. E termina com um ato de minha vontade. Bato com a colher na mesa. Se pudesse medir coisas com compassos, eu o faria, mas como minha única medida é a frase, faço frases — nessa ocasião esqueço o quê. Tornamo-nos seis pessoas numa mesa em Hampton Court. Erguemo-nos e descemos a avenida. No tênue lusco-fusco irreal, espasmodicamente, como o eco de vozes rindo em uma alameda, voltaram-me a alegria e a carne. Diante do portão, diante de algum cedro, vi uma alvura brilhante, Neville, Jinny, Rhoda, Louis, Susan, eu próprio, nossa vida, nossa identidade. O rei Guilherme ainda parecia um monarca irreal com sua coroa de mera fantasia. Mas nós — diante dos tijolos, diante das ramagens, nós seis entre muitos milhões de milhões, por um momento fora de qualquer imensurável abundância de tempo passado ou futuro, ardíamos ali, triunfantes. O momento era tudo; o momento bastava. E então Neville, Jinny, Susan e eu, como uma onda se quebra, rebentamos, rendemo-nos — à folha mais próxima, ao pássaro exato, à criança com um aro, ao cão que salta, ao calor retido nos bosques depois de um dia quente, às luzes enroladas como alvas fitas em águas crespas. Separamo-nos; fomos consumidos na escuridão das árvores, deixando Rhoda e Louis parados no terraço junto à urna.

— Quando retornamos daquela imersão — quão doce, quão profunda! — e chegamos à superfície, e vimos os conspiradores ainda ali postados, foi com alguma compunção. Perdêramos o que haviam guardado. Interrompêramos algo. Mas estávamos fatigados, e, maus ou bons, cumpridos ou deixados em suspenso, sobre nossos esforços descia um véu nevoento; as luzes baixavam quando paramos por um instante no terraço que dá para o rio. Os barcos a vapor soltavam na margem seus excursionistas; havia uma alegria distante, som de cantigas, como de pessoas acenando com seus chapéus, partilhando uma última canção. O som do coro vinha através das águas, e senti brotar aquele antigo impulso que me empurrou a vida inteira, o de ser lançado acima e abaixo no bramido das vozes de outras pessoas, cantando a mesma canção; jogado acima e abaixo no bramido de uma quase insensata alegria, sentimentos, triunfos, desejos. Mas não agora. Não! Eu não podia recolher-me; não podia distinguir a mim mesmo; não podia evitar que caíssem na água coisas que um minuto atrás me haviam tornado ansioso, divertido, ciumento, vigilante, multidões de coisas. Não conseguia recuperar-me daquele interminável esbanjamento e dissipação, daquele involuntário jorrar e disparar em silêncio debaixo dos arcos da ponte, em torno de um grupo de árvores, ou ilha, onde aves marinhas pousam em estacas sobre a água encrespada, para nos tornarmos ondas — não conseguia recuperar-me daquela dissipação. Assim nos separamos.

— Então era isso, aquele fluir misturado com Susan, Jinny, Neville, Rhoda, Louis, era uma espécie de morte? Uma nova reunião de elementos? Uma alusão ao que estava por vir? A anotação foi rabiscada, o livro, fechado, pois sou um estudante intermitente. Não dou minhas lições com hora marcada. Mais tarde, andando por Fleet Street, na hora do movimento maior, lembrei aquele momento; dei-lhe continuidade. “Terei de bater para sempre com minha colher na mesa?”, indaguei. “Eu não deveria aquiescer também?” Os ônibus estavam trancados; um chegava por trás do outro e parava com um clique, como um elo adicionado numa corrente de pedra. Pessoas transitavam.

— Multidões, carregando pastas executivas, esgueirando-se com incrível celeridade para dentro e para fora, passavam como um rio numa

enchente. Passavam bramindo como um trem num túnel. Percebendo minha oportunidade, atravessei; mergulhei numa escura passagem e entrei na barbearia onde cortei o cabelo. Recostei a cabeça para trás e embrulharam-me num lençol. Espelhos me encaravam, e neles pude ver meu corpo manietado, e gente passando; parando, olhando, seguindo indiferente. O cabeleireiro começou a mover sua tesoura. Sentia-me impotente para interromper as oscilações do aço frio. Assim somos cortados, e enfileirados, disse eu; assim jazemos lado a lado em campos úmidos, ramos ressequidos ou florescentes. Não mais precisaremos expor-nos ao vento e à neve em sebes nuas; não mais precisaremos manter-nos eretos quando a tempestade sopra, nem sustentar erguidos nossas cargas; nem persistir, imúrmures, naqueles dias pálidos em que o pássaro se agacha no ramo e a umidade branqueia a folha. Somos cortados, tombamos. Tornamo-nos parte deste universo insensível que dorme quando somos mais rápidos, e arde vermelho quando dormimos. Renunciamos à nossa estação e agora jazemos achatados, mirrados, tão depressa esquecidos! Depois, vi uma expressão no canto do olho do cabeleireiro, como se algo na rua o interessasse.

— O que interessava ao cabeleireiro? O que o cabeleireiro via na rua? É assim que sou chamado de volta. (Pois não sou místico; há sempre algo que me puxa — curiosidade, inveja, admiração, interesse em cabeleireiros e coisas assim trazem-me à tona.) Enquanto ele escovava os fios de cabelo de meu casaco, tive dificuldade em assegurar-me de sua identidade, e depois, brandindo minha bengala, fui até o Strand, e evoquei, para servir-me de oponente, a imagem de Rhoda, sempre tão furtiva, sempre com medo nos olhos, sempre em busca de algum pilar no deserto, para descobrir aonde fora; ela se matara. “Espere”, disse eu, colocando em imaginação (assim nos ligamos aos nossos amigos) o braço no dela. “Espere até esses ônibus passarem. Não atravesse a rua tão perigosamente. Estes homens são seus irmãos.” Persuadindo-a, eu também persuadia minha própria alma. Pois isto não é uma vida só; nem sempre sei se sou homem ou mulher, Bernard ou Neville, Louis, Susan, Jinny ou Rhoda — tão estranho o contato de um com o outro.

— Brandindo minha bengala, o cabelo recém-cortado e uma coceira na nuca, passei por todas aquelas bandejas com brinquedos baratos

importados da Alemanha que homens expõem na rua em St. Paul — St. Paul, a galinha no choco com asas estendidas, de cuja proteção correm ônibus e torrentes de homens e mulheres na hora do *rush*. Pensei em como Louis haveria de subir aquelas escadas com seu terno elegante, bengala na mão e passo anguloso, atitude meio desligada. Com seu sotaque australiano ("Meu pai, banqueiro em Brisbane"), pensei que ele viria para essas cerimônias com mais respeito do que eu, que ouço há mil anos as mesmas cantigas de ninar. Sempre que entro, impressionam-me as rosas polidas; os bronzes lustrados; o oscilar e o salmodiar enquanto a voz de um menino lamenta-se em torno da cúpula como um pombo perdido e errante. O repouso e a paz dos mortos me impressionam — guerreiros em descanso debaixo de seus antigos pendões. Depois zombo dos floreios e dos absurdos de alguma tumba cheia de volutas; e as trombetas e as vitórias e os brasões e a certeza tão sonoramente repetida da ressurreição, da vida eterna. Meu olho errante e inquisidor mostra-me então uma criança varada de terror; um aposentado arrastando os pés; ou as homenagens de exaustas balconistas carregando Deus sabe que dilema em seus pobres peitos magros, para buscarem consolo nesta hora do *rush*. Vagueio e olho e admiro-me, e por vezes, furtivamente, tento elevar-me no raio de luz da oração de alguma outra pessoa, até a cúpula, e para fora, mais além, para onde quer que estejam indo. Mas depois, como um pombo perdido e lamentoso, vejo-me falhar, esvoaçar, descer e pousar em alguma gárgula bizarra, um nariz corroído ou absurda pedra tumular, com humor, com espanto, e novamente observo os turistas passando com seus guias, enquanto a voz do menino se alça para a cúpula, e vez por outra o órgão se abandona a um momento de triunfo, elefantino. Como, indaguei, Louis nos acolheria a todos? Como nos haveria de confinar, de nos tornar um só, com sua tinta vermelha e sua pena de ponta muito fina? A voz enfraquecia na cúpula, chorosa.

— Assim retorno à rua, brandindo minha bengala, olhando bandejas de arame em vitrinas, cestos de frutas que cresceram nas colônias, murmurando: Pillicock sentava-se na colina de Pillicock; ou: Escute, escute, os cães latem; ou: Agora recomeça o grande tempo do mundo; ou: Venha, venha, morte — misturando coisas sem sentido com poesia, flutuando na torrente. Há sempre alguma coisa para se fazer a seguir. Terça-feira vem depois da segunda; quarta, após a terça. Cada dia espalha

a mesma ondulação. O ser vai crescendo em anéis, como uma árvore. Como uma árvore, há folhas caindo.

— Pois um dia, quando me debruçava num portão que levava para um campo, o ritmo cessou; os versos e as cançõezinhas, o absurdo e a poesia. O espaço da minha mente ficou claro. Vi através das densas folhas do hábito. Debruçado no portão, arrependi-me de tanta desordem, tanta irrealização e tanta separação, pois não se pode atravessar Londres para ver um amigo, com a vida tão cheia de compromissos; nem pegar um navio para a Índia e ver um homem nu a flechar um peixe em águas azuis. Eu disse que a vida fora imperfeita, uma frase inacabada. Para mim, aceitando rapé como aceito de qualquer caixeiro-viajante que encontro num trem, foi impossível manter a coerência — aquele senso das gerações, de mulheres carregando cântaros vermelhos até o Nilo, do rouxinol que canta entre conquistas e migrações. Foi um empreendimento vasto demais, disse eu, e como agora posso continuar erguendo perpetuamente meu pé e escalar a escada? Falei comigo mesmo como falaríamos a um companheiro com o qual estivéssemos viajando até o Polo Norte.

— Falei para aquele eu que estivera comigo em muitas e incríveis aventuras; o homem fiel que fica sentado junto ao fogo quando já fomos dormir, remexendo as cinzas com um atiçador; o homem que foi construído tão misteriosamente e com súbitos acréscimos de ser, num bosque de faias, sentado junto a um salgueiro sobre um banco, debruçado no parapeito em Hampton Court; o homem que se recuperou em momentos de emergência, e que batia com a colher na mesa, dizendo: "Não aquiescerei."

— Este eu, agora quando me debrucei no portão olhando os campos que rolam ondas de cor abaixo de mim, não deu resposta. Não levantou qualquer objeção. Não tentou fazer frase alguma. Não cerrou o punho. Esperei. Escutei. Nada vinha, nada. Então gritei, numa súbita convicção de estar completamente abandonado: agora nada existe. Nenhuma barbatana rompe o deserto desse mar imensurável. A vida me destruiu. Nenhum eco responde quando falo, nenhuma palavra alterada. Isto é mais verdadeiramente morte do que a morte de amigos, do que a morte da

juventude. Sou o vulto enrolado num lençol no barbeiro, ocupando apenas este espaço.

— A cena abaixo de mim definhou. Como num eclipse, quando o sol se apaga e deixa mirrada, frágil, falsa, a terra que floresce na plenitude da folhagem estival. Também vi numa estrada sinuosa, na dança do pó, os grupos que costumávamos formar, reunindo-se, comendo juntos, encontrando-se neste ou naquele quarto. Vi minha própria infatigável atividade — como corri de um lado para outro, agarrei e carreguei, viajei e retornei, participei desse ou daquele grupo, aqui beijado, ali rejeitado; sempre fui persistente na perseguição de algum objetivo incomum, com meu nariz no solo como um cão farejador; ocasionalmente movendo a cabeça, ocasionalmente dando um grito de alegria, de desespero, depois novamente com meu nariz seguindo o faro. Que desordem — que confusão; aqui nascimento, ali morte; suculência e doçura; esforço e agonia; e eu correndo para um lado e para outro. Agora, estava acabado. Eu não tinha mais apetites a saciar; não tinha mais dardos para envenenar pessoas; nada mais de dentes afiados e mãos agarrando, nem desejo de apalpar a pera e a uva, nem o sol refletindo-se no muro do pomar.

— Os bosques se desvaneceram; a terra era um deserto de sombras. Nenhum som rompia o silêncio da paisagem de inverno. Nenhum galo cantava; nenhuma fumaça se erguia; nenhum trem se movia. Eu disse: Um homem sem um eu. Um corpo pesado debruçando-se num portão. Um homem morto. Com um desespero desapaixonado, com absoluto desencanto, observava o pó dançar; minha vida, as vidas de meus amigos, e aquelas presenças fabulosas, homens com vassouras, mulheres escrevendo, o salgueiro junto ao rio — nuvens e fantasmas também feitos de pó, de pó que se transmutava, assim como nuvens perdem e ganham e assumem ouro e vermelho e perdem seus ápices e ondeiam para cá e para lá, mutáveis, vãs. Eu, carregando um caderninho de notas, fazendo frases, registrara meras mudanças; sombras; eu fora diligente anotando sombras. Como posso prosseguir agora, perguntei, sem um eu, sem peso e sem visão, através de um mundo sem peso, sem ilusão?

— O peso do meu desespero abriu o portão no qual me debruçava, e me empurrou, a mim, um homem idoso, um homem pesado, de cabelos

grisalhos, através do campo incolor, do campo vazio. Não mais ouvir ecos, não mais ver fantasmas, não conjurar mais oponente algum, mas andar sempre sem sombra, não deixando marca alguma sobre a terra morta. Se mesmo ali tivesse havido carneiros mascando, empurrando um pé atrás do outro, ou um pássaro, ou um homem enfiando uma pá na terra, se tivesse havido uma sarça para me fazer tropeçar, ou uma vala de folhas úmidas onde cair — mas não, a melancólica vereda levava, através da planura, para dentro de mais inverno e palidez e à visão monótona da mesma paisagem.

— Como então retorna a luz ao mundo depois do eclipse do sol? Miraculosamente. Debilmente. Em faixas tênues. Pende como uma gaiola de vidro. É um aro que pode ser partido por uma dissonância mínima. Aqui, uma fagulha. No momento seguinte, um esguicho escuro. Depois, um vapor, como se a terra estivesse inspirando e expirando, um, dois, pela primeira vez. Então alguém caminha com uma luz verde debaixo daquela estagnação. Depois um espectro branco se evola. Os bosques pulsam azuis e verdes, e gradualmente os campos sugam o vermelho, o dourado, o castanho. Subitamente um rio lampeja numa luz azul. A terra absorve cor como uma esponja lentamente sorve água. Assume peso; arredonda-se; pende; instala-se e oscila sob nossos pés.

— Assim a paisagem retornava a mim; assim avistei campos rolando a meus pés em ondas de cor, mas agora com esta diferença: eu via mas não era visto. Caminhava sem sombra; chegava sem ser anunciado. Haviam caído de mim o velho manto, a antiga resposta; a mão oca que responde aos sons com batidas. Tênue como um fantasma, sem deixar traço por onde caminhava, apenas percebendo as coisas, andei sozinho num mundo novo, jamais trilhado; roçando flores novas, incapaz de falar a não ser com palavras de criança, de uma única sílaba; sem a proteção das frases — eu que fiz tantas; sem companhia, eu que sempre andei com os da minha espécie; solitário, eu que sempre tive alguém com quem partilhar a grelha vazia ou o armário de louças com sua alça pendente de ouro.

— Mas como descrever um mundo visto sem um eu? Não há palavras. O azul, o vermelho — mesmo eles distraem, mesmo eles ocultam com sua densidade, em vez de deixarem passar a luz. Como descrever ou dizer

qualquer coisa novamente em palavras articuladas? — exceto que também esta cena se desvanece, sofre uma transformação gradual, torna-se, mesmo no curso de um breve passeio, habitual. A cegueira retorna quando nos movemos e uma folha repete outra. A beleza retorna quando a olhamos, com toda a sua cadeia de frases-fantasmas. Inspiramos e expiramos um sopro substancial; lá embaixo, no vale, o trem vara os campos, com suas cabeleiras de fumaça.

— Mas por um momento eu estive sentado na turfa, em algum lugar acima do fluxo do mar e do som das florestas, vi a casa, o jardim e as ondas a se quebrarem. A velha ama que vira as páginas de um livro de figuras parara, dizendo: "Olhe. Isto é verdade."

— Assim eu pensava quando vinha por Shaftesbury Avenue esta noite. Pensava naquela página do livro de figuras. E, quando encontrei você no lugar em que penduramos nosso casacos, disse a mim mesmo: "Não importa a quem encontro. Toda essa pequena aventura de 'ser' terminou. Não sei quem é este aí; nem me interesso; jantaremos juntos." Então pendurei meu casaco, bati no seu ombro e disse: "Sente-se comigo."

— Agora, a refeição terminou; estamos rodeados de cascas e migalhas de pão. Tentei quebrar este ramo e dá-lo a você; mas, se há substância ou verdade nisso, não sei. Nem sei exatamente onde estamos. Sobre que cidade olha este trecho de céu? É em Paris, é em Londres que estamos sentados, ou alguma cidade sulina de casas de um rosa desbotado debaixo de ciprestes, debaixo de altas montanhas, onde as águias voam? Neste momento, não sei ao certo.

— Começo agora a esquecer; começo a duvidar da fixidez das mesas, da realidade do aqui e agora, a bater de leve os nós dos dedos na beira de objetos aparentemente sólidos e a dizer: "Vocês são rijos?" Vi tantas coisas diferentes, fiz tantas frases diferentes. Perdi, no processo de comer e beber e esfregar meus olhos em superfícies, aquela concha tênue e dura que envolve a alma, que, na juventude, nos encerra — daí a ferocidade, os golpes dos implacáveis bicos da juventude. E agora indago: "Quem sou eu?" Falei em Bernard, Neville, Jinny, Susan, Rhoda e Louis. Sou todos eles? Sou um e distinto? Não sei. Sentamos-nos aqui juntos. Mas agora Percival está morto, e Rhoda está morta; estamos divididos; não estamos

aqui. Ainda assim não encontro qualquer obstáculo a nos separar. Não há divisão entre mim e eles. Enquanto falava, eu sentia: — "Sou vocês." A diferença à qual damos tanta importância, identidade que valorizamos tão febrilmente, estava superada. Sim, desde que a velha sra. Constable ergueu sua esponja e, despejando água cálida, me cobriu de carne, tenho sido sensível, perceptível. Aqui na minha fronte, está o golpe que recebi quando Percival tombou. Aqui na minha nuca, está o beijo que Jinny deu em Louis. Meus olhos enchem-se com as lágrimas de Susan. Vejo ao longe, tremulando como um fio de ouro, o pilar que Rhoda avistou, e sinto o passar do vento no voo dela, quando saltou.

— Assim, quando configuro aqui nesta mesa, entre minhas mãos, a história de minha vida, e a coloco diante de você, como uma coisa completa, preciso recordar coisas distantes, profundas, mergulhadas nesta ou naquela vida, e tornadas parte dela; sonhos também, coisas que me rodeiam e os habitantes, aqueles espectros antigos e semiarticulados que continuam assombrando dia e noite; que se remexem no sono, emitem seus gritos confusos, estendem seus dedos fantasmagóricos e me agarram quando tento escapar — sombras de pessoas que eu poderia ter sido; eus não nascidos. Há também o velho bruto, o selvagem, o homem peludo que mete os dedos nos novelos das entranhas; e gorgoleja e arrota; cuja fala é gutural, visceral — ele está aqui, agachado dentro de mim. Esta noite banqueteou-se com codornas, salada e pão doce. Agora segura na pata um cálice de fino conhaque antigo. Ele é malhado e ronrona e lança cálidos calafrios pela minha espinha quando bebo. É verdade, lava suas mãos antes do jantar, mas ainda são peludas. Abotoa calças e coletes, mas eles contêm os mesmos órgãos. Corcoveia quando o faço esperar pelo jantar. Está perpetuamente fazendo caretas, apontando, com seus gestos meio idiotas de voracidade e avidez, aquilo que deseja. Por vezes tenho grande dificuldade em controlá-lo. Esse homem peludo, simiesco deu sua contribuição à minha vida. Deu às coisas verdes um lustro mais verde, segurou atrás de cada folha sua tocha com chamas rubras, sua fumaça densa e forte. Iluminou até mesmo o fresco jardim. Brandiu sua tocha em ruelas sombrias, onde moças subitamente parecem brilhar com uma translucidez rubra e inebriante. Ah, ele ergueu bem alto sua tocha! E me guiou para as danças selvagens!

— Mas não mais. Agora, esta noite, meu corpo se ergue, camada sobre camada, como algum templo cheio de frescor cujo assoalho é coberto de tapetes, e murmúrios se erguem, e os altares estão em pé fumegando; mas mais acima, aqui na minha serena cabeça, chegam apenas finos sopros de melodia, ondas de incenso, enquanto o pombo perdido chora, as bandeiras tremulam sobre sepulturas e o ar escuro da meia-noite sacode árvores fora das janelas abertas. Quando baixo os olhos dessa transcendência, como são belas até as esfareladas relíquias do pão! Que simétricas espirais formam as cascas de pera — quão tênues, pintalgadas como os ovos de alguma ave marinha. Até os garfos hirtos lado a lado parecem lúcidos, lógicos, exatos; e os chifres dos pãezinhos que deixamos estão vítreos, amarelados, rijos. Eu até poderia adorar minha mão, com seu leque de ossos enlaçados pelas misteriosas veias azuis e sua espantosa aparência de aptidão, flexibilidade e habilidade de enroscar-se docemente ou subitamente esmagar — sua infinita sensibilidade.

— Imensuravelmente receptivo, contendo tudo, fremindo de plenitude, mas claro e contido — assim é meu ser, agora que o desejo não mais o precipita para fora, para longe; agora que a curiosidade já não o pinta em mil cores. Jaz no fundo, sem marés, imune, agora que está morto, o homem a quem chamei “Bernard”; o homem que guardava no bolso um caderno no qual tomava notas — frases para a lua, anotações de traços; como as pessoas se pareciam, viravam, deixavam cair suas pontas de cigarro; na letra B, pó de asas de borboleta, na M, maneiras de nomear a morte. Mas, agora, trata-se de deixar a porta aberta, a porta de vidro que girará para sempre nos gonzos. Deixar vir uma mulher, deixar sentar-se um rapaz em traje de festa, com seus bigodes; existe alguma coisa que essas pessoas possam dizer-me? Não! Sei tudo isso também. E se ela de repente se levanta e sai, digo: “Minha cara, você já não faz com que meu olhar a siga.” O choque da onda desabando, que soou durante minha vida inteira, que me acordava para que eu visse a alça de ouro do armário, já não faz vibrar o que seguro em minhas mãos.

— Assim, agora, assumindo o peso do mistério das coisas, eu poderia andar como um espião sem deixar este lugar, sem me mover de minha cadeira. Posso visitar as fímbrias remotas das terras ermas onde o selvagem senta-se junto à fogueira. O dia nasce; a jovem ergue até a fronte

as joias aquosas de coração de fogo; o sol lança seus raios diretamente sobre a casa adormecida; as ondas aprofundam seu ritmo; jogam-se na praia; saltam negros seus respingos; deslizando, elas circundam o barco e o azevim do mar. Os pássaros cantam em coro; túneis fundos correm entre caules de flor; a casa alveja; aquele que dorme estende o corpo; gradualmente tudo se move. A luz inunda o aposento e faz recuar sombra atrás de sombra e elas ficam pendentes, inescrutáveis, dobradas em pregas. O que contém a sombra central? Algo? Nada? Não sei.

— Ah, mas seu rosto existe. Percebo seu olhar. Eu, que me julgara tão vasto, um templo, uma igreja, um universo inteiro, não confinado, capaz de estar em toda parte na fímbria das coisas e, também aqui, agora não sou senão isto que você enxerga — um homem idoso, um tanto pesado, grisalho nas têmporas, que (vejo-me no espelho) apoia um cotovelo na mesa e na mão esquerda segura um cálice de conhaque antigo. Foi este o golpe que você me infligiu. Choquei-me com a caixa de correspondência. Cambaleio de um lado para outro. Ponho as mãos na cabeça. Meu chapéu caiu — deixei cair minha bengala. Fiz um papelão e todos os que passam riem-se de mim com razão.

— Deus, como a vida é essencialmente odiosa! Que truques sujos faz conosco; num momento estamos livres; no outro, é isto. Aqui estamos outra vez entre migalhas de pão e guardanapos sujos. A gordura começa a endurecer naquela faca. Desordem, sordidez e corrupção nos rodeiam. Colocamos em nossas bocas cadáveres de aves mortas. Temos de construir com essas migalhas gordurosas, babando em guardanapos e pequenos cadáveres. Tudo sempre recomeça; sempre existe o adversário; olhos encontrando nossos olhos; dedos beliscando os nossos dedos; o esforço aguardando. Chame o garçom. Pague a conta. Temos de nos arrancar de nossas cadeiras. Temos de encontrar nossos casacos. Temos de ir. Temos, temos, temos — palavra detestável. Mais uma vez eu, que me julgava imune, que disse: “Agora estou livre de tudo”, vejo que a onda me cobre, vira-me de cabeça para baixo, espalha minhas posses, obrigando-me a apanhar, reunir, ajuntar, a somar minhas forças, a erguer-me e defrontar o inimigo.

— Estranho que nós, capazes de padecer tanto sofrimento causemos tanto sofrimento. Estranho que o rosto de uma pessoa que mal conheço, exceto por julgar que nos encontramos alguma vez num corredor, em um navio que ia para a África — mero esboço de olhos, faces, narinas — tenha poder de me infligir este insulto. Você olha, come, sorri, entedia-se, fica satisfeito, aborrecido — é tudo que sei. Mas esta sombra que esteve sentada a meu lado por uma hora ou duas, essa máscara da qual espreitam dois olhos, tem o poder de me levar para trás, de me inserir entre todos aqueles outros rostos, de me trancar num aposento quente; de me fazer colidir como uma mariposa entre a chama de uma vela e outra.

— Mas espere. Enquanto somam a conta atrás do balcão, espere um momento. Agora que me vinguei de você pelo golpe que me fez cambalear entre migalhas e cascas e velhas lascas de carne, registrarei, em palavras de uma sílaba, o modo como, também debaixo do seu olhar, com aquela minha compulsão, começo a perceber isto, aquilo e outras coisas mais. O relógio tiquetaqueia; a mulher espirra; o garçom chega — há um encontro gradual, uma reunião, uma aceleração, uma unificação. Ouça: um apito soa, rodas disparam, a porta range nos gonzos. Recupero a consciência da complexidade e da realidade e da luta, pelo que lhe agradeço. E com alguma compaixão, alguma inveja e muita boa vontade, pego sua mão e lhe desejo boa noite.

— Deus seja louvado pela solidão! Agora, estou sozinho. Aquela pessoa quase desconhecida foi-se para apanhar algum trem, para pegar algum carro, para ir a algum lugar ver alguém que não conheço. O rosto que me fitava se foi. A pressão foi removida. Aqui há xícaras de café vazias. Aqui há cadeiras viradas, mas ninguém senta nelas. Aqui há mesas vazias e ninguém mais chegando para jantar nelas esta noite.

— Agora, quero entoar minha canção de glória. Deus seja louvado pela solidão. Quero ficar sozinho. Quero pegar e jogar fora este véu do ser, esta nuvem que muda com o último sopro, dia e noite, e toda noite e todo dia. Enquanto estive sentado aqui, estive mudando. Observei o céu mudar. Vi nuvens cobrirem as estrelas, depois libertarem as estrelas, depois cobrirem as estrelas outra vez. Agora já não contemplo sua mutação. Agora ninguém me vê e já não mudo. Deus seja louvado pela solidão que

removeu a pressão do olho, a solicitação do corpo, e toda necessidade de mentiras e de frases.

— Meu caderno, atulhado de frases, caiu no chão. Jaz debaixo da mesa, para ser varrido por alguma arrumadeira quando chegar cansada ao amanhecer, procurando farrapos de papel, velhas passagens de bonde, e, aqui ou ali, um bilhete amassado numa bolinha e largado com toda essa desordem para ser varrido. Qual a frase para a lua? E a frase para o amor? Com que nome devemos designar a morte? Não sei. Preciso de uma linguagem reduzida como a dos amantes, palavras de uma sílaba como a que as crianças falam quando entram no quarto e encontram sua mãe costurando e apanham um pedacinho de lã colorida, uma pluma ou uma tira de *chintz*. Preciso de um uivo; um grito. Quando a tempestade vara o charco e passa por cima de mim, deitado na vala sem ser notado, não preciso de palavras. De nada que seja exato. De nada que baixe com todos os seus pés no chão. De nenhuma daquelas ressonâncias e adoráveis ecos que se quebram e repicam de nervo em nervo em nossos peitos, formando música selvagem e frases falsas. Acabei com as frases.

— Quão melhor é o silêncio; a xícara de café, a mesa. Quão melhor é sentar-me sozinho como a solitária ave marinha que abre suas asas sobre a estaca. Deixem-me ficar sentado aqui para sempre com coisas nuas, esta xícara de café, esta faca, este garfo, coisas em si, eu mesmo sendo eu mesmo. Não venham preocupar-me com suas alusões a que é tempo de fechar a casa e partir. Eu daria de boa vontade todo o meu dinheiro para que vocês não me perturbassem, mas me deixassem ficar aqui sentado, para sempre, silencioso e só.

— Mas agora o chefe dos garçons, que terminou sua refeição, aparece e franze a testa; pega do bolso o cachecol e ostensivamente prepara-se para partir. Eles têm de partir; têm de fechar os postigos, têm de dobrar as toalhas de mesa e passar um pano úmido debaixo das mesas.

— Malditos sejam. Embora tenha interrompido minha ligação com todas as coisas, preciso levantar-me à força, e encontrar o casaco que me pertence; tenho de enfiar os braços nas mangas; tenho de me abrigar contra o ar da noite e partir. Eu, eu, eu, cansado como estou, desgastado como estou, quase consumido de tanto esfregar o nariz na superfície das

coisas, até mesmo eu, um homem idoso que vai ficando um tanto pesado e não gosta de fazer esforço, tenho de me obrigar a partir e pegar algum último trem.

— Mais uma vez, vejo diante de mim a rua costumeira. O dossel da civilização apagou-se. O céu está escuro como um osso de baleia polido pelo tempo. Mas no céu uma claridade, como de lâmpadas ou da madrugada. Uma espécie de movimento — pardais chilreando em algum lugar nos plátanos. Há uma sensação de irrupção do dia. Não chamarei a isso madrugada. O que é a madrugada na cidade para um homem idoso parado na rua, erguendo o olhar um tanto atordoado para o céu? A madrugada é uma espécie de caiação do céu; uma espécie de renovação. Outro dia; outra sexta-feira; outro vinte de março, janeiro ou setembro. Outro despertar geral. As estrelas se afastam e se extinguem. As dobras se aprofundam entre as ondas. Uma membrana de nevoeiro adensa-se nos campos. Um rubor se concentra nas rosas, mesmo na pálida rosa que pende junto à janela do quarto de dormir. Um pássaro trina. Moradores de chalés acendem suas velas matinais. Sim, esta é a eterna renovação, o incessante erguer-se e cair, e cair e erguer-se outra vez.

— E também dentro de mim a onda se ergue. Cresce; arqueia o dorso. Mais uma vez tenho consciência de um novo desejo, algo que sobe por baixo de mim, como o altivo cavalo cujo cavaleiro primeiro o instiga, depois o puxa para trás. Que inimigo percebemos agora avançar contra nós, você a quem cavalgo agora, parados aqui, escarvando este trecho do calçamento? É a morte. A morte é o inimigo. É contra a morte que cavalgo com minha lança erguida e meu cabelo voando atrás de mim, como o de um jovem, como o de Percival, quando galopava na Índia. Cravo as esporas em meu cavalo. Vou lançar-me contra ti, imbatível e inflexível, ó Morte!

As ondas quebraram na praia.

Sobre a autora

Virginia Woolf nasceu em Londres, Inglaterra, em 25 de janeiro de 1882. Filha do editor Leslie Stephen, recebeu uma educação apurada, frequentando o mundo literário desde cedo.

Em 1912, Virginia casou-se com Leonard Woolf. Juntos fundaram, em 1917, a Hogarth Press, editora que, além de publicar as histórias de Virginia, notabilizou-se também por revelar escritores como Katherine Mansfield e T.S. Eliot. O casal Woolf ainda fez parte do grupo Bloomsbury, círculo de intelectuais que se posicionaria contra as tradições literárias, políticas e sociais da Era Vitoriana.

Nesse ambiente de extraordinária expressão intelectual, Virginia Woolf pôde produzir uma obra requintada. Seu maior legado foi desenvolver o que em literatura se convencionou chamar de *stream of consciouness* (fluxo de consciência), isto é, o registro minucioso e fiel do que se passa nas profundezas da mente. Seu romance de estreia foi *A viagem* (1915), e uma das suas obras mais importantes foi *Orlando* (1928), romance histórico que evoca com brilho e humor a Inglaterra da era elisabetana. Destacam-se ainda os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927), *As ondas* (1931), *Os anos* (1937) e *Entre os atos* (publicado postumamente em 1941).

Frequentemente atormentada por crises de depressão, Virginia Woolf se suicidou em 28 de março de 1941, atirando-se ao fundo do rio Ouse, no condado de Sussex, Inglaterra.



ORLANDO

VIRGINIA WOOLF

Tradução e apresentação: Laura Alves
4ª edição

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



Apresentação
Virginia e Orlando

Virginia Woolf, sem dúvida uma das mais importantes escritoras inglesas, nasceu em Londres em 1882. É o terceiro filho de Sir Leslie Stephen, historiador e biógrafo, e de Julia Duckworth, depois de Vanessa (1879) e Thoby (1880).

Com a morte da mãe, em 1895, Virginia apresenta os primeiros sinais da depressão que a acompanharia ao longo de sua vida.

Em 1904, com a morte de Sir Leslie, os irmãos Stephen se transferem de Hyde Park Gate para Bloomsbury, onde se criou o famoso Bloomsbury Group, constituído de intelectuais, escritores e artistas, e que se reunia às quintas-feiras na casa dos Stephen para discutir questões relacionadas com a arte e a cultura da época. O grupo era, a princípio, coordenado por Lytton Strachey e dele faziam parte J. Maynard Keynes, E.M. Forster, Leonard Woolf (que casaria com Virginia em 1912), Roger Fry, Duncan Grant, Clive Bell (depois marido de Vanessa), Sydney-Turner, entre outros.

Em 1917, junto com o marido, Leonard Woolf, Virginia funda a Hogarth Press, que publicará grandes nomes da literatura, como T.S. Eliot, Katherine Mansfield, E.M. Forster e, é claro, seus próprios livros.

Além de romances, Virginia escreveu inúmeros ensaios contos e resenhas para jornais como *The Thimes Literary Supplement, The New Statesman* e *Athenaeum*, para citar alguns.

Em 28 de março de 1941, ao perceber que seria dominada por outra crise de depressão, Virginia escreve para Leonard e para Vanessa e se suicida, colocando várias pedras pesadas no bolso da roupa e se lançando no rio Ouse, próximo à sua casa em Rodmell, Sussex.

Orlando, publicado em 1928, é na realidade o sexto romance de Virginia, precedido por *A viagem* (1915 — *The Voyage Out*), *Noite e dia* (1919 — *Night and Day*), *O quarto de Jacob* (1922 — *Jacob's Room*), *Sra. Dalloway* (1925 — *Mrs. Dalloway*) e *Ao farol* (1927 — *To the*

Lighthouse), seguido de *As ondas* (1931 — *The Waves*), *Os anos* (1937 — *The Years*) e *Entre os atos* (1941 — *Between the Acts*).

Diferentemente dos demais romances, foi publicado com o subtítulo "uma biografia" e dedicatória a V. Sackville-West.

Virginia conheceu a escritora Victoria Sackville-West — Vita — em 1919, e logo se tornaram grandes amigas. Vita — casada com Sir Harold Nicolson, eminente biógrafo, autor de *O desenvolvimento da biografia inglesa* (1928) — já era conhecida na sociedade londrina por suas amizades femininas. Seu envolvimento amoroso com Virginia ocorreu seis anos depois que se conheceram e durou cerca de dois anos, até Vita se apaixonar por outra pessoa. Mesmo assim, permaneceram amigas até a morte de Virginia.

Ao planejar a elaboração do livro, Virginia comenta em seu *Diário*: "Será uma biografia começando em 1500 e continuando até o presente, chamada *Orlando*, Vita; apenas com uma mudança de um sexo para o outro."[2] Na verdade, o livro é mais que uma simples biografia, gênero que Virginia muito apreciava e que, de certa forma, aparece em seus romances, como por exemplo *O quarto de Jacob,* que para muitos retrata Thoby, seu irmão desaparecido prematuramente, ou *Ao farol*, onde os protagonistas, sr. e sra. Ramsay, representam os pais da escritora.

Por outro lado, para enfatizar a ideia de "biografia", Virginia baseou seu texto em fatos e pessoas reais: Orlando é Vita; para descrever o castelo, a autora usou Knole, castelo pertencente aos Sackville; é deles também o brasão de armas que aparece no vitral do castelo de Orlando.

Outro comentário frequente com relação ao livro refere-se à androginia. De fato, os principais personagens de *Orlando* apresentam características andróginas: arquiduquesa/arquiduque, Shelmerdine, e, é claro, o próprio Orlando/jovem viril, que dá lugar a Lady Orlando, mãe, completando o ciclo da vida. Contudo, o livro é bem mais que uma biografia ou ainda uma defesa da mente andrógina, conforme as ideias de Coleridge, posteriormente apresentadas por Virginia em *Um teto todo seu* (1929). *Orlando* reflete o interesse da autora pela relação do indivíduo com o fluxo da história, e nesse sentido é magistral.

O fato é que o livro se tornou um sucesso da Hogarth: em dezembro de 1928, ano da publicação, foi necessário fazer uma terceira edição, embora Virginia tivesse ficado apreensiva quanto ao resultado, conforme menciona em seu *Diário*: "Sim, está terminado — *Orlando* — iniciado em

8 de outubro, como uma brincadeira, e agora longo demais para meu gosto. Pode malograr por vacilação — ser longo demais para uma brincadeira e frívolo demais para um livro sério.”[3]

O enredo se inicia com Orlando aos 16 anos no final do século XVI, e termina em outubro de 1928, com o herói/heroína já como mulher madura. Do livro constam seis capítulos, e é exatamente no terceiro que, aos trinta anos, em Constantinopla (atual Istambul), Orlando se transforma em mulher.

O comportamento do herói/heroína se altera com o passar dos séculos — Orlando é masculino, violento nos tempos de Elizabeth I e Jaime I, quando conhece Sasha; torna-se pensativo e mórbido, no século XVII; vai para Constantinopla como embaixador, casa-se com uma dançarina, Rosina Pepita, e muda de sexo; retorna à Inglaterra no século XVIII, participa de chás e saraus literários e cerca-se de poetas como Pope. No século XIX, em pleno apogeu como mulher, “cora”, usa saias de crinolina, apaixona-se e casa-se com Shelmerdine. E, por fim, no século XX, nasce seu filho; o livro termina em 11 de outubro de 1928.

Do ponto de vista temporal, é o mais longo dos romances de Virginia. A sequência cronológica é respeitada, e o biógrafo registra vários acontecimentos para situar o leitor.

Assim como *Ao farol*, *Orlando* revela algumas das características de prosa impressionista de Virginia Woolf: descrições de cunho pictórico, como por exemplo a da Grande Geada, no primeiro capítulo; há também um jogo de cores permeando o texto. Imagens, metáforas, alusões, o aproveitamento da sonoridade das palavras e o ritmo da linguagem são alguns dos recursos narrativos utilizados pela autora que evidenciam sua capacidade de pintar com as palavras, o “seu” impressionismo.

Traduzir uma obra-prima é tarefa árdua. Assim, a tradução ora apresentada procurou respeitar o mais possível as peculiaridades do estilo da autora; obedeceu às repetições de palavras, à sintaxe — parágrafos extensos, pontuação, parênteses — , fazendo apenas as alterações indispensáveis para a adequação ao português corrente no Brasil. Para maior fidelidade ao texto, foi mantido também o sistema de medidas inglesas, usado pela autora — pés, jardas, acres...

Agradeço a Aurelio Rebello pela leitura, comentários críticos e pela colaboração efetiva que muito enriqueceu a elaboração do texto em língua portuguesa; e a Luiza Lobo, por indicar-me à Ediouro.

Para esta tradução foi adotada a edição WOOLF, V. *Orlando*, Londres, Triad/Panther Books, 1977.

Laura Alves

Sumário

Capa
Folha de rosto principal
Ficha catalográfica
Folha de rosto 1º livro
Sobre a autora
Folha de rosto 2º livro
Apresentação Virginia e Orlando
Prefácio
Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Sobre a autora
Folha de rosto 3º livro
Apresentação
Sobre a autora
Colofão

Prefácio

Muitos amigos me ajudaram a escrever este livro. Alguns já morreram, e são tão ilustres que mal ouso citá-los, embora ninguém possa ler ou escrever sem estar perpetuamente em débito com Defoe, Sir Thomas Browne, Sterne, Sir Walter Scott, Lorde Macaulay, Emily Brontë, De Quincey e Walter Pater, para mencionar os primeiros que me vêm à mente. Outros, embora talvez igualmente ilustres, ainda estão vivos e, por essa razão, são menos formidáveis. Devo particularmente ao sr. C.P. Sanger, pois sem o seu conhecimento da lei da propriedade imobiliária este livro não poderia ter sido escrito. A vasta e peculiar erudição do sr. Sydney-Turner salvou-me, espero, de alguns lamentáveis equívocos. Tive ainda a vantagem do conhecimento de chinês do sr. Arthur Waley, tão grande que só eu posso avaliar. A sra. Lopokova (sra. J.M. Keynes) esteve sempre disponível para corrigir o meu russo. À incomparável simpatia e imaginação do sr. Roger Fry devo todo o conhecimento que eu possa ter da arte da pintura. Espero, por outro lado, ter aproveitado a crítica singularmente severa e aguda de meu sobrinho Julian Bell. As infatigáveis pesquisas da srta. M.K. Snowdon nos arquivos de Harrogate e Cheltenham foram árduas, embora infrutíferas. Outros amigos me ajudaram de maneiras variadas demais para serem especificadas. Devo me contentar citando o sr. Angus Davidson; a sra. Cartwright; a srta. Janet Case; Lorde Berners (cujo conhecimento da música elisabetana mostrou-se inestimável); o sr. Franci Birrell; meu irmão, dr. Adrian Stephen; o sr. F.L. Lucas; o sr. e a sra. Desmond Maccarthy; o mais inspirador dos críticos, meu cunhado, sr. Clive Bell; o sr. G.H. Rylands; Lady Colefax; a srta. Nellie Boxall; o sr. J.M. Keynes; o sr. Hugh Walpole; a srta. Violet Dickinson; o *Honorável*[4] Edward Sackville-West; o sr. e a sra. St. John Hutchinson; o sr. Duncan Grant; o sr. e sra. St. Stephen Tomlin; o sr. e Lady Ottoline Morrell; minha sogra, sra. Sydney Woolf; o sr. Osbert Sitwell; Madame Jacques Raverat; o coronel Cory Bell; a srta. Valerie Taylor; o sr. J. T. Sheppard; o sr. e a sra. T.S. Eliot; a srta. Ethel Sands; a srta. Nan Hudson; meu sobrinho Quentin Bell, antigo e valioso

colaborador na ficção; o sr. Raymond Mortimer; Lady Gerald Wellesley; o sr. Lytton Strachey; a viscondessa Cecil; a srta. Hope Mirrlees; o sr. E.M. Forster; o *Honorável*. Harold Nicolson; e minha irmã, Vanessa Bell — mas a lista ameaça ficar longa demais e já está demasiadamente ilustre. Embora desperte em mim as mais agradáveis reminiscências, inevitavelmente criará no leitor expectativas que o livro pode frustrar. Assim concluo, agradecendo aos funcionários do Museu Britânico e do Departamento de Arquivo por sua cortesia habitual; à minha sobrinha Angelica Bell, por um serviço que somente ela poderia ter prestado; e ao meu marido, pela paciência com que invariavelmente me ajudou nas pesquisas e pelo profundo conhecimento histórico ao qual estas páginas devem o grau de exatidão que possam ter alcançado. Finalmente, gostaria de agradecer — se não tivesse perdido o seu nome e endereço — a um cavalheiro da América, que generosa e graciosamente corrigiu a pontuação, a botânica, a entomologia, a geografia e a cronologia de outros trabalhos meus e que, espero, não negará seus préstimos nesta ocasião.

Capítulo I

Ele — pois não havia dúvida quanto ao seu sexo, embora a moda da época fizesse algo para disfarçá-lo — estava golpeando a cabeça de um mouro que balançava dos esteios. Era da cor de uma velha bola de futebol, tinha mais ou menos essa forma, exceto pela face encovada e um ou dois fios de cabelo seco, áspero como os de um coco. O pai de Orlando, ou talvez seu avô, arrancara-a dos ombros de um pagão corpulento que encontrara ao luar, nos campos bárbaros da África; e agora balançava suave e incessantemente com a brisa que não parava de soprar nos quartos do sótão da gigantesca casa do senhor que o havia matado.

Os antepassados de Orlando tinham cavalgado nos campos de asfódelo e nos campos de pedra e nos campos banhados por estranhos rios e tinham decepado muitas cabeças, de muitas cores e de muitos ombros, e as tinham trazido para pendurá-las nas vigas. Orlando jurava também fazer o mesmo. Mas, como tinha apenas 16 anos e era muito jovem para cavalgar com eles na África ou na França, saía às escondidas de sua mãe e dos pavões do jardim e ia para o sótão e lá lançava, batia e golpeava o ar com sua espada. Às vezes cortava a corda e a cabeça se estatelava no chão, e ele tinha que amarrá-la de novo e pendurá-la com delicadeza, de forma que seu inimigo arreganhasse os dentes triunfantemente por entre os lábios negros e contraídos. A cabeça balançava de um lado para outro, pois a casa no topo da qual morava era tão vasta que o próprio vento parecia seu prisioneiro, soprando para lá e para cá, inverno e verão. A tapeçaria verde com desenho de caçadores movia-se continuamente. Seus antepassados tinham sido sempre nobres. Vieram das brumas do norte, com diademas na cabeça. As faixas de sombra no quarto e as manchas amarelas que quadriculavam o chão não eram feitas pelo sol, ao atravessar o grande brasão do vitral da janela? Orlando estava agora no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico. Quando colocou a mão no peitoril para abrir a janela, coloriu-se instantaneamente de vermelho, azul e amarelo como a asa de uma borboleta. Assim, aqueles que gostam de símbolos e têm aptidão para decifrá-los devem observar que, embora as pernas bem-

torneadas, o belo corpo e os ombros fortes estivessem ornados com vários matizes da luz heráldica, o rosto de Orlando, ao abrir a janela, estava iluminado unicamente pelo sol. Seria impossível encontrar rosto mais cândido e sombrio. Feliz a mãe que o gera, mais feliz ainda o biógrafo que registra a vida de alguém assim! Ela não precisa nunca se atormentar nem ele pedir a ajuda de um romancista ou poeta. De proeza em proeza, de glória em glória, de ofício em ofício ele deve prosseguir, seguido de seu escriba, até atingirem uma posição que seja o ápice dos seus desejos. Orlando, à primeira vista, parecia talhado para esta carreira. O vermelho de suas faces era recoberto por uma pele aveludada, e o buço sobre os lábios era apenas um pouco mais espesso do que a penugem do rosto. Os lábios, finos e ligeiramente repuxados sobre dentes de uma extraordinária brancura de amêndoa. Nada perturbava o voo curto e tenso do nariz afilado; o cabelo era escuro, as orelhas pequenas e rentes à cabeça. Mas, ai, esta catalogação da beleza juvenil não pode terminar sem que se mencione a testa e os olhos. Oh, as pessoas raramente nascem sem eles; porém, ao olhar Orlando de pé junto à janela, devemos admitir que ele tinha olhos como violetas molhadas, tão grandes que a água parecia enchê-los e alargá-los; e a testa, como a abóbada de uma cúpula de mármore, apertada entre os dois medalhões alvos que eram suas têmporas. Ao olharmos diretamente para seus olhos e para sua testa, nos entusiasmamos. Ao olharmos diretamente para seus olhos e para sua testa, temos que admitir mil coisas desagradáveis que o objetivo de todo bom biógrafo é ignorar. Visões perturbavam-no, como aquela de sua mãe, linda senhora vestida de verde, caminhando para dar comida aos pavões, seguida por Twitchett, sua criada; visões que o exaltavam — os pássaros e as árvores; e faziam-no amar a morte — o céu noturno, as gralhas retornando; e assim, subindo a escada de caracol do seu cérebro — que era bastante espaçoso — , todas essas visões, os sons do jardim, o martelo batendo, a madeira sendo cortada, começaram aquele tumulto e aquela confusão de paixões e emoções que todo bom biógrafo detesta. Mas para continuar — Orlando puxou lentamente a cabeça, sentou à mesa e, com um ar semiconsciente de estar fazendo o que fazia àquela hora todos os dias de sua vida, pegou um caderno intitulado *Aethelbert: uma tragédia em cinco atos* e mergulhou no tinteiro uma velha pena de ganso manchada.

Logo ele já tinha enchido dez páginas ou mais com poesia. Era evidentemente fluente, mas abstrato. O vício, o crime, a miséria eram os

personagens do seu drama. Havia reis e rainhas de territórios impossíveis; terríveis intrigas os confundiam; sentimentos nobres os inundavam; não havia uma só palavra dita como ele próprio a diria, porém tudo era transformado por uma delicadeza e uma fluência notáveis, considerando-se a sua idade — ainda não tinha 17 anos — e que o século XVI ainda teria alguns anos por transcorrer. Finalmente fez uma pausa. Estava descrevendo a natureza, como todos os jovens poetas fazem, e, para combinar com precisão a sombra do verde, olhou (e aqui mostrou mais audácia do que a maioria) para o objeto que por acaso era um arbusto de louro que crescia sob a janela. Depois disso, sem dúvida, não conseguiu mais escrever. O verde na natureza é uma coisa, o verde na literatura é outra. A natureza e as letras parecem ter uma antipatia natural; basta juntá-las para que se dilacerem mutuamente. A sombra do verde que Orlando via agora estragou sua rima e quebrou seu metro. Além do mais, a natureza tem suas próprias artimanhas. Basta olhar pela janela as abelhas entre as flores, um cachorro bocejando, o pôr do sol, basta pensar "quantos crepúsculos ainda verei?", etc. etc. (o pensamento é conhecido demais para valer a pena escrevê-lo) e deixa-se cair a pena, pega-se o casaco, sai-se da sala e tropeça-se numa arca pintada. Pois Orlando era um pouco desajeitado.

Tomou cuidado para não encontrar ninguém. Lá estava Stubbs, o jardineiro, vindo pela alameda. Escondeu-se atrás de uma árvore até que ele tivesse passado. Escapou por um pequeno portão no muro do jardim. Contornou todos os estábulos, canis, destilarias, carpintarias, lavanderias, os lugares onde fabricam velas de sebo, matam bois, forjam ferraduras, costuram gibões — pois a casa era uma cidade ressoante, com homens trabalhando em vários ofícios —, e alcançou a alameda de samambaias que subia a colina através do parque, sem ser visto. Talvez haja um parentesco entre as qualidades: uma puxa a outra; e o biógrafo, aqui, deveria chamar a atenção para o fato de que esse desajeitamento quase sempre combina com o amor pela solidão. Tendo tropeçado numa arca, Orlando naturalmente gostava de lugares solitários, de amplas paisagens, e de se sentir sempre, sempre e sempre sozinho.

Assim, após um longo silêncio, "estou sozinho", respirou finalmente, abrindo os lábios pela primeira vez neste relato. Ele tinha subido muito rapidamente a colina entre samambaias e espinheiros, espantando veados e pássaros selvagens, até um lugar coroado por um carvalho solitário. Era

muito alto, tão alto que 19 condados ingleses podiam ser avistados abaixo; e, nos dias claros, trinta ou talvez quarenta, se o tempo estivesse muito bom. Às vezes podia-se ver o canal da Mancha, onda após onda. Podiam ser vistos rios, e barcos de passeio deslizando neles; e galeões partindo para o mar; e esquadras, com lufadas de fumaça, de onde vinha o som surdo de tiros de canhão; e fortes no litoral; e castelos em meio aos prados; e aqui uma torre de observações; e ali uma fortaleza; e novamente alguma ampla mansão como a do pai de Orlando, amontoada como uma cidade no vale, cercada de muralhas. Para o leste ficavam os pináculos de Londres e a fumaça da cidade; e talvez, na linha do horizonte, quando o vento soprava na direção certa, apareciam montanhosos, entre as nuvens, os topos escarpados e as extremidades serrilhadas da própria Snowdon. Por um momento, Orlando ficou de pé, contando, fitando, reconhecendo. Esta era a casa de seu pai; aquela, a de seu tio. Sua tia, possuía aqueles três torreões lá, entre as árvores. A charneca e a floresta eram deles; os faisões e os veados, as raposas, os texugos e as borboletas.

Suspirou profundamente e lançou-se — havia uma paixão em seus movimentos que justifica a palavra — ao chão, aos pés do carvalho. Amava, acima de toda esta transitoriedade do verão, sentir o apoio da terra embaixo de si; pois assim considerava a dura raiz do carvalho; ou, como imagem puxa imagem, era o dorso de um grande cavalo que ele cavalgava; ou o convés de um navio balouçante — era qualquer coisa, na verdade, desde que fosse firme, pois sentia necessidade de alguma coisa onde pudesse amarrar o seu instável coração; o coração que batia em seu peito; o coração que parecia repleto de brisas perfumadas e amorosas quando ele passeava todas as noites por essa hora. Amarrou-o ao carvalho e ao se deitar lá a inquietação dentro e ao redor de si gradualmente se acalmou; as folhinhas penderam, os veados pararam; as pálidas nuvens de verão estacionaram; seus membros pesaram no chão; e ficou tão imóvel, que aos poucos os veados se aproximaram dele e as gralhas voaram em torno e as andorinhas mergulharam em círculos e as libélulas dispararam como se toda a fertilidade e a atividade amorosa de um fim de tarde de verão se enredassem como uma teia ao redor do seu corpo.

Depois de mais ou menos uma hora — o sol declinava rapidamente, as nuvens brancas se tornaram vemelhas, as colinas roxas, as florestas púrpuras, os vales negros — uma trombeta soou. Orlando ergueu-se de um salto. O som penetrante veio do vale. Veio de um lugar escuro lá embaixo,

um lugar compacto e bem-delineado; um labirinto; uma cidade cingida por muralhas; veio do coração de sua própria mansão no vale que, antes escura, enquanto ele olhava e a trombeta solitária se multiplicava em outros sons agudos, perdeu a escuridão e pontilhou-se de luzes. Algumas eram pequenas luzes apressadas, como se criados corressem pelos corredores para atender aos chamados; outras eram altas e brilhantes, como se ardessem em vazios salões de banquetes preparados para receber convidados que não tinham vindo; e outras submergiam e flutuavam e afundavam e ressurgiam, como se carregadas pelas mãos de bandos de criados se curvando, se ajoelhando, se levantando, recebendo, guardando e escoltando dentro da casa, com toda dignidade, uma grande princesa que descia de sua carruagem. Coches manobravam e circulavam no pátio. Cavalos agitavam os penachos. A rainha chegara.

Orlando não olhou mais. Lançou-se colina abaixo. Entrou por uma portinhola. Precipitou-se pela escada em caracol. Alcançou seu quarto. Atirou as meias para um lado e o gibão para outro. Molhou a cabeça. Lavou as mãos. Aparou as unhas. Com apenas seis polegadas de espelho e um par de velas usadas para auxiliá-lo, vestiu calções vermelhos, gola de renda, colete de tafetá e sapatos com rosetas tão grandes quanto dálias dobradas, em menos de dez minutos, pelo relógio de pé. Ficou pronto. Estava ruborizado. Estava excitado. Mas estava terrivelmente atrasado.

Por atalhos conhecidos, abriu caminho através dos inúmeros aposentos e escadas até o salão de banquetes, cinco acres além, no outro lado da casa. Mas a meio caminho, nos fundos da casa, onde os criados viviam, parou. A porta da sala de estar da sra. Stewkley estava aberta — ela saíra, sem dúvida, com todas as chaves, para atender à sua patroa. Mas ali, sentado à mesa de jantar dos criados, com uma caneca ao lado e um papel diante de si, estava um homem bastante gordo e esfarrapado, com a gola muito suja e as roupas de estamenha parda. Segurava uma pena, mas não escrevia. Parecia revolver um pensamento para cima, para baixo, de um lado para outro, na cabeça, até ganhar forma ou movimento a seu gosto. Os olhos redondos e nublados como uma pedra verde de textura estranha estavam fixos. Ele não viu Orlando. Apesar de toda a pressa, Orlando ficou paralisado. Seria um poeta? Estaria escrevendo poesia? “Diga-me tudo do mundo todo”, ele queria dizer — pois tinha ideias selvagens, absurdas e extravagantes a respeito de poetas e de poesia —, mas como falar com um homem que não o via? Que, em vez disso, vê ogres, sátiros, talvez as

profundezas do mar? Assim, Orlando permaneceu olhando fixamente enquanto o homem girava a pena entre os dedos de um lado para outro; fitava e meditava, e então, muito rapidamente, escreveu meia dúzia de linhas e ergueu a vista. Depois do quê, Orlando, vencido pela timidez, saiu em disparada e alcançou o salão de banquetes, justo a tempo de cair de joelhos e, inclinando a cabeça confusa, oferecer uma tigela de água de rosas à grande rainha.

Tal era a sua timidez que ele não viu nada além de suas mãos com anéis, na água; mas isso bastava. Era uma mão memorável; mão fina, com dedos longos, sempre arqueados, como se ao redor de um orbe ou cetro; mão nervosa, retorcida, doentia; mão autoritária, também; mão que bastava levantar para fazer tombar uma cabeça; mão, pensava ele, ligada a um velho corpo que cheirava como um armário de guardar peles em cânfora; corpo que estava ainda ajaezado com todos os tipos de brocados e gemas; e que se mantinha muito empertigado, embora talvez com dor de ciática; e nunca sucumbia, embora atado por mil temores; os olhos da rainha eram amarelo-claros. Tudo isso ele sentia enquanto os grandes anéis cintilavam na água e algo apertava seu cabelo — o que, talvez, concorresse para que ele não visse mais nada passível de ser utilizado por um historiador. E na verdade sua mente estava em tal rebuliço de contradições — da noite e das velas ardentes, do poeta maltrapilho e da grande rainha, de campos silenciosos e da algazarra dos criados — que ele não podia ver nada ou unicamente uma mão.

Pelo mesmo motivo, a própria rainha pode ter visto só uma cabeça. Mas se é possível pela mão deduzir-se um corpo, instruída com todos os atributos de uma grande rainha, sua rispidez, coragem, fragilidade e terror, certamente a cabeça pode ser igualmente fértil, vista do alto de um trono, por uma senhora cujos olhos, se as obras de cera da Abadia são confiáveis, estavam sempre bem abertos. O cabelo longo, encaracolado, a cabeça escura inclinada com tanta reverência, tão inocentemente e diante dela, insinuavam um par das mais lindas pernas em que um jovem da nobreza já se apoiou; e olhos violeta; e um coração de ouro; e lealdade e encanto masculino — todas as qualidades que a velha senhora tanto mais amava quanto mais lhe faltavam. Pois estava ficando velha e fatigada e curvada antes do tempo. O som dos canhões ecoava sempre em seus ouvidos. Ela sempre via uma gota de veneno brilhando e um longo estilete. Ao sentar à mesa escutava; ouvia os canhões no canal; temia — seria isso uma

maldição? Seria um murmúrio? Inocência, simplicidade se lhe tornavam mais caras devido ao escuro cenário contra o qual eram contrapostas. E foi naquela mesma noite, segundo a tradição, quando Orlando dormia profundamente, que ela, apondo formalmente sua assinatura e o sinete no pergaminho, doou para o pai de Orlando a grande casa monástica que fora do arcebispo e depois do rei.

Orlando dormiu toda a noite sem saber disso. Tinha sido beijado por uma rainha, sem o saber. E talvez, porque os corações das mulheres são intrincados, fora sua ignorância e o salto que dera quando os lábios dela o tocaram que mantiveram viva em seu pensamento a lembrança de seu primo (pois tinham o mesmo sangue). De qualquer modo, dois anos dessa tranquila vida campestre ainda não haviam passado, e Orlando escrevera talvez não mais que vinte tragédias e uma dúzia de histórias e um grande número de sonetos quando recebeu a ordem de que deveria se apresentar à rainha em Whitehall.

— Aqui — disse ela, vendo-o avançar pela longa galeria em sua direção —, vem o meu inocente! (Havia sempre serenidade em torno dele com aparência de inocência, embora tecnicamente a palavra não se aplicasse.)

— Venha! — disse ela. Estava sentada, muito empertigada, junto à lareira. E deteve-o a um pé de distância e olhou-o de alto a baixo. Estaria conferindo suas especulações da outra noite com a verdade agora visível? Acharia suas suposições justificadas? Olhos, boca, nariz, peito, quadril, mãos — examinou-os; seu lábios se contorceram visivelmente enquanto olhava; mas, quando viu as pernas, riu alto. Ele era a própria imagem de um nobre. Mas e intimamente? Dardejou os olhos amarelos de águia sobre ele como se lhe trespassasse a alma. O jovem sustentou seu olhar e apenas se ruborizou de um rosa-adamascado, como lhe convinha. Força, graça, romantismo, loucura, poesia, juventude — ela pôde lê-lo como uma página. Imediatamente tirou um anel do dedo (a junta estava bastante inchada) e, ao colocá-lo no dele, nomeou-o seu tesoureiro e mordomo; em seguida dependurou-lhe no pescoço as correntes de seu cargo; e, ordenando-lhe que dobrasse o joelho, prendeu na sua parte mais fina a Ordem de Jarreteira, enfeitada com joias. Depois disso nada lhe foi negado. Nos passeios oficiais viajava à porta de sua carruagem. Ela o enviou à Escócia numa triste embaixada à infeliz rainha. Estava para embarcar para as guerras polonesas quando ela o chamou de volta. Pois como poderia suportar a ideia daquela tenra carne rasgada e que aquela

cabeça de cabelos encaracolados rolasse na areia? Manteve-o junto de si. No auge de seu triunfo quando os canhões ribombavam na Torre e o ar estava tão carregado de pólvora que provocava espirros e as exclamações do povo ressoavam sob as janelas, ela puxou-o para as almofadas, onde as aias a tinham deitado (estava velha e cansada), e o fez enterrar o rosto naquela surpreendente composição — ela não trocava de roupa há um mês — que cheirava exatamente, pensava ele, lembrando de sua recordação infantil, como aquele velho armário em casa, onde se guardavam as peles de sua mãe. Ele se levantou, meio sufocado por seu abraço. "Esta", suspirou ela, "é a minha vitória!" — ao mesmo tempo em que um foguete estourou e tingiu suas faces de escarlate.

Pois a velha o amava. E a rainha, que sabia reconhecer um homem quando via um, embora não da maneira usual conforme se dizia, planejou para ele uma carreira esplêndida e ambiciosa. Ela lhe daria terras, destinaria casas. Ele seria o filho de sua velhice; o amparo na sua doença; o carvalho em que apoiaria sua decadência. Ela grasnava essas promessas e ternuras estranhamente arrogantes (estavam em Richmond agora) sentada empertigada nos seus rígidos brocados junto ao fogo, que, por mais alto que o alimentassem, nunca chegava a aquecê-la.

Entretanto, os longos meses de inverno se arrastavam. Todas as árvores do parque estavam recobertas de geada. O rio deslizava vagarosamente. Um dia, quando a neve cobria o chão e os escuros quartos apainelados estavam cheios de sombras, e os veados bramindo no parque, ela viu, no espelho que mantinha junto a si com medo de espiões, à porta, que mantinha sempre aberta com medo de assassinos, um jovem — poderia ser Orlando? — beijando uma moça — quem, em nome do Diabo, seria aquela descarada? Agarrando sua espada de cabo de ouro, golpeou violentamente o espelho. O vidro se quebrou; pessoas vieram correndo; ela foi levantada e recolocada em sua cadeira; mas, depois disso, ficou magoada e à medida que seus dias se findavam queixava-se muito da infidelidade masculina.

Talvez fosse culpa de Orlando; mas, afinal, devemos culpar Orlando? A época era a elisabetana; sua moral não era a nossa; nem os poetas; nem o clima; nem mesmo os legumes. Tudo era diferente. O próprio clima, o calor e o frio do verão e do inverno eram, podemos crer, totalmente de outra feição. O dia brilhante e amoroso era tão completamente separado da noite como a terra da água. Os poentes mais vermelhos e mais intensos; as alvoradas mais brancas e mais luminosas. Nada sabia de nossa meia-luz

crepuscular nem de nossa lânguida penumbra. A chuva ou caía com veemência ou nada. O sol brilhava ou havia a escuridão. Traduzindo isto para as regiões espirituais, como é seu costume, os poetas cantavam lindamente como as rosas fenecem e as pétalas caem. O momento é breve — cantavam; o momento acabou; uma longa noite será dormida por todos. Usar artifícios de estufas ou viveiros para prolongar ou preservar esses cravos e rosas não era de seu feitio. As insípidas complicações e ambiguidades de nossa época mais gradual e duvidosa eram desconhecidas para eles. A violência era tudo. A flor vicejava e murchava. O sol nascia e se punha. O amante amava e partia. E tudo o que os poetas diziam com rimas, os jovens traduziam na prática. As moças eram rosas, e suas estações tão breves quanto as das flores. Precisavam ser colhidas antes do anoitecer; pois o dia era curto, e o dia era tudo. Portanto, se Orlando seguia a tendência do clima, dos poetas e da própria época, e colhia sua flor no peitoral da janela mesmo com a neve cobrindo o chão e a rainha vigilante no corredor, não podemos culpá-lo. Ele era jovem; era ingênuo; só fazia o que a natureza lhe ordenava. Quanto à moça, ignoramos seu nome, tanto quanto a rainha Elizabeth. Poderia ser Doris, Clóris, Délia ou Diana, pois ele fizera versos para todas elas; poderia igualmente ter sido uma dama da corte ou alguma aia. Pois o gosto de Orlando era amplo; não amava apenas as flores de jardim; as selvagens e as ervas daninhas sempre exerceram fascínio sobre ele.

Aqui, sem dúvida, revelamos rudemente — como um biógrafo pode — um traço curioso nele, que talvez possa ser explicado pelo fato de uma de suas avós ter usado avental e carregado baldes de leite. Alguns grãos da terra de Kent ou de Sussex se misturaram ao fino e delicado fluido proveniente da Normandia. Ele sustentava que a mistura da terra marrom e sangue azul era boa. É certo que sempre gostara da companhia de inferiores, especialmente dos letrados, cuja sabedoria frequentemente os mantém em nível inferior, como se houvesse uma afinidade sanguínea entre eles. Nesta fase de sua vida, em que a cabeça estava cheia de rimas, nunca ia para a cama sem emitir algum conceito, a face da filha do hospedeiro parecia mais fresca, e a sagacidade da sobrinha do guarda-caça mais veloz que a das senhoras da corte. Assim, começou a ir com frequência a Wapping Old Staire e às cervejarias à noite, envolto numa capa cinza para ocultar a estrela no pescoço e a jarreteira no joelho. Lá, com uma caneca diante de si, entre as alamedas de areia e campos de jogos

de bola e toda a arquitetura simples desses lugares, ouvia histórias dos marinheiros, da miséria, horror e crueldade do mar das Antilhas; de como alguns perderam os dedos do pé, outros os narizes — pois a história oral nunca era tão refinada nem ricamente colorida quanto a escrita. Acima de tudo, gostava de ouvi-los disparar suas canções dos Açores, enquanto os papagaios, trazidos daquela região, bicavam os brincos em suas orelhas, batiam com os bicos duros e ávidos nos rubis em seus dedos e praguejavam de forma tão vil quanto seus donos. As mulheres eram pouco menos atrevidas em seu discurso e menos livres em seus modos do que os pássaros. Empoleiravam-se em seus joelhos, lançavam os braços ao redor de seu pescoço e, percebendo que algo fora do comum se escondia sob sua capa de pano grosso, ficavam tão ansiosas em chegar à descoberta quanto o próprio Orlando.

Não faltavam oportunidades. O rio estava agitado desde cedo com barcaças, balsas e embarcações de todos os tipos. Cada dia zarpava um belo navio rumo às Índias; de vez em quando um outro enegrecido e desconjuntado, com homens cabeludos a bordo, arrastava-se penosamente para ancorar. Ninguém sentia falta de um rapaz ou de uma moça que vadiassem um pouco a bordo depois do pôr do sol; nem erguia a sobrancelha se os mexeriqueiros os vissem dormindo profundamente, abraçados, entre os sacos de tesouro. Esta foi, sem dúvida, a aventura que aconteceu a Orlando, Sukey e o conde de Cumberland. O dia estava quente; seus amores tinham sido intensos; eles adormeceram entre os rubis. Tarde da noite, o conde, cuja fortuna estava ligada a empresas espanholas, veio verificar o saque sozinho, com uma lanterna. Projetou a luz num barril. Recuou assustado, praguejando. Abraçados junto ao casco, dois espíritos dormiam. Supersticioso por natureza, e com a consciência pesada por muitos crimes, o conde tomou o casal — eles estavam envoltos num manto vermelho, e o peito de Sukey era quase tão branco quanto as neves eternas da poesia de Orlando — por um espectro saído das tumbas dos marinheiros afogados, para acusá-lo. Benzeu-se. Jurou arrependimento. A fileira de asilos que ainda existe na Sheen Road é o fruto visível deste momento de pânico. Doze velhas pobres da paróquia hoje bebem chá e à noite bendizem o Senhor pelo teto sobre suas cabeças; por um amor ilícito num navio carregado de tesouros — mas omitimos a moral.

Logo, entretanto, Orlando se cansou, não apenas do desconforto desse tipo de vida e das tortuosas ruas dos arredores, mas também das maneiras primitivas do povo. Pois é preciso lembrar que o crime e a pobreza não tinham para os elisabetanos a mesma atração que têm para nós. Eles não possuíam a vergonha moderna de ter aprendido nos livros; nem a nossa crença de que ser filho de um açougueiro é uma bênção e não saber ler, uma virtude; não imaginavam que o que chamamos "vida" e "realidade" estivesse relacionado de alguma forma com ignorância e brutalidade; nem tinham, na verdade, nenhum equivalente para estas duas palavras. Não foi para procurar a "vida" que Orlando andou entre eles; nem para procurar a "realidade" que os abandonou. Mas, depois de ouvir um certo número de vezes como Jakes perdera o nariz e Sukey a honra — eles contam histórias admiravelmente, é preciso admitir —, começou a ficar fatigado da repetição, pois um nariz só pode ser cortado de uma maneira, e a virgindade perdida de outra — ou assim lhe pareceu —, enquanto as artes e as ciências eram de uma diversidade tal que estimulavam sua curiosidade profundamente. Assim, embora levando deles boas recordações, deixou de frequentar as cervejarias, os jogos de boliche, pendurou a capa cinzenta no armário, deixou a estrela brilhar no pescoço e a jarreteira cintilar no joelho e voltou para a corte do rei Jaime. Era jovem, rico e belo. Ninguém poderia ter sido recebido com maior aclamação do que ele.

É claro que muitas damas estavam prontas a lhe conceder seus favores. Pelo menos três nomes foram livremente associados ao seu em matrimônio: Clorinda, Favila, Eufrosina — assim as chamou em seus sonetos.

Tomando-as por ordem: Clorinda era uma jovem de modos bastante graciosos; — é certo que Orlando tinha andado muito interessado nela por seis meses e meio; contudo ela tinha pestanas brancas e não podia suportar a visão de sangue. Uma lebre assada, trazida à mesa de seu pai, fez com que desmaiasse. Era também excessivamente influenciada pela Igreja e economizava sua roupa branca para dar aos pobres. Decidiu corrigir Orlando de seus pecados, o que o aborreceu tanto que resolveu desistir do casamento e não lamentou muito quando ela morreu de varíola, pouco tempo depois.

Favila, a próxima, era muito diferente. Era filha de um cavalheiro pobre de Somersetshire; que, por total perseverança e pelos trejeitos de seus

olhos, conseguira chegar à corte, onde sua destreza na equitação, seus belos tornozelos e sua graça ao dançar conquistaram a admiração de todos. Um dia, porém, teve a má ideia de espancar um cachorro *spaniel* que lhe rasgara a meia de seda (e, para ser justo, deve ser dito que Favila tinha poucas meias e que a maioria era de lã) deixando-o quase sem vida, debaixo da janela de Orlando. Orlando, que era apaixonado por animais, logo reparou que os dentes dela eram tortos, os dois da frente virados para dentro, o que considerava ser nas mulheres um sinal infalível de caráter perverso e cruel, e assim, naquela mesma noite, desfez o compromisso para sempre.

A terceira, Eufrosina, foi sem dúvida a mais séria destas paixões. Ela era, de berço, dos Desmonds da Irlanda e tinha uma árvore genealógica tão antiga e profundamente arraigada quanto a do próprio Orlando. Era loura, corada e um pouco apática. Falava bem italiano, tinha uma fileira de dentes perfeitos no maxilar superior, embora os do maxilar inferior fossem um pouco desbotados. Nunca estava sem um cão de corrida ou um *spaniel* no colo; alimentava-o com pão branco de seu próprio prato; cantava docemente acompanhando o virginal; e nunca estava pronta antes do meio-dia devido ao extremo cuidado que dedicava à aparência. Em suma, teria sido uma perfeita esposa para um nobre como Orlando, e as coisas estavam tão adiantadas que os advogados de ambas as partes se ocupavam com contratos, dotes, legados, senhorios, aforamentos e tudo o que é necessário antes que uma grande fortuna possa se juntar a outra, quando, com a rapidez e o rigor que então caracterizavam o clima inglês, chegou a Grande Geada.

A Grande Geada foi, segundo os historiadores, a mais severa que jamais atingiu estas ilhas. Os pássaros gelavam no ar e caíam como pedras no chão. Em Norwich, uma jovem camponesa de saúde vigorosa, que se dispunha a atravessar a rua, foi vista por testemunhas desfazer-se em pó e ser soprada como uma lufada de poeira para cima dos telhados quando uma rajada glacial a atingiu numa esquina. A mortandade de rebanhos e de gado foi enorme. Os cadáveres congelavam e não podiam ser arrancados dos lençóis. Não era raro se encontrar uma vara inteira de porcos congelados, imóveis, no caminho. Os campos estavam cheios de pastores, lavradores, parelhas de cavalos e meninos como espantalhos, todos paralisados na atitude do momento, um com a mão no nariz, outro com a garrafa na boca, um terceiro com uma pedra pronta para ser arremessada

num corvo que pousava, como se empalhado, numa cerca próxima. O rigor da geada era tanto que às vezes causava uma certa petrificação; e era comum se acreditar que o grande aumento de rochas em algumas partes de Derbyshire se devia não à erupção, pois não houve nenhuma, mas à solidificação de infelizes caminhantes, literalmente transformados em pedra, no lugar em que se encontravam. A Igreja pouco ajudou no assunto, e, embora alguns proprietários fossem benzer essas relíquias, a maioria preferiu usá-las como marcos, postes para as ovelhas se coçarem, ou, quando a forma da pedra permitia, como bebedouro para o gado, funções a que servem, em geral, admiravelmente até hoje.

Mas, enquanto os camponeses sofriam necessidade extremas e o comércio do país estava paralisado, Londres desfrutava de um carnaval de brilho máximo. A corte estava em Greenwich, e o novo rei aproveitou a oportunidade de sua coroação para se congraçar com os cidadãos. Ordenou que o rio, que congelara a uma profundidade de mais de vinte pés, e por seis ou sete milhas de ambos os lados, fosse varrido, decorado e tivesse o aspecto de um parque de diversões, com caramanchões, labirintos, alamedas, barracas de bebidas etc., a suas próprias expensas. Para si e para seus cortesãos reservou um certo espaço, imediatamente em frente aos portões do palácio, que, separado do público apenas por um cordão de seda, logo se tornou o centro da mais brilhante sociedade da Inglaterra. Grandes políticos, com barbas e gorjeiras, despachavam assuntos oficiais sob o toldo vermelho da Tenda Real. Soldados planejavam a conquista dos mouros e a derrota dos turcos em pavilhões listrados, encimados por plumas de avestruz. Almirantes caminhavam de um lado para outro nas alamedas estreitas, com lunetas na mão, varrendo o horizonte e contando histórias da travessia do noroeste e da Invencível Armada. Os amantes namoravam nos divãs cobertos por peles de marta. Uma chuva de rosas geladas caía quando a rainha passeava com suas damas. Balões coloridos permaneciam imóveis no ar. Aqui e ali ardiam vastas fogueiras de madeira de cedro e carvalho, profusamente salgadas, para que as chamas fossem verdes, laranja e púrpura. Mas, por mais ferozmente que ardessem, o calor não era suficiente para derreter o gelo que, embora duro como aço, era de uma transparência singular. Era tão límpido que se podia ver congelados a uma profundidade de vários pés aqui um golfinho, ali um linguado. Cardumes de enguias jaziam imóveis, em transe, mas se seu estado era de morte ou de interrupção de vida que o calor pudesse reanimar,

desconcertava filósofos. Perto da ponte de Londres, onde o rio gelara até umas vinte braças de profundidade, um navio era totalmente visível, jazendo no leito do rio no local onde naufragara, no último outono, carregado de maçãs. A velha do barco, que levava sua fruta para o mercado na ribeira de Surrey, estava sentada nas suas mantas e saia-balão, com o regaço cheio de maçãs, e, para todo mundo, parecia que estava atendendo um freguês, embora um certo tom azulado em seus lábios sugerisse a verdade. Era uma visão que o rei Jaime gostava de contemplar, e trazia um bando de cortesãos para admirar com ele. Em suma, nada podia exceder o brilho e alegria da cena, durante o dia. Mas era à noite que o carnaval ficava mais alegre. Porque o gelo continuava intacto; as noites eram de tranquilidade perfeita; a lua e as estrelas brilhavam com a dura fixidez de diamantes, e ao som da bela música de flauta e trombeta os cortesãos dançavam.

Orlando, é certo, não era daqueles que dançavam com leveza o *coranto* e a *lavolta*; era desajeitado e um pouco distraído. Preferia as danças simples de sua região, que dançava desde menino, a estes fantásticos compassos estrangeiros. Tinha acabado justamente uma quadrilha ou um minueto, pelas seis da tarde do dia 7 de janeiro, quando viu, saindo do pavilhão da embaixada moscovita, uma figura de homem ou de mulher, pois a túnica ampla e as calças à moda russa serviam para disfarçar o sexo, que o encheu da maior curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse seu nome ou sexo, era de estatura mediana, de forma delgada e inteiramente vestida de veludo cor de ostra, orlado de uma estranha pele esverdeada. Mas esses detalhes eram obscurecidos pela extraordinária sedução proveniente da própria pessoa. Imagens, metáforas das mais excessivas e extravagantes se entrelaçaram e reviraram em sua cabeça. Ele a chamou de melão, abacaxi, oliveira, esmeralda ou raposa na neve, tudo no espaço de três segundos; não sabia se a tinha ouvido, provado, visto ou feito as três coisas juntas. (Pois, embora não devamos interromper em nenhum momento a narrativa, temos que anotar aqui, às pressas, que todas as suas imagens naquela época eram extremamente simples, para combinarem com seus sentidos, e eram, em sua maioria, extraídas de coisas de que tinha gostado em pequeno. Mas, se os sentidos eram simples, eram, ao mesmo tempo, extremamente fortes. Parar e procurar a razão das coisas era impossível.)… Um melão, uma esmeralda, uma raposa na neve — assim delirava, assim a fitava. Quando o rapaz, porque, ai de mim!, tinha de ser

um rapaz — nenhuma mulher poderia patinar com tanta velocidade e vigor —, passou por ele quase na ponta dos pés, Orlando quase arrancou os cabelos de vergonha ao ver que a pessoa era do seu sexo, e que os abraços estavam fora de questão. Mas o patinador se aproximou. Pernas, mãos, porte eram de rapaz, mas nenhum rapaz tinha uma boca assim; nenhum rapaz tinha aqueles peitos; nenhum rapaz tinha olhos daqueles, que pareciam pescados no fundo do mar. Por fim, parando e dirigindo com a maior graça uma reverência para o rei, que negligentemente passava de braço com um camareiro, o patinador desconhecido parou. Ela estava ao alcance da mão. Era uma mulher. Orlando fitou-a; tremeu; sentiu calor; sentiu frio; teve vontade de se atirar pelo ar de verão; esmagar com os pés bolotas de carvalho; sacudir o braço com as faias e os carvalhos. Na verdade, ergueu os lábios sobre os pequenos dentes brancos; abriu-os talvez meia polegada, como se fosse morder algo; fechou-os como se tivesse mordido. Lady Eufrosina pendia de seu braço.

Ele descobriu que o nome da estrangeira era princesa Marousha Stanilovska Dagmar Natasha Iliana Romanovitch, e viera na comitiva do embaixador moscovita, seu tio ou talvez seu pai, para assistir à coroação. Muito pouco se sabia dos moscovitas. Com barbas grandes e chapéus de peles, sentavam quase sempre em silêncio, tomando uma bebida escura que cuspiam de vez em quando no gelo. Nenhum falava inglês, e o francês ao qual alguns estavam pelo menos familiarizados era então pouco falado na corte da Inglaterra.

Foi por causa desse incidente que Orlando e a princesa se conheceram: estavam sentados um diante do outro, na grande mesa preparada sob um toldo enorme, para abrigo dos nobres. A princesa estava entre dois jovens senhores, um, Lorde Francis Vere, e o outro, o jovem conde de Moray. Era cômico ver a situação em que ela os colocara, pois, embora ambos fossem, a seu modo, belos rapazes, seus conhecimentos de francês eram como os de um recém-nascido. Quando, no começo do jantar, a princesa virou-se para o conde e disse com uma graça que lhe arrebatou o coração: "*Je crois avoir fait la connaissance d'un gentilhomme qui vous; était apparenté en Pologne l'eté dernier*"[5] — ou — "*La beau-té des dames de la cour d'Angleterre me met dans le ravissement. On ne peut voir une dame plus gracieuse que votre reine, ni une coiffure plus belle que la sienne*",[6] tanto Lorde Francis quanto o conde mostraram o maior embaraço. Um serviu-a abundantemente de molho de rábano, e o outro assobiou para o

seu cachorro e fez com que ele pedisse um osso com tutano. Diante disso, a princesa não pôde mais conter o riso, e Orlando, captando seus olhos entre as cabeças de javali e os pavões recheados, riu também. Ele riu, mas o riso em seus lábios congelou de admiração. A quem teria amado, o que ele teria amado até agora?, perguntava a si mesmo, num tumulto de emoção. Uma velha senhora, que era só pele e ossos, respondia. Prostitutas de faces vermelhas, inúmeras para serem mencionadas. Uma monja choramingueira. Uma aventureira intratável e desbocada. Uma sonolenta massa de renda e etiqueta. O amor não tinha sido para ele mais do que serragem e cinzas. As alegrias que ele tinha experimentado, insípidas ao extremo. Admirava-se como pudera passar por isso sem bocejar. Pois quando a olhava, a espessura de seu sangue se derretia; o gelo se transformava em vinho em suas veias; ouvia as águas fluindo e os pássaros cantando; a primavera rompeu a pesada paisagem invernal; sua virilidade despertou; ele empunhou uma espada; investiu contra um inimigo mais ousado do que um polonês ou um mouro; mergulhou na água profunda; viu a flor do perigo crescendo numa fresta; estendeu a mão — na verdade, estava declamando um dos seus mais apaixonados sonetos quando a princesa se dirigiu a ele:

— Poderia ter a bondade de me passar o sal?

Ele corou violentamente.

— Com o maior prazer do mundo, Madame — respondeu, falando em francês com uma pronúncia perfeita. Pois, o céu seja louvado, ele falava a língua como se fosse a sua própria; a aia de sua mãe lhe havia ensinado. Contudo, porém, talvez tivesse sido melhor para ele que nunca tivesse aprendido aquela língua; nunca tivesse respondido àquela voz; nunca tivesse seguido a luz daqueles olhos...

A princesa prosseguiu. Quem eram aqueles dois grosseirões, perguntou, que estavam sentados a seu lado, com maneiras de cavalariços? Que era aquela mistura repugnante que derramavam em seu prato? Os cães na Inglaterra comiam na mesma mesa que os homens? Aquela figura grotesca na extremidade da mesa, com cabelo enfeitado como um pau de sebo, (*comme une grande perche mal fagotée*)-[7] era realmente a rainha? E o rei, babava sempre assim? E qual daqueles papagaios era George Villiers? Embora essas perguntas, no início, desconcertassem Orlando, eram feitas com tanta brejeirice e graça que ele não pôde deixar de rir; e viu, pelos rostos inexpressivos dos companheiros, que ninguém compreendeu uma só

palavra, e respondeu-lhe tão livremente quanto ela perguntou, falando como ela em um francês perfeito.

Assim começou entre ambos uma intimidade que logo se tornou o escândalo da corte.

Logo foi observado que Orlando dispensava à moscovita mais atenção do que a mera civilidade exigia. Raramente se afastava dela, e sua conversa, embora ininteligível para os outros, era conduzida com tal animação, provocava tantos rubores e risos que os mais estúpidos podiam adivinhar o assunto. Além disso, a mudança do próprio Orlando era extraordinária. Ninguém jamais o vira tão animado. Em uma noite ele se livrara da sua falta de jeito de menino; mudara, de um adolescente mal-humorado, que não podia entrar num aposento feminino sem derrubar metade dos enfeites da mesa, em um fidalgo cheio de graça e cortesia varonil. Vê-lo conduzir a moscovita (como ela era chamada) para o seu trenó, ou oferecer-lhe a mão para uma dança, ou apanhar o lenço pintado que ela deixara cair, ou cumprir qualquer outro desses múltiplos deveres que a suprema dama exige e o amante se apressa em atender, era uma visão que excitava os olhos dos velhos e fazia bater mais rápido o pulso dos jovens. Sobre isso tudo, no entanto, pairava uma nuvem. Os velhos davam de ombros. Os jovens sorriam dissimuladamente. Todos sabiam que Orlando estava comprometido com outra. Lady Margaret O'Brien O'Dare O'Reilly Tyrconnel (pois este era o verdadeiro nome da Eufrosina dos sonetos) usava a esplêndida safira de Orlando no segundo dedo da mão esquerda. Era ela quem tinha o direito supremo às suas atenções. No entanto, ela podia deixar cair no gelo todos os lenços de seu guarda-roupa (os quais tinha em grande número) sem que Orlando se curvasse para apanhá-los. Podia esperar vinte minutos por ele para que a conduzisse ao seu trenó e por fim contentar-se com os serviços de seu lacaio negro. Quando patinava, o que fazia desajeitadamente, ninguém estava ao seu lado para encorajá-la, e, se caísse, o que fazia um tanto pesadamente, ninguém a levantava do chão, nem lhe sacudia a neve das saias. Embora fosse naturalmente fleugmática, custasse a se ofender e fosse mais relutante do que a maioria das pessoas em acreditar que uma simples estrangeira pudesse afastá-la da afeição de Orlando, a própria Lady Margaret, por fim, chegou a suspeitar de que algo estava sendo tramado contra a sua paz de espírito.

Na verdade, à medida que os dias se passavam, Orlando tinha cada vez menos cuidado em ocultar seus sentimentos. Dando uma desculpa ou outra, retirava-se logo após o jantar ou escapava dos patinadores quando estavam formando pares para uma quadrilha. Logo em seguida via-se que a moscovita tinha desaparecido também. Porém o que mais ultrajava a corte e a feria na parte mais sensível, que é a sua vaidade, era que o casal era frequentemente visto deslizando sob o cordão de seda que separava o recinto real da parte pública do rio, desaparecendo no meio da multidão. Pois de repente a princesa batia o pé e gritava: "Leve-me daqui. Eu detesto sua plebe inglesa", referindo-se à própria corte inglesa. Ela não podia suportar mais. Estava cheia de velhas intrometidas que encaravam as pessoas, disse, e de jovens convencidos que lhe pisavam os pés. Eles cheiravam mal. Seus cachorros corriam-lhe por entre as pernas. Era como estar numa jaula. Na Rússia havia vales com dez milhas de largura, por onde se podia galopar com seis cavalos lado a lado o dia inteiro sem encontrar vivalma. Além disso, ela queria ver a Torre, os Guardas, as Cabeças Decapitadas em Temple Bar e as joalherias da cidade. Assim, Orlando levou-a à cidade, mostrou-lhe os Guardas e as cabeças dos rebeldes e comprou tudo aquilo de que ela se agradou na Bolsa Real. Mas não era o suficiente. Ambos desejavam cada vez mais a companhia um do outro, em particular, o dia todo, onde não houvesse ninguém que os olhasse e importunasse. Por isso, em vez de seguirem caminho para Londres davam a volta pelo outro lado e logo tinham ultrapassado a multidão ao longo dos braços gelados do Tâmisa, onde não encontravam ninguém exceto aves marinhas ou alguma velha camponesa quebrando gelo numa vã tentativa de conseguir um balde d'água, ou catando alguns gravetos ou folhas secas que pudesse achar para o fogo. Os pobres permaneciam perto de suas casas, e os que tinham mais recursos se dirigiam para a cidade em busca de calor e alegria.

Por isso, Orlando e Sasha, como ele a chamava para abreviar e porque era um nome de uma raposa branca russa que ele tivera em pequeno — uma criatura suave como a neve, mas com dentes de aço que o mordeu tão ferozmente que seu pai mandou matar —, por isso eles ficavam com o rio para si. Aquecidos pela patinação e pelo amor, atiravam-se em algum lugar solitário, onde os juncos amarelos adornavam a margem, e Orlando, envolto numa grande capa de pele, tomava-a nos braços e, pela primeira vez — murmurava —, conhecia as delícias do amor. Então, quando o

êxtase terminava, jaziam acalmados sobre o gelo e ele lhe falava de seus outros amores e como, comparados ao dela, tinham sido de madeira, de estopa e de cinzas. E, rindo de sua veemência, ela virava-se mais uma vez nos seus braços, dando-lhe mais um abraço como prova de amor. E então eles se maravilhavam que o gelo não tivesse derretido com o seu calor e se apiedavam da pobre velha que não dispunha de meios naturais para derretê-lo e tinha que quebrá-lo com um machado de aço frio. E então, envoltos em suas peles, conversavam sobre tudo o que existe sob o sol; de paisagens e viagens; de mouros e pagãos; da barba deste homem e da pele daquela mulher; de um rato alimentado à mesa pela mão dela; da tapeçaria que se movia sem parar na sala da casa; de um rosto; de uma pluma. Nada era pequeno demais para a conversa, e nada era tão grande.

Depois, de repente, Orlando caía numa de suas expressões de melancolia; a visão da velha mancando sobre o gelo podia ser a causa disso, ou não haver nada; atirava-se de rosto para baixo no gelo, olhava as águas congeladas e pensava na morte. Pois o filósofo tem razão ao dizer que nada mais espesso do que a lâmina de uma faca separa a felicidade da melancolia; e prossegue opinando que são gêmeas; e daí chega à conclusão de que todos os sentimentos extremos são aparentados da loucura; e assim convida-nos a buscar refúgio na verdadeira Igreja (a seu ver, a Anabatista), único porto, enseada, ancoradouro etc., dizia, para aqueles que se debatem neste mar.

— Tudo termina em morte — dizia Orlando, aprumando-se, o rosto velado de tristeza. (Pois era assim que sua mente trabalhava agora, em violentas oscilações entre a vida e a morte, sem se deter no meio, de modo que o biógrafo também não pode parar, tem que voar tão rápido quanto possível e acompanhar o passo das ações impensadas, apaixonadas e loucas e de súbitas palavras extravagantes a que, é impossível negar, Orlando se entrega neste momento de sua vida.)

— Tudo acaba em morte — dizia Orlando, sentando-se no gelo. Mas Sasha, que afinal não tinha sangue inglês mas que era da Rússia, onde os crepúsculos eram mais longos, as auroras menos repentinas e as frases muitas vezes abandonadas sem terminação pela dúvida de como terminá-las da melhor maneira —, Sasha fitava-o, talvez escarnecendo, pois ele devia parecer-lhe uma criança — e não dizia nada. Mas finalmente o gelo esfriava debaixo deles, o que a ela não agradava, então fazia com que se levantasse, falava-lhe de forma tão encantadora, tão sedutora e tão sábia

(mas infelizmente sempre em francês, o que, evidentemente, perde o sabor com a tradução) que ele esquecia as águas geladas, ou o cair da noite, ou a velhinha, ou o que quer que fosse, e tentava dizer-lhe — mergulhando e revolvendo-se entre mil imagens, tão gastas quanto as mulheres que as inspiraram — com o que ela parecia. Neve, creme, mármore, cerejas, alabastro, fio de ouro? Nada disso. Era com uma raposa ou como uma oliveira; como as ondas do mar quando vistas do alto; como uma esmeralda; com o sol numa colina verde ainda enevoada — como nada que ele tivesse visto ou conhecido na Inglaterra. Por mais que rebuscasse a língua, as palavras lhe faltavam. Queria uma outra paisagem e outro idioma. O inglês claro demais, cândido demais, meloso demais para Sasha. Pois em tudo o que ela dizia, embora parecesse franca e voluptuosa, havia alguma coisa oculta; em tudo o que fazia, ainda que ousado, havia algo escondido. Assim, a chama verde parece oculta numa esmeralda, ou o sol aprisionado numa colina. A claridade era apenas exterior; por dentro havia uma chama errante. Ia e vinha; nunca resplandecia como a chama imperturbável de uma mulher inglesa — aqui, no entanto, lembrando-se de Lady Margaret e suas saias, Orlando exaltava-se em seu arrebatamento e arrastava-a pelo gelo mais depressa, cada vez mais depressa, jurando alcançar a chama, mergulhar pela joia, e assim por diante, as palavras entrecortadas com a paixão de um poeta cuja poesia é meio provocada pela dor.

Mas Sasha ficava calada. Quando Orlando, cansado de dizer que ela era uma raposa, uma oliveira, ou o cume de uma colina verde, e tinha contado toda a história de sua família; como sua casa era uma das mais antigas da Inglaterra; como eles tinham vindo de Roma com os Césares e tinham direito de passear pelo Corso (que é a principal rua de Roma) sob um palanquim adornado, o que ele dizia ser um privilégio reservado unicamente àqueles de sangue imperial (pois havia uma credulidade orgulhosa de sua parte que era bastante agradável), ele parava e perguntava a ela: Onde era a sua casa? O que o seu pai era? Tinha irmãos? Por que ela estava ali sozinha com o tio? Então, embora ela respondesse prontamente, um mal-estar surgia entre eles. Ele suspeitou, a princípio, de que ela não pertencesse a um nível social tão alto quanto pretendia; ou que tivesse vergonha das maneiras selvagens de seu povo, pois ele ouvia dizer que as mulheres em Moscou usavam barbas e os homens se cobriam com peles da cintura para baixo; que ambos os sexos se untavam com sebo para

se proteger do frio, rasgavam carne com os dedos e viviam em cabanas onde um nobre inglês teria escrúpulo de abrigar o seu gado; então desistiu de pressioná-la. Mas, refletindo, concluiu que esta não poderia ser a razão de seu silêncio; ela mesma era inteiramente desprovida de pelos no queixo; vestia-se de veludo e pérolas, e suas maneiras não eram certamente as de uma mulher criada num estábulo.

O que, então, ela ocultava dele? A dúvida subjacente à tremenda força de seus sentimentos era como areia movediça sob um monumento que de repente desliza e faz tremer toda a construção. Subitamente a angústia se apoderava dele. Então se exaltava com tanta ira que ela não sabia como acalmá-lo. Talvez não quisesse acalmá-lo; talvez suas raivas a agradassem, e ela o provocava de propósito — tal é a curiosa sinuosidade do temperamento moscovita.

Para continuar a história — patinando mais longe do que o de costume, naquele dia alcançaram a parte do rio onde os navios tinham ancorado e estavam congelados no meio da corrente. Entre eles estava o navio da embaixada moscovita, com sua águia negra de duas cabeças flutuando no mastro principal, suspensa por coloridos pingentes de neve, de muitas jardas de comprimento. Sasha deixara algumas de suas roupas a bordo, e, supondo que o navio estivesse vazio, eles subiram ao convés e foram buscá-las. Recordando certas passagens de seu próprio passado, Orlando não teria se admirado que alguns bons cidadãos tivessem procurado este refúgio antes deles, e assim aconteceu, na verdade. Não tinham ido longe quando um belo jovem levantou-se de alguma ocupação com que se entretinha atrás de um rolo de cordas e, dizendo, aparentemente, pois ele falava russo, que era um dos membros da tripulação, e que ajudaria a princesa a encontrar o que ela queria, acendeu um coto de vela e desapareceu com ela na parte inferior do navio.

O tempo passava, e Orlando, envolto em seus próprios sonhos, pensava apenas nos prazeres da vida; em sua joia; em sua raridade; nos meios de torná-la sua, irrevogável e indissoluvelmente. Havia obstáculos e dificuldades a superar. Ela estava decidida a viver na Rússia, onde havia rios gelados e cavalos selvagens e homens, dizia, que se degolavam uns aos outros. É verdade que a paisagem de pinheiros e neve, hábitos de luxúria e carnificina não o seduziam. Nem estava ansioso em deixar os seus agradáveis hábitos rurais de esportes e plantio de árvores; em renunciar ao seu cargo, abandonar sua carreira; em atirar em renas em vez

de em lebres; em beber vodca em vez de vinho, e carregar uma faca na manga — não sabia para quê. No entanto, tudo isso e muito mais ele faria por ela. Quanto ao seu casamento com Lady Margaret, embora marcado para daí a uma semana, parecia-lhe tão absurdo que nem pensava nisso. Os parentes dela o censurariam por ter abandonado uma grande dama; os amigos dele zombariam por arruinar a mais bela carreira do mundo por uma mulher cossaca e um deserto de neve — isto não pesava uma palha, comparado a Sasha. Na primeira noite escura eles fugiriam. Tomariam um navio para a Rússia. Assim pensava, assim tramava, andando de um lado para outro no convés.

Virando-se para oeste, foi chamado à realidade pela visão do sol, suspenso como uma laranja na cruz da catedral de São Paulo. Estava cor de sangue e descia rapidamente. Devia ser quase noite. Sasha tinha ido há mais de uma hora. Apanhado instantaneamente por aqueles sentimentos obscuros que sombreavam mesmo os seus pensamentos mais confiantes a respeito dela, desceu pelo caminho que os vira tomar para o porão do navio; e, depois de tropeçar na escuridão entre caixas e barris, vislumbrou, num canto, que eles estavam sentados ali. Por um segundo teve a visão dos dois; Sasha estava sentada nos joelhos do marinheiro; viu-a curvar-se para ele; viu-os abraçarem-se antes que a luz desaparecesse numa nuvem vermelha de sua ira. Lançou um tal uivo de angústia que ecoou pelo navio inteiro. Sasha atirou-se entre os dois, senão o marinheiro teria sido eliminado antes que pudesse apanhar o seu sabre. Então um terrível mal-estar se apoderou de Orlando, eles tiveram que deitá-lo no chão e dar-lhe aguardente para reanimá-lo. E então, quando se recuperou, sentou-se sobre um monte de sarapilheira, Sasha inclinou-se para ele, passando diante de seus olhos tontos, suavemente, sinuosamente, como uma raposa que o tivesse mordido, ora bajulando, ora ameaçando, de modo que ele chegou a duvidar do que tinha visto. A vela não teria derretido, as sombras não teriam se movido? A caixa era pesada, ela disse; o homem estava ajudando-a a carregá-la. Orlando acreditou nela por um momento — pois, como ter certeza que a sua raiva não pintara aquilo que ele mais temia encontrar? — porém logo ficou mais violentamente indignado com a sua falsidade. Então Sasha empalideceu; bateu o pé no convés; disse que partiria naquela noite e invocou seus Deuses para que a destruíssem se ela, uma Romanovitch, tivesse estado nos braços de um simples marinheiro. Na verdade, vendo-os juntos (o que ele dificilmente se animava a fazer),

Orlando se envergonhava pela infâmia de sua imaginação, capaz de pintar uma criatura tão frágil nas patas daquele peludo monstro do mar. O homem era enorme; tinha mais de seis pés de altura; usava argolas de arame nas orelhas; parecia um cavalo de carga sobre o qual uma carriça ou um tordo tivesse pousado. Então ele se rendeu; acreditou nela e pediu-lhe perdão. Mas, ao descerem do navio, novamente enamorados, Sasha parou com a mão na escada e lançou ao monstro queimado de cara larga uma série de cumprimentos, gracejos ou carinhos em russo, dos quais Orlando não compreendeu uma palavra. Mas havia algo em seu tom (podia ser o problema das consoantes russas) que lembrava a Orlando uma cena, noites atrás, quando encontrara com ela, num canto, roendo em segredo um toco de vela que apanhara no chão. É certo que era róseo; que era dourado; que era da mesa do rei; mas era de sebo, e ela o roía. Não havia nela, pensava, conduzindo-a para o gelo, alguma coisa grosseira, alguma coisa de sabor áspero, alguma coisa de camponesa? E ele a imaginava aos quarenta anos, pesadona — embora agora fosse esbelta como um junco — e entorpecida — embora agora fosse alegre como uma cotovia. Mas novamente, quando patinavam em direção a Londres, tais suspeitas se dissolveram em seu peito, e ele sentiu como se tivesse sido fisgado pelo nariz por um grande peixe e impelido a contragosto pelas águas, embora com o seu próprio consentimento.

Era uma tarde de espantosa beleza. Com o pôr do sol, todas as cúpulas, agulhas, torreões e pináculos de Londres se erguiam num negrume de tinta contra as furiosas nuvens vermelhas do poente. Aqui era a cruz ornada de Charing; ali, a cúpula da catedral de São Paulo; lá, o bloco compacto dos edifícios da Torre; adiante, como um grupo de árvores despojadas de todas as folhas — exceto um tufo na extremidade —, estavam as cabeças nas varas em Temple Bar. Agora, as janelas da Abadia estavam acesas e brilhavam como um celestial escudo multicolorido (na imaginação de Orlando); agora, todo o poente parecia uma janela dourada com tropas de anjos (ainda na imaginação de Orlando) subindo e descendo continuamente as escadarias do céu. O tempo todo eles pareciam patinar nas impenetráveis profundezas do ar, de tão azul que o gelo se tornara; e tão transparentemente liso que eles deslizavam cada vez mais rápido para a cidade, cercados por gaivotas brancas que cortavam no ar, com as asas, os mesmos círculos que eles cortavam no gelo com os patins.

Sasha, como que para tranquilizá-lo, estava mais terna do que de costume e ainda mais encantadora. Raramente tinha querido conversar a respeito de seu passado, mas agora lhe contava como no inverno, na Rússia, escutava os lobos uivando pelas estepes, e, para demonstrar-lhe, uivou como um lobo três vezes. Ele, então, falou dos veados na neve, em sua casa, de como vagavam pelo grande vestíbulo em busca de calor e eram alimentados por um velho que lhes dava mingau de um balde. E então ela o elogiou; por seu amor pelos animais; por sua galanteria; por suas pernas. Encantado com os elogios e envergonhado de pensar como tinha maliciado imaginando-a no colo de um marinheiro vulgar, e gorda e entorpecida aos quarenta anos, ele disse que não encontrava palavras para elogiá-la; mas logo considerou que ela era como a primavera e a grama verde e as águas correntes e, apertando-a mais fortemente do que nunca, rodopiou com ela pelo rio, de forma que as gaivotas e os corvos-marinhos rodopiaram também. E parando afinal, sem fôlego, ela disse, levemente ofegante, que ele era como uma árvore de Natal com um milhão de velas (como as que há na Rússia), com bolas amarelas penduradas; incandescente; suficiente para iluminar uma rua inteira (assim se poderia traduzir); pois, com suas faces brilhantes, seus cachos escuros, sua capa preta e carmesim, ele parecia arder com seu próprio esplendor, vindo de uma lâmpada acesa dentro de si.

Toda a cor, salvo o vermelho das faces de Orlando, em breve se desvaneceu. A noite chegou. Quando a luz alaranjada do poente desapareceu, foi substituída por um assombroso clarão branco das tochas, fogueiras, lanternas e outros recursos com os quais o rio era iluminado, e aconteceu a mais estranha transformação. Várias igrejas e palácios nobres, cujas fachadas eram de pedra branca, desenhavam-se em linhas e manchas como se flutuassem no ar. De São Paulo, em particular, nada ficara senão uma cruz dourada. A Abadia aparecia como o esqueleto cinzento de uma folha. Tudo se diluía e se transformava. Quando se aproximavam do carnaval, ouviram uma nota grave saída de um diapasão, que soava cada vez mais forte até se transformar num clamor. De vez em quando um grande grito acompanhava um foguete no ar. Gradualmente, eles podiam discernir pequenas figuras que se destacavam da vasta multidão e giravam para lá e para cá como mosquitos na superfície do rio. Em cima e em torno desse círculo brilhante, como um pote de sombras, impunha-se o negro profundo de uma noite de inverno. E então, nessa escuridão, começaram a

erguer-se em intervalos que mantinham a expectativa alerta e as bocas abertas foguetes em forma de flores; meias-luas; serpentes; uma coroa. Em um momento, as florestas e as colinas tornavam-se verdes como num dia de verão; a seguir, tudo era inverno e escuridão outra vez.

A essa altura Orlando e a princesa estavam próximos do recinto real e encontraram o caminho barrado por uma multidão de populares que se comprimiam tão próximo do cordão de seda quanto era possível. Contrariados por terminar sua privacidade e encontrar os olhos penetrantes que os observavam, o casal ficou lá, acotovelado por aprendizes; alfaiates; peixeiras; negociantes de cavalos; caçadores de coelhos; estudantes famintos; empregadas domésticas de avental; vendedoras de laranjas; moços de estrebaria; cidadãos honestos; taverneiros obscenos; e uma horda de pequenos maltrapilhos, como as que sempre perseguem as margens de uma multidão, gritando e se arrastando entre os pés do povo — toda a ralé das ruas de Londres estava na verdade ali, zombando e empurrando, aqui jogando dados, lendo a sorte, aos empurrões, fazendo cócegas, beliscando; aqui barulhentos, ali carrancudos; alguns com bocas escancaradas; outros tão irreverentes quanto gralhas num telhado; todos amontoados de forma tão variada quanto a bolsa ou a posição permitiam; este de peles e tecido fino; aquele em farrapos, com os pés protegidos do gelo apenas por um trapo de cozinha. A maioria das pessoas parecia estar em frente de uma barraca ou tablado, algo semelhante a um teatro de fantoches, onde se realizava uma espécie de representação. Um negro sacudia os braços e vociferava. Havia uma mulher de branco deitada numa cama. Embora o palco fosse tosco e os atores corressem para cima e para baixo por uns degraus e às vezes tropeçassem, a multidão batia os pés e assoviava ou, quando estava entediada, jogava um pedaço de casca de laranja no gelo que um cão lutava para pegar, ainda assim a surpreendente e sinuosa melodia das palavras excitava Orlando como se fosse música. Falada com extrema rapidez e audaciosa agilidade do idioma, o que lhe recordava os marinheiros cantando nos jardins das cervejarias de Wapping, as palavras, mesmo sem sentido, eram como vinho para ele. Mas, de vez em quando, uma frase solitária chegava até ele pelo gelo, como se arrancada das profundezas de seu coração. O delírio do mouro parecia o seu próprio delírio, e, quando o mouro sufocou a mulher na cama, era Sasha que ele matava com suas próprias mãos.

Finalmente a peça terminou. Tudo tinha escurecido. As lágrimas rolavam de sua face. Olhando para o céu não viu nada mais do que escuridão também. Ruína e morte, pensou, cobrem tudo. A vida do homem termina no túmulo. Vermes nos devoram.

Penso que deveria haver agora um grande eclipse.
De sol e lua, e que o assustado globo
Bocejaria —

Enquanto dizia isso, uma estrela de certa palidez apareceu em sua memória. A noite estava escura; escura como breu; mas era por uma noite destas que tinham esperado; era numa noite como esta que tinham planejado fugir. Ele se lembrava de tudo. A hora chegara. Numa explosão de paixão arrebatou Sasha e murmurou em seu ouvido "*Jour de ma vie!*".[8] Era a senha deles. À meia-noite se encontrariam numa estalagem perto de Blackfriars. Os cavalos esperariam lá. Tudo estava pronto para a fuga. Assim partiram, ela para a sua tenda, e ele para a dele. Faltava ainda uma hora.

Muito antes da meia-noite, Orlando já estava esperando. A noite era de um tal negrume de tinta que um homem podia atacar outro sem ser visto, o que, afinal, era melhor, mas era também de um silêncio tão solene que a pata de um cavalo ou o choro de uma criança podiam ser ouvidos a uma distância de meia milha. Por vezes Orlando, medindo com os passos o pequeno pátio, refreava seu coração ao som de algum passo firme de cavalo nas pedras ou ao farfalhar de um vestido de mulher. Mas o passante era apenas algum mercador, que voltava para casa mais tarde; ou alguma mulher do bairro, cuja tarefa não era tão inocente. Eles passavam, e a rua ficava mais silenciosa do que antes. Então, aquelas luzes que ardiam no andar térreo dos pequenos quarteirões amontoados onde viviam os pobres da cidade moviam-se para os quartos de dormir e depois, uma a uma, se extinguiam. Os lampiões de rua eram poucos nestes subúrbios; e a negligência dos guardas-noturnos fazia com que se apagassem muito antes da madrugada. A escuridão, então, se tornava ainda mais profunda. Orlando olhou para o pavio de sua lanterna, examinou a silha da sela; preparou as pistolas; verificou os coldres; fez isso pelo menos uma dúzia de vezes até não encontrar mais nada que necessitasse de sua atenção. Embora ainda faltassem uns vinte minutos para a meia-noite, ele não

conseguia entrar na sala da estalagem, onde a estalajadeira ainda estava servindo vinho seco e um tipo barato de vinho das Canárias para alguns marinheiros que estavam sentados cantarolando suas cantilenas e contando histórias de Drake, Hawkins e Grenville até que tombavam dos bancos e rolavam adormecidos na areia do chão. A escuridão era mais complacente para com o seu coração dilatado e violento. Ele ouvia cada passada; especulava cada som. Cada grito de um bêbado ou cada gemido de um pobre infeliz deitado na palha, ou com alguma outra angústia, cortava-lhe imediatamente o coração, como se proclamasse maus presságios à sua aventura. Contudo, ele não temia por Sasha. A coragem dela tornaria a aventura insignificante. Chegaria sozinha, de capa e de calças e de botas, como um homem. Tão leve era o seu passo que não poderia ser ouvido mesmo neste silêncio.

Assim ele esperava na escuridão. De repente, um golpe macio porém pesado atingiu-lhe um lado do rosto. Ele estava tão tenso com a expectativa que pulou e levou a mão à espada. O golpe se repetiu uma dúzia de vezes, na testa e na face. A geada durara tanto tempo que ele levou um minuto para descobrir que eram gotas de chuva caindo; os golpes eram pancadas de chuva. A princípio caíam vagarosamente, deliberadamente, uma a uma. Mas em seguida as seis gotas se tornaram sessenta; depois seiscentas, e logo correram juntas em um forte aguaceiro. Era como se o próprio céu firme e maciço se derramasse todo em uma exuberante cascata. No espaço de cinco minutos Orlando estava encharcado até os ossos.

Colocando os cavalos apressadamente sob o abrigo, procurou refúgio sob o portal, de onde podia ainda observar o pátio. O ar estava agora mais denso do que nunca, e do aguaceiro se elevavam um vapor e um zumbido tais que abafavam qualquer passo de homem ou de animal. As estradas, crivadas de grandes buracos, deviam estar sob a água e talvez intransitáveis. Mas qual o efeito que isto poderia ter sobre sua fuga, ele pouco pensava. Todos os seus sentidos estavam concentrados olhando o caminho de pedras, brilhando na luz da lanterna para a chegada de Sasha. Às vezes, na escuridão, parecia-lhe vê-la envolta em rajadas de chuva. Mas o fantasma desaparecia. De repente, com um som terrível e agourento, um som cheio de horror e de alarme que fez crescer toda a angústia na alma de Orlando, São Paulo bateu a primeira badalada da meia-noite. Bateu quatro vezes mais, implacavelmente. Com a superstição

de um amante, Orlando imaginou que ela chegaria na sexta badalada. Mas a sexta badalada ecoou e a sétima veio e a oitava, e para a sua mente apreensiva elas pareciam notas, primeiro anunciando e depois proclamando morte e desgraça. Quando a décima segunda badalada soou ele soube que seu destino estava selado. Era inútil que seu lado racional raciocinasse; ela podia estar atrasada; podia estar detida; podia ter errado o caminho. O coração apaixonado e sensível de Orlando sabia a verdade. Outros relógios soaram, disputando um com o outro. O mundo inteiro parecia ressoar com a notícia da falsidade dela e da humilhação dele. As antigas suspeitas, que trabalhavam sub-repticiamente nele, eclodiram do esconderijo abertamente. Ele foi picado por uma multidão de cobras, cada qual mais venenosa que a outra. Permaneceu no portal sob a tremenda chuva, imóvel. Com o passar dos minutos, arqueou um pouco os joelhos. O aguaceiro continuava. No meio dele parecia que canhões troavam. Grandes barulhos, como os de carvalhos sendo despedaçados e derrubados, podiam ser ouvidos. Havia também gritos selvagens e terríveis gemidos inumanos. Mas Orlando permanecia lá, imóvel, até que o relógio de São Paulo bateu duas horas, e então, gritando com uma terrível ironia, mostrando todos os dentes, "*Jour de ma vie*!", arremessou a lanterna no chão, montou seu cavalo e galopou sem saber para onde.

Algum instinto cego, pois ele não estava raciocinando, deve tê-lo levado a tomar a margem do rio em direção ao mar. Pois quando a aurora nasceu, o que aconteceu com rapidez incomum, o céu ficando amarelo-pálido e a chuva quase cessando, ele se encontrou às margens do Tâmisa, além de Wapping. Seus olhos se depararam com uma visão de natureza extraordinária. Onde por três meses ou mais tinha havido gelo sólido, de tal espessura que parecia permanente como pedra, e uma alegre cidade tinha sido erguida na sua superfície, era agora uma corrente de turbulentas águas amarelas. O rio ganhara a sua liberdade naquela noite. Era como se um jorro de enxofre (o que muitos filósofos se inclinavam a ver) tivesse surgido de regiões vulcânicas inferiores e rompido o gelo em pedaços com tal veemência que varria e separava furiosamente os enormes e maciços fragmentos. A simples visão da água era suficiente para estontear alguém. Tudo era tumulto e confusão. O rio estava coberto de blocos de gelo. Alguns eram tão grandes quanto campos gramados e tão altos quanto casas; outros não maiores do que o chapéu de um homem, porém fantasticamente retorcidos. Ora descia um conjunto inteiro de blocos de

gelo, afundando tudo o que encontrava no caminho. Ora, girando em redemoinho como uma serpente torturada, o rio parecia se arremessar entre os fragmentos e sacudi-los de uma margem para outra de forma que se podia ouvi-los se esfacelando contra os cais e os pilares. Porém o que era mais terrível e inspirava mais horror era a visão dos seres humanos que tinham sido apanhados de surpresa durante a noite e agora caminhavam na maior agonia por aquelas ilhas balouçantes e precárias. Quer pulassem na correnteza, quer permanecessem no gelo, seu destino estava decidido. Às vezes um bando dessas pobres criaturas descia junto, umas de joelhos, outras amamentando seus filhos. Um velho parecia ler em voz alta um livro sagrado. Outras vezes — e seu destino talvez fosse o mais terrível — um infeliz solitário carregava sua pequena moradia. Ao serem arrastados para o mar, alguns podiam ser ouvidos gritando em vão por ajuda, fazendo promessas terríveis de se corrigir, confessando seus pecados e prometendo altares e bens se Deus ouvisse suas preces. Outros estavam tão tontos de terror que se sentavam imóveis e em silêncio olhando firmemente para a frente. Uma multidão de jovens barqueiros ou estafetas, a julgar pelos uniformes, rugia e gritava as mais obscenas canções das tavernas como um desafio, e eram jogados contra uma árvore e afundavam com as blasfêmias nos lábios. Um velho nobre — como denunciavam seu traje de peles e sua corrente de ouro — submergiu não longe do lugar onde Orlando estava, clamando vingança contra os irlandeses rebeldes que — gritava como seu último alento — tinham tramado esta coisa diabólica. Muitos pereceram agarrando contra o peito algum jarro de prata ou qualquer outro tesouro. E pelo menos um grupo de pobres-diabos se afogou por causa de sua própria cupidez, atirando-se da margem na correnteza para não deixar escapar um cálice de ouro ou para não assistir ao desaparecimento de alguma roupa de peles diante de seus olhos. Pois mobílias, valores, objetos de todos os tipos eram arrastados para longe nos blocos de gelo. Entre outros espetáculos estranhos via-se uma gata amamentando seu filhote; uma mesa posta suntuosamente para uma ceia de vinte; um casal na cama; juntamente com um extraordinário número de utensílios de cozinha.

Entorpecido e perplexo, Orlando não pôde fazer nada durante algum tempo senão observar a apavorante corrida das águas que se desenrolava diante dele. Finalmente, parecendo voltar a si, esporeou o seu cavalo e galopou firme ao longo da margem do rio, em direção ao mar. Dobrando

uma curva do rio chegou defronte daquele lugar onde há dois dias os navios dos embaixadores pareciam imobilizados pelo congelamento. Apressadamente começou a contá-los todos; o francês, o espanhol, o austríaco, o turco. Todos flutuavam ainda, embora o francês estivesse com suas amarras quebradas e o turco, com uma grande fenda na lateral, fizesse água rapidamente. Mas o navio russo não era visto em parte alguma. Por um momento Orlando pensou que tivesse afundado. Mas, erguendo-se nos estribos e sombreando os olhos que tinham a visão de uma águia, conseguiu distinguir a forma de um navio no horizonte. As águias negras flutuavam no mastro principal. O navio da embaixada moscovita fazia-se ao largo.

Atirando-se do cavalo ele pretendeu, em sua raiva, enfrentar a correnteza. Com água até os joelhos, lançou à mulher infiel todos os insultos que podiam ser ditos ao seu sexo. Falsa, inconstante, volúvel, ele a chamou; demônio, adúltera, traidora; e as águas revoltas receberam suas palavras e lançaram a seus pés uma vasilha quebrada e um pedaço de palha.

Capítulo II

O biógrafo agora se depara com uma dificuldade que é melhor talvez confessar do que encobrir. Até este ponto da narrativa da vida de Orlando, documentos tanto particulares quanto históricos têm tornado possível cumprir o primeiro dever de um biógrafo, que é caminhar, sem olhar para a direita ou a esquerda, nas pegadas indeléveis da verdade; sem se deixar seduzir pela flores; indiferente à sombra; metodicamente continuar até cair de súbito no túmulo e escrever *finis* na lápide sobre as nossas cabeças. Mas agora chegamos a um episódio que se encontra no meio do caminho, de forma que não é possível ignorá-lo. Contudo é sombrio, misterioso e não documentado; de modo que não há com explicá-lo. Volumes inteiros poderiam ser escritos para interpretá-lo; completos sistemas religiosos criados sobre o seu significado. Nosso simples dever é expor os fatos até onde são conhecidos, e então deixar o leitor fazer com eles o que puder.

No verão daquele inverno desastroso em que viu a geada, a inundação, as mortes de tantos milhares e a completa derrota das esperanças de Orlando — pois foi exilado da corte; em profunda desgraça com os nobres mais poderosos de seu tempo; a casa irlandesa de Desmond estava furiosa, com razão; o rei já tinha problemas suficientes com os irlandeses para não querer acréscimo de mais um —, naquele verão Orlando se retirou para a sua grande casa no campo e lá viveu em completa solidão. Uma manhã de junho — era sábado dia 18 — ele não se levantou à hora de costume e quando o camareiro foi chamá-lo encontrou-o completamente adormecido. Não conseguiu ser acordado. Jazia como se em transe, sem respiração perceptível; e embora levassem os cachorros para latir sob sua janela; tocassem o címbalos, tambores, castanholas continuamente em seu quarto; colocassem um galho de tojo sob seu travesseiro; aplicassem emplastros de mostarda em seus pés, ele não acordava, não se alimentava e não deu sinal de vida durante sete dias inteiros. No sétimo dia acordou à hora de costume (às 15 para as oito, precisamente) e botou para fora de seu quarto todo o bando de carpideiras e curandeiros da vila; o que era bastante natural; mas o que era estranho é que ele não demonstrasse nenhuma

consciência do transe e se vestisse e mandasse buscar o seu cavalo, como se tivesse despertado de uma única noite de sono. No entanto, suspeitava-se de que alguma transformação tivesse acontecido na sua mente, pois, embora perfeitamente racional, ele parecia mais grave e mais calmo em seus modos do que antes, parecia guardar uma recordação imperfeita de sua vida passada. Escutava as pessoas falarem sobre a grande geada, ou a patinação, ou o carnaval, mas nunca deu sinal algum de tê-los testemunhado, exceto passar a mão pela testa, como se para afastar uma nuvem. Quando os acontecimentos dos últimos seis meses eram discutidos, ele parecia não tão aflito mas surpreso, como se fosse perturbado por lembranças confusas de algum tempo passado ou estivesse tentando relembrar histórias contadas por outra pessoa. Observou-se que se a Rússia era mencionada, ou princesas, ou navios, ele caía numa tristeza inquietante, levantava-se, olhava pela janela ou chamava um de seus cães, ou pegava uma faca e esculpia um pedaço de cedro. Mas os médicos não eram mais sábios do que hoje e, depois de prescreverem repouso e exercício, jejum e alimentação, companhia e solidão, que ele deveria ficar na cama o dia todo e cavalgasse quarenta milhas entre o almoço e o jantar, juntamente com os habituais sedativos e excitantes, diversificados com — segundo a fantasia de cada um — coalhada de baba de lagartixa ao levantar e goles de fel de pavão ao deitar, eles o deixaram por sua conta e lhe deram como diagnóstico que havia dormido uma semana.

Mas se aquilo foi sono, não podemos deixar de perguntar de que natureza são os sonos como esses. Serão medidas terapêuticas — transes durante os quais as mais torturantes lembranças, os eventos que parecem capazes de inutilizar a vida para sempre são varridos com uma folha escura que alisa sua aspereza e doura mesmo os mais feios e mais desprezíveis com brilho e incandescência? Terá o dedo da morte que ser colocado no tumulto da vida, de tempos em tempos, para que não sejamos dilacerados? Será que somos feitos de tal forma que devemos receber a morte em pequenas doses diariamente, ou não podemos continuar com o direito à vida? E então, que estranhos poderes são estes que penetram nossos caminhos mais secretos e mudam nossos bens mais preciosos apesar da nossa vontade? Teria Orlando, abatido pelo limite de seu sofrimento, morrido por uma semana e ressuscitado depois? E, se assim foi, de que natureza é a morte e de que natureza é a vida? Depois de

esperarmos mais de meia hora por uma resposta a estas questões, e não nos tendo chegado nenhuma, vamos continuar com a narrativa.

Agora Orlando se entregava a uma vida de extrema solidão. Sua desgraça na corte e a violência de seu sofrimento eram, em parte, a razão disso, mas ele não fez qualquer esforço para se defender e raramente convidava alguém para visitá-lo (embora tivesse muitos amigos que fariam isso com prazer), parecia que estar sozinho na grande mansão de seus pais era adequado ao seu temperamento. A solidão era a sua escolha. Ninguém sabia exatamente como ele passava o tempo. Os criados, que ele mantinha em grau de séquito, embora tivessem como principal ocupação limpar os quartos vazios e alisar as colchas das camas que não eram ocupadas, observavam, na escuridão da noite — quando se sentavam de folga —, uma luz passando ao longo das galerias, através dos salões, subindo a escada, entrando pelos quartos, e sabiam que o patrão perambulava sozinho pela casa. Ninguém ousava segui-lo, pois a casa era assombrada por uma grande variedade de fantasmas, e o seu tamanho tornava fácil alguém perder o caminho ou cair por uma escada secreta ou abrir uma porta que, se o vento batesse, deixaria esse alguém trancado para sempre — acidentes de ocorrência não rara, conforme evidenciavam as frequentes descobertas de esqueletos de homens e animais em atitudes de grande agonia. Então a luz se perdia completamente e a sra. Grimsditch, a governanta, diria ao sr. Dupper, o capelão, que esperava que o seu senhor não tivesse sofrido nenhum acidente. O sr. Dupper opinaria que o seu senhor estava, sem dúvida, de joelhos, entre os túmulos de seus antepassados na capela, que era no Pátio do Bilhar, cerca de meia milha dali, na ala sul. O sr. Dupper temia que ele tivesse pecados na consciência; ao que a sra. Grimsditch replicava, com aspereza, como temos muitos de nós; e a sra. Stewkley e a sra. Field, e Carpenter, a velha ama, todos erguiam suas vozes elogiando o seu senhor; e os cavalariços e os camareiros juravam que era lamentável ver um nobre tão gentil entediado pela casa quando podia estar caçando raposas ou perseguindo veados; e mesmo as pequenas lavadeiras e cozinheiras, as Judys e as Faiths, que carregavam os canecos e os bolos, emitiam seu testemunho sobre a galanteria do seu senhor; pois nunca existiu cavalheiro mais bondoso nem mais liberal com aquelas pequenas moedas de prata que servem para comprar um laço de fita ou para colocar um ramalhete no cabelo; até mesmo a negra moura, que chamavam Grace Robinson para torná-la

cristã, compreendeu o que eles discutiam e concordou, da única maneira que podia, ou seja, mostrando todos os dentes de uma vez num largo sorriso, que o seu senhor era um cavalheiro bonito, agradável e gentil. Em suma, todos os empregados, homens e mulheres, lhe dispensavam o maior respeito e amaldiçoavam a princesa estrangeira (eles a chamavam por um nome mais grosseiro que este) que o levara àquela condição.

Mas, embora fosse provavelmente a covardia ou o amor pela cerveja quente que levasse o sr. Dupper a imaginar que o seu senhor estava a salvo entre as sepulturas, de modo que ele não precisasse ir procurá-lo, podia ser que o sr. Dupper tivesse razão. Orlando, agora, se deliciava em pensamentos de morte e decadência e, depois de caminhar pelas longas galerias e salões com um círio na mão, olhando quadro após quadro como se procurasse a semelhança com alguém que não encontrava, subia ao balcão e ficava sentado horas, contemplando a oscilação dos estandartes e a flutuação do luar, tendo por companhia um morcego ou uma mariposa-caveira. Mesmo isso não era suficiente para ele, tinha que descer à cripta onde jaziam seus antepassados, empilhados caixão sobre caixão, dez gerações juntas. O lugar era tão raramente visitado que os ratos tinham soltado as fundições e agora um fêmur prendia-se ao seu casaco quando ele passava ou esmagava o crânio de algum velho Sir Malise, que rolava sob seus pés. Era um sepulcro horrível; cavado profundamente sob os alicerces da casa, como se o primeiro Lorde da família vindo da França com o Conquistador, tivesse desejado testemunhar que toda a pompa é construída sobre a corrupção; como o esqueleto jaz por baixo da carne; como nós, que dançamos e cantamos na superfície, ficaremos embaixo; como o veludo púrpura se transforma em pó; como o anel (aqui Orlando, inclinando sua lanterna, apanharia um anel de ouro faltando uma pedra que rolara para um canto) perdia seu rubi e como o olho, que fora tão radiante, deixara de brilhar. “Nada resta de todos estes príncipes”, diria Orlando condescendente, num exagero perdoável em sua classe, “exceto um dedo” e pegaria na sua a mão de um esqueleto, curvaria as juntas de um lado para outro, “que mão seria esta?”, continuaria a perguntar. “A direita ou a esquerda? a mão de um homem ou de uma mulher? idosa ou jovem? teria incitado cavalos de guerra ou trabalhado com agulha? teria colhido a rosa ou empunhado o aço frio? teria”, mas aqui, ou a sua imaginação falhara ou, o que é mais provável, lhe sugerira tantos exemplos do que a mão podia fazer que ele desistiu, como era de seu costume, do trabalho

principal da composição, que é o da supressão, e colocou-a com os outros ossos, pensando num escritor chamado Thomas Browne, um doutor de Norwich cujos escritos sobre estes assuntos deleitavam-no surpreendentemente.

Assim, pegando sua lanterna e verificando que os ossos estavam em ordem — pois apesar de romântico ele era singularmente metódico e, se detestava deixar no chão um novelo, quanto mais o crânio de um antepassado — retornou àquele curioso e melancólico caminhar pelas galerias, procurando algo entre os quadros, interrompido, afinal, por uma verdadeira crise de soluços ante a visão de uma cena de neve holandesa, de um artista desconhecido. Então, parecia-lhe que a vida não valia mais a pena ser vivida. Esquecendo-se dos ossos de seus ancestrais e de que a vida é construída sobre um túmulo, ficou ali, sacudido por soluços, só pelo desejo por uma mulher de calças russas, de olhos oblíquos, boca amuada e pérolas no pescoço. Ela tinha ido embora. Abandonara-o. Ele nunca a veria de novo. E por isso soluçava. E assim retornou ao seu quarto; e a sra. Grimsditch, vendo luz na janela, tirou o caneco dos lábios e disse "Louvado seja Deus", seu senhor estava a salvo em seu quarto novamente; pois ela tinha ficado pensando que ele havia sido barbaramente assassinado.

Agora, Orlando puxou a cadeira para a mesa; abriu as obras de Sir Thomas Browne e procedeu à investigação da delicada articulação de um dos pensamentos mais longos e mais maravilhosamente intrincados do sábio.

Pois, embora estes não sejam assuntos sobre os quais o biógrafo possa proveitosamente se estender, eles ficam claros para aquele leitor que participou, a partir de sugestões esparsas aqui e ali, da construção dos limites e contornos de um ser vivo; que pode ouvir uma voz naquilo que apenas murmuramos; que pode ver exatamente aquilo que ele parece, mesmo quando não dizemos nada; que sabe, sem uma palavra para guiá-lo, precisamente o que ele pensava — e é para leitores como este que escrevemos — é claro, então para tal leitor, que Orlando era estranhamente composto de muitos humores — de melancolia, de indolência, de paixão, de amor à solidão, sem falar em todas aquelas sinuosidades e sutilezas de temperamento que foram indicadas na primeira página, quando ele açoitava a cabeça de um negro morto; derrubava-a; pendurava-a cavalheirescamente de volta, longe do seu alcance, e depois

dirigia-se para o banco junto à janela com um livro. Seu gosto pelos livros era antigo. Quando criança, fora encontrado muitas vezes à meia-noite ainda lendo uma página. Tiravam-lhe a vela e ele criava vaga-lumes para essa finalidade. Tiravam-lhe os vaga-lumes e ele quase queimava a casa inteira com um morrão. Em resumo, deixando ao novelista a tarefa de alisar a seda amarrotada e todas as suas implicações, ele era um nobre angustiado pelo amor à literatura. Muita gente do seu tempo, mais ainda, de sua classe, escapou desse mal e tinha, assim, liberdade para correr ou cavalgar ou fazer amor quando desejasse. Mas alguns foram precocemente infectados por um germe que, diziam, se alimentava do pólen do asfódelo, soprado da Grécia e da Itália, de natureza tão mortífera que fazia tremer a mão erguida para golpear, nublava o olho que procurava a presa e fazia gaguejar a língua que declarava amor. Era da natureza fatal desta doença substituir a realidade por fantasmas, de modo que Orlando, a quem a fortuna concedera todos os dons — baixelas, linhos, casas, criados, tapetes, camas em profusão —, tinha apenas que abrir um livro para que todos esses bens se reduzissem a pó. Os nove acres de pedra que eram a sua casa sumiam; os 150 criados desapareciam; seus oitenta cavalos de montar se tornavam invisíveis; levaria muito tempo para contar os tapetes, os sofás, os enfeites, a porcelana, as baixelas, as galhetas, os rescaldeiros e outros utensílios, muitas vezes de ouro batido, que se evaporavam como névoa marinha, sob a ação do miasma. Assim era, e Orlando, despojado, sentava-se sozinho, lendo.

A doença tomou conta dele rapidamente, em sua solidão. Lia frequentemente seis horas noite adentro; e, quando vinham pedir ordens para matar o gado ou colher o trigo, afastava o livro e olhava como se não compreendesse o que estavam lhe dizendo. Isso era grave, e oprimia os corações de Hall, o falcoeiro, de Giles, o camareiro, da sra. Grimsditch, a governanta, do sr. Dupper, o capelão. Um cavalheiro gentil como ele, diziam, não tem necessidade de livros. Que deixasse os livros para os paralíticos e os moribundos. Mas o pior estava por vir. Pois, uma vez que a doença da leitura se instale no organismo, enfraquece-o, tornando-o presa fácil desse outro flagelo que habita no tinteiro e apodrece na pena. O infeliz dedica-se a escrever. E, se isto é ruim para um pobre homem cuja única propriedade é uma cadeira, uma mesa, sob a goteira de um telhado — que não tem, afinal, muito a perder —, a situação de um homem rico que possui casas e gado, empregados, mulas e linhos e ainda assim escreve

livros é extremamente lamentável. Fica alheio ao sabor de tudo isso; é perfurado por ferros em brasa; é roído pelos vermes. Daria todo o dinheiro que possuía (tal é a malignidade do germe) para escrever um pequeno livro e tornar-se famoso; contudo, nem todo o ouro do Peru compraria para ele o tesouro de uma linha bem-escrita. De modo que cai em aborrecimento e doença, estoura os miolos e vira a cara para a parede. Não importa em que atitude eles o encontrem. Ele atravessou as portas da Morte e conheceu as chamas do Inferno.

Felizmente Orlando era de constituição robusta e a doença (pelas razões a serem apresentadas agora) nunca o abateu como abatera muitos de seus pares. Mas ele foi profundamente atingido por ela, como se verá a seguir. Pois, quando lia Sir Thomas Browne por uma hora ou mais e o bramido de um veado ou o sinal do guarda-noturno demonstravam que era o fim da noite e todos dormiam a salvo, ele atravessava o quarto, tirava uma chave de prata do bolso e destrancava as portas de um grande armário embutido que ficava num canto. Dentro havia cinquenta gavetas de cedro e em cada uma um rótulo claramente escrito pela mão de Orlando. Parou como se hesitasse qual abrir. Numa estava escrito "A Morte de Ajax", noutra "O Nascimento de Píramo", noutra "Ifigênia em Áulis", noutra "A Morte de Hipólito", noutra "Meléagro" e noutra "O Retorno de Ulisses" — de fato, era difícil encontrar uma só gaveta onde faltasse o nome de um personagem mitológico num momento crítico de sua carreira. Em cada gaveta havia um documento de tamanho considerável, todo escrito pela mão de Orlando. A verdade é que Orlando tinha padecido por muitos anos. Nunca nenhum menino mendigara maçãs como Orlando mendigava papel; nenhum mendigara guloseimas como ele mendigara tinta. Esquivando-se de conversas e jogos, ele se escondia por trás das cortinas, nos oratórios, ou num armário por trás do quarto de sua mãe, onde havia um grande buraco no chão e que cheirava horrivelmente a esterco de estorninho, com um tinteiro na mão, uma pena na outra e um rolo de papel sobre os joelhos. Assim, antes de completar 25 anos, escrevera cerca de 47 peças, histórias, romances, poemas; alguns em prosa, outros em verso; alguns em francês, outros em italiano; todos românticos e todos longos. Um ele mandara imprimir por John Ball, da Feathers and Coronet, defronte de St. Paul's Cross, Cheapside; mas, embora a visão dessa obra lhe desse extremo prazer, nunca ousara mostrá-la nem mesmo para sua mãe, pois

sabia que escrever, e principalmente publicar, era, para um nobre, uma desgraça imperdoável.

Agora que era noite alta, e que estava sozinho, escolheu do repositório um documento grosso chamado "Xenófila, uma Tragédia" ou um título parecido, e um outro fino, chamado simplesmente "O Carvalho" (este era o único título curto, entre todos), então se aproximou do tinteiro, empunhou a pena e executou outros passes adequados para começar os ritos desse vício. Mas deteve-se.

Como esta pausa era de extremo significado na sua história — mais ainda do que muitos acontecimentos que fazem os homens caírem de joelhos e os rios correrem com sangue —, é conveniente perguntarmos por que ele parou; e respondermos, depois da devida reflexão, que foi por uma razão como esta. A natureza, que tem pregado tantas peças em nós, plasmando-nos tão desigualmente de argila e de diamantes, de arco-íris e de granito, e encerrando tudo em uma caixa frequentemente tão insólita — pois o poeta tem cara de açougueiro e o açougueiro cara de poeta —, a natureza, que se compraz com a confusão e o mistério, de modo que, mesmo hoje (1º de novembro de 1927), não sabemos por que subimos ou por que descemos novamente, nossos mais cotidianos movimentos são como a passagem de um navio por um mar desconhecido e os marinheiros no mastro principal perguntam, apontando suas lunetas para o horizonte: há terra à vista ou não? Ao quê, se somos profetas, respondemos sim; se somos verdadeiros, dizemos não; a natureza, que tem muito mais a responder do que pela talvez canhestra extensão desta frase, complicou ainda mais a sua tarefa e aumentou a nossa confusão, provendo-nos interiormente não apenas com uma perfeita miscelânea de velharias — um pedaço das calças de um policial ao lado do véu de casamento da rainha Alexandra —, mas obrigando todo esse sortimento a ser alinhavado por um único fio. A memória é a costureira, e uma costureira caprichosa. A memória faz a agulha correr para dentro e para fora, para cima e para baixo, para lá e para cá. Não sabemos o que vem a seguir ou o que virá depois. Assim, o movimento mais comum do mundo, como o de sentar-se à mesa e puxar para si o tinteiro, pode agitar mil fragmentos díspares e desconexos, ora brilhantes, ora embaçados, pendendo, flutuando, mergulhando, tremulando, como a roupa branca de uma família de 14 pessoas numa corda ao vento. Em vez de serem uma obra simples, clara, firme, da qual nenhum homem necessitasse se envergonhar, nossos atos

mais comuns estão envoltos por um trêmulo e vacilante bater de asas, um acender e apagar de luzes. Assim foi que Orlando, mergulhando a pena na tinta, viu a face irônica da princesa perdida e instantaneamente se fez um milhão de perguntas que eram como flechas embebidas em fel. Onde estava ela e por que o tinha abandonado? O embaixador era seu tio ou seu amante? Estariam mancomunados? Teria sido forçada? Seria casada? Estaria morta? — e tudo isso o envenenou tanto que, para desafogar sua agonia em algum lugar, mergulhou a pena tão profundamente no tinteiro que a tinta esguichou sobre a mesa, o que, seja qual for a explicação que dermos (e talvez nenhuma explicação seja possível — a memória é inexplicável), de uma vez substituiu o rosto da princesa por um rosto diferente. Mas que rosto era esse?, ele se perguntava. E teve de esperar talvez meio minuto olhando para a nova figura que se sobrepunha à antiga, como uma ilustração transparece na seguinte, antes que pudesse dizer para si mesmo: "Este é o rosto daquele homem gordo e andrajoso que se sentava na sala em Twitchett há muitos anos, quando a velha rainha Bess veio jantar aqui e eu o vi", Orlando continuou, agarrando outro daqueles fragmentos coloridos, "sentado à mesa, quando espreitei ao descer a escada, e ele tinha os mais curiosos olhos", dizia Orlando, "que jamais se viram, mas que diabo era ele?" Orlando perguntava, pois aqui a Memória acrescentava à testa e aos olhos primeiro uma gola vulgar e gordurenta, depois um gibão marrom e finalmente um pesado par de botas, tais como usam os cidadãos em Cheapside. "Não era um nobre; não era um de nós", disse Orlando (o que ele não disse em voz alta, pois era o mais cortês dos cavalheiros; mas evidencia o efeito que um berço nobre tem sobre a mente e como é difícil para um nobre ser escritor), "um poeta, ouso dizer". Por todas as suas leis, a Memória, tendo-o perturbado suficientemente, deveria agora apagar tudo por completo ou deter-se em qualquer coisa tão idiota e fora de propósito — como um cachorro caçando um gato, ou uma velha assoando o nariz num lenço vermelho de algodão — que, em desespero por não acompanhar os passos de suas fantasias, Orlando, com determinação, golpeara o papel com a pena. (Pois podemos expulsar de casa, se decidirmos, a Memória e toda a sua comitiva.) Mas Orlando se deteve. A Memória ainda apresentava diante dele a imagem de um homem maltrapilho, de grandes olhos brilhantes. Continuava olhando, continuava parado. São estas pausas que são a nossa destruição. É aí que a insurreição adentra a fortaleza e as nossas tropas se levantam revoltadas. Ele já se

detivera antes e o amor tinha irrompido, com o seu horrível tumulto, suas charamelas, seus címbalos e suas cabeças decapitadas e com mechas manchadas de sangue. Por amor ele sofrera as torturas dos condenados. De vez em quando detinha-se e pela fresta aberta pulavam a Ambição — essa megera — e a Poesia — essa feiticeira — e o Desejo da Fama — essa rameira; e, de mãos dadas, faziam do coração dele o terreiro de sua dança. De pé na solidão de seu quarto, jurou que seria o primeiro poeta de sua raça e que traria brilho imortal ao seu nome. Disse (recitando os nomes e os feitos de seus antepassados) que Sir Boris tinha lutado e matado o Infiel; Sir Gawain, o turco; Sir Miles, o polaco; Sir Andrew, o franco; Sir Richard, o austríaco; Sir Jordan, o francês, e Sir Herbert, o espanhol. Mas o que restara de todas essas mortes e lutas, bebidas e amores, gastos e caçadas, cavalgadas e corridas? Um crânio, um dedo. Ao passo que, dizia ele voltando à página de Sir Thomas Browne, aberta sobre a mesa — e novamente se deteve. Como um encantamento, surgindo de todas as partes do quarto, do vento da noite e do luar, rolava a divina melodia daquelas palavras que, para não ofuscar esta página, deixaremos sepultadas, não mortas, apenas embalsamadas, tal a frescura de sua cor, tal a pureza de seu alento — e Orlando, comparando essa obra com a dos seus antepassados, proclamou que eles e seus feitos eram poeira e cinzas, mas este homem e suas palavras eram imortais.

Logo percebeu que as batalhas que Sir Miles e os outros travaram contra cavaleiros de armadura para conquistar o reino não eram tão árduas quanto esta que ele agora empreendia contra a língua inglesa para ganhar a imortalidade. Qualquer um moderadamente familiarizado com os rigores da composição não necessitará que a história seja contada em detalhes; como escreveu e lhe pareceu bom; leu e pareceu-lhe ruim; corrigiu e rasgou; cortou; introduziu; ficou em êxtase; em desespero; teve noites boas e manhãs ruins; procurou captar ideias e perdeu-as; viu nitidamente diante de si o seu livro e este desapareceu; representou as partes de seus personagens enquanto comia; recitou-as enquanto andava; ora chorava; ora ria; vacilava entre um estilo e outro; ora preferia o heroico e pomposo; em seguida, o claro e o simples; ora os vales de Tempe; depois os campos de Kent ou Cornwall; e não conseguiu decidir se era o mais divino dos gênios ou o maior louco do mundo.

Foi para esclarecer esta última questão que decidiu, depois de muitos meses de trabalho febril, quebrar a solidão de anos e se comunicar com o

mundo exterior. Tinha um amigo em Londres, um tal Giles Isham, de Norfolk, que, embora nobre de nascença, era relacionado com escritores e podia, sem dúvida, colocá-lo em contato com algum membro dessa abençoada, na verdade sagrada, irmandade. Pois para Orlando, no estado em que se encontrava agora, havia uma tamanha glória em torno de um homem que escrevera um livro e o fizera imprimir, que ofuscava todas as glórias de sangue e posição. Em sua imaginação, parecia que mesmo os corpos daqueles que eram movidos com tão divinos pensamentos deviam ser transfigurados. Deviam ter auréolas no cabelo; incenso como respiração e rosas crescendo entre seus lábios — o que certamente não acontecia nem com ele nem com o sr. Dupper. Não podia imaginar maior felicidade do que ter permissão para sentar por trás de uma cortina e ouvi-los conversar. A simples imaginação desse discurso atrevido e variado fazia com que a lembrança das conversas que costumava ter com seus amigos cortesãos — um cachorro, um cavalo, uma mulher, um jogo de cartas — lhe parecesse extremamente grosseira. Orgulhava-se de sempre terem-no chamado de literato e de escarnecerem do seu amor à solidão e aos livros. Nunca possuíra aptidão para belas frases. Ficava paralisado, corava e caminhava como um granadeiro numa sala de visitas feminina. Caíra do cavalo duas vezes, por simples distração. Quebrara o leque de Lady Winchilsea, certa vez, enquanto fazia um verso. Relembrando avidamente estas e outras situações em que era incapaz para a vida em sociedade, uma esperança inefável o possuiu, de que toda a turbulência de sua juventude, seu desajeitamento, seus rubores, seus longos passeios e seu amor pelo campo provassem que pertencia à raça mais sagrada que a dos nobres — que fosse de nascença um escritor, mais do que um aristocrata. Pela primeira vez desde a noite da grande inundação se sentiu feliz.

Orlando encarregou o sr. Isham, de Norfolk, de entregar ao sr. Nicholas Greene, da Estalagem Clifford, um documento que revelava admiração por sua obra (pois Nick Greene era um escritor muito famoso naquela época) e seu desejo de conhecê-lo; o que mal ousava pedir; pois não tinha nada a oferecer em troca; mas, se o sr. Nicholas Greene condescendesse em visitá-lo, uma carruagem de quatro cavalos estaria na esquina de Fetter Lane, a qualquer hora que o sr. Greene escolhesse, para conduzi-lo a salvo à casa de Orlando. Pode-se completar as frases que então se seguiram e imaginar a alegria de Orlando quando, em pouco tempo, o sr. Greene

informou a aceitação ao convite do nobre senhor; tomou assento na carruagem e foi recebido no salão sul do prédio principal, pontualmente às sete horas de segunda-feira, 21 de abril.

Muitos reis, rainhas e embaixadores tinham sido recebidos ali. Juízes, com seus arminhos, ali estiveram. As mais belas mulheres da terra tinham ido lá; e os mais bravos guerreiros. Ali pendiam bandeiras que tinham estado em Flodden e em Agincourt. Lá estavam expostos os brasões de armas pintados com seus leões, leopardos e coroas. Lá estavam as mesas compridas onde repousavam baixelas de ouro e prata; e as amplas lareiras talhadas em mármore italiano onde todas as noites ardia até as cinzas um carvalho, com seus milhões de folhas, seus ninhos de gralhas e de carriças. Nicholas Greene, o poeta, estava ali naquele momento, modestamente vestido, com seu chapéu de abas largas e um gibão negro, com uma maleta na mão.

Que Orlando, ao se apressar para cumprimentá-lo, ficasse um pouco decepcionado era inevitável. O poeta não tinha mais que a estatura média; era uma figura mesquinha; magro, um pouco curvado, e ao entrar tropeçou no mastim — o cachorro mordeu-o. Além disso, Orlando, com todo o seu conhecimento da humanidade, estava perplexo e não sabia onde classificá-lo. Havia algo nele que não correspondia nem ao criado, nem ao cavalheiro, nem ao nobre. A cabeça, com sua testa arredondada e nariz bicudo, era distinta, porém o queixo desaparecia. Os olhos eram brilhantes, mas os lábios eram frouxos e babavam. Contudo, era a expressão do rosto, como um todo, que parecia inquietante. Não havia nada da compostura digna que torna os rostos dos nobres tão agradáveis de se olhar; nada também da servilidade dignificante de um empregado doméstico bem-treinado; era um rosto marcado, enrugado e contraído. Embora fosse poeta, parecia mais acostumado a repreender do que a elogiar; a brigar do que a murmurar; a arrastar-se do que a montar; a lutar do que a descansar; a odiar do que a amar. Isto também se constatava pela rapidez dos seus movimentos; e por algo ardente e suspeito em seu olhar. Orlando estava um pouco perplexo. Mas foram jantar.

Aí Orlando, que geralmente achava as coisas naturais, ficou pela primeira vez bastante envergonhado do número de seus criados e do esplendor de sua mesa. Mais estranho ainda, pensava com orgulho — pois a lembrança era geralmente desagradável — naquela avó Moll que ordenhara vacas. Estava prestes a aludir àquela mulher humilde e a seus

baldes de leite quando o poeta se antecipou a ele dizendo ser esquisito que o nome Greene fosse tão comum, pois a família viera com o Conquistador e era da mais alta nobreza da França. Infelizmente haviam decaído e feito pouco mais do que deixar seu nome ao burgo real de Greenwich. Seguiram-se conversas do mesmo tipo — sobre castelos perdidos, brasões de armas, primos que eram baronetes no norte, alianças por casamentos com famílias nobres do oeste, como alguns Green escreviam o nome com "e" no final e outros sem "e" — que duraram até a chegada da caça à mesa. Então Orlando conseguiu dizer algo sobre a avó Moll e suas vacas e já tinha aliviado um pouco do peso do coração quando foram servidas as aves selvagens. Mas só quando a Malvasia estava sendo servida livremente é que Orlando ousou mencionar que considerava um assunto mais importante do que os Green ou as vacas; ou seja, o sagrado tema da poesia. À primeira menção da palavra, os olhos do poeta flamejaram; abandonou os ares finos de cavalheiro, que adotara; bateu com o copo na mesa e iniciou uma das mais longas, intrincadas, apaixonadas e amargas narrativas que Orlando tinha ouvido, exceto dos lábios de uma mulher abandonada, ou de outro poeta e de um crítico, sobre uma peça sua. Da própria natureza da poesia, Orlando apenas conseguiu saber que era mais difícil de vender do que a prosa, e, embora as linhas fossem mais curtas, demoravam mais a serem escritas. Assim a conversa continuou com desdobramentos intermináveis, até que Orlando se aventurou a insinuar que ele mesmo já tinha sido suficientemente imprudente para escrever — mas nesse momento o poeta deu um pulo da cadeira. Um rato havia guinchado nos lambris, disse ele. A verdade é que, explicou, seus nervos estavam em tal estado que o guincho de um rato o aborrecia por 15 dias. Sem dúvida a casa estava cheia de bichos, mas Orlando não os escutava. O poeta então contou a Orlando a história completa de sua saúde nos últimos dez anos. Tinha estado tão mal que podia se admirar de ainda estar vivo. Tivera paralisia, gota, malária, hidropisia e três tipos de febre, uma após outra; juntava-se a isso que tinha coração dilatado, baço hipertrofiado e fígado doente. Mas, sobretudo, dizia a Orlando, tinha sensações na espinha que eram indescritíveis. Havia um calombo na altura da terceira vértebra de cima para baixo, que ardia como fogo; um outro à altura da segunda de baixo para cima, que era frio como gelo. Às vezes acordava com a cabeça como chumbo; outras como se mil velas estivessem acesas e as pessoas soltassem foguetes dentro dele. Era capaz de sentir uma pétala de rosa

através do colchão, dizia; podia se orientar em Londres pela sensação do calçamento. Todo ele era uma peça de maquinária tão finamente construída e tão curiosamente montada (aqui levantou a mão como se de maneira inconsciente, e na verdade era a mais bela forma imaginável) que ficava consternado em pensar que vendera apenas quinhentas cópias de seu poema, mas sem dúvida isso era devido à conspiração que havia contra ele. Tudo o que podia dizer, concluiu batendo com o punho na mesa, era que a arte da poesia estava morta na Inglaterra.

Como podia isso ser verdade, com Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne, todos escrevendo agora, ou já tendo escrito? Orlando, recitando os nomes dos seus heróis favoritos, não podia entender.

Greene riu sardonicamente. Shakespeare, ele admitia, escrevera algumas cenas bastante boas; porém ele as tirara principalmente de Marlowe, que era um rapaz promissor, mas o que se poderia dizer de um jovem que morreu antes dos trinta? Quanto a Browne, decidiu escrever poesia em prosa, e as pessoas logo se cansam de caprichos como esse. Donne era um charlatão que dissimulava sua falta de ideias com palavras difíceis. Os crédulos se deixavam enganar; mas o estilo estaria fora de moda daqui a 12 meses. Quanto a Ben Jonson — Ben Jonson era seu amigo, e ele nunca falava mal de seus amigos.

Não, concluiu, a grande época da literatura é o passado; a grande época da literatura foi a grega; a época elisabetana era inferior à grega em todos os aspectos. Naqueles tempos os homens acalentavam uma divina ambição a que ele chamava *La Gloire*[9]. (pronunciava "Glour", de modo que Orlando, a princípio, não entendeu o que ele queria dizer). Agora todos os jovens escritores estavam a soldo dos livreiros e despejavam qualquer lixo que vendesse. Shakespeare era o principal culpado disso e já estava sofrendo as consequências. Sua própria época, dizia, era marcada por conceitos preciosistas e experimentos selvagens — nenhum dos quais os gregos teriam tolerado por um só momento. Embora lhe custasse muito dizer — pois ele amava a literatura como amava a vida —, não via nada de bom no presente e não tinha esperança no futuro. Então, serviu-se de mais um copo de vinho.

Orlando estava chocado por essas doutrinas; contudo, não podia deixar de observar que o próprio crítico não parecia deprimido. Ao contrário, quanto mais denunciava a sua própria época, mais complacente ficava. Podia lembrar, disse, de uma noite na Taverna do Galo, na rua Fleet,

quando Kit Marlowe estava lá com alguns outros. Kit estava alegre, um pouco bêbado — o que facilmente ficava — e disposto a dizer bobagens. Podia vê-lo ainda erguendo o copo para os companheiros e gaguejando: "Raios te partam, Bill!" (isso era para Shakespeare). "Está vindo uma grande onda e tu estás no topo dela", querendo com isso dizer — Greene explicou — que eles estavam à beira de uma grande época da literatura inglesa e que Shakespeare seria um poeta de alguma importância. Felizmente para ele, foi assassinado duas noites depois, numa briga de bêbados, e assim não viveu para ver como se concretizara a sua predição. "Pobre coitado", disse Greene, "dizer uma coisa destas. Uma grande época, mesmo — a era elisabetana, uma grande época!"

— Assim, meu caro senhor — continuou, acomodando-se confortavelmente na cadeira e rolando entre os dedos o copo de vinho —, devemos tirar o máximo disto, apreciar o passado e honrar aqueles escritores — há uns poucos deles — que tomam a antiguidade como modelo e escrevem não por dinheiro mas por "Glour". — (Orlando desejaria uma pronúncia melhor). — A "Glour" — disse Greene — é o aguilhão das almas nobres. Se eu tivesse uma pensão de trezentas libras ao ano, paga trimestralmente, viveria exclusivamente para a "Glour". Ficaria na cama todas as manhãs, lendo Cícero. Imitaria seu estilo, de forma que não se pudesse fazer diferença entre nós. Isto é o que eu chamo de boa escrita — disse Greene —, isto é o que eu chamo de "Glour". Mas é necessário ter uma pensão para fazer isso.

A essa altura, Orlando já perdera toda a esperança de discutir sua obra com o poeta; mas isso importava menos do que a conversa que ora mantinham sobre as vidas e os personagens de Shakespeare, de Ben Jonson e dos demais, todos os quais Greene tinha conhecido intimamente e a respeito de quem tinha mil anedotas divertidas para contar. Orlando nunca rira tanto em sua vida. Esses, então, eram os seus deuses! Metade deles bêbados, todos libertinos. Muitos brigavam com suas mulheres; nenhum estava acima de uma mentira ou de uma intriga torpe. Sua poesia era rabiscada no verso de rolo de roupa, apoiada na cabeça de um aprendiz de tipógrafo, à porta da rua. Assim, Hamlet foi para a impressão; assim, Lear; assim, Otelo. Não é de admirar, como dizia Greene, que estas peças tenham os erros que têm. O resto do tempo era gasto em farras e festejos, em tabernas e cervejarias, onde eram ditas coisas que passavam por inteligentes e onde se faziam coisas tais que, se comparadas às maiores

loucuras da corte, estas pareciam ingênuas. Tudo isso Greene contava com uma espirituosidade que despertava em Orlando o mais alto grau de prazer. Ele tinha um poder de mímica que trazia os mortos à vida e podia dizer as mais belas coisas a respeito de livros, desde que tivessem sido escritos há trezentos anos.

Assim passava o tempo, e Orlando sentia por seu hóspede uma estranha mistura de simpatia e desdém, de admiração e pena, bem como alguma coisa muito indefinida para ter qualquer nome, mas era algo de medo e de fascinação. Ele falava incessantemente de si, mas era tão boa companhia que se podia ouvir a vida inteira a história de sua malária. Ora era tão espirituoso; ora tão irreverente; ora tomava liberdade com os nomes de Deus e da Mulher; ora cheio de artimanhas e de estranhos saberes na cabeça; podia preparar uma salada de trezentas maneiras diferentes; sabia tudo sobre a mistura de vinhos; tocava meia dúzia de instrumentos musicais, e foi a primeira pessoa, e talvez a última, a tostar queijo na grande lareira italiana. Que não distinguisse um gerânio de um cravo, um carvalho de uma bétula, um mastim de um galgo, um cordeiro de uma ovelha, trigo de cevada, terra arada de terreno baldio; que ignorasse a rotação das colheitas; pensasse que as laranjas crescessem embaixo da terra e os nabos nas árvores; que preferisse qualquer paisagem da cidade à do campo — tudo isso e muito mais divertia Orlando, que nunca em sua vida encontrara alguém desse tipo. Até as empregadas, que o desprezavam, riam de suas piadas, e os empregados que o detestavam, ficavam por perto para ouvir suas histórias. Na verdade, a casa nunca estivera tão animada quanto agora, que ele estava lá — tudo isso deu a Orlando muitos motivos para pensar e fez com que comparasse esta maneira de viver com a anterior. Lembrou o tipo de conversa que costumava ter sobre a apoplexia do rei da Espanha, ou sobre o cruzamento de uma cadela; relembrou como passava o dia entre os estábulos e o quarto de vestir; lembrou como os Lordes roncavam sobre os copos de vinho e detestavam quem os acordasse. Relembrou quão ativos e valentes eram de corpo; quão preguiçosos e tímidos de espírito. Preocupado com estes pensamentos e incapaz de encontrar um equilíbrio adequado, chegou à conclusão de que admitira em casa um calamitoso espírito de intranquilidade que nunca mais lhe permitiria dormir em paz.

No mesmo momento, Nick Greene chegava à conclusão exatamente oposta. Descansando na cama de manhã, com travesseiros fofos, lençóis

macios, e olhando pela sacada para o gramado que há séculos não conhecia nem dente-de-leão nem erva daninha, pensou que, se não conseguisse escapar, seria sufocado vivo. Levantar-se ouvindo o arrulho dos pombos, vestir-se ouvindo o correr das fontes... pensou que, se não ouvisse o rodar das carroças nas pedras da rua Fleet, nunca mais escreveria um verso. Se isso continuar por muito tempo — pensava enquanto ouvia o lacaio reparando a lareira e espalhando pratos de prata sobre a mesa na sala ao lado — eu cairei no sono e (a esta altura deu um prodigioso bocejo) morrerei dormindo.

Assim, foi procurar Orlando em seu quarto e explicou que não conseguira pregar os olhos a noite inteira, por causa do silêncio. (Na verdade, a casa era cercada por um parque de 15 milhas de circunferência e um muro de dez pés de altura.) Disse que o silêncio era a coisa mais opressiva que havia para seus nervos. Com a permissão de Orlando, terminaria sua visita naquela manhã mesmo. Orlando sentiu certo alívio com isso, mas também grande relutância em deixá-lo partir. A casa, pensou, pareceria muito insípida sem ele. Na partida (pois antes nunca mencionara o assunto) ele cometeu a temeridade de entregar sua peça sobre "A Morte de Hércules" ao poeta e pedir-lhe a opinião. O poeta recebeu; murmurou algo sobre "Glour" e Cícero, que Orlando interrompeu, prometendo pagar-lhe uma pensão trimestral; depois do que, Greene, com muitos protestos de afeto, saltou para a carruagem e partiu.

O grande salão nunca parecera tão grande, tão suntuoso ou tão vazio como quando a carruagem se foi. Orlando sabia que nunca mais teria ânimo para tostar queijo na lareira italiana. Nunca mais teria espírito para contar piadas sobre as pinturas italianas; não teria a habilidade para misturar o ponche como deveria ser misturado; mil pilhérias e trocadilhos estariam perdidos para ele. Contudo, que alívio ficar livre do som daquela voz lamuriante, que luxo estar sozinho mais uma vez — não podia deixar de refletir, enquanto soltava o mastim que estivera amarrado durante seis semanas, pois nunca via o poeta sem mordê-lo.

Nick Greene desceu na esquina de Fetter Lane nessa mesma tarde e encontrou as coisas mais ou menos como as deixara. A sra. Greene estava dando à luz uma criança num quarto; Tom Fletcher bebia gim noutro. Os versos estavam esparramados pelo chão; o jantar — ou coisa parecida — estava sobre uma penteadeira onde as crianças tinham feito bolos de lama. Mas esta, Greene sentiu, era a atmosfera para escrever; aqui podia

escrever e escreveu. O tema era talhado para ele. Um Lorde em casa. Uma visita a um nobre no campo — seu novo poema teria um título como este. Tomando a pena, com a qual seu filho pequeno estava fazendo cócegas na orelha do gato, mergulhando-a num porta-ovo que servia de tinteiro, Greene compôs, de pronto, uma sátira muito espirituosa. Era tão bem-feita que ninguém tinha dúvidas de que o jovem Lorde ridicularizado era Orlando; seus ditos e feitos mais secretos, seus entusiasmos e loucuras, a cor exata de seu cabelo, sua maneira estrangeira de pronunciar os erres estavam ali, ao vivo. E se ainda houvesse alguma dúvida, Greene esclarecia o assunto, introduzindo quase sem disfarces passagens daquela tragédia aristocrática "A Morte de Hércules", que achou, conforme o esperado, extremamente prolixa e bombástica.

O panfleto, que imediatamente atingiu várias edições e pagou as despesas do décimo parto da sra. Greene, foi logo enviado a Orlando por amigos que se encarregam dessas tarefas. Quando o leu, o que fez com absoluta compostura do princípio ao fim, chamou um lacaio; entregou-lhe o documento na ponta de uma pinça; ordenou que o jogasse no centro do ponto mais sujo e fétido de sua propriedade. E, quando o homem ia saindo, ele o deteve: "Pega o cavalo mais veloz do estábulo", disse, "galopa a rédea solta para Harwich. Lá embarca num navio para a Noruega. Compra-me, do próprio canil do rei, os mais belos galgos da matilha real, um macho e uma fêmea. Traga-os sem demora. Pois", murmurou, quase como num sopro, voltando-se para os livros, "estou cansado dos homens."

O lacaio, perfeitamente treinado em suas obrigações, inclinou-se e desapareceu. Desempenhou sua tarefa tão eficientemente que estava de volta em três semanas, conduzindo na mão na trela com os mais belos galgos, um dos quais, a fêmea, naquela mesma noite deu à luz uma ninhada de oito lindos cachorrinhos, sob a mesa de jantar. Orlando mandou levá-los para o seu quarto de dormir.

— Pois — disse —, não quero mais saber dos homens.

No entanto, pagou a pensão trimestralmente.

Assim, aos trinta anos, mais ou menos, este jovem nobre tivera não apenas todas as experiências que a vida oferece como também vira a inutilidade de todas elas. Amor e ambição, mulheres e poetas eram igualmente vãos. A literatura era uma farsa. Na noite seguinte à leitura de "Visita a um Nobre no Campo", de Greene, queimou num grande incêndio 57 obras poéticas, conservando apenas "O Carvalho", que era seu sonho de

adolescente e muito curto. Duas coisas restavam-lhe para confiar: cachorros e a natureza; um galgo e uma roseira. O mundo, com toda a sua variedade, e a vida, com toda a sua complexidade, tinham sido reduzidos a isso. Cães e um arbusto eram tudo. Então, sentindo-se livre de uma vasta montanha de ilusão, e por conseguinte, despido, chamou seus cachorros e caminhou a passos largos pelo parque.

Tanto tempo ficara enclausurado escrevendo e lendo que andava meio esquecido das amenidades da natureza, que em junho podem ser grandes. Quando atingiu aquele morro alto, de onde, nos dias claros, se avistava metade da Inglaterra e ainda uma faixa de Gales e da Escócia, deitou-se sob o seu carvalho favorito e sentiu como se não precisasse mais falar com nenhum homem ou mulher enquanto vivesse; se os seus cães não desenvolvessem o dom da fala; se nunca encontrasse novamente um poeta ou uma princesa, poderia viver os anos que lhe restavam razoavelmente satisfeito.

Ali voltou então, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano. Viu as faias ficarem douradas e as samambaias novas abrirem-se; viu a lua em foice e depois redonda; viu — mas provavelmente o leitor pode imaginar a passagem que se segue e como cada árvore e planta das proximidades é descrita primeiro verde, depois dourada; como a lua nasce e o sol se põe; como a primavera sucede ao inverno e o outono ao verão; como a noite sucede ao dia e o dia à noite; como acontece primeiro um temporal e depois a bonança; como as coisas permanecem as mesmas por dois ou três séculos, exceto por um pouco de poeira e algumas teias de aranha que uma velha pode varrer em meia hora; uma conclusão a que se poderia chegar mais rapidamente, sem dúvida, pela simples afirmativa de que "o Tempo passou" (aqui a duração exata poderia vir entre parênteses) e de que nada aconteceu.

Mas o Tempo, infelizmente, embora faça florescerem e murcharem animais e vegetais com surpreendente pontualidade, não tem o mesmo efeito simples sobre a mente humana. A mente humana, por outro lado, atua com igual estranheza sobre o corpo do tempo. Uma hora, uma vez alojada no estranho elemento do espírito humano, pode ser estendida cinquenta a cem vezes mais do que a sua duração no relógio; inversamente, uma hora pode ser representada com precisão por um segundo, no tempo mental. Esta extraordinária discrepância entre o tempo do relógio e o tempo da mente é menos conhecida do que deveria ser e

merece investigação mais completa. Mas o biógrafo, cujos interesses são, como dissemos, bastante restritos, deve ater-se a uma simples afirmação: quando um homem chega à idade dos trinta, como Orlando, o tempo, quando ele pensa, se torna desordenadamente longo; quando age, desordenadamente curto. Assim, Orlando dava ordens e fazia num relâmpago os negócios de suas vastas propriedades; mas logo que estava sozinho no morro, debaixo do carvalho, os segundos começavam a arredondar-se e a completar-se até parecer que não acabariam nunca. Preenchiam-se, além disso, com a mais surpreendente variedade de objetos. Pois não apenas ele se defrontava com problemas que têm confundido os maiores sábios — tais como: O que é o amor? O que é a amizade? O que é a verdade? —, mas, quando pensava nisso, todo o seu passado, que lhe parecia tão longo e variado, precipitava-se num segundo prestes a cair, dilatava-lhe uma dúzia de vezes o tamanho natural, coloria-o com mil matizes e enchia-o com toda a miscelânea do universo.

Com tal pensamento (ou qualquer que seja o nome que lhe dermos) ele passou meses e anos de sua vida. Não seria exagero dizer que saía depois do café da manhã como um homem de trinta e voltava para casa para jantar como um homem de pelo menos 55. Algumas semanas acrescentavam um século à sua idade, outras não mais que três segundos, no máximo. De um modo geral, a tarefa de calcular a duração da vida humana (dos animais não pretendemos falar) está acima da nossa capacidade, pois quando dizemos que algo dura séculos somos lembrados de que é mais breve do que a queda de uma pétala de rosa. Das duas forças que alternadamente e — o que é mais confuso ainda — ao mesmo tempo dominam nossas infelizes estupidezes — brevidade e diuturnidade — Orlando ficava às vezes sob a influência de uma divindade com pés de elefante, e outras, da de um mosquito alado. A vida parecia-lhe de uma prodigiosa duração. Mesmo assim, ela corria como um raio. Mas, mesmo quando se alongava ao máximo e os momentos se dilatavam, ele parecia vaguear sozinho nos desertos da vasta eternidade, não havia tempo para alisar e decifrar aqueles pergaminhos rabiscados que durante trinta anos homens e mulheres tinham amarrado apertadamente em seu coração e cérebro. Muito antes que ele refletisse sobre o Amor (o carvalho lançara suas folhas e sacudira-as ao chão uma dúzia de vezes), este seria expulso do campo pela Ambição e substituído pela Amizade ou pela Literatura. E como a primeira questão — O que é o Amor? — não tinha sido resolvida,

ela retornaria à menor ou nenhuma provocação e motivaria Livros ou Metáforas sobre Por que se vive à margem, para ali esperar até surgir a chance de vir à tona novamente. O que tornava o processo ainda mais longo era ser profusamente ilustrado, não apenas com figuras, como a da velha rainha Elizabeth deitada no seu divã de tapeçaria, de brocado cor-de-rosa, com uma caixa de rapé de marfim na mão e uma espada de cabo de ouro a seu lado, mas com cheiros — ela está fortemente perfumada — e com sons — os veados estavam balindo no parque Richmond naquele dia de inverno. E então o pensamento do amor ficaria todo amarelado de neve e inverno; com toras de árvores queimando; com mulheres russas, espadas de ouro e o balir dos versos; com o velho rei Jaime babando, e fogos e sacos e tesouros nos porões dos navios elisabetanos. Cada uma das coisas, toda vez que tentava deslocar de lugar em sua mente, ele encontrava obstruída com outro assunto, como a protuberância do vidro que, depois de um ano no fundo do mar, aumentou com ossos, libélulas e moedas e cachos de mulheres afogadas.

"Por Júpiter, outra metáfora!", exclamaria ao dizer isso (o que demonstra a maneira desordenada e circular como sua mente trabalha, e explica por que o carvalho floresceu e murchou tantas vezes antes que ele chegasse a uma conclusão sobre o Amor). "E qual a razão disso?", perguntava-se. "Por que não dizer simplesmente em tantas palavras —" e então tentava pensar durante meia hora — ou seriam dois anos e meio? — como dizer simplesmente em tantas palavras o que é o amor. "Uma imagem como esta é evidentemente falsa", argumentava, "pois nenhuma libélula, exceto sob circunstâncias muito excepcionais, poderia viver no fundo do mar. E se a literatura não é a Noiva e Companheira da Verdade, então o que é? Tudo é confuso", gritava, "por que dizer Companheira se já se disse Noiva? Por que não dizer simplesmente o que se quer e pronto?"

Assim ele tentou dizer que a grama é verde e o céu é azul e então propiciar o espírito austero à poesia, a quem, embora a uma grande distância, ele não podia deixar de reverenciar. "O céu é azul", dizia, "a grama é verde." Olhando para o alto, viu o contrário, o céu é como os véus que mil Madonas deixam cair de seus cabelos; e a grama foge e escurece como um voo de meninas fugindo dos abraços de sátiros cabeludos das florestas encantadas. "Palavra de honra", dizia (pois adquirira o mau hábito de falar alto), "não vejo que uma seja mais verdadeira que a outra. Ambas são totalmente falsas." E ele se desesperava por não ser capaz de

resolver o problema — o que é a poesia, o que é a verdade —, e caiu em profunda depressão.

E aqui podemos aproveitar uma pausa neste solilóquio e refletir como era estranho ver Orlando estendido no chão, apoiado no cotovelo num dia de junho e ponderar que este belo rapaz com todas as suas faculdades e com o corpo saudável, conforme testemunham as faces e os membros — um homem que nunca pensou duas vezes para encabeçar um ataque ou enfrentar um duelo —, pudesse ser tão sujeito à letargia do pensamento e se tornasse tão suscetível que, em se tratando de poesia, ou de sua competência nela, ficasse tão tímido quanto uma menininha atrás da porta da cabana de sua mãe. Em nossa opinião, a ridicularização de sua tragédia, feita por Greene, feriu-o tanto quanto a princesa ridicularizando o seu amor. Mas voltando —

Orlando continuou a pensar. Continuou a olhar a grama e o céu, procurando imaginar o que diria a respeito deles um verdadeiro poeta, que tem seus versos publicados em Londres. A memória, entretanto (cujos hábitos já foram descritos), mantinha firme diante de seus olhos o rosto de Nicholas Greene como se aquele homem sardônico, de lábios frouxos, traiçoeiro conforme demonstrara, fosse a Musa em pessoa e a quem Orlando devesse render homenagens. Assim, Orlando, naquela manhã de verão, ofereceu-lhe uma variedade de frases, umas simples, outras figuradas, e Nick Greene continuava a sacudir a cabeça, a escarnecer e a murmurar algo sobre "Glour", Cícero e a morte da poesia na nova época. Finalmente, pondo-se de pé (era inverno e fazia muito frio), Orlando pronunciou um dos mais importantes juramentos de sua vida, pois amarrou-o à mais severa das servidões. "Que eu seja fulminado", disse, "se algum dia escrever mais uma palavra ou tentar escrever uma palavra a mais para agradar a Nick Greene ou à Musa. Bom, mau, ou medíocre, escreverei de hoje em diante para agradar a mim mesmo"; e aqui fez como se estivesse rasgando uma pilha de papéis e atirando-a na cara daquele homem beiçudo e escarnecedor. Então, como um vira-lata se esquiva se lhe atiram uma pedra, a Memória apagou a imagem de Nick Greene, substituindo-a... por nada.

Mas Orlando, mesmo assim, continuou a pensar. Na verdade, tinha muito em que pensar. Pois quando rasgou o pergaminho, e o fez de uma só vez, o rolo brasonado que fizera em seu próprio favor na solidão de seu quarto nomeando-se — como o rei nomeia os embaixadores — o primeiro

poeta de sua raça, o primeiro escritor de sua época, conferindo eterna imortalidade à sua alma e garantindo para o seu corpo um túmulo em meio a loureiros e bandeiras intangíveis, perpetuamente reverenciadas por um povo. Por mais eloquente que fosse tudo isso, ele rasgava nesse momento e atirava na lixeira. "A Fama", dizia, "é como (e, como não havia um Nick Greene para interrompê-lo, continuou a se divertir com imagens das quais escolheremos apenas uma ou duas das mais tranquilas) um casaco trançado que tolhe os membros; uma jaqueta de prata que refreia o coração; um escudo pintado que cobre um espantalho" etc. etc. O cerne de suas frases era que, enquanto a fama impede e tolhe, a obscuridade envolve o homem como um nevoeiro; a obscuridade é sombria, ampla e livre; a obscuridade deixa que a mente tome seu caminho sem impedimentos. Sobre o homem desconhecido é derramada a misericordiosa inundação da obscuridade. Ninguém sabe aonde ele vai ou de onde vem. Pode procurar a verdade e dizê-la; só ele é livre; só ele é verdadeiro; só ele está em paz. E assim caiu num estado de tranquilidade, embaixo do carvalho, cujas duras raízes expostas acima da terra pareceram-lhe mais confortáveis do que nunca.

Mergulhado por muito tempo em profundos pensamentos quanto ao valor da obscuridade, o prazer de não ter um nome, mas ser como uma onda que retorna às profundezas do mar; pensando como a obscuridade liberta a mente dos aborrecimentos da inveja e do rancor; como faz correr nas veias as águas livres da generosidade e da magnanimidade; como permite dar e tomar sem agradecimentos ou louvores; o que deve ter sido a maneira de todos os grandes poetas, supunha (embora o seu conhecimento de grego não fosse suficiente para confirmá-lo), pois, pensava, Shakespeare deve ter escrito assim e os construtores da igreja construíam assim, anonimamente, sem necessitar de agradecimentos nem de citações, mas só pelo seu trabalho durante o dia e um pouco de cerveja à noite — "como esta vida é admirável", pensou, esticando as pernas sobre o carvalho. "E por que não aproveitar este exato momento?" O pensamento o atingiu como uma bala. A ambição caiu como um prumo. Livre da aflição do amor desprezado e da vaidade exprobrada e de todos os outros espinhos e ferrões com que as urtigas da vida o tinham queimado quando ambicionava a fama, mas que não podiam mais se impor a uma pessoa desinteressada da glória, abriu os olhos, que tinham estado bem abertos

todo esse tempo, mas tinham visto apenas os pensamentos, e viu, jazendo no vale a seus pés, sua casa.

Lá estava ela, ao sol precoce da primavera. Parecia mais uma cidade do que uma casa, mas uma cidade construída, não aqui e ali, como este ou aquele homem queriam, porém deliberadamente, por um único arquiteto, com uma única ideia na cabeça. Pátios e prédios, cinzentos, vermelhos, cor de ameixa, dispunham-se ordenada e simetricamente; uns pátios eram oblongos, outros quadrados; neste havia uma fonte; naquele uma estátua; alguns prédios eram baixos, outros pontudos; aqui havia uma capela, ali um campanário; espaços de grama verde entre moitas de cedro e canteiros de flores brilhantes; o todo era cercado por um sólido muro cilíndrico — mas tão bem-distribuído que cada parte parecia ter espaço para se desenvolver apropriadamente; enquanto a fumaça de inúmeras chaminés volteava perpetuamente no ar. Esta vasta e harmoniosa construção, que podia abrigar mil homens e talvez dois mil cavalos, foi construída, pensava Orlando, por operários cujos nomes eram desconhecidos. Aqui viveram, por mais séculos do que eu posso contar, as obscuras gerações da minha própria obscura família. Nenhum desses Ricardos, Joões, Ana, Elisabetes deixou vestígio de si, embora todos trabalhando juntos, com suas pás e agulhas, seus amores e maternidades, tenham deixado isto.

Nunca a casa lhe parecera mais nobre e mais humana.

Por que, então, desejara suplantá-los? Pois parecia inútil e arrogante ao extremo tentar melhorar aquele anônimo trabalho de criação; os labores daquelas mãos desaparecidas. Melhor seria continuar desconhecido, deixar atrás de si um arco, uma adega, um muro onde os pêssegos amadureçam, do que queimar como um meteoro e não deixar cinzas. Pois afinal, dizia, animando-se enquanto olhava a grande casa lá embaixo, no vale verde, os desconhecidos senhores e senhoras que ali viveram nunca se esqueceram de deixar algo para os que viessem depois; para o teto, que pode ter goteiras; para a árvore, que pode cair. Havia sempre na cozinha um canto aquecido para o velho pastor; comida para os famintos; suas taças eram polidas, embora eles estivessem doentes, e suas janelas eram iluminadas, embora estivessem morrendo. Embora fossem lordes, agradava-lhes mergulhar na obscuridade com o caçador de toupeiras e com o pedreiro. Nobres obscuros, construtores esquecidos — assim ele os apostrofava com um calor que contradizia inteiramente os críticos que o chamavam de frio, indiferente, indolente (a verdade é que a qualidade em geral está do lado

oposto àquele onde a procuramos) — assim ele apostrofava sua casa e sua gente, com termos da mais comovedora eloquência; mas, ao chegar à peroração — e o que é a eloquência sem a peroração? —, atrapalhou-se. Gostaria de ter terminado com um floreio, prometendo seguir suas pegadas e acrescentar outra pedra à construção. Mas, uma vez que a construção já ocupava nove acres, acrescentar uma única pedra parecia supérfluo. Pode-se mencionar móveis numa peroração? Pode-se falar de cadeiras, mesas e tapetes para estender ao lado das camas? Pois, o que quer que fosse necessário à peroração, era disso que a casa precisava. Deixando o discurso provisoriamente por terminar, desceu a colina a passos largos, de novo resolvido a dedicar-se a mobiliar a mansão. O aviso — de que devia se apresentar a ele imediatamente — trouxe lágrimas aos olhos da velha sra. Grimsditch, agora já um pouco envelhecida. Juntos percorreram a casa.

No porta-toalhas do quarto do rei ("e era do rei Jaime, meu senhor", disse ela, insinuando que fazia muitos anos desde que um rei dormira sob aquele teto; mas os odiosos dias do Parlamento tinham terminado e agora havia novamente uma Coroa na Inglaterra) faltava um pé; não havia suportes para os jarros no pequeno gabinete que conduzia à sala de espera do pajem da duquesa; o sr. Greene fizera uma mancha no tapete com o seu horrível cachimbo, que ela e Judy, por mais que esfregassem, nunca tinham conseguido tirar. Na verdade, quando Orlando começou a fazer os cálculos para mobiliar com cadeiras de pau-rosa e armários de cedro, com bacias de prata, vasos de porcelana e tapetes persas cada um dos 365 quartos da casa, verificou que os gastos não seriam leves; e, se sobrassem alguns milhares de libras de sua fortuna, estas seriam suficientes apenas para pendurar algumas tapeçarias nas galerias, arrumar a sala de jantar com belas cadeiras esculpidas e prover de espelhos de prata maciça e cadeiras do mesmo metal (pelo qual tinha exagerada paixão) os dormitórios reais.

Ele então pôs-se a trabalhar com afinco, como se pode provar, sem dúvida, se olharmos seus livros. Vamos ver o inventário do que ele comprou nessa época, com as despesas anotadas à margem — mas estas nós omitimos.

"Cinquenta pares de cobertores espanhóis, idem de cortinas carmesim e brancas; sanefas de cetim branco bordadas com seda carmesim e branca...

“Setenta cadeiras de cetim amarelo e sessenta banquetas, todas forradas com assentos de entretela...

“Sessenta e sete mesas de nogueiras...

“Dezessete dúzias de caixas contendo cada uma cinco dúzias de copos de Veneza...

“Cento e duas passadeiras, cada uma com trinta jardas de comprimento...

“Noventa e sete almofadas de damasco carmesim, cobertas com renda prateada, escabelos de tecido e cadeiras combinando...

“Cinquenta braços, com 12 luzes cada...”

Já — este é um efeito que as listas têm sobre nós — começamos a bocejar. Mas, se paramos, é somente porque a enumeração é tediosa, não porque tenha acabado. Há 99 páginas mais, e a soma total desembolsada chega a muitos milhares — ou seja, a milhões, em nosso dinheiro. E se o seu dia era passado dessa forma, à noite, novamente, Lorde Orlando podia ser encontrado calculando quanto custaria para nivelar um milhão de montes feitos pelas toupeiras, se os homens fossem pagos a dez *pence* a hora; e, novamente, quantas toneladas de pregos, a 5 *pence* e meio por quarto de quartilho, seriam necessárias para consertar a cerca ao redor do parque, que tinha 15 milhas de circunferência. E assim por diante.

A narração, repetimos, é cansativa, pois um armário é muito parecido com outro, e um monte feito por uma toupeira não difere de um milhão deles. Proporcionou-lhe algumas viagens agradáveis e algumas belas aventuras, como, por exemplo, quando contratou uma cidade inteira de mulheres cegas perto de Bruges para costurarem os cortinados para o dossel de prata de uma cama; e a história de sua aventura com um mouro em Veneza, de quem comprou (somente a ponta de espada) sua escrivaninha laqueada, que mereceria ser contada por outra pessoa. Nem à obra faltava variedade; pois ali chegavam de Sussex, arrastadas por juntas, grandes árvores para serem serradas e servirem como piso das galerias; e uma arca da Pérsia, forrada de lã e serragem, da qual, finalmente, ele retiraria um simples prato ou um anel de topázio.

Por fim, não havia mais espaço nas galerias para outra mesa; nas mesas não havia espaço para outro armário; nos armários, espaço para outro vaso de flores; nos vasos não havia mais espaço para outro ramalhete; não havia espaço para nada em parte alguma; em suma, a casa estava mobiliada. No

jardim, galantos, açafrões, jacintos, magnólias, rosas, lírios, ásteres, dálias em todas as suas variedades, pereiras, macieiras, cerejeiras e amoreiras, com uma enorme quantidade de arbustos raros e floridos, de árvores verdes e perenes, cresciam tão densos, com raízes tão próximas que não havia nenhum pedaço de terra sem flor, nenhum pedaço de relva sem sombra. Além disso, importara aves selvagens de plumagem alegre; dois ursos da Malásia, cujos modos rudes escondiam, ele tinha certeza, corações confiáveis.

Tudo agora estava pronto. E ao anoitecer os inúmeros candelabros de prata eram acesos, e as leves brisas que continuamente se movimentavam pelos corredores balançavam as tapeçarias verdes e azuis, de modo que parecia que os caçadores estavam cavalgando e Dafne voando; quando a prata brilhou, a laca cintilou e a lenha ardeu; quando as cadeiras esculpidas tiveram os braços recolocados; e os golfinhos nadavam pelas paredes com sereias nos dorsos; quando isto e muito mais ficou pronto a seu gosto, Orlando andava pela casa acompanhado de seus cães, e se sentiu satisfeito. Agora, pensou, tinha assunto para completar a sua peroração. Talvez fosse melhor recomeçar o discurso. Contudo, quando passeava pelas galerias, sentia que alguma coisa estava faltando. Cadeiras e mesas, embora ricamente douradas e esculpidas, sofás apoiados em patas de leão e pescoços de cisnes, camas com os mais macios edredons de penas de cisnes não bastam por si mesmos. Pessoas sentadas neles, pessoas deitadas neles, os tornam surpreendentemente melhores. Por isso Orlando iniciou uma série de esplêndidas festas para a nobreza e os cavalheiros da vizinhança. Os 365 quartos ficaram cheios, uma ocasião, por um mês. Os hóspedes se comprimiam pelas 52 escadas. Trezentos empregados se movimentavam pelas despensas. Havia banquetes quase todas as noites. De modo que em poucos anos Orlando tinha estragado o seu veludo e gastado metade de sua fortuna; mas conquistara as boas graças de seus vizinhos, exercia várias funções no condado e era anualmente presenteado com cerca de uma dúzia de volumes dedicados à sua senhoria por poetas agradecidos, com termos bajulatórios. Pois embora tivesse o cuidado de não se associar a escritores daquela época e se conservasse afastado de senhoras de sangue estrangeiro, ainda era excessivamente generoso tanto com mulheres quanto com poetas, e umas e outros o adoravam.

Mas, quando a festa estava no seu apogeu e os convidados se regozijavam, ele retirava-se sozinho para o seu quarto. Lá, quando a porta

estava fechada e tinha certeza de sua privacidade, tirava um velho caderno costurado com seda roubada da caixa de costura de sua mãe e rotulado com uma letra redonda de colegial, “O Carvalho, um Poema”. Nele escrevia até meia-noite ou mais. Mas, como apagava tantas linhas quantas escrevia, a soma delas, ao final do ano, era frequentemente menor do que no começo, e era como se, durante o processo, o poema ficasse completamente por escrever. Pois é digno de nota para os historiadores das letras que ele mudou seu estilo surpreendentemente. Seus floreios foram moderados; sua abundância dominada; a época da prosa estava solidificando aquelas fontes cálidas. A própria paisagem era menos adornada com grinaldas, e até os espinheiros eram menos emaranhados e tinham menos espinhos. Talvez os sentidos estivessem um pouco mais embotados e o mel e a nata, menos sedutores ao paladar. Não se pode duvidar também que as ruas estavam mais bem-drenadas, as casas mais bem-iluminadas, e isso produzia um efeito sobre o estilo.

Um dia estava acrescentando, com enorme esforço, uma linha ou duas a “O Carvalho, um Poema” quando viu pelo rabo do olho uma sombra. Não era uma sombra, logo verificou, mas a figura de uma dama muito alta, de manto e capuz, atravessando o quadrilátero onde ficava seu quarto. Como esse era o pátio mais íntimo e a dama era uma estranha para ele, Orlando se admirou como ela chegara até ali. Três dias depois, a mesma aparição surgiu de novo; e na quarta-feira ao meio-dia voltou mais uma vez. Desta feita, Orlando estava decidido a segui-la, e ela não parecia ter medo de ser encontrada, pois diminuiu o passo quando ele se aproximou e encarou-o resolutamente. Qualquer outra mulher apanhada dessa forma, nos domínios privados de um Lorde, teria tido medo; qualquer outra mulher com aquele rosto, penteado e aspecto teria jogado a mantilha por sobre os ombros para se esconder. Pois esta dama se parecia muito com uma lebre; uma lebre assustada mas teimosa; uma lebre cuja timidez era suplantada por uma imensa e louca audácia; uma lebre que se senta empertigada e encara seu perseguidor com olhos grandes e protuberantes; com orelhas eretas mas trêmulas, com o nariz pontudo mas retorcido. Esta lebre, além disso, tinha seis pés de altura e usava um penteado de estilo antigo que a fazia parecer mais alta ainda. Assim confrontada, fitou Orlando com um olhar onde a timidez e a audácia estavam estranhamente combinadas.

Primeiro ela lhe pediu, com uma reverência correta mas meio desajeitada, que perdoasse sua intromissão. Depois, levantando-se

completamente — devia ter uns seis pés e duas polegadas —, prosseguiu dizendo — mas com tal acesso de riso nervoso, tantos “ih-ihs” e “ah-ahs” que Orlando pensou que ela tivesse fugido de um manicômio — que era a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom, do território romeno. Desejava, acima de tudo, conhecê-lo, disse. Hospedara-se nos altos de uma padaria em Park Gates. Ela vira o seu retrato e ele era a imagem de uma irmã dela que — aqui deu uma gargalhada — estava morta há muito tempo. Ela estava visitando a corte da Inglaterra. A rainha era sua prima. O rei era um bom companheiro, mas raramente ia para a cama sóbrio. Aqui ela soltou “ihs” e “ahs” novamente. Em suma, não havia nada a fazer senão convidá-la e oferecer-lhe um copo de vinho.

Dentro da casa, seus modos retomaram a pose natural de uma arquiduquesa romena; e se não tivesse mostrado um conhecimento de vinhos raro numa dama, e feito observações sobre armas de fogo e regras de caça esportiva em seu país que eram bastante sensatas, a conversa teria carecido de espontaneidade. Pondo-se de pé, finalmente, anunciou que voltaria no dia seguinte, fez outra prodigiosa reverência e partiu. No dia seguinte Orlando cavalgou. No outro virou-lhe as costas; no terceiro puxou a cortina. No quarto choveu, e, como não podia deixar uma dama na chuva e não estava avesso à companhia, convidou-a a entrar e pediu sua opinião sobre se a armadura que pertencera a um antepassado seu seria obra de Jacobi ou de Topp. Ele se inclinava para Topp. Ela sustentou outra opinião — pouco importa qual. Mas o que é extremamente importante para o curso da nossa história é que, ilustrando seu argumento que tinha relação com o trabalho de articulação das peças, a arquiduquesa pegou a caneleira de ouro e ajustou-a na perna de Orlando.

Que ele possuía as pernas mais bem-feitas que sustentavam qualquer nobre já foi dito antes.

Talvez alguma coisa na maneira pela qual ela apertou a fivela no tornozelo; ou sua postura inclinada; ou o longo isolamento de Orlando ou a natural simpatia que existe entre os sexos; ou o vinho da Borgonha; ou o fogo — qualquer dessas causas pode ser culpada; pois certamente há culpa de um lado e de outro quando um nobre da estirpe de Orlando, acolhendo em sua casa uma senhora, e ela mais velha que ele, com um rosto de uma jarda de comprimento e olhos espantados, vestida de maneira ridícula, com um manto e um capuz embora a estação fosse quente — há culpa

quando um nobre é tão rápida e violentamente dominado por um tipo de paixão que o obriga a sair da sala.

Mas que espécie de paixão seria esta?, pode-se perguntar. E a resposta tem duas faces, como o próprio Amor. Pois o Amor — mas, deixando o Amor fora do debate por um momento, o fato real era que:

Quando a arquiduquesa Harriet Griselda se inclinou para apertar a fivela, Orlando escutou repentina e inexplicavelmente o longínquo bater das asas do Amor. O distante movimento desta plumagem macia despertou nele mil lembranças de águas correntes, de carinhos na neve e infidelidade na inundação; e o som ficou mais próximo; e ele corou e tremeu; e se comoveu como nunca pensara se comover de novo; e estava pronto para levantar as mãos e deixar que o pássaro da beleza pousasse em seus ombros, quando — que horror! — um ruído como aquele que os corvos fazem quando caem sobre as árvores começou a reverberar; o ar parecia escuro com ásperas asas negras; vozes resmungavam; pedaços de palha, galhos e penas caíram; e lá pousou sobre seus ombros a mais pesada e repugnante das aves, que é o abutre. Precipitou-se, então, para fora do quarto e mandou o criado levar a arquiduquesa Harriet à sua carruagem.

Pois o Amor, ao qual podemos agora retornar, tem duas faces; uma branca, outra negra; dois corpos: um macio, outro peludo. Tem duas mãos, dois pés, duas caudas, dois, na verdade, de cada membro, um exatamente o oposto do outro. No entanto, tão estreitamente ligados que não se pode separá-los. Neste caso, o amor de Orlando começou a voar em sua direção com a face branca exposta e com o corpo macio e adorável à mostra. Foi-se aproximando mais e mais, lançando lufadas de puro prazer. De repente (à vista da arquiduquesa, presumivelmente) rodou, tomou o outro aspecto; mostrou-se negro, peludo, bruto; e era a Luxúria, o abutre, não o Amor, a Ave do Paraíso, que batia as asas traiçoeiramente sobre seus ombros. Por isso fugiu; por isso foi buscar o criado.

Mas a harpia não é tão facilmente banida. Não só a arquiduquesa continuou a morar na casa do padeiro, como Orlando era assombrado dia e noite pelos mais repugnantes fantasmas. Em vão ele tinha equipado a casa com pratas e coberto as paredes com tapeçarias, quando a qualquer momento um pássaro molhado de esterco podia instalar-se sobre sua escrivaninha. Ali estava, batendo asas entre as cadeiras; ele o via bamboleando desajeitadamente pelas galerias. Agora empoleirava-se

pesadamente sobre um guarda-fogo. Quando o enxotava, ele retornava e bicava a vidraça até quebrá-la.

Assim, percebendo que sua casa era inabitável e que devia tomar medidas para acabar com o assunto imediatamente, fez o que qualquer outro jovem teria feito em seu lugar e pediu ao rei Carlos que o enviasse como embaixador extraordinário para Constantinopla. O rei estava caminhando em Whitehall, de braços dados com Nell Gwyn. Ela atirava avelãs nele. "Que pena", suspirou a amorosa dama, "que um par de pernas como estas tenha que deixar o país."

Os Fados, não obstante, foram implacáveis; ela não pôde fazer nada além de lhe jogar um beijo por cima do ombro, antes que Orlando partisse.

Capítulo III

É realmente uma grande infelicidade, e deve ser lamentado, o fato de termos pouca informação sobre este estágio da carreira de Orlando, quando desempenhou um papel importante na vida pública de seu país. Sabemos que cumpriu seus deveres com zelo — conforme testemunha o fato de ter recebido a Ordem de Bath e o título de duque. Sabemos que participou das mais delicadas negociações entre o rei Carlos e os turcos — como atestam os tratados nos subterrâneos do Arquivo Público. Mas a revolução que eclodiu durante o período de sua missão e o incêndio que a seguiu danificaram e destruíram todos os documentos de onde se poderia extrair alguma informação, e tudo o que podemos oferecer é lamentavelmente incompleto. Frequentemente o papel estava chamuscado de marrom no meio da frase mais importante. Justo quando pensávamos elucidar um segredo que confundira os historiadores durante cem anos, havia um buraco tão grande no manuscrito que por ele podia passar um dedo. Fizemos o possível para compor um reduzido sumário dos fragmentos queimados que restam; mas muitas vezes foi necessário especular, supor e mesmo usar a imaginação.

O dia de Orlando parecia passar mais ou menos desta maneira: às sete horas ele se levantava, envolvia-se num longo casaco turco, acendia um charuto e punha os cotovelos no parapeito. Aí ficava parado, olhando a cidade a seus pés, num aparente êxtase. Nessa hora, o nevoeiro era tão denso que os domos de Santa Sofia e todo o resto pareciam flutuar; gradualmente, o nevoeiro os descobria; via-se que as bolhas estavam firmemente fixadas; ali seria o rio; lá, a ponte de Gálata; adiante, os peregrinos, de turbante verde, sem olhos e sem narizes pedindo esmolas; além, os cães sem dono apanhavam restos; acolá, mulheres com véus; lá, inúmeros burros; ali, homens a cavalo carregando longas varas. Logo toda a cidade despertava com o bater dos chicotes, com o soar dos gongos, com chamados para a oração, com o açoitar das mulas, o ranger das rodas chapeadas de bronze, enquanto odores acres provenientes do fermento do

pão e incenso, e especiarias, se elevavam até as alturas de Pera e pareciam o próprio hálito da população estridente, multicolorida e bárbara.

Nada, pensava ele, contemplando a paisagem que agora brilhava ao sol, podia ser menos semelhante aos condados de Surrey e Kent ou às cidades de Londres e Tunbridge Wells. À direita e à esquerda erguiam-se, numa proeminência estéril e pedregosa, as montanhas inóspitas da Ásia, tendo ao alto um castelo árido, de um ou dois chefes de salteadores; mas não havia presbitério, nem mansões senhoriais, nem chalés, nem carvalhos, nem olmos, nem violetas, nem hera, nem madressilvas. Não havia sebes onde crescessem as samambaias, nem campos para as ovelhas pastarem. As casas eram tão brancas e nuas como cascas de ovos. Surpreendia-o que, sendo inglês de raiz e de fibra, pudesse exultar até o fundo do coração com aquele panorama selvagem e olhar aqueles desfiladeiros e aquelas alturas planejando jornadas para lá sozinho, a pé, onde somente uma cabra ou um pastor tivessem estado antes; pudesse sentir apaixonada ternura pelas flores brilhantes e extemporâneas, mais amor pelos cães rudes e sem dono do que pelos cães de raça de sua casa, e aspirasse avidamente o cheiro ácido e penetrante das ruas. Ele se perguntava se no tempo das Cruzadas um de seus antepassados não teria se unido a uma camponesa circassiana; pensou que seria possível; imaginou um certo tom moreno em sua tez; e, entrando novamente, recolhia-se para o banho.

Uma hora depois, devidamente perfumado, ungido e de cabelos ondulados, recebia a visita dos secretários e de outros altos funcionários, carregando, um após o outro, caixas vermelhas que somente eram abertas com a sua chave de ouro. Dentro havia documentos da maior importância, dos quais restam apenas fragmentos — aqui um rabisco, ali um selo firmemente preso a um pedaço de seda queimada. De seu conteúdo não podemos falar, só afirmamos que Orlando se mantinha ocupado com lacres, selos, fitas de diversas cores que tinham de ser amarradas de várias maneiras, cópias manuscritas e desenhos floreados das letras maiúsculas, até a hora do almoço — uma esplêndida refeição, de uns trinta pratos talvez.

Depois do almoço, os criados anunciavam que a sua carruagem de seis cavalos estava à porta e ele partia, precedido de janízaros de vermelho, que corriam a pé agitando grandes abanos de penas de avestruz por cima de suas cabeças, para visitar outros embaixadores e dignitários. A cerimônia era sempre a mesma. Chegando ao pátio, os janízaros batiam

com seus abanos no portão principal, que imediatamente era aberto, revelando uma grande sala esplendidamente mobiliada. Aí estavam sentadas duas figuras, geralmente de sexos opostos. Eram trocadas profundas reverências e cortesias. Na primeira sala só era permitido mencionar o tempo. Tendo dito que estava bom ou úmido ou quente ou frio, o embaixador então passava para outra sala, onde novamente duas pessoas se levantavam para saudá-lo. Aqui só era permitido comparar Constantinopla a Londres, como um lugar para residir; e o embaixador, naturalmente, dizia que preferia Constantinopla, e os anfitriões, naturalmente, diziam que, embora não conhecessem, preferiam Londres. Na sala seguinte, a saúde do rei Carlos e do sultão era discutida demoradamente. Na próxima, eram discutidas a saúde do embaixador e a da esposa do anfitrião, porém mais sumariamente. Na outra, o embaixador cumprimentava o anfitrião pela mobília, e o anfitrião cumprimentava o embaixador pelo seu traje. Na seguinte eram oferecidas guloseimas, o anfitrião lamentando-lhes a insipidez, e o embaixador exaltando-lhes a excelência. A cerimônia afinal terminava, com um cachimbo oriental e uma xícara de café; mas, embora os movimentos de fumar e beber ocorressem meticulosamente, não havia nem tabaco no cachimbo nem café na xícara, pois se o fumar e o beber fossem reais a resistência humana teria sucumbido com os excessos. Pois logo que o embaixador terminasse esta visita já devia realizar outra. As mesmas cerimônias aconteciam precisamente na mesma ordem, quase sempre seis ou sete vezes, nas casas de outros altos dignitários, de modo que muitas vezes era tarde da noite quando o embaixador retornava a casa. Embora Orlando desempenhasse essas tarefas admiravelmente e nunca negasse que eram talvez a parte mais importante dos seus deveres diplomáticos, estava sem dúvida cansado delas e sempre deprimido, a tal ponto que preferia jantar sozinho com seus cães. Com eles podia falar em sua própria língua. E às vezes, dizia-se, atravessava os portões tarde da noite tão disfarçado que os sentinelas não o reconheciam. Então se misturava com a multidão na ponte de Gálata; ou percorria os bazares; ou tirava os sapatos e se juntava aos fiéis nas mesquitas. Certa vez, quando foi anunciado que ele estava com febre, pastores que traziam suas cabras para o mercado contaram ter encontrado um Lorde inglês no topo de uma montanha, rezando para o seu Deus. Acreditava-se que era o próprio Orlando, e sua prece era sem dúvida um poema dito em voz alta, pois sabia-se que ele ainda carregava consigo

escondido na capa um manuscrito muito rabiscado; e os criados, escutando à porta, ouviam o embaixador cantando algo com uma voz esquisita, quando estava sozinho.

É com fragmentos como este que devemos fazer o possível para elaborar um retrato da vida de Orlando e de seu caráter nessa época. Existem até hoje rumores, lendas, anedotas vagas e inautênticas sobre a vida de Orlando em Constantinopla (citamos apenas algumas) que servem para provar que ele possuía, agora que estava na flor da idade, o poder de despertar a fantasia e de prender o olhar, capaz de manter viva uma lembrança, quando tudo aquilo que as qualidades mais duráveis fazem para preservá-la é esquecido. O poder é misterioso e composto de beleza, berço e um certo dom raro a que podemos chamar fascínio. "Um milhão de velas", como dissera Sasha, ardiam nele sem que tivesse trabalho de acender uma única. Movia-se como um cervo, sem necessidade de pensar nas pernas. Falava com voz natural, e o eco soava como um gongo de prata. Por isso vivia cercado de rumores. Tornou-se adorado por muitas mulheres e alguns homens. Não era preciso que falassem com ele ou que o tivessem visto; imaginavam diante deles, especialmente quando o cenário era romântico ou quando o sol estava se pondo, a figura de um nobre cavalheiro de meias de seda. Sobre os pobres e ignorantes tinha o mesmo poder que sobre os ricos. Pastores, ciganos, condutores de burros ainda entoam canções a respeito do Lorde inglês "que atirou esmeraldas num poço", sem dúvida se referindo a Orlando, que certa vez, ao que consta, jogou suas joias numa fonte num momento de raiva ou embriaguez; de onde foram pescadas por um pajem. Mas este poder romântico, é bem sabido, está quase sempre associado a uma natureza de extrema reserva. Orlando parece não ter tido amigos. Tanto quanto se sabe, não teve nenhuma ligação. Uma certa grande dama veio da Inglaterra para ficar perto dele e atormentou-o com suas atenções, mas ele continuou a cumprir com seus deveres tão incansavelmente que ainda não era embaixador na corte havia dois anos e meio quando o rei Carlos manifestou a intenção de promovê-lo ao mais alto posto da nobreza. Os invejosos disseram que isso era um tributo de Nell Gwyn à lembrança de uma perna. Mas, como ela o tinha visto apenas uma vez e estava ocupada em atirar avelãs no seu senhor real, é provável que tenham sido os seus méritos, e não as panturrilhas, que lhe conquistaram o Ducado.

Aqui devemos fazer uma pausa, porque atingimos um momento de grande significado em sua carreira. Pois a concessão do Ducado deu motivo a um incidente muito famoso e muito discutido que agora vamos descrever, da melhor forma possível, buscando o caminho entre papéis queimados e pequenos pedaços de fita. Foi ao final do grande jejum do Ramadã que a Ordem de Bath e a patente da nobreza chegaram em uma fragata comandada por Sir Adrian Scrope; e Orlando aproveitou a ocasião para a festa mais esplêndida do que qualquer outra jamais vista em Constantinopla. A noite estava bela; a multidão imensa e as janelas da embaixada brilhantemente iluminadas. Novamente faltam detalhes porque o fogo destruiu tais registros e deixou apenas fragmentos esparsos que deixam obscuros muitos pontos importantes. No entanto, pelo diário de John Fenner Brigge, um oficial naval inglês que se encontrava entre os convidados, soube-se que gente de todas as nacionalidades "estava comprimida como arenques num barril", no pátio. A multidão estava tão desconfortavelmente apertada que Brigge logo subiu numa árvore para melhor observar os acontecimentos. Circulava um rumor entre os nativos (e aqui é uma prova adicional do misterioso poder de Orlando sobre a imaginação) de que algum tipo de milagre iria acontecer. "Assim", escreve Brigge (mas seu manuscrito está cheio de queimados e de buracos, com algumas frases quase ilegíveis), "quando os foguetes começaram a subir, havia um considerável desconforto, entre nós, de que a população nativa se deixasse arrebatar... carregada de consequências desagradáveis para todos... na companhia de damas inglesas, eu mesmo levei minha mão ao sabre. Felizmente", ele continua em seu estilo enfadonho, "estes temores, no momento, pareciam infundados, e, observando a conduta dos nativos... cheguei à conclusão de que esta demonstração de nossa habilidade na arte da pirotecnia tinha valor, pelo menos porque imprimiu neles... A superioridade dos britânicos... na verdade a visão era de uma magnificência indescritível. Eu me vi alternadamente louvando o Senhor, que permitira... e desejando que minha pobre e querida mãe... por ordem do embaixador as grandes janelas, que eram um traço imponente da arquitetura oriental, embora ignorante em muitos sentidos... estavam totalmente abertas; e dentro podíamos ver um quadro vivo, ou uma representação teatral, na qual damas e cavalheiros ingleses... Apresentavam uma mascarada, obra de um... As palavras eram inaudíveis, mas a visão de tantos dos nossos compatriotas, homens e mulheres,

vestidos com a maior elegância e distinção... despertou-me emoções das quais certamente não me envergonho, embora seja incapaz... estava concentrado observando a surpreendente conduta de Lady — que era de uma natureza capaz de prender os olhares sobre si e trazer o descrédito para o seu sexo e seu país, quando" — infelizmente um galho da árvore quebrou e o tenente Brigge caiu ao chão, e o resto do relato apenas registra sua gratidão à Providência (que desempenha um grande papel no diário) e a natureza exata de seus ferimentos.

Felizmente, a srta. Penelope Hartopp, filha do general de mesmo nome, viu a cena de dentro e continua a narrativa numa carta, muito deteriorada também, que tardiamente chegou a uma amiga em Tunbridge Wells. A srta. Penelope não era menos pródiga, em seu entusiasmo, do que o galante oficial. "Deslumbrante", ela exclama dez vezes em uma página, "maravilhoso... Além de qualquer descrição... baixelas de ouro... candelabros... negros de calças de pelúcia... pirâmides de gelo... fontes de ponche... gelatinas representando os navios de Sua Majestade... cisnes representando nenúfares... pássaros em gaiolas douradas... cavalheiros em trajes de veludo vermelho... senhoras com penteados de *pelo menos* seis pés de altura... caixas de música... o sr. Peregrine disse que eu estava *absolutamente* encantadora, o que só repito para você, minha querida, pois sei... Oh! ... que saudade tenho de todos vocês! ... ultrapassando o que vimos em Pantiles... oceanos para beber... Alguns cavalheiros se excederam... Lady Betty maravilhosa... A pobre Lady Bonham cometeu o erro de sentar-se sem ter uma cadeira... cavalheiros todos muito elegantes... suspirei mil vezes por você e pela querida Betsy... mas o espetáculo principal, a atração de todos os olhares... como todos admitiam, pois ninguém podia ser tão vil que negasse tal coisa, era o próprio embaixador. Que pernas! que semblante! Que maneiras principescas!!! vê-lo entrar no salão! vê-lo sair novamente! e algo *atraente* na expressão, que faz sentir, embora não se saiba por quê, que ele tem *sofrido*! Dizem que uma dama foi a causadora disso. Um monstro sem coração!!! Como pode uma pessoa de nosso *chamado sexo frágil* ter tido esta coragem!!! Ele é solteiro, e metade das damas daqui está apaixonada por ele... Milhares e milhares de beijos para Tom, Gerry, Peter e o querido Miau" [presumivelmente o seu gato].

Da Gazeta da época extraímos que "quando o relógio bateu meia-noite, o embaixador apareceu na sacada central, que estava adornada com

tapeçarias preciosas. Seis turcos de Guarda Imperial, cada um com seis pés de altura, seguravam tochas à direita e à esquerda. Foguetes subiram quando ele surgiu, e um grande clamor elevou-se da multidão, ao que o embaixador retribuiu, inclinando-se profundamente e falando algumas palavras de agradecimento em turco, fluentemente, o que era uma de suas conquistas. Depois, Sir Adrian Scrope, em uniforme de gala de almirante britânico avançou; o embaixador dobrou um dos joelhos; o almirante colocou-lhe ao pescoço o colar da nobilíssima Ordem de Bath e prendeu a Estrela em seu peito; depois disso, um outro cavalheiro do corpo diplomático se adiantou solenemente e colocou sobre seus ombros as vestes ducais e entregou-lhe a coroa ducal, numa almofada vermelha".

Por fim, com um gesto de extraordinária majestade e graça, primeiro inclinando-se profundamente, depois levantando-se orgulhosamente, Orlando tomou o círculo dourado de folhas de morango e colocou-o sobre a fronte, com um gesto que os que viram jamais esqueceram. Foi nesse momento que o primeiro distúrbio começou. Ou o povo tinha esperado um milagre — alguns dizem que tinha sido profetizado que uma chuva de ouro cairia dos céus —, o que não aconteceu, ou esse era o sinal escolhido para começar o ataque; ninguém parece saber; mas, quando a coroa foi colocada na fronte de Orlando, grande tumulto elevou-se. Os sinos começaram a tocar; os ásperos gritos dos profetas eram ouvidos acima dos clamores da multidão; muitos turcos se atiraram ao chão e tocaram a terra com suas testas. Uma porta foi arrombada. Os nativos precipitaram-se nos salões de banquete. Mulheres gritavam. Uma certa dama, que diziam estar morrendo de amor por Orlando, pegou um candelabro e jogou-o ao chão. O que poderia ter acontecido, se não fosse a presença de Sir Adrian Scrope e de uma esquadra de marujos ingleses, ninguém pode dizer. Mas o almirante ordenou que soassem as cornetas; uma centena de marujos postou-se instantaneamente em alerta; a desordem foi domada, e a calma, pelo menos no momento, foi restabelecida.

Até agora temos estado no terreno firme, embora estreito, da verdade comprovada. Mas ninguém jamais soube com exatidão o que aconteceu mais tarde naquela noite. O testemunho das sentinelas e de outras pessoas parece, entretanto, comprovar que a embaixada ficou vazia, e as portas foram fechadas, como de costume, por volta das duas da manhã. O embaixador foi visto dirigindo-se para o seu quarto, ainda usando as insígnias de seu posto, e fechou a porta. Alguns dizem que ele trancou-a, o

que era contrário aos seus hábitos. Outros afirmam que tarde da noite, no pátio, sob a janela do embaixador, ouviram música de natureza rústica, como a tocada pelos pastores. Uma lavadeira, que ficara acordada com dor de dente, disse que tinha visto uma figura de homem, envolta em uma capa ou roupão, aparecer na sacada. Depois, disse, uma mulher inteiramente encapotada, mas aparentemente de origem camponesa, subiu por uma corda que o homem lhe jogou da sacada. Lá, a lavadeira disse, abraçaram-se apaixonadamente "como amantes", entraram juntos no quarto e fecharam as cortinas, de modo que nada mais pôde ser visto.

Na manhã seguinte, o duque, como devemos chamá-lo agora, foi encontrado por seus secretários profundamente adormecido, em meio às roupas de cama bastante desarrumadas. Havia uma certa desordem no quarto, a coroa rolara ao chão, seu manto e a liga atirados sobre uma cadeira. A mesa estava cheia de papéis. Não havia suspeitas, a princípio, pois as fadigas da noite haviam sido grandes. Mas, quando chegou a tarde e ele continuava dormindo, chamaram um médico. Ele aplicou os remédios que haviam sido usados numa ocasião anterior, emplastros, urtigas, vomitórios etc., mas sem sucesso. Orlando continuava dormindo. Seus secretários acharam então que era seu dever examinar os papéis sobre a mesa. Muitos estavam rabiscados com versos, com frequentes alusões a um carvalho. Havia também vários documentos oficiais e outros de natureza privada, relativos à administração de suas propriedades na Inglaterra. Mas, finalmente, chegaram a um documento de enorme significado. Era nada menos, na verdade, que uma promessa de casamento, redigida, assinada e testemunhada, entre Sua Senhoria Orlando, Cavaleiro da Ordem da Jarreteira etc. etc. etc., e Rosina Pepita, dançarina, de pai desconhecido, mas tido como cigano, mãe também desconhecida, mas tida como vendedora de ferro-velho na praça do mercado, em frente à ponte Gálata. Os secretários se olharam atônitos. E Orlando continuava dormindo. Manhã e noite eles o observavam, mas, exceto por sua respiração, que era regular, e suas faces ainda rosadas, ele não dava sinal de vida. O que a ciência ou a engenhosidade podiam fazer para acordá-lo foi feito. Porém ele continuava dormindo.

No sétimo dia de seu transe (quinta-feira, 10 de maio), foi disparado o primeiro tiro daquela terrível e sangrenta insurreição, cujos primeiros sintomas o tenente Brigge tinha detectado. Os turcos levantaram-se contra o sultão, incendiaram a cidade e condenaram à espada ou ao bastão todos

os estrangeiros que encontraram. Alguns ingleses conseguiram escapar; mas, como era de se esperar, os cavalheiros da embaixada britânica preferiram morrer defendendo seus cofres vermelhos ou, em casos extremos, engolir molhos de chaves a deixá-los cair nas mãos dos infiéis. Os amotinados invadiram o quarto de Orlando, mas, vendo-o estirado com aparência de morto, não o tocaram, somente roubaram a coroa e os trajes da Jarreteira.

E agora novamente a obscuridade cai, e oxalá fosse mais profunda! Oxalá, quase exclamamos do fundo do coração, fosse tão profunda que não pudéssemos ver nada através de sua opacidade! Oxalá pudéssemos aqui pegar a caneta e escrever *finis* em nosso trabalho! Oxalá pudéssemos poupar o leitor do que ainda virá e dizer-lhe em algumas palavras que Orlando morreu e foi sepultado. Mas aqui, ai de nós! a Verdade, a Franqueza e a Honestidade, austeras Deusas que observam e guardam o biógrafo pelo tinteiro, gritam Não! Colocando as trombetas de prata nos lábios, demandam em uníssono Verdade! E novamente gritam Verdade! e de novo, pela terceira vez, juntas estrondeiam A Verdade, e nada mais que a Verdade!

Ao que — Deus seja louvado! pois nos concede um espaço para respirar — as portas foram abertas delicadamente, como se um sopro do mais amável e sagrado zéfiro as tivesse empurrado, e três figuras entram. Primeiro vem Nossa Senhora da Pureza, cuja fronte é ornada com fitas da mais branca lã de cordeiro; cujo cabelo é como uma avalanche de neve deslizante; e em cuja mão repousa uma pluma branca de uma gansa virgem. Em seguida, com passo mais imponente, vem Nossa Senhora da Castidade, em cuja fronte repousa como um torreão de fogo, ardendo sem parar, um diadema de pingentes de gelo; seus olhos são puras estrelas, e seus dedos, se nos tocam, nos gelam até os ossos. Perto e atrás dela, protegida pela sombra de suas irmãs mais nobres, vem Nossa Senhora da Modéstia, a mais frágil e a mais bonita das três, cuja face somente é mostrada como a lua crescente, quando é fina, tem forma de foice e está meio oculta entre as nuvens. Cada uma avançou para o centro do quarto, onde Orlando ainda jaz dormindo; e, com gestos que ao mesmo tempo apelam e ordenam, *Nossa Senhora da Pureza* fala primeiro: “Sou a guardiã dos cervos adormecidos; a neve me é cara, e o nascer da lua, e o mar prateado. Com minhas roupas, cubro os ovos das galinhas pintadas e as conchas marinhas listradas; cubro o vício e a pobreza. Sobre todas as

coisas frágeis ou escuras ou duvidosas o meu véu desce. Por isso não fales, não reveles. Piedade, oh, piedade!"

Aqui as trombetas estrondeiam.

"Pureza, fora! Vai-te, Pureza!"

Então, *Nossa Senhora da Castidade* fala: "Eu sou aquela cujo toque congela e cujo olhar transforma em pedra. Detive a estrela em sua dança e a onda em sua queda. Os mais altos Alpes são meu domicílio; e quando caminho, os relâmpagos brilham nos meus cabelos; onde os meus olhos pousam, matam. Em vez de deixar Orlando acordar, eu o congelarei até os ossos. Piedade oh, piedade!"

Aqui as trombetas estrondeiam.

"Castidade, fora! Vai-te, Castidade!"

Então *Nossa Senhora da Modéstia* fala, tão baixo que dificilmente se ouve: "Eu sou aquela que os homens chamam de Modéstia. Sou virgem e sempre serei. Não são para mim os campos fecundos nem os vinhedos férteis. A multiplicação é odiosa para mim; e, quando as maçãs brotam ou os rebanhos dão cria, fujo, fujo; deixo meu manto cair; meu cabelo cobre-me os olhos. Não vejo. Piedade, oh, piedade!"

De novo as trombetas estrondeiam.

"Modéstia, fora! Vai-te!, Modéstia!"

Com gestos de aflição e lamento, as três irmãs agora dão-se as mãos e dançam devagar, agitando seus véus e cantando:

"Verdade, não saias da tua horrível caverna. Esconde-te profundamente, temível verdade. Pois ostentas na brutal claridade do sol coisas que eram melhores se desconhecidas e não feitas; tu descobres o vergonhoso; esclareces o obscuro. Esconde-te, esconde-te, esconde-te!"

Aqui fazem como se fossem cobrir Orlando com seus véus. As trombetas, enquanto isso, ainda ressoam fortemente.

A Verdade e nada mais que a Verdade.

Então as Irmãs tentam colocar seus véus sobre as bocas das trombetas para abafá-las, mas em vão, porque agora todas as trombetas ressoam juntas,

"Horríveis Irmãs, parti!"

As irmãs ficam aflitas e choram em uníssono, ainda dançando e agitando os véus para cima e para baixo.

"Nem sempre foi assim! Mas os homens não nos querem mais; e as mulheres nos detestam. Vamos embora, vamos embora. Eu para o poleiro

das galinhas (*diz a Pureza*). Eu para os picos ainda não violados de Surrey (*diz a Castidade*). Eu para qualquer recanto onde haja hera e cortinas em profusão (*diz a Modéstia*)."

"Pois lá, e não aqui (todas falam juntas, de mãos dadas, fazendo gestos de despedida e desespero em direção à cama onde Orlando jaz adormecido), moram ainda, em ninhos e toucadores, escritórios e cortes de justiça, aqueles que nos amam; aqueles que honram virgens e cidadãos; advogados e médicos; aqueles que proíbem; aqueles que negam; aqueles que reverenciam sem saber por quê, aqueles que elogiam sem entender, e ainda a numerosa (Deus seja louvado) tribo dos respeitáveis; que preferem não ver; desejam não saber; amam a escuridão; aqueles que ainda nos adoram com razão; pois nós lhes demos Poder, Prosperidade, Conforto e Bem-estar. A eles nos encaminhamos, e te deixamos. Vinde, Irmãs, vinde! Isto aqui não é lugar para nós."

Elas retiram-se às pressas, agitando seus véus sobre as cabeças como se para afastar completamente alguma coisa que não se atrevem a olhar, e fecham a porta.

Ficamos então agora inteiramente sozinhos no quarto com o adormecido Orlando e os trombeteiros. Os trombeteiros, organizando-se lado a lado, sopram um terrível toque: —

"A VERDADE!"

e com isso Orlando despertou.

Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé completamente despido diante de nós, e enquanto as trombetas soavam Verdade! Verdade! Verdade! não temos escolha senão confessar — ele era uma mulher.

O som das trombetas diminuiu e Orlando continuou despido. Nenhum ser humano, desde que o mundo começou, parecia mais encantador. Sua forma combinava ao mesmo tempo a força de um homem e a graça de uma mulher. Enquanto permanecia de pé, as trombetas de prata prolongavam seus sons, como se relutantes em abandonar a deliciosa visão que seu toque provocara; e a Castidade, a Pureza e a Modéstia, inspiradas sem dúvida pela Curiosidade, espiaram pela porta e jogaram um pano como uma toalha à figura despida, que, infelizmente, caiu a algumas polegadas de distância. Orlando olhou-se de alto a baixo num grande espelho sem mostrar nenhum sinal de perturbação e dirigiu-se, provavelmente, para o banho.

Podemos aproveitar esta pausa na narrativa para fazer certas declarações. Orlando tinha se transformado numa mulher — não há como negar. Mas, em todos os outros aspectos, Orlando permanecia exatamente como era antes. A mudança de sexo, embora alterando seu futuro, nada fizera para alterar sua identidade. Seu rosto permanecia, como provam os retratos, praticamente o mesmo. Sua memória — no futuro devemos, por convenção, dizer "dela" em vez de "dele", e "ela" em vez de "ele" —, sua memória, então, retornava a todos os acontecimentos de sua vida passada, sem encontrar qualquer obstáculo. Uma ligeira nebulosidade pode ter ocorrido, como se algumas gotas escuras tivessem caído no claro poço da memória; certas coisas tinham ficado um pouco apagadas; mas isso era tudo. A mudança parecia ter sido produzida completamente e sem sofrimentos, e de tal maneira que o próprio Orlando não demonstrava surpresa com ela. Muita gente, considerando isso, e sustentando que uma mudança de sexo é contra a natureza, esforçou-se para provar que (1) Orlando sempre tinha sido mulher, (2) Orlando é, neste momento, homem. Deixemos biólogos e psicólogos decidirem. Para nós é suficiente constatar o simples fato: Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião tornou-se mulher e assim permaneceu daí por diante.

Mas deixemos que outras penas tratem de sexo e sexualidade; abandonemos tão odiosos assuntos o mais depressa possível. Orlando tinha agora tomado banho e se vestido com aqueles casacos e calças turcos que podem ser usados indiferentemente por ambos os sexos e era forçada a considerar sua posição. O primeiro pensamento do leitor que tem acompanhado sua história com simpatia é de que a situação era precária e embaraçosa ao extremo. Jovem, nobre e bela, ela tinha acordado e se encontrara numa posição bastante delicada para uma jovem dama da nobreza. Não a censuraríamos se tivesse tocado a sineta, gritado ou desmaiado. Mas Orlando não deu mostras de perturbação. Todos os seus atos foram extremamente ponderados, e poderiam fazer pensar em premeditação. Primeiro examinou cuidadosamente os papéis que estavam sobre a mesa; tomou aqueles que pareciam ser escritos em verso e escondeu-os no seio; depois chamou o galgo Seleuchi, que embora faminto não tinha arredado de sua cama todos esses dias, alimentou-o e penteou-o; então pôs um par de pistolas no cinto; finalmente, envolveu-se com vários cordões de esmeraldas e pérolas do mais fino Oriente, que faziam parte do seu guarda-roupa diplomático. Feito isso, debruçou-se à janela, assobiou

baixinho e desceu a escada quebrada e manchada de sangue, agora cheia de lixo das cestas de papel — tratados, despachos, selos, lacre etc. — e então entrou no pátio. Lá, à sombra de uma gigantesca figueira, esperava-a um velho cigano montado num burro. Ele segurava um outro pela rédea. Orlando montou e assim, escoltada por um cachorro magro, montada num burro, em companhia de um cigano, o embaixador da Grã-Bretanha junto à corte do sultão deixou Constantinopla.

Cavalgaram por vários dias e noites, encontraram inúmeras aventuras, umas vindas dos homens, outras da natureza, e em todas Orlando portou-se corajosamente. Em uma semana alcançaram as terras altas fora de Broussa, que eram então o principal acampamento da tribo cigana à qual Orlando se aliara. Muitas vezes ela olhara essas montanhas de sua janela na embaixada; muitas vezes desejara estar lá; e, para uma pessoa reflexiva, encontrar-se onde sempre tinha desejado estar é uma oportunidade para reflexão. Por algum tempo, contudo, ela estava tão alegre com a mudança que não queria estragá-la com pensamentos. O prazer de não ter papéis para selar ou assinar, de não ter floreios para fazer, visitas para retribuir, lhe era suficiente. Os ciganos guiavam-se pela grama; quando ela acabava, eles se mudavam. Ela se banhava nos riachos, se é que se banhava; nenhuma caixa vermelha, azul ou verde lhe era apresentada; não havia uma só chave, e muito menos uma chave de ouro, em todo o acampamento; quanto a "visitas", a palavra era desconhecida. Ela ordenhava as cabras; apanhava lenha; de vez em quando roubava um ovo de galinha, mas sempre deixava uma moeda ou uma pérola em seu lugar; pastoreava o gado; podava as videiras; pisava a uva; enchia o cantil de pele de cabra e nele bebia; e quando relembrava como, àquela hora do dia, estaria fingindo beber e fumar com uma xícara de café vazia e um cachimbo sem tabaco, ria alto, cortava uma outra fatia de pão e pedia uma tragada do velho cachimbo de Rustum, embora estivesse cheio de esterco de vaca.

Os ciganos, com quem é óbvio que ela estivera em comunicação secreta antes da revolução, pareciam considerá-la uma deles (o que é sempre a mais alta homenagem que um povo pode prestar), e seu cabelo escuro e compleição morena deram origem à crença de que ela era uma deles, de nascimento, e que tinha sido arrebatada de uma nogueira por um duque inglês, quando ainda criança, e levada para aquela terra bárbara onde as pessoas vivem em casas porque são muito fracas e doentes para ficarem ao

ar livre. Assim, embora fosse de muitas maneiras inferior a eles, queriam ajudá-la a tornar-se mais parecida com eles; ensinavam-lhe suas artes de fazer queijos e tecer cestos, sua ciência de roubar e caçar pássaros, e estavam mesmo preparados para consentir que casasse entre eles.

Mas Orlando contraíra na Inglaterra alguns hábitos ou doenças (como se queira considerar) que, segundo parece, não podem ser eliminados. Uma tarde, quando estavam todos sentados ao redor do fogo no acampamento, e o pôr do sol ardia sobre os montes da Tessália, Orlando exclamou:

"Que bom para comer!"

(Os ciganos não têm a palavra "bonito". Esta é a mais aproximada.)

Todos os jovens explodiram em estrondosas gargalhadas. O céu bom para comer, realmente! Os velhos, contudo, que já tinham visto mais estrangeiros de que eles, ficaram desconfiados. Eles observavam que Orlando frequentemente sentava por horas a fio sem fazer nada exceto olhar para cá e para lá; encontraram-na no topo de uma colina com os olhos fixos à frente, sem se importar que as cabras estivessem pastando ou se dispersando. Começaram a suspeitar que ela tinha outras crenças diferentes das deles, os velhos e as velhas imaginavam que ela tivesse caído nas garras do mais vil e mais cruel de todos os Deuses, que é a Natureza. Não estavam muito enganados. A doença inglesa, o amor à Natureza, era-lhe inato, e aqui, onde a Natureza era muito mais vasta e poderosa do que na Inglaterra, ela caiu em suas mãos como nunca antes. A moléstia é bastante conhecida e tem sido frequentemente descrita para necessitar de nova descrição, a não ser de forma muito breve. Havia montanhas, havia vales, havia rios. Ela galgava as montanhas; perambulava pelos vales; sentava-se às margens dos rios. Comparava as colinas a trincheiras, a peitos de pombas e a flancos de vitela. Comparava as flores a esmalte e o gramado a tapetes turcos gastos. As árvores eram bruxas esmirradas, e os carneiros eram seixos cinzentos. Tudo, na verdade, era outra coisa. Encontrou uma lagoa no cume da montanha e quase se jogou nela para procurar a sabedoria que pensou estar escondida ali; e quando, do alto da montanha, avistou ao longe, através do mar de Mármara, as planícies da Grécia, e distinguiu (seus olhos eram admiráveis) a Acrópole com uma ou duas manchas brancas que devia ser, pensou, o Partenon, sua alma expandiu-se com os seus olhos, e ela rezou para que pudesse partilhar a majestade das montanhas, conhecer a serenidade das planícies etc. etc. como fazem todos os que creem. Então,

avistando o jacinto vermelho, a íris púrpura, explodiu em êxtase pela bondade e beleza da natureza; erguendo novamente os olhos, viu uma águia voando, e imaginou-lhe os arrebatamentos e identificou-os com os seus próprios. Retornando à casa, saudava cada estrela, cada pico e cada fogueira como se acenassem apenas para ela; e finalmente, quando se jogava sobre a esteira na tenda dos ciganos, não podia se conter e repetia "Que bom para comer!", "Que bom para comer!" (pois é fato curioso que, embora os seres humanos tenham meios imperfeitos de comunicação, que digam apenas "bom para comer" quando querem dizer "bonito", ou vice-versa, prefiram suportar o ridículo e a incompreensão do que guardar para si qualquer experiência). Todos os jovens ciganos riram. Mas Rustum el Sadi, o velho que trouxera Orlando de Constantinopla no seu burro, sentava-se em silêncio. Tinha o nariz como uma cimitarra, as faces sulcadas como se pelo perpétuo escorrer de granizo de ferro; era moreno, olhos espertos e, enquanto sentava pitando o seu narguilé, observava Orlando minuciosamente. Tinha profunda suspeita de que o Deus dela era a Natureza. Um dia, encontrou-a em lágrimas. Interpretando que isto significava que o seu Deus a punira, disse-lhe que não estava surpreso. Mostrou-lhe os dedos da mão esquerda, ressequidos pela geada; mostrou-lhe o pé direito, esmagado pela queda de uma rocha. Isto, disse ele, era o que o Deus dela fazia com os homens. Quando ela disse: "Mas é tão belo", usando a palavra inglesa, ele sacudiu a cabeça; e quando ela repetiu, ficou zangado. Viu que ela não acreditava no que ele acreditava, o que era suficiente para enfurecê-lo, embora fosse sábio e velho.

Esta diferença de opinião perturbou Orlando, que tinha sido perfeitamente feliz até aquele momento. Ela começou a pensar se a natureza era bela ou cruel; e então se perguntou que beleza era aquela; se estava nas próprias coisas ou apenas nela; e assim passou para a natureza da realidade, que a conduziu à verdade, que por sua vez a levou ao Amor, à Amizade, à Poesia (como antigamente, na colina natal); meditações que, como não podia divulgar uma palavra, lhe fizeram sentir falta de pena e tinta, como nunca sentira antes.

"Oh, se ao menos eu pudesse escrever!", gritava (pois tinha a estranha presunção daqueles que escrevem de que as palavras escritas são compartilhadas). Ela não tinha tinta; e pouco papel. Mas fez tinta com frutas silvestres e vinho; e, encontrando algumas margens e espaços em branco no manuscrito de "O Carvalho", conseguiu um tipo de taquigrafia

para descrever o cenário, num longo poema em versos brancos, e para continuar, de forma bastante concisa, o diálogo consigo mesma sobre a Beleza e a Verdade. Isto a manteve extremamente feliz por horas e horas. Mas os ciganos ficaram desconfiados. Primeiro, notaram que ela estava menos disposta do que antes para a ordenha e para a preparação de queijos; depois, que frequentemente hesitava antes de responder; e uma vez um menino cigano que dormia acordou assustado sentindo seu olhar sobre ele. Às vezes esse constrangimento era experimentado por toda a tribo, composta de dúzias de adultos, homens e mulheres. Era proveniente do sentimento que tinham (e seus sentimentos são muito agudos e mais desenvolvidos que o vocabulário) de que aquilo que estavam fazendo desintegrava-se como cinzas em suas mãos. Uma velha fazendo um cesto, um menino tosando um carneiro estavam cantando ou sussurrando, contentes no seu trabalho, quando Orlando chegava ao acampamento e se estendia ao pé do fogo olhando as chamas. Não precisava olhá-los para que logo sentissem: aqui está alguém que duvida (fizemos uma tradução livre da língua cigana); aqui está alguém que não faz por fazer; não olha por olhar; aqui está alguém que não acredita nem em peles de carneiro nem em cestos; mas vê (então olhavam apreensivamente em torno da tenda) alguma outra coisa. Então uma sensação vaga mas bastante desagradável começava a atingir o menino e a velha. Eles quebravam suas varas de vime; feriam os dedos. Enchiam-se de uma grande raiva. Desejavam que Orlando deixasse a tenda e nunca mais voltasse. No entanto, reconheciam que ela era agradável e tinha boa vontade; e que uma de suas pérolas era suficiente para comprar o melhor rebanho de cabras em Broussa.

Lentamente, ela começou a sentir que havia algumas diferenças entre ela e os ciganos que a faziam hesitar às vezes em se casar e se fixar entre eles para sempre. A princípio tentou explicar isso dizendo que provinha de uma raça antiga e civilizada, enquanto os ciganos eram um povo ignorante, não muito melhor do que os selvagens. Uma noite, quando a interrogavam sobre a Inglaterra, não pôde deixar de mostrar orgulho em descrever a casa onde nascera, que tinha 365 quartos, e que pertencia à sua família há quatrocentos ou quinhentos anos. Seus ancestrais eram condes, ou mesmo duques, acrescentou. Nisso, observou que os ciganos novamente estavam incomodados, mas não zangados como quando ela elogiara a beleza da natureza. Agora estavam corteses porém embaraçados, como as pessoas de fina educação, quando um estrangeiro vem a revelar seu

nascimento humilde ou sua pobreza. Rustum seguiu-a para fora da tenda sozinho e disse-lhe que ela não precisava se preocupar que seu pai fosse um duque e que possuísse todos os quartos e móveis que havia descrito. Nenhum deles pensaria mal dela por isso. Então, foi tomada por uma vergonha nunca antes sentida. É claro que Rustum e os outros ciganos pensavam que uma ascendência de quatrocentos ou quinhentos anos era a mais pobre possível. Suas próprias famílias remontavam a pelo menos dois ou três mil anos. Para os ciganos, cujos ancestrais tinham construído as Pirâmides séculos antes do nascimento de Cristo, a genealogia dos Howards e dos Plantagenetas não era nem melhor nem pior do que a dos Smiths ou dos Jones: todos eram insignificantes. Além do mais, quando um pastor tinha uma linhagem de tamanha antiguidade, nada havia de especialmente memorável ou desejável num berço antigo; os vagabundos e os mendigos também a possuem. E então, embora fosse extremamente cortês para falar abertamente, era claro que o cigano pensava que não há ambição mais vulgar do que possuir quartos às centenas (eles estavam no topo da colina quando conversavam; era noite; e as montanhas erguiam-se ao redor) quando a terra inteira é nossa. Do ponto de vista de um cigano, um duque, Orlando entendeu, não era mais do que um aproveitador ou ladrão que arrebatara terra e dinheiro do povo, que considerava essas coisas de pouco valor, e não podia pensar em coisa melhor do que construir 365 quartos, quando um era suficiente e nenhum ainda melhor. Ela não podia negar que seus antepassados tinham acumulado campo após campo; casa após casa; honraria após honraria; contudo, nenhum deles tinha sido santo ou herói ou grande benfeitor da humanidade. Nem podia deixar de reconhecer (Rustum era muito cavalheiro para insistir, mas ela compreendeu) que qualquer homem que fizesse agora o que seus antepassados haviam feito trezentos ou quatrocentos anos antes seria denunciado — ruidosamente, por sua própria família — como um vulgar arrivista, um aventureiro, um *nouveau riche*.[10]

Ela procurava responder a esses argumentos pelo método familiar, embora oblíquo, de considerar a vida dos ciganos rude e bárbara; e assim em pouco tempo muita animosidade crescera entre eles. De fato, tais diferenças de opinião são suficientes para causar derramamento de sangue e revolução. Cidades têm sido saqueadas por menos do que isso, e um milhão de mártires têm preferido o suplício a ceder uma polegada a respeito de qualquer dos pontos aqui debatidos. Nenhuma paixão é mais

forte no peito do homem do que fazer os outros acreditarem naquilo em que ele acredita. Nada corta tanto a raiz de sua felicidade e o enche de cólera como perceber que outro menospreza aquilo que ele valoriza ao máximo. Whigs e Tories,[11] Liberais e Trabalhistas — por que batalham, senão pelo próprio prestígio? Não é o amor à verdade, mas o desejo de dominar que coloca bairro contra bairro e faz uma paróquia desejar a decadência de outra paróquia. Cada um procura paz de espírito e subserviência mais do que o triunfo da verdade e a exaltação da virtude — mas essas moralidades pertencem, e devem ser deixadas para o historiador, já que são muito enfadonhas.

"Quatrocentos e setenta e seis quartos nada significam para eles", suspirou Orlando.

"Ela prefere um pôr do sol a um rebanho de cabras", diziam os ciganos.

Orlando não sabia o que fazer. Deixar os ciganos e tornar-se mais uma vez embaixador parecia-lhe intolerável. Mas era igualmente impossível permanecer ali para sempre, onde não havia nem tinta nem papel, nem reverência pelos Talbots, nem respeito por uma multiplicidade de quartos. Assim pensava uma bela manhã, nas encostas do monte Athos, enquanto vigiava as cabras. E então a Natureza, em quem confiava, ou pregou-lhe uma peça ou operou um milagre — novamente as opiniões diferem tanto que se torna impossível decidir. Orlando olhava bastante desconsolada para o declive da colina à sua frente. Era meados do verão, e, se pudéssemos comparar a paisagem a qualquer coisa, seria a um osso seco; a um esqueleto de carneiro; a um crânio gigantesco, escarnado por mil abutres. O calor era intenso, e a pequena figueira sob a qual Orlando repousava só servia para imprimir desenhos de folhas em seu albornoz claro.

De repente uma sombra — embora não houvesse nada para projetar uma sombra — apareceu do lado oposto da montanha escalvada. Escureceu rapidamente, e logo uma caverna verde surgiu onde havia antes uma rocha árida. Quando ela olhou, a caverna aprofundou-se e alargou-se, e um espaço como um parque abriu-se no flanco da montanha. Dentro, ela podia ver uma ondulante clareira coberta de relva; podia ver carvalhos salpicados aqui e ali; podia ver tordos pulando por entre os galhos. Podia ver veados andando delicadamente de uma sombra para outra e podia mesmo ouvir o zumbido dos insetos e os suaves suspiros e calafrios de um dia de verão na Inglaterra. Depois de contemplar em êxtase durante algum

tempo, a neve começou a cair; logo toda a paisagem estava coberta e marcada com tons violeta, em vez da luz amarela do sol. Agora ela via pesadas carroças pelas estradas, carregadas com troncos de árvores que estavam levando, ela sabia, para serem serrados como lenha; e então apareciam os telhados, as cúpulas, as torres e os pátios de sua própria casa. A neve caía pesadamente, e ela podia ouvir o ruído escorregando e deslizando pelo telhado até cair no chão. A fumaça subia de mil chaminés. Tudo era tão claro e nítido que ela podia ver uma gralha catando minhocas na neve. Então, gradualmente, as sombras violeta se aprofundaram e cerraram-se sobre as carroças, os gramados e a própria casa. Tudo foi tragado. Nada restava, agora, da caverna coberta de relva, e em vez das clareiras verdes apenas a encosta ardente, que parecia pelada por mil abutres. Com isso ela explodiu em lágrimas, e retornando ao acampamento dos ciganos disse-lhes que precisava partir para a Inglaterra no dia seguinte.

Foi bom para ela ter feito isso. Os rapazes já tinham tramado sua morte. A honra, diziam, exigia isso, pois ela não pensava como eles. No entanto, tinham pena de cortar-lhe o pescoço; e a notícia de sua partida foi bem-recebida. Um navio mercante inglês, por sorte, estava já no porto pronto para retornar à Inglaterra; e Orlando, arrancando outra pérola de seu colar, não apenas pagou a passagem, mas ficou com algum dinheiro na carteira. Este ela gostaria de dar de presente aos ciganos. Mas sabia que eles desprezavam dinheiro; e teve que contentar-se com abraços que, de sua parte, eram sinceros.

Capítulo IV

Com alguns guinéus que lhe sobraram da venda da décima pérola do seu colar, Orlando comprou um enxoval completo de roupas femininas como as que se usavam, e foi vestida como uma jovem inglesa de classe que ela agora sentou-se no convés do *Enamoured Lady*. É um fato estranho, porém verdadeiro, que até aquele momento ela pouco tinha se preocupado com o seu sexo. Talvez as calças turcas que usara até então tivessem feito algo para distrair seus pensamentos; e as ciganas, exceto em uma ou duas particularidades importantes, diferem muito pouco dos ciganos. De qualquer modo, somente quando sentiu a saia enrolando em suas pernas e o capitão oferecendo-se com grande polidez para mandar armar-lhe um toldo no convés que ela percebeu, sobressaltada, as desvantagens e os privilégios de sua posição. Mas esse sobressalto não era do tipo que se podia esperar.

Não foi causado, quer dizer, simples e unicamente pelo pensamento em sua castidade e de como preservá-la. Em circunstâncias normais, uma linda jovem sozinha não teria pensado em outra coisa; todo o edifício de controle feminino é baseado naquela pedra fundamental; a castidade é sua joia, peça central, que elas protegem até à loucura e morrem quando é arrebatada. Mas quando alguém foi homem por trinta anos ou mais, e ainda por cima embaixador, se teve uma rainha nos braços e mais uma ou duas damas, e — se o relato é verdadeiro — se foi casado com uma Rosina Pepita, de menos nobreza, e assim por diante, talvez não se tenha por essa razão um sobressalto tão grande. O sobressalto de Orlando era de natureza muito complicada e não pode ser resumido num abrir e fechar de olhos. Ninguém, na verdade, jamais acusou-a de uma dessas inteligências velozes, que chegam ao final das coisas num minuto. Ela levou a viagem inteira para compreender o significado do seu sobressalto, e assim a seguiremos no seu próprio ritmo.

"Senhor", pensou quando se recuperou de seu sobressalto, espreguiçando-se sob o toldo, "esta é com certeza uma agradável e preguiçosa maneira de viver. Mas", pensou, dando um pontapé, "estas

saias em volta dos calcanhares são uma praga. Contudo, o tecido (brocado florido) é o mais lindo do mundo. Nunca tinha visto a minha pele (aqui ela pousou a mão no joelho) parecer tão favorecida como agora. Eu poderia, no entanto, pular do navio e nadar com roupas como estas? Não. Portanto, teria que confiar na proteção de um marinheiro. Tenho alguma objeção a isso? Tenho?", assim imaginava, encontrando o primeiro nó na meada de seu raciocínio.

A hora do jantar chegou antes que ela o tivesse desatado, e então foi o próprio capitão — capitão Nicholas Benedict Bartolus, capitão de marinha de aspecto distinto — que o desatou para ela, ao servir-lhe uma fatia de carne em conserva.

"Um pouco de gordura, senhora?", perguntou. "Deixe-me servir-lhe uma fatia fininha, do tamanho de sua unha." A estas palavras, um delicioso tremor percorreu-a. Pássaros cantaram; as torrentes se precipitaram. Relembrou o sentimento de indescritível prazer com que vira Sasha pela primeira vez, havia centenas de anos. Naquela época ela perseguira, agora escapava. Qual é o maior êxtase? O do homem ou o da mulher? E não serão talvez idênticos? Não, pensou, este é o mais delicioso (agradecendo ao capitão, mas recusando), recusar e vê-lo franzir o cenho. Bem, se ele quisesse, ela aceitaria a mais fina e menor lasca do mundo. Aquiescer e vê-lo sorrir era a coisa mais deliciosa de todas. "Pois nada", pensou, retomando o assento no convés e continuando o raciocínio, "é mais divino do que resistir e ceder; ceder e resistir. De fato, nenhuma outra coisa lança o espírito em tal arrebatamento. Assim, não tenho certeza", continuou, "de que não me atiraria de bordo, pelo simples prazer de ser salva por um marinheiro."

(É preciso lembrar que ela era como uma criança tomando posse de um jardim ou de um armário de brinquedos; seu raciocínio não era próprio de uma mulher madura, que tivesse dirigido o curso de sua vida.)

"Mas o que nós, jovens companheiros de bordo do *Marie Rose*, costumávamos dizer de uma mulher que se jogava do navio pelo prazer de ser salva por um marinheiro?", disse ela. "Tínhamos um nome para elas. Ah!, bem sei..." (Mas devemos omitir esta palavra; é desrespeitosa ao extremo e imprópria para os lábios de uma dama.) "Senhor! Senhor!", gritou novamente, concluindo seus pensamentos, "devo então começar a respeitar a opinião do outro sexo, mesmo que me pareça monstruosa? Se uso saias, se não posso nadar, se tenho de ser salva por um marinheiro,

meu Deus!", gritou, "devo!" E com isso entristeceu. Cândida por natureza e avessa a todos os tipos de ambiguidades, mentir irritava-a. Isso lhe parecia um rodeio. Contudo, refletiu, se o brocado florido e o prazer de ser salva por um marinheiro só podem ser conseguidos com rodeios, deve-se continuar com rodeios, supôs. Lembrava agora como, quando rapaz, insistira em que as mulheres deviam ser obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas. "Agora tenho que pagar pessoalmente por esses desejos", refletiu; "pois as mulheres não são (julgando pela minha própria curta experiência do sexo) obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas por natureza. Elas só podem conseguir esses encantos — sem os quais não desfrutam de nenhum dos prazeres da vida — por meio da mais tediosa disciplina. Há o penteado", pensou, "que sozinho toma uma hora da minha manhã; o olhar no espelho, mais uma hora; colocar e amarrar o espartilho; banhar-me e empoar-me; mudar de seda para renda e de renda para brocado; ser casta o tempo todo..." Aqui, sacudiu o pé impacientemente e mostrou uma ou duas polegadas da perna. Um marinheiro que estava no mastro, e que olhou por acaso para baixo naquele momento, sobressaltou-se tão violentamente que perdeu o equilíbrio e só se salvou por um triz. "Se a visão dos meus tornozelos significa a morte para um homem honesto que sem dúvida tem mulher e família para sustentar, devo, por humanidade, mantê-los cobertos", pensou Orlando. No entanto, suas pernas estavam entre seus maiores encantos, e ela começou a pensar a que estranha situação chegamos quando toda a beleza de uma mulher tem que ser mantida coberta para que um marinheiro não caia do mastro principal. "Que se danem!", disse ela, compreendendo pela primeira vez o que em outras circunstâncias lhe teriam ensinado quando criança, ou seja, as sagradas responsabilidades de ser mulher.

"E esta é a última praga que poderei rogar", pensou, "antes de pôr os pés no solo inglês. Não serei capaz de quebrar a cabeça de um homem, nem dizer-lhe que mente até os dentes, nem desembainhar minha espada e traspassá-lo, nem sentar entre meus pares, nem usar uma coroa, nem andar em procissão, nem condenar um homem à morte, nem comandar um exército, nem exibir-me num corcel pelo Whitehall, nem usar 72 diferentes medalhas no peito. Tudo o que posso fazer quando pisar no solo inglês é servir chá e perguntar aos meus senhores como eles o preferem. Com açúcar? Com creme?" E, pronunciando as palavras, ficou horrorizada

de perceber como era baixa a opinião que estava formando a respeito do outro sexo, o masculino, ao qual antes tivera orgulho de pertencer. “Cair de um mastro principal”, pensou, “porque viu os tornozelos de uma mulher; vestir-se como Guy Fawkes e desfilar pelas ruas para que as mulheres o admirem; negar instrução à mulher para que ela não ria dele; ser escravo da mais reles sirigaita de saias e seguir como se fosse o Senhor da criação. — Céus!”, pensou, “como nos fazem de bobas — que bobas somos nós!” E aqui parecia haver alguma ambiguidade em seus termos, pois estava censurando ambos os sexos igualmente, como se não pertencesse a nenhum; e na verdade, até aquele momento, parecia vacilar; era homem; era mulher; conhecia os segredos e partilhava as fraquezas de cada um. Era o mais desconcertante e atordoante estado de espírito. Os consolos da ignorância pareciam-lhe proibidos. Ela era uma pluma soprada pelo vento. Assim, não é de admirar que confrontasse um sexo contra o outro e alternadamente achasse cada um deles cheio das mais deploráveis fraquezas, e não tinha certeza a qual pertencia — não é de admirar que estivesse a ponto de gritar que retornaria à Turquia e se tornaria novamente cigana, quando a âncora caiu com grande ruído no mar; as velas arriaram sobre o convés, e ela percebeu (estivera por vários dias tão profundamente mergulhada em pensamentos que nada vira) que o navio estava ancorado na costa da Itália. O capitão imediatamente solicitou-lhe a honra da companhia para descer a terra em seu bote.

Quando retornou na manhã seguinte, estendeu-se na espreguiçadeira sob o toldo e ajeitou os drapeados, com o maior decoro, ao redor dos tornozelos.

“Ignorantes e pobres se comparadas com o outro sexo”, pensou, continuando a frase que deixara sem terminar no outro dia, “armados com todas as armas como estão, enquanto nos privam do conhecimento do alfabeto” (e, por estas palavras iniciais, fica claro que algo acontecera durante a noite para que se inclinasse pelo sexo feminino, pois estava falando mais como mulher do que como homem, e além disso com uma espécie de satisfação), “ainda assim... eles caem do mastro principal.” Aqui deu um grande bocejo e adormeceu. Quando acordou, o navio estava velejando com um vento a favor, tão perto da costa que as cidades no alto dos penhascos pareciam impedidas de escorregar para a água apenas pela interposição de alguma grande rocha ou das raízes retorcidas de alguma velha oliveira. O perfume das laranjas, desprendido de um milhão de

árvores carregadas de frutas, alcançou-a no convés. Um cardume de golfinhos azuis, sacudindo as caudas, saltava no ar de vez em quando. Esticando os braços (os braços, ela já aprendera, não têm efeitos fatais como as pernas), agradeceu ao céu por não estar se exibindo num corcel de guerra pelo Whitehall, nem sentenciando um homem à morte. "É melhor", pensou, "estar vestida de pobreza e ignorância, que são as vestimentas escuras do sexo feminino; é melhor deixar o governo e a disciplina do mundo para os outros; é melhor abandonar a ambição marcial, o amor ao poder e todos os outros desejos masculinos, para que se possa apreciar completamente os mais sublimes arrebatamentos do espírito humano, que são", disse em voz alta, como de hábito quando estava profundamente comovida, "contemplação, solidão, amor."

"Graças a Deus que sou mulher!", gritou, e estava quase caindo em extrema loucura — nada é mais lamentável numa mulher ou num homem do que ter orgulho do seu sexo — quando se deteve sobre a singular palavra que, por mais que tentemos substituir, se insinuou no final da última frase: amor. "Amor", disse Orlando. Instantaneamente — tal é a sua impetuosidade — o amor tomou uma forma humana — tal é o seu orgulho. Pois, enquanto os outros pensamentos se contentam em permanecer abstratos, nada satisfará a este se não se revestir de carne e sangue, mantilhas e saias, calças e jaquetas. E, como todos os amores de Orlando tinham sido mulheres, agora, devido à censurável morosidade da constituição humana em adaptar-se à convenção, embora ela própria fosse uma mulher, era ainda uma mulher que ela amava; e, se a consciência de ser do mesmo sexo tinha algum efeito sobre isso, era o de apressar e aprofundar aqueles sentimentos que tivera como homem. Pois agora mil insinuações e mistérios que antes pareciam obscuros se aclaravam para ela. Agora, a obscuridade — que divide os sexos e permite a sobrevivência de inúmeras impurezas à sua sombra — foi removida, e, se há alguma relação no que o poeta diz sobre verdade e beleza, esta afeição ganhou em beleza o que perdeu em falsidade. Finalmente, gritou, ela conhecia Sasha como era, e, no ardor desta descoberta e no encalço de todos os tesouros que lhe eram agora revelados, estava tão arrebatada e encantada como se uma bala de canhão tivesse explodido nos seus ouvidos, quando uma voz de homem disse-lhe: "Permita-me, senhora", e a mão de um homem ajudou-a a levantar-se; e os dedos de um homem, com um veleiro de três mastros tatuado no dedo do meio, apontaram o horizonte.

“Os penhascos da Inglaterra, senhora”, disse o capitão, e levantou a mão que apontara para o céu, para saudá-los. Orlando teve um segundo sobressalto, ainda mais violento que o primeiro.

“Cristo Jesus!”, exclamou.

Felizmente a visão de sua terra natal depois de longa ausência desculpava o sobressalto e a exclamação, ou ela teria tido dificuldade em explicar ao capitão Bartolus as furiosas e conflitantes emoções que ferviam dentro de si. Como lhe dizer que ela, que agora tremia em seu braço, tinha sido um duque e um embaixador? Como lhe explicar que ela, que tinha sido tratada como um lírio em pregas de brocado, degolara cabeças e deitara com mulheres perdidas, entre sacos de tesouros nos porões de navios piratas, nas noites de verão, quando as tulipas florescem e as abelhas zumbem na Wapping Old Stairs? Nem para si mesma podia explicar o violento sobressalto que deu quando a decidida mão direita do capitão de bordo lhe indicara os penhascos das ilhas Inglesas.

“Recusar e ceder”, murmurou, “que prazer; perseguir e conquistar, que imponência; perceber e raciocinar, que sublime.” Nenhuma dessas palavras assim reunidas lhe parecia errada; no entanto, quando os penhascos brancos se aproximaram, sentiu-se culpada; desonrada; impura, o que era estranho, para quem nunca se preocupara com o assunto. Aproximaram-se mais e mais, até que os apanhadores de salsa, meio dependurados nos rochedos, ficaram visíveis a olho nu. E, observando-os, ela sentiu correr para cima e para baixo, como um fantasma irônico que em outro momento apanharia suas saias e desapareceria da vista, Sasha, a perdida, Sasha, a memória, cuja realidade acabava de experimentar agora, de forma tão surpreendente — Sasha, sentiu, fazendo caretas e trejeitos e todos os tipos de gestos desrespeitosos na direção dos penhascos e dos apanhadores de salsa; e, quando os marinheiros começaram a cantar, “então adeus, e até à vista, damas de Espanha”, as palavras ecoaram no coração triste de Orlando, e sentiu que por mais que o desembarque ali significasse conforto, significasse opulência, significasse importância e poder (pois ela sem dúvida caçaria algum príncipe nobre e reinaria como sua consorte sobre metade de Yorkshire), ainda assim significava convencionalismo, significava escravidão, significava fraude, significava negar o seu amor, acorrentar o corpo, franzir os lábios e conter a língua — então teve vontade de voltar com o navio e regressar para os ciganos.

Em meio à vertigem desses pensamentos, contudo, alguma coisa se erguia como uma cúpula de mármore branco e liso, alguma coisa verdadeira ou imaginária, mas tão marcante para a sua imaginação febril que nela se deteve, tal como alguém que vê pousar um vibrante enxame de libélulas, com evidente satisfação, sobre a redoma de vidro que protege uma frágil planta. Sua forma, pelo acaso da fantasia, lembrava-lhe aquela antiga e persistente memória — um homem de testa alta, na sala de Twitchett, um homem sentado escrevendo, ou antes, olhando, mas não para ela, pois pareceu nunca tê-la visto parada ali, com toda a sua elegância, como um lindo rapaz que não podia negar ter sido — e toda vez que ela pensava nele o pensamento espalhava ao redor, como a lua surgindo sobre águas turbulentas, um tranquilo lençol de prata. Agora levou a mão ao peito (a outra ainda estava sob a guarda do capitão), onde as páginas do poema estavam escondidas. Podia ser um talismã o que mantinha ali. A preocupação com o sexo a que pertencia, e o que isso significava, diminuiu; ela agora só pensava na glória da poesia, e os grandes versos de Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson, Milton começaram a pulsar e a reverberar, como se um badalo dourado batesse no sino dourado da torre da catedral que era a sua mente. A verdade era que a imagem da cúpula de mármore — que seus olhos no início tinham descoberto tão tenuemente que sugeria a testa do poeta e assim um bando de ideias irrelevantes — não era ficção, mas uma realidade; e enquanto o navio avançava pelo Tâmisa, com uma brisa favorável, a imagem, com todas as suas associações, deu lugar à verdade e revelou-se nada mais nada menos como a cúpula de uma vasta catedral, erguendo-se entre relevos de espirais brancas.

"São Paulo", disse o capitão Bartolus, que estava ao seu lado. "A Torre de Londres", continuou. "O Hospital de Greenwich, construído em memória da rainha Maria por seu falecido esposo, Sua Majestade Guilherme III. A Abadia de Westminster. As Casas do Parlamento." Enquanto falava, cada um desses famosos prédios aparecia. Era uma linda manhã de setembro. Uma miríade de pequenas embarcações trafegava de uma margem para outra. Raramente um viajante de regresso presenciara espetáculo mais alegre e mais interessante. Orlando estava na proa, absorta e maravilhada. Seus olhos tinham se acostumado por muito tempo aos selvagens e à natureza, para não se fascinarem com essas glórias urbanas. Aquilo, então, era a cúpula de São Paulo, que o sr. Wren

construíra durante a sua ausência. Bem próximo, uma cabeleira dourada surgiu de uma coluna — o capitão Bartolus estava ao seu lado para informar que aquilo era o Monumento; tinha havido uma peste e um incêndio durante a sua ausência, disse ele. Por mais que quisesse conter-se, as lágrimas vieram-lhe aos olhos, até que, lembrando que é próprio da mulher chorar, deixou-as fluir. Aqui, pensou, tinha sido o grande carnaval, Aqui, onde as ondas batem com força, estivera o Pavilhão Real. Aqui ela encontrara Sasha pela primeira vez. Por ali (ela olhava a profundidade das águas cintilantes) costumava-se ver a mulher congelada, no bote, com suas maçãs no regaço. Todo aquele esplendor e aquela corrupção tinham passado. Haviam passado também a noite escura, o monstruoso dilúvio e as violentas vagas da inundação. Aqui, onde os blocos de gelo amarelado tinham rodopiado levando no alto uma multidão de mendigos aterrorizados, um bando de cisnes flutuava orgulhoso, ondulante, soberbo. A própria Londres tinha mudado completamente desde que a vira pela última vez. Naquele tempo, lembrava, era um amontoado de pequenas casas pretas e sombrias. As cabeças dos rebeldes sorriam com ironia, nas lanças em Temple Bar. Os pavimentos de pedra estavam impregnados de cheiro de lixo e de esterco. Agora, como o navio costeasse Wapping, ela viu de relance estradas largas e regulares. Carruagens imponentes, puxadas por parelhas de cavalos bem-alimentados, permaneciam às portas das casas, cujas sacadas, vidraças e aldrabas polidas testemunhavam a riqueza e a comedida dignidade de seus habitantes. Senhoras vestidas de sedas floridas (ela usou o binóculo do capitão) caminhavam pelas altas calçadas. Cidadãos de casacos bordados cheiravam rapé nas esquinas, debaixo dos lampiões. Avistou uma variedade de anúncios pintados, balançando com a brisa, e pôde ter uma rápida noção do que estava escrito neles a respeito de tabaco, panos, seda, ouro, prataria, luvas, perfumes e mil outros artigos à venda ali. À medida que o navio se dirigia para o ancoradouro, perto da Ponte de Londres, ela nada podia fazer além de olhar para as janelas dos cafés, em cujas sacadas, já que o tempo estava bom, um grande número de respeitáveis cidadãos sentava-se confortavelmente diante de pratos de porcelana, cachimbos de barro ao lado, enquanto um deles lia o jornal e era frequentemente interrompido pela risada ou comentários dos outros. Seriam tavernas, seriam intelectuais, seriam poetas?, perguntou ao capitão Bartolus, que amavelmente informou que mesmo agora — se ela virasse um pouco a cabeça para a esquerda e olhasse em direção ao seu dedo

indicador — assim — estariam passando pelo Cacaueiro, onde — sim, lá estava ele — podia-se ver o sr. Addison tomando o seu café; os outros dois cavalheiros — "ali, senhora, um pouco à direita do lampião, um deles corcunda, o outro como a senhora ou eu" — ali estavam o sr. Dryden e o sr. Pope.[12] "Pobres-diabos", disse o capitão, querendo dizer que eram papistas, "mas homens de talento, apesar disso", acrescentou, correndo para a popa para dirigir as manobras de atracação.

"Addison, Dryden e Pope", repetia Orlando, como se essas palavras fossem encantadas. Por um momento viu as altas montanhas sobre Broussa, e no momento seguinte pisava sua terra natal.

Mas agora Orlando teria de aprender como é insignificante o mais tempestuoso alvoroço de excitação diante da face férrea da lei; como esta é mais dura do que pedras da Ponte de Londres e mais rígida do que a boca de um canhão. Nem bem retornara a sua casa em Blackfriars, foi avisada, por uma série de mensageiros de Bow Street e outros importantes emissários da Corte de Justiça, de que era parte em três grandes processos movidos contra ela em sua ausência, bem como em inúmeros outros litígios menores, alguns decorrentes e outros dependentes daqueles. As principais acusações contra ela eram: (1) que estava morta e portanto não podia ter propriedade alguma; (2) que era mulher, o que significa a mesma coisa; (3) que ela era um duque inglês, que casara com uma dançarina, Rosina Pepita, com quem tivera três filhos, os quais, declarando que o pai estava morto, reclamavam a posse de todas as suas propriedades. Acusações tão graves como estas, é claro, exigem tempo e dinheiro para serem resolvidas. Todos os seus bens foram embargados, seus títulos suspensos, enquanto os processos estavam em curso. Assim, foi numa condição extremamente ambígua — sem saber se estava morta ou viva, se era homem ou mulher, duque ou ninguém — que partiu para sua casa no campo, onde, à espera do julgamento legal, tinha permissão da corte para residir, incógnito ou incógnita, conforme fosse o caso.

Era uma linda tarde de dezembro quando chegou, a neve caía e as sombras violeta tinham a mesma inclinação das que ela vira dos cumes de Broussa. A grande casa parecia mais uma cidade do que uma casa, marrom e azul, rosa e púrpura, na neve, com todas as chaminés fumegando atarefadamente, como se animadas por vida própria. Ela não pôde conter um grito ao vê-la, tranquila e maciça, estendida sobre os prados. Quando a

carruagem amarela entrou no parque e rodou ao longo das alamedas entre as árvores, os veados vermelhos levantaram a cabeça em expectativa, e observou-se que, em vez de mostrarem a timidez natural de sua espécie, acompanharam a carruagem e permaneceram no pátio quando ela parou. Alguns sacudiam a galhada, outros batiam com as patas no chão, quando o estribo desceu e Orlando saltou. Diz-se que um, realmente, se ajoelhou na neve, diante dela. Ela não teve tempo de levar a mão à aldraba antes que as folhas da grande porta fossem abertas de par em par, e lá estavam, com luzes e tochas acima de suas cabeças, a sra. Grimsditch, o sr. Dupper e um séquito de criados que vieram saudá-la. Mas o organizado desfile foi interrompido, primeiro pela impetuosidade de Canute, o galgo, que se atirou sobre sua dona com tal ardor que quase a derrubou ao chão; em seguida, pela agitação da sra. Grimsditch, que, ao fazer uma reverência, foi dominada pela emoção e não conseguia senão balbuciar "Milorde! Milady! Milady! Milorde!", até que Orlando confortou-a com um beijo carinhoso em ambas as faces. Depois disso, o sr. Dupper começou a ler um pergaminho, mas, os cachorros latindo, os caçadores soprando as trombetas e os veados — que haviam acorrido ao pátio na confusão — bramindo para a lua, não pôde ir adiante, e o grupo se dispersou depois de se comprimir em torno de sua senhora e de demonstrar de todas as maneiras grande alegria pelo seu regresso.

Ninguém manifestou a menor suspeita de que Orlando não fosse o Orlando que tinham conhecido. Se houvesse alguma dúvida na mente humana, a atitude dos veados e dos cachorros seria suficiente para dissipá-la, pois, como se sabe, os animais são melhores juízes de identidade e caráter do que nós. Além disso — disse a sra. Grimsditch ao sr. Dupper aquela noite, diante de sua xícara de chá —, se seu senhor era agora uma senhora, ela nunca via uma tão encantadora e não havia como escolher entre eles; um era tão favorecido quanto a outra; eram tão semelhantes como dois pêssegos em um galho; e quanto a si — disse a sra. Grimsditch tornando-se confidencial — sempre tivera suas suspeitas (aqui balançou a cabeça misteriosamente), e não era surpresa para ela (aqui balançou a cabeça astutamente) e de sua parte isso era um grande alívio; pois, com as toalhas precisando remendar e as cortinas da sala do capelão comidas por traças nas franjas, era tempo de terem uma senhora entre eles.

"E que alguns pequenos senhores e senhoras a sucedam", acrescentou o sr. Dupper, cuja sagrada missão lhe conferia o privilégio de dar opinião em

assunto delicados como esses.

Assim, enquanto os velhos criados mexericavam na sua sala, Orlando pegou um castiçal de prata e vagou mais uma vez através dos salões, galerias, pátios, quartos; viu inclinar-se diante dela, de novo, a face escura deste Lorde chanceler, daquele camareiro-mor, dentre seus antepassados; ora sentava-se naquele trono, ora reclinava-se naquele delicioso dossel; observava as tapeçarias, e como balançavam; olhava os caçadores cavalgando e Dafne voando; banhava a mão, como gostava de fazer em criança, na poça de luz amarela que o luar fazia atravessando o leopardo heráldico da janela; deslizava ao longo das tábuas polidas da galeria, que do outro lado eram madeira áspera; tocava esta seda, aquele cetim; imaginava que os golfinhos esculpidos nadavam; escovava o cabelo com a escova de prata do rei Jaime; mergulhava o rosto no *pot-pourri*,[13] como o Conquistador havia ensinado muitos séculos antes, e que era feito das mesmas rosas; olhava para o jardim e imaginava os açafrões dormindo e as dálias entorpecidas; via as frágeis ninfas brilhando brancas na neve, e, atrás delas, negras e espessas como uma casa, as grandes cercas de teixos; via os laranjais e as nespereiras gigantes; — tudo isso viu, e cada visão ou som, apesar da rudeza com que descrevemos, enchia o seu coração com tal prazer e com um tal bálsamo de alegria que finalmente, exausta, entrou na capela e afundou na velha poltrona vermelha onde seus antepassados costumavam acompanhar o ofício religioso. Lá acendeu um charuto (era um hábito que trouxera do Oriente) e abriu o Livro de Orações.

Era um livrinho encadernado em veludo, costurado com fio de ouro, que Maria rainha da Escócia segurara no cadafalso, e o olho piedoso podia detectar uma mancha pardacenta que se dizia ter sido feita por uma gota do sangue real. Mas quem ousaria dizer que piedosos pensamentos isso despertou em Orlando, que paixões malévolas adormeceu, visto que, de todas as comunhões, a mais inescrutável é com a divindade? Novelista, poeta, historiador, todos vacilam ao tocar nessa porta; nem o próprio crente nos esclarece, pois estará ele mais preparado para morrer do que as outras pessoas, ou mais ansioso em partilhar seus bens? Ele não mantém tantas empregadas e parelhas de cavalos, como o resto? E, com tudo isso, sustenta uma fé — diz ele — que torna os bens vaidade e a morte desejável. No livro de orações da rainha, juntamente com a mancha de sangue, havia uma mecha de cabelos e uma migalha; Orlando agora acrescentava a essas relíquias uma lasca de tabaco, e assim, lendo e

fumando, foi levada pela mistura humana de tudo isso — cabelo, migalha, mancha de sangue e tabaco — a uma tal forma de contemplação que lhe deu um ar reverente, adequado às circunstâncias, embora se dissesse que ela não tinha trânsito com o Deus habitual. Nada, porém, pode ser mais arrogante, embora mais comum, do que assumir que de Deuses só existe um, e de religiões nenhuma além da de quem fala. Orlando, parece, tinha uma fé própria. Com todo o ardor religioso do mundo, agora refletia sobre seus pecados e imperfeições, que tinham se insinuado em seu estado de espírito. A letra S, refletiu, é a serpente do Éden do poeta. Fizesse o que quisesse, ainda havia muitos desses répteis pecaminosos nas primeiras estrofes de "O Carvalho". Mas o "S" não era nada, em sua opinião, se comparado com a terminação "ndo". O particípio presente é o próprio demônio, pensou (agora que estamos num lugar para crer em demônios). Evitar tais tentações é o primeiro dever do poeta, concluiu, pois, como o ouvido é a antecâmara da alma, a poesia pode adulterar e destruir com mais segurança do que a luxúria ou a pólvora. O ofício do poeta é, então, o mais elevado de todos — continuou. Suas palavras alcançam onde os outros falham. Uma simples canção de Shakespeare tem feito mais pelos pobres e pelos desgraçados do que todos os pregadores e filantropos do mundo. Nem tempo nem devoção podem ser tão grandes, portanto, para tornar o veículo de nossa mensagem menos distorcido. Devemos modelar nossas palavras até que sejam o mais fino invólucro de nossos pensamentos. Os pensamentos são divinos etc. Assim, é óbvio que ela estava de volta aos limites de sua própria religião, que o tempo tinha fortalecido em sua ausência, e ia adquirindo rapidamente a intolerância da crença.

"Estou crescendo", pensou, pegando finalmente a vela. "Estou perdendo algumas ilusões", disse, fechando o livro da rainha Maria, "talvez para adquirir outras", e desceu por entre as tumbas onde jaziam os ossos de seus antepassados.

Mas, mesmo os ossos de seus antepassados, Sir Miles, Sir Gervase e os outros, tinham perdido algo de sua santidade desde que Rustum el Sadi abanara a mão, naquela noite, nas montanhas da Ásia. De alguma forma encheu-a de remorso o fato de que havia apenas três ou quatro séculos esses esqueletos tivessem sido homens, com o seu caminho a percorrer no mundo, como qualquer arrivista moderno, e que tivessem feito isso adquirindo casas e cargos, jarreteiras e condecorações, como qualquer

outro arrivista faz, enquanto poetas, talvez, e homens de grande talento e educação tivessem preferido a quietude do campo e por essa escolha tivesse pago a pena de uma extrema pobreza e agora apregoassem boletins no Strand, ou pastoreassem carneiros nos campos. Enquanto permaneceu de pé, na cripta, pensou nas pirâmides do Egito e nos ossos que jazem debaixo delas; e as vastas e desertas colinas que dominam o meio de Mármara pareceram-lhe, naquele momento, uma habitação mais bela do que essa mansão de muitos quartos, na qual não faltava colcha a nenhuma cama nem tampa de prata a nenhuma terrina de prata.

"Estou crescendo", pensou, pegando a sua vela. "Estou perdendo minhas ilusões, talvez para adquirir outra novas", e foi caminhando pela longa galeria para o seu quarto. Era um processo desagradável e incômodo. Mas surpreendentemente interessante, pensou, esticando as pernas para a lareira (pois não havia nenhum marinheiro presente), e reviu, como se fosse uma avenida de grandes edifícios, o progresso do seu eu, ao longo de seu próprio passado.

Como amara o som quando menino e como pensara que a torrente de sílabas tumultuosas vindas dos lábios fosse a mais bela de toda a poesia. Depois — talvez por efeito de Sasha e de sua desilusão — deixou cair nesse grande frenesi uma gota negra, que transformou em morosidade a sua rapsódia. Lentamente abria-se dentro dela alguma coisa intrincada e de muitos compartimentos, que se precisa ter uma tocha para explorar, em prosa e não em verso; e recordou quão apaixonadamente estudara aquele dr. Browne, de Norwich, cujo livro estava ali ao seu alcance. Construíra aqui, em solidão, depois de seu caso com Greene, ou tentara construir — pois Deus sabe como essas construções são demoradas — um espírito capaz de resistência. "Escreverei", disse, "o que eu gostar de escrever"; e então rascunhou 26 volumes. Mesmo assim, apesar de todas as suas viagens e aventuras, suas profundas meditações e suas voltas para um lado e para outro, estava apenas no processo de criar. O que o futuro traria, somente os céus sabiam. A mudança era incessante, a mudança talvez não cessasse nunca. Altas muralhas de pensamentos, hábitos que tinham parecido duráveis como pedra, caíam como sombras ao toque de um outro espírito e deixavam o céu desnudo, com estrelas brilhando. Aqui dirigiu-se à janela e, apesar do frio, não pôde deixar de abri-la. Inclinou-se no ar úmido da noite. Ouviu uma raposa uivar no bosque e o ruído de um faisão passando por entre os ramos. Ouviu a neve escorregar e cair do telhado ao

chão. “Por minha vida”, exclamou, “isto é mil vezes melhor do que a Turquia. Rustum”, gritou, como se estivesse discutindo com o cigano (e, com este novo poder de criar e manter uma discussão com alguém que não estava ali para contradizê-la, mostrava novamente o desenvolvimento de seu espírito), “estavas enganado. Isto é melhor do que a Turquia. Cabelo, migalha, tabaco — e toda a miscelânea de que somos compostos”, disse (pensando no livro de orações da rainha Maria). “Que fantasmagoria é o espírito, e que ponto de encontro de dessemelhanças! Em dado momento deploramos nosso berço e nossa riqueza e aspiramos a uma exaltação ascética; no seguinte somos dominados pelo cheiro de alguma alameda de um velho jardim e choramos ao ouvir o canto dos tordos.” E assim, perplexa como de costume pela multiplicidade de coisas que exigem explicação e que imprimem sua mensagem sem deixar qualquer indício do significado, atirou o charuto pela janela e foi para a cama.

Na manhã seguinte, em consequência desses pensamentos, pegou pena e papel e recomeçou “O Carvalho”, pois ter tinta e papel em quantidade, quando se teve que recorrer a sementes e margens, é um prazer inimaginável. Assim, estava agora esboçando uma frase nas profundezas do desespero, escrevendo outra nos cumes do êxtase, quando uma sombra escureceu a página. Apressadamente escondeu o manuscrito.

Como sua janela dava para a parte mais central dos pátios, e como dera ordens que não queria ver ninguém, como sabia que não conhecia ninguém e era legalmente desconhecida, ficou primeiro surpresa com a sombra, depois indignada com ela. Então (quando olhou para cima e viu o que a causava) foi dominada pela alegria, pois era uma sombra familiar, uma sombra grotesca, a sombra de nada menos que a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom, do território romeno. Ela atravessava o pátio, como antes, com o seu velho traje negro de montaria e sua capa. Nenhum cabelo de sua cabeça havia mudado. Esta, então, era a mulher que a expulsara da Inglaterra! Este era o ninho daquele abutre obsceno — este era o próprio pássaro fatal! Ao pensar que fugira para a Turquia para evitar sua sedução (que agora tinha se tornado excessivamente insípida), Orlando riu alto. Havia algo inexprimivelmente cômico naquela visão. Ela parecia — como Orlando pensara antes — nada mais do que uma lebre monstruosa. Tinha os olhos arregalados, as bochechas flácidas, o topete alto daquele animal. Parara agora, com uma lebre, sentada ereta no trigo, julgando não ser observada, e fitou Orlando,

que por sua vez fitou-a da janela. Depois de terem se fitado dessa forma por algum tempo, não havia outra coisa a fazer senão convidá-la a entrar, e logo as duas damas estavam trocando cumprimentos, enquanto a arquiduquesa sacudia a neve de sua capa.

"O diabo carregue as mulheres!", disse Orlando para si mesma, indo até o armário pegar um copo de vinho, "nunca deixam a ninguém um momento de paz. Não existe gente mais bisbilhoteira, curiosa e intrometida do que elas. Foi para fugir deste mastro enfeitado que eu parti da Inglaterra, e agora" — aqui virou-se para oferecer a bandeja à arquiduquesa e espantou-se: em seu lugar surgiu um cavalheiro alto, de negro. Um monte de roupas jazia no guarda-fogo. Ela estava sozinha com um homem.

Chamada bruscamente à consciência de seu sexo — que ela esquecera completamente — e à dele, que era agora bastante remota para ser igualmente inquietante, Orlando sentiu que ia desmaiar.

"Ah!", gritou, pondo a mão no quadril, "que susto!"

"Gentil criatura", exclamou a arquiduquesa, caindo de joelhos e ao mesmo tempo aproximando dos lábios de Orlando um licor cordial, "perdoe-me a peça que lhe preguei!"

Orlando sorveu o vinho, e o arquiduque ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

Em suma, eles representaram papéis de homem e mulher por dez minutos, com grande vigor, e depois retornaram às maneiras habituais. A arquiduquesa (mas que de agora em diante deve ser conhecida como o arquiduque) contou sua história — que era um homem, e sempre tinha sido; que vira um retrato de Orlando e se apaixonara por ele desesperadamente; que para atingir seus fins se vestira como mulher e se hospedara na casa do padeiro; que ficara desconsolado quando ele fugira para a Turquia; que soubera de sua transformação e se apressara a oferecer seus préstimos (aqui representava, de um modo intolerável). Pois para ele, disse o arquiduque Harry, ela era e sempre fora o Pináculo, a Pérola, a Perfeição do seu sexo. Os três "P" teriam sido mais convincentes se não tivessem sido entremeados com muxoxos e exclamações das mais estranhas. "Se isto é amor", disse Orlando para si mesma, olhando para o arquiduque do outro lado do guarda-fogo, e agora do ponto de vista feminino, "há nele alguma coisa profundamente ridícula."

Caindo de joelhos, o arquiduque Harry fez-lhe a mais apaixonada das declarações. Disse-lhe que tinha cerca de vinte milhões de ducados num

cofre-forte em seu castelo. Possuía mais acres do que qualquer nobre na Inglaterra. A caça era excelente: podia prometer-lhe uma bolsa sortida de lagópodes e de galos silvestres, como nenhum pântano inglês ou escocês poderia oferecer. Na verdade, os faisões tinham sido atacados de gosma durante sua ausência e os antílopes perdido suas crias, mas isso poderia ser remediado e seria, com a sua ajuda, quando vivessem juntos na Romênia.

Enquanto falava, lágrimas enormes formavam-se nos olhos bastante proeminentes e escorriam pelos sulcos arenosos de suas longas e flácidas bochechas.

Que os homens choram tão frequentemente e tão sem razão quanto as mulheres, Orlando sabia por experiência própria como homem; mas estava começando a perceber que as mulheres devem ficar chocadas quando os homens demonstram emoção diante delas, e assim ficou chocada.

O arquiduque desculpou-se. Controlou-se o suficiente para dizer-lhe que a deixaria agora, mas voltaria no dia seguinte para saber a sua resposta.

Era terça-feira. Ele veio na quarta; veio na quinta; veio na sexta; veio no sábado. É certo que cada visita começava, continuava ou concluía com uma declaração de amor, mas nos intervalos havia bastante espaço para o silêncio. Sentavam-se um de cada lado da lareira, e às vezes o arquiduque derrubava as tenazes e Orlando arrumava-as de novo. Então o arquiduque lembrava que caçara um alce na Suécia e Orlando lhe perguntava se era um alce muito grande, o arquiduque dizia que não era tão grande quanto a rena que caçara na Noruega; Orlando lhe perguntava se alguma vez tinha caçado um tigre, o arquiduque dizia que caçara um albatroz, e Orlando perguntava (meio escondendo um bocejo) se um albatroz era tão grande quanto um elefante e o arquiduque respondia algo bastante sensato, sem dúvida, mas Orlando não escutava, pois estava olhando para sua escrivaninha, ou pela janela, ou para a porta. Depois disso, o arquiduque dizia: "Adoro-a!", ao mesmo tempo que Orlando dizia: "Olhe, está começando a chover", e ficavam ambos muito embaraçados e coravam, e nenhum deles sabia o que dizer depois. Na verdade, Orlando estava no limite de seu conhecimento sobre o que conversar e, se não tivesse se lembrado de um jogo chamado *fly loo* — no qual se pode perder grandes somas de dinheiro com pouco dispêndio de espírito —, teria tido que casar, supunha, pois não sabia como se livrar dele. Mas com este artifício, aliás bem simples — e que precisava apenas de três torrões de açúcar e de um número suficiente de moscas —, o embaraço da conversa era vencido e

a necessidade de casamento evitada. Pois agora o arquiduque queria apostar com ela quinhentas libras que uma mosca pousaria neste torrão e não naquele. Assim, tinham ocupação para a manhã inteira, observando as moscas (que estavam naturalmente vagarosas naquelas estação e quase sempre levavam uma hora ou mais rodando pelo teto) até que alguma varejeira azul fazia a sua escolha e o jogo estava ganho. Muitas centenas de libras passaram das mãos de um para outro durante esse jogo, o qual o arquiduque — que se dizia um jogador nato — declarava ser tão bom quanto corrida de cavalos e jurava que poderia jogar a vida inteira. Mas Orlando logo começou a se cansar.

"Que vale ser uma linda mulher, na flor da idade", perguntava, "se tenho que passar todas as minhas manhãs observando varejeiras azuis com um arquiduque?"

Começou a detestar o aspecto do açúcar; as moscas deixavam-na tonta. Devia haver alguma saída da dificuldade, supunha, mas ela era ainda inábil nas artes do seu sexo e, como já não podia dar uma pancada na cabeça de um homem nem atravessar-lhe o corpo com um florete, não pôde pensar em melhor método do que este: apanhou uma varejeira azul, amassou-a delicadamente até que morresse (já estava meio morta, do contrário sua bondade com os animais não lhe teria permitido isso) e colou-a com uma gota de goma arábica num torrão de açúcar. Enquanto o arquiduque olhava para o teto, ela habilidosamente substituía este torrão por aquele onde pusera o dinheiro e gritava "Ganhei! Ganhei!" e declarava que tinha vencido a aposta. Seu cálculo era que o arquiduque, com todo o seu conhecimento de esportes e corridas de cavalos, detectaria a fraude e, como trapacear no jogo da mosca é o mais infame dos crimes — e por causa disso homens têm sido banidos definitivamente da sociedade humana para a dos macacos nos trópicos —, imaginou que ele seria homem bastante para recusar-se daí em diante a ter algum interesse por ela. Mas julgou mal a simplicidade desse amável nobre. Ele não era um bom juiz de moscas. Uma mosca morta parecia-lhe o mesmo que uma viva. Ela fez trapaça vinte vezes e ele pagou mais de 17.250 libras (o que equivale a cerca de 40.885 libras, seis xelins e oito pence em nossa moeda), até que Orlando enganou tão grosseiramente que nem mesmo ele podia ser logrado por mais tempo. Quando afinal percebeu a verdade, aconteceu uma cena penosa. O arquiduque pôs-se de pé. Ficou escarlate. Lágrimas lhe rolavam pela face, uma por uma. Que tivesse ganhado uma

fortuna à sua custa não era nada, de bom grado aceitava; que ela o tivesse enganado era alguma coisa — feria-o pensar que ela fosse capaz disso; mas que tivesse feito trapaça no jogo da mosca era tudo. Era impossível amar uma mulher que trapaceava no jogo, dizia. Aí, rompeu em definitivo. Felizmente, dizia, recuperando-se um pouco — não havia testemunhas. Afinal de contas, dizia, ela era apenas uma mulher. Em resumo, estava se preparando para perdoá-la, com a nobreza de seu coração, e se inclinava para pedir-lhe perdão pela violência de sua linguagem, quando ela abreviou o assunto, pondo-lhe um sapinho entre a pele e a camisa, no momento em que ele inclinava a orgulhosa cabeça.

Para fazer justiça a ela, deve ser dito que preferiria mil vezes um espadim. Sapos são coisas pegajosas para alguém esconder consigo durante uma manhã inteira. Mas, se espadins são proibidos, deve-se recorrer a sapos. Além disso, sapos e risadas às vezes conseguem aquilo que o aço frio não consegue. Ela riu. O arquiduque corou. Ela riu. O arquiduque praguejou. Ela riu. O arquiduque bateu a porta.

"O céu seja louvado!", gritou Orlando ainda rindo. Ouviu o som das rodas da carruagem rolando num ritmo furioso pelo pátio. Ouviu-as rodar pela estrada. O som se tornava cada vez mais fraco. Então desapareceu completamente.

"Estou só", disse Orlando em voz alta, uma vez que não havia ninguém para ouvir.

Que o silêncio seja mais profundo depois do ruído, ainda é preciso a confirmação da ciência. Mas que a solidão é diretamente mais aparente depois que alguém foi amado, muitas mulheres jurariam. Quando o som das rodas da carruagem do arquiduque desapareceu, Orlando sentiu que se distanciavam dela cada vez mais um arquiduque (ela não se importava com isso), uma fortuna (ela não se importava com, isso), um título (ela não se importava com isso), a segurança e a condição da vida de casada (ela não se importava com isso), mas também a vida e um amor. "A vida e um amor", murmurou; e, dirigindo-se para a escrivaninha, mergulhou a pena na tinta e escreveu:

"A vida e um amor" — um verso sem ritmo e que não fazia sentido com o que vinha antes — algo a respeito da maneira adequada de dar banho em ovelhas para evitar sarna. Relendo, corou e repetiu:

"A vida e um amor." Então, deixando a pena de lado, foi para o seu quarto, parou em frente ao espelho e ajeitou as pérolas no pescoço. Então,

já que as pérolas não produzem grande efeito num vestido de verão de algodão estampado, trocou-o por um outro, de tafetá cinza-pombo; depois por outro, cor de pêssego; depois por um de brocado cor de vinho. Talvez precisasse de um pouco de pó, e, se colocasse o cabelo — assim — sobre a testa, podia ser que ficasse bem. Depois calçou sapatos de bico fino e colocou no dedo um anel de esmeralda. "Agora", disse quando estava pronta, e acendeu os candelabros de prata que ladeavam o espelho. Que mulher não se teria entusiasmado ao ver o que Orlando viu queimando na neve? — pois tudo em redor do espelho eram campos de neve, e ela era como um fogo, um arbusto ardente, e as chamas das velas em volta da sua cabeça eram folhas de prata; ou ainda, o espelho era água verde e ela, uma sereia coberta de pérolas, uma sereia numa caverna, cantando de tal forma que os remadores se inclinavam em seus barcos e caíam, caíam para abraçá-la; tão escura, tão brilhante, tão dura, tão suave ela era, tão surpreendentemente sedutora que era uma pena não haver ninguém ali para expressar em linguagem clara e para dizer de uma vez: "Com os diabos senhora, sois a encarnação da beleza!" — o que era verdade. Mesmo Orlando (que não tinha vaidade pessoal) sabia disso, pois ela sorriu o sorriso involuntário que as mulheres sorriem quando sua própria beleza, que não parece a sua própria, toma a forma de uma gota que cai ou de uma fonte que sobe e confronta-as de repente no espelho — esse sorriso ela sorriu, e então escutou por um momento e ouviu somente as folhas soprando e os pardais piando, e então suspirou: "A vida, um amor'' e então girou nos calcanhares com extraordinária rapidez, arrancou do pescoço as pérolas, despiu os cetins das costas, empertigou-se em elegantes calções de seda negra como um nobre qualquer e tocou a campainha. Quando o criado apareceu, disse-lhe que preparasse imediatamente uma carruagem de seis cavalos. Tinha sido chamada a Londres, por negócios urgentes. Menos de uma de hora depois da partida do arquiduque, ela se pôs a caminho.

E como estava a caminho, podemos aproveitar a oportunidade — já que a paisagem era uma paisagem inglesa comum que não necessita de descrição — para chamar a atenção do leitor, mais particularmente do que pudemos fazer no momento, para uma ou duas observações que escaparam aqui e ali no curso da narrativa. Por exemplo, pode ter sido observado que Orlando escondia seus manuscritos, quando interrompida. Depois, que se olhava longa e intensamente no espelho; e agora, quando partiu para

Londres, podia-se notar seu sobressalto e um grito abafado quando os cavalos galopavam mais rapidamente do que ela desejava. Sua modéstia com relação a seus escritos, sua vaidade com relação à sua pessoa, seus temores por sua segurança, tudo parece indicar que o que há pouco se disse da ausência de diferença entre Orlando homem e Orlando mulher estava deixando de ser totalmente verdadeiro. Estava se tornando um pouco mais modesta — como são as mulheres —, quanto ao seu espírito, e um pouco mais vaidosa — como são as mulheres —, quanto à sua pessoa. Certas suscetibilidades aumentavam, outras diminuíam. A mudança de roupas, diriam alguns filósofos, tinha muito a ver com isso. Futilidades vãs, como parecem, as roupas têm — dizem eles — funções mais importantes do que simplesmente nos aquecer. Elas mudam nossa visão do mundo e a visão do mundo sobre nós. Por exemplo, quando o capitão Bartolus viu a saia de Orlando, imediatamente mandou estender um toldo para ela, insistiu para que se servisse de uma outra fatia de carne, e convidou-a para ir a terra com ele em sua chalupa. Essas atenções não lhe teriam sido feitas se suas saias, em vez de esvoaçar, fossem ajustadas às pernas como calças. E, quando recebemos atenções, convém retribuí-las. Orlando fez mesuras; aquiesceu; elogiou os modos daquele homem gentil, como teria feito se suas calças elegantes fossem saias de mulher e seu casaco engalanado fosse um feminino corpete de cetim. Assim, pode-se sustentar o ponto de vista de que são as roupas que nos usam, e não nós que as usamos; podemos fazê-las tomar a forma do braço ou do peito, mas elas moldam nosso coração, nosso cérebro, nossa língua, à sua vontade. Assim, tendo usado saias por um tempo considerável, era visível uma certa mudança em Orlando, mesmo em seu rosto, que pode ser encontrada se o leitor verificar nas páginas 95-96. Se compararmos o retrato de Orlando como homem com o de Orlando como mulher, veremos que, embora ambos sejam indubitavelmente uma e a mesma pessoa, há certas mudanças. O homem tem a mão livre para pegar a espada, a mulher deve usar a sua para evitar que os cetins lhe escorreguem dos ombros. O homem encara o mundo de frente, como se tivesse sido feito para seu uso e de acordo com o seu gosto. A mulher lança-lhe um olhar de esguelha, cheio de sutileza e até de desconfiança. Se usassem as mesmas roupas, é possível que sua maneira de olhar viesse a ser a mesma.

Esta é a opinião de alguns filósofos e sábios, mas nós nos inclinamos por outra. Felizmente, a diferença entre os sexos é de grande profundidade.

As roupas são apenas símbolos de algo extremamente oculto. Foi a transformação do próprio Orlando que determinou sua escolha pelas roupas de mulher e pelo sexo feminino. E talvez nisso ela estivesse expressando apenas um pouco mais abertamente do que de costume — a franqueza, na verdade, era a alma de sua natureza — algo que acontece com muita gente sem ser assim tão claramente expresso. Pois aqui novamente chegamos a um dilema. Embora os sexos sejam diferentes, eles se confundem. Em cada ser humano ocorre uma vacilação de um ser para outro. E frequentemente são apenas as roupas que mantêm a aparência masculina ou feminina, enquanto interiormente o sexo é aquele oposto ao que está à vista. Das complicações e confusões que daí resultam, cada um teve experiências; mas aqui deixamos o problema geral e observamos apenas o efeito ímpar que isso teve no caso particular de Orlando.

Pois foi esta mistura de homem e mulher, um preponderando, depois a outra, que frequentemente dava à sua conduta uma inesperada reviravolta. As curiosas perguntariam, por exemplo, se Orlando era uma mulher, como não demorava mais do que dez minutos para se vestir? E suas roupas não eram escolhidas ao acaso e às vezes não estavam até um pouco gastas? Então responderiam, ainda, que ela não tinha a formalidade de um homem nem o amor masculino pelo poder. Ela possuía um coração excessivamente terno. Não suportava ver um burro ser espancado nem um gatinho ser afogado. Contudo, novamente observavam que detestava assuntos domésticos, levantava-se de madrugada e saía pelos campos no verão antes do nascer do sol. Nenhum fazendeiro conhecia melhor as colheitas do que ela. Podia beber com os mais fortes e gostava de jogos de azar. Montava bem e conduzia seis cavalos a galope sobre a Ponte de Londres. Contudo, novamente, embora audaciosa e ativa como um homem, notava-se que a visão de alguém em perigo causava-lhe palpitações das mais femininas. Caía em lágrimas à mais leve provocação. Não era versada em geografia, achava matemática intolerável, e sustentava alguns caprichos mais comuns entre as mulheres do que entre os homens, como por exemplo que viajar para o sul é o mesmo que descer uma encosta. No entanto, é difícil dizer se Orlando era mais homem ou mais mulher, e isso não pode ser resolvido agora. Pois agora sua carruagem estava rodando nas pedras. Tinha chegado a sua casa na cidade. Os estribos estavam sendo arriados e os portões de ferro abertos. Ela estava entrando na casa de seu pai em Blackfriars, que — embora a moda estivesse abandonando aquele

extremo da cidade — era ainda uma mansão agradável, espaçosa, com jardins até o rio e um aprazível bosque de nogueiras para se passear.

Ali se instalou e começou imediatamente a procurar em torno de si aquilo que viera buscar — isto é, vida e um amor. A respeito da primeira, pode haver alguma dúvida; o segundo, ela encontrou sem a menor dificuldade, dois dias depois de sua chegada. Era uma terça-feira quando viera para a cidade. Na quinta-feira foi dar um passeio no Mall, como então era hábito das pessoas de condição. Não dera mais do que uma ou duas voltas pela avenida antes de ser notada por um pequeno grupo de gente vulgar que vai lá para espiar seus superiores. Quando passou por eles, uma mulher carregando uma criança no colo parou à sua frente, encarou familiarmente o rosto de Orlando e gritou: "Que o céu nos acuda se esta não é a Lady Orlando!" Seus companheiros aglomeraram-se em torno, e Orlando se encontrou por um momento no centro de uma multidão de cidadãos espantados e mulheres de negociantes, todos ansiosos para ver a heroína do célebre processo. Tal foi o interesse que o caso despertou na mente do povo. Na verdade, ela poderia ter sido seriamente molestada pela pressão da multidão — esquecera que as damas não devem passear sozinhas em lugares públicos — se um cavalheiro alto não se adiantasse e lhe oferecesse a proteção de seu braço. Era o arquiduque. Ao vê-lo, ela foi dominada ao mesmo tempo pelo embaraço e por um certo deleite. Este magnânimo cavalheiro não apenas a tinha perdoado, mas, para mostrar que levara na brincadeira a sua travessura com o sapo, procurara uma joia feita com a forma daquele réptil, que lhe ofereceu, com a confirmação do seu amor, ao conduzi-la à carruagem.

Com a multidão, com o duque, com a joia, voltou para casa no pior estado que se possa imaginar. Era então impossível sair para um passeio sem ficar meio sufocada, sem ser presenteada com um sapo de esmeraldas e pedida em casamento por um arquiduque? Teve uma visão melhor do caso no dia seguinte, quando encontrou na mesa do café meia dúzia de bilhetes das damas mais famosas do lugar — Lady Suffolk, Lady Salisbury, Lady Chesterfield, Lady Tavistock e outras, que a lembravam em termos polidos as velhas alianças entre suas famílias e a dela, e desejavam a honra de conhecê-la. No dia seguinte, que era sábado, muitas dessas grandes damas foram visitá-la pessoalmente. Na terça-feira, por volta do meio-dia, lacaios trouxeram cartões de convite para vários saraus, jantares e reuniões próximas; de modo que Orlando foi lançada sem

demora, mas com algum alarido e espuma, nas águas da sociedade londrina.

Descrever verdadeiramente a sociedade londrina daquele ou de qualquer outro tempo ultrapassa os poderes do biógrafo ou do historiador. Só aqueles que necessitam pouco da verdade e não a respeitam — poetas e novelistas — podem fazê-lo com confiança, pois este é um dos casos em que a verdade não existe. Nada existe. Tudo é um miasma — uma miragem. Para simplificar — Orlando podia voltar para casa, de um desses saraus, às três ou quatro da manhã, com as faces como uma árvore de Natal e os olhos como estrelas. Desamarrava um laço, dava uma volta pelo quarto, desamarrava outro laço, parava e dava outra volta pelo quarto. Frequentemente o sol ardia sobre as chaminés de Southwark antes que ela se resolvesse a ir para a cama, ali ficar deitada arfando e debatendo-se, rindo e suspirando, por uma hora ou mais, até afinal dormir. E qual a causa de toda essa agitação? A sociedade. E o que a sociedade teria dito ou feito para lançar uma dama racional em tal excitação? Em uma palavra, nada. Por mais que atormentasse a memória no dia seguinte, Orlando não lembrava de uma única palavra para exaltar coisa alguma. Lorde O. tinha sido galante. Lorde A., cortês. O marquês de C., encantador. O sr. M., divertido. Mas, quando tentava lembrar em que teriam consistido essa galanteria, essa cortesia, esse encanto e esse divertimento, era levada a crer numa falha de memória, pois não conseguia assinalar nada. Era sempre a mesma coisa. Nada restava no dia seguinte, embora a excitação do momento fosse intensa. Assim, somos forçados a concluir que a sociedade é uma dessas misturas que as donas de casa habilidosas servem quentes no período natalino, cujo sabor depende da mescla e da agitação adequadas de uma dúzia de diferentes ingredientes. Provar um a um em separado é insípido. Retirar Lorde O., Lorde A., Lorde C. ou o sr. M., cada um deles separadamente, não é nada. Misturados todos juntos, combinam, produzindo o mais inebriante sabor e o mais sedutor dos aromas. Contudo, essa embriaguez e essa sedução fogem completamente à nossa análise. Por isso, ao mesmo tempo, a sociedade é tudo e a sociedade é nada. A sociedade é a mais poderosa mistura do mundo e a sociedade em si não existe. Com tal monstro só os poetas e os novelistas podem lidar; com esse tudo e esse nada suas obras atingem um volume considerável; e para eles o deixamos, com a melhor das boas vontades.

Seguindo o exemplo de nossos predecessores, consequentemente, diremos apenas que a sociedade no reinado da rainha Ana era de um brilho ímpar. Ingressar nela era o objetivo de toda pessoa bem-nascida. Os encantos eram supremos. Os pais instruíam seus filhos, as mães suas filhas. Nenhuma educação era completa para ambos os sexos que não incluísse a ciência da conduta, a arte de fazer reverências e cumprimentos, o manejo da espada e do leque, o cuidado com os dentes, a postura da perna, a flexibilidade do joelho, os métodos adequados de entrar e sair da sala, com mil etcéteras, que imediatamente se apresentarão por si mesmos a qualquer pessoa que esteja em sociedade. Já que Orlando tinha recebido o elogio da rainha Elizabeth pela maneira como lhe entregara uma tigela com água de rosas, quando menino, deve-se supor que era suficientemente habilitada para estar à altura das exigências; certo que era distraída e que às vezes se tornava desastrada; estava pronta a pensar em poesia quando deveria estar pensando em tafetá; e talvez seu passo fosse um pouco largo demais para uma mulher e seus gestos, sendo abruptos, podiam pôr em risco, em certos momentos, uma xícara de chá.

Se essa ligeira inabilidade era suficiente para contrabalançar o esplendor de sua presença, ou se ela herdara uma gota a mais desse humor negro que corre nas veias de toda a sua raça, o certo é que não estivera nas rodas mundanas mais do que umas vinte vezes que já não tivesse perguntado a si mesma — quando não houvesse ninguém a não ser o seu cachorro Pippin — "que diabos acontece comigo?" Era terça-feira, 16 de junho de 1712; ela acabava de voltar de um grande baile em Arlington House; a aurora estava no céu, e ela descalçava uma das meias. "Não me importo se não encontrar mais ninguém enquanto viver", exclamou Orlando rebentando em lágrimas. Amores ela tinha em abundância, mas a vida, que afinal tem certa importância, lhe escapava. "É a isso", perguntava — mas não havia ninguém para responder — "é a isso" — terminava a frase da mesma forma — "que as pessoas chamam vida?" O cachorro levantou a pata dianteira em sinal de simpatia. O cachorro lambeu Orlando. Orlando afagou-o com a mão. Orlando beijou-o. Em resumo, havia entre eles a mais verdadeira simpatia que pode haver entre um cão e sua dona, embora não se possa negar que a mudez dos animais seja um grande impedimento para os requintes da comunicação. Eles abanam a cauda; inclinam a parte dianteira do corpo e elevam a traseira; rodam, pulam, arranham, ganem, latem, babam, têm toda a sorte de

cerimônias e artifícios próprios, mas é tudo inútil, já que não podem falar. Essa era a sua discordância — pensou, colocando o cachorro gentilmente no chão — em relação às pessoas importantes de Arlington House. Elas também abanam a cauda, se inclinam, rodam, pulam, arranham e babam, porém não conseguem conversar. "Todos esses meses tenho frequentado a sociedade", disse Orlando, atirando uma das meias pelo quarto, "não ouvi nada senão o que Pippin poderia ter dito. Estou com frio. Sou feliz. Tenho fome. Apanhei um rato. Enterrei um osso. Por favor, beije o meu nariz." E isso não bastava.

Procuraremos explicar como em tão pouco tempo ela passara do deslumbramento para a decepção, admitindo que esta misteriosa composição a que chamamos sociedade não é absolutamente boa ou má em si mesma, mas possui um espírito volátil embora potente, que ou embriaga quando pensamos que é encantadora — como Orlando pensara — ou produz dor de cabeça quando a julgamos repulsiva — como Orlando a julgava agora. Não temos dúvida de que a faculdade de falar tenha muito a ver com isso. Muitas vezes uma hora de silêncio é a mais arrebatadora de todas; um espírito brilhante pode ser indescritivelmente tedioso. Mas deixemos isso para os poetas e continuemos a nossa história.

Orlando atirou a segunda meia atrás da primeira e foi bem tristemente para a cama, resolvida a renegar para sempre a sociedade. Mas novamente chegou às conclusões com muita rapidez, como se verificou. Pois logo na manhã seguinte, ao acordar, encontrou entre os habituais cartões um convite sobre a mesa, o de uma certa grande dama, a condessa de R. Tendo decidido na noite anterior que nunca mais voltaria a frequentar a sociedade, só podemos explicar o comportamento de Orlando — mandou um mensageiro a toda pressa à casa de R. para dizer que aceitava o convite com o maior prazer do mundo — pelo fato de que ainda estava sofrendo o efeito de três palavras adocicadas, ditas em seu ouvido no convés do *Enamoured Lady* pelo capitão Nicholas Benedict Bartolus enquanto desciam o Tâmisa. Addison, Dryden, Pope — dissera ele apontando para o Cacaueiro —, e Addison, Dryden e Pope tinham soado em sua alma como um encantamento desde aquele instante. Quem pode acreditar em tal loucura? Mas era assim. Toda a sua experiência com Nick Greene não lhe ensinara nada. Aqueles nomes ainda exerciam sobre ela o mais poderoso fascínio. Talvez devamos acreditar em algo, e como Orlando, conforme dissemos, não acreditava nas divindades usuais, depositava sua crença nos

grandes homens — contudo, com uma diferença: almirantes, soldados, estadistas, não a afetavam. Mas o simples pensar em um grande escritor excitava a tal ponto a sua crença que ela quase acreditava que ele fosse invisível. Seu instinto era certeiro. Talvez só se possa acreditar totalmente naquilo que não se vê. O rápido vislumbre que tivera desses grandes homens, do convés do navio, foi como que uma visão. Duvidava que a xícara fosse de porcelana ou o jornal de papel. Quando Lorde O. disse um dia que jantara com Dryden na noite anterior ela não acreditou nele em absoluto. Agora, o salão de recepções de Lady R. tinha a fama de ser a antecâmara da sala de audiência do gênio; era o lugar onde homens e mulheres se encontravam para balançar turíbulos e cantar hinos ao busto do gênio, num nicho na parede. Às vezes o próprio Deus concedia a sua presença por um momento. Só a inteligência permitia admissão, e (segundo corria) nada era dito lá dentro que não fosse brilhante.

Foi então com grande temor que Orlando entrou no salão. Encontrou o grupo já reunido em semicírculo, ao redor do fogo. Lady R., uma velhota de compleição morena, com uma mantilha de renda preta na cabeça, estava sentada ao centro, numa grande poltrona. Desse modo, por ser um pouco surda, podia controlar a conversa de ambos os lados. De ambos os lados sentavam-se os homens e mulheres da mais alta distinção. Todos os homens, dizia-se, tinham sido primeiros-ministros, e todas as mulheres, murmurava-se, amantes de um rei. O certo é que todos eram brilhantes e todos eram famosos. Orlando tomou seu lugar com profunda reverência, em silêncio... Depois de três horas, fez outra profunda reverência e retirou-se.

Mas o que — o leitor pode perguntar com alguma exasperação — aconteceu durante esse tempo? Por três horas em tal companhia, devem ter sido ditas as mais espirituosas, as mais profundas e as mais interessantes coisas do mundo. Assim poderia realmente parecer. Mas o fato é que eles não disseram nada. É uma característica curiosa de que compartilham as mais brilhantes sociedades que o mundo tem visto. A velha Madame du Deffand e seus amigos conversaram por cinquenta anos sem parar. E disso tudo o que resta? Talvez três ditos brilhantes. Assim, temos a liberdade de supor que nada foi dito, ou que nada de espirituoso foi dito, ou que a porção de três ditos espirituosos durou 18.250 noites — o que não deixa para nenhum deles um quinhão generoso de sabedoria.

A verdade parece ser — se ousarmos usar a palavra nesta situação — que todos esses grupos de pessoas estão sob um encantamento. A anfitriã é a nossa Sibila moderna. É uma bruxa que mantém seus convidados sob feitiço. Nesta casa eles se consideram felizes; naquela, espirituosos; numa terceira, profundos. É tudo ilusão (o que não é nenhum mal, pois as ilusões são as mais necessárias e valiosas de todas as coisas, e aquele que pode criar uma está entre os grandes benfeitores do mundo), mas, como é notório que as ilusões são despedaçadas por conflitarem com a realidade, assim nenhuma felicidade real, nenhuma sabedoria real, nenhuma profundidade real são toleradas onde a ilusão prevalece. Isto serve para explicar por que Madame du Deffand não disse mais do que três ditos espirituosos no decorrer de cinquenta anos. Se ela tivesse dito mais, seu círculo teria sido destruído. O dito espirituoso, quando deixava seus lábios, rolaria sobre a conversação corrente como uma bala de canhão, arrasando violetas e margaridas. Quando pronunciou o seu famoso *mot de Saint Denis*,—[14] a própria grama ficou chamuscada. Seguiram-se a desilusão e o desconsolo. Nenhuma outra palavra foi pronunciada. "Poupe-nos de outro destes, pelo amor de Deus, Madame!", gritaram seus amigos em uníssono. E ela obedeceu. Por cerca de 17 anos ela não disse nada memorável, e tudo correu bem. A bela colcha de ilusão permaneceu intata sobre o seu círculo, como permaneceu intata sobre o círculo de Lady R. Os convidados pensavam que eram felizes, pensavam que eram espirituosos, pensavam que eram profundos, e, enquanto pensavam nisso, as outras pessoas pensavam ainda mais fortemente; por isso circulava que nada era mais delicioso do que uma das reuniões de Lady R.; todos invejavam aqueles que eram ali admitidos; aqueles que eram admitidos invejavam-se porque os outros os invejavam; assim, isso parecia não ter fim — exceto o que agora vamos relatar.

Por ocasião da terceira visita de Orlando ocorreu um incidente. Ela ainda estava sob a ilusão de estar ouvindo os mais brilhantes epigramas do mundo, embora na realidade o velho general C. estivesse apenas contando demoradamente como a gota deixara sua perna esquerda e passara para a direita, enquanto o sr. L. interrompia sempre que algum nome próprio era mencionado: "R.? Oh! conheço Billy R. tão bem quanto a mim mesmo. S.? meu melhor amigo. T.? Ficou comigo 15 dias em Yorkshire" — o que, (tal é a força da ilusão) soava como a mais espirituosa resposta, o mais penetrante comentário sobre a vida humana, e mantinha o grupo em

alvoroço; quando a porta se abriu e um cavalheiro baixo — cujo nome Orlando não conseguiu entender — entrou. Logo uma sensação curiosamente desagradável apoderou-se dela. A julgar pelas caras, os outros começaram também a sentir o mesmo. Um cavalheiro disse que havia uma corrente de ar. A marquesa de C. temia que houvesse um gato debaixo do sofá. Era como se seus olhos estivessem sendo lentamente abertos depois de um sonho agradável e não encontrassem nada, salvo um lavatório barato e uma colcha suja. Era como se as emanações deliciosas do vinho estivessem lentamente abandonando-os. O general ainda conversava e o sr. L. Ainda relembrava. Mas tornou-se mais e mais aparente como era vermelho o pescoço do general e como o sr. L. era calvo. Quanto ao que eles diziam — nada mais enfadonho e banal se pode imaginar. Todos se impacientavam, e aqueles que tinham leques bocejavam por detrás deles. Finalmente, Lady R. bateu com o seu braço no braço da poltrona. Ambos os cavalheiros pararam de falar.

Então o cavalheiro baixinho disse,

Disse depois,

Finalmente disse,[15]

Aqui, não se pode negar, havia verdadeiro talento, verdadeira sabedoria, verdadeira profundidade. O grupo mergulhou em completo desânimo. Um desses ditos já era insuportável; mas três, um depois do outro, na mesma noite! Nenhuma sociedade poderia sobreviver.

"Sr. Pope", disse a velha Lady R., numa voz trêmula, com fúria sarcástica, "faça o favor de ser espirituoso." O sr. Pope ficou vermelho. Ninguém disse palavra. Permaneceram num silêncio mortal por uns vinte minutos. Depois, um a um, todos se levantaram e desapareceram do salão. Era duvidoso que tornassem a voltar depois de semelhante experiência. Podiam ser ouvidos tocheiros, chamando pelos coches, por toda a South Audley Street. Portinholas batiam e carruagens partiam. Orlando encontrou-se perto do sr. Pope na escada. A figura magra e deformada estava agitada por uma variedade de emoções. Dardos de malícia, raiva, triunfo, argúcia e terror partiam de seus olhos (ele estava tremendo como uma folha). Parecia um réptil agachado, com um topázio ardente na testa. Ao mesmo tempo, a mais estranha tempestade de emoções se apoderou da desafortunada Orlando. Uma desilusão tão completa como a que sofrera havia menos de uma hora deixa a cabeça balançando de um lado para outro. Tudo parece dez vezes mais vazio e rígido que antes. É um

momento repleto de maior perigo para o espírito humano. As mulheres se transformam em freiras e os homens em padres, em tais momentos. Em tais momentos, os ricos cedem suas riquezas; e os homens felizes cortam suas gargantas com trinchantes. Orlando teria feito tudo isso de bom grado, mas havia uma coisa mais imprudente ainda para fazer, e ela a fez: convidou o sr. Pope para acompanhá-la à sua casa.

Pois, se é temerário entrar desarmado numa toca de leão, se é temerário navegar pelo Atlântico num barco a remo, se é temerário ficar em um só pé no topo da catedral de São Paulo, é mais temerário ainda ir para casa sozinha com um poeta. Um poeta é o Atlântico e o leão em uma só pessoa. Enquanto um nos afoga, o outro nos devora. Se sobrevivemos aos dentes, sucumbimos nas ondas. Um homem que pode destruir ilusões é ao mesmo tempo fera e dilúvio. As ilusões são, para a alma, o que a atmosfera é para a terra. Se retirarmos aquele ar suave, a planta morre e a cor esmaece. A terra por onde caminhamos torna-se um carvão ressequido. É amarga o que pisamos, e seixos ardentes chamuscam nossos pés. Somos desfeitos pela verdade. A vida é um sonho. É o acordar que nos mata. Aquele que nos rouba os sonhos rouba nossa vida — (e assim por seis páginas seguidas, se quisermos, mas o estilo é cansativo e pode bem ser abandonado).

Pelo visto, entretanto, Orlando deveria ser um monte de cinzas quando a carruagem parou em sua casa em Blackfriars. Que ainda era de carne e osso, embora certamente exausta, deve-se a um fato para o qual chamamos atenção antes, na narrativa. Quanto menos vemos, mais acreditamos. Ora, as ruas entre Mayfair e Blackfriars eram, naquela época, muito mal-iluminadas. Na verdade, a iluminação já era bem melhor do que nos tempos elisabetanos. Naquele então, o viajante surpreendido pela noite tinha que confiar nas estrelas ou na luz vermelha de algum guarda-noturno para evitar os buracos no cascalho em Park Lane ou os bosques de carvalho de Tottenham Court Road, onde os porcos fuçavam. Mas mesmo assim faltava ainda a nossa eficiência moderna. Postes com lampiões de azeite ocorriam a cada duzentas jardas, mas entre eles se estendia uma considerável distância escura como breu. Assim, durante dez minutos, Orlando e o sr. Pope ficariam na escuridão; depois, por meio minuto, novamente na luz. Um estado de espírito muito estranho se instalou em Orlando. Quando a luz desapareceu, começou a sentir-se banhada por um bálsamo delicioso. “Era de fato uma grande honra para uma jovem estar

viajando com o sr. Pope", começou a pensar, olhando o perfil de seu nariz. "Sou a mais abençoada das mulheres. A meia polegada de distância — na verdade, sinto o nó das fitas de sua liga comprimindo minha coxa — está o maior talento dos domínios de Sua Majestade. Os tempos futuros pensarão em nós com curiosidade e me invejarão furiosamente." Aqui surgiu um outro lampião. "Que pobre louca sou eu!", pensou. "Não existe nem fama nem glória. Os tempos futuros não dedicarão um só pensamento nem a mim nem ao sr. Pope. O que é uma 'época'? O que somos 'nós'?" E a passagem pela Berkeley Square parecia o tatear de duas formigas cegas momentaneamente reunidas sem relação nem interesse em comum, através de um deserto enegrecido. Ela tremeu. Mas aqui novamente estava escuro. Sua ilusão reviveu. "Como é nobre a sua fronte!", pensou (confundindo, na escuridão, uma corcova na almofada com a cabeça do sr. Pope). "Que quantidade de gênio vive nela! Quanto talento, sabedoria e verdade — que abundância de todas essas joias pelas quais as pessoas estão prontas a barganhar suas vidas! A tua é a única luz que arde para sempre. Mas para ti a peregrinação humana seria realizada em total escuridão"; (aqui a carruagem deu um grande solavanco, ao cair numa vala em Park Lane) "sem os gênios estaríamos transtornados e perdidos. O majestoso, o lúcido esplendor!" — assim ela apostrofava a corcova da almofada quando passaram sob um dos lampiões de Berkeley Square e ela percebeu o seu erro. "Miserável!", pensou, "como me enganaste! Tomei aquela corcova pela tua cabeça. Examinando-te bem, tu és ignóbil e desprezível! Disforme e doentio, não há nada para venerar em ti, muito para lamentar e bastante para desprezar."

Novamente estavam na escuridão, e sua raiva diminuiu quando não viu nada além dos joelhos do poeta.

"Mas eu é que sou miserável", refletiu quando mergulharam novamente em completa obscuridade, "por vil que sejas, não sou eu ainda mais vil? És tu que me alimentas e me proteges, que assustas as feras, atemorizas os selvagens, me fazes roupas com fios de seda e tapetes com lã de carneiro. Se careço adorar, não me deste a tua própria imagem e não a puseste no céu? Não há evidências do teu cuidado por toda parte? Portanto, como não hei de ser humilde, agradecida e dócil? Deixa toda a minha alegria servir-te, honrar-te e obedecer-te."

Aqui alcançaram o grande lampião na esquina que é hoje Piccadilly Circus. A luz iluminou seus olhos e ela viu, além de algumas abjetas

criaturas de seu próprio sexo, dois pigmeus indigentes, num terreno totalmente deserto. Estavam ambos despidos, solitários e indefesos. Um estava sem força para ajudar o outro. Cada um já tinha bastante o que fazer tomando conta de si. Olhando o sr. Pope diretamente, pensou: "É igualmente inútil, para ti, pensar que podes me proteger e, para mim, pensar que posso te adorar. A luz da verdade bate em nós sem sombra, e a luz da verdade é terrivelmente imprópria para nós dois."

Todo esse tempo, é claro, continuavam conversando agradavelmente — como costumam fazer as pessoas bem-nascidas e educadas — a respeito do temperamento da rainha, da gota do primeiro-ministro, enquanto a carruagem ia da luz para a sombra por Haymarket, ao longo do Strand, subia Fleet Street e finalmente chegou à sua casa em Blackfriars. Desde algum tempo, os espaços escuros entre os lampiões tinham se tornado mais claros e os lampiões menos brilhantes — o que quer dizer que o sol se levantava, e foi numa luz uniforme mas confusa de uma manhã de verão, quando tudo se vê mas nada é visto distintamente, que eles se apearam, o sr. Pope dando a mão a Orlando para descer da carruagem e Orlando fazendo uma reverência para o sr. Pope, e precedendo-o ao entrar em sua mansão, com a mais escrupulosa atenção aos rituais das Graças.

Do parágrafo anterior, contudo, não se deve presumir que o gênio (mas essa doença está agora extinta nas ilhas Britânicas, e diz-se que o finado Lorde Tennyson foi sua última vítima) esteja sempre iluminado, pois assim poderíamos ver claramente todas as coisas e talvez corrêssemos o risco de morrer durante o processo. Ele mais se assemelha a um farol em funcionamento, que envia um raio e depois para por algum tempo; com a diferença de que o gênio é muito mais caprichoso em suas manifestações e pode lançar seis ou sete raios em rápida sucessão (como fizera o sr. Pope naquela noite) e depois cair na escuridão por um ano ou para sempre. Guiar-se pelos seus raios é, portanto, impossível, e na fase de escuridão os homens de gênio, diz-se, são muito semelhantes às outras pessoas.

Felizmente para Orlando — embora a princípio decepcionante — que assim fosse, pois ela agora começava a conviver mais com os homens de gênio. Eles não eram tão diferentes de nós, como se poderia supor. Addison, Pope, Swift gostavam de chá — ela descobriu. Gostavam de caramanchões. Colecionavam pequenos pedaços de vidro colorido. Adoravam grutas. Não detestavam honrarias. Apreciavam elogios. Um dia usavam ternos cor de ameixa, e no outro cinzentos. O sr. Swift tinha uma

bonita bengala de junco. O sr. Addison perfumava seus lenços. O sr. Pope sofria de dor de cabeça. Um pouco de mexerico não os contrariava. Nem deixavam de ser ciumentos. (Estamos anotando algumas reflexões que ocorreram a Orlando desordenadamente.) A princípio ela se aborrecia consigo mesma por observar tais ninharias e mantinha um livro para escrever o que eles dissessem de memorável, mas a página permanecia vazia. Mesmo assim, entusiasmou-se e começou a rasgar os convites para as grandes reuniões; mantinha as tardes livres; começou a viver na expectativa da visita do sr. Pope, do sr. Addison, do sr. Swift — e assim por diante. Se o leitor quiser consultar *O rapto da madeixa*, *O espectador*, *As viagens de Gulliver*, compreenderá precisamente o que significam essas misteriosas palavras. Na verdade, biógrafos e críticos poderiam poupar seu trabalho se os leitores seguissem este conselho. Pois, quando lemos:

> Se a Ninfa quebrar a lei de Diana,
> Ou lascar o frágil jarro de porcelana,
> Ou manchar sua honra ou seu novo brocado,
> Esquecer a oração ou faltar à mascarada.
> Perder o coração ou o colar num baile,

— sabemos, como se o escutássemos, como a língua do sr. Pope vibrava como a de um camaleão, como seus olhos brilhavam, como sua mão tremia, como ele amava, como mentia, como sofria. Em síntese, todos os segredos da alma de um escritor, todas as experiências de sua vida, todas as qualidades de seu espírito estão expressos em suas obras, e mesmo assim precisamos de críticos para explicar uns e de biógrafos para expor outros. A única explicação para esse monstruoso crescimento é que as pessoas estão enfadadas.

Assim, depois de lermos uma ou duas páginas do *Rapto da madeixa*, sabemos exatamente por que Orlando estava tão alegre e assustada, e com as faces e os olhos tão brilhantes naquela tarde.

A sra. Nelly bateu então à porta para dizer que o sr. Addison desejava ver a sua senhora. Com isso, o sr. Pope se levantou com um sorriso enviesado, despediu-se e partiu manquejando. O sr. Addison entrou. Enquanto ele se senta, vamos ler a seguinte passagem do *Espectador*:

> Considero a mulher um animal belo e romântico, que pode ser adornado com peles e plumas, pérolas e diamantes, metais e sedas. O lince lançara sua pele a seus pés para lhe fazer uma peliça; o pavão, o papagaio e o cisne contribuirão para o seu regalo; o mar será explorado por suas conchas e as rochas por suas gemas, e todas as partes da natureza fornecerão quotas para o embelezamento da criatura que é a sua obra suprema. Tudo isso eu perdoo, mas, quanto à saia de que venho falando, não posso nem quero aprovar.

Mantemos este cavalheiro, de tricórnio e tudo na palma da mão. Olhemos uma vez mais pelo cristal. Não se vê claramente até a prega de sua meia? Não estão expostos para nós cada ondulação e cada curva de seu talento, e sua bondade, e sua timidez, e sua urbanidade, e o fato de vir a casar com uma condessa e por fim morrer muito respeitavelmente? Tudo isso é claro. E, quando o sr. Addison acabou a sua fala, ouviu-se uma tremenda pancada à porta, e o sr. Swift, que tinha maneiras autoritárias, entrou sem ser anunciado. Um momento, onde estão *As viagens de Gulliver*? Aqui estão! Vamos ler um trecho da Viagem a Houyhnhnms:

> Gozei perfeita Saúde de Corpo e Tranquilidade de Espírito; não encontrei a Traição nem a Inconstância de um Amigo, nem as Injúrias de um Inimigo secreto ou declarado. Não tive ocasião de subornar, adular ou alcovitar para obter Favor de qualquer grande Homem nem de seu Favorito. Não necessitei de nenhuma Trincheira contra Fraude ou Opressão; aqui não havia Médico para destruir o meu Corpo nem Advogado para arruinar minha Fortuna; nem Informante de Aluguel para vigiar minhas Palavras e Ações, nem para forjar Acusações contra mim; aqui não havia Zombadores, Censores, Caluniadores, Ladrões, Salteadores, Assaltantes, Juízes, Cafetinas, Bufões, Jogadores, Políticos, Talentos, Faladores, Rabugentos e Cansativos...

Mas para, para tua saraivada férrea de palavras, ou seremos esfolados vivos e tu também! Nada pode ser mais óbvio do que este homem violento. Ele é tão grosseiro e ao mesmo tempo tão límpido; tão brutal e

tão bondoso; despreza o mundo inteiro, embora fale com uma menina em linguagem infantil, e morrerá num manicômio — quem duvida?

Assim, Orlando servia chá para todos; e às vezes, quando o tempo estava bom, levava-os consigo para o campo e oferecia-lhes banquetes régios no Salão Redondo, onde pendurara todos os seus retratos em círculo, de modo que o sr. Pope não pudesse dizer que o sr. Addison vinha antes dele, ou vice-versa. Eles eram muito talentosos, também (mas o talento está todo em seus livros), e ensinavam-lhe a parte mais importante do estilo, que é o curso natural da voz que fala — uma qualidade que ninguém sem tê-la ouvido pode imitar, nem mesmo Greene, com toda a sua habilidade; pois nasce do ar e quebra-se como uma onda sobre a mobília, rola e desaparece, e não é para ser recapturada nunca, menos ainda por aqueles que tentam, aguçando os ouvidos meio século depois. Eles lhe ensinaram isso simplesmente pela cadência de suas vozes ao falar; de modo que seu estilo mudou um pouco, e ela escreveu alguns versos agradáveis e talentosos e alguns personagens em prosa. E assim ela esbanjou o seu vinho com eles, colocou dinheiro sob seus pratos ao jantar — que guardavam muito cordialmente — e aceitou suas dedicatórias, e sentiu-se altamente honrada com a troca.

Assim passava o tempo, e Orlando frequentemente dizia para si mesma, com ênfase que podia parecer talvez um pouco suspeita para o ouvinte: “Por minha alma, que vida é esta!” (pois ela ainda estava à procura desse artigo). Mas as circunstâncias logo forçaram-na a considerar o assunto mais minuciosamente.

Um dia estava servindo chá para o sr. Pope, que — como qualquer pessoa pode inferir dos versos citados acima — a observava com olhos brilhantes, sentado enroscado numa cadeira ao seu lado.

“Senhor”, pensou enquanto erguia a pinça de açúcar, “como as mulheres dos tempos futuros me invejarão! E no entanto”, fez uma pausa, pois o sr. Pope precisava de sua atenção. E no entanto — vamos completar o pensamento para ela — quando alguém diz: “como o futuro me invejará” é razoável dizer que se sente extremamente desconfortável no presente. Seria esta vida tão excitante, tão lisonjeira, tão gloriosa quanto parece na obra do escritor de memórias? Por um lado, Orlando positivamente detestava chá; por outro, o intelecto, divino como é, e todo adorável, tem o hábito de se alojar nas carcaças mais cheias de sementes e frequentemente — ai de nós — age como um canibal entre as outras faculdades, de modo

que muitas vezes, quando o Espírito é grande, o Coração, os Sentidos, a Magnanimidade, a Caridade, a Tolerância, a Bondade e o resto dificilmente encontram espaço para respirar. Por isso a alta conta que os poetas têm de si mesmos; por isso a baixa conta que têm dos outros; por isso as inimizades, injúrias, invejas e ofensas em que estão constantemente envolvidos; por isso a volubilidade que se permitem; por isso a avidez com que demandam simpatia; tudo isso, pode-se murmurar desde que os intelectuais não nos ouçam, tornando o servir o chá uma ocupação mais arriscada e mais árdua do que geralmente se imagina. Acrescente-se a isso (e de novo murmuramos para que as mulheres não nos ouçam) que há um pequeno segredo que os homens compartilham entre si; Lorde Chesterfield murmurou a seu filho com as mais severas recomendações de segredo "As mulheres são apenas crianças grandes... Um homem inteligente apenas se diverte com elas, brinca com elas, agrada-as e elogia-as", e, como as crianças sempre ouvem aquilo que não devem, e às vezes crescem e podem deixar escapar algo, toda a cerimônia de servir o chá é curiosa. Uma mulher sabe bem disso, embora um gênio lhe envie seus poemas, elogie seu julgamento, solicite sua crítica e tome o seu chá, isso de modo algum significa que ele respeite suas opiniões, admire sua compreensão ou recuse, embora o espadim lhe seja negado, trespassá-la com sua pena. Tudo isso, por mais baixo que murmuremos, pode transpirar; de modo que, mesmo com uma jarra de creme suspensa e as pinças de açúcar estendidas, as senhoras podem se sentir cansadas, olhar um pouco pela janela, bocejar um pouco, e deixar o açúcar cair com um grande ploc — como Orlando fez agora — no chá do sr. Pope. Nunca houve um mortal tão pronto a suspeitar de um insulto nem tão rápido em vingá-lo como o sr. Pope. Virou-se para Orlando e presenteou-a imediatamente com um esboço imperfeito de um famoso verso dos "Retratos de Mulheres". Muito polimento lhe foi dado posteriormente, mas mesmo no original era bastante ferino. Orlando recebeu com uma reverência. O sr. Pope partiu, com uma mesura. Orlando — para refrescar as faces, pois se sentia como se o homenzinho tivesse batido nela — vagou pelo bosque de nogueiras, ao fundo do jardim. Em breve a brisa fresca produziu seus efeitos. Para seu espanto, descobriu que se sentia grandemente aliviada de estar só. Contemplou os alegres barcos de carga subindo o rio. Sem dúvida, a visão recordou-lhe um ou dois acontecimentos de sua vida passada. Sentou-se em profunda meditação

sob um lindo salgueiro. Ali ficou sentada até que as estrelas surgissem no céu. Então levantou-se, voltou e entrou na casa, onde dirigiu-se para o seu quarto e fechou a porta. Em seguida abriu um armário onde ainda se encontravam muitas roupas que havia usado quando era um rapaz da moda e dentre elas escolheu um traje de veludo preto ricamente bordado com renda veneziana. Estava um pouco fora de moda, na verdade, mas caiu-lhe perfeitamente, e, nele vestida, parecia a própria imagem de um nobre Lorde. Deu uma ou duas voltas diante do espelho para se certificar de que suas saias não tinham prejudicado a desenvoltura das pernas e então saiu secretamente da casa.

Era uma linda noite do início de abril. Miríades de estrelas, misturando-se com a luz da lua em forma de foice, ainda reforçada pelos lampiões de rua, produziam uma luz infinitamente favorável à fisionomia humana e à arquitetura do sr. Wren. Todas as coisas apareciam com o seu mais suave aspecto e, quando estavam prestes a se dissolver, uma gota de prata as reavivava e animava. Assim é que deveria ser a conversação, pensou Orlando (permitindo-se sonhos absurdos); deveria ser a sociedade, deveria ser a amizade, deveria ser o amor. Pois — os céus saberão por quê —, quando perdemos a fé nas relações humanas, a disposição casual de celeiros e de árvores ou de montes de feno e de um vagão se nos apresenta como um tão perfeito símbolo do inatingível que recomeçamos a procurar.

Entrava em Leicester Square enquanto fazia estas observações. Os prédios tinham uma simetria formal e etérea, que não possuem durante o dia. A abóbada celeste parecia ter sido muito cuidadosamente lavada, para completar o perfil dos telhados e das chaminés. Uma jovem tristemente sentada sob um plátano no meio da praça, com um braço caído para um lado e o outro repousando no colo, parecia a própria imagem da graça, da simplicidade e da desolação. Orlando deu uma barretada com o chapéu, como um galanteador corteja uma dama da moda num lugar público. A jovem ergueu a cabeça. Era belíssima. A jovem ergueu os olhos. Orlando viu neles um brilho, tal como às vezes se vê nos bules de chá, mas raramente num rosto humano. Através desse brilho de prata a jovem fitou-o (pois para ela era um homem) suplicante, esperançosa, trêmula, medrosa. Levantou-se; aceitou o seu braço. Pois — precisamos esclarecer? — ela era da tribo que todas as noites lustra sua mercadoria e arruma-a no balcão, à espera do melhor freguês. Conduziu Orlando ao quarto que lhe servia de alojamento, em Gerrard Street. Senti-la apoiada levemente,

embora suplicante, em seu braço despertou em Orlando todos os sentimentos próprios de um homem. Olhava, sentia, falava como homem. Contudo, tendo sido ultimamente ela própria mulher, suspeitava que a timidez da moça, e suas respostas hesitantes, e seu desajeitamento com a chave na fechadura e com a dobra do seu casaco, e a languidez de sua mão, tudo isso fosse para agradar a sua masculinidade. Subiram, e o trabalho que a pobre criatura tivera para decorar o seu quarto e esconder o fato de que não possuía outro não enganou Orlando por um momento sequer. A decepção provocava-lhe desprezo; a verdade provocava-lhe compaixão. Uma coisa insinuando-se através da outra deu origem à mais estranha mistura de sentimentos, de modo que não sabia se ria ou se chorava. Enquanto isso, Nell, que era o nome da moça, desabotoou as luvas; cuidadosamente escondeu o polegar da mão esquerda, que estava descosturado; depois, esgueirou-se por trás de um biombo, onde talvez coloriu as faces, arrumou as roupas, colocou um outro lenço ao redor do pescoço, tagarelando o tempo todo como fazem as mulheres para distrair seus amantes, embora Orlando pudesse jurar pelo tom de sua voz, que seus pensamentos estavam noutro lugar. Quando tudo estava pronto reapareceu preparada — mas aí Orlando não pôde mais suportar. Num estranho acesso de raiva, alegria e piedade, arrancou todos os disfarces e admitiu que era uma mulher.

Nisto, Nell explodiu em tamanha gargalhada que podia ser ouvida na rua.

"Bem, querida", disse quando conseguiu se recuperar, "não me aborrece nada saber disso. Pois a mais pura verdade é" (e era notável como logo ao descobrir que eram do mesmo sexo seus modos mudaram e ela deixou de ser suplicante e queixosa), "a mas pura verdade é que não estou disposta a lidar com o outro sexo esta noite. Na verdade, estou numa complicação danada." E assim, atiçando o fogo e mexendo uma taça de ponche contou a Orlando toda a história de sua vida. Uma vez que é a vida de Orlando que nos interessa no momento, não precisamos relatar as aventuras da outra mulher, mas é certo que Orlando nunca vira as horas correrem tão rápida e alegremente, embora a dama Nell não tivesse uma partícula de talento e, quando o nome do sr. Pope surgiu na conversa, perguntasse inocentemente se tinha algo a ver com o cabeleireiro de Jeremyn Street, de mesmo nome. No entanto, para Orlando, tal é a graça da naturalidade e a sedução da beleza que a conversa dessa pobre moça, embora entremeada de

expressões vulgares das esquinas, tinha sabor de vinho depois das finas frases a que estava acostumada, e foi forçada a concluir que o escárnio do sr. Pope, a condescendência do sr. Addison e o segredo de Lorde Chesterfield contribuíram para desgostá-la profundamente da companhia dos sábios, embora continuasse a respeitar suas obras.

Essas pobres criaturas — ela verificou, pois Nell trouxe Prue, e Prue trouxe Kitty, e Kitty trouxe Rose — tinham uma sociedade própria, da qual, agora, a elegiam membro. Cada uma contava a história das aventuras que a tinham levado ao seu atual gênero de vida. Várias eram filhas naturais de condes, e uma tinha mais intimidade do que devia com a pessoa do rei. Nenhuma era tão miserável nem tão pobre que não possuísse um anel ou um lenço no bolso que lhe servisse de sinal de linhagem. Assim, faziam circular o ponche que Orlando se encarregava de fornecer generosamente, e eram muitas as belas histórias que contavam e muitas as observações divertidas que faziam, pois não se pode negar que quando as mulheres se reúnem — mas silêncio! — têm sempre o cuidado de ver se as portas estão fechadas e que nenhuma palavra seja impressa. Tudo quanto desejam é — mas silêncio! — não é um passo de homem na escada? Tudo quanto desejam é, íamos dizendo, quando um cavalheiro nos tirou as palavras da boca. As mulheres não têm desejos, diz esse cavalheiro entrando na sala de Nell; apenas fingimento. Sem desejos (ela o serviu e ele foi embora) a sua conversa não pode ter o menor interesse para ninguém. "É bem sabido", diz o sr. S.W., "que, quando lhes falta estímulo do outro sexo, as mulheres não acham nada para dizer uma a outra. Quando estão sozinhas não conversam, arranham-se." E, uma vez que não podem conversar quando estão juntas e que o arranhar não pode continuar indefinidamente, e como é bem sabido (como provou o sr. T.R.) "que as mulheres são incapazes de qualquer sentimento de afeição pelo seu próprio sexo e que se detestam mutuamente", o que podemos supor que façam as mulheres quando se reúnem em sociedade?

Como esta não é pergunta que possa interessar a qualquer homem sensato, vamos nós aproveitar a imunidade de todos os biógrafos e historiadores de não pertencer a nenhum sexo para passar ao largo e meramente constatar que Orlando gostava imensamente da companhia das pessoas de seu próprio sexo, e deixemos para os cavalheiros o encargo de provarem, como adoram fazer, que isto é impossível.

Mas fazer um relato exato e minucioso da vida de Orlando nessa época se torna cada vez mais difícil. Quando espreitamos e tateamos pelos pátios mal-iluminados, malpavimentados, malventilados que existiam naquela época nos arredores de Gerrard Street e de Drury Lane, às vezes pensamos vislumbrá-la, mas em seguida a perdemos de vista. A tarefa se torna ainda mais difícil pelo fato de que ela achava conveniente, naquele tempo, mudar de vestimentas com frequência. Assim, muitas vezes figura nas memórias de seus contemporâneos como "Lorde" Fulano de Tal, que na verdade era seu primo, a quem atribuem a generosidade e os poemas que na realidade foram escritos por ela. Parece que ela não tinha dificuldade em sustentar o duplo papel, pois mudava de sexo mais frequentemente do que podem imaginar aqueles que usaram apenas uma espécie de roupa; e não pode haver dúvida de que com este artifício colhia uma dupla colheita, os prazeres da vida eram aumentados, suas experiências multiplicadas. Trocava a probidade dos calções pela sedução das saias, e usufruía igualmente o amor de ambos os sexos.

Assim, poderíamos representar Orlando, pela manhã, em um traje chinês de gênero ambíguo, entre seus livros; depois, recebendo um ou dois clientes (pois tinha muitas solicitações) com o mesmo traje; depois, daria uma volta pelo jardim e podaria as nogueiras — para isso as calças eram convenientes; depois, mudava para um vestido de tafetá florido, que mais bem se adequava a um passeio a Richmond e à proposta de casamento de algum nobre cavalheiro; de novo voltaria à cidade, onde vestiria uma roupa cor de rapé, como a de um advogado, e visitaria os tribunais para saber como andavam seus pleitos — pois sua fortuna se consumia a cada hora, e seus processos não pareciam mais perto de uma solução do que tinham estado cem anos antes; e, por fim, quando anoitecia, muito frequentemente tornava-se um nobre dos pés à cabeça e passeava pelas ruas em busca de aventura.

Ao retornar de uma dessas incursões secretas — das quais há muitas histórias, tais como que lutou um duelo, serviu como capitão num dos navios do rei, foi vista dançando nua numa varanda e fugira com uma certa dama para os Países Baixos, aonde o marido da dama os seguira — mas não daremos opinião sobre a verdade ou falsidade dessas histórias —, voltando ao que quer que fosse a sua ocupação, fazia questão de passar sob as janelas de um café onde podia ver os intelectuais sem ser vista e assim imaginar pelos gestos as coisas sábias, espirituosas ou malévolas que

diziam, sem ouvir uma única palavra; o que, talvez, fosse uma vantagem, e uma vez ficou meia hora observando às escondidas três sombras que tomavam chá, numa casa em Bolt Court.

Nunca um espetáculo foi tão atraente. Ela queria gritar Bravo! Bravo! Pois, na verdade, que belo drama era aquele — que página arrancada do mais espesso volume da vida humana! Havia uma pequena sombra com lábios pontudos agitando-se de um lado para outro na cadeira, inquieta, petulante, intrometida; havia uma sombra feminina curvada, mergulhando um dedo numa xícara para ver a profundidade do chá, porque era cega; e havia uma sombra corpulenta, de ar romano, numa grande cadeira de braços — que torcia os dedos de modo esquisito e movia a cabeça de um lado para outro e engolia o chá em grandes goles. Dr. Johnson, sr. Boswell e sra. Williams — estes eram os nomes das sombras. Ela estava tão absorta na contemplação que se esqueceu de pensar na inveja que causaria nas épocas futuras, embora pareça provável que, nessa ocasião, isso aconteceria. Estava feliz mirando e remirando. Finalmente, o sr. Boswell se levantou. Cumprimentou a velha senhora ríspida e asperamente. Mas com que humildade não se inclinou diante da grande sombra romana que agora se pusera de pé e balançando-se um pouco desfiava as mais grandiosas frases jamais saídas dos lábios humanos; assim pensava Orlando, embora não tivesse ouvido uma única palavra do que as três sombras diziam enquanto tomavam chá.

Finalmente voltou para casa uma noite depois de um desses passeios e subiu para o seu quarto. Tirou o casaco enfeitado de rendas e ficou de camisa e calção, olhando pela janela. Havia no ar algo excitante que a impedia de ir para a cama. Uma neblina branca pairava sobre a cidade, porque era uma noite gelada de meados do inverno e uma vista maravilhosa a rodeava. Podia ver a catedral de São Paulo, a Torre, a Abadia de Westminster, todas as agulhas e as cúpulas das igrejas da cidade, o suave contorno das margens do rio, as opulentas e amplas curvas dos edifícios e templos. Ao norte erguiam-se as suaves e desnudas colinas de Hampstead, e, para oeste, as ruas e praças de Mayfair brilhavam num claro esplendor. Sobre esta serena e harmoniosa paisagem; estrelas pairavam brilhantes, nítidas, firmes, em um céu sem nuvens. Na extrema claridade da atmosfera, a linha de cada telhado, o capuz de cada chaminé era perceptível. Até as pedras das ruas se distinguiam umas das outras; e Orlando não pôde evitar comparar a ordem desta cena com os terrenos

irregulares e confusos que formavam a cidade de Londres no reinado da rainha Elizabeth. Naquele tempo, lembrava-se, a cidade, se é que se pode chamar assim, se amontoava numa simples aglomeração confusa de casas, sob suas janelas em Blackfriars. As estrelas se refletiam em fundas poças de água estagnada que havia no meio das ruas. Uma sombra negra na esquina onde antes era a taverna podia ser o cadáver de um homem assassinado. Podia se lembrar dos gritos de mais um ferido nessas brigas noturnas, quando era menino e a ama o levantava até a altura das vidraças em losango. Bandos de rufiões, homens e mulheres, indescritivelmente entrelaçados, vagavam pelas ruas, vociferando canções rudes, com joias brilhando nas orelhas e facas cintilando nos punhos. Em noites como esta, a trama impermeável das florestas de Highgate e Hampstead se delineava contra o céu, retorcida, num intrincado emaranhamento. Aqui e ali, em uma das colinas que dominam Londres, havia uma forca com um cadáver pregado apodrecendo, ou fincado numa cruz; pois o perigo e a insegurança, a luxúria e a violência, a poesia e a imundície fervilhavam nas tortuosas estradas elisabetanas, que zumbiam e fediam — Orlando podia se lembrar ainda agora daquele cheiro em uma noite quente — nos quartos apertados e nos caminhos estreitos da cidade. Agora — debruçava-se à janela — tu era luz, ordem e serenidade. Ouvia-se o débil ruído uma carruagem nas pedras. Ela ouviu o apito distante de um guarda-noturno — "Doze em ponto, uma madrugada gelada." Mal acabava de dizer estas palavras quando a primeira badalada da meia-noite soou. Orlando então pela primeira vez observou uma pequena nuvem crespa, atrás da cúpula de São Paulo. À medida que as badaladas soavam, a nuvem aumentava, e ela viu-a escurecer e estender-se com extraordinária rapidez. Ao mesmo tempo, uma leve brisa se elevou, quando soou a sexta badalada, e todo o céu, no leste, ficou encoberto por uma escuridão móvel e irregular, embora o céu no oeste e no norte continuasse claro como sempre. Depois a nuvem se espalhou para o norte. Cume após cume da cidade foram engolfados por ela. Só Mayfair, com todas as luzes acesas, ardia, por contraste, mais brilhante do que nunca. Com a oitava badalada, alguns velozes farrapos de nuvem espalharam-se sobre Piccadilly. Pareciam amontoar-se e avançar com extraordinária velocidade para o extremo oeste. Com a nona, a décima e a décima primeira badaladas, uma enorme escuridão se espraiava por Londres inteira. Com a décima segunda badalada da meia-noite, a escuridão era completa. Um turbulento redemoinho de nuvens cobriu a

cidade. Tudo era treva; tudo era dúvida; tudo era confusão. O século XVIII terminava; começava o século XIX.

Capítulo V

A grande nuvem — suspensa não apenas sobre Londres, mas sobre todo o território das ilhas Britânicas no primeiro dia do século XIX — permanecia, ou melhor, não permanecia, pois era impelida constantemente por violentas rajadas, suficientes para causar extraordinárias consequências nos que viviam sob sua sombra. Parecia ter ocorrido uma transformação no clima da Inglaterra. A chuva caía com frequência, mas apenas em pancadas vacilantes, que, mal terminavam, logo recomeçavam. O sol brilhava, naturalmente, mas estava tão circundado de nuvens e o ar tão saturado de água que seus raios descoloridos e purpúreos, alaranjados e vermelhos de tons sombrios, substituíram as paisagens mais nítidas do século XVIII. Sob este pálio melancólico e escuro, o verde das couves era menos intenso e o branco da neve, enlameado. Mas o pior era que a umidade começava agora a se infiltrar em todas as casas — a umidade, que é o mais insidioso de todos os inimigos, pois ao passo que o sol pode ser vedado por venezianas e a geada evitada com um bom fogo, a umidade penetra secretamente enquanto dormimos; a umidade é silenciosa, imperceptível, onipresente. A umidade incha madeira, incrusta-se nas chaleiras, corrói o ferro, apodrece a pedra. O processo é tão vagaroso que somente quando levantamos uma cômoda ou um balde de carvão e a peça inteira despenca em nossas mãos é que suspeitamos que o mal está em curso.

Assim, furtiva e imperceptivelmente, sem que se marcasse o dia exato e a hora da mudança, a constituição da Inglaterra foi alterada, e ninguém soube. Os efeitos foram sentidos por toda parte. O robusto fazendeiro que se sentava contente para comer bife com cerveja numa sala talvez desenhada com dignidade clássica pelos irmãos Adam, agora sentia frio. Apareceram as mantas; as barbas cresceram; as calças passaram a ser ajustadas debaixo do pé. O frio que o fazendeiro sentia nas pernas em breve se transferiu para a sua casa; a mobília foi encapada; paredes e mesas cobertas; nada ficou exposto. Então, tornou-se essencial uma mudança de dieta. Foram inventados o *muffin* e o *crumpet*.[16] O café

suplantou o vinho do Porto depois do jantar e, como o café conduzia ao salão onde era tomado, e o salão a redomas, e redomas a flores artificiais, e flores artificiais a lareiras, e lareiras a pianos, e pianos a baladas de salão, e baladas de salão (pulando uma ou duas etapas) a inúmeros cachorrinhos, tapetes e enfeites de porcelana, o lar — que se tornara extremamente importante — foi completamente alterado.

Do lado de fora da casa — era um outro efeito da umidade —, a hera cresceu numa profusão sem igual. As casas que tinham sido de pedra nua estavam cobertas pela vegetação. Em nenhum jardim — mesmo naqueles de traçado originalmente formal — faltavam arbustos, um ermo, um labirinto. A luz que penetrava nos quartos onde nasciam as crianças era naturalmente de um verde fosco, e a luz que penetrava nos salões onde viviam os adultos atravessava cortinas de pelúcia marrom e púrpura. Mas a mudança não parou nas coisas exteriores. A umidade infiltrou-se no interior. Os homens sentiram o frio no coração; a umidade em suas mentes. Num esforço desesperado de agasalhar seus sentimentos em algum lugar quente, tentaram um subterfúgio após outro. Amor, nascimento e morte foram envolvidos numa variedade de lindas frases. Os sexos se distanciaram mais e mais. Não se tolerava uma conversa franca. Evasivas e dissimulações eram diligentemente praticadas por ambas as partes. E assim como a hera e a sempre-viva se regalavam na terra úmida lá fora, a mesma fertilidade se manifestava dentro. A vida de uma mulher normal era uma sucessão de partos. Ela se casava aos 19 anos, e tinha 15 ou 18 filhos quando chegava aos trinta, pois os gêmeos abundavam. Assim nasceu o Império Britânico; e assim — pois não se pode parar a umidade, ela entra tanto no tinteiro quanto na madeira — as frases se expandiram, os adjetivos se multiplicaram, os versos líricos se tornaram épicos e as bagatelas — que tinham sido ensaios de uma coluna — eram agora enciclopédias de dez ou vinte volumes. Mas Eusebius Chubb será nossa testemunha do efeito que isso tudo causou na mente de um homem sensível, que não podia fazer nada para deter. Há uma passagem, no final de suas memórias, onde ele descreve como — depois de escrever numa manhã 35 páginas in-folio “a respeito de nada” — atarraxou a tampa do tinteiro e foi dar uma volta pelo jardim. Logo sentiu-se rodeado pelo bosque. Inúmeras folhas crepitavam e brilhavam sobre sua cabeça. Parecia-lhe “esmagar os restos de um outro milhão de folhas sob seus pés”. Densa fumaça subia de uma fogueira úmida, no fundo do jardim. Ele

refletia que nenhum fogo da terra poderia esperar consumir aquele vasto obstáculo vegetal. Para onde quer que olhasse, a vegetação era exuberante. Os pepinos "se atropelavam pela grama até os seus pés". Couves-flores gigantes subiam em patamares até rivalizarem — em sua imaginação desordenada — com os próprios álamos. As galinhas punham incessantemente ovos sem nenhuma cor especial. Então, lembrando-se com um suspiro de sua própria fecundidade e da de sua pobre esposa Jane, agora confinada em casa pelas dores do 15º parto, ele se perguntava como podia culpar as aves. Olhou para o céu. O próprio céu, ou aquele grande frontispício do firmamento que é o céu, não indicava o consentimento ou mesmo o estímulo da hierarquia celestial? Pois lá, inverno ou verão, ano após ano, as nuvens giravam e rolavam como baleias — ponderou — ou melhor, como elefantes; mas não, não havia como escapar do sorriso que lhe suscitavam mil acres de ar; o céu todo, esparramado sobre as ilhas Britânicas, não era mais do que um vasto colchão de plumas; e a fecundidade indistinta do jardim, do quarto e do galinheiro era copiada ali. Ele entrou, escreveu a passagem citada acima, apoiou a cabeça num forno a gás e, quando mais tarde o encontraram, estava morto.

Enquanto isso acontecia por toda a Inglaterra, de nada adiantava Orlando se trancar em casa em Blackfriars e fingir que o clima era o mesmo; que ainda se podia dizer o que se queria e usar calças ou saias conforme o gosto. Mesmo ela, afinal, foi forçada a reconhecer que os tempos haviam mudado. Uma tarde, no início do século, conduzia sua velha carruagem almofadada pelo parque Saint James quando um dos raios de sol que às vezes, mas não frequentemente, se esforçava por atingir a terra, abriu caminho, marmoreando as nuvens, ao passar, com estranhas cores prismáticas. Tal visão era suficientemente estranha, depois dos céus claros e uniformes do século XVIII para fazê-la abrir a janela e olhar. As nuvens castanho-avermelhadas e rosadas fizeram-na pensar com uma angústia prazerosa — o que prova que ela já estava insensivelmente afetada pela umidade — em golfinhos morrendo no mar Jônico. Mas qual não foi sua surpresa quando, ao atingir a terra, o raio de sol fez surgir ou iluminou uma pirâmide, hecatombe ou troféu (pois tinha um ar de mesa de banquete) — um conglomerado de objetos os mais heterogêneos e disparatados, desordenadamente empilhados num vasto monte onde agora se ergue a estátua da rainha Vitória! De uma enorme cruz de ouro filigranado em florões pendiam roupas de luto de viúvas e véus de noivas;

pendurados em outras proeminências havia palácios de cristal, berços de vime, elmos militares, coroas fúnebres, calças, suíças, bolos de casamento, canhões, árvores de Natal, telescópios, animais extintos, globos, mapas, elefantes e instrumentos matemáticos — tudo sustentado como um gigantesco brasão de armas, à direita por uma figura feminina envolta numa flutuante túnica branca; e à esquerda por um imponente cavalheiro de casaca de calças bufantes. A incongruência dos objetos, a associação do totalmente vestido com o parcialmente envolto, a extravagância das diferentes cores e sua justaposição axadrezada afetaram Orlando muito profundamente. Ela nunca tinha visto em toda a sua vida nada ao mesmo tempo tão indecente, tão horrendo e tão monumental. Podia, e na verdade devia, ser o efeito do sol no ar carregado de água; desapareceria com a primeira brisa que soprasse; mas, apesar disso, parecia-lhe, enquanto passava na carruagem, destinado a durar para sempre. Nada sentiu, encolhendo-se num canto da carruagem, nem vento, nem chuva, nem sol, nem trovão poderia demolir aquela espalhafatosa construção. Somente os narizes ficariam manchados e as trombetas enferrujariam; mas lá permaneceriam, apontando para leste, oeste, sul e norte, eternamente. Olhou para trás quando a carruagem passou por Constitution Hill. Sim, lá ficava ele, brilhando ainda placidamente a uma luz que — tirou o relógio do bolso — era, naturalmente, a luz do meio-dia. Nenhum outro podia ser tão prosaico, tão medíocre, tão inalterável a qualquer sugestão da aurora ou do crepúsculo, tão aparentemente calculado para durar para sempre. Ela estava decidida a não olhar de novo. Já sentia o sangue correr mais lentamente em suas veias. Porém o mais peculiar foi que um vívido e singular rubor se espalhou por suas faces quando passou pelo Palácio de Buckingham e seus olhos foram forçados, como por um poder superior, a olhar para os seus joelhos. Subitamente viu sobressaltada que usava calças pretas. Não cessou de corar até chegar à sua casa de campo, o que, considerando o tempo que levam quatro cavalos para trotar trinta milhas, servirá, esperamos, como um prova de sua castidade.

Uma vez lá, cedeu àquilo que se tornara a mais imperiosa necessidade de sua natureza e embrulhou-se o melhor que pôde numa colcha de damasco que tirou da cama. Explicou à viúva Bartholomew (que sucedera a boa e velha Grimsditch como governanta) que estava gelada.

— Assim estamos todos nós, senhora — disse a viúva, dando um profundo suspiro. — As paredes estão molhadas — disse, com uma

curiosa e lúgubre complacência e absolutamente convencida de que tinha apenas que pousar a mão nos painéis de carvalho para que a marca dos dedos ficasse ali impressa. A hera crescera tão profusamente que muitas janelas estavam agora lacradas. A cozinha estava tão escura que mal se podia distinguir uma chaleira de um coador. Um pobre gato preto foi confundido com carvão e atirado no fogo. Muitas das empregadas já usavam três ou quatro anáguas de flanela, embora o mês fosse agosto.

— Mas é verdade, senhora — perguntou a boa mulher, toda encolhida, com o seu crucifixo de ouro pesando-lhe no peito —, que a rainha, bendita seja, está usando o que se chama uma — a boa mulher hesitou e corou.

— Uma crinolina — ajudou Orlando (porque a palavra já chegara a Blackfriars). A sra. Bartholomew sacudiu a cabeça. As lágrimas já escorriam por suas faces, mas ela sorria ao mesmo tempo em que chorava. Pois era agradável chorar. Não eram todas elas frágeis mulheres, usando crinolinas para melhor ocultarem o fato; o grande fato; o único fato; mas não obstante o deplorável fato de que mesmo todas as mulheres recatadas faziam o possível para negar até que a negação era impossível; o fato de que ia ter um filho? Quinze ou vinte filhos, na verdade, de modo que a vida de uma mulher recatada se passava, afinal de contas, em negar aquilo que pelo menos um dia no ano se tornava óbvio.

— Os *muffins* estão quentes — disse a sra. Bartholomew enxugando as lágrimas — na biblioteca.

E embrulhada na colcha de damasco Orlando sentou-se diante de um prato de *muffins*.

"Os *muffins* estão quentes na biblioteca", Orlando articulou a horrenda frase *cockney*-[17]. com o refinado sotaque *cockney* da sra. Bartholomew, enquanto tomava — mas não, ela detestava este líquido insípido — seu chá. Fora neste mesmo aposento, lembrava-se, que a rainha Elisabeth estivera escarranchada na lareira, com uma caneca de cerveja na mão, que subitamente atirara na mesa quando Lorde Burghley, indelicadamente, usara o imperativo em vez do subjuntivo. "Homenzinho, homenzinho" — Orlando podia ouvi-la dizer — "deve é palavra que se dirija a príncipes?" E jogou a caneca sobre a mesa: a marca ainda estava lá.

Mas quando Orlando se pôs de pé, como obrigava o simples pensar na grande rainha, tropeçou na colcha e caiu sentada em sua poltrona, soltando uma praga. Amanhã teria que comprar vinte jardas ou mais de bombazina preta, calculou, para fazer uma saia. E então (aqui corou), teria que

comprar uma crinolina, e então (aqui corou), um berço de vime, e então outra crinolina e assim por diante... Os rubores iam e vinham, na mais estranha alternância possível de pudor e vergonha. Podia-se ver o espírito da época soprando ora quente ora frio sobre suas faces. E se o espírito da época soprava um pouco desigualmente — pois corava mais com a crinolina do que com o marido — sua posição ambígua deve desculpá-la (seu próprio sexo ainda era discutível), bem como a vida irregular que antes levara.

Finalmente a cor de suas faces adquiriu estabilidade e foi como se o espírito da época — se na verdade existisse — adormecesse por algum tempo. Então Orlando apalpou o peito como se procurasse um medalhão ou uma relíquia de um afeto perdido e não retirou isso, mas um rolo de papel manchado de mar, manchado de sangue, manchado de viagens — o manuscrito de seu poema "O Carvalho". Ela o carregara consigo por tantos anos e em tão arriscadas circunstâncias que muitas das páginas estavam manchadas, outras rasgadas, e a dificuldade que tivera de papel para escrever enquanto estava entre os ciganos forçara-a a aproveitar as margens e cruzar as linhas, de modo que o manuscrito parecia um cerzido conscienciosamente executado. Voltou à primeira página e leu a data, 1586, escrita por sua mão de menino. Trabalhava nele há cerca de trezentos anos. Era hora de terminar. Enquanto isso, começou a folhear e a mergulhar e a ler e a saltar e a pensar, enquanto lia, como ela mudara tão pouco em todos esses anos. Tinha sido um menino melancólico, apaixonado pela morte, como são os meninos; depois, tinha sido amoroso e exuberante; mais tarde, esperto e satírico; e às vezes tentara a prosa, às vezes tentara o drama. Contudo, apesar de todas essas mudanças, tinha permanecido — refletiu — fundamentalmente a mesma. Conservava o mesmo temperamento meditativo e sorumbático, o mesmo amor pelos animais e pela natureza, a mesma paixão pelo campo e pelas estações.

"Afinal", pensava, levantando-se e dirigindo-se à janela, "nada mudou. A casa, o jardim, estão precisamente como eram. Nenhuma cadeira foi removida, nenhum enfeite vendido. Ali estão os mesmos caminhos —, os mesmos gramados, as mesmas árvores e o mesmo lago onde — ouso dizer — vive a mesma carpa. A rainha Vitória ocupa o trono, e não a rainha Elizabeth, mas que diferença..."

Tão logo formulara este pensamento, eis que, como se para censurá-lo, a porta se abriu de par em par e entrou Basket, o mordomo, seguido por

Bartholomew, a governanta, para retirarem o chá. Orlando, que tinha acabado de mergulhar a pena na tinta e ia começar a compor algumas reflexões sobre a eternidade de todas as coisas, ficou muito aborrecida pelo borrão que se espalhou e serpenteou em torno de sua pena. Era culpa da pena, supôs; estava quebrada ou suja. Molhou-a de novo. O borrão aumentou. Tentou continuar no que estava dizendo; não lhe vinham as palavras. Em seguida começou a decorar o borrão com asas e suíças, até que se tornou um monstro de cabeça redonda, algo entre um morcego e um gambá. Mas escrever poesia com Basket e Bartholomew no aposento era impossível. Mal acabara de dizer "impossível", para seu espanto e alarme, a pena começou a se curvar e a caracolear com a mais suave fluência possível. Na página ficaram escritos com caligrafia italiana, nítida e inclinada, os mais insípidos versos que jamais lera na vida:

Sou apenas um elo vil
Na corrente da vida cansada,
Mas falei palavras sagradas,
Oh, não digas que não valeram nada!

Será que a donzela, quando suas lágrimas
Sozinhas ao luar brilharem,
Lágrimas pelos ausentes e pelos amados,
Murmurará —[18]

escreveu sem parar enquanto Bartholomew e Basket grunhiam e resmungavam pela sala, atiçando o fogo, recolhendo os *muffins*.

Novamente molhou a pena e escreveu —

Estava tão mudada, a suave nuvem cor de cravo,
Que uma vez lhe corara a face como esta que à tarde
Pairava no céu, brilhando com um matiz rosado.
Tinha empalidecido, despedaçada
Por rubores brilhantes e ardentes, tochas do túmulo,[19]

mas aqui, com um movimento abrupto, derramou a tinta sobre a página, bloqueando-a aos olhos humanos — esperava — para sempre. Estava toda trêmula, toda agitada. Nada mais repulsivo podia ser imaginado do que a

tinta fluindo em cascatas de inspiração involuntária. O que teria acontecido a ela? Seria a umidade, seria Bartholomew, seria Basket, o que seria?, perguntava-se. Mas a sala estava vazia. Ninguém lhe respondeu, a menos que se tomasse como resposta o gotejar da chuva na hera.

Enquanto isso, debruçada à janela, tomou consciência de um extraordinário zunido e de uma vibração por todo o corpo, como que produzidos por milhares de cordas sobre as quais uma brisa — ou dedos errantes — executasse escalas. Ora eram os seus dedos dos pés que zuniam; ora sua medula. Experimentava as mais curiosas sensações nos fêmures. Seus cabelos pareciam eriçar-se sozinhos. Seus braços vibravam e ressoavam como os fios telegráficos vibrariam e soariam dali a mais ou menos vinte anos. Mas toda essa agitação parecia afinal se concentrar em suas mãos; depois, numa das mãos e depois em um dedo daquela mão; e depois, finalmente, contrair-se de modo a formar um anel de trêmula sensibilidade em torno do segundo dedo da mão esquerda. E, quando o ergueu para ver o que causava essa agitação, não viu nada — nada senão a enorme esmeralda solitária que lhe fora dada pela rainha Elizabeth. E isso não era bastante?, perguntou. Era da mais fina água. Valia pelo menos dez mil libras. A vibração parecia, da maneira mais estranha (mas lembrem-se de que estamos tratando com algumas das mais obscuras manifestações da alma humana), dizer: "Não, não é bastante"; e em seguida assumia um tom de interrogação, como se perguntasse: o que significa este hiato, este estranho descuido? — até que a pobre Orlando se sentiu positivamente envergonhada do segundo dedo de sua mão esquerda, sem ao menos saber por quê. Nesse momento, Bartholomew entrou para lhe perguntar que vestido desejava para o jantar, e Orlando, cujos sentidos estavam muito aguçados, instantaneamente olhou para a mão esquerda de Bartholomew e instantaneamente percebeu o que não havia notado antes — um anel grosso, de um amarelo carregado, circundando o terceiro dedo, que, na sua mão, não tinha nada.

— Deixe-me ver o seu anel, Bartholomew — disse ela, estendendo a mão para pegá-lo.

Com isso, Bartholomew fez como se tivesse sido atacada no peito por um bandido. Recuou um ou dois passos, cerrou a mão e desviou-a com um gesto de extrema nobreza. "Não", disse, com resoluta dignidade, sua senhora podia contemplá-lo se quisesse, mas tirar seu anel de casamento nem o arcebispo, nem o papa, nem a rainha Vitória, do seu trono, poderiam

forçá-la a fazer isso. O seu Thomas tinha-o colocado em seu dedo havia 25 anos, seis meses e três semanas; ela dormira com ele; trabalhara com ele; lavara com ele; rezara com ele; e pretendia ser enterrada com ele. De fato Orlando compreendeu o que ela dizia, embora sua voz estivesse partida pela emoção; que pelo brilho do seu anel de casamento ela asseguraria um lugar entre os anjos, e esse lustro seria ofuscado para sempre se ela deixasse-o fora de sua guarda por um segundo.

— Que o céu nos ajude — disse Orlando, de pé junto à janela, observando os pombos que brincavam —, em que mundo vivemos! Que mundo, este! — Suas complexidades divertiam-na. Parecia-lhe agora que o mundo inteiro estava circundado por um anel de ouro. Foi jantar. Anéis de casamento abundavam. Foi para a igreja. Anéis de casamento estavam por toda parte. Foi passear. De ouro ou de imitação, finos, grossos, lisos, polidos, brilhavam fortemente em todas as mãos. Os anéis enchiam as joalherias, não os de pedras preciosas de imitação, nem os de diamantes de que Orlando tinha lembrança, mas simples aros sem pedra alguma. Ao mesmo tempo, ela começou a observar um novo hábito nas pessoas da cidade. Nos velhos tempos, frequentemente se encontrava um rapaz brincando com uma moça sob uma cerca de espinheiros. Orlando tocara muitos pares com a ponta do seu chicote, rira e seguira em frente. Agora, tudo mudara. Os pares caminhavam e se arrastavam no meio das estradas, indissoluvelmente unidos. A mão direita da mulher estava invariavelmente entrelaçada na mão esquerda do homem, com os dedos firmemente presos pelos dele. Em geral, só se afastavam quando os focinhos dos cavalos já os atingiam, e então, embora se movessem pesadamente para a margem da estrada, era como se fossem um só bloco. Orlando só podia supor que tivesse sido feita alguma nova descoberta a respeito da raça; que eles eram soldados aos pares mas quem e quando teria feito isso, não podia adivinhar. Não parecia ter sido a natureza. Olhou os pombos, os coelhos e os galgos, e não parecia que a natureza tivesse mudado os seus métodos ou os tivesse corrigido pelo menos desde a época de Elizabeth. Não havia alianças indissolúveis que ela pudesse ver entre os animais. Poderia ser, então, a rainha Vitória, ou Lorde Melbourne? Seria deles, então, a grande descoberta do casamento? Contudo dizia-se que a rainha gostava muito de cães — ponderava — e que Lorde Melbourne, segundo ouvira, gostava muito de mulheres. Era estranho — era de mau gosto; na verdade, havia algo nessa indissolubilidade de corpos que repugnava ao seu censo de

decência e de higiene. Suas ruminações, porém, eram acompanhadas por um tal zunir e vibrar do dedo aflito que mal podia pôr suas ideias em ordem. Elas iam ficando lânguidas e ternas como as fantasias de uma empregada doméstica. Faziam-na corar. Não havia nada a fazer senão comprar um desses feios aros e usá-lo como os demais. Assim o fez, escorregando-o pelo dedo à sombra de uma cortina, coberta de vergonha; mas sem proveito. A vibração persistia, mais violenta e furiosamente do que nunca. Não pregou olhos aquela noite. Na manhã seguinte, quando pegou a pena para escrever, ou não podia pensar em nada e a pena fazia, um após outro, enormes borrões lacrimejantes, ou ainda, de forma mais alarmante, embaralhava-se em divagações melífluas sobre a morte precoce e sobre corrupção, o que era pior do que não pensar em nada. Pois, segundo parece — seu caso prova isso —, escrevemos não com os dedos, mas com a pessoa inteira. O nervo que controla a pena enrola-se em cada fibra do nosso ser, amarra o coração e trespassa o fígado. Assim, embora a sede do seu problema parecesse ser a mão esquerda, ela sentia-se envenenada de alto a baixo, e foi forçada, afinal, a pensar no mais desesperado dos remédios, que era render-se completa e submissamente ao espírito da época e arranjar um marido.

Que isso era contra o seu temperamento natural já ficou suficientemente claro. Quando o som da carruagem do arquiduque se desvaneceu, o grito que saiu de seus lábios foi “Vida! um amor!” e não “Vida! um marido!”, e foi com esse objetivo que partira para a cidade e percorrera o mundo, como foi demonstrado no capítulo anterior. No entanto, tal é a indômita natureza do espírito da época, que derruba mais efetivamente aqueles que tentam enfrentá-lo do que os que se inclinam a segui-lo. Orlando se inclinara naturalmente para o espírito elisabetano, para o espírito da Restauração, para o espírito do século XVIII, e tinha por conseguinte percebido com dificuldade a mudança de uma época para outra. Mas o espírito do século XIX era-lhe antipático ao extremo, e assim ele tomou-a e quebrou-a, e, em sua mãos, ela sentiu, como nunca, a consciência de sua derrota. Pois é provável que o espírito humano tenha o seu lugar assinalado no tempo; uns nascem para esta época, outros para aquela; e agora que Orlando se tornara mulher, com um ou dois anos além dos trinta, as linhas do seu caráter estavam fixadas, e era intolerável mudar-lhes o rumo.

Assim ficou pesarosamente à janela da sala de visitas (Bartholomew batizara assim a biblioteca), arrastando o peso da crinolina que submissamente adotara. Era o mais pesado e banal de todos os trajes que já usara. Nenhum lhe impedira tanto os movimentos. Não poderia mais passear pelos jardins com os seus cachorros nem galgar apressadamente a alta colina e lançar-se sob o carvalho. Suas saias prendiam folhas úmidas e palha. O chapéu de plumas sacudia com a brisa. Os sapatos finos rapidamente ficavam molhados e enlameados. Seus músculos tinham perdido a flexibilidade. Ficou com medo de que houvesse ladrões atrás dos lambris, ou, pela primeira vez na vida, fantasmas nos corredores. Todas essas coisas levavam-na passo a passo a submeter-se à nova descoberta — seja da rainha Vitória ou de quem quer que fosse — que a cada homem correspondia uma mulher, por toda a vida, a quem ampara e por quem é amparado até que a morte os separe. Devia ser um conforto — sentia — apoiar-se; sentar-se; sim, deitar-se; nunca, nunca, nunca mais se levantar. Então o espírito agiu sobre ela, apesar do seu antigo orgulho, e, enquanto descia pela escala da emoção para esse alojamento humilde e inabitual, aqueles zunidos e aquela vibrações, que tinham sido tão capciosos e tão interrogativos, se modulavam na mais doce das melodias, como se anjos tangessem cordas de harpa com dedos brancos — e todo o seu ser foi impregnado por uma seráfica harmonia.

Mas em quem podia se apoiar? Fez essa pergunta aos ventos selvagens do outono. Pois era outubro e úmido como de costume. Não no arquiduque: ele se casara com uma grande dama e havia muitos anos que caçava lebres na Romênia; nem no sr. M.: tornara-se católico; nem no marquês de C.: produzia sacos em Botany Bay; nem em Lorde O.: havia muito tempo que servira de comida para os peixes. De uma maneira ou de outra, todos os seus antigos admiradores tinham desaparecido, e as Nells e as Kits, de Drury Lane, muito embora ela as favorecesse, dificilmente serviriam de apoio.

“Em quem”, perguntou lançando os olhos às nuvens revoltas, entrelaçando os dedos enquanto se ajoelhava no peitoril da janela como a verdadeira imagem da suplicante feminilidade, “em quem posso me apoiar?” Suas palavras formavam-se por si mesmas, suas mãos se entrelaçavam involuntariamente, como a pena escrevera por seu próprio arbítrio. Não era Orlando que falava, mas o espírito da época. Mas quem quer que fosse, ninguém respondia. As gralhas atropelavam-se

desordenadamente por entre as nuvens violeta do outono. A chuva cessara, finalmente, e havia no céu uma iridescência que tentou-a a colocar o seu chapéu de plumas e os seus sapatos de cordões e dar uma volta antes do jantar.

"Todos têm seu par, menos eu", refletiu enquanto atravessava desconsoladamente o pátio. Havia as gralhas; até Canute e Pippin — por mais transitórias que fossem suas alianças, esta tarde cada um parecia ter um companheiro. "Enquanto eu, que sou a dona de tudo isto", pensava Orlando, mirando ao passar as inúmeras janelas brasonadas do vestíbulo, "sou solteira, sem parceiro, sozinha."

Tais pensamentos nunca lhe haviam antes ocupado a mente. Agora, esmagavam-na irremediavelmente. Em vez de abrir o portão, bateu com a mão enluvada para que o porteiro lhe abrisse. É preciso apoiar-se em alguém, pensou, nem que seja somente num porteiro; e quase desejou ficar para trás, ajudá-lo a grelhar sua costeleta num fogareiro de carvão em brasa, mas era muito tímida para pedir isso. Assim, aventurou-se sozinha pelo parque, vacilante a princípio, e apreensiva que caçadores furtivos, guarda-caças ou moços de recados estranhassem ver uma grande dama passeando sozinha.

A cada passo olhava nervosamente, temendo que algum vulto masculino estivesse escondido por trás de uma moita de tojos ou que alguma vaca bravia abaixasse os chifres para atacá-la. Mas havia apenas as gralhas fazendo algazarra no céu. Uma pena azul como aço caiu de uma delas entre as urzes. Ela amava penas de pássaros agrestes. Costumava colecioná-las, quando menino. Apanhou-a e prendeu-a no chapéu. O ar soprou algo em seu espírito e reanimou-o. Como as gralhas continuavam a circular e a dar voltas sobre sua cabeça e as penas caiam uma após outra, cintilando no ar purpúreo, seguiu-as, com a longa capa flutuando atrás de si, pelo pântano, colina acima. Havia muitos anos que não andava tanto. Apanhara da grama seis penas, fizera-as deslizar por entre os dedos, apertara-as contra os lábios para sentir-lhes a maciez e o brilho, quando viu, brilhando na encosta da colina, uma poça prateada, misteriosa como o lago em que Sir Bedivere atirou a espada de Arthur. Uma pena tremeu no ar e caiu dentro da poça. Então um estranho êxtase arrebatou-a. Um impulso selvagem de seguir os pássaros até o fim do mundo e atirar-se na turfa esponjosa e ali beber o esquecimento, enquanto o áspero riso das gralhas ressoava sobre ela. Apressou o passo; correu; tropeçou; as duras

raízes das urzes atiraram-na ao chão. Seu tornozelo estava quebrado. Não podia se levantar. Mas ali ficou, contente. O cheiro da murta do pântano e da olmeira estava em suas narinas. A risada áspera das gralhas em seus ouvidos. “Encontrei meu companheiro”, murmurou. “É o pântano. Sou a noiva da natureza”, sussurrou, entregando-se num arrebatamento ao abraço frio da grama, enquanto dobrava sua capa numa cova ao lado da poça. “Aqui ficarei” (uma pena caiu-lhe sobre a testa). “Encontrei um loureiro mais verde do que os outros. Minha testa ficará sempre fresca. Estas penas são de pássaros agrestes — de corujas e de curiangos. Sonharei sonhos selvagens. Minhas mãos não usarão anel de casamento”, continuou, retirando o que tinha no dedo. “As raízes se entrelaçarão nelas. Ah!”, suspirou, afundando a cabeça voluptuosamente no travesseiro fofo, “procurei a felicidade durante muitas eras e não a encontrei; procurei a fama e a perdi; procurei o amor e não o conheci; a vida — e eis que a morte é melhor. Conheci muitos homens e muitas mulheres”, continuou; “não entendi nenhum deles. É melhor que eu fique em paz aqui, só com o céu sobre mim — como o cigano me disse anos atrás. Foi na Turquia.” E olhou para o alto a maravilhosa espuma dourada em que as nuvens tinham se desmanchado, e em seguida viu nelas uma trilha, e camelos passando em fila indiana pelo deserto rochoso entre nuvens de poeira vermelha; e então, depois que os camelos passaram, só havia montanhas muito altas, cheias de fendas e com pontas de rochas, e ela imaginou ouvir sinos de cabras ressoando pelos desfiladeiros, e, nas suas dobras, havia campos de íris e gencianas. Então o céu mudava e seus olhos se abaixaram lentamente mais e mais, até alcançarem a terra escurecida pela chuva e verem a grande corcova do South Down fluindo em uma única onda ao longo da costa; e onde a terra acabava havia o mar, o mar com navios passando; e imaginou ouvir um canhão lá longe no mar e pensou como a princípio: “é a Invencível Armada”, e depois pensou: “Não, é Nelson”, e lembrou que essas guerras já tinham acabado e que os navios eram atarefados navios mercantes; e as velas no sinuoso rio eram de barcos de recreio. Viu também gado disperso pelos campos escuros, ovelhas e vacas, e viu as luzes aparecendo aqui e ali nas janelas das casas de fazendas e lanternas movendo-se pelo meio do gado quando o pastor fazia sua ronda, e o vaqueiro; e depois as luzes se apagaram, as estrelas subiram e se misturaram pelo céu. De fato, ela estava adormecendo com penas úmidas no rosto e o ouvido colado ao chão quando ouviu bem no fundo um

martelo batendo numa bigorna, ou seria um coração batendo? Tic-toc, tic-toc, assim martelava, assim batia, a bigorna ou o coração, no centro da terra; até que, enquanto ouvia, pensou que se transformara no trote de um cavalo, contou um, dois, três, quatro; então ouviu um tropeção; então, à medida que se aproximava mais, podia ouvir o estalar de um graveto e o chapinar dos cascos no pântano encharcado. O cavalo estava quase em cima dela. Sentou-se empertigada. Destacando-se contra o céu raiado de amarelo da aurora, com lavadeiras que subiam e desciam sobre ele, ela viu um homem a cavalo. Ele sobressaltou-se. O cavalo parou.

— Senhora — disse o homem pulando para o chão —, está ferida!

— Estou morta, senhor! — respondeu ela.

Alguns minutos mais tarde, ficaram noivos.

Na manhã seguinte, quando sentaram para o café da manhã, ele lhe disse seu nome. Era Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, Esquire.[20]

— Eu sabia! — disse, pois havia nele algo romântico e cavalheiresco, apaixonado, melancólico, embora determinado, que combinava com o nome bárbaro, sombriamente emplumado — um nome que tinha, em sua mente, o brilho azul-aço das asas das gralhas, o riso áspero de seus grasnidos, a serpenteante queda de suas penas numa poça prateada, e mil outras coisas que serão descritas dentro em breve.

— O meu é Orlando — disse ela. Ele tinha adivinhado. Pois quando se vê um navio a todo pano, coberto de sol, atravessando orgulhosamente o Mediterrâneo vindo dos Mares do Sul, diz-se imediatamente “Orlando”, explicou.

Na verdade, embora o seu conhecimento datasse de tão pouco tempo, ambos tinham adivinhado, como sempre ocorre entre os amantes, todas as coisas de alguma importância a respeito um do outro, em dois segundos no máximo, e agora faltavam preencher alguns detalhes insignificantes, tais como se chamavam; onde moravam; e se eram mendigos ou pessoas de posses. Ele tinha um castelo nas Hébridas, mas estava em ruínas, disse-lhe. Os gansos comiam no salão de banquetes. Tinha sido soldado e marinheiro, e explorara o Oriente. Agora estava a caminho para embarcar em seu brigue em Falmouth, mas o vento diminuíra e só quando soprasse o sudoeste poderia pôr-se ao mar. Orlando olhou apressadamente pela janela da sala de almoço para o leopardo dourado do cata-vento. Felizmente a cauda apontava para leste e estava firme como uma rocha.

— Oh! Shel, não me abandones! — gritou. — Estou perdidamente apaixonada por ti! — disse. Tão logo deixou escapar estas palavras, uma terrível suspeita invadiu simultaneamente suas mentes.

— És uma mulher, Shel! — gritou ela.

— És um homem, Orlando! — gritou ele.

Nunca houve cena de protestos e demonstrações como a que ocorreu, desde que o mundo começou. Quando acabaram, e estando outra vez sentados, ela perguntou-lhe que conversa era essa de uma ventania sudoeste? Para onde ele zarpava?

— Para o cabo Horn — disse ele rapidamente, e corou. (Porque os homens coram como as mulheres, só que por coisas bastante diferentes.) Foi apenas à força de muita pressão da parte dela, e pelo uso de muita intuição, que conseguiu saber que a vida dele era esbanjada na mais desesperada e esplêndida das aventuras — que é dar a volta ao cabo Horn a despeito da ventania. Os mastros ficavam despedaçados; as velas rasgadas em tiras (ela teve que arrancar-lhe a confissão). Às vezes o navio naufragava e ele era o único sobrevivente, numa balsa, com um biscoito.

— É tudo o que um homem pode fazer hoje em dia — disse envergonhado e servindo-se de grandes colheradas de geleia de morango. A visão que ela teve daí em diante desse menino (pois ele era pouco mais que isso), chupando pastilhas de hortelã — que adorava — enquanto os mastros se despedaçavam e as estrelas cambaleavam e ele rugia breves ordens de cortar esta amarra, lançar aquela ao mar, trouxe-lhe lágrimas aos olhos, lágrimas que notou terem um sabor mais leve do que as que chorara antes. "Sou uma mulher", pensou, "uma verdadeira mulher, afinal." Agradeceu a Bonthrop, do fundo do coração, por ter lhe dado esse raro e inesperado prazer. Se não estivesse mancando do pé esquerdo, teria sentado nos seus joelhos.

— Shel, meu querido — recomeçou —, dize-me... — e assim conversaram duas horas ou mais, talvez sobre o cabo Horn, talvez não, e na verdade pouco interessaria anotar o que disseram, pois se conheciam tão bem que podiam dizer qualquer coisa, o que equivale não dizer nada ou a dizer coisas tão idiotas, tão prosaicas tais como a maneira de preparar uma omelete ou onde comprar as melhores botas de Londres, coisas que não têm encanto fora do seu lugar, mas que no seu próprio são positivamente de uma beleza surpreendente. Pois, por uma sábia economia da natureza, nosso espírito moderno quase pode dispersar a linguagem; as

expressões mais comuns não são suficientes, uma vez que nenhuma expressão é suficiente; por isso, a conversa mais banal é frequentemente a mais poética, e a mais poética é precisamente a que não se pode anotar. Razão pela qual deixamos aqui um grande espaço em branco, o que servirá para indicar que o espaço está inteiramente preenchido.

Depois de alguns dias mais deste tipo de conversa,

— Orlando, minha adorada — Shel ia começando a dizer quando uma discussão começou lá fora, e Basket, o mordomo, entrou com a informação de que havia um par de guardas lá embaixo, com uma sentença da rainha.

— Mande-os subir — disse sumariamente Shelmerdine, como se em sua própria ponte de comando, colocando-se instintivamente com as mãos para trás, em frente à lareira. Dois oficiais de uniforme verde-garrafa, com cassetetes à cintura, entraram na sala e ficaram perfilados. Cumpridas as formalidades, entregaram nas próprias mãos de Orlando, como era sua obrigação, um documento judicial de aspecto impressionante, a julgar pelos selos de lacre, as fitas, os juramentos e as assinaturas, tudo da mais alta importância.

Orlando percorreu-o com os olhos e então, usando o primeiro dedo da mão direita como indicador, leu em voz alta os seguintes fatos, que eram os mais pertinentes ao assunto.

— Os processos estão resolvidos... — leu em voz alta —, alguns a meu favor, como por exemplo... outros não. Casamento turco, anulado (eu era embaixador em Constantinopla, Shel, explicou) — os filhos, declarados ilegítimos (diziam que tive três filhos de Pepita, uma dançarina espanhola). Assim, eles não herdam, o que é uma vantagem... Sexo? Ah! mas o que dizem a respeito do meu sexo? Meu sexo — leu em voz alta com alguma solenidade — é declarado. Indiscutivelmente e sem sombra de dúvida (o que eu estava dizendo há um minuto, Shel?), feminino. As propriedades, que agora deixam de ser confiscadas para sempre, passam para os herdeiros do sexo masculino, ou, à falta de casamento... — mas aqui ficou um pouco impaciente com essa verborreia jurídica e disse: — Mas não haverá falta de casamento nem de herdeiros, e assim o resto pode ser considerado lido. — E com isso após sua assinatura sob a de Lorde Palmerston, e daquele momento em diante tomou posse indiscutível de seus títulos, de sua casa e de seus bens — que agora diminuíram, pois o

custo do processo tinha sido prodigioso, de forma que, embora infinitamente nobre outra vez, estava também excessivamente pobre.

Quando o resultado do processo foi conhecido (e os rumores voaram mais rápido do que o telégrafo que os suplantou), toda a cidade se encheu de regozijo.

[Atrelaram-se cavalos às carruagens com o único propósito de fazê-los passear. Caleches e landós vazios rodavam incessantemente para cima e para baixo pela High Street. Foram lidas mensagens da Taverna do Touro. Foram respondidas pela Taverna do Cervo. A cidade foi iluminada. Porta-joias de ouro foram selados de forma segura, em caixas de vidro. Moedas foram devidamente colocadas sob pedras. Fundaram-se hospitais. Clubes de diversão foram inaugurados. Mulheres turcas às dúzias foram queimadas em efígie, na praça do mercado, juntamente com dezenas de camponeses, com um letreiro pendurado na boca: "Sou um vil embusteiro." Os pôneis branco-amarelados da rainha foram logo vistos trotando avenida acima, com uma ordem para Orlando jantar e dormir no castelo, naquela mesma noite. Sua mesa, como numa ocasião anterior, estava coberta de convites da condessa de R., de Lady Q., de Lady Palmerston, da marquesa de P, da sra. W.E. Gladstone e de outras, solicitando o prazer de sua companhia, lembrando-a de antigas alianças entre suas famílias e a dela etc.] — tudo isso foi incluído adequadamente entre colchetes, como acima, pela simples razão de que um parêntese não tinha importância na vida de Orlando. Ela passou por cima dele, para continuar o texto. Pois, enquanto as fogueiras ardiam na praça do mercado, ela estava nos bosques escuros, sozinha com Shelmerdine. O tempo era tão bom que as árvores estendiam os galhos sem movimento sobre eles, e, se uma folha manchada de vermelho e dourado caía, ia caindo tão lentamente que se podia observar durante meia hora tremendo e caindo até parar por fim nos pés de Orlando.

— Conta-me, Mar — costumava dizer (e aqui deve ser explicado que quando ela o chamava pela primeira sílaba do primeiro nome ficava sonhadora, amorosa, submissa, doméstica e um pouco lânguida, como se madeiras aromáticas estivessem queimando e fosse ao entardecer, antes da hora de se vestir, talvez estivesse úmido lá fora, o bastante para fazer as folhas brilharem, mas podia se ouvir um rouxinol cantando entre as azáleas, dois ou três cachorros latindo em fazendas distantes, um galo cantando — tudo isso que o leitor deve imaginar em sua voz). — Conta-

me, Mar — costumava dizer — sobre o cabo Horn. — Então Shelmerdine faria no chão um pequeno desenho do Cabo, com ramos e folhas secas, e um ou dois caracóis vazios.

— Aqui é o norte — dizia. — Ali o sul. O vento vem mais ou menos daqui. Agora o brigue está navegando para oeste; acabamos de arriar a vela da mezena: e estás vendo — aqui onde está este pedaço de grama entra a corrente que encontrarás marcada — onde estão o meu mapa e os compassos, contramestre? Ah! obrigado — ali onde está o caracol. A corrente apanha-o a estibordo, de modo que devemos armar o pau da bujarrona ou seremos arrastados para bombordo, que é ali, onde está aquela folha de faia, pois deves compreender, minha querida —, e assim continuava, e ela ouvia cada palavra; interpretando-as corretamente, até chegar a ver, sem que ele precisasse descrever, a fosforescência das ondas, o gelo tinindo nas enxárcias; como ele ia para o topo do mastro durante uma ventania; lá refletia sobre o destino do homem; descia de novo; tomava um uísque com soda; ia à terra; era agarrado por uma mulher negra; arrependia-se; debatia; lia Pascal; decidia escrever filosofia; comprava um macaco; discutia a verdadeira finalidade da vida; decidia-se pelo cabo Horn, e assim por diante. Tudo isso e mil outras coisas ela ouvia-o dizer e, se respondia sim, as negras são muito atraentes, não são?, quando ele tinha dito que o suprimento de biscoitos estava acabando, ficava surpreso e encantado em descobrir como ela interpretara bem o seu pensamento.

— Tens certeza de que não és homem? — perguntava-lhe ansiosamente, e ela respondia como num eco.

— Será possível que não sejas mulher? — e então imediatamente tiravam a prova. Pois cada um estava mais surpreso com a rapidez da simpatia do outro, e era para ambos uma tal revelação que a mulher pudesse ser tão tolerante e falasse com tal liberdade como um homem e que o homem fosse tão estranho e sutil como uma mulher que eles tinham que tirar a prova de imediato.

E assim continuavam conversando, ou antes, compreendendo, o que se tornou a principal arte da fala numa época em que as palavras estão se tornando escassas diariamente, em comparação com as ideias que “os biscoitos acabaram” podem significar beijar uma negra no escuro depois de acabar de ler pela décima vez a filosofia do bispo Berkeley. (E disso se depreende que apenas os mais profundos mestres do estilo podem dizer a

verdade e que quando se encontra um escrito simples, monossilábico, pode-se concluir sem qualquer dúvida que o pobre homem está mentindo.)

Assim conversavam; então, quando seus pés estavam razoavelmente cobertos com folhas manchadas de outono, Orlando se levantava e penetrava solitária no coração do bosque, deixando Bonthrop sentado entre as conchas dos caracóis, fazendo desenhos do cabo Horn. "Bonthrop", dizia, "vou embora", e quando ela o chamava, pelo segundo nome, "Bonthrop", deve significar para o leitor que estava predisposta à solidão, e sentia a ambos como manchas no deserto, desejava somente encontrar-se com a morte, pois as pessoas morrem diariamente, morrem à mesa de jantar ou assim fora de casa, nos bosques de outono; e com fogueiras ardendo e Lady Palmerston ou Lady Derby convidando-a para jantar todas as noites, o desejo da morte dominava-a, e dizendo "Bonthrop" dizia, de fato, "Estou morta", e abria caminho como um fantasma por entre as faias de uma palidez de espectro, e assim embrenhava-se profundamente na solidão como se o leve estremecer de ruído e movimento tivesse terminado e ela estivesse livre agora para seguir o seu caminho — tudo o que o leitor deve ouvir em sua voz, quando ela disser "Bonthrop"; e deve acrescentar, para melhor iluminar a palavra, que também para ele essa palavra significava, misticamente, separação e isolamento, e os fantasmas percorrendo o convés de seu brigue em mares impenetráveis.

Depois de algumas horas de morte, de repente um gaio gritou "Shelmerdine", e, inclinando-se, ela apanhou um desses açafrões de outono que para algumas pessoas significa aquela mesma palavra e colocou-o no peito, junto com a pena do gaio que vinha caindo, azul, pelo bosque de faia. Então chamou "Shelmerdine" — e a palavra foi vibrando por este e por aquele caminho, pelos bosques, e alcançou-o onde estava sentado fazendo desenhos com as conchas de caracóis na grama. Ele a viu e escutou-a vir em sua direção com o açafrão e a pena de gaio no peito, e gritou "Orlando", o que significava (e deve ser lembrado que quando cores brilhantes como o azul e o amarelo se mesclam em nossos olhos algumas apagam um pouco nossos pensamentos), primeiro a inclinação e a ondulação das samambaias, como se atravessadas por alguma coisa; que vinha a ser um barco a todo pano, inclinando-se e balançando-se meio sonhadoramente, como se tivesse um ano inteiro de dias de verão para fazer a sua viagem; e assim o barco se aproxima oscilando para lá e para cá, nobremente, indolentemente, e sobe na crista desta onda e afunda na

cova daquela outra, e assim repentinamente fica em cima de nós (que o contemplamos de um pequeno bote), com as velas tremulando, e então eis que caem todas no convés — como Orlando caía agora na grama, ao seu lado.

Oito ou nove dias haviam passado dessa forma, mas no décimo, que era dia 26 de outubro, Orlando estava deitada na grama enquanto Shelmerdine recitava Shelley (cuja obra completa sabia de cor) quando uma folha que começara a cair vagarosamente do alto de uma árvore bateu com violência no pé de Orlando. Seguiu-se uma segunda folha e depois uma terceira. Orlando tremeu e empalideceu. Era o vento. Shelmerdine — seria porém, mais adequado chamá-lo agora Bonthrop — ergueu-se de um salto.

— O vento! — gritou.

Juntos correram pelos bosques, o vento colando folhas neles enquanto corriam para o grande pátio, e através dele para os pequenos pátios, de onde empregados assustados deixavam suas vassouras e panelas para segui-los, até alcançarem a capela, e lá acenderem um turbilhão de luzes, tão rápido quanto possível, um tropeçando neste banco, outro espevitando aquele candelabro. Sinos tocaram. O povo foi chamado. Finalmente o sr. Dupper, arrumando as pontas de sua gravata branca, perguntou onde estava o livro de orações. E eles colocaram o livro de orações da rainha Maria em suas mãos e ele procurou apressadamente entre as páginas e disse: — Marmaduke Bonthrop Shelmerdine e Lady Orlando, ajoelhai-vos —, e eles se ajoelharam e ora ficavam brilhantes ora escuros, conforme a luz ou a sombra que vinham através dos vitrais; e, por entre o bater de inúmeras portas e um som como o de vasos de bronze se chocando, o órgão soou, com um rugido que crescia e diminuía alternadamente, e o sr. Dupper, que já era muito velho, tentava agora erguer sua voz acima do tumulto e não podia ser ouvido e então tudo se calou por um momento e uma palavra — podia ser "as faces da morte" — se ouviu claramente, enquanto toda a criadagem se comprimia para ouvir, ainda com ancinhos e chicotes nas mãos, e alguns cantavam em voz alta e outros rezavam, e ora um pássaro batia contra a vidraça, ora se ouvia um trovão, de forma que ninguém ouviu a palavra "Obedecei" falada ou dita, nem viu, salvo como um relâmpago dourado, o anel passar de uma mão para outra. Tudo era movimento e confusão. Levantaram-se com o órgão soando, o trovão rugindo e a chuva caindo, e Lady Orlando, com o seu anel no dedo, saiu para o pátio com o seu vestido fino, e segurou o estribo balouçante, pois o

cavalo estava freado e selado, e a espuma ainda estava em seu flanco, para seu marido montar, o que ele fez de um salto, e o cavalo pulou para a frente e Orlando, parada, gritou: — Marmaduke Bonthrop Shelmerdine! —, e ele lhe respondeu: — Orlando! —, e as palavras foram subindo e girando como falcões selvagens por entre campanários, mais e mais alto, mais e mais longe, girando mais e mais depressa, até se despedaçarem e caírem no chão, numa chuva de fragmentos; e então ela entrou.

Capítulo VI

Orlando entrou. Tudo estava completamente tranquilo. Tudo era silêncio. Ali estava o tinteiro; ali estava a pena; ali estava o manuscrito do seu poema, interrompido em meio a um tributo à eternidade. Estava prestes a dizer — quando Basket e Bartholomew interromperam-na com as coisas do chá — nada muda. E então, no intervalo de três segundos e meio, tudo mudara — ela quebrara o tornozelo, se apaixonara e casara com Shelmerdine.

Havia o anel de casamento em seu dedo, para provar isso. É verdade que ela própria o pusera ali antes de encontrar Shelmerdine, mas isso se mostrara mais do que inútil. Agora dava voltas e voltas ao anel, com supersticiosa reverência, tomando cuidado para que não escorregasse da junta do dedo.

"O anel de casamento deve ser colocado no terceiro dedo da mão esquerda", dizia como uma criança repetindo cuidadosamente a sua lição, "pois senão não serve para nada."

Assim falou em voz alta e mais pomposamente do que de costume, como se desejasse ser entreouvida por alguém cuja opinião lhe parecesse adequada. De fato, agora que finalmente estava em condições de ordenar os pensamentos, preocupava-se com o efeito que seu comportamento pudesse ter tido sobre o espírito da época. Estava extremamente ansiosa em ser informada se os passos que dera, comprometendo-se com Shelmerdine e casando-se com ele, mereceram aprovação. Certamente sentia-se mais segura de si. Seu dedo não voltara a vibrar, ou apenas muito pouco, depois daquela noite no pântano. Contudo, não podia negar que tinha suas dúvidas. Estava casada, é certo; mas se o seu marido estava sempre velejando em torno do cabo Horn, seria isso um casamento? Se alguém gostasse dele, seria casamento? Se alguém gostasse de outras pessoas, seria casamento? E, finalmente, se alguém ainda desejasse, mais do que qualquer coisa no mundo, escrever poesia, seria casamento? Ela tinha suas dúvidas.

Mas queria pôr isso à prova. Olhou para o anel. Olhou para o tinteiro. Ousaria? Não, não ousaria. Mas devia. Não, não podia. Que faria então? Desmaiar, se possível. Mas nunca em sua vida se sentira tão bem.

— Com os diabos! — gritou, com um toque de seu antigo ânimo. — Lá vai!

E mergulhou a pena profundamente na tinta. Para sua enorme surpresa, não houve explosão. Retirou a ponta. Estava molhada, mas não pingava. Escreveu. As palavras custavam um pouco a vir, mas vinham. Ah! mas fariam sentido?, ela se perguntava, com um certo pânico de que a pena voltasse às suas involuntárias travessuras. Leu:

E então cheguei a um campo onde a grama nascente
Era sombreada pelas taças de lilases pendentes,
Silenciosa e estrangeira, a flor serpentina,
Velada em púrpura sombria, como egípcias meninas —[21]

Enquanto escrevia sentiu como que uma força (lembrem-se de que estamos lidando com as mais obscuras manifestações do espírito humano) lendo por cima do seu ombro, e, quando escreveu *egípcias meninas*, a força lhe disse que parasse. A grama — a força parecia dizer, recuando para o início, com uma régua, como usam as governantas — está bem; as taças de lilases pendentes — admirável; a flor serpentina — um pensamento forte para a pena de uma dama, talvez, mas Wordsworth, sem dúvida, autorizaria; mas — meninas? as meninas são necessárias? Tu tens um marido no cabo Horn, não é? Ah! então está bem.

E assim o espírito passou adiante.

Orlando agora prestou em espírito (porque tudo isso aconteceu em espírito) uma profunda homenagem ao espírito da época, tal como a que faz — para comparar grandes coisas com pequenas — um viajante (consciente de levar um maço de charutos no canto da mala) ao guarda da alfândega que amavelmente libera a mala, pondo-lhe um traço de giz na tampa. Pois ela tinha sérias dúvidas de que, se o espírito examinasse cuidadosamente o conteúdo de sua mente, teria encontrado ali algum contrabando, pelo qual ela pagaria a mais alta das multas. Escapara por um triz. Conseguira — por uma hábil deferência ao espírito da época, pondo um anel e encontrando um homem no pântano, amando a natureza e não sendo satírica, cínica nem psicológica (o que teria sido descoberto de

imediato) — ser bem-sucedida em seu exame. E deu um profundo suspiro de alívio, como de fato merecia, pois a transação entre um escritor e o espírito da época é de uma infinita delicadeza e de um bom acordo entre os dois depende todo o êxito de suas obras. Orlando se organizara tão bem que estava numa posição extremamente feliz; não necessitava combater sua época nem submeter-se a ela; era parte da época, mas permanecia ela mesma. Assim agora podia escrever, e escreveu. Escreveu. Escreveu. Escreveu.

Era novembro. Depois de novembro vem dezembro. Depois, janeiro, fevereiro, março e abril. Depois de abril vem maio. Seguem-se junho, julho e agosto. O próximo é setembro. Depois, outubro, e eis que se chega outra vez a novembro, tendo-se completado um ano.

Este método de escrever biografia, embora tenha seus méritos, é um pouco cansativo, talvez, e o leitor, se continuarmos assim, pode alegar que é capaz de recitar sozinho o calendário e poupar ao seu bolso qualquer que seja a soma que a Hogarth Press[22] cobre por este livro. Mas o que pode o biógrafo fazer quando seu biografado o coloca na situação em que Orlando nos colocou agora? A vida — e nisso concordam todos aqueles cuja opinião tem valor — é o único tema adequado para um novelista ou um biógrafo; a vida — as mesmas autoridades decidiram — nada tem a ver com sentar numa cadeira e pensar. Pensamento e vida são como polos opostos. Por isso — já que sentar em uma cadeira e pensar são exatamente o que Orlando está fazendo agora —, não há nada a fazer senão recitar o calendário, rezar o rosário, assoar o nariz, atiçar o fogo, olhar pela janela, até que ela acabe. Orlando estava sentada tão quieta que se podia ouvir um alfinete caindo. Oxalá tivesse caído um alfinete! Já seria uma certa vida. Ou se uma borboleta entrasse pela janela e pousasse em sua cadeira, podia se escrever sobre isso. Ou supor que ela se levantasse e matasse uma vespa. Então imediatamente poderíamos pegar a pena e escrever. Pois haveria sangue derramado, mesmo que de uma vespa. Onde há sangue há vida. E embora a morte de uma vespa seja uma bagatela se comparada com a morte de um homem, ainda assim é um tema mais adequado para o novelista ou o biógrafo do que este simples passatempo; este pensar; este sentar numa cadeira dias e dias com um cigarro, uma folha de papel, uma pena e um tinteiro. Ah, se os personagens — poderíamos reclamar, porque a nossa paciência está diminuindo — tivessem mais consideração por seus biógrafos! Pode haver coisa mais irritante do que ver um personagem, com

o qual esbanjamos tanto tempo e trabalho, escapar completamente ao nosso controle — como o testemunham seus suspiros e lamentos, seu rubor, sua palidez, seus olhos ora brilhantes como lâmpadas, ora pálidos como auroras — pode haver coisa mais humilhante do que toda essa pantomima de emoção e excitação que ocorre diante de nossos olhos, quando se sabe que sua causa — pensamento e imaginação — não tem nenhuma importância?

Mas Orlando era uma mulher — Lorde Palmerston acabara de provar isso. E, quando se está escrevendo a vida de uma mulher, pode-se — todos concordam — dispensar a exigência de ação e substituí-la pelo amor. O amor, disse o poeta, é toda a existência da mulher. E, se olharmos por um momento para Orlando escrevendo em sua mesa, devemos admitir que nunca houve uma mulher tão apta para essa tarefa. Certamente, uma vez que ela é uma mulher, uma bela mulher, uma mulher na flor da idade, logo abandonará esse fingimento de escrever e meditar e começará, pelo menos, a pensar num guarda-caça (e, contanto que pense num homem, ninguém se opõe a que uma mulher pense). E então ela lhe escreverá um pequeno bilhete (contanto que escreva bilhetes, ninguém se opõe a que uma mulher escreva) e marcará um encontro para domingo ao entardecer, e o domingo ao entardecer chegará; e o guarda-caça assobiará sob a janela — o que, naturalmente, constitui o verdadeiro tema da vida e o único assunto possível para a ficção. Certamente Orlando deve ter feito uma dessas coisas! Meu Deus — mil vezes, meu Deus, Orlando não fez nada disso. Teremos que admitir que Orlando era um desses monstros de iniquidade que não amam? Era bondosa com os cachorros, fiel aos amigos, generosa com uma dúzia de poetas famintos, tinha paixão pela poesia. Mas amor — como os novelistas homens o definem — e quem realmente fala com maior autoridade? — nada tem a ver com bondade, fidelidade, generosidade ou poesia. Amor é despir as saias e — mas todos sabemos o que é o amor. E Orlando fez isso? A verdade nos obriga a dizer não, não fez. Se então o personagem da nossa biografia não ama nem mata, mas só pensa e imagina, podemos concluir que ele ou ela não é melhor do que um cadáver, e abandoná-lo.

O único recurso que nos resta é olhar pela janela. Havia pardais; havia estorninhos; havia uma porção de pombos, uma ou duas gralhas, todos ocupados a seu modo. Um acha uma minhoca, outro, um caracol. Um voa para um ramo, outro dá uma pequena corrida no gramado. Depois, um

criado atravessa o pátio usando um avental de baeta verde. É provável que esteja metido em alguma encrenca com uma das copeiras, mas nenhuma prova visível nos é oferecida no pátio, podemos apenas esperar que seja isso e abandonar o assunto. As nuvens passam, finas ou densas, perturbando um pouco o tom da grama embaixo. O relógio de sol registra a hora em sua maneira enigmática, como de costume. A mente começa a levantar uma ou duas perguntas preguiçosamente, inutilmente, a respeito desta mesma vida. A vida canta, ou melhor, sibila como uma chaleira no fogo. Vida, vida, o que és tu? Luz ou escuridão, o avental de baeta do mensageiro ou a sombra do estorninho na grama?

Vamos então continuar explorando esta manhã de verão, quando todos estão adorando a flor da ameixa e a abelha. E cantarolando vamos perguntar ao estorninho (que é um pássaro mais sociável do que a cotovia) em que pensa, na borda da lata de lixo, enquanto apanha, entre os gravetos, restos de cabelo do ajudante de cozinha. O que é a vida, perguntamos, debruçados no portão do pátio da fazenda; Vida, Vida, Vida!, grita o pássaro — como se tivesse ouvido e soubesse exatamente o que queríamos dizer com esse hábito cansativo de fazer perguntas dentro e fora da casa —, e vai piando e apanhando margaridas como fazem os escritores quando não sabem o que dizer em seguida. Então eles vêm aqui, diz o pássaro, e me perguntam o que é a vida; Vida, Vida, Vida!

Arrastamo-nos pelo caminho do pântano até o topo da colina, violáceo e púrpura escuro, e lá nos atiramos ao chão e sonhamos ver ali um gafanhoto, carregando uma palha para sua casa no buraco. E ele diz (se a cicios como o dele pode ser dado um nome tão sagrado e terno) a vida é trabalho, ou assim interpretamos o zumbido do seu gasganete sufocado de poeira. E a formiga e a abelha concordam, mas se ficarmos aqui tempo suficiente para perguntar às mariposas, quando chegam à noite, insinuando-se entre as campânulas mais pálidas, elas sussurrarão aos nossos ouvidos coisas sem sentido, como as que se ouvem nos fios telegráficos em tempestades de neve: hi, hi, ha, ha. É riso, riso!, dizem as mariposas.

Tendo então perguntado ao homem, ao pássaro e aos insetos, porque os peixes — dizem os homens que têm vivido em grutas verdes, solitários, durante anos, para ouvi-los falar — nunca, nunca dizem, nem talvez saibam, o que é a vida; tendo então perguntado a todos e não tendo conseguido ficar mais sábios, mas apenas mais velhos e mais frios (pois

não tínhamos implorado o dom de aprisionar num livro algo tão difícil, tão raro que só pudesse jurar ser o sentido da vida?), devemos voltar atrás e dizer diretamente ao leitor que espera ansioso ouvir o que é a vida — meu Deus! não sabemos.

Neste momento, mas justamente a tempo de salvar este livro da ruína, Orlando empurrou sua cadeira, esticou os braços, deixou a pena, foi para a janela e exclamou: "Pronto!"

Quase caiu ao chão diante da extraordinária visão com que seus olhos se depararam. Ali estavam o jardim e alguns pássaros. O mundo continuava como de costume. Todo o tempo em que estivera escrevendo, o mundo continuara.

E se eu tivesse morrido seria exatamente o mesmo! — exclamou.

Tal era a intensidade dos seus sentimentos que podia mesmo imaginar-se decomposta, e talvez algum desmaio, na verdade, a tenha afetado. Por um momento ficou olhando com olhos fixos o belo e indiferente espetáculo. Por fim foi reanimada de maneira singular. O manuscrito que repousava sobre o seu coração começou a palpitar e a mover-se como se fosse uma coisa viva, e, o que era ainda mais estranho, mostrava a simpatia que havia entre eles; Orlando, inclinando a cabeça, podia saber o que ele estava dizendo. Queria ser lido. Devia ser lido. Morreria em seu peito se não fosse lido. Pela primeira vez na vida ela voltou-se com violência contra a natureza. Havia em redor galgos e roseiras em profusão. Mas nem galgos nem roseiras podem ler. Esse é um lamentável descuido da Providência, que nunca a impressionara antes. Apenas os seres humanos recebem esse dom. Os seres humanos se tornaram imprescindíveis. Tocou a campainha. Ordenou que a carruagem a levasse imediatamente a Londres.

— Está na hora de alcançar o trem das 11h45, senhora — disse Basket. Orlando ainda não se apercebera da invenção da locomotiva, mas estava tão absorta no sofrimento de um ser que embora não sendo ela mesma dependia inteiramente dela que viu um trem pela primeira vez, tomou lugar num vagão, enrolou uma manta nos joelhos sem pensar naquela "fantástica invenção que tinha (dizem os historiadores) mudado completamente a face da Europa nos últimos vinte anos" (o que na verdade ocorre muito mais frequentemente do que os historiadores supõem). Observou apenas que era extremamente sujo, rangia horrivelmente e as janelas batiam. Perdida em pensamentos, foi atirada em

Londres em menos de uma hora, e ficou na plataforma de Charing Cross, sem saber aonde ir.

A velha casa em Blackfriars, onde passara tantos dias agradáveis no século XVIII, tinha sido vendida, parte para o Exército da Salvação, parte para uma fábrica de guarda-chuvas. Ela comprara uma outra, em Mayfair, que era higiênica, conveniente, no coração do mundo da moda, mas seria em Mayfair que o poema realizaria o seu desejo? Peçamos a Deus — pensou, recordando os olhos brilhantes das damas e a simetria das pernas dos cavalheiros — que eles não tenham se dedicado à leitura. Pois isso seria lamentável. Havia também o salão de Lady R. Ainda estariam conversando as mesmas coisas, ela não duvidava. Talvez a gota pudesse ter mudado da perna esquerda do general para a direita. O sr. L. podia ter passado dez dias com R., e não com T. Depois entraria o sr. Pope. Oh! mas o sr. Pope estava morto. Quais seriam os homens de talento?, perguntava-se mas esta não era pergunta que se fizesse a um carregador, e assim seguiu adiante. Agora seus ouvidos foram distraídos pelo tilintar de inúmeros sinos nas cabeças de inúmeros cavalos. Frotas das mais estranhas caixinhas com rodas eram arrastadas pelo calçamento. Caminhou até o Strand. Lá o tumulto era ainda pior. Veículos de todos os tamanhos, puxados por cavalos de raça ou de carga, transportando uma dama solitária ou apinhados de homens de suíças e cartola, viam-se inevitavelmente misturados. Carruagens, carros e ônibus pareciam aos seus olhos — por tanto tempo acostumados à visão de uma folha de papel — assustadoramente em disputa; e aos seus ouvidos — afinados ao ranger de uma pena — o clamor da rua parecia violento e pavorosamente dissonante. Cada polegada do calçamento estava tomada. Rios de gente, abrindo caminho com incrível agilidade entre seus próprios corpos e o balanço e a desordem do trânsito, escorriam incessantemente para leste e para oeste. Ao longo da calçada, homens de pé carregavam tabuleiros de brinquedos, e berravam. Nas esquinas, mulheres sentavam-se ao lado de grandes cestas de flores frescas, e berravam. Meninos, correndo por entre os focinhos dos cavalos e segurando contra o corpo folhas impressas, berravam também: desastre! desastre! A princípio, Orlando pensou que tivesse chegado num momento de crise nacional; mas se isso era feliz ou trágico, ela não podia dizer. Olhou ansiosamente para o rosto das pessoas. Mas isso a confundiu ainda mais. Aqui passava um homem afogado em desespero, resmungando sozinho, como se tivesse sabido de alguma

terrível tristeza. Passando por ele ia um indivíduo gordo, de cara alegre, abrindo seu caminho como se aquilo fosse uma festa para todo mundo. Na verdade, ela chegou à conclusão de que não havia nem ordem nem sentido em nada. Cada homem cada mulher se dirigia para os seus próprios afazeres. E ela, aonde devia ir?

Caminhava sem pensar, subindo uma rua, descendo outra, passando por grandes vitrines repletas de bolsas, espelhos, roupões, flores, caniços de pesca, cestas para lanche; tecidos de todas as cores e padrões, finos ou grossos, estavam estendidos, repuxados como guirlandas e inflados de ponta a ponta. Às vezes passava por avenidas de sossegadas mansões, sobriamente numeradas "um", "dois", "três", e assim por diante, até duzentos ou trezentos, uma a cópia da outra, com duas colunas e seis degraus e um par de cortinas cuidadosamente puxadas, e almoços familiares postos à mesa, um papagaio por uma janela, um criado por uma outra — até que sua mente ficou tonta com a monotonia. Então chegou a grandes praças abertas, tendo o centro lustrosas estátuas negras de homens gordos apertadamente abotoados, e cavalos de batalha empinados, colunas subindo, fontes caindo e pombos revoando. Assim caminhou e caminhou pelas calçadas por entre as casas até sentir muita fome, e alguma coisa agitando-se sobre seu coração repreendeu-a por ter esquecido tudo a seu respeito. Era o seu manuscrito — "O Carvalho".

Ficou perplexa com sua própria negligência. Parou de repente onde se encontrava. Não havia nenhuma carruagem à vista. A rua larga e bonita estava singularmente deserta. Só um senhor idoso se aproximava. Havia algo em seu andar que lhe era vagamente familiar. Quando ele chegou mais perto, ela teve certeza de que o encontrara em alguma outra ocasião. Mas onde? Este cavalheiro tão elegante, tão imponente, tão próspero, com uma bengala na mão e uma flor na lapela, de face gorda e rosada e bigodes brancos penteados, podia ser — sim, por Júpiter, era! — seu velho, seu velho amigo Nick Greene!

Ao mesmo tempo ele olhou para ela; lembrou-se, reconheceu-a.

— Lady Orlando! — gritou, quase varrendo o chão com a cartola.

— Sir Nicholas! — exclamou ela. Pois alguma coisa em seu porte intuitivamente a advertiu de que o escritor vil e subliterato que a satirizara, a ela e a muitos outros, na época da rainha Elizabeth, tinha ascendido no mundo e certamente se tornara um Cavaleiro e sem dúvida, ainda por cima, uma dúzia de outras belas coisas.

Com uma outra reverência, ele confirmou que sua conclusão estava correta; ele era um Cavaleiro; era um doutor em letras; era professor. Era autor de vinte volumes. Em resumo, era o crítico mais influente da era vitoriana.

Um violento tumulto de emoção dominou-a ao encontrar o homem que, havia anos, lhe causara tanto desgosto. Podia este ser o indivíduo importuno, inquieto, que queimara seus tapetes e assara queijo na lareira italiana, e contara histórias divertidas sobre Marlowe e os outros, de que tinham visto o sol nascer nove noites em dez? Estava agora elegantemente vestido, com um terno matinal cinza, tinha uma flor cor-de-rosa na lapela e luvas de camurça cinza para combinar. Mas enquanto ela se assombrava, ele fez outra reverência e perguntou se ela lhe dava a honra de almoçar em sua companhia. A reverência era talvez um pouco excessiva, mas o arremedo de fina educação era aceitável. Ela o acompanhou admirada a um excelente restaurante, tudo de pelúcia vermelha, com toalhas brancas, galheteiros de prata, imaginando como era diferente da velha taverna ou do café, com o seu chão de areia, bancos de madeira, tigelas de ponche e chocolate, seus impressos e suas escarradeiras. Ele pousou as luvas cuidadosamente ao seu lado na mesa. Ela ainda não podia acreditar que fosse o mesmo homem. Suas unhas estavam limpas, quando costumavam medir uma polegada. Seu queixo estava barbeado, onde uma barba negra costumava brotar. Usava abotoaduras de ouro; quando antes seus punhos rasgados mergulhavam na sopa. Na verdade, ela só se convenceu de que era o mesmo homem quando ele pediu o vinho, o que fez com um cuidado que lhe lembrou seu antigo gosto pela malvasia.

— Ah! — disse ele, dando um pequeno suspiro, que era bastante confortador —, ah!, minha querida senhora, os grandes dias da literatura acabaram. Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson — aqueles eram gigantes. Dryden, Pope, Addison — aqueles eram heróis. Todos, todos agora estão mortos. E quem eles nos deixaram? Tennyson, Browning, Carlyle! — arrastava um imenso desprezo na voz. — A verdade é que — disse, enchendo um copo de vinho —, é que todos os jovens escritores estão a soldo dos livreiros. Produzem qualquer lixo que lhes sirva para pagar as contas do alfaiate. É uma época — disse, servindo-se do *hors-d'oeuvre*[23] — marcada por conceitos preciosos e experiências extravagantes — nenhum dos quais os elisabetanos teriam tolerado por um instante sequer.

"Não, minha querida senhora", continuou, aprovando o linguado *au gratin*[24] que o garçom submetia à sua apreciação, "os grandes dias terminaram. Vivemos tempos degenerados. Devemos cultuar o passado; honrar aqueles escritores — há ainda alguns deles — que tomam a antiguidade por modelo e escrevem não por pagamento mas por..." aqui Orlando quase gritou "Glour!" Na verdade, podia jurar que o ouvira dizer as mesmas coisas trezentos anos antes. Os nomes eram diferentes, é claro, mas o espírito era o mesmo. Nick Greene não mudara nada, apesar de sua nobreza. E, contudo, havia alguma mudança. Pois enquanto discorria sobre as vantagens de se tomar Addison como modelo (antes tinha sido Cícero, pensava ela) e passar as manhãs na cama (o que — ela se orgulhava de pensar — a sua pensão, paga trimestralmente, permitira que ele fizesse), saboreando as melhores obras dos melhores autores uma hora inteira, pelo menos, antes de encostar a pena ao papel, de modo que a vulgaridade do tempo presente e a deplorável condição de nossa língua nativa (devia ter vivido muito tempo na América, acreditava ela) pudessem ser purificadas — enquanto discorria da mesma forma que Greene discorrera trezentos anos antes, ela tinha tempo para se perguntar em que pontos ele mudara. Tinha engordado; mas era um homem beirando os setenta. Ficara polido: a literatura tinha sido uma carreira evidentemente próspera; mas de certo modo a velha agitação, a incômoda vivacidade tinham desaparecido. Suas histórias, embora brilhantes, não possuíam mais o mesmo desembaraço. É certo que ele mencionava "meu caro amigo Pope" ou "o meu ilustre amigo Addison" a cada segundo, mas tinha um ar de respeitabilidade deprimente, e via-se que ele preferia informá-la sobre ditos e feitos de pessoas do mesmo sangue dela a contar-lhe, como fazia antes, escândalos a respeito de poetas.

Orlando ficou indescritivelmente desapontada. Pensara na literatura todos esses anos (a reclusão, a categoria social e o sexo podem ser a sua desculpa) como alguma coisa selvagem como o vento, quente como o fogo, rápida como o raio; algo errante, incalculável, abrupto, e eis que a literatura era um cavalheiro idoso, de terno cinza, falando sobre duquesas. A violência de sua desilusão foi tal que um dos broches ou botões que lhe fechavam a parte superior do vestido rebentou e sobre a mesa caiu o poema "O Carvalho".

— Um manuscrito! — disse Sir Nicholas, pondo o seu pincenê de ouro. — Como é interessante, como é extraordinariamente interessante!

Permita-me vê-lo. — E uma vez mais, depois de um intervalo de trezentos anos, Nicholas Greene tomou o poema de Orlando e, estendendo-o entre as xícaras de café e os cálices de licor, começou a lê-lo. Mas agora o seu veredicto era muito diferente do que fora antes. Lembrava-lhe — enquanto virava as páginas — o *Catão*, de Addison. Podia ser comparado favoravelmente às *Estações*, de Thomson. Não havia nele qualquer traço do espírito moderno, tinha satisfação em dizer. Fora composto com respeito pela verdade, pela natureza, pelos ditames do coração, o que era raro, na verdade, nestes dias de excentricidade inescrupulosa. Devia, é claro, ser publicado imediatamente.

Na verdade, Orlando não entendeu o que ele queria dizer. Ela sempre carregara o manuscrito consigo, por dentro do vestido. A ideia divertiu Sir Nicholas consideravelmente. "Mas e os royalties?", perguntou ele.

A mente de Orlando voou para o Palácio de Buckingham e para alguns obscuros potentados que estavam hospedados lá.

Sir Nicholas divertia-se muito. Explicou que estava aludindo ao fato de que os senhores... (aqui mencionou uma famosa firma de editores) teriam muito prazer, se ele lhes escrevesse uma linha, de incluir a obra em seu catálogo. Ele provavelmente poderia conseguir uma percentagem de dez por cento em todas as cópias, até dois mil exemplares; depois disso, será 15. Quanto aos críticos, ele escreveria uma linha ao sr. ... que era o mais influente; depois, um cumprimento — dizer um pequeno elogio de seus próprios poemas — dirigido à esposa do editor de... não faria nenhum mal. Faria uma visita... Assim continuou. Orlando não compreendeu nada disso tudo e, por sua experiência anterior, não confiou naquela boa-fé, mas não havia nada a fazer senão submeter-se ao que era evidentemente o seu desejo e o desejo fervoroso do próprio poema. De modo que Sir Nicholas embrulhou cuidadosamente o manuscrito manchado de sangue; achatou-o no bolso do peito para que não perturbasse a linha de seu casaco; e, com muitos cumprimentos de um lado e de outro, se separaram.

Orlando subiu a rua. Agora que o poema tinha partido — e sentia um vazio no peito, no lugar onde costumava levá-lo —, não tinha nada a fazer senão refletir sobre o que quisesse — talvez sobre os extraordinários acasos da vida humana. Aqui estava ela, na St. James Street; uma mulher casada, com uma aliança no dedo; onde tinha sido antes um café era agora um restaurante; era cerca de três e meia da tarde; o sol brilhava; havia três pombos; um cachorro mestiço; dois tróleis de aluguel e um landó. O que

era então a vida? O pensamento penetrou-lhe a cabeça violentamente e de forma inoportuna (a não ser que o velho Greene tivesse sido a causa disso). E pode ser tomado como um comentário adverso ou favorável, conforme o leitor escolha sobre as suas relações com o marido (que estava no cabo Horn) que quando alguma coisa penetrava violentamente em sua cabeça ela ia diretamente para o posto telegráfico mais próximo e lhe telegrafava. Havia um, por acaso, bem à mão. "Meu Deus Shel" telegrafou, "vida literatura Greene bajulador" — e aqui passou para uma linguagem cifrada que eles tinham inventado entre si, de modo que um estado de espírito demasiadamente complexo pudesse ser transmitido em uma ou duas palavras, sem que o telegrafista percebesse, e acrescentou as palavras "Rattigan Glumphoboo", que o resumia com precisão. Pois não apenas os acontecimentos da manhã tinham lhe causado uma profunda impressão mas também não deve ter escapado à atenção do leitor que Orlando estava crescendo — o que não necessariamente significa ficar melhor — e o "Rattigan Glumphoboo" descrevia um estado de espírito muito complicado — o que o leitor pode descobrir por si, desde que coloque toda a sua inteligência a nosso serviço.

Não podia haver resposta ao seu telegrama por algumas horas; de fato, era provável, pensou, olhando para o céu, onde as altas nuvens corriam apressadas, que houvesse uma ventania no cabo Horn, de modo que seu marido poderia estar no mastro principal ou cortando algum mastro despedaçado ou mesmo sozinho em um bote com um biscoito. E assim, deixando o correio, foi se divertir numa loja próxima, que era uma loja tão comum em nossos dias que não precisa de descrição, contudo, aos seus olhos, extremamente estranha; uma loja onde se vendiam livros. Toda a sua vida, Orlando conhecera manuscritos; tivera nas mãos as folhas pardas e ásperas em que Spencer escrevera seus pequenos garranchos; vira a escrita de Shakespeare e de Milton. Possuía na verdade um bom número de in-quartos e de in-fólios, tendo alguns deles um soneto em sua homenagem e outros uma mecha de cabelos. Mas estes inúmeros pequenos volumes brilhantes, idênticos, efêmeros, pois pareciam encadernados em papelão e impressos em papel de seda, surpreenderam-na infinitamente. As obras completas de Shakespeare custavam meia coroa e podiam ser levadas no bolso. É verdade que dificilmente se podia ler, pois o tipo era tão minúsculo, mas ainda não deixava de ser uma maravilha. "Obras" — as obras de cada escritor que ela conhecera ou de quem ouvira falar

espalhavam-se de uma ponta a outra nas longas prateleiras. Nas mesas e cadeiras, mais "obras" estavam empilhadas e misturadas, e estas, ela viu, virando uma ou duas páginas, que eram frequentemente obras sobre outras obras, por Sir Nicholas e um naipe de outros, que ela, em sua ignorância, supôs, desde que estavam impressos e encadernados, serem também grandes escritores. Assim, fez ao livreiro um pedido espantoso: que lhe mandasse tudo o que fosse importante em sua loja, e saiu.

Dobrou no Hyde Park, que já conhecia de antigamente (debaixo daquela árvore bifurcada, lembrava-se, o duque de Hamilton caíra trespassado por Lorde Mohun), e seus lábios, que muitas vezes são culpados, começaram a moldar as palavras de seu telegrama num estribilho sem sentido: vida literatura Greene bajulador Rattigan Glumphoboo, de modo que vários guardas do parque olharam para ela desconfiados e só se inclinaram a uma opinião favorável sobre a sua sanidade mental observando o colar de pérolas que usava. Trouxera da livraria um maço de jornais e revistas e finalmente, apoiada no cotovelo, debaixo de uma árvore, espalhou essas páginas em redor de si e fez o possível para compreender a nobre arte da composição em prosa, tal como a praticavam esses mestres. Porque a sua antiga credulidade ainda estava viva, e até mesmo os caracteres manchados de um jornal semanal assumiam alguma santidade aos seus olhos. Assim, leu, apoiada no cotovelo, um artigo de Sir Nicholas sobre as obras completas de um homem que ela conhecera — John Donne. Mas sentara-se, sem saber, não longe da Serpentina. O latido de mil cachorros soava em seus ouvidos. Rodas de carruagens rolavam incessantemente em um círculo. As folhas suspiravam no alto. De vez em quando uma saia bordada e um par de calças vermelhas justas atravessavam o gramado a poucos passos dela. Uma gigantesca bola de borracha bateu violentamente em seu jornal, certa vez. Violeta, alaranjadas, vermelhas e azuis, rompiam os interstícios das folhas e cintilavam na esmeralda em seu dedo. Lia uma frase e olhava para o céu; levantava os olhos para o céu e depois abaixava-os sobre o jornal. Vida? Literatura? Converter uma na outra? Mas que dificuldade monstruosa! Pois — agora vinha um par de calças vermelhas justas — como Addison teria escrito isso? Ali vinham dois cachorros dançando nas patas traseiras. Como Lamb os teria descrito? Pois, lendo Sir Nicholas e seus amigos (como fazia nos intervalos em que deixava de olhar em torno de si), ela teve a impressão — aqui levantou-se e andou — de que eles provocavam uma sensação extremamente desconfortável — de

que nunca nunca se deveria dizer o que se pensava. (Estava às margens da Serpentina. Era cor de bronze: botes leves como aranhas deslizavam de um lado para outro.) Eles provocavam a sensação, continuava ela, de que se deve sempre sempre escrever como outra pessoa. (Lágrimas se formaram em seus olhos.) Pois, na verdade, pensava empurrando um barquinho com a ponta do pé, eu não creio que pudesse (aqui o artigo completo de Sir Nicholas apareceu à sua frente como fazem os artigos, dez minutos depois de serem lidos, com uma visão de seu quarto, sua cabeça, seu gato, sua mesa de trabalho e a hora do dia também), eu não creio que pudesse, continuou, considerando o artigo desse ponto de vista, me sentar num gabinete — não, não é um gabinete, é uma espécie de sala de visitas mofada — o dia inteiro, e conversar com jovens e contar-lhes pequenas anedotas, que eles não devem repetir, a respeito do que Dupper disse de Smiles; e então, continuou, chorando amargamente, eles são todos tão viris; e além disso eu detesto duquesas; e não gosto de bolo; e, embora seja bastante maliciosa, não conseguirei nunca aprender a ser tão maliciosa quanto eles — assim, como poderei ser crítica e escrever a melhor prosa inglesa da minha época? Que se danem!, exclamou, empurrando um vaporzinho tão vigorosamente que o pobre barquinho quase naufragou nas ondas cor de bronze.

Mas a verdade é que quando se está num certo estado de espírito (como dizem as amas) — e as lágrimas ainda permaneciam nos olhos de Orlando —, aquilo que se está olhando se torna não aquilo mesmo, mas outra coisa, maior e muito mais importante, sem deixar de ser a mesma coisa. Se se olha para a Serpentina nesse estado de espírito, as ondas se tornam tão grandes quanto as ondas do Atlântico; os barcos de brinquedo não se distinguem dos transatlânticos. Assim, Orlando confundiu o barco de brinquedo com o brigue de seu marido; e a onda que fez com o pé, com uma montanha de água do cabo Horn; e, ao observar o barco de brinquedo galgar a ondulação, pensou ver o navio de Bonthrop galgando mais e mais alto uma parede de vidro; mais e mais alto subia, e uma crista branca, com mil mortos dentro, se arqueou sobre ele, e entre os mil mortos se foi e desapareceu — "Afundou!", ela gritou em agonia — e então eis que de novo estava ele navegando são e salvo entre os patos, do outro lado do Atlântico.

"Êxtase!", gritou. "Êxtase! Onde é o correio?", se perguntou, "pois preciso telegrafar a Shel imediatamente e contar-lhe..." E, repetindo

alternadamente “um barco de brinquedo na Serpentina” e “êxtase” — pois os pensamentos eram permutáveis e significavam exatamente a mesma coisa —, apressou o passo em direção a Park Lane.

“Um barco de brinquedo, um barco de brinquedo, um barco de brinquedo”, repetia, reforçando em si mesma a ideia de que não são os artigos de Nick Greene sobre John Donne, nem as leis das oito horas, nem convenções, nem as leis sobre a segurança dos operários que importam; é uma coisa inútil, repentina, violenta; algo que custa uma vida; vermelho, azul, púrpura; um espírito; um esguicho; como aqueles jacintos (ela estava passando por um belo canteiro deles); livres de mácula, de dependência, da sujeira da humanidade ou de preocupação com os seus semelhantes; algo impetuoso, ridículo, como o meu jacinto, quer dizer, marido, Bonthrop: isso é que importa — um barco de brinquedo na Serpentina, êxtase — é o êxtase que importa. Assim falava, esperando a passagem das carruagens em Stanhope Gate, pois a consequência de não viver com o marido senão quando o vento declina é falar absurdos em voz alta em Park Lane. Sem dúvida seria diferente se vivesse o ano inteiro com ele, como recomendava a rainha Vitória. Mas, assim, o pensar nele caía sobre ela como um raio. Achava absolutamente necessário falar com ele de imediato. Não se importava o mínimo que isso fosse um absurdo nem que pudesse causar deslocamento na narrativa. O artigo de Nick Greene mergulhara-a nas profundezas do desespero; o barco de brinquedo elevara-a aos píncaros da alegria. Assim repetia: “êxtase, êxtase”, enquanto esperava para atravessar.

Mas o tráfego era intenso naquela tarde de primavera e deixou-a ali parada, repetindo, êxtase, êxtase, ou um barco de brinquedo na Serpentina, enquanto a riqueza e o poder da Inglaterra sentavam-se como que esculpidos, de chapéu e capa, em carruagens de quatro cavalos, vitórias e landós. Era como se um rio de ouro tivesse coagulado e se amontoado em blocos de ouro ao longo de Park Lane. As senhoras seguravam entre os dedos estojos de cartões de visitas; os cavalheiros balançavam entre os joelhos bengalas de castão de ouro. Ali ficou, mirando, admirando, chocada. Um único pensamento a perturbava, pensamento familiar àqueles que contemplam grandes elefantes ou baleias de incrível magnitude: como será que esses leviatãs — aos quais obviamente repugnam esforço, mudança e atividade — propagam sua espécie? Talvez — Orlando pensava, olhando para as faces tranquilas e majestosas — seu tempo de

propagação tenha terminado; isto é o fruto; isto é a consumação. O que ela contemplava agora era o triunfo de uma época. Ali sentavam-se, imponentes e esplêndidos. Mas, agora, o guarda abaixara a mão; o rio tornou-se líquido; o conglomerado maciço de esplêndidos objetos se moveu, se dispersou e desapareceu por Piccadilly.

Assim, ela atravessou Park Lane e foi para a sua casa em Curzon Street, onde, quando a olmeira floria, podia se lembrar da voz de um maçarico e de um homem muito velho com uma espingarda.

Podia se lembrar, pensou, transpondo a soleira da casa, do que Lorde Chesterfield dissera — mas sua memória se deteve. Seu discreto vestíbulo do século XVIII — onde podia ver Lorde Chesterfield pousando o chapéu aqui, o casaco ali, com uma elegância de atitudes que era um prazer observar — estava agora completamente entulhado de pacotes. Enquanto estivera sentada em Hyde Park, o livreiro havia mandado sua encomenda e a casa estava abarrotada — havia pacotes escorregando pela escada — com toda a literatura vitoriana embrulhada em papel cinzento e cuidadosamente amarrada com barbante. Levou tantos desses pacotes quanto pôde para o seu quarto e mandou os criados trazerem o resto e, cortando rapidamente inúmeros barbantes, ficou logo cercada por inúmeros volumes.

Acostumada à reduzida literatura dos séculos XVI e XVII e XVIII, Orlando ficou apavorada com as consequências de sua encomenda. Pois, naturalmente, mesmo para os vitorianos, a literatura vitoriana significava não apenas quatro grandes nomes separados e distintos, mas quatro grandes nomes afundados e misturados numa massa de Alexander Smiths, Dicksons, Blacks, Milmans, Buckles, Taines, Paynes, Tuppers, Jamesons — todos eloquentes, ruidosos, proeminentes, e requerendo tanta atenção quanto qualquer outro. O respeito de Orlando pela palavra impressa impunha-lhe uma difícil tarefa, mas, puxando a cadeira para a janela a fim de aproveitar a luz que se pudesse filtrar entre as altas casas de Mayfair, procurou chegar a uma conclusão.

E agora é claro que só existem dois caminhos para se chegar a uma conclusão sobre a literatura vitoriana — um é escrevê-la em sessenta volumes in-oitavo, a outra é espremê-la em seis linhas do tamanho desta. Dos dois caminhos, a economia — já que o tempo é curto — nos leva a escolher o segundo, e assim procedemos. Orlando então chegou à conclusão (tendo aberto meia dúzia de livros) de que era muito estranho

que nenhum deles contivesse uma dedicatória a um nobre; depois (examinando uma vasta pilha de memórias), que vários desses escritores tivessem árvores genealógicas quase tão altas quanto a sua própria; depois, que seria uma extrema falta de polidez enrolar uma nota de dez libras nas pinças de açúcar quando a srta. Christina Rossetti viesse tomar chá; depois (aqui havia meia dúzia de convites para celebrar centenários com jantares) que a literatura, após comer todos esses jantares, ficaria muito corpulenta; depois (tinha sido convidada para uma série de conferências sobre a influência disto sobre aquilo; o renascimento clássico; a sobrevivência romântica e outros títulos do mesmo gênero) que a literatura, ouvindo todas essas conferências, ficaria muito seca; depois (aqui ela iria a uma recepção dada pela esposa de um Par do reino) que a literatura, usando todas aquela estolas de pele, ficaria muito respeitável; depois (aqui visitou em Chelsea o quarto à prova de som de Carlyle) que, se o gênio necessita de todos esses mimos, ficaria muito delicado; então, afinal, chegou à conclusão definitiva, que era da mais alta importância, mas que, como já ultrapassamos o nosso limite de seis linhas, devemos omitir.

Tendo chegado a essa conclusão, Orlando ficou na janela olhando por um considerável intervalo de tempo, pois quando alguém chega a uma conclusão é como se tivesse atirado uma bola por cima da rede e precisasse esperar que o antagonista invisível a devolvesse. O que lhe seria enviado depois, daquele céu sem cor que cobria Chesterfield House?, ela se perguntava. E, com as mãos cruzadas, permaneceu por um tempo considerável pensando. De repente assustou-se — e aqui podemos apenas desejar que, como numa ocasião anterior, a Pureza, a Castidade e a Modéstia entreabram a porta e nos permitam pelo menos um espaço para respirar, durante o qual possamos pensar em como apresentar aquilo que tem que ser contado delicadamente, como é dever de um biógrafo. Mas não! Tendo atirado suas roupas brancas para Orlando despido, e vendo-as caírem a pequena distância, essas senhoras abandonaram qualquer relação com ela, por todo esse tempo, e estavam agora ocupadas com outras coisas. Não vai acontecer nada nesta pálida manhã de março para mitigar, velar, cobrir, ocultar, amortalhar este incontestável acontecimento, qualquer que ele seja? Porque, depois daquele repentino e violento susto, Orlando — mas o céu seja louvado, no mesmo instante soou lá fora um desses frágeis, agudos, aflautados, trêmulos, antiquados realejos que ainda às vezes são manejados por tocadores italianos, em ruas afastadas. Vamos

aceitar essa intervenção, por humilde que seja, como se fosse a música das esferas, e permitir-lhe que, com todos os seus suspiros e gemidos, preencha esta página com som, até que chegue o momento cuja chegada é impossível negar; que o criado e a empregada veem chegar; e o leitor verá também; pois a própria Orlando já é claramente incapaz de ignorá-lo por mais tempo. Deixemos o som do realejo e transportemo-nos em pensamento — que nada mais é do que um pequeno barco sacudindo nas ondas, quando há música; em pensamento, que é de todos os transportes o mais rude, o mais irregular — por cima dos sótãos e dos quintais com roupas penduradas na corda para... qual é este lugar? Reconheces o parque, e no meio o campanário, e o portão com um leão deitado de cada lado? Oh, sim, é Kew! Bem, que seja Kew. Assim, pois, estamos em Kew, e hoje (2 de março) lhes mostraremos, sob uma ameixeira, um cacho de jacintos e um açafrão e também um botão na amendoeira; de forma que passear por aqui é estar pensando em bulbos peludos e vermelhos, plantados na terra em outubro e agora florescendo; estar sonhando com mais do que se pode dizer e tirando de sua caixa um cigarro, ou mesmo um charuto, e ir estendendo um agasalho (como requer a rima) sob um carvalho e lá sentar à espera do martim-pescador que, diz-se, foi visto certa vez, à tarde, atravessando de uma margem para a outra.

Esperem! Esperem! Aí vem o martim-pescador; o martim-pescador não vem.

Contemplemos, enquanto isso, as chaminés das fábricas e sua fumaça; contemplemos os que trabalham na cidade, passando rapidamente em seu barco; contemplemos a velha senhora levando o cachorro para um passeio e a criada usando pela primeira vez o seu chapéu novo, malcolocado; contemplemos todos. Embora os céus misericordiosamente tenham decretado que os segredos de todos os corações sejam ocultos de modo a estarmos sempre iludidos suspeitando de algo que talvez não exista; ainda através da fumaça do nosso cigarro vemos flamejar e saudamos a esplêndida concretização dos desejos naturais de um chapéu, de um barco, de um rato numa vala; como uma vez vimos flamejar — em que pulos tolos e falhas a mente incorre quando extravasa e o realejo toca — como vimos flamejar um fogo num campo diante de minaretes perto de Constantinopla.

Salve, desejo natural! Salve, felicidade, divina felicidade! E prazeres de todos os tipos, flores e vinho, embora aquelas murchem e o outro

embriague; e viagens de lazer para fora de Londres, aos domingos, e cantar numa capela escura cânticos sobre a morte e qualquer coisa, qualquer coisa que interrompa e confunda o martelar das máquinas de escrever e o envio de cartas e o forjar de elos e correntes que unam todo o Império. Salve até mesmo os grosseiros arcos vermelhos dos lábios das vendedoras das lojas (como se Cupido tivesse muito desajeitadamente mergulhado o polegar em tinta vermelha e rabiscado um sinal ao passar). Salve, felicidade! Martim-pescador atravessando como um raio, de uma margem para outra. E toda a concretização do desejo natural, quer seja o que os novelistas homens dizem ser, quer seja prece ou recusa, salve! em qualquer forma em que venha, e que tenha mais formas e mais estranhas. Pois o rio corre escuro e tristonho — se pudesse dizer, como pede a rima, "como um sonho" — porém mais sombrio e pior do que o dele é o nosso destino comum; sem sonhos, mas vivo, complacente, fluente, habitual, sob as árvores cuja sombra verde-oliva afoga o azul da asa de um pássaro evanescente que se lança de súbito de uma margem para a outra.

Salve, felicidade, então — e depois da felicidade não saudemos aqueles sonhos que deformam a imagem nítida, como espelhos manchados fazem com o rosto, na sala de uma estalagem campestre; sonhos que se estilhaçam e nos rasgam ao meio, nos ferem e nos despedaçam à noite, quando queremos dormir; mas dormir, dormir tão profundamente que todas as formas sejam reduzidas a um pó de infinita finura, água de inescrutável obscuridade, e lá, dobrados, amortalhados como uma múmia, como uma mariposa, reclinados deitemos na areia do fundo do sono.

Mas esperem! mas esperem! desta vez não vamos visitar a terra cega. Azul, como um fósforo aceso diretamente no globo ocular, ei-lo que voa, queima, rompe o selo do sono; o martim-pescador; de forma que agora reflui novamente, como um refluxo de maré, o vermelho, espesso rio da vida; borbulhando, gotejando; e ao acordar, nosso olhar (pois uma rima nos ajuda a passar a salvo da difícil transição da morte para a vida) cai sobre... (aqui o realejo para de tocar abruptamente).

— É um lindo menino, minha senhora — disse a sra. Banting, a parteira, colocando nos braços de Orlando o seu primogênito. Em outras palavras, na quinta-feira, 20 de março, às três da madrugada, Orlando dera à luz um filho.

Mais uma vez Orlando pôs-se à janela, mas deixemos o leitor tomar alento; não vai acontecer nada da mesma natureza hoje, porque não é mais,

de modo algum, o mesmo dia. Não — pois, se olharmos pela janela como Orlando fazia no momento, veremos que o próprio Park Lane mudara consideravelmente. Na verdade, podia-se ficar ali dez minutos ou mais, como Orlando estava agora, sem se ver um único landó. "Olhe aquilo!", exclamou ela alguns dias depois, quando uma carruagem absurda, truncada, sem cavalos, se pôs a deslizar por sua própria conta. Uma carruagem sem cavalos! Ela foi chamada enquanto dizia isso, mas voltou pouco depois e tornou a olhar pela janela. Tempo estranho, esse de hoje em dia. O próprio céu — não podia deixar de pensar — tinha mudado. Não era mais tão espesso, tão chuvoso, tão prismático, agora que o rei Eduardo — ei-lo ali, saindo de seu elegante automóvel para visitar uma certa dama em frente — sucedera à rainha Vitória. As nuvens tinham se reduzido a uma fina gaze; o céu parecia feito de metal, que com o calor manchava-se de verde-acinzentado, cor de cobre ou laranja, como um metal na neblina. Era um pouco alarmante esta redução. Tudo parecia ter encolhido. Passando pelo Palácio de Buckingham ontem à noite, não havia traço daquela vasta construção que ela pensara ser eterna; chapéus altos, véus de viúva, trombetas, telescópios, coroas fúnebres, tudo desaparecera sem deixar no calçamento nem mancha nem mesmo uma poça de lama. Mas agora — depois de outro intervalo ela retornara ao seu posto predileto à janela —, agora, à noite é que a mudança era mais notável. Olhem para as luzes nas casas! Com um toque, toda uma sala se ilumina; centenas de salas se iluminam; e uma era precisamente igual à outra. Podia-se ver tudo nessas pequenas caixas quadradas; não havia privacidade; não havia nenhuma daquelas sombras demoradas, nem daqueles ângulos estranhos a que se estava acostumado; nenhuma daquelas mulheres de avental carregando luzes oscilantes, que pousavam cuidadosamente nesta ou naquela mesa. Com um toque toda a sala estava iluminada. E o céu ficava claro durante a noite inteira; e o calçamento ficava claro; tudo ficava claro. Ela voltou ao meio-dia. Como as mulheres tinham se tornado delgadas ultimamente! Pareciam espigas de milho, retas, brilhantes, idênticas. E os rostos dos homens: eram tão lisos como a palma da mão. A secura da atmosfera trouxe a cor a todas as coisas e parecia endurecer os músculos das faces. Era mais difícil chorar agora. A água ficava quente em dois segundos. A hera perecera ou fora raspada das casas. Os vegetais eram menos férteis; as famílias, muito menores. Cortinas e capas tinham sido abolidas, e as paredes eram tão lisas que os novos quadros coloridos, representando

coisas reais como ruas, guarda-chuvas, maçãs, estavam pendurados em molduras ou pintados sobre a madeira. Havia algo definido e diferente, a respeito da época, que lhe lembrava o século XVIII, exceto que havia uma distração, uma desesperança... enquanto pensava nisso o túnel imensamente longo em que parecia estar viajando por centenas de anos se alargou; a luz penetrou nele; seus pensamentos se tornaram misteriosamente tensos e estirados, como se um afinador de piano colocasse a chave em suas costas e lhe esticasse os nervos ao máximo; ao mesmo tempo, sua audição se aguçou; podia ouvir cada sussurro e cada estalido na sala, de modo que o tique-taque do relógio sobre a lareira soava como um martelo. E assim, por alguns segundos, a luz foi se tornando mais e mais brilhante, e ela viu tudo cada vez mais claramente, e o relógio soou mais e mais alto, até que aconteceu uma terrível explosão bem no seu ouvido. Orlando pulou, como se tivesse levado uma violenta pancada na cabeça. Dez pancadas. Na verdade, eram dez horas da manhã. Era dia 11 de outubro. Era 1928. Era o momento presente.

Ninguém precisa se surpreender que Orlando tenha se sobressaltado, levado a mão ao coração e empalidecido. Pois pode haver revelação mais terrível do que constatar que este é o momento presente? Se sobrevivemos ao choque é apenas porque o passado nos protege de um lado e o futuro de outro. Mas não temos tempo para reflexões; Orlando já estava terrivelmente atrasada. Correu escada abaixo, saltou para o carro, pressionou o arranque e partiu. Vastos blocos azuis de construções elevavam-se para o ar; os capelos vermelhos das chaminés salpicavam irregularmente o céu; a estrada brilhava como pregos de cabeça de prata; os ônibus vinham em sua direção, com motoristas de esculpidos rostos brancos; observou esponjas, gaiolas, caixas de tecido americano verde. Mas não permitiu que nenhuma dessas visões penetrasse em sua mente, nem por uma fração de polegada, enquanto atravessava a estreita prancha do presente, com receio de cair lá embaixo, na raivosa torrente. “Por que não olha para onde vai?... Não pode pôr a mão para fora?”, era o que ela dizia, rispidamente, como se as palavras lhe fossem arrancadas. Pois as ruas estavam completamente apinhadas. As pessoas atravessavam sem olhar para onde iam. As pessoas murmuravam e cochichavam em redor de vitrines espelhadas, dentro das quais se podia ver um brilho vermelho, um fulgor amarelo — como se fossem abelhas, Orlando pensou; mas o seu pensamento de que eram abelhas foi logo decepado, e ela viu, recuperando

com um golpe de vista a perspectiva, que eram corpos. “Por que não olham para onde vão?”, vociferou.

Finalmente, parou na loja Marshall & Snelgrove e entrou. Sombra e perfume a envolveram. O presente desprendeu-se dela como gotas de água escaldante. A luz oscilava para cima e para baixo como panos finos soprados por uma brisa de verão. Tirou uma lista da bolsa e começou a ler, numa voz a princípio estranha e áspera, como se segurasse as palavras debaixo de uma torneira de água multicolorida — botas para menino, sais de banho, sardinhas. Observou como se transformavam quando a luz caía sobre elas. As palavras banho e botas tornavam-se rombudas; a palavra sardinhas denteava-se como uma serra. Assim permaneceu no andar térreo da Marshall & Snelgrove; olhou para um lado e para outro; sentia este cheiro e aquele, e assim gastou alguns segundos. Depois tomou o elevador, pela simples razão de que a porta estava aberta, e foi lançada suavemente paca cima. A verdadeira textura da vida agora é mágica, pensou enquanto subia. No século XVIII sabia-se como cada coisa era feita; mas aqui vou eu, subindo pelo ar; ouço vozes da América; vejo homens voando — mas não posso nem imaginar como isso é feito. Assim minha crença na magia retorna. Agora o elevador deu um pequeno solavanco quando parou no primeiro andar, e ela avistou inúmeros tecidos coloridos flutuando numa brisa que produzia cheiros estranhos, especiais; e, cada vez que o elevador parava e abria as portas de par em par, uma outra fatia do mundo era exposta, impregnada de todos os cheiros daquele mundo. Recordou-se do rio além de Wapping, no tempo da rainha Elizabeth, onde os navios de tesouro e os navios mercantes costumavam ancorar. Como cheiravam intensa e estranhamente! Como se lembrava bem do contato dos rubis ásperos deslizando-lhe entre os dedos, quando metia a mão num saco de tesouro! E de estar deitada com Sukey — ou qualquer que fosse o seu nome — e de serem surpreendidos pela lanterna de Cumberland! Os Cumberlands tinham agora uma casa em Portland Place, ela almoçara com eles outro dia, e atrevera-se a uma pequena piada com o velho, a respeito dos asilos de Sheen Road. Ele piscara. Mas aqui, como o elevador não podia ir mais acima, teve que saltar — sabem os céus em que “departamento”, como diziam. Parou consultando a sua lista de compras, mas ali não teve sorte de encontrar nem sais de banho nem botas de menino, como a lista pedia. E na verdade já ia descer novamente sem comprar nada, mas escapou dessa vergonha dizendo automaticamente em

voz alta o último item de sua lista, que vinha a ser “lençóis para cama de casal”.

— Lençóis para cama de casal — disse para um homem no balcão, e, por uma concessão da Providência, eram lençóis que o homem daquele exato balcão vendia. Pois Grimsditch, não, Grimsditch já tinha morrido; Bartholomew, não, Bartholomew já tinha morrido; então Luísa — Luísa viera até ela numa grande aflição, outro dia, pois encontrara um buraco na ponta do lençol da cama real. Muitos reis e rainhas tinham dormido lá. — Elizabeth; Jaime; Carlos; Jorge; Vitória; Eduardo; não era de admirar que o lençol tivesse um buraco. Mas Lufsa era afirmativa: ela sabia quem o fizera. Era o príncipe consorte.

Sale boche![25] — disse (pois tinha havido outra guerra, desta vez contra os alemães).

Lençóis para cama de casal — repetia Orlando sonhadoramente, para uma cama de casal com uma colcha prateada, num quarto decorado com um gosto que ela agora achava talvez um pouco vulgar — todo de prata; pois ela o mobiliara quando estava apaixonada por aquele metal. Enquanto o homem foi buscar os lençóis para cama de casal, ela pegou um pequeno espelho e uma pluma de pó. As mulheres não são mais tão disfarçadas em suas maneiras, pensava, empoando-se com a maior despreocupação, como no tempo em que pela primeira vez se transformara em mulher e repousava no convés do *Enamoured Lady*. Deliberadamente, deu ao nariz o tom apropriado. Nunca tocava suas faces. Honestamente, embora tivesse agora 36 anos, não aparentava nem um dia a mais. Parecia tão amuada, tão mal-humorada, tão bonita, tão rosada (como uma árvore de Natal com mil velas, como dissera Sasha) como ficara naquele dia no gelo, quando o Tâmisa congelara e tinham ido patinar...

— O melhor linho irlandês, senhora — disse o vendedor, desdobrando os lençóis no balcão —, e eles tinham encontrado uma velhinha apanhando lenha. Nisso, enquanto apalpava distraidamente o linho, uma da portas giratórias entre os departamentos se abriu e deixou passar, talvez do departamento de artigos de fantasia, uma rajada de cheiro de cera, como se tingido por velas cor-de-rosa, e o cheiro curvou-se como uma concha em redor de uma figura — seria um rapaz ou uma moça? — jovem, delgada, sedutora — uma moça, por Deus! coberta de peles, pérolas, de calças russas; mas infiel, infiel!

— Infiel! — gritou Orlando (o vendedor tinha se retirado), e toda a loja parecia balouçar em águas amarelas, e bem longe viu os mastros do navio russo fazendo-se ao mar, e então, miraculosamente (talvez a porta tivesse sido aberta outra vez), a concha que o perfume produzira se transformou numa plataforma, num tablado do qual saiu uma mulher gorda, coberta de peles, maravilhosamente bem-conservada, sedutora, cheia de joias, uma amante do grão-duque; a mesma que, inclinada às margens do Volga, comendo sanduíches, tinha contemplado os homens se afogando — e começou a atravessar a loja em sua direção.

— Oh, Sasha! — gritou Orlando. Na verdade, estava chocada que tivesse chegado àquele ponto; engordara tanto, estava tão pesadona; inclinou a cabeça sobre o linho, de modo que passasse por trás dela, despercebida, essa aparição de uma mulher cinzenta, envolta em peles, e de uma jovem russa, de calças, com todos esses cheiros que trazia consigo — de velas de cera, de flores brancas e de velhos navios.

— Guardanapos, toalhas, guarda-pós hoje, senhora? — insistiu o vendedor. E foi graças à lista de compras que Orlando agora consultava que pôde responder, com aparente tranquilidade, que só precisava de uma coisa no mundo, que eram sais de banho — e que isso era em outro departamento.

Mas, descendo outra vez no elevador — tão insidiosa é a repetição de qualquer cena —, mergulhava de novo bem longe do momento presente; e quando o elevador bateu no chão, pensou ter ouvido um pote quebrar contra a margem do rio. E quanto a achar o departamento apropriado, qualquer que fosse ele, permaneceu absorta entre as bolsas, surda às sugestões de todos os vendedores polidos, vestidos de preto, penteados, atentos, que, descendo também — e alguns, talvez, tão orgulhosamente — das mesmas profundezas do passado que ela, preferiram deixar cair a impenetrável barreira do presente, de modo a hoje aparecerem como simples vendedores em Marshall & Snelgrove. Orlando ficou ali hesitante. Através das grandes portas de vidro podia ver o tráfego em Oxford Street. Ônibus pareciam empilhar-se sobre ônibus e depois apartar-se. Assim os blocos de gelo tinham-se amontoado e balançado, naquele dia, no Tâmisa. Um velho nobre de chinelos de pele estava escarranchado num deles. Ele passara — ela podia vê-lo agora — lançando maldições aos rebeldes irlandeses. Eles naufragaram ali, onde o carro dela estava parado.

“O tempo tem passado por mim”, pensou, procurando se recobrar; “é a chegada da meia-idade. Que coisa estranha! Nada é mais uma coisa só! Pego uma bolsa e penso numa velha vendedora de maçãs, num barco, congelada. Alguém acende uma vela cor-de-rosa e vejo um moça de calças russas. Quando saio — como faço agora”, aqui pisou na calçada de Oxford Street, “que gosto sinto? De pequenas ervas. Ouço sinos de cabras. Vejo montanhas. Turquia? Índia? Pérsia?”, seus olhos se encheram de lágrimas.

Talvez o leitor se surpreenda que Orlando tenha se afastado um pouco demais do momento presente, ao vê-la agora se preparando para entrar no carro, com os olhos cheios de lágrimas e de visões das montanhas persas. E de fato não se pode negar que os mais bem-sucedidos praticantes da arte de viver, frequentemente pessoas desconhecidas, inventam alguma forma de sincronizar os sessenta ou setenta tempos diferentes que batem simultaneamente em todo o sistema humano normal, de maneira que, quando soam 11 horas, todo resto o ressoa em uníssono, e o presente não é nem uma violenta interrupção nem um completo esquecimento do passado. Deles podemos apenas dizer que vivem precisamente os 68 ou 72 anos consignados em seus túmulos. Do resto, alguns sabemos estarem mortos, embora andem entre nós; alguns ainda não nasceram, embora assumam outras formas de vida; outros têm centenas de anos de idade, embora confessem apenas 36. A verdadeira extensão da vida de uma pessoa, diga o que disser o *Dicionário Biográfico Nacional*, é sempre matéria discutível. Pois esse registro de tempo é tarefa difícil; nada o desordena mais rapidamente do que o contato com qualquer das artes; e foi talvez pelo seu amor à poesia que Orlando perdeu a lista de compras e voltou para casa sem as sardinhas, os sais de banho e as botas. Agora que estava com a mão na porta do carro, o presente golpeou-lhe de novo a cabeça. Agrediu-a violentamente 11 vezes.

Com os diabos! — gritou, pois ouvir o relógio bater é um grande choque para o sistema nervoso —, tanto que por algum tempo não há nada a dizer sobre ela, exceto que franziu um pouco a testa, fez admiravelmente as mudanças de marcha e gritou como antes: “Olhem para onde vão! Não sabem o que querem? Então por que não dizem?”, enquanto o carro arrancava, movia-se, abria caminho, deslizava — pois ela era exímia motorista — por Regent Street, Haymarket, Northumberland Avenue, Westminster Bridge, à esquerda, em frente, à direita, em frente outra vez...

A Old Kent Road estava muito cheia de gente, na quinta-feira, 11 de outubro de 1928. O povo transbordava da calçada. Havia mulheres com sacolas de compras. Crianças corriam. Havia liquidações nas lojas de tecidos. As ruas alargavam e estreitavam. Longas perspectivas se encolhiam uniformemente. Aqui era um mercado. Aqui um funeral. Aqui uma procissão, com estandartes onde estava escrito "Ra-Uh", e que mais? A carne era muito vermelha. Os açougueiros ficavam à porta. As mulheres estavam com os saltos dos sapatos quase cortados. "Amor Vin" — lia-se sobre um pórtico. Uma mulher olhava da janela de um quarto de dormir, profundamente contemplativa e muito quieta. Applejohn e Applebed, Undert... não se podia ver nada inteiro nem ler do princípio ao fim. O que se via começar — como dois amigos atravessando a rua para se encontrarem — não se via terminar. Depois de vinte minutos o corpo e a mente eram como pedaços de papel rasgado caindo de um saco, e, na verdade, o processo de dirigir depressa por Londres afora se assemelha tanto ao ato de cortar a identidade em pequenos pedaços — o que precede a inconsciência e talvez a própria morte — que não se sabe como afirmar que Orlando tenha existido no momento presente. Na verdade, poderíamos considerá-la uma pessoa inteiramente dissociada se não acontecesse finalmente, de uma tela verde ser estendida à direita, contra a qual os pedacinhos de papel caíam mais vagarosamente; e depois outra ser estendida à esquerda, de forma que se podia ver os pedaços separados agora girando sozinhos no ar; e então telas verdes foram estendidas continuamente de cada lado, de modo que sua mente readquiriu a ilusão de prender as coisas dentro de si e ela viu um chalé, um pátio de fazenda e quatro vacas, tudo precisamente em tamanho natural.

Quando isso aconteceu, Orlando deu um suspiro de alívio, acendeu um cigarro e deu uma baforada por um ou dois minutos em silêncio. Então chamou hesitantemente — como se a pessoa que ela procurasse pudesse não estar ali: "Orlando"? Pois se há (por acaso) 76 tempos diferentes, todos pulsando de uma vez na mente, quantas pessoas diferentes não haverá — Deus nos ajude —, todas morando num tempo ou noutro no espírito humano? Alguns dizem que há 2.052. De modo que é a coisa mais comum do mundo uma pessoa chamar, quando está sozinha, Orlando? (se este for o nome), querendo dizer com isso vem, vem! estou mortalmente cansada deste *eu*. Preciso de um outro. Daí as surpreendentes mudanças que vemos em nossos amigos. Mas isso também não é muito fácil, pois,

embora se possa dizer, como Orlando disse (estando no campo e precisando provavelmente de outro eu), Orlando? ainda assim o Orlando de que ela precisa pode não vir; esses eus de que somos construídos, sobrepostos um ao outro como pratos empilhados na mão de um garçom, têm ligações em outros lugares, simpatias, pequenos códigos e direitos próprios, chamem o que quiserem (pois muitas dessas coisas não têm nome), de forma que um só virá se estiver chovendo, outro se for num quarto com cortinas verdes, outro quando a sra. Jones não estiver, outro se puder prometer um copo de vinho, e assim por diante; pois cada pessoa pode multiplicar a partir da própria experiência as diferentes condições impostas pelos seus diferentes eus — e algumas são tão ridículas que não podem ser impressas.

Assim, Orlando passando pelo celeiro chamou "Orlando?" com uma nota de interrogação na voz e esperou. Orlando não veio.

— Então tudo bem — disse Orlando com o bom humor que as pessoas possuem nessas ocasiões; e tentou outro. Pois ela possuía uma grande variedade de eus para chamar, muito mais do que temos espaço para oferecer, de vez que uma biografia é considerada completa se simplesmente dá conta de seis ou sete eus, embora uma pessoa possa ter muitos milhares deles. Escolhendo, pois, apenas aqueles eus que já incluímos, Orlando podia agora chamar pelo menino que golpeou a cabeça do negro; o menino que a pendurou de novo; o menino que sentava na colina; o menino que viu o poeta; o menino que ofereceu a tigela de água de rosas à rainha; ou podia ter chamado o jovem que se apaixonou por Sasha; ou pelo cortesão; ou pelo embaixador; ou pelo soldado; ou pelo viajante; ou podia ter apelado para a mulher; a cigana; a grande dama; a eremita; a moça apaixonada pela vida; a protetora das letras; a mulher que chamava Mar (querendo dizer banhos quentes e fogos noturnos) ou Shelmerdine (significando açafrões nos bosques de outono) ou Bonthrop (significando a morte que morremos diariamente) ou todos os três juntos — o que significa muito mais coisas do que o espaço de que dispomos — todos eram diferentes, e ela podia ter chamado qualquer um deles.

Talvez; mas o que parece certo (pois agora estamos na região do "talvez" e do "parece") é que o eu de que ela mais precisava se mantinha a distância, pois ela ia mudando seus eus tão rapidamente quanto dirigia, a julgar pelo que se ouvia, e havia um novo eu em cada esquina — como acontece quando por alguma razão inconfessável o eu consciente, que é o

mais importante e tem o poder de desejar, não deseja ser mais nada senão um único eu. Isto é o que alguns chamam de o verdadeiro eu e é, dizem, a união de todos os outros eus que existem em nós, comandados e aprisionados pelo eu-capitão, o eu-chave, que amalgama e controla todos os outros. Orlando estava certamente procurando esse eu, como o leitor pode julgar ouvindo sua conversa enquanto dirigia (e se é uma conversa incoerente, sem sentido, banal, insípida e às vezes ininteligível, é culpa do leitor, por prestar atenção à conversa de uma senhora falando consigo mesma; nós apenas copiamos as palavras como são faladas, acrescentando entre parênteses o eu que em nossa opinião está falando, mas bem podemos estar errados).

— O quê, então? Quem, então? — disse ela. — Trinta e seis anos; num carro; uma mulher. Sim, mas um milhão de outras coisas mais. Serei uma esnobe? A jarreteira no vestíbulo? Os leopardos? Meus antepassados? Orgulhosa deles? Sim! Gananciosa, voluptuosa, depravada? Serei? (aqui entrou um novo eu). Não me importo nem um pouco se for. Sincera? Acho que sim. Generosa? Oh, mas isso não conta (aqui um novo eu entrou). Ficar na cama a manhã inteira em lençóis de linho ouvindo os pombos; baixela de prata; vinho; empregadas; lacaios. Mimada? Talvez. Coisas demais para nada. Daí meus livros (aqui mencionou cinquenta títulos clássicos que representavam, pensamos, as primeiras obras românticas que havia rasgado). Fácil, volúvel, romântica? Mas (aqui entrou um outro eu) desajeitada e desastrada. Mais sem jeito não podia ser. E... e... (aqui hesitou sobre uma palavra, e se sugerirmos "amor" podemos estar errados, mas certamente ela riu e corou e depois gritou) um sapo de esmeraldas! Harry, o arquiduque! Varejeiras azuis no teto! (aqui entrou um outro eu). Mas Nell, Kit, Sasha? (mergulhou em tristeza: realmente, lágrimas se formaram, e havia tempos que ela não chorava). Árvores, disse ela. (Aqui entrou um novo eu.) Eu amo as árvores (ela estava passando por um arvoredo) que crescem ali há milhares de anos. E celeiros (passava por um celeiro em ruínas na beira da estrada). E cães pastores (aqui um atravessou a estrada correndo. Ela cuidadosamente o evitou). E a noite. Mas pessoas (aqui entrou um outro eu). Pessoas? (Repetiu como se fosse uma pergunta.) Não sei. Faladoras, maliciosas, sempre dizendo mentiras. (Aqui dobrou na rua principal de sua cidade natal, que estava cheia — porque era dia de feira — de fazendeiros, pastores e velhas com galinhas em cestas.) Gosto de camponeses. Entendo de colheitas. Mas (aqui um outro eu saltou

para o topo de sua mente, como o facho de um farol). Fama! (Riu-se.) Fama! Sete edições. Um prêmio. Fotografias nos vespertinos (aqui referia-se a "O Carvalho" e ao prêmio de Burdett Coutts, que ganhara; e aqui aproveitamos o espaço para observar como é desconcertante para o seu biógrafo que este clímax a que todo livro conduz, esta peroração com a qual o livro ia acabar seja frustrada por uma gargalhada casual como esta; mas a verdade é que, quando escrevemos sobre uma mulher, tudo fica fora de lugar — clímax e perorações; o acento não cai nunca onde costuma cair com um homem). Fama!, repetiu. Um poeta — um charlatão; ambos todas as manhãs tão regularmente quanto o correio. Jantar, encontrar-se; encontrar-se, jantar; fama ... fama! (Aqui teve que diminuir a marcha para passar por entre a multidão da feira. Mas ninguém reparou nela. Um porco-do-mar na banca de um peixeiro atraía mais atenção do que uma senhora que ganhou um prêmio e que poderia, se quisesse, usar na cabeça três diademas superpostos.) Dirigindo bem devagar agora, sussurrava como que uma parte de uma velha canção "com os meus guinéus comprarei árvores floridas, árvores floridas, árvores floridas, e caminhareis entre as minhas árvores floridas e contarei aos meus filhos o que é a fama na vida". Assim sussurrava, e agora todas as suas palavras começaram a vergar aqui e ali, como um colar selvagem de contas pesadas. "E caminharei entre as minhas árvores floridas", cantou, acentuando fortemente as palavras "e verei a lua devagar subir e o vagão partir..." Aqui parou de repente e olhou para a capota do carro, em profunda meditação.

"Ele sentou-se à mesa de Twitchett", refletiu, "com uma gola suja... Seria o velho sr. Baker que vinha medir a madeira? Ou seria Sh-p-re?" (porque, quando falamos em nomes que reverenciamos profundamente, nunca os dizemos por inteiro). Olhou fixamente para a frente durante dez minutos, deixando o carro quase parado. "Assombração!", gritou, pressionando repentinamente o acelerador. "Assombração! Desde que eu era criança. Lá vai voando o ganso selvagem. Passa pela janela rumo ao mar. Dei um pulo (agarrou com força o volante) e depois me estiquei. Mas o ganso voa muito rápido. Eu o vi aqui — lá — além — na Inglaterra, na Pérsia, na Itália. Sempre voa rápido para o mar e sempre lhe atiro palavras como redes (aqui pôs a mão para fora) que se encolhem como as redes que tenho visto encolhidas no convés, apenas com algas dentro; e às vezes há uma polegada de prata — seis palavras — no fundo da rede. Mas nunca

um peixe grande, que vive nos bosques de coral.” Aqui baixou a cabeça, em profunda reflexão.

E foi neste momento, quando deixou de chamar “Orlando” e estava em profundos pensamentos a respeito de outra coisa, que o Orlando que chamara apareceu por conta própria; como se pode provar pela transformação que aconteceu nela (tinha passado os portões da propriedade e estava entrando no parque).

Toda ela escureceu e se firmou, como quando se acrescenta um contraste para dar relevo e solidez a uma superfície, e o raso se torna profundo, e o perto, distante; e tudo isso é contido como a água é contida pelas paredes de um poço. Assim ela estava agora escura, tranquila, e se transformou — com o acréscimo deste Orlando — naquilo que é chamado, correta ou erroneamente, de um único eu, um autêntico eu. E ficou em silêncio. Pois é provável que, quando as pessoas falam alto, os eus (dos quais pode haver mais de dois mil) tenham consciência de sua divisão e procurem se comunicar, mas, quando a comunicação é estabelecida, ficam em silêncio.

Habilmente, rapidamente, dirigiu pela alameda curva entre álamos e carvalhos, pela grama do parque, cujo declive era tão suave que se fosse água teria se espalhado pela praia como uma lisa maré verde. Plantados aqui e ali havia grupos solenes de faias e carvalhos. Os veados caminhavam entre as árvores, um branco como a neve, outro com a cabeça de lado, pois alguma cerca de arame tinha prendido os seus chifres. Tudo isso, as árvores, os veados, a grama, ela observava com a maior satisfação, como se sua mente tivesse se tornado um líquido que fluísse ao redor das coisas e as envolvesse completamente. No minuto seguinte parou no pátio, onde por tantas centenas de anos chegara a cavalo ou de carruagem de três parelhas, com homens cavalgando à frente, ou vindo atrás; onde plumas tinham balançado, tochas brilhado, e as mesmas árvores floridas que agora deixam as folhas caírem tinham sacudido suas flores. Ela agora estava sozinha. As folhas de outono estavam caindo. O porteiro abriu os grandes portões. “Bom dia, Jaime”, disse ela, “há coisas no carro. Pode trazê-las?”, palavras sem beleza, interesse ou significado em si mesmas, é certo, mas agora tão repletas de significado que caíam como nozes maduras de uma árvore e provavam que, quando a pele enrugada do comum é recheada de significado, satisfaz surpreendentemente os sentidos. Isto era verdadeiro agora em relação a cada movimento e ação, por mais costumeiros que

fossem; de modo que ver Orlando trocar a saia por um par de calças de bombazina e uma jaqueta de couro — o que fez em menos de três minutos — era ficar encantado com a beleza do movimento, como se Madame Lopokova estivesse demonstrando sua melhor arte. Então dirigiu-se para a sala de jantar, onde os velhos amigos Dryden, Pope, Swift, Addison olharam-na a princípio gravemente, como que dizendo: "Eis quem ganhou o prêmio!" Mas, quando refletiram que se tratava de duzentos guinéus, balançaram a cabeça aprovando. Duzentos guinéus, pareciam dizer; duzentos guinéus não são para se desprezar. Ela cortou uma fatia de pão e de presunto, juntou-as e começou a comer passeando pela sala para lá e para cá, e assim abandonou as boas maneiras em um segundo, sem perceber. Depois de cinco ou seis voltas, esvaziou um copo de vinho tinto espanhol e, enchendo outro que levava na mão, atravessou o longo corredor e uma dúzia de salas e assim começou a perambular pela casa, escoltada por galgos e *spaniels* que escolheu para acompanhá-la.

Isso também era parte de sua rotina diária. Chegar em casa e deixar sua avó sem um beijo era como voltar e deixar a casa sem percorrê-la. Imaginava que os quartos se iluminavam quando ela entrava; que se agitavam abriam os olhos, como se tivessem dormido durante a sua ausência. Imaginava também que centenas e milhares de vezes ela os tinha visto e que nunca pareciam duas vezes os mesmos, como se uma vida tão longa quanto a deles tivesse acumulado milhares de modos que mudavam com inverno e verão, com tempo claro e sombrio, com a sua própria sorte e com os temperamentos das pessoas que os visitavam. Eram sempre educados com estranhos, mas um pouco enfastiados; com ela eram inteiramente francos e à vontade. E por que não? Eles se conheciam por quase quatro séculos, agora. Não tinham nada a esconder. Ela conhecia suas tristezas e alegrias. Conhecia a idade de cada parte deles e seus pequenos segredos — uma gaveta secreta, um armário disfarçado ou algum defeito talvez, como um pedaço remendado ou acrescentado depois. Eles também a conheciam em todos os seus modos e transformações. Ela não tinha nada a esconder deles; estivera lá como menino e como mulher, chorando e dançando, pensativa e alegre. No banco desta janela escrevera os primeiros versos; naquela capela casara. Seria enterrada ali, refletiu, ajoelhando-se no parapeito da janela, no longo corredor, e bebericando o vinho espanhol. Embora não pudesse imaginar, o corpo de leopardo heráldico estaria formando poças amarelas no chão, no dia em que a

enterrassem entre os seus antepassados. Ela, que não acreditava em nenhuma imortalidade, não podia deixar de sentir que sua alma estaria indo e vindo para sempre com os vermelhos dos painéis e os verdes dos sofás. Pois o aposento — acabava de entrar no quarto de dormir do embaixador — brilhava como uma concha que, tendo ficado séculos no fundo do mar, fora recoberta e pintada pela água, com um milhão de cores; era rosa e amarela, verde e cor de areia. Era frágil como uma concha, tão iridescente e tão vazio. Nenhum embaixador dormiria ali outra vez. Ah!, mas ela sabia onde o coração da casa ainda batia. Gentilmente abrindo a porta, permaneceu na soleira de modo que (imaginava) o aposento não pudesse vê-la e contemplou a tapeçaria que se levantava e caía com a eterna e suave brisa que nunca deixava de agitá-la. O caçador ainda cavalgava; Dafne ainda voava. O coração ainda batia, pensou, embora muito fraco, embora muito distante, o frágil, indomável coração do imenso edifício.

Agora, chamando os cachorros, passou pela galeria cujo chão era coberto com troncos de carvalhos serrados. Filas de cadeiras, com os veludos desbotados, estavam encostadas à parede, com braços abertos para Elizabeth, para Jaime, para Shakespeare, talvez, para Cecil, que nunca vinham. Essa visão entristeceu-a. Desamarrou a corda que as cercava. Sentou na cadeira da rainha; abriu um livro manuscrito que estava sobre a mesa de Lady Betty; revolveu com os dedos as velhas pétalas de rosas; escovou o cabelo curto com a escova de prata do rei Jaime, sacudiu-se para cima e para baixo na cama dele (mas nenhum rei dormiria lá novamente, apesar dos lençóis novos de Luísa) e comprimiu o rosto contra a gasta colcha prateada que a cobria. Mas por toda parte havia pequenos sacos de alfazema para afastar as traças e avisos impressos “favor não tocar”, que, embora ela mesma tivesse colocado, pareciam censurá-la, A casa não era mais inteiramente sua, suspirou. Pertencia agora ao tempo; à história; estava fora do contato e do controle dos vivos. Ali nunca mais se derramaria cerveja, pensou (estava no quarto onde ficara o velho Nick Greene), nem se fariam buracos de queimadura no carpete. Nunca mais duzentos criados viriam correndo e gritando pelos corredores, com panelas quentes e com grandes galhos para as grandes lareiras. Nunca mais se prepararia cerveja preta, nem se fariam velas, nem se moldariam selas, nem se talhariam pedras nas oficinas do lado de fora da casa. Martelos e malhos estavam agora silenciosos. Cadeiras e camas estavam vazias;

jarros de ouro e prata trancados em vitrines. As grandes asas do silêncio abanavam para cima e para baixo na casa vazia.

Assim sentou-se na extremidade da galeria com os cachorros deitados à sua volta, na poltrona dura da rainha Elizabeth. A galeria se estendia ao longe, até um ponto onde a luz quase falhava. Era como um túnel enterrado profundamente no passado. Enquanto passeava os olhos, podia ver gente rindo e conversando; grandes homens que conhecera; Dryden, Swift e Pope; e estadistas em colóquio; e amantes flertando nos bancos das janelas; e gente comendo e bebendo em longas mesas; e a fumaça da lenha volteando sobre suas cabeças e fazendo-os espirrar e tossir. Ainda mais longe viu grupos de esplêndidos dançarinos formados para a quadrilha. Uma música aflautada, frágil, mas apesar de tudo imponente, começou a tocar. Um órgão retumbou. Um caixão foi trazido para a capela. Um cortejo de casamento saía dali. Homens armados com capacetes partiam para a guerra. Traziam estandartes de Floddene Poitiers, e penduravam-nos na parede. Assim a extensa galeria ficou repleta; e ainda perscrutando adiante, pensou distinguir bem no fundo, além dos elisabetanos, dos Tudors, alguém mais velho, mais distante, mais sombrio, uma figura encapotada, monástica, austera, um monge, segurando um livro entre as mãos, murmurando...

Como um trovão, o relógio de pé bateu quatro horas. Nunca um terremoto demoliu assim uma cidade inteira. A galeria e todos os seus ocupantes foram reduzidos a pó. Seu próprio rosto, que estivera escuro e sombrio enquanto olhava, iluminou-se com uma explosão de pólvora. Nessa mesma luz tudo que a cercava mostrava-se com extrema nitidez. Viu duas moscas girando e observou o brilho azul de seus corpos; viu um nó na madeira onde estava o seu pé e o tremor da orelha de um de seus cachorros. Ao mesmo tempo ouviu um galho quebrando no jardim, uma ovelha balindo no parque, um grito agudo pela janela. Seu próprio corpo tremeu e vibrou como se tivesse ficado despida de repente, numa forte geada. No entanto, ao contrário do que fizera quando o relógio batera dez horas em Londres, permaneceu completamente serena (porque agora ela era una e íntegra e apresentava, talvez, uma superfície maior para o choque do tempo). Levantou-se, mas sem precipitação, chamou os cachorros e desceu a escada com firmeza mas com grande agilidade de movimentos e foi para o jardim. Aqui as sombras das plantas eram miraculosamente diversificadas. Observou grão por grão da terra dos

canteiros, como se tivesse um microscópio nos olhos. Viu o emaranhado dos ramos de cada árvore. Cada folha de grama era diferente, e cada nervura, e cada pétala. Viu Stubbs, o jardineiro, vindo pela alameda, e era visível cada botão de suas polainas; viu Betty e Prince, os cavalos da charrete, e nunca notara tão claramente a estrela branca na testa de Betty, e três pelos mais longos que caíam da cauda de Prince. Lá fora no pátio as velhas paredes cinzentas da casa pareciam uma fotografia recente, arranhada; ouviu o alto-falante condensando no terraço uma música de dança que se ouvia em Viena, na grande Casa de Ópera, de veludo vermelho. Estimulada e excitada pelo momento presente, sentia-se também estranhamente amedrontada, como se cada segundo abrisse uma brecha no golfo do tempo e pudesse trazer consigo algum perigo desconhecido. A tensão era implacável e rigorosa demais para ser suportada sem desconforto. Caminhou mais rapidamente do que desejava, como se suas pernas se movessem sozinhas através do jardim, saindo para o parque. Aqui fez um grande esforço para parar na carpintaria e ficou ali parada, observando Joe Stubbs modelar uma roda de charrete. Estava parada, os olhos fixos na mão dele, quando soou um quarto de hora. Aquilo a atingiu como um meteoro, tão quente que dedos não podem segurar. Viu com desagradável nitidez que o polegar da mão direita de Joe estava sem a unha e no lugar dela havia uma rodela de carne cor-de-rosa. A visão era tão repulsiva que por um momento sentiu que ia desmaiar, mas naquele momento de escuridão, quando suas pálpebras estremeceram, ficou aliviada da pressão do presente. Havia algo estranho na sombra que o tremular de seus olhos esboçou, algo que (como qualquer pessoa pode testar olhando agora para o céu) está sempre fora do presente — daí seu terror, seu caráter indefinível —, algo cujo corpo se hesita em atravessar com um alfinete e chamar de beleza, pois não tem corpo, é como uma sombra sem substância ou qualidade próprias, embora tenha o poder de mudar tudo aquilo a que se soma. Agora, enquanto ela pestanejava em seu desmaio diante da carpintaria, essa sombra saiu furtivamente e, apegando-se às inúmeras visões que tinha presenciado, transformou-as em algo tolerável, compreensível. Sua mente começou a balançar como o mar. Sim, pensava, dando um profundo suspiro de alívio, enquanto voltava da carpintaria para subir a colina, posso começar a viver novamente. Estou à margem da Serpentina, pensou, o barquinho está subindo pelo arco branco de mil mortes. Estou prestes a compreender...

Estas foram suas palavras, ditas bem claramente, mas não se pode ocultar o fato de que ela agora era uma testemunha muito indiferente à verdade daquilo que estava diante de si e podia facilmente ter confundido um carneiro com uma vaca, ou um velho chamado Smith com um que se chamava Jones, e nada tinha a ver com aquele. Pois a sombra do desmaio causado pelo polegar sem unha escavara-lhe um poço na parte posterior do cérebro (que é o ponto mais distante da visão), onde as coisas habitam numa escuridão tão profunda que raramente sabemos o que são. Agora ela olhava para dentro desse poço ou mar no qual tudo é refletido — e, na verdade, alguns dizem que todas as nossas mais violentas paixões, e a arte, e a religião, são reflexos que vemos no vão escuro da parte posterior da cabeça quando o mundo visível fica obscurecido pelo tempo. Olhava para lá, agora, longa e profundamente, e logo a alameda de samambaias que conduzia à colina, por onde ia caminhando, tornou-se não completamente uma alameda, mas parcialmente a Serpentina; os espinheiros eram parcialmente senhoras e cavalheiros sentados, com estojos de cartões de visitas e bengalas de castão de ouro; os carneiros eram parcialmente casas altas de Mayfair; tudo era parcialmente outra coisa, como se sua mente tivesse se tornado uma floresta, com clareiras se ramificando aqui e ali; as coisas se aproximavam e se afastavam, se misturavam e se separavam e faziam estranhas alianças e combinações, num incessante xadrez de luz e sombra. Ela esqueceu o tempo até que Canute, o galgo, caçou um coelho, e isso lembrou-a de que deviam ser quatro e meia — na verdade eram 23 minutos para as seis — ela esquecera do tempo.

A alameda de samambaias conduzia com muitas voltas e curvas cada vez mais alto até o carvalho, que ficava no topo. A árvore se tornara maior, mais robusta e mais cheia de nós do que quando ela a conhecera, aí pelo ano de 1588, mas ainda estava no vigor da vida. As pequenas folhas angulosamente recortadas ainda tremulavam densamente em seus ramos. Atirando-se ao chão, sentiu os ossos da árvore alongando-se para um lado e para outro, debaixo de si, como costelas de uma espinha dorsal. Gostava de pensar que cavalgava o dorso do mundo. Gostava de se agarrar a algo firme. Quando se atirou ao chão, um pequeno livro quadrado, encadernado em tecido vermelho, caiu do peito de sua jaqueta de couro — seu poema "O Carvalho". "Eu deveria ter trazido uma pá", refletiu. A terra era tão rasa sobre as raízes que parecia duvidoso que ela pudesse fazer o que queria — enterrar o livro ali. Além disso, os cachorros o desencavariam. A

sorte jamais acompanha essas celebrações simbólicas, pensou. Talvez então fosse melhor dispensá-las. Tinha um pequeno discurso na ponta da língua, que pensava pronunciar sobre o livro quando fosse enterrá-lo (era uma cópia da primeira edição, assinada pelo autor e artista). “Enterro isto como um tributo”, ia dizer, “um retorno à terra daquilo que a terra me deu”, mas Senhor!, quando se começa a dizer palavras em voz alta, como elas soam bobas! Recordou-se do velho Greene, subindo numa plataforma, outro dia, comparando-a com Milton (a não ser pela cegueira) e entregando-lhe um cheque de duzentos guinéus. Pensara então no carvalho, aqui, na colina, e se perguntara o que uma coisa tinha a ver com a outra. O que o elogio e a fama têm a ver com a poesia? O que têm a ver sete edições (já chegara a isso) com o valor do livro? Escrever poesia não era uma transação secreta, uma voz respondendo a outra voz? De modo que todo esse palavrório, e elogio, e censura, e encontrar pessoas que admiram, e pessoas que não admiram, não combinam com a coisa em si — uma voz respondendo a outra voz. Que podia haver de mais secreto, pensou, mais lento e semelhante à conversa dos amantes do que a claudicante resposta que dirigira todos esses anos à velha e sussurrante canção dos bosques, e às fazendas, aos cavalos castanhos parados no portão, pescoço contra pescoço, e à ferraria, e à cozinha, e aos campos que tão laboriosamente produzem trigo, nabos, grama, e ao jardim explodindo de íris e lilases?

De modo que deixou ali o livro, sem enterrá-lo, em desalinho no chão, e contemplou a ampla vista, variada naquela tarde como o fundo do oceano, com o sol iluminando e as sombras escurecendo. Havia uma aldeia com a torre da igreja entre álamos; a cúpula cinzenta de uma mansão, num parque; um facho de luz brilhando numa vidraça; um quintal com espigas de milho amarelas. Os campos eram marcados por agrupamentos de árvores negras, e para além dos campos se estendiam vastas florestas e havia o brilho de um rio e depois novamente colinas. A distância os penhascos de Snowdon quebravam-se, brancos, entre as nuvens; ela via as longínquas colinas escocesas e as selvagens marés que faziam redemoinhos em torno das Hébridas. Escutou o som do canhão, no mar. Não — apenas o vento soprava. Não havia guerra hoje. Drake se fora; Nelson se fora. “E ali”, pensou, deixando os olhos que tinham ficado olhando essas distâncias caírem uma vez mais sobre a terra a seus pés, “um dia foi a minha terra: aquele castelo entre as colinas era meu; e todo

este pântano, que vai quase até o mar, era meu." Aqui a paisagem (deve ter sido algum jogo da luz que empalidecia) se abalou, se ergueu, e deixou deslizar toda essa aglomeração de casas, castelos e florestas por suas encostas cônicas. As montanhas nuas da Turquia estavam diante dela. Era um ardente meio-dia. Olhou diretamente para a encosta tostada. Cabras ceifavam os tufos de areia a seus pés. Uma águia pairava sobre ela. A voz rascante do velho Rustum, o cigano, corvejou em seus ouvidos: "Que são a tua antiguidade e a tua raça e as tuas propriedades, comparadas com isto? Por que precisas de quatrocentos quartos e tampas de prata em todas as tuas travessas, e empregadas domésticas espanando?"

Nesse momento algum relógio de igreja soou no vale. A paisagem cônica estremeceu e desmoronou. O presente caiu sobre sua cabeça uma vez mais, mas agora que a luz estava esmaecendo, mais suavemente do que antes, sem destacar nenhum detalhe, nenhuma coisa pequena, apenas campos enevoados, chalés com luzes, a massa adormecida de um bosque e uma luz em forma de leque empurrando a escuridão na sua frente ao longo de uma aleia. Não podia dizer se tinham batido nove, dez ou 11 horas. A noite chegara — a noite que ela sempre amara, a noite que é quando os reflexos no poço escuro da mente brilham mais claros do que de dia. Não era necessário desmaiar agora para olhar profundamente a escuridão onde as coisas se moldam e ver no poço da mente, ora Shakespeare, ora uma jovem de calças russas, ora um barco de brinquedo na Serpentina, e depois o próprio Atlântico onde se elevam grandes vagas em torno do cabo Horn. Olhou para a escuridão. Lá estava o brigue de seu marido subindo no topo da onda! Alto, cada vez mais alto, mais alto. O arco branco de mil mortes elevava-se diante dele. Oh, homem arrojado, ridículo, sempre velejando assim inutilmente em redor do cabo Horn, nas garras de uma ventania! Mas o brigue passou pelo arco para o outro lado; estava salvo, finalmente!

— Êxtase! — gritou —, êxtase! — E então o vento amainou, as águas se acalmaram; e ela viu as ondas se encrespando calmamente ao luar.

— Marmaduke Bonthrop Shelmerdine! — gritou encostada no carvalho.

O belo, cintilante nome caiu do céu como uma pena azul-aço. Ela observou-a cair girando e torcendo-se como uma flecha vagarosa que perfura lindamente o ar profundo. Ele estava chegando, como sempre vinha em momentos de calmaria mortal. Quando a onda se encrespava e as folhas manchadas caíam lentamente sobre seus pés nos bosques de outono;

quando o leopardo estava quieto; a lua sobre as águas e nada se movia entre o céu e o mar. Então ele chegava.

Tudo estava calmo agora. Era quase meia-noite. A lua subia lentamente por sobre as planícies. Sua luz fez surgir um castelo fantasma sobre a terra. Lá estava a grande mansão com todas as janelas vestidas de prata. Não havia paredes nem substância. Tudo era fantasmagórico. Tudo estava quieto. Tudo estava iluminado como se para a chegada de uma rainha morta. Olhando para baixo, Orlando viu plumas balançando no pátio, tochas tremulando e sombras se ajoelhando. Uma rainha mais uma vez saía de sua carruagem.

— A casa está às suas ordens, senhora — gritou em profunda reverência. — Nada mudou. O falecido senhor, meu pai, a conduzirá para dentro.

Enquanto falava, soou a primeira badalada da meia-noite. A brisa fria do presente varreu-lhe a face com um breve sopro de medo. Olhou ansiosamente para o céu. Estava escuro com nuvens, agora. O vento rugia em seus ouvidos. Mas no rugido do vento ela ouviu o rugir de um aeroplano que se aproximava mais e mais.

— Aqui! Shel, aqui! — gritou, desnudando o peito para a lua (que agora brilhava) de modo que suas pérolas cintilavam como ovos de uma enorme aranha lunar. O aeroplano rompeu as nuvens e permaneceu sobre sua cabeça. Pairou sobre ela. Suas pérolas arderam como uma labareda fosforescente na escuridão.

E quando Shelmerdine, agora um belo capitão de marinha, vigoroso, corado e ágil pulou para o chão, por cima de sua cabeça surgiu um pássaro selvagem solitário.

— É o ganso! — gritou Orlando. — O ganso selvagem...

E a décima segunda badalada da meia-noite soou; a décima segunda badalada da meia-noite de quinta-feira, 11 de outubro de Mil Novecentos e Vinte e Oito.

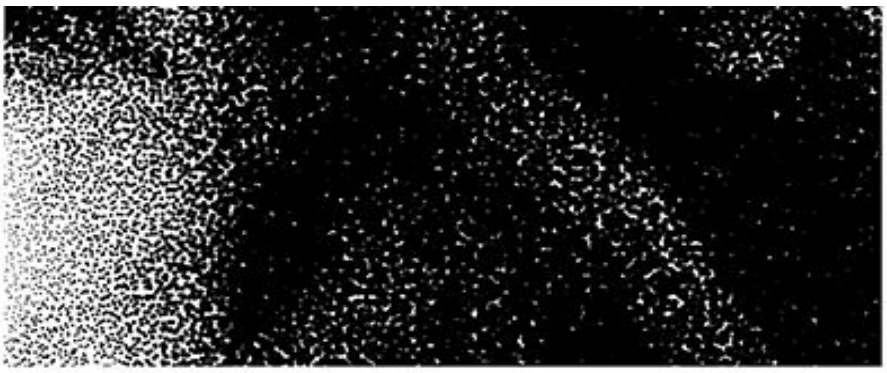
Sobre a autora

Virginia Woolf nasceu em Londres, Inglaterra, em 25 de janeiro de 1882. Filha do editor Leslie Stephen, recebeu uma educação apurada, frequentando o mundo literário desde cedo.

Em 1912, Virginia casou-se com Leonard Woolf. Juntos fundaram, em 1917, a Hogarth Press, editora que, além de publicar as histórias de Virginia, notabilizou-se também por revelar escritores como Katherine Mansfield e T.S. Eliot. O casal Woolf ainda fez parte do grupo Bloomsbury, círculo de intelectuais que se posicionaria contra as tradições literárias, políticas e sociais da Era Vitoriana.

Nesse ambiente de extraordinária expressão intelectual, Virginia Woolf pôde produzir uma obra requintada. Seu maior legado foi desenvolver o que em literatura se convencionou chamar de *stream of consciouness* (fluxo de consciência), isto é, o registro minucioso e fiel do que se passa nas profundezas da mente. Seu romance de estreia foi *A viagem* (1915), e uma das suas obras mais importantes foi *Orlando* (1928), romance histórico que evoca com brilho e humor a Inglaterra da era elisabetana. Destacam-se ainda os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927), *As ondas* (1931), *Os anos* (1937) e *Entre os atos* (publicado postumamente em 1941).

Frequentemente atormentada por crises de depressão, Virginia Woolf se suicidou em 28 de março de 1941, atirando-se ao fundo do rio Ouse, no condado de Sussex, Inglaterra.

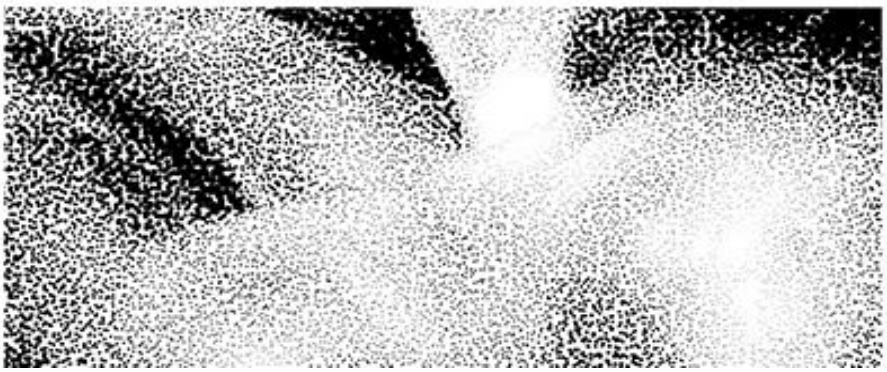


MRS. DALLOWAY

VIRGINIA WOOLF

Tradução: Mario Quintana
Apresentação: Marília Gabriela
10ª edição

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



APRESENTAÇÃO

com virginia woolf aprendi o tempo.

a eternidade de um dia quando se trata da condição humana.

nossa magnitude e nossa pequenez.

um dia qualquer numa sociedade em transformação, uma festa a ser preparada, seres humanos que se tangenciam, que mergulham em si mesmos e seguem, inexoravelmente, para suas solidões.

mrs. dalloway é literatura deslumbrante.

é transmissão do olhar, ensina a ouvir e a reconhecer no outro.

na minha opinião, é prova contundente de que o autor se desnuda, sim, em sua obra.

virginia woolf, aquela que conhecemos por sua rica e trágica história de vida, está toda ali, pulverizada em suas criaturas com suas indagações e suas angústias.

"não desejava morrer. a vida era boa. o sol aquecia. se não fossem os seres humanos..."

mrs. dalloway revolucionou a literatura do século xx.

e me revolucionou.

li este livro pela primeira vez em 1980 e nunca mais fui a mesma.

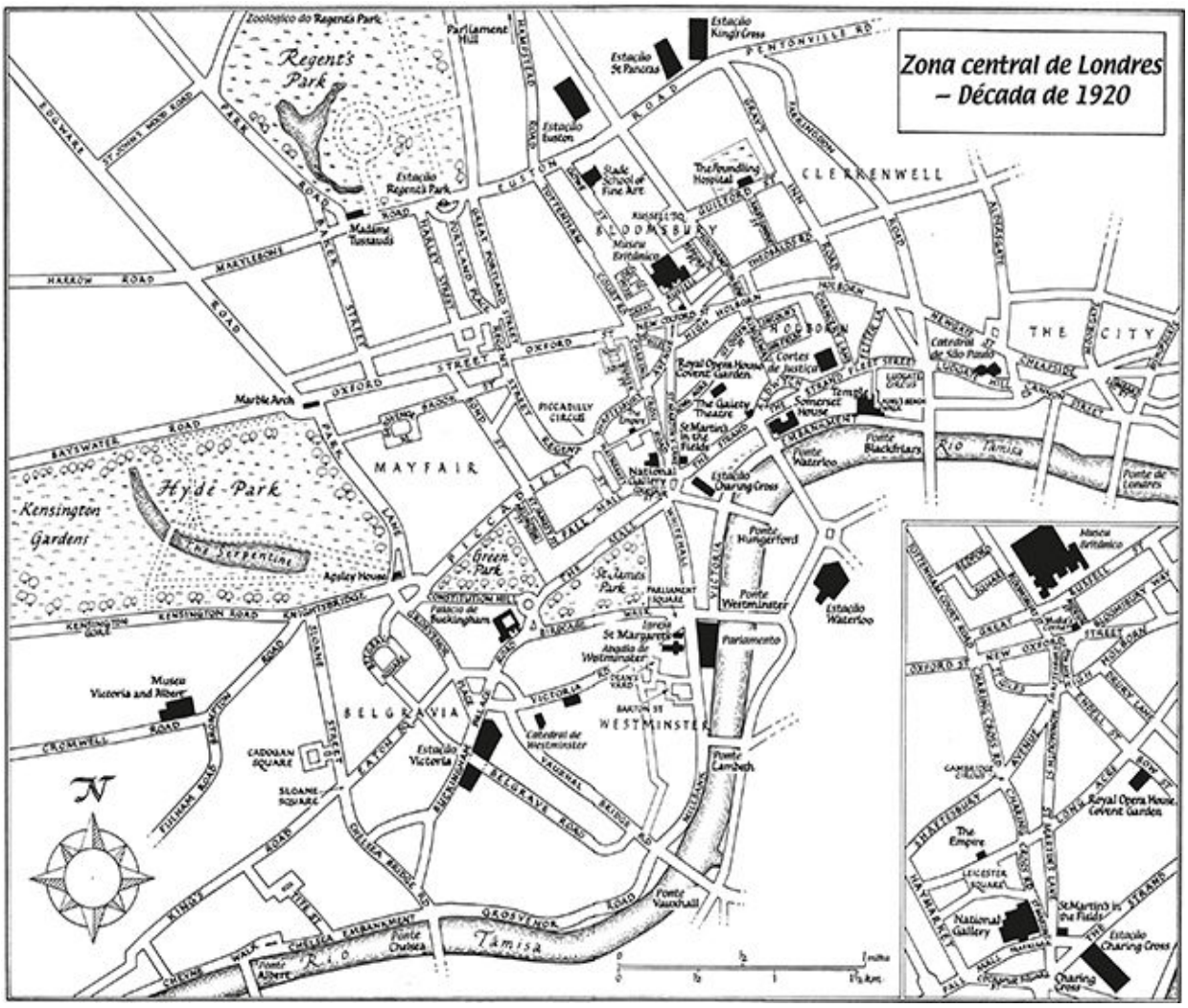
somos todos, do timbuktu a ipanema, pessoinhas tentando acertar, buscando o sentimento impossível, ajeitando-nos daqui e dali, e fechando os olhos, sozinhos, apagando a memória, os sonhos, quando a festa acaba.

só podia ter sido mario quintana, poeta maior, a fazer a tradução.

vinte e tantos anos depois *mrs. dalloway* continua o mesmo.

nós também.

*Marília Gabriela**[26]


Zona central de Londres
– Década de 1920
Zoológico do Regent's Park
Regent's Park
Parliament Hill
Estação Kings Cross
Estação St Pancras
Estação Euston
Estação Regent's Park
Madame Tussauds
Slade School of Fine Art
The Foundling Hospital
CLERKENWELL
BLOOMSBURY
Museu Britânico
HOLBORN
THE CITY
Catedral de São Paulo
Royal Opera House Covent Garden
Cortes de Justiça
The Gaiety Theatre
Somerset House
Templo
Ponte Blackfriars
Rio Tamisa
Ponte de Londres
Marble Arch
PICCADILLY CIRCUS
MAYFAIR
National Gallery
Estação Charing Cross
Ponte Waterloo
Hyde Park
Kensington Gardens
THE SERPENTINE
Apsley House
Green Park
St James's Park
Ponte Hungerford
Ponte Westminster
Estação Waterloo
Palácio de Buckingham
Igreja St Margaret's
Abadia de Westminster
Parlamento
Museu Victoria and Albert
BELGRAVIA
WESTMINSTER
Catedral de Westminster
Estação Victoria
Ponte Lambeth
CADOGAN SQUARE
SLOANE SQUARE
Ponte Vauxhall
Ponte Chelsea
Ponte Albert
Tâmisa
N
1 milha
1 km.
The Empire
LEICESTER SQUARE
Royal Opera House Covent Garden
St Martin's in the Fields
National Gallery
Estação Charing Cross
Charing Cross

Mrs. Dalloway disse que ela própria iria comprar as flores.

Quanto a Lucy, já estava com o serviço determinado. As portas seriam retiradas dos gonzos; em pouco chegaria o pessoal de Rumpelmayer. Mas que manhã, pensou Clarissa Dalloway — fresca como para crianças numa praia!

Que frêmito! Que mergulho! Pois sempre assim lhe parecera quando, com um leve ringir de gonzos, que ainda agora ouvia, abria de súbito as vidraças e mergulhava ao ar livre, lá em Bourton. Que fresco, que calmo, mais que o de hoje, não era então o ar da manhãzinha; como o tapa de uma onda; como o beijo de uma onda; frio, fino, e ainda (para a menina de 18 anos que ela era em Bourton) solene, sentindo, como sentia, parada ali ante a janela aberta, que alguma coisa de terrível ia acontecer; olhando para as flores, para os troncos, de onde se desprendia a névoa, para as gralhas, que se alçavam e abatiam; parada e olhando, até que Peter Walsh lhe dizia: "Meditando entre os legumes?" — seria isso? ou: "Prefiro as pessoas às couves-flores"? Com certeza o dissera certa manhã em que ela havia saído para o terraço — esse Peter Walsh. Regressaria da Índia por um dia desses, em junho ou julho, não se lembrava bem, pois as suas cartas eram incrivelmente aborrecidas; os seus ditos é que ficavam na memória; os seus olhos, o seu canivete, o seu sorriso, a sua rabugice e, quando milhões de coisas se haviam desvanecido de todo — que estranho era! —, umas poucas frases como aquelas sobre couves.

Deteve-se um instante no cordão da calçada, esperando que passasse o caminhão de Durtnall. "Uma encantadora mulher", pensou Scrope Purvis (conhecendo-a como se conhece a gente que mora quase à nossa porta, em Westminster); havia nela algo de pássaro, de um gaio, azul-verde, leve, vivaz, embora houvesse passado dos cinquenta e encanecido muito desde a última doença. Ali estava pousada, muito direita, sem o ver, esperando para cruzar.

Tendo vivido em Westminster — há quantos anos agora? mais de vinte —, sente-se, até no meio do tráfego, ou quando se desperta à noite, Clarissa bem o sabia, um particular silêncio, ou solenidade; uma indescritível pausa; aquela suspensão (ou seria do seu coração, que diziam afetado pela influenza?) antes que batesse o Big Ben. Agora! Já vibrava. Primeiro um aviso, musical; depois a hora, irrevogável. Os pesados círculos dissolviam-se no ar. Que loucos somos, pensava ela, atravessando Victoria Street. Só Deus sabe como se ama a isso, como se considera a isso, compondo-o sempre, construindo-o sempre em torno de nós, derribando-o, criando-o de novo a cada instante; até as últimas mendigas, as mais baixas misérias dos portais (bebem a sua ruína) faziam o mesmo; impossível, ela o sabia, impossível salvá-las com leis parlamentares, por esta simples razão: amava a vida. Nos olhos dos passantes, na sua pressa, no seu andar, na sua demora; no burburinho e vozearia; carros, autos, ônibus, caminhões, homens-sanduíches bamboleantes e tardos; charangas; realejos; na glória e no rumor e no estranho aerocanto de algum avião sobre a sua cabeça, estava isto, que ela amava: a vida, Londres; aquele momento de junho.

Pois era em meados de junho. A guerra estava acabada, exceto para alguns, como Mrs. Foxcroft, ainda na última noite, na embaixada, devorando a sua mágoa, porque fora morto aquele belo rapaz e o velho castelo deveria agora passar para um primo; ou Lady Bexborough, que inaugurava uma quermesse, diziam, tendo na mão o telegrama de que John, o seu predileto, fora morto; mas estava acabada, sim; graças a Deus — acabada. Era em junho. O rei e a rainha achavam-se no palácio. E por toda parte, embora tão cedo, era um estrépito, uma agitação de pôneis a galope, um bater de paus de críquete; lordes, Ascot, Ranelagh e os demais; tudo envolto na macia echarpe do ar azul e cinza da manhã, que a ia retirando à medida que o dia se desgastava, e devolvendo ao gramado os saltitantes pôneis, cujas patas mal tocavam o chão, e mais os irrequietos jovens e as ridentes moças, nas suas musselinas transparentes, que, mesmo depois de haverem dançado toda a noite, levavam agora a passeio os seus incríveis cachorrinhos felpudos; e agora mesmo, naquela hora, velhas damas discretas estavam saindo, nos seus autos, para não se sabia que misteriosas andanças; e os lojistas atarefavam-se nas vitrinas com suas imitações e diamantes, seus lindos broches verde-mar do século XVIII, de tentar americanos (mas era preciso economizar, não fazer compras irrefletidas para Elizabeth), e ela própria, também, amando como amava aquilo tudo com uma absurda e religiosa paixão, parte que era daquele mundo, pois os seus iam a palácios desde a época dos Jorges, ela própria ia, naquela noite, receber e iluminar: ia dar a sua festa. Mas que estranho, ao entrar no parque, o silêncio; a obscuridade; o sussurro; o lento nadar dos patos satisfeitos; as papudas aves meneando-se; e quem era que vinha vindo lá dos edifícios do governo, carregando uma pasta com as armas reais, senão Hugh Whitbread? Seu velho amigo Hugh — o admirável Hugh!

— Olá, Clarissa! — disse Hugh, alvoroçadamente, pois conheciam-se desde crianças. — Aonde vais?

— Gosto de passear em Londres. Sempre é melhor do que passear pelo campo.

Os Whitbreads acabavam de chegar — infelizmente — para ver médicos. Outros vinham para ver exposições; ir à ópera; passear as filhas; os Whitbreads vinham *ver médicos*. Vezes sem conta Clarissa visitara Evelyn Whitbread em hospitais. Evelyn estava doente de novo? Evelyn estava às voltas com as suas coisas, disse Hugh, dando a entender, com um enfadado alçar de todo o corpo, um corpo aliás confortavelmente abrigado, bem parecido ao extremo, bem fornido (andava sempre um pouco elegante demais, mas com certeza tinha de ser assim, devido à sua ocupação na corte), que sua mulher tinha algum incômodo interno, nada sério, mas que Clarissa Dalloway, como velha amiga, deveria compreender sem mais explicações. Sim, naturalmente que compreendia... Que transtorno, não? Sentia-o, sim, como uma irmã, mas ao mesmo tempo, estranhamente, pensava no seu chapéu. Não era então o mais adequado para aquela hora? Pois Hugh sempre a fazia sentir-se assim, cumprimentando-a ainda agora alvoroçadamente e declarando-a uma verdadeira moça de 18 anos, e que sim, que iria à sua festa daquela noite, por sinal que Evelyn fazia absoluta questão, somente que chegaria um pouco mais tarde, depois da recepção no palácio, aonde levaria um dos filhos de Jim — ela sempre se sentia um pouco em falta diante de Hugh; como uma colegial; mas queria-lhe bem, em parte por sempre havê-lo conhecido e também por suas qualidades próprias, embora tivesse o dom de exasperar a Richard, ao passo que Peter, esse, até hoje não lhe havia perdoado gostar dele.

Podia relembrar cenas e cenas em Bourton — Peter furioso; naturalmente que Hugh não se lhe comparava, de modo algum, mas daí a ser um perfeito imbecil, como Peter dizia... não; nem tampouco um simples manequim. Quando sua velha mãe lhe pedia que desistisse de alguma caçada, ou a levasse a Bath, ele o fazia, sem dizer palavra; nada tinha de egoísta, na verdade, e quanto a dizer, como Peter, que Hugh não tinha nem coração nem miolos, mas somente as maneiras e a educação do típico *gentleman* inglês, eram coisas daquele querido Peter nos seus

piores momentos. E afinal Hugh podia ser intolerável, impossível; mas sempre um adorável companheiro para passearem juntos numa manhã daquelas...

(Junho fizera brotar todas as folhas nas árvores. As mães de Pim-lico amamentavam os filhos. Transmitiam-se mensagens da Frota para o Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam amornar o próprio ar do parque e alçar-lhe as folhas ardentemente, luminosamente, nas ondas dessa divina vitalidade que Clarissa amava. Dançar, cavalgar, tinha adorado tudo isso.)

Afinal, podiam estar separados durante séculos, ela e Peter; ela nunca escrevia uma carta e as dele eram muito secas; mas de súbito lhe ocorria: "Que diria Peter, se estivesse aqui comigo agora?" Alguns dias, certas cenas lho traziam de volta, suavemente, sem a antiga amargura; é talvez a recompensa de haver amado as criaturas; voltam em meio de St. James's Park por uma bela manhã — voltam mesmo. Mas Peter — por mais belo que fosse o dia, e as árvores, e a relva e aquela meninazinha de cor-de-rosa, Peter nada veria disso tudo. Poria os óculos, se ela lho dissesse; e olharia. O que lhe interessava era a situação do mundo; Wagner, a poesia de Pope, os caracteres das pessoas, sempre e sempre, e os defeitos dela própria. Como a arreliava! Como discutiam! Ela iria casar-se com um primeiro-ministro e pararia no alto de uma escada; chamava-lhe a perfeita dona de casa (ela até havia chorado no quarto); era o tipo acabado da perfeita dona de casa, dissera ele.

E ei-la que ainda se achava argumentando no St. James's Park, ainda provando que faria bem — como o fizera — em não se casar com ele. Pois no casamento é preciso um pouco de liberdade, um pouco de independência entre pessoas que moram juntas, dia após dia, na mesma casa; o que Richard lhe concedia, e ela a ele. (Onde estaria Richard naquela manhã, por exemplo? Nalguma comissão, ela nunca lhe perguntava qual.) Mas com Peter tudo tinha de ser compartilhado; tudo tinha de ser esclarecido. Era intolerável, e quando surgiu aquela cena do jardim, junto à fonte, tivera de romper com ele, ou seria um desastre para ambos; seriam ambos arruinados, estava certa; embora lhe houvesse ficado durante anos, como uma frecha cravada no coração, a dor, a angústia; depois o horror de quando alguém lhe dissera num concerto, que Peter se havia casado com uma mulher a quem conhecera durante a viagem para a Índia! Nunca esqueceria aquelas coisas! Fria, sem coração, uma puritana, chamara-lhe Peter. E que nunca compreenderia como ele sabia amar. Mas aquelas indianas decerto compreenderiam — umas tolas, umas frívolas, umas ventoinhas. E ela estava era desperdiçando a sua piedade. Pois ele achava-se perfeitamente feliz, assegurara-lhe — perfeitamente feliz, embora nunca houvesse feito nada digno de nota; toda a sua vida tinha sido um fracasso. E tudo isso ainda mais a irritava.

Chegara aos portões do parque. Deteve-se um momento, olhando os ônibus de Piccadilly.

Não, agora nunca mais diria, de ninguém neste mundo, que eram isso ou aquilo. Sentia-se muito jovem; e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e ao mesmo tempo ficava de fora, olhando. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha no meio do mar; sempre sentira que era muito, muito perigoso viver, por um só dia que fosse. Não que se julgasse inteligente, ou muito fora do comum. Nem podia saber como tinha atravessado a vida com os poucos dedos de conhecimentos que lhe dera Fräulein Daniels. Não sabia nada; nem línguas, nem história; raramente lia um livro agora, exceto memórias, na cama; mas como a absorvia tudo aquilo, os carros passando; e não diria de Peter, não diria de si mesma: sou isso, sou aquilo.

O seu único dom era conhecer as criaturas quase por instinto, pensava, seguindo o seu caminho. Se a deixavam numa sala com alguém, eriçava-se como um gato; ou ronronava. Devonshire House, Bath House, a casa com a cacatua chinesa, tinha-as visto uma vez, iluminadas; e recordava Sylvia, Fred, Sally Seton — que anfitriões! e o baile a noite inteira; e as carroças a caminho do mercado; e o regresso do auto pelo parque. Recordava que uma vez lançara um xelim na Serpentina. Mas recordar, todos recordavam; o que ela amava era isto, aqui,

agora, na sua frente; a senhora gorda no carro. Importava então, indagava consigo, encaminhando-se para Bond Street, importava mesmo que tivesse de desaparecer um dia, inevitavelmente? Tudo aquilo continuava sem ela. Sentia-o? Ou seria um consolo pensar que a morte acabava com tudo, absolutamente? Ou, de qualquer maneira, pelas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, talvez sobrevivesse, Peter sobrevivesse, vivessem um no outro, ela fazendo parte, estava certa, das árvores de casa; daquela casa ali, tão feia, toda caindo em pedaços como estava; parte da gente que nunca havia encontrado; espalhando-se, como uma névoa, entre as criaturas que melhor conhecia e que a sustentariam nos seus ramos, como vira as árvores sustentarem a névoa, embora isso esparzisse tanto a sua vida, e a si própria... Mas que estava ali a sonhar, enquanto olhava a vitrina de Hatchard? Que estaria tentando recordar? Que imagem de límpida aurora no campo, enquanto lia no livro aberto:

Não mais temas o calor do sol
Nem as iras do inverno furioso.

Aquela última experiência do mundo abria em todos, homens e mulheres, uma fonte de lágrimas. Lágrimas e pesares; coragem e resistência; uma conduta perfeitamente a prumo, estoica. Como, por exemplo, a mulher a quem mais admirava, Lady Bexborough, inaugurando a quermesse.

Havia ali *Jaunts and Jollities*, de Jorrocks; havia *Soapy Sponge* e as *Memórias de Mrs. Asquith* e *Big Game Shooting in Nigeria*, todos abertos. Livros havia, e muitos, mas nenhum que parecesse adequado para levar a Evelyn Whitbread no hospital. Nada que pudesse servir para distraí-la e fazer com que aquela mulherzinha indescritivelmente seca aparentasse cordialidade por um momento, à entrada de Clarissa, antes que se instalassem para a costumeira e interminável conversa sobre problemas femininos. Como necessitava ela, Clarissa, que os outros manifestassem agrado quando chegava, pensou, voltando para Bond Street, aborrecida, pois era uma tolice ter segundas intenções para fazer as coisas. Antes ser dessas criaturas como Richard, que faziam as coisas por si mesmas; enquanto ela — pensava, esperando para cruzar —, ela não as fazia simplesmente, por si mesmas, mas para que os outros pensassem isso ou aquilo; uma perfeita idiotice, sabia-o (agora o policial erguia a mão), pois ninguém nunca se deixava iludir novamente. Oh! se pudesse viver de novo!, pensou, ao pisar a rua, como não havia de ser diferente!

Antes de tudo, seria morena como Lady Bexborough, com uma tez de pelica e lindos olhos. Seria, como Lady Bexborough, serena e imponente; um tanto forte; interessada em política como um homem; com uma casa de campo; muito digna, muito sincera. Em vez disso, tinha uma cara estreita, uma ridícula carinha de pássaro. Era verdade que estava em forma; e tinha lindas mãos e lindos pés; e vestia-se bem, considerando o pouco que gastava. Mas muitas vezes aquele corpo que habitava (parou para olhar um quadro holandês), aquele corpo, com toda a sua consistência, não parecia nada — absolutamente nada. Tinha a esquisita sensação de estar invisível; despercebida; desconhecida; de não ser mais casada, não ter mais filhos agora, apenas aquela espantosa e um tanto solene marcha com os demais, por Bond Street, ser esta Mrs. Dalloway; nem mais Clarissa: Mrs. Dalloway somente.

Bond Street fascinava-a; Bond Street na manhã de primavera; as suas bandeiras drapejando; as suas lojas; nada turvo; nada berrante; uma peça de fazenda no estabelecimento onde seu pai comprara roupa durante cinquenta anos; umas poucas pérolas; salmão no gelo.

"Tudo isto", dizia ela, olhando os pescados. "Tudo isto", repetia, parando por um momento à vitrina de uma luvaria onde, antes da guerra, podia-se comprar luvas quase sem defeito. E o

velho tio William, que costumava dizer que se conhecia uma dama por seus sapatos e suas luvas. Voltara-se na cama, certa manhã, em plena guerra, e dissera: "Estou farto." Luvas e sapatos; tinha paixão por sapatos; mas a sua própria filha, a sua Elizabeth, não se importava absolutamente nem com uma nem com outra coisa.

"Absolutamente", pensou, dirigindo-se, por Bond Street, a uma loja que lhe fornecia flores quando dava uma recepção. Na verdade, o que mais importava a Elizabeth era o seu cachorro.

Naquela manhã, toda a casa recendia a alcatrão. Mas antes o podre Grizzle que Miss Kilman; antes rebuliço, alcatrão e tudo o mais que ficar num quarto abafado, com um livro de orações!

Antes não importa o quê, diria. Mas podia ser simplesmente uma dessas fases que todas as meninas atravessam, como dizia Richard. Podia ser amor. Mas por que por Miss Kilman? Sem dúvida que esta passara trabalhos e merecia condescendência, e Richard dizia que era muito inteligente, e possuía verdadeiro senso histórico. Em todo caso, as duas eram inseparáveis, e Elizabeth, a sua própria filha, ia comungar. E quando à maneira de vestir-se, de tratar as visitas, eram coisas com que não se importava, pois Clarissa tinha experiência de que o êxtase religioso insensibiliza as criaturas; embota-lhes os sentimentos, visto que Miss Kilman era capaz de fazer tudo pelos russos, deixar-se morrer de fome pelos austríacos, mas na vida privada infligia verdadeiras torturas, tão insensível era, na sua capa de borracha verde. Fazia anos que usava esse casaco; transpirava; não ficava na sala cinco minutos sem que nos fizesse sentir a sua superioridade, a nossa inferioridade; que pobre era; como somos ricos; que vivia num tugúrio, sem uma almofada, um tapete, ou o que quer que fosse, com aquela injustiça cravada no coração: a sua demissão da escola durante a guerra — a pobre, amargurada, infeliz criatura! Pois afinal não era a ela que se odiava, mas à ideia que se formara a seu respeito, sem dúvida acrescida de muitas coisas que não eram Miss Kilman; tornara-se um desses espectros com quem lutamos nos pesadelos; um desses espectros que se apoderam de nós, dominadores e tirânicos, e nos sugam a metade do sangue; pois sem dúvida que, com outro lance de dados, o preto para cima, e não o branco, ela teria amado Miss Kilman! Mas não neste mundo. Não.

Horrível, pensava, adivinhar mover-se nela aquele monstro brutal! ouvir ramos estralejando e sentir aqueles cascos nas profundezas dessa floresta cheia de folhas, a alma; nunca estar inteiramente alegre, nem inteiramente segura, pois a qualquer momento o animal podia estar movendo-se; ódio que, especialmente depois da sua doença, fazia-lhe sentir um doloroso arrepio na espinha; causava-lhe uma dor física, todo o prazer da beleza, da amizade, do bem-estar, de sentir-se amada, de tornar a casa deliciosamente acolhedora, tudo vacilava e pendia, como se na verdade houvesse um monstro a roer as raízes, como se toda a panóplia do contentamento não fosse mais que amor-próprio! e aquele ódio!

Tolices, tolices!, exclamava para si mesma, atravessando a porta giratória de Mulberry, o florista.

Avançou, rápida, alta, muito direita, recebendo logo a saudação da rechonchuda Miss Pym, cujas mãos estavam sempre vermelhas, como se conservasse em água fria, junto com as flores.

Por toda parte, flores: delfínios, ervilhas-de-cheiro, ramos de lilases; e cravos, montões de cravos. Rosas também; íris. Ah! — ela aspirava o suave aroma do jardim terrestre, enquanto conversava com Miss Pym, que lhe devia favores e a supunha boa, pois o tinha sido anos antes; muito boa, mas parecia mais velha, aquele ano, volteando a cabeça para um e outro lado, entre os íris, as rosas, os balouçantes tufos de lilases, aspirando-lhes de olhos entrecerrados, após o tumulto da rua, o delicioso perfume, o adorável frescor. E depois, abrindo os olhos, que imaculadas lhe pareciam as rosas, como linhos recém-passados em cestas de vime; e os escuros e afetados cravos vermelhos, de cabeça erguida; e as ervilhas-de-cheiro, abertas em seus vasos, roxas, brancas, desmaiadas — como se fosse um pôr de sol e raparigas de musselina viessem colher flores de ervilha e rosas, após um soberbo dia de verão, com o seu céu quase azul-

marinho, seus delfínios, seus cravos, suas açucenas; e fosse o momento entre seis e sete em que cada flor — rosa, cravo, íris, lilás — se põe a arder; branco, vermelho, violeta, laranja carregado; cada flor parece queimar-se sozinha; suavemente, puramente, nos canteiros brumosos; e como amava as cinzentas falenas, revoluteando sobre os girassóis, as crepusculares primaveras!

E começou a andar com Miss Pym de floreira em floreira, escolhendo, tolices, tolices, dizia consigo, como se aquela beleza, aquele perfume, toda aquela cor, e Miss Pym, que a estimava, que acreditava nela, fossem uma onda que a envolvesse e afogasse aquele monstro, o afogasse de todo; e a elevava cada vez mais alto, quando — oh! um tiro de revólver lá fora, na rua!

— Meu Deus, esses autos! — disse Miss Pym, indo à janela espiar e voltando com um sorriso de desculpas e as mãos cheias de ervilhas-de-cheiro, como se aqueles autos, aqueles pneus de autos fossem culpa sua.

A violenta explosão que sobressaltara Mrs. Dalloway e fizera Miss Pym correr à janela e desculpar-se provinha de um auto que se aproximara da calçada oposta à Casa Mulberry. Os transeuntes, que, naturalmente, pararam e olharam, mal tiveram tempo de divisar uma face da mais alta importância contra a almofada gris-pérola, antes que uma mão de homem baixasse a cortina, nada mais se podendo ver senão um quadrado cinzento.

Todavia, começaram imediatamente a circular rumores, desde o meio de Bond Street a Oxford Street, de um lado, até a perfumaria de Atkinson, do outro, passando invisíveis, inaudíveis, como uma nuvem rápida a velar colinas, tombando efetivamente, com algo da súbita gravidade e do silêncio de uma nuvem, sobre faces que um segundo antes estavam completamente desprevenidas. Mas agora o mistério os havia roçado com a sua asa; tinham ouvido a voz da autoridade; o espírito religioso pairava agora, de olhos fortemente vendados e lábios abertos. Mas de quem era a face ninguém sabia. Do príncipe de Gales? da rainha? do primeiro-ministro? De quem era a face? Ninguém sabia.

Edgar J. Watkiss, com os seus petrechos de encanador pendentes do braço, disse em voz alta, com toda a ênfase, por humorismo, naturalmente: — O carro do primeiro-ministro.

E Septimus Warren Smith, que não pudera passar, ouviu.

Septimus Warren Smith, de cerca de trinta anos, pálido, nariz aquilino, sapatos amarelos e sobretudo puído, de olhos claros, com esse olhar desconfiado que inspira desconfiança aos demais. O mundo alçara seu látego; sobre que se abateria?

Tudo voltara à calma. A trepidação dos motores ressoava como uma pulsação batendo irregularmente através de um corpo. O sol tornou-se extraordinariamente forte porque o auto se detivera ante a vitrina de Mulberry; velhas senhoras, na imperial dos ônibus, abriram seus negros guarda-sóis; aqui uma sombrinha vermelha, ali uma verde brotavam com um pequeno estalido. Mrs. Dalloway, dirigindo-se à janela com os braços cheios de ervilhas-de-cheiro, olhou para fora com o seu rostinho róseo franzido numa interrogação. Todos olhavam para o auto. Septimus olhava. Rapazes saltaram das bicicletas. O tráfego acumulava-se. E ali estava o auto, de cortinas descidas, que tinham um curioso desenho semelhante a uma árvore, pensou Septimus, e aquela gradual centralização de todas as coisas ante os seus olhos, como se algo fosse surgir daquilo e tudo estivesse a ponto de estalar em chamas, aterrorizou-o. O mundo oscilava, fremia e ameaçava estalar em chamas. Sou eu que estou estorvando o caminho, pensou. Não era ele que estava sendo olhado e apontado? não estava ali plantado, na calçada, com um firme propósito? Mas que propósito?

— Vamos, Septimus — disse uma mulher, uma mulherzinha de olhos grandes numa face delgada e pálida — uma rapariga italiana.

Mas a própria Lucrezia não podia deixar de olhar o auto e o emblema da árvore nas cortinas. Estaria ali a rainha — a rainha, que saía a compras?

O chofer, que abrira alguma coisa, dera volta a alguma coisa e fechara alguma coisa, subiu para o seu lugar.

— Vem — disse Lucrezia.

Mas seu esposo, pois estavam agora casados há quatro, cinco anos, sobressaltou-se, pôs-se em marcha e resmungou raivosamente: — Está bem! — como se ela o houvesse interrompido.

A gente devia estar notando; a gente devia estar vendo. A gente, pensava ela, olhando para a turba que contemplava o automóvel; os ingleses, com os seus filhos e os seus cavalos, e as roupas, que ela em certo sentido admirava; mas que agora eram "a gente", porque Septimus declarara "Eu vou matar-me"; uma coisa horrível de dizer. Será que tinham ouvido? E ela olhava para a multidão. Socorro, socorro! tinha vontade de gritar para os distribuidores de carne, para as mulheres. Socorro! Ainda no último outono passado, ela e Septimus haviam estado no cais, envoltos na mesma capa, e, como Septimus estivesse a ler um jornal em vez de conversar, ela lho arrancara das mãos e rira na cara do velho que os observava! Mas a desgraça devia ser oculta. Tinha de arrastá-lo para alguma praça.

— Agora vamos cruzar — disse-lhe.

Tinha direito a seu braço, embora este fosse insensível. E o que o marido lhe podia dar — a ela, que era tão simples, tão impulsiva, 24 anos apenas, sem amizades na Inglaterra, e que por ele deixara a Itália — era apenas um osso.

O auto, com as cortinas descidas e um ar de inescrutável reserva, prosseguiu para Piccadilly, ainda observado; ainda fazia as faces, de ambos os lados da rua, franzirem-se com o mesmo obscuro sopro de veneração, não se sabia se pela rainha, o príncipe ou o primeiro-ministro. A própria face fora entrevista apenas por três pessoas, durante alguns segundos. Até o sexo estava agora em discussão. Mas não havia dúvida de que a grandeza estava ali dentro; a grandeza estava passando por Bond Street, separada apenas um palmo do vulgo, que tinha agora ao alcance da voz, pela primeira e última vez, a majestade da Inglaterra, o perdurável símbolo do Estado com que os curiosos arqueólogos depariariam, a remexer os destroços do tempo, quando Londres fosse um caminho cheio de ervas e todos aqueles que se afanavam pela rua naquela manhã de quarta-feira não fossem mais que ossos com algumas alianças misturadas a seu pó e as obturações de ouro de inumeráveis dentes. Seria então descoberta a face do automóvel.

Com certeza é a rainha, pensou Mrs. Dalloway, saindo de Mulberry com as flores; a rainha. E, por um segundo, assumiu um ar de extrema dignidade, parada diante da loja, ao sol, enquanto o carro deslizava a um passo, de cortinas descidas. A rainha, que vai a algum hospital; a rainha, que vai inaugurar alguma quermesse, pensava Clarissa.

O aperto era terrível àquela hora. Lordes, Ascot, Hurlingham, quem seria?, perguntava-se, pois a rua estava bloqueada. A classe média da Inglaterra, mal-acomodada na imperial dos ônibus, com pacotes, guarda-sóis e, sim, até mesmo peles num dia como aquele, era mais ridícula, pensou, mais impossível do que se poderia conceber; e a própria rainha estava detida; a própria rainha era incapaz de passar. Clarissa estava imobilizada a um lado de Brook Street; *sir* John Buckhurt, o velho juiz, do outro, com o auto entre ambos (*sir* John baixara sentenças durante anos e gostava de mulheres elegantes), senão quando chofer, inclinando-se ligeiramente, disse ou mostrou algo ao guarda de trânsito, que saudou, estendeu o braço e volveu a cabeça, com o que o ônibus se afastou, dando passagem ao auto. Lenta e silenciosamente, prosseguiu seu caminho.

Clarissa adivinhou; Clarissa compreendeu, sim; tinha visto algo branco, mágico, circular, na mão do lacaio, um disco com um nome escrito — da rainha, do príncipe de Gales, do primeiro-ministro? —, nome que, por força do próprio esplendor, abria caminho (Clarissa viu o auto diminuir, desaparecer), abria caminho para ir fulgurar entre candelabros, condecorações, peitos enfunados de alamares, Hugh Whitbread e todos os seus colegas, os *gentlemen* da Inglaterra,

aquela noite no Palácio de Buckingham. E Clarissa também dava uma recepção. Empertigou-se um pouco; também ela estaria no alto da sua escada.

O carro sumira-se, mas deixara um leve rastro que fluía entre as casas de luvas e chapéus e as alfaiatarias de ambos os lados de Bond Street. Durante trinta segundos, todas as cabeças se inclinavam no mesmo sentido — para a janela. Enquanto escolhiam um par de luvas — deviam ser até o cotovelo, ou acima, limão ou cinza-claro? —, as senhoras detiveram-se; quando terminaram a frase, alguma coisa havia acontecido. Alguma coisa tão insignificante, em certo sentido, que nenhum instrumento matemático, embora capaz de registrar terremotos na China, lhe poderia captar a vibração; mas, considerada em si mesma, formidável e comovente; pois, em todas as chapelarias e alfaiatarias, pessoas estranhas entreolharam-se e pensaram nos mortos; na bandeira; no império. Na taberna de uma rua transversal, um colonial insultou a Casa de Windsor, o que ocasionou discussões, copos de cervejas quebrados, um tumulto geral, cujos ecos foram ressoar estranhamente, através da rua, nos ouvidos das noivas que compravam roupa branca, com fitas brancas, para o seu enxoval. A superficial agitação provocada pela passagem do carro aflorava, ao extinguir-se, algo de muito profundo.

Deslizando para Piccadilly, o carro dobrou St. James's Street. Homens altos, homens de físico robusto, homens bem-vestidos, de jaquetas de vivos brancos e cabelos penteados para trás, e que, por motivos difíceis de discriminar, achavam-se na vidraçaria de Brooks, com as mãos atrás das abas do casaco, olhando para fora, perceberam instintivamente que a grandeza estava passando, e a pálida luz da imortal presença tombou sobre eles, como tombara sobre Clarissa Dalloway. E ao mesmo tempo endireitaram-se, recolheram as mãos, como que prontos a servir seu soberano, até à boca dos canhões, se preciso fosse, como o tinham feito os seus antepassados. Os bustos brancos e as pequenas mesas de fundo cobertos de exemplares do *Tatler* e de sifões pareciam aprovar; pareciam anunciar os trigais ondulantes e os castelos da Inglaterra; e ampliaram o leve ruído do motor, como as paredes de uma galeria acústica repetem uma voz única, e a expandem com a força de uma catedral. Moll Pratt, com o seu xale e as flores expostas na calçada, aclamava o querido moço (estava certa de que era o príncipe de Gales), e teria arrojado o preço de uma caneca de cerveja — um ramo de rosas — em St. James's Street, por pura cordialidade e desafio à pobreza, se não sentisse o olhar do guarda pousado nela, desalentando a sua lealdade de velha irlandesa. As sentinelas de St. James fizeram continência; o guarda da rainha Alexandra respondeu.

Enquanto isso, formara-se um pequeno grupo ante os portões do Palácio de Buckingham. Sem pressa, mas confiantes, todos eles gente pobre, ali esperavam; olhavam para o palácio, com a sua bandeira flutuante; para a estátua de Vitória, maciça em seu terraplano; admiravam as cascatas e os gerânios; designavam os autos, primeiro esse, depois aquele; desperdiçavam emoções, inutilmente, sobre gente comum que rodava; suspendiam o entusiasmo enquanto passava esse e aquele auto; e durante todo o tempo o rumor se acumulava em suas veias e lhe fazia vibrar os nervos, ao pensamento da majestade que os olharia; da rainha inclinando-se; do príncipe saudando; ao pensamento da vida celestial que Deus outorga aos reis; os escudeiros e profundas reverências; a velha casa de bonecas da rainha; a princesa Mary casada com um inglês, e o príncipe — ah! o príncipe! tão parecido, diziam, com o velho rei Eduardo, mas muito mais delgado. O príncipe morava em St. James; mas poderia vir pela manhã, em visita à mãe.

Assim dizia Sarah Bletchley, com o filho nos braços, oscilando o pé, como se estivesse em sua casa em Pimlico, junto à lareira, mas com os olhos fixos no Mall, enquanto Emily Coates contava as janelas do palácio e pensava nas criadas, nas inumeráveis criadas, nos quartos, nos inumeráveis quartos. O grupo aumentava, havendo-se-lhe reunido um velho senhor, com um cachorro *aberdeen*, e vários desocupados. O pequeno Mr. Bowley, que morava no Albany e tinha seladas as fontes profundas da vida, mas que de súbito jorravam inadequadamente,

sentimentalmente, ante coisas como esta — pobres mulheres esperando a passagem da rainha — pobres mulheres, lindas crianças, órfãos, viúvas, a guerra — basta! —, estava naquele momento com os olhos rasos de água.

Uma brisa que ondulava, morna, ao longo do Mall, entre árvores esguias, junto aos heróis de bronze, desenrolou uma flutuante flâmula no coração britânico de Mr. Bowley, que ergueu o chapéu quando o carro apontou no Mall, e assim o manteve enquanto o carro se aproximava; e assim ficou muito direito, comprimindo atrás de si as pobres mães de Pimlico.

De súbito, Mrs. Coates olhou para o céu. O rumor de um aeroplano brocou ominosamente o ouvido da multidão. Ali estava, sobre as árvores, rojando uma fumaça branca que se desenrolava e entrelaçava, realmente escrevendo alguma coisa! escrevendo letras no céu! Todos olhavam.

O aeroplano mergulhava, remontava, traçava uma curva, deslizava, baixava, subia, e o que quer que fizesse, por onde quer que fosse, ia-lhe flutuando no rastro a fita de branco fumo que se desenrolava e enroscava em letras no céu. Mas que letras? Seria um *C*? um *E*, e depois um *L*? Só por um instante ficavam paradas; depois se moviam, mesclavam-se, apagavam-se no céu, e o aeroplano seguia adiante e, de novo, num espaço limpo de céu, começava a escrever — um *K*, um *E*, um *Y*, talvez?

— Glaxo — disse impressionadamente Mrs. Coates, olhando para o alto, e o bebê, estirado rijo e branco em seus braços, olhava para o alto.

— Kreemo — murmurou Mrs. Bletchley, como uma sonâmbula. Com o chapéu perfeitamente imóvel na mão, Mr. Bowley olhava para o alto. Por todo o Mall havia gente parada e olhando o céu. Enquanto assim olhavam, o mundo se tornou perfeitamente silencioso, e um voo de gaivotas cruzou o céu, primeiro uma guiando, depois as outras, e naquela extraordinária paz e silêncio, naquele palor, naquela pureza, os sinos batiam 11 vezes, indo morrer o som entre as gaivotas.

O aeroplano deu a volta, deslizou e foi ter exatamente onde queria, rapidamente, livremente, como um patinador.

— Um *E* — disse Mrs. Bletchley — ou um dançarino.

— É *TOFFEE* — murmurou Mr. Bowley (e ninguém viu quando o carro chegou aos portões do palácio), e o aeroplano, cortando o fumo, seguiu adiante, sempre adiante, e o fumo se esgarçou e foi unir-se às grandes nuvens brancas.

Fora-se; estava atrás das nuvens. Nem mais um som. As nuvens, a que se haviam reunido as letras *E*, *G* ou *L*, moviam-se livremente, como que destinadas a levar de oeste a leste uma mensagem da máxima importância, que nunca seria revelada, embora fosse mesmo uma missão da máxima importância. De súbito, como um trem que sai de um túnel, o aeroplano emergiu dentre as nuvens, o som brocou o ouvido de toda a gente, no Mall, no Green Park, em Piccadilly, em Regent Street, no Regent's Park, e a fita de fumo desenrolou-se, e o aeroplano baixava, subia, escrevia uma letra após outra — mas que palavra estaria escrevendo?

Lucrezia Warren Smith, sentada ao lado do marido, em um banco da alameda do Regent's Park, olhou para cima.

— Olha, olha, Septimus! — exclamou. Pois o dr. Holmes lhe recomendara que fizesse com que o marido (que nada tinha de grave, mas estava um tanto alterado) se interessasse pelas coisas exteriores.

Com que então, pensou Septimus, olhando para o alto, estão a comunicar-se comigo. Não eram verdadeiramente palavras, isto é, ele ainda não podia entender tal linguagem, mas era bastante clara, aquela beleza, aquela estranha beleza, e os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas, enquanto via as palavras de fumo enlanguescerem e misturarem-se no céu, dando-lhe, com a sua caridade inexaurível e risonha bondade, uma após outra, formas e formas de inimaginável beleza, e anunciando-lhe a intenção de proporcionar-lhe gratuitamente, para sempre, simplesmente para olhá-la, beleza, mais beleza! As lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Era Toffee; era um anúncio de Toffee, disse uma ama a Rezia. E juntas começaram a soletrar... *T... O... F...*

— *K... R...* — disse a ama, e Septimus ouvia-a dizer "ka erre" junto ao seu ouvido, profundamente, lentamente, como um melodioso órgão, mas com certa aspereza na voz, como a do canto das cigarras, que lhe arranhava deliciosamente a espinha e lhe enviava ao cérebro ondas e ondas de som, que se entrechocavam, quebrando-se. Uma maravilhosa descoberta, na verdade — que a voz humana, em certas condições atmosféricas (pois sejamos científicos, antes de tudo científicos) possa dar vida às árvores! Felizmente que Rezia lhe pôs a mão sobre os joelhos, com um tremendo peso, tanto que se sentiu inerte, pregado ao solo; senão, a inquietação daqueles olmos que subiam e baixavam com todas as folhas iluminadas e as cores escurecendo e adensando-se, do azul ao verde-mar, como penachos de cavalos, como *aigrettes* de damas, tão orgulhosamente subiam e baixavam, tão soberbamente — o deixariam louco, sim. Mas ele não enlouqueceria. Fecharia os olhos; não olharia mais.

Mas faziam-lhe sinais; as folhas estavam vivas; as árvores estavam vivas. E, como se achavam conectadas por milhões de fibras com o seu próprio corpo, ali no banco, iam-no as folhas abanando; quando o ramo se movia, ele também.

O alvoroço dos pardais, revoando em meio às fontes, fazia parte do desenho; branco e azul, cortado de negros ramos. Os sons formavam harmonias, com toda a premeditação; e os intervalos de silêncio eram tão significativos como os sons. Um choro de criança. Lá muito longe soou uma trombeta. Tudo aquilo, em conjunto, significava o nascimento de uma nova religião...

— Septimus! — chamou Rezia. Ele estremeceu violentamente. — A gente devia estar notando...

— Vou até a fonte e já volto — disse ela.

Pois não podia mais aguentar. Dissesse o dr. Holmes que aquilo não tinha importância... Antes vê-lo morto! Não podia ficar sentada junto de Septimus quando ele olhava daquela maneira, e não a via, e tudo parecia terrível; o céu e as árvores, as crianças brincando, puxando carros, soprando apitos, caindo; tudo era terrível. Mas não, Septimus não se mataria; e ela não podia falar com ninguém. "Septimus tem trabalhado em demasia" — era a única coisa que podia dizer, à sua própria mãe. O amor torna a gente solitária, pensou. Não podia dizê-lo, a ninguém, nem mesmo a Septimus, agora, e, olhando para trás, viu-o sentado sozinho no banco, com o seu sobretudo puído, curvado, os olhos fixos. E era uma covardia um homem dizer que ia matar-se; mas Septimus havia lutado; fora um bravo; não era o mesmo Septimus agora. Ela punha a sua gola de fitas. Punha um chapéu novo e ele nem notava; e era feliz sem ela. Nada poderia fazê-la feliz sem ele! Nada! Era um egoísta. Assim são os homens. Pois ele não estava doente. O dr. Holmes dizia que não era nada. Rezia estendeu a mão! Olha! A aliança lhe escorregava do dedo — como havia emagrecido! Ela é que sofria —, mas não tinha ninguém a quem dizê-lo.

Que longe a Itália e a casaria branca e a sala onde suas irmãs sentavam a fazer chapéus, e as ruas à tarde, cheias de gente que ria alto, sim, e não meio vivos como os daqui, nas suas cadeiras de rodas, a olharem umas poucas e feias plantas metidas em potes!

— Deverias ver os jardins de Milão — disse ela em voz alta. Mas a quem?

Não havia ninguém. Suas palavras dissipavam-se. Como se dissipa um foguete. As chispas, depois de haverem riscado a sua trajetória na noite, somem-se no seio dela, a escuridão retumba, escorre sobre o perfil das casas e das torres; os flancos ermos das colinas suavizam-se, desaparecem. Mas, embora hajam desaparecido casas e colinas, a noite está cheia delas; sem cor, sem janelas, existem mais maciçamente, expressando o que a franca luz do dia não pode transmitir — a turbação e suspensão das coisas aglomeradas na terra; confundidas na treva; privadas do alívio que traz a aurora, quando, molhando as paredes de branco e gris, tocando cada janela, alçando a bruma dos campos, descobrindo as vacas vermelhas que pastam

tranquilamente, tudo é mais uma vez revelado aos olhos; tudo existe de novo. — Estou sozinha; estou sozinha! — exclamou, junto à fonte do Regent's Park (olhando para o índio com a sua cruz), como talvez à meia-noite, quando todas as lindes se perdem e o campo reverte à sua forma antiga, como o viram os romanos, coberto de névoa, ao desembarcarem, e as colinas não tinham nome e os rios corriam não se sabia para onde — assim eram as suas trevas; quando de súbito, e como se um soco houvesse brotado da terra com ela em cima, Rezia declarou que era esposa de Septimus, casada anos antes em Milão, que era esposa de Septimus, e que nunca, nunca diria que ele estava louco. O soco girou, abateu-se; ela caía, caía. Pois ele tinha ido, pensou — tinha ido matar-se, como ameaçara — arrojar-se debaixo de um caminhão! Mas não; ali estava ele; ainda sentado sozinho no banco, com o seu sobretudo puído, as pernas cruzadas, os olhos fixos, falando alto.

Os homens não devem cortar as árvores. Há um Deus. (Anotava tais revelações nas costas de envelopes.) Mudar o mundo. Ninguém mata por ódio. Torná-lo conhecido (tomou nota). Esperava. Escutava. Um pardal, pousado na grade em frente, piou "Septimus, Septimus", quatro ou cinco vezes, e, cascateando as suas notas, continuou a cantar, alto, com frescor, em palavras gregas, que o crime não existe, e, tendo chegado um outro pardal, cantavam ambos, com voz prolongada e penetrante, em grego, dentre as árvores do prado da vida, à margem de um rio onde passeavam os mortos, que a morte não existe.

Ali estava a sua mão; ali, os mortos. Coisas brancas se reuniam atrás das grades opostas. Mas ele não se atrevia a olhar. Evans estava atrás daquelas grades!

— Que dizias? — indagou Rezia subitamente, sentando-se a seu lado.

De novo interrompido! Ela estava sempre interrompendo.

Longe da gente — deviam ir para longe da gente, disse ele (erguendo-se logo), direito para ali onde havia cadeiras debaixo de uma árvore e a longa vertente do parque se estendia como uma peça de pano verde sob um elevado dossel de fumaradas azuis e cor-de-rosa, e havia uma fila de casas irregulares esfumadas na bruma, onde o tráfego zumbia em círculo, e onde, à direita, animais escuros alongavam longos pescoços sobre as paliçadas do zoo, uivando, rugindo. Sentaram-se debaixo de uma árvore.

— Olha — implorou ela, designando um grupo de meninos que carregavam paus de críquete, enquanto um sapateava, rodopiava, tornava a sapatear, como se estivesse representando um palhaço num *music hall*.

— Olha — implorou ela, pois o dr. Holmes lhe havia recomendado que o fizesse interessar-se pelas coisas reais, ir a um *music hall*, jogar críquete — era o jogo indicado, dizia o dr. Holmes, um belo jogo ao ar livre, o verdadeiro jogo para o seu marido.

— Olha — repetia ela.

Olha, ordenara-lhe o invisível, a voz que agora se comunicava com ele, que era o maior dentre os humanos, Septimus, recém-chegado da vida para a morte, o senhor que tinha vindo renovar a sociedade, e que jazia como um manto, como um tapete de neve apenas tocado pelo sol, para sempre sacrificado, sofrendo para sempre, o bode expiatório, o eterno sofredor; mas ele não queria, dizia, gemendo, enquanto rechaçava com um gesto da mão aquele eterno sofrimento, aquela solidão eterna.

— Olha — repetia Rezia, pois ele não devia falar sozinho em voz alta, quando se achava fora de casa.

— Olha — implorava ela. Mas que havia para olhar? Algumas ovelhas. Só.

O caminho para o metrô do Regent's Park — poderiam indicar-lhe o caminho para o metrô do Regent's Park? — Maisie Johnson desejava saber. Fazia apenas dois dias que chegara de Edimburgo.

— Por aqui não: por ali! — exclamou Rezia, afastando-a, com medo de que ela visse Septimus.

Os dois pareciam esquisitos, pensou Maisie Johnson. Tudo parecia muito esquisito. Vindo a Londres pela primeira vez, para trabalhar com o tio em Leadenhall Street, e atravessando agora de manhã Regent's Park, aquele casal sentado deu-lhe um bom susto; a moça parecia estrangeira, o homem, tão esquisito; tanto assim que, quando fosse velhinha, haveria de lembrar-se de como caminhara pelo o Regent's Park, certa linda manhã de verão, uns cinquenta anos atrás. Pois tinha apenas 19 anos e havia afinal encontrado o seu caminho, ao vir para Londres; e que esquisito aquele casal a quem perguntara o caminho, a moça que estremeceu e agitou a mão, e o homem, que terrivelmente estranho aquele homem; a discutirem, quem sabe; ou separando-se talvez para sempre; alguma coisa acontecera, estava certa; e agora toda aquela gente (pois vinha voltando pela alameda), as fontes de pedra, as flores aprumadas, os velhos e mulheres, a maioria inválidos nas suas cadeiras de rodas — tudo parecia tão esquisito, tão esquisito, depois de Edimburgo. E Maisie Johnson, enquanto via de perto aquela gente vagarosa, que olhava tão vagamente, sob a carícia da brisa — e os esquilos trepados nos galhos e alisando o pelo, os bandos de pardais que catavam migalhas, os cachorros preocupados com as grades, preocupados entre si, enquanto o ar morno os banhava, emprestando, ao fixo e tranquilo olhar com que recebiam a vida, um quê de misterioso e langue —, Maisie Johnson sentiu positivamente vontade de gritar "Oh!" (pois aquele jovem da cadeira a sobressaltara. Alguma coisa havia acontecido, estava certa).

Horror! horror!, desejava gritar. (Deixara a sua gente; tinham-na avisado do que ia acontecer.)

Por que não ficara em casa?, lamentava-se, torcendo o trinco da grade de ferro.

Essa pequena, pensou Mrs. Dempster (que guardava migalhas para os esquilos e seguidamente almoçava no Regent's Park), ainda não sabe nada da vida; e, na verdade, seria melhor para ela que fosse um pouco mais forte, um pouco mais lenta, um pouco mais moderada nas suas esperanças. Percy bebia. Em todo caso, pensou Mrs. Dempster, não há como ter um filho. Havia passado os seus maus quartos de hora, e não podia deixar de sorrir ante uma pequena como aquela. Tu vais casar-te, pois és bem bonita, pensou Mrs. Dempster. Casa-te e verás. Oh! a comida, e tudo o mais. Cada homem tem as suas manias. Mas não teria eu feito a escolha que fiz, se soubesse?, pensou Mrs. Dempster, que não podia reprimir o desejo de falar com Maisie Johnson, para sentir na flácida pele da sua face desgastada o beijo da compaixão. Porque de fato fora uma vida bastante dura, pensou Mrs. Dempster. Tudo lhe sacrificara. Rosas; o talhe; os pés também. (Escondeu as massas informes sob a saia.)

Rosas, pensou, sarcasticamente. Bobagens, minha cara. Pois em verdade, quando se tem de beber, comer e deitar, tanto nos bons como nos maus dias, a vida não tem nada a ver com rosas, e, ainda mais, fica sabendo que Carrie Dempster não trocaria a sua sorte com nenhuma outra mulher de Kentish Town! E, no entanto, implorava piedade. Piedade pela perda das rosas. Piedade a Maisie Johnson, junto aos canteiros de jacintos.

Ah! aquele aeroplano! Não desejara sempre ver os outros países? Tinha um sobrinho, um missionário. O avião alçava-se, corria. Ia sempre passear pelo mar, em Margate, sem perder a terra de vista, mas nunca tolerara as mulheres que tinham medo da água. O aeroplano mergulhava. Ela sentia-se enjoada. Alçava-se de novo. "Deve ser um valente rapaz que o guia", murmurou Mrs. Dempster; e o avião cada vez mais longe, rápido, sumindo-se; sobrevoando Greenwich e todos os seus mastros; a pequena ilha de igrejas cinzentas, São Paulo e as outras, até que do outro lado de Londres se estendiam os campos e os bosques escuros, onde os tordos aventureiros, saltando audazmente, de olhos vivos, apanham o caracol e batem-no contra uma pedra, uma, duas, três vezes.

Cada vez mais longe, até não ser mais que uma centelha; uma aspiração; uma concentração; um símbolo (assim parecia a Mr. Bentley, que vigorosamente percorria o seu pedaço de campo

de Greenwich) da alma do homem; da sua determinação — pensava Mr. Bentley, rodeando o cedro — de escapar-se para fora do seu corpo, para fora da sua casa, por meio do pensamento, Einstein, especulação, matemática, a teoria mendeliana; o aeroplano corria.

Senão quando um miserável, de estranho aspecto, que carregava um saco de couro, parou ante os degraus da catedral de São Paulo, e hesitou, pois que bálsamo lá dentro, que acolhida, que tinha de tumbas com flutuantes flâmulas, marcos de triunfo não sobre exércitos, precisou, mas sobre esse maldito espírito de busca da verdade que enfim me deixou nessa situação; e, de resto, a catedral oferece-nos companhia, pensou, convida-nos a fazer parte de uma sociedade; a ela pertenceram grandes homens; por ela mártires morreram; e por que não entrar?, pensou, depor esse saco cheio de panfletos ante um altar, uma cruz, o símbolo de alguma coisa que se elevou além de investigações, problemas e disputas de palavras, e se tornou espírito desencarnado, alma?, pensou, e, enquanto hesitava, corria o avião sobre Ludgate Circus.

E que estranho; tão silencioso! Não se ouvia um só ruído acima do tráfego. Parecia sem piloto; guiado por espontânea vontade. E agora, elevando-se de novo como algo que sobe em êxtase, em pura deleitação, tornou a rojar brancos rolos de fumaça, escrevendo um *T*, um *O*, um *F*.

— Que estarão olhando? — disse Clarissa Dalloway à criada que viera abrir.

O vestíbulo da casa estava fresco como uma cripta. Mrs. Dalloway levou a mão aos olhos, e, enquanto a criada fechava a porta e ela lhe ouvia o rugir das saias, sentiu-se como uma monja que volta do mundo e sente que tombam sobre a sua fronte os familiares véus e a resposta às velhas devoções. A cozinheira assobiava na cozinha. Ouviu o taque-taque da máquina de escrever. Aquilo era a sua vida, e, inclinando a cabeça para a mesinha do vestíbulo, curvava-se ante a sua influência, sentia-se abençoada e purificada, e, enquanto tomava o anotador de recados telefônicos, dizia consigo que momentos como aqueles eram botões da árvore da vida, eram flores da escuridão, pensava (como se alguma linda rosa acabasse de florescer unicamente para seus olhos); nem um só momento acreditara em Deus; mas uma razão, pensou com o anotador suspenso, para agradecer, na vida diária, às criadas, sim, aos cachorros e canários, e principalmente a Richard, seu marido, no qual tudo repousava — pelos alegres rumores, pelas luzes verdes, pelo assobio da cozinheira, pois Mrs. Walker era irlandesa e assobiava todo o dia —, para agradecer-lhes por aquele secreto espírito de deliciosos momentos, pensou, erguendo o anotador, enquanto Lucy, a seu lado, procurava explicar-lhe:

— Mr. Dalloway, senhora...

Clarissa leu o recado telefônico. “Lady Bruton deseja saber se Mr. Dalloway pode almoçar hoje com ela.”

— Mr. Dalloway, senhora, mandou dizer que hoje almoça fora de casa.

— Oh! — exclamou Clarissa, e Lucy tomou o ar de quem compartilhava o seu desapontamento (mas não a dor); sentia a comunhão de ambas; adivinhava-a; pensou no amor entre pessoas da posição de Mrs. Dalloway; e, tomando a sombrinha da patroa, levou-a para o cabide, com o ar de uma deusa que, depois de se desobrigar honrosamente de uma batalha, fosse despojar-se de suas armas sagradas.

“Não mais temas”, disse Clarissa consigo. “Não mais temas o calor do sol”; pois o choque de saber que Lady Bruton convidara Richard sem estender a atenção a ela, Clarissa, fizera-a por momentos estremecer, como a planta à beira da água sente o choque do remo e estremece: assim ela oscilara; assim estremecera.

Millicent Bruton, cujos almoços diziam que eram extraordinariamente divertidos, não a convidara. Não que uns vulgares ciúmes pudessem separá-la de Richard. Mas o tempo é que ela temia, e lia na face de Lady Bruton, como num quadrante de impassível pedra, o fluir da vida;

como, ano após ano, a sua parte diminuía; quão pouco podia dilatar o que ainda restava, e absorver, como nos dias juvenis, as cores, o sabor, o tom da existência. E às vezes sentia, enquanto hesitava um momento à entrada da sala, uma estranha suspensão, como a que poderia sentir um nadador antes de mergulhar, enquanto o mar escurece e refulge a seus pés, e as ondas que ameaçam rebentar, mas apenas deslizam à superfície, envolvem as algas, ocultam-nas — devolvendo-as de novo, incrustadas de pérolas.

Depôs o anotador sobre a mesinha. Começou a subir lentamente a escada, com a palma no corrimão, como se tivesse deixado uma reunião onde um amigo e outro houvessem só por um instante dado atenção ao seu rosto, à sua voz; como se houvesse fechado a porta e estivesse fora, isolado, solitário vulto contra a noite temerosa, ou, para ser mais exata, contra a realidade daquela manhã de junho, de um suave esplendor de pétala de rosa para alguns, bem o sabia e sentia, parada na escadaria junto à janela aberta, por onde entravam batidas de persianas, ladridos de cães; entravam, pensou, sentindo-se de súbito enrugada, velha, sem alento, com a brisa, o rumor, a floração do dia fora da casa, além da janela, além do seu corpo e cérebro, exauridos agora, porque Lady Bruton, cujos almoços diziam ser tão divertidos, não a tinha convidado.

Como uma monja que se recolhe, ou uma criança que explora uma torre, subiu as escadas, deteve-se na janela, chegou ao quarto de banho. Ali estava o linóleo verde e uma torneira gotejando. Era um vazio perto do centro da vida; um sótão. As mulheres devem deixar seus adornos. Ao meio-dia devem despir-se. Espetou o grampo na almofada e deixou o chapéu amarelo de plumas sobre a cama. Os lençóis passados estendiam-se numa longa faixa branca. A sua cama seria cada vez mais estreita. A vela queimara até a metade, pois lera até tarde as *Memórias do barão de Marbot.* Lera noite adentro, até a retirada de Moscou. Pois o Parlamento funcionava até uma hora tão avançada que Richard insistia que ela, depois da doença, repousasse sem distúrbios. E na verdade preferia ler tranquilamente a retirada de Moscou. Ele o sabia. De modo que o quarto era um sótão, a cama, estreita, e, ao ficar ali deitada, a ler, pois sofria de insônia, não podia despojar-se de uma virgindade preservada desde a infância e que aderia a seu corpo como uma túnica. Adorável quando menina, chegou, subitamente, um instante — junto ao rio, nos bosques de Clieveden, por exemplo — em que, por alguma retração desse frio espírito, sentira-se falhar. E depois em Constantinopla, e outras vezes mais. Via o que lhe faltava. Não era beleza; não era inteligência. Era essa coisa central, que se comunica; alguma coisa de cálido que quebra a superfície e encrespa o frio contato de homens e mulheres, ou de mulheres entre si. Pois *isto* ela obscuramente o compreendia. Embora a irritasse, embora tivesse um escrúpulo vindo quem sabe de onde, ou, como o sentia, inspirado pela natureza (que é invariavelmente sábia), a verdade é que às vezes não podia resistir ao encanto de uma mulher, não de uma menina, de uma mulher que lhe confessava, como às vezes acontecia, alguma aventura, algum deslize. Ou fosse por piedade, ou pela beleza, ou por ser mais velha que a outra, ou por algum acidente fortuito — como um suave perfume, ou um violino na sala próxima (tão estranho é o poder dos sons em certos momentos), ela então sentia indubitavelmente o que os homens sentem. Só por um momento; mas era bastante. Era uma súbita revelação, como um rubor que se quisesse deter, mas a quem a gente se abandonasse, sentindo-o estender-se; e vai-se até o último limite, e tem-se uma vertigem, e sente-se que o mundo se aproxima carregado de assombrosas significações; um concentrado êxtase que oprime, até que enfim se rompe, derramando-se com extraordinário alívio sobre as dores e as chagas! Então, nesse momento, ela tivera uma iluminação; um fósforo queimando palha; um oculto sentido quase expressado. Mas o que era tão próximo afastava-se; o consistente abrandava-se. Passara... o momento. Tais momentos (com mulheres também) estavam em contraste (retirou o chapéu da cama) com o leito, *Barão de Marbot* e a vela pela metade. Enquanto se achava deitada, sem dormir, o soalho estalava; a casa clara escureceu subitamente, e, se erguesse a cabeça, poderia ouvir o clique do trinco movido o mais destramente possível por

Richard, que subia a escada de meias e, a uma por duas, deixava cair a botija e praguejava! Ela ria sozinha.

Mas essa questão de amor (pensou, tirando o casaco), isso de enamorar-se de mulheres... Sally Seton, por exemplo; as suas relações de antigamente com Sally Seton... Não havia sido amor, afinal de contas?

Estava sentada no chão — foi sua primeira impressão de Sally —, estava sentada no chão, com os braços rodeando os joelhos e fumando um cigarro. Onde poderia ter sido? Em casa dos Mannings? Ou dos Kinlock-Jones? Fora nalguma festa (onde não sabia ao certo), pois lembrava-se de haver dito ao homem que a acompanhava: "Quem é *essa*?" E ele lho dissera, acrescentando que os pais de Sally estavam brigados (como a tinha chocado aquilo, que os pais de alguém pudessem brigar!). Mas durante toda a noite não pudera afastar os olhos de Sally. Era uma extraordinária beleza, do gênero que ela mais admirava, morena, olhos grandes, com essa qualidade que, por não a possuir, sempre invejara — uma espécie de abandono, como se pudesse dizer o que quer que fosse, fazer não importa o quê; uma qualidade muito mais generalizada entre as estrangeiras que entre as mulheres inglesas. Sally sempre dizia que tinha sangue francês nas veias, que um antepassado seu estivera com Maria Antonieta, lhe haviam cortado a cabeça, e deixara um anel com um rubi. Talvez, naquele verão, tivesse ela chegado em Bourton, após o jantar, completamente de improviso, sem um pêni consigo, transtornando a tal ponto a pobre da tia Helena que, esta, nunca lho perdoou. Sem dúvida houvera alguma terrível briga em casa de Sally. Estava literalmente sem um pêni na noite em que chegara; havia empenhado um broche para viajar. Fugira de casa num verdadeiro acesso. Passaram a noite a conversar. Foi Sally quem lhe fez sentir, pela primeira vez, como era protegida a vida em Bourton. Clarissa nada conhecia sobre os sexos, nada sobre os problemas sociais. Vira uma vez um velho que caíra morto em um campo, vira vacas justamente depois de terem dado cria. Mas tia Helena não gostava que se discutisse coisa alguma (quando Sally lhe emprestou William Morris, teve de ser encapado em papel de embrulho). Ficavam horas e horas no quarto mais alto da casa, falando da vida e de como reformariam o mundo. Pensavam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada, e até haviam escrito uma carta, embora não a tivessem remetido. As ideias eram de Sally, naturalmente — mas logo ela se sentiu igualmente entusiasmada: lia Platão na cama, depois do café; lia Morris; lia Shelley durante horas.

Surpreendente era o poder de Sally, os seus dons, a sua personalidade. Seu modo de arranjar flores, por exemplo. Em Bourton sempre havia vasos com ramalhetes sobre a mesa. Sally saiu um dia, apanhou alteias, dálias — toda a espécie de flores que nunca se haviam visto juntas —, arrancou-as das hastes e pô-las a nadar em tigelas cheias de água. Foi extraordinário o efeito, quando chegaram para jantar à noitinha. (Naturalmente tia Helena achou uma crueldade tratar flores daquele jeito.) Certa vez Sally esqueceu a esponja e saiu correndo nua pelo corredor. A velha criada rabugenta, Ellen Atkins, dizia, resmungando: "Imaginem só se alguns dos senhores a tivessem visto!" Na verdade, escandalizava os outros. Uma avoada, dizia papai.

O estranho, quando recordava, era a pureza, a integridade de seus sentimentos para com Sally. Não era como o que se sente por um homem. Era completamente desinteressado, e, de resto, tinha uma qualidade que só pode existir entre mulheres, entre mulheres recém-saídas da adolescência. Era um sentimento protetor, por sua parte; provinha da impressão de estarem coligadas, o pressentimento de que alguma coisa fatalmente as separaria (sempre falavam do casamento como de uma catástrofe), e daí aquele cavalheirismo, por assim dizer, aquele sentimento de proteção muito mais forte do seu lado do que em Sally. Pois naqueles tempos esta era completamente estouvada; fazia as coisas mais idiotas por bravata; andava de bicicleta no parapeito do terraço; fumava charutos. Absurda... completamente absurda. Mas o seu encanto era irresistível, pelo menos para ela, tanto que se revia parada em seu quarto do alto da casa, com o

jarro de água quente nas mãos e dizendo em voz alta: “Ela está debaixo deste mesmo teto... ela está debaixo deste mesmo teto!”

Não, essas palavras agora não significavam absolutamente nada para ela. Nem sequer lhe despertavam um eco da antiga emoção. Mas podia recordar ainda que sentira um arrepio de excitação e que começara a pentear os cabelos numa espécie de êxtase (e agora lhe vinha voltando o velho sentimento, enquanto retirava os grampos, colocava-os no toucador e começava a pentear-se), enquanto as gralhas se alçavam e abatiam então, na luz rosada do crepúsculo, e ela se vestira e descera as escadas, sentindo, ao cruzar o vestíbulo: “Se tivesse de morrer agora, nunca teria sido mais feliz.” Esse o sentimento — o sentimento de Otelo, e sentia-o, estava certa, tão fortemente como Shakespeare pretendia que Otelo o sentisse, tudo porque baixava, vestida de branco, para jantar com Sally Seton!

Ela estava vestida de gaze cor-de-rosa... seria aquilo possível? *Parecia*, em todo caso, feita de luz, fulgurante, como algum pássaro ou um floco que houvesse entrado, a flutuar, aderindo por um momento a uma sarja. Mas nada é tão estranho quando se ama (e que era aquilo senão amor?), como a completa indiferença dos demais. Tia Helena saiu a caminhar depois da refeição; papai lia o jornal. Peter Walsh devia estar ali, e a velha Miss Cummings; Joseph Breitkopf certamente estava, pois vinha todos os verões, o pobre velho, e ficava semanas e semanas, sob o pretexto de ler alemão com ela, mas o que fazia era tocar piano e cantar Brahms, sem voz nenhuma.

Tudo aquilo não era mais que um cenário para Sally. Estava de pé junto à lareira, falando, naquela voz tão linda, que fazia soar tudo o que dizia como uma carícia, com papai, o qual começava a sentir-se atraído contra a vontade (nunca pôde esquecer que lhe havia emprestado um dos seus livros e o encontrara encharcado no terraço), quando disse de súbito: “Que vergonha estarmos aqui dentro!”, e foram todos para o terraço, a caminhar de um lado para outro. Peter Walsh e Joseph Breitkopf continuavam falando de Wagner. Ela e Sally ficaram um pouco para trás. Veio então o mais raro momento de toda a sua vida, ao passarem por uma urna de pedra com flores. Sally parou; colheu uma flor; e beijou Clarissa nos lábios. O mundo inteiro podia ter desabado! Os outros desapareceram; estava ela sozinha com Sally. Foi como se tivesse recebido um presente, embrulhado, e lhe houvessem dito que assim o conservasse, sem olhá-lo, um diamante, uma coisa infinitamente preciosa, embrulhada, e que, enquanto caminhavam (daqui para lá, de lá para cá), ela ia descobrindo, ou o seu esplendor irradiava através do invólucro; uma revelação, um êxtase religioso! — senão quando o velho Joseph e Peter passaram por elas:

— Contemplando as estrelas? — indagou Peter.

Foi como bater com a face de encontro a um muro de granito, nas trevas. Chocante; horrível!

Não por ela própria. Sentiu apenas que Sally já estava sendo ferida, maltratada; sentiu a hostilidade dele; o seu ciúme; a sua determinação de intrometer-se na camaradagem de ambas. Tudo isso ela o viu como se vê uma paisagem durante um relâmpago... e Sally (nunca a admirou tanto como então!) soube manter-se invulnerável. Riu. Fez o velho Joseph dizer os nomes das estrelas, coisa que ele gostava de fazer, com toda a seriedade.

“Oh, que horror!”, dizia consigo, como se já soubesse que alguma coisa interromperia, amargaria o seu instante de felicidade.

E, afinal, quanto não deveu a Peter mais tarde! Sempre que pensava nele, pensava nas querelas que surgiam entre ambos por algum motivo — talvez por muito que ela prezava a sua opinião. Devia-lhe palavras: “sentimental”, “civilizado”; palavras que brotavam todos os dias na sua vida, como se ele a protegesse. Um livro era sentimental; sentimental uma atitude ante a vida. “Sentimental” talvez o fosse ela, por estar assim pensando no passado. Que pensaria ele, perguntou a si mesma, quando voltasse?

Que ela havia envelhecido? Chegaria a dizê-lo, ou ela adivinharia que ele o estava pensando? Era verdade. Desde a doença o seu cabelo se tornara quase branco.

Quando colocava o broche sobre a mesa, teve um súbito calafrio, como se, enquanto divagava, as garras geladas houvessem encontrado uma oportunidade de cravar-se em sua carne. E no entanto não era velha. Acabava de entrar nos 52 anos. Meses e meses deste último ainda estavam intatos. Junho, julho, agosto! Cada um permanecia inteiro, e, como para colher a gota que tombava, Clarissa (dirigindo-se para o toucador) precipitou-se no próprio coração do momento, varou-o, ali — aquele momento de uma manhã de junho em que havia o peso de todas as manhãs, vendo de novo o espelho, o toucador, todos os frascos, concentrando-se inteira em um único ponto (enquanto se olhava no espelho), a fitar a delicada face rósea da mulher que naquela mesma noite ia dar uma recepção; a face de Clarissa Dalloway, a sua própria face.

Quantos milhões de vezes já não tinha visto aquela face, e sempre com a mesma imperceptível contração! Firmava os lábios quando se via ao espelho. Era para dar tensão à sua face. Assim era Clarissa — tensa como um arco; definida. Assim era Clarissa, quando algum esforço, algum apelo interno para que fosse ela própria, a fazia concentrar-se, e só ela sabia que diferente, que incompatível e recomposta, para o mundo, em um único centro, em um diamante, se torna a mulher que reúne convidados no seu salão; uma irradiação acaso sobre algumas vidas opacas, um refúgio para os solitários, talvez; ajudara a muitos jovens, que lhe eram gratos; procurara ser sempre a mesma, sem nunca mostrar um sinal de seus outros aspectos — defeitos, invejas, vaidades, suscetibilidades, como esta com Lady Bruton, por não a ter convidado; o que, pensou (dando um último retoque ao cabelo), é uma verdadeira baixeza! E agora, onde estava o vestido?

Seus vestidos de baile estavam no guarda-roupa. Clarissa, mergulhando a mão naquela macieza, retirou delicadamente o vestido verde e levou-o para junto da janela. Tinha um rasgão. Alguém lhe pisara a cauda. Desconfiara-o na festa da embaixada, quando sentira um puxão em cima, na cintura. À luz artificial, o verde brilha, mas ali, ao sol, perdia a cor. Ela o remendaria. Suas criadas tinham muito que fazer. Ia pô-lo aquela noite. Levaria as linhas, as tesouras — que mais? —, o dedal, naturalmente, lá para baixo, no salão, pois também tinha de escrever e ver se as coisas iam marchando mais ou menos em ordem.

Estranho, pensou, parando no patamar e concentrando aquele diamante, aquela pessoa única, é estranho como uma dona de casa aprende o verdadeiro ambiente, o verdadeiro clima do seu lar. Suaves ruídos sobem em espiral pelo vão da escada; o arear de um esfregão; escorrer de torneiras; batidas; um ruído sonoro quando se abre a porta da rua; uma voz repetindo uma mensagem, embaixo; um tilintar de prata em bandeja; prata limpa para a festa, tudo era para a festa.

(Lá embaixo, no salão, Lucy entrou com a sua bandeja, pôs sobre a lareira os grandes candelabros, com o vaso de prata ao centro, virou o delfim de cristal para o relógio. Viriam; estariam ali; falariam com o tom afetado que ela sabia imitar, as damas e cavalheiros. Mas dentre todos não havia como a sua senhora — a senhora da prata, dos serviços de mesa, da porcelana, pois o sol, a prata, as portas retiradas, o pessoal de Rumpelmayer davam-lhe a impressão, enquanto punha o corta-papel na mesa marchetada, de algo primitivo. Reparem! Reparem!, dizia a seus velhos amigos da padaria onde trabalhava antes, em Caterham, ao mesmo tempo que fitava o espelho. E ela era Lady Angela conversando com a princesa Mary, quando Mrs. Dalloway desceu para o salão.)

— Oh, Lucy — disse ela —, que linda está a prataria! E como se foram de teatro ontem à noite? — continuou, endireitando o delfim de cristal. — Oh! tiveram de sair antes do fim — respondeu. — De modo que não ficaram sabendo como terminou — observou. — Foi uma pena! (Pois as suas criadas podiam recolher-se mais tarde, se lhe pedissem licença.) — Isto até é uma

vergonha! — disse ela, apoderando-se do velho almofadão desgastado do sofá e pondo-o, com um pequeno empurrão, nos braços de Lucy.

— Leve-o daqui! Leve-o para Mrs. Walker, com os meus cumprimentos! Leve-o daqui!

E Lucy foi até a porta, com o almofadão, e dali lhe perguntou timidamente, enrubescendo um pouco, se não poderia ajudá-la a compor o vestido.

Mas já tinha ela bastante que fazer, disse Mrs. Dalloway, bastante que fazer, sem precisar de mais aquilo.

— Mas obrigada, Lucy, oh, obrigada — disse Mrs. Dalloway. "Obrigada, obrigada", continuou a dizer consigo (enquanto sentava no sofá, com o vestido sobre os joelhos, as tesouras, as linhas), "obrigada, obrigada", continuava a dizer consigo mesma, de pura gratidão aos criados em geral, por ajudarem-na a ser assim, a ser o que desejava, gentil, generosa. Os criados gostavam dela. Agora, o vestido — onde estava o rasgo? —, e enfiar a agulha. Era um dos seus vestidos favoritos, feitio de Sally Parker, quase o último que fizera, aí, pois Sally estava agora aposentada, vivia em Ealing, e se eu tiver tempo, pensou Clarissa (mas nunca achava tempo), irei visitá-la em Ealing. Pois tinha personalidade, pensou Clarissa, era uma verdadeira artista. Tinha umas invenções extraordinárias, mas os seus modelos nunca eram esquisitos. A gente os podia vestir em Hatfield; no Palácio de Buckingham. Ela os vestira em Hatfield; no Palácio de Buckingham.

A paz baixava sobre ela, e a calma, o contentamento, enquanto a agulha, atraindo suavemente a seda ao seu leve compasso, juntava-lhe as pregas verdes e as sujeitava, facilmente, à cintura. Assim, num dia de verão, as ondas se juntam, balançam e tombam; e o mundo inteiro parece dizer: "Isso é tudo", cada vez mais forte, até que o coração, no corpo estendido sob o sol da praia, também diz: "Isso é tudo." "Não mais temas", diz o coração. "Não mais temas", diz o coração, confiando a sua carga a algum mar que suspira coletivamente por todas as dores, e recomeça, ergue-se, tomba. E o corpo sozinho ouve a abelha que passa; a onda que se quebra; o cão, lá ao longe, ladrando, ladrando...

— Meu Deus, a campainha! — exclamou Clarissa, suspendendo a agulha. Alarmada, escutava.

— Mrs. Dalloway me receberá — dizia o senhor idoso no vestíbulo. — Oh, sim, *a mim* ela receberá — repetia, afastando Lucy brandamente e subindo, rápido, as escadas. — Sim, sim — enquanto subia. — A mim receberá. Depois de cinco anos na Índia, Clarissa me receberá.

"Quem poderá ser? Quem poderá ser?", perguntava-se Mrs. Dalloway (considerando que era uma atrocidade ser interrompida às 11 da manhã, no dia em que ia dar uma recepção) ao ouvir passos na escada. Sentiu uma mão na porta. Procurou esconder o vestido, como uma virgem que protegesse a sua castidade, a sua vida íntima. Agora o trinco de bronze se movia. A porta abriu-se, e entrou... por um segundo não pôde recordar como se chamava ele! Tal foi a surpresa que sentiu ao vê-lo, a alegria, o sobressalto, o embaraço de ver chegar Peter Walsh de manhã, tão inesperadamente! (Não tinha lido a sua carta.)

— E então, como vais? — disse Peter Walsh, verdadeiramente a tremer, tomando-lhe ambas as mãos; beijando-lhe as mãos. Envelheceu, pensou ele, sentando-se. Não lhe direi nada a esse respeito, pensou, pois envelheceu. Ela está a observar-me, pensou com um súbito embaraço, embora lhe houvesse beijado as mãos. Metendo a mão no bolso, tirou um grande canivete e abriu-lhe a meio a folha.

Exatamente o mesmo, pensava Clarissa; o mesmo olhar esquisito; a mesma roupa xadrezinha. O rosto um pouco modificado, um pouco mais magro, mais enxuto talvez, mas parece muito bem, e sempre o mesmo.

— Que alegria ver-te de novo! — exclamou. Ele segurava o canivete. O mesmo que antes, pensou ela.

Tinha chegado na noite anterior, disse ele; devia ir logo para o campo; e como iam as coisas, como estavam todos? Richard? Elizabeth?

— E isto o que é? — disse, designando o vestido verde com o canivete.

Ele está muito bem-vestido, pensou Clarissa, e sempre criticando-me.

Compondo os vestidos, compondo os vestidos, como sempre, pensava ele, assim esteve ela sentada todo o tempo em que andei pela Índia; compondo os vestidos: atarefando-se; indo a festas; correndo à Câmara; e, com tudo isso, cada vez mais irritada, mas inquieta, pois não há nada no mundo tão mau para algumas mulheres como o casamento, pensou; e a política; e ter um amigo conservador, como o admirável Richard. Assim é, assim é, pensou, fechando o canivete de golpe.

— Richard vai muito bem. Richard está num comitê — disse Clarissa.

E, abrindo a tesoura, pediu licença para terminar o que estava fazendo, pois ia dar uma recepção naquela noite.

— E para a qual não te convidarei, meu querido Peter! — acrescentou.

Mas era delicioso ouvi-la dizer aquilo — "meu querido Peter!". Na verdade, era tudo tão delicioso — a prataria, as cadeiras, tudo tão delicioso!

— Por que não o convidaria para a sua festa? — perguntou ele.

Neste momento, pensou Clarissa, Peter está encantador! perfeitamente encantador! Agora recordo como me parecia impossível resolver — e por que o fiz, afinal? — não casar-me com ele, naquele terrível verão.

— Mas é tão extraordinário que tenhas chegado esta manhã! — exclamou, pondo as mãos sobre o vestido, uma em cima da outra. — Não lembras — acrescentou — como as cortinas batiam, em Bourton?

— Lembro-me, sim — disse ele; e recordava aqueles almoços da manhã, a sós, muito embaraçosos, com o pai dela; que tinha morrido; e ele não escrevera a Clarissa. Mas nunca pudera entender-se com o velho Parry, aquele velho rabugento e doentio que fora o pai de Clarissa, Justin Parry.

— Quisera haver-me dado melhor com teu pai — disse ele.

— Mas ele nunca simpatizava com nenhum dos que... com nenhum dos nossos amigos — disse Clarissa; e sentiu vontade de cortar a língua por haver assim recordado a Peter que desejara casar-se com ela.

Naturalmente que o queria, pensou Peter; quase que me despedaçou o coração, pensou; e sentiu-se aniquilado pelo seu pesar, que se elevou como uma lua olhada de um terraço, terrivelmente bela, com a luz do dia agonizante. Fui mais infeliz do que nunca, pensou. E, como se realmente estivesse sentado ali no terraço, virou-se a meio para Clarissa; estendeu a mão; ergueu-a; deixou-a cair. Sobre ambos estava suspensa essa lua. Ela também parecia sentada com ele, no terraço, ao luar.

— Herbert está agora com a casa — disse ela. — Nunca vou lá agora — acrescentou.

Nisto, como acontece num terraço enluarado, quando uma pessoa começa a sentir-se vexada do seu aborrecimento, enquanto a outra permanece silenciosa, quieta, olhando tristemente a lua, sem querer falar, e então a primeira move o pé, compõe a garganta, nota um parafuso na perna da mesa, brinca com um ramo, mas não diz nada — assim estava agora Peter Walsh. Para que voltar assim ao passado? Por que pensar nisso de novo? Por que fazê-lo sofrer, ela que o havia torturado tão infernalmente? Por quê?

— Não te lembras do lago? — disse ela, num tom brusco, sob o domínio de uma emoção que lhe apertava o coração, lhe endurecia os músculos da garganta e lhe contraía os lábios num ricto, enquanto dizia "lago". Pois ela era uma menina, que arrojava pão aos patos, na companhia dos pais, e ao mesmo tempo uma mulher que se dirigia para os seus pais junto ao lago, carregando

nos braços a própria vida, que ia crescendo à medida que se lhes aproximava, até se tornar uma vida inteira, uma vida completa, que ela pôs ante eles, dizendo: "Foi isto o que eu fiz da minha vida! Isto!" E que havia feito? Que havia feito dela, afinal? pensava, cosendo ali, junto a Peter.

Olhou para Peter Walsh; seu olhar, atravessando todo aquele tempo e aquela emoção, alcançou-o, hesitante; pousou nele, quase em pranto; e fugiu-lhe como um pássaro que toca um ramo e logo alça o voo. Singelamente, ela enxugou os olhos.

— Sim... — disse Peter. — Sim... — disse ele, como se Clarissa tivesse trazido à tona algo que lhe doesse, e muito. Basta! Basta! queria ele gritar. Pois não era velho; sua vida não terminara; de modo nenhum. Mal passara dos cinquenta. Devo dizer-lhe isso, pensou, ou não? Desejaria abrir-se com ela sobre aquilo tudo. Mas Clarissa é demasiado fria, pensou; cosendo ali, com as suas tesouras. Daisy pareceria vulgar junto dela. E deve pensar que eu sou um fracassado, o que é certo no sentido deles, pensou; no sentido dos Dalloways. Oh, sim, não tinha a mínima dúvida a respeito; era um fracassado, em comparação com tudo aquilo — a mesa marchetada, o corta-papel ornado, o delfim e os candelabros, as cadeiras encapadas, as velhas e preciosas estampas inglesas — sim, um fracassado! Detesto a pretensão disso tudo, pensou. Richard é que é assim, e não Clarissa; mas ela se casou com ele. (Nisto Lucy entrou no salão, trazendo prata, mais prata; mas que encantadora, esbelta e graciosa, pensou Peter, quando ela se deteve para colocá-la.) E assim tinha sido todo o tempo, pensou, semana após semana, a vida de Clarissa; enquanto eu...; e tudo pareceu que irradiava dele, a um tempo; viagens; passeios, cavalgatas, querelas; aventuras; partidas de bridge; histórias de amor, trabalho; trabalho, trabalho! Tinha agora o canivete inteiramente aberto — o velho canivete de chifre que Clarissa seria capaz de jurar que era o mesmo de há trinta anos —, e apertou-o fortemente no punho.

Que extraordinário hábito aquele, pensou Clarissa; sempre a brincar com um canivete. Sempre, também, a fazê-la sentir-se frívola; cabeça-oca; uma simples tagarela. Mas eu, por minha vez, pensou... e, tomando a agulha, chamou em seu auxílio, como uma rainha cujos guardas adormeceram, deixando-a sem proteção (ficara completamente desconcertada com aquela visita — abalada), de modo que, se alguém entrasse sem mais nem menos, poderia vê-la deitada sob as curvas palmas, chamou em seu auxílio as coisas que fazia; as coisas de que gostava; a seu marido; a Elizabeth; a ela própria, em suma, a quem Peter tão pouco conhecia agora — para que a rodeassem e batessem o inimigo.

— Bem, e que tens feito? — perguntou-lhe. Assim, antes do início de uma batalha, os cavalos escarvam o chão; empinam a cabeça; a luz escorre-lhes pelos flancos; encurvam o pescoço. Assim Peter e Clarissa, sentados lado a lado no sofá azul, desafiavam-se um ao outro. As forças de Peter assanhavam-se. Juntou, de diferentes partes, toda espécie de coisas; seus êxitos; sua carreira em Oxford; seu casamento, de que ela nada sabia; como tinha amado; e como cumprira a sua tarefa.

— Milhões de coisas! — exclamou, e, levado pelas forças acumuladas que se arremessavam num ímpeto, e lhe davam a impressão terrível e jubilosa de estar sendo arrebatado nos ombros de uma multidão que não podia ver, estendeu as mãos para a frente.

Clarissa conservava-se sentada, muito direita; retinha a respiração.

— Estou amando — disse ele, não a Clarissa, mas a alguém que se erguera da sombra, e de tal modo que era impossível tocar-lhe, e sim apenas depositar uma guirlanda sobre a relva, na sombra. — Amando — repetiu, dirigindo-se agora quase secamente a Clarissa Dalloway; — amando uma jovem na Índia. — Tinha depositado a sua guirlanda. Clarissa podia fazer o que quisesse dela.

— Amando! — disse ela. Que ele, naquela idade, com o seu pequeno laço de gravata, ainda pudesse ser devorado pelo monstro! E tem o pescoço descarnado; as suas mãos são vermelhas; e

é seis meses mais velho do que eu! E Clarissa considerou a si mesma; mas no seu coração ela bem o sentia: ele está amando. Tem isso, sentiu; ele está amando.

Mas o indomável egoísmo que desarma sempre os que se lhe opõem, o rio que diz: adiante, adiante, adiante; embora saiba que não pode haver nenhuma finalidade para nós, mas: adiante, adiante; esse indomável egoísmo lhe coloriu as faces; rejuvenesceu-lhe o olhar, deixando-a ali corada e de olhos brilhantes, com o vestido sobre os joelhos e a agulha na extremidade da seda verde, tremendo. Ele estava amando! E não a ela. Outra mais jovem, naturalmente.

— E quem é ela? — perguntou.

Agora a estátua devia descer do pedestal e postar-se entre os dois.

— Uma mulher casada, infelizmente — disse ele —; esposa de um major do exército da Índia.

E, com uma doçura curiosamente irônica, sorriu, ao apresentá-la dessa maneira ridícula a Clarissa!

(Ainda assim, ele está amando, pensou Clarissa.)

— Tem — continuou ele, calmamente — dois filhos pequenos: um menino e uma menina; e eu vim consultar meus advogados a respeito do divórcio.

Aqui estão!, pensou. Faze o que quiseres com eles, Clarissa! Aqui estão! E de segundo em segundo parecia-lhe que a esposa do major do exército indiano (a sua Daisy) e os dois pequenos se tornavam cada vez mais adoráveis, à medida que Clarissa os contemplava; como se houvesse acendido uma pastilha cinzenta num prato, tendo-se erguido uma encantadora árvore no ar vivo e salino da sua intimidade (pois em algumas coisas ninguém o compreendia ou sentia como Clarissa) — da sua deliciosa intimidade.

Ela o aliciou, ela soube como o levar, pensou Clarissa, definindo em dois traços a mulher, a esposa do major do exército indiano. Que tristeza! Que loucura! Toda a vida Peter tinha-se deixado levar daquela maneira; primeiro, fazendo-se desligar de Oxford; depois, o casamento com a que encontrou na viagem para a Índia; agora, a esposa de um major... Graças a Deus que não se havia casado com ele! Mas, ainda assim, ele estava amando; seu velho amigo, o seu querido Peter, estava amando.

— Mas que vais fazer? — perguntou-lhe. Oh! os advogados e procuradores, Mr. Hooper e Mr. Grateley, de Lincoln's Inn, iam fazer tudo, disse ele. E pôs-se a aparar as unhas com o canivete.

Por amor de Deus, deixa o canivete em paz!, esteve a ponto de exclamar, numa irreprimível irritação; era essa a fraqueza de Peter, a sua estúpida falta de modos; era a sua absoluta despreocupação com o que pensariam os outros, que a aborrecia, que a aborrecera sempre; e agora, naquela idade, que estupidez!

Eu sei tudo isso, pensava Peter! Eu sei o que têm contra mim, pensou, correndo o dedo pelo fio do canivete, Clarissa e Dalloway e todos eles; mas eu mostrarei a Clarissa... e, para sua própria surpresa, subitamente vencido pelas incontroláveis forças esparsas no ar, rompeu em pranto; chorou; chorou sem a mínima vergonha, sentado no sofá, com as lágrimas a deslizarem-lhe pelas faces.

E Clarissa inclinou-se, tomou-lhe a mão, atraiu-o para si, beijou-o — sentiu realmente a face dele contra a sua, antes que pudesse dominar no seu peito um tumulto de plumas argentadas, como ervas do pampa a um vento tropical, que, ao aplacar-se, deixou-a ali, segurando-lhe a mão, batendo-lhe no joelho e sentindo-se, quando tornara a sentar-se, extraordinariamente à vontade com ele e de coração leve; e instantaneamente pensou: se eu tivesse casado com Peter, teria essa alegria toda a vida.

Mas tudo estava acabado para ela. O lençol estendido e a cama estreita. Tinha subido sozinha à torre e deixara-os colhendo amoras ao sol. A porta fechara-se, e lá em cima, entre a poeira do reboco caído e restos de ninhos de pássaros, de que distância se olhava e como os sons

chegavam amortecidos! (aquela vez em Leith Hill, lembrou-se) e chamou em pensamento: "Richard, Richard!", como uma pessoa adormecida que se sobressalta, e estende a mão no escuro, em busca de um apoio. Almoçando com Lady Bruton, lembrou-se. Deixou-me; estou sozinha para sempre, pensou ela, enlaçando as mãos no joelho.

Peter Walsh erguera-se e fora até a janela, onde permanecia de costas para Clarissa, passando pela face um lenço estampado. Impressionante, severo, desolado, parecia ele, com as magras omoplatas a soerguer-lhe o casaco; assoava o nariz. Leva-me contigo!, pensou Clarissa num impulso, como se ele fosse partir imediatamente para uma longa viagem; e, no instante seguinte, foi como se tivessem passado os cinco atos de uma peça excitante e movimentada, nos quais ela tivesse vivido toda uma vida e fugido, vivido com Peter, e tudo agora estivesse terminado.

Bem, agora era tempo de mexer-se, e, como uma mulher junta as suas coisas, seu casacão, suas luvas, seu binóculo, a fim de sair do teatro para a rua, ela ergueu-se do sofá e dirigiu-se para Peter.

Era terrivelmente estranho, pensava ele, como Clarissa ainda tinha o poder, ao aproximar-se num frêmito de vestes, de fazer com que a lua, que ele detestava, se erguesse no terraço, em Bourton, sobre o céu de verão.

— Dize-me: — falou ele, tomando-a pelos ombros — és feliz, Clarissa? Acaso Richard...

A porta abriu-se.

— Aqui está a minha Elizabeth — disse Clarissa, emocionada, talvez um pouco teatralmente.

— Como passa o senhor? — cumprimentou Elizabeth, avançando.

A batida do Big Ben, marcando a meia hora, ressoou entre ambos com extraordinário vigor, como se um homem jovem, forte, indiferente, descuidoso, estivesse a agitar a corda, de um lado para outro.

— Olá, Elizabeth! — exclamou Peter, mergulhando o lenço no bolso e dirigindo-se rapidamente para ela, ao mesmo tempo que dizia "Até breve, Clarissa", sem olhá-la. Retirou-se às pressas, desceu as escadas, abriu a porta, embaixo.

— Peter! Peter! — exclamou Clarissa, seguindo-o até o patamar. — A minha festa! Lembra-te da minha festa esta noite! — gritava, tendo de alçar a voz contra o ruído de fora; e, dominada pelo ressoar do tráfego e de todos os sinos, a sua voz, que dizia: "Lembra-te da minha festa esta noite!", soava frágil, tênue e muito remota, enquanto Peter fechava a porta da rua.

Lembra-te da minha festa, lembra-te da minha festa, dizia Peter Walsh, enquanto parava na rua, falando a si mesmo ritmicamente, ao compasso daquela vaga sonora, o som direto do Big Ben batendo a meia hora. (Os pesados círculos dissolviam-se no ar.) Oh! essas festas, pensou; as festas de Clarissa. Por que dá essas festas? Não que as desaprovasse, como tampouco àquele homem de jaqueta e cravo na botoeira que vinha na sua direção. Só uma pessoa no mundo podia estar como ele estava: amando. E ei-lo ali; esse afortunado homem, ele próprio, refletido na vitrina de um fabricante de automóveis, em Victoria Street. Toda a Índia estendia-se às suas costas; planícies, montanhas; epidemias de cólera; um distrito duas vezes maior que a Holanda; decisões que ele tivera de tomar sozinho — ele, Peter Walsh, que estava agora, realmente, amando pela primeira vez na vida. Clarissa havia-se tornado seca, pensou; e um tanto sentimental, em compensação, suspeitou ele, contemplando os grandes caminhões capazes de fazer... quantas milhas com quantos litros? Pois tinha vocação para mecânica; inventara um arado no seu distrito e encomendara carrinhos de mão da Inglaterra, mas os cules não queriam usá-los; e de tudo isso Clarissa nada sabia.

A maneira como havia dito "Aqui está a minha Elizabeth" aborrecera-o. Por que não "Aqui está Elizabeth", simplesmente? Era insincero aquilo, e Elizabeth tampouco havia gostado. (Ainda os últimos tremores da grande voz vibrante abalavam o ar em derredor ...e meia; ainda cedo;

11h30, apenas.) Pois ele compreendia os jovens; amava-os. Sempre houvera qualquer coisa de frio em Clarissa, pensou. Sempre tivera, mesmo quando moça, uma espécie de timidez, que na idade madura se converte em convencionalismo, e então é o fim de tudo, o fim de tudo, pensou, olhando melancolicamente as profundezas da vidraça; perguntando-se se não a teria aborrecido indo visitá-la àquela hora; e também subitamente vexado de se haver conduzido como um tolo; de ter chorado; de ter-se comovido; de haver-lhe contado tudo, como sempre, como sempre.

Como uma nuvem que atravessa o sol, o silêncio caiu sobre Londres, e caiu sobre o espírito. Todo esforço é findo. Pende o tempo, do mastro. Rígido, somente o esqueleto do hábito sustenta a forma humana. E onde não há nada, disse Peter Walsh a si mesmo o sentimento escava-se, oco, completamente oco. Clarissa recusou-me, pensou. E ali ficou parado, a pensar: Clarissa recusou-me.

Ah, diz Santa Margarida, soando a hora, como uma dona de casa que entra no salão pontualmente e encontra os convivas já reunidos. Não estou em atraso. Não são exatamente 11h30, diz. No entanto, embora tenha razão de sobra, a sua voz, sendo voz de dona de casa, timbra em não impor-se. Alguma nostalgia do passado a retém; alguma preocupação com o presente. São 11h30, diz, e a voz dos sinos de Santa Margarida desliza nos recessos do coração e funde-se em círculos de sons, como uma coisa viva que deseja confiar-se, expandir-se e, com um tremor de alívio, descansar... como a própria Clarissa, pensou Peter Walsh, Clarissa descendo as escadas, de branco, ao bater da hora. É a própria Clarissa, pensou, com profunda emoção e uma lembrança extraordinariamente clara, mas perturbadora, uma lembrança dela, como se aquele sino houvesse entrado muitos anos antes na sala onde se achavam, em um momento de grande intensidade, e houvesse ido de um para outro e depois partido, carregado com o momento, como a abelha com seu mel. Mas que sala? Que momento? E por que havia sido tão profundamente feliz, enquanto o sino tocava? Depois, quando enlanguesceu o toque de Santa Margarida, pensou: ela esteve doente, e o sino expressava langor e sofrimento. Era o coração, lembrou-se; e a sonoridade súbita do golpe final tocava pela morte que surpreendia Clarissa em meio à vida, Clarissa tombando onde se achava, no seu salão. Não! Não!, exclamou. Ela não morreu! Eu não estou velho, exclamou, e encaminhou-se para Whitehall, como se ali o esperasse, vigoroso, interminável, o seu futuro.

Não estava velho, nem fossilizado, nem seco, o mínimo que fosse. Quanto ao que dissessem dele — os Dalloways, os Whitbreads, e os da sua roda, não lhe importava coisa alguma — coisa alguma (embora fosse verdade que qualquer dia teria de ir ver se Richard não lhe poderia conseguir algum emprego). Andava a passos largos, de olhos fixos, fitou raivosamente a estátua do duque de Cambridge. Verdade que fora expulso de Oxford. Tinha sido um socialista, em certo sentido um fracassado... na verdade. Contudo, pensou, o futuro da civilização estava era nas mãos de jovens assim, de jovens como ele fora trinta anos antes; com seu amor pelos princípios abstratos; que mandavam buscar livros de toda parte, de Londres, do Himalaia; amantes da ciência; amantes da filosofia. O futuro estava nas mãos de jovens como esses, pensou.

Um rumor como de folhas num bosque vinha vindo atrás dele, um ruído surdo, regular, que, contra a sua vontade, lhe ia cadenciando os pensamentos, ao longo de Whitehall. Rapazes de uniforme, com fuzis, marchavam, de olhar para a frente, marchavam, os braços rígidos, e na face uma expressão como as letras de uma legenda escrita no pedestal de uma estátua, glorificando o dever, a gratidão, a fidelidade, o amor à Inglaterra.

É, pensou Peter Walsh, começando a marchar em cadência com eles, uma excelente disciplina. Mas não pareciam robustos. Eram, na maior parte, uns desajeitados rapazolas dos seus 16 anos, que amanhã poderiam estar detrás de sacos de arroz e barras de sabão, nas mercearias. Tinham agora não já a marca da sensualidade ou das preocupações diárias, mas a solenidade que

lhes emprestava a coroa que haviam transportado desde Finsbury Pavement até o túmulo. Tinham jurado bandeira. O tráfego respeitava isso; os caminhões se detinham.

Impossível acompanhá-los, pensou Peter Walsh, enquanto eles subiam Whitehall e, sempre marchando, o deixavam para trás, deixavam todos para trás, com o seu passo decidido, como se uma única vontade lhes movesse uniformemente as pernas e os braços, como se a vida, com a sua variedade, com a sua inconstância, houvesse sido dominada pela disciplina e depositada, cadáver rígido de olhos fixos, entre coroas e monumentos. Tinha-se de respeitar aquilo; podia-se rir; mas tinha-se de respeitar, pensou ele. Lá vão eles, pensou Peter Walsh, detendo-se no fio da calçada; e todas as glorificadas estátuas, Nelson, Gordon, Havelock, as escuras, espetaculares imagens dos grandes soldados, olhavam direito para a frente, como se também houvessem feito a mesma renúncia (Peter Walsh sentiu que ele também fizera a grande renúncia), calcado as mesmas tentações e atingido por fim a impassibilidade marmórea. Mas essa impassibilidade Peter Walsh não a desejava em absoluto para si mesmo, embora pudesse respeitá-la nos outros. Embora pudesse respeitá-la naqueles rapazes. Esses ainda não conhecem as perturbações da carne, pensou, enquanto os rapazes de uniforme desapareciam em direção do Strand; ainda não conhecem o que eu passei, pensou ele, atravessando a rua e parando junto à estátua de Gordon — de Gordon, a quem venerava quando menino; Gordon, de pé e solitário, com uma perna na frente e os braços cruzados —, pobre Gordon, pensou.

E, como ninguém soubesse que ele estava em Londres, exceto Clarissa, e a terra, depois da travessia, ainda lhe parecesse uma ilha, dominou-o o sentimento estranho de encontrar-se sozinho, vivo, desconhecido, às 11h30, em Trafalgar Square. Que é isso? Onde estou? E por que, afinal de contas, fazer uma coisa dessa?, pensou, parecendo-lhe o divórcio um completo desatino. E seu espírito estendeu-se raso como um pântano, e três grandes emoções o dominaram: a de compreender; uma vasta filantropia; e finalmente, como resultado das outras, uma irreprimível, esquisita alegria; como se, dentro do seu cérebro, uma estranha mão corresse cortinas, escancarasse janelas e portas, e ele, sem nada ter com isso, se visse à entrada de intermináveis avenidas, por onde poderia vagabundear, se lhe aprouvesse. Fazia anos que não se sentia tão jovem.

Tinha escapado! estava completamente livre — como acontece em todos os despojamentos, quando o espírito, como uma chama desabrigada, inclina-se, curva-se e parece que já vai espraiar-se fora do seu âmbito. Há anos que não me sinto tão jovem!, pensava Peter, deixando (apenas por algumas horas, naturalmente) de ser exatamente o que era, sentindo-se como um menino que corre porta afora e que vê, enquanto vai fugindo, a sua velha ama a chamá-lo. Mas como é sedutora!, pensou, pois, atravessando Trafalgar Square na direção do Haymarket, vinha uma jovem que, enquanto passava pela estátua de Gordon, parecia, segundo pensou Peter Walsh (sensível como era), ir-se libertando de todas as suas máscaras, até converter-se na verdadeira mulher com quem sempre sonhara; jovem, mas majestosa; alegre, mas discreta; morena, mas encantadora.

Endireitando-se, e manuseando furtivamente o canivete, seguiu atrás dela, daquela mulher, aquela instigação, que parecia, mesmo de costas, irradiar qualquer coisa que os unia, que o distinguia, como se o rumor do tráfego, com as mãos em concha, houvesse pronunciado o seu nome, não Peter, mas o nome particular com que ele se chamava em pensamento. “Tu”, dizia ela; apenas “tu”; dizia-o, com as suas luvas brancas e os seus ombros. E a longa e leve capa que o vento agitou quando ela passava ante a loja de Dent, em Cockspur Street, inflou-se com uma envolvente bondade, uma sentida ternura, como de braços que se abrissem para acolher o cansado...

Não é casada; e é jovem; muito jovem, pensou Peter, e o cravo vermelho com que a vira atravessar Trafalgar Square ainda ardia em seus olhos como um lábio rubro. Ela esperava no fio

da calçada. Tinha um ar de dignidade. Não era mundana, como Clarissa; nem rica, como Clarissa. Seria respeitável?, indagou consigo, vendo-a pôr-se novamente em marcha. Deve ser fina de espírito e aguda de língua, pensou (pois a gente bem pode inventar, permitir-se uma pequena diversão), mas de uma finura discreta, travessa; não ruidosa.

Pôs-se em marcha; atravessou a rua; ele a seguiu. Não queria absolutamente importuná-la. Contudo, se ela se detivesse, lhe diria: "Não quer tomar um gelado?" Assim lhe diria, e ela, com toda a simplicidade: "Pois não."

Mas certas pessoas se interpuseram entre ambos na rua, estorvando-o, escondendo-a. Continuou a perseguição; ela mudou de rumo. Havia um colorido nas faces dela; zombaria em seus olhos. Era um incansável aventureiro, verdadeiramente audaz, temerário (desembarcado na noite passada da Índia), um pirata romântico, alheio a todas aquelas malditas conveniências, roupões amarelos, cachimbos, caniços de pescar, expostos nas vitrinas; e à respeitabilidade, e às recepções, e àqueles velhos peralvilhos, com vivos brancos na jaqueta. Ele era um pirata. E lá se ia ela, Piccadilly afora, subindo a Regent Street, na frente dele; lá se ia com a sua capa, as suas luvas, com o seu movimento de ombros em sincronização com as franjas, fitas e boás das vitrinas, para patentear o refinamento e bizarria que se projetavam das vitrinas para a rua, como a luz de uma lâmpada se propaga pela noite até os limites da treva.

Sorridente, e deliciosa, atravessara Oxford Street e Great Portland Street, tomando por uma das pequenas ruas transversais; e agora, agora o grande momento se aproximava: ela diminuiu o passo, abriu a bolsa, e, com um olhar na sua direção, mas não para ele, um olhar de despedida, liquidou a situação, afastando-o triunfalmente, para sempre; e retirou a chave, abriu a porta, desapareceu! A voz de Clarissa! "Lembra-te da minha festa! Lembra-te da minha festa!" lhe ressoava nos ouvidos. A casa era uma dessas vulgares casas vermelhas, com floreiras suspensas, gosto duvidoso. Tudo acabado.

Bem, diverti-me; sempre foi alguma coisa, pensou, olhando para os oscilantes vasos de pálidos gerânios. Um prazer desfeito em pó, pois era meio inventado, como muito bem o sabia; inventada, aquela aventura com a moça; fabricada, como se fabrica a melhor parte da vida, pensou — como a gente se fabrica a si mesmo; a vida; como se inventa uma deliciosa diversão, e qualquer coisa mais. Era esquisito, e inteiramente verdade; tudo o que não se podia compartilhar... esvaía-se em pó.

Voltou; desandou o caminho, pensando encontrar um lugar onde sentar-se até que fosse tempo de ir ver os senhores Hooper e Grateley, em Lincoln's Inn. Aonde iria? Não importa. Para lá, então, para o Regent's Park; seus sapatos, na calçada, batiam: "não importa, não importa"; pois era cedo ainda; muito cedo.

Uma esplêndida manhã, também. Como o bater de um perfeito coração, a vida pulsava fortemente pelas ruas. Nem hesitações, nem paradas. Solene, perfeito, exato, pontual, silencioso, no devido instante, o auto parou à porta. A moça, meias de seda, plumas, um ar lânguido, mas não particularmente sedutora para ele (que acabava de ter a sua emoção), desceu do auto. Mordomos admiráveis, cães fulvos, vestíbulos de losangos pretos e brancos e cortinas brancas ao vento, tudo isto viu Peter pela porta aberta; viu e agradou-lhe. Um esplêndido acabamento, em seu gênero, essa Londres; a época; civilização. Membro de respeitável família anglo-indiana, que, pelo menos durante três gerações, administrara os negócios de um continente (é estranho, pensou, que eu sinta isso tudo, desgostando-me, como me desgosta, a Índia, o Império e o exército), havia momentos em que a civilização, mesmo daquele gênero, lhe parecia tão cara como uma posse pessoal; momentos em que se orgulhava da Inglaterra; dos cães fulvos; de moças como aquela. Ridículo talvez, mas assim era, pensou. E os doutores e homens de negócios, e as mulheres modernas, todos a caminho dos seus afazeres, pontuais, alertas, fortes, pareciam-lhe perfeitamente admiráveis, bons camaradas, a quem se podia confiar a vida, que nos

ajudariam até o fim. Afinal, com uma coisa ou outra, o espetáculo era bem tolerável; e ele iria sentar-se à sombra e fumar.

Aqui estava o Regent's Park. Sim. Quando menino, andava pelo Regent's Park... Esquisito, pensou, como começam a ocorrer-me recordações da infância — consequência de ter visto Clarissa, talvez; pois as mulheres vivem muito mais no passado do que nós, pensou. Apegam-se aos lugares; e seus pais... as mulheres sempre se orgulham de seus pais. Bourton era um lindo lugar, era mesmo um lindo lugar; mas eu nunca pude entender-me com o velho, pensou. Houvera até uma cena, certa noite — a propósito de quê, não podia lembrar-se. Política, provavelmente.

Sim, lembrava-se do Regent's Park; a alameda reta; o pequeno quiosque, à esquerda, onde se vendiam balões de cor; uma absurda estátua, em qualquer parte, com uma inscrição. Procurou um assento vazio. Não desejava ser incomodado (pois estava um pouco sonolento) por pessoas que lhe perguntassem as horas. Uma ama grisalha, com o bebê adormecido no carrinho... foi o melhor que pôde encontrar, sentou-se na ponta do banco onde se achava a ama.

É uma encantadora menina, pensou, lembrando-se subitamente de Elizabeth, quando entrara no salão e fora postar-se ao lado da mãe. Muito crescida; já uma mulher; não propriamente bonita; simpática; e não pode ter mais de 18 anos. Não se dá muito bem com Clarissa, "Aqui está a minha Elizabeth" — ora essa, por que não "Aqui está Elizabeth", simplesmente? Trata, como a maioria das mães, de forçar a situação. Leva muito longe a sua atitude, pensou. Exagera.

O fumo do bom charuto penetrou-lhe friamente a garganta; ele o expeliu, em anéis que afrontaram bravamente o ar, por um momento; azuis, circulares — tratarei de falar a sós com Elizabeth hoje de noite, pensou —, começaram depois a ondear, a esvair-se; que esquisitas formas vão tomando, pensou. De súbito fechou os olhos, ergueu a mão com grande esforço, e lançou longe a ponta do charuto. Um grande sopro atravessou-lhe a mente, varrendo ramos trêmulos, vozes de crianças, o rumor dos passos, a gente que passava, o tráfego, que crescia e decrescia. Tombou entre as plumas e as penas do sono, afundou-se, sumiu-se.

A ama de cor de cinza reencetou seu crochê, enquanto Peter Walsh, a seu lado, no banco morno, começava a roncar. Com seu vestido gris, movendo as mãos infatigável, mas tranquilamente, ela parecia a guardiã do direito dos adormecidos, como uma dessas espectrais presenças que se erguem nos bosques crepusculares, feitas de céu e de folhagem. O passeante solitário, devassador de sendas, perturbador de moitas e devastador dos grandes ramos, erguendo de súbito os olhos, avista a gigantesca figura ao fim do seu caminho.

Ateu convicto, talvez, assalta-o de surpresa um momentâneo, extraordinário êxtase. Nada existe fora de nós além de estados de espírito, pensa ele; um desejo de escape, de alívio, de alguma coisa alheia a esses miseráveis pigmeus, a esses desleais, feios, covardes humanos. Mas, se pode concebê-la, é que de certo modo ela existe, pensa ele, e, avançando, com os olhos no céu e na folhagem, logo lhes empresta uma forma feminina; vê, pasmado, quão grave se torna, com que majestade, ao sombrio mover das folhas; derrama caridade, compreensão, absolvição, e, subitamente alarmado, confunde a piedade do seu gesto com uma dança endemoniada.

Tais as visões que oferecem ao passeante solitário grandes cornucópias cheias de frutas, ou sussurram a seus ouvidos como sereias no mar verde, ou jogam-se em seu rosto como ramos de rosas, ou vêm à tona como pálidas faces que o pescador tenta abraçar através das ondas.

Tais as visões que flutuam sem cessar ante as coisas reais, que as cercam, que as escondem; que às vezes se assenhoreiam do passeante solitário e lhe tiram o sentido da terra, o desejo de voltar, e lhe dão, em troca, uma paz completa, como se (assim pensa ele, enquanto se adentra na floresta) todo aquele tumultuar de vida fosse a própria simplicidade; e miríades de coisas fossem uma única; e aquela figura, feita de céu e folhagem, se houvesse erguido do conturbado mar (ele

está velho, já passou dos cinquenta agora) como uma forma brotada das espumas, para propinar, com as suas mãos dadivosas, a compaixão, a compreensão, a absolvição. Ah, pensa, não voltar mais para a luz da lâmpada; para o meu gabinete; não terminar meu livro; não esvaziar o cachimbo; não tocar a campainha para que Mrs. Turner venha varrer; mas caminhar direito para essa grande figura que, com um meneio de cabeça, me erguerá nos seus galhardetes e me deixará esfazer-me no não ser, com o resto das coisas.

Tais são as visões. O passeante solitário sai logo da floresta; e eis que ali junto ao portal, possivelmente a vigiar à sua volta, abrigando os olhos com a mão erguida, e de avental branco ao vento, está uma mulher idosa que parece (tão incoercível é essa condição) buscar, pelo deserto, algum filho perdido; um cavaleiro derrotado; como a simbolizar a mãe cujos filhos morreram nas batalhas do mundo. E assim, quando o passeante solitário avança pela rua aldeã onde as mulheres bordam e os homens cavam o jardim, a tarde parece fatal; os rostos parados; como se algum augusto destino, por eles conhecido e esperado sem medo, estivesse prestes a sumi-los no completo aniquilamento.

Na casa, entre as coisas habituais, o aparador, a mesa, o rebordo da janela com os seus gerânios, de súbito, o vulto da dona da casa, inclinando-se para tirar os pratos, suaviza-se na luz, adorável símbolo que só a recordação do frio contato humano impede de abraçar. Ela toma a marmelada, guarda-a.

— Não quer mais?

Mas a quem responderá o viajante solitário?

No Regent's Park, a velha ama fazia crochê junto ao bebê adormecido. Peter Walsh roncava. Despertou subitamente, dizendo consigo: "A morte da alma."

— Senhor, senhor! — disse em voz alta, espreguiçando-se e abrindo os olhos. — A morte da alma. — As palavras estavam ligadas a alguma cena, a alguma sala, a qualquer coisa do passado com que estivera a sonhar. E tudo se esclareceu: a cena, a sala, o passado com que sonhara.

Fora em Bourton, naquele verão, nos primeiros anos de 90, quando estava tão apaixonadamente enamorado de Clarissa. Muita gente se encontrava ali, rindo e conversando, após o chá, em redor da mesa, e a sala enchia-se de uma luz amarelada e do fumo dos cigarros. Falava-se de um homem que casara com a criada, um dos vizinhos, cujo nome Peter esquecera. Casara com a criada e a levara de visita a Bourton, terrível visita! Ela estava absurdamente vestida; "como um papagaio", dissera Clarissa, arremedando-a; e falava sem parar... E imitava-a. Foi então que alguém disse — Sally Seton — se não a julgariam de outro modo, sabendo que tivera um filho antes do casamento... (Dizer tal coisa, naquela época, entre rapazes e moças, era muito forte.) Peter ainda via Clarissa enrubescendo, empertigando-se toda e declarando: — Oh! Nunca mais poderei falar com ela! — Depois do que todos os convivas ficaram constrangidos. Muito desagradável aquilo.

Não a havia criticado por escandalizar-se, pois naquela época era assim que se criavam as moças, ela não sabia nada do mundo; mas aborrecera-o o jeito de Clarissa: suscetível; dura; arrogante; puritana. "A morte da alma." Dissera aquilo instintivamente, rotulando o momento, como costumava — a morte da alma.

Todos se moveram, perturbados; pareceram submeter-se, enquanto ela falava, e depois ergueram-se, desapontados. Viu Sally Seton, como uma criança apanhada em falta, inclinar-se para diante, ruborizada, desejosa de falar, mas sem atrever-se, pois Clarissa intimidava as pessoas. (Era a melhor amiga de Clarissa, uma criatura atraente, bela, morena, com reputação de grande audácia para a época, e ele costumava dar-lhe charutos, que ela fumava no quarto; ou fora noiva de alguém, ou brigara com a família; e o velho Parry detestava igualmente a Sally e a ele, Peter, o que era um grande elo entre ambos.) Clarissa, ainda com um ar de dignidade

ofendida, deu qualquer desculpa e dirigiu-se para fora, sozinha. Quando abriu a porta, entrou o grande cachorro ovelheiro. Ela o acolheu com grandes mimos. Era como se dissesse a Peter, que compreendeu que tudo lhe era dirigido: "Sei que me achaste absurda a respeito dessa mulher, mas repara que criatura extraordinariamente afetuosa eu sou; vê como quero ao meu Rob!"

Sempre haviam tido aquele estranho poder de comunicar-se sem palavras. Ela sabia instintivamente que Peter a criticava. Tinha, pois, de fazer alguma coisa completamente óbvia, para defender-se, como aquela cena com o cachorro... mas ele nunca se deixava levar, sabia ver através de Clarissa. Não dizia nada, certamente; sentava-se, amuado. Era assim que começavam muitas vezes as suas brigas.

Clarissa fechou a porta. E logo ele sentiu-se extremamente deprimido. Tudo parecia inútil: continuar amando; continuar brigando; continuar reconciliando-se. Saiu a vaguear sozinho, pelos telheiros e estábulos, olhando os cavalos. (O local era modesto; os Parrys nunca haviam sido ricos, mas sempre tiveram tratadores — Clarissa gostava de equitação — e um velho cocheiro — como se chamava? — e uma velha ama, a velha Moody, a velha Goody, ou coisa parecida, a quem se visitava numa pequena peça cheia de fotografias e de gaiolas de passarinhos.)

Foi uma noite horrível! Ele se tornou cada vez mais sombrio, não por causa daquilo, apenas; por causa de tudo. E não podia vê-la; não podia explicar-se com ela; não podia esclarecer nada. Sempre havia gente... e ela continuava como se nada houvesse acontecido. Esse era o seu lado diabólico — aquela frieza, aquela dureza, algo de muito profundo que ele de novo sentira naquela manhã, ao falar-lhe; aquela impenetrabilidade. Mas Deus sabia como ele a amava. Tinha ela o estranho poder de vibrar os nervos da gente, como se fossem cordas, sim.

Ele chegara tarde à mesa, com a estúpida ideia de fazer notar a sua ausência, e sentara-se perto da velha Miss Parry, a tia Helena, irmã de Mr. Parry, e que a presidia. Ali estava, com o seu branco xale de *cashmere*, a cabeça contra a janela; uma admirável velha, muito boa para com ele, Peter, que lhe havia conseguido algumas flores raras, pois era uma grande amadora de botânica e fazia excursões com umas grossas botas e uma negra caixa de estanho a tiracolo. Sentou-se junto dela, e não podia falar. Tudo parecia fugir-lhe ante os olhos: sentou-se apenas, pondo-se a comer. Na metade da refeição, olhou pela primeira vez para Clarissa. Falava com um jovem que estava à sua direita. Ele teve uma súbita revelação. "Vai casar-se com este homem", disse consigo mesmo. Nem sequer lhe sabia o nome.

Pois fora naquela tarde, exatamente naquela tarde, que Dalloway chegara; e Clarissa o chamava "Wickham"; fora o começo de tudo. Alguém o trouxera; e Clarissa compreendera mal o seu nome. Apresentara-o a todos como Wickham. Afinal ele disse: O meu nome é Dalloway! — Essa a primeira visão que ele tivera de Richard — um rapaz comum, um tanto rude, sentado numa preguiçosa, e protestando: "O meu nome é Dalloway!" Sally não perdeu tal coisa; e depois, sempre que se referia a ele, chamava-lhe "o meu nome é Dalloway!".

Naquele tempo, ele, Peter, era sujeito a revelações. Essa de que Clarissa se casaria com Dalloway fora, no momento, ofuscante, aniquiladora. Havia uma espécie de — como dizer? —, uma espécie de tranquilidade na maneira de o tratar; algo de maternal; de suave. Falavam sobre política. Durante todo o jantar, tentara ouvir o que diziam.

Lembrava-se de que, depois, ficara junto à cadeira da velha Miss Parry, no salão. Clarissa entrou, com as suas perfeitas maneiras de verdadeira dona de casa, e quis apresentá-lo a alguém; falava como se nada houvesse entre ambos, o que o enfureceu. Mas, ao mesmo tempo, admirava-a por isso. Admirava-lhe a coragem, o instinto social; o seu poder de dominar a situação. — A perfeita dona de casa — dissera-lhe, com o que ela se melindrou. Mas era isso mesmo o que ele queria. Faria qualquer coisa para magoá-la, depois de tê-la visto com Dalloway. De modo que ela o deixou. E veio-lhe a sensação de que todos se haviam reunido para conspirar contra ele, rindo e falando às suas costas. Ali ficou, junto à cadeira de Miss Parry, como talhado

em madeira, a falar de flores silvestres. Nunca, nunca sofrera tão infernalmente! Havia esquecido até a intenção de escutar; afinal despertou; viu Miss Parry a fitá-lo, meio desapontada, meio irritada. Esteve a ponto de dizer-lhe que não podia escutar porque se achava no inferno! Começavam a sair da sala. Ouviu-os falar de abrigos; de que estava frio no lago, e assim por diante. Iam remar no lago, ao luar — uma das loucas ideias de Sally. Ei-la agora descrevendo-lhes a lua. E todos se foram. Deixaram-no.

— Não quer ir com eles? — indagou tia Helena (pobre velha! — tinha adivinhado). Ele volveu a cabeça, e ali estava Clarissa de novo. Viera buscá-lo. Sentiu-se comovido com a sua generosidade, com a sua bondade.

— Vem — disse ela. — Estão esperando.

Nunca se sentira tão feliz em toda a vida! Sem uma palavra, haviam-se reconciliado. Caminharam juntos até o lago. Teve vinte minutos de completa felicidade. A voz de Clarissa, o seu riso, o seu vestido (algo de flutuante, de branco, de escarlate), a sua animação, o seu espírito de aventura; fez todos desembarcarem e explorar a ilha; espantou uma galinha; riu; cantou. E, durante todo esse tempo, sabia-o perfeitamente, Dalloway se estava enamorando dela; ela se estava enamorando de Dalloway; mas isso parecia que não importava. Nada importava. Sentaram-se na relva e conversaram — ele e Clarissa. Seus espíritos se compreendiam sem o mínimo esforço. E depois, num segundo, tudo terminou. "Vai casar-se com esse homem", disse ele consigo, ao voltarem para o bote, sombriamente, mas sem ressentimento algum; pois era óbvio. Dalloway casaria com Clarissa.

Dalloway pôs-se a remar. Não dizia nada. Mas, quando o viram saltar na sua bicicleta para correr vinte milhas pelos bosques e agitar a mão antes de desaparecer na baixada, algo lhe fez sentir, instintivamente, tremendamente, fortemente, aquilo tudo; a noite; o romance; Clarissa. Dalloway a merecia.

Quanto a ele, Peter, era absurdo. O que exigia de Clarissa (agora bem o compreendia) era absurdo. Pedia coisas impossíveis. Fazia terríveis cenas. Ela ainda o teria aceito, talvez, se ele se houvesse mostrado menos absurdo. Sally pensava o mesmo. Escreveu-lhe longas cartas durante todo aquele verão, contando como tinham falado dele; como tinham falado dele; como ela o havia elogiado, como Clarissa chorara. Fora um extraordinário verão — cheio de cartas, de cenas, de telegramas —, uma chegada a Bourton de manhã cedo, antes de os criados se levantarem; embaraçosos diálogos com o velho Mr. Parry, nas refeições matinais; a tia Helena, imponente, mas bondosa; Sally levando-o para conversarem na horta; Clarissa, na cama, com dor de cabeça.

A cena final, a terrível cena que, pensava ele, havia influído mais do que tudo em toda a sua vida (poderia ser exagero, mas ainda agora pensava o mesmo), ocorreu às três da tarde, num dia muito quente. Um nada a provocara: Sally, na mesa, referira-se a Dalloway, chamando-lhe "o meu nome é Dalloway"; Clarissa ergueu-se de súbito, muito vermelha, como costumava, e disse asperamente: — Basta dessas brincadeiras sem graça. — Foi só; mas, para ele, era como se Clarissa houvesse dito: "Contigo, eu apenas me divirto; mas estou comprometida com Richard Dalloway." Assim o compreendera ele. Não dormiu durante várias noites. "De qualquer modo, é preciso acabar com isso", disse consigo. Mandou-lhe um bilhete por intermédio de Sally, pedindo-lhe que o fosse encontrar junto à fonte, às três horas. "Aconteceu uma coisa muito grave", garatujou no fim.

A fonte achava-se afastada da casa, em meio a um bosquete. Ali chegou ela, antes da hora, e permaneceram com a fonte de permeio, a calha (estava quebrada) incessantemente a gotejar. Como as imagens se gravam na mente! O verde vivo do musgo, por exemplo.

Ela não se movia. — Dize-me a verdade, dize-me a verdade — insistia ele. Era como se a cabeça lhe fosse rebentar. Clarissa parecia contraída, petrificada. Não se movia. — Dize-me a

verdade — repetiu ele, quando de súbito assomou a cabeça do velho Breitkopf, que trazia o *Times*; olhou-os; bocejou e seguiu adiante. Nenhum dos dois se moveu. — Dize-me a verdade — repetiu ele. Tal como se estivesse a bater contra algo fisicamente duro; ela não cedia. Era como ferro, como sílex, rígida, até a medula. E quando ela disse: — É inútil. Isto é o fim — depois de haver ele falado por horas, parecia-lhe, com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto — foi como se o houvesse esbofeteado. Deu a volta, deixou-o, retirou-se.

— Clarissa! — gritou. — Clarissa! — Mas Clarissa não se voltava. Tudo acabado. Ele partira naquela noite. Não tornara a vê-la.

Horrível, exclamou consigo, horrível!

Mas o sol ainda aquecia. A gente ainda sobrepairava a essas coisas. A vida ainda tinha um meio de adicionar um dia a outro dia. E ainda, pensou, bocejando e começando a notar o mundo exterior (o Regent's Park tinha mudado muito pouco desde a sua infância, exceto quanto aos esquilos), ainda havia compensações... — senão quando a pequena Elise Mitchell, que tinha estado a juntar pedrinhas para a coleção que fazia com o mano, sobre a lareira do quarto das crianças, pôs um punhado delas nos joelhos da ama e, ao retirar-se correndo, tombou de encontro às pernas de uma senhora. Peter Walsh riu com gosto.

Lucrezia Warren Smith dizia consigo: "É cruel, isto; por que devo sofrer?", perguntava-se, enquanto descia a avenida. "Não, não posso suportar mais isto", dizia, depois de haver deixado Septimus, que não era já Septimus, a dizer coisas duras, injustas, cruéis, a falar consigo mesmo, a falar com um morto, ali naquele banco; foi quando a criança chocou-se contra as suas pernas, caiu, e começou a chorar.

Até era uma distração. Ergueu-a, limpou-lhe a saia, beijou-a.

Mas quanto a ela, nada fizera de mal; tinha amado Septimus; fora feliz; vivera numa bela casa, onde as suas irmãs ainda fabricavam chapéus. Por que devia sofrer?

A menina correu para a ama, que, observava Rezia, lhe ralhava, consolava-a, afastava o crochê para a pôr no colo, enquanto o bondoso senhor, para consolá-la, lhe mostrava o relógio, que se abria de um golpe... mas por que é que ela, Rezia, devia estar assim exposta? Por que não ficara em Milão? Por que aquela tortura? Por quê?

Levemente nublados pelas lágrimas, a avenida, a ama, o homem de gris, o carrinho lhe oscilavam ante os olhos. Ser torturada por aquele maligno verdugo, tal era o seu destino. Mas por quê? Era como um pássaro abrigado sob uma leve folha, que pisca ao sol quando a folha se move; e estremece ao estalido de um galho seco. Estava exposta; cercada pelas enormes árvores; pelas vastas nuvens de um mundo indiferente, exposta; torturada; e por que devia sofrer? Por quê?

Franziu as sobrancelhas, bateu com o pé. Tinha de voltar agora para junto de Septimus, pois estava na hora de irem consultar *sir* William Bradshaw. Tinha de voltar e lho dizer, voltar para o banco verde debaixo da árvore, onde estava sentado, falando a sós, ou com o morto, com esse Evans, a quem ela vira uma única vez, na loja. Parecia um homem bom e tranquilo; um grande amigo de Septimus, e tinha sido morto na guerra. Todos têm amigos que foram mortos na guerra. Todos renunciam a alguma coisa quando se casam. Ela renunciara à sua casa. Tinha vindo morar ali, naquela horrível cidade. Mas Septimus dera para pensar em coisas horríveis, como ela própria o poderia fazer, se o tentasse. Tornava-se cada vez mais estranho. Dizia que havia gente falando por detrás das paredes do quarto. Mrs. Filmer achava isso muito esquisito. Ele também via coisas... tinha visto a cabeça de uma velha no meio de uma folhagem. Contudo, podia ser feliz, quando queria. Tinham ido a Humpton Court na imperial de um ônibus e se haviam sentido perfeitamente felizes. Todas as pequeninas flores vermelhas e amarelas emergiam da relva, dissera ele, e falara e conversara e rira, inventando histórias. De súbito ele disse, quando estavam

junto ao rio: “Agora vamos matar-nos”, e olhou para a água com aquele olhar que ela já lhe vira antes, quando um trem passava, ou um ônibus — um olhar como se alguma coisa o fascinasse; e sentiu que ele se afastava dela e tomou-o pelo braço. Mas, ao voltar para casa, estava perfeitamente tranquilo... perfeitamente razoável. Quis discutir com ela sobre a necessidade de se matarem; explicou como a gente era má; as mentiras que inventavam os transeuntes e que ele via. Conhecia todos os seus pensamentos, disse; conhecia todas as coisas. Conhecia o sentido do mundo, disse.

Quando chegaram, mal podia caminhar. Estendeu-se no sofá e pediu que lhe segurasse a mão, para impedi-lo de cair, gritava, nas chamas! e nas paredes via caras que riam dele, que lhe chamavam coisas horríveis, e dedos que o apontavam, em redor do ombro. No entanto, estavam completamente a sós. Mas ele começou a falar em voz alta, respondendo a alguém, discutindo, rindo, chorando, cada vez mais excitado, e fazia-lhe escrever coisas. Umas perfeitas tolices; sobre Miss Isabel Pole. Não podia mais suportar aquilo. Tinha de voltar.

Estava junto dele agora e via-o fixar o céu, murmurar, juntar as mãos. E no entanto o dr. Holmes havia dito que não era nada. Que havia acontecido, então? Por que, quando sentou a seu lado, estremeceu, olhou-a carrancudo, ergueu-se, apontou para a sua mão, tomou-lhe a mão, contemplou-a, horrorizado?

Seria por que tirara a aliança de casamento? “Emagreci tanto”, disse-lhe; “Guardei-a na bolsa”, explicou.

Ele soltou-lhe a mão. O casamento estava desfeito, pensou com agonia, com alívio. Cortadas as amarras; ele sabia; era livre, pois estava decretado que ele, Septimus, o senhor dos homens, deveria ser livre; sozinho (já que sua esposa retirara a aliança; já que o havia deixado), ele Septimus, estava sozinho, chamado muito antes que o resto dos homens para ouvir a verdade, para aprender o segredo que, afinal, depois de todo o trabalho da civilização — gregos, romanos, Shakespeare, Darwin e agora ele próprio —, ia ser totalmente revelado... — A quem? — perguntou em voz alta. — Ao primeiro-ministro — responderam as vozes que cochichavam sobre a sua cabeça. O supremo segredo devia ser comunicado ao Gabinete: primeiro, que as árvores vivem; segundo, que não há crime; terceiro, amor, amor universal, murmurou, arquejante, trêmulo, emitindo penosamente essas profundas verdades que demandavam, tão ocultas eram, tão difíceis, um imenso esforço para formularem-se, mas que iam transformar para sempre a face do mundo.

Não há crime; amor, repetia, afanando-se em busca de papel e lápis, quando um *terrier* escocês veio farejar-lhe as calças, o que o fez saltar, transido de medo. O cachorro se estava transformando em homem! Não podia suportar aquilo! Era horrível, terrível, ver um cachorro transformar-se em homem! Afinal o cachorro afastou-se a trote.

Deus era infinitamente misericordioso, infinitamente bom. Poupava-o, perdoava-lhe a sua franqueza. Mas qual era a explicação científica? (Pois devemos ser científicos, antes de tudo.) Como podia ele ver através dos corpos, ver no futuro, ver como os cachorros se convertiam em homens? Era provavelmente a onda de calor, que influía num cérebro sensibilizado pelos dons da evolução. Cientificamente falando, a carne fundia-se no todo. Seu corpo macerado só conservava as fibras nervosas. Estava estendido como uma rede sobre uma rocha.

Reclinou-se no encosto, exausto, mas cheio de ânimo. Jazia em repouso, esperando, antes que recomeçasse a interpretar, com esforço, com agonia, aquela mensagem para os homens. Jazia muito alto, sobre o dorso do mundo. A terra vibrava debaixo dele. Flores vermelhas cresciam-lhe através da carne; as folhas rígidas murmuravam junto à sua cabeça. Ali em cima, na rocha, começou a ouvir-se música. É uma buzina de auto, lá embaixo, na rua, disse ele; mas ali em cima repercutia de rocha em rocha, dividia-se, entrechocava-se, erguendo-se em lisas colunas de sons (a música visível era outra descoberta), e tornava-se um cântico de alegria, uma antífona que

espiralava da flauta de um jovem pastor (é um velho mendigo que toca diante de um café, murmurou) e que, quando o jovem estacava, se elevava borbulhando, e, quando ele subia mais alto, se convertia num esquisito lamento sobre o rumor do tráfego. Essa elegia do pastor é executada em meio ao tráfego, pensou Septimus. Mas agora ele se retira para as neves, e rosas pendem-lhe em redor... as grandes rosas vermelhas que florescem nas paredes de meu quarto, lembrou. Parou a música. — Ganhou esmola — raciocinou em voz alta —, e foi para o café mais próximo.

Mas ele próprio permanecia no alto da sua rocha, como um marinheiro náufrago. Inclinei-me à borda do barco e caí, pensou. Mergulhei no mar. Estive morto, e, no entanto, estou agora vivo, mas deixem-me descansar, suplicou (estava falando sozinho outra vez — era horrível, horrível); e, tal como, antes de despertar, as vozes dos pássaros e o rumor das rodas se confundem e dialogam numa estranha harmonia, e se tornam cada vez mais fortes, e o adormecido sente que vai abordando às margens da vida, assim se sentia ele aproximar-se da vida, pois o sol era mais quente, os gritos, mais fortes, e alguma coisa tremenda ia acontecer.

Bastava-lhe apenas abrir os olhos; mas havia neles um peso; um medo. Endireitou-se; fez um esforço; olhou; viu o Regent's Park. Longas faixas de sol lhe acariciavam os pés. As árvores abanavam, agitavam-se. Acolhemos, parecia dizer o mundo; aceitamos; criamos. Beleza, parecia dizer o mundo. E, como que a prová-lo (cientificamente), para onde quer que ele olhasse, as casas, as grades, os antílopes estendendo o pescoço sobre a cerca, a beleza brotava instantaneamente. Observar uma folha tremendo ao sopro do ar era uma esquisita alegria. Muito alto no céu, as andorinhas juntavam-se, apartavam-se, dirigiam-se para um e outro lado, faziam círculos, sempre em perfeito acordo, como que presas por elásticos; e os voos alçavam-se e abatiam-se; o sol tocava ora essa folha, ora aquela, a brincar, confundindo-as no seu suave ouro, por pura benevolência; e de vez em quando alguma harmonia (podia ser uma buzina de auto) ressoava divinamente contra as hastes da relva... tudo aquilo, assim tranquilo e razoável, constituído de coisas ordinárias, era a verdade; beleza, esta era a verdade. A beleza estava em toda parte.

— Está na hora — disse Rezia.

A palavra "hora" rebentou sua casca; derramou seus tesouros sobre ele; e de seus lábios tombaram, como escamas, como limalhas, sem que ele nada fizesse para isso, duras, brancas, imortais palavras, que voaram, colocando-se por si mesmas no seu devido lugar em uma ode ao Tempo; uma imortal ode ao Tempo. Cantou. Evans respondia por detrás da árvore. Os mortos estavam na Tessália, Evans cantava, entre as orquídeas. Ali tinham esperado que a guerra terminasse, e agora os mortos, agora o próprio Evans...

— Por amor de Deus, não se aproximem! — gritou Septimus. Pois não podia fitar os mortos.

Mas os ramos se afastavam. Um homem de gris vinha vindo na sua direção. Era Evans! Mas não estava enlameado; não tinha ferimentos; não mudara coisa alguma. — Devo dizer ao mundo inteiro — gritou Septimus, erguendo a mão (enquanto o morto de gris se aproximava), erguendo a mão como uma colossal figura que houvesse lamentado o destino dos homens, durante séculos, no deserto, sozinho, com as mãos na fronte, sulcos de desespero na face, e que, agora, na orla do deserto, vê uma luz que aumenta, uma luz que bate a figura de ferro negro (e Septimus se erguera a meio), e, com legiões de homens prostrados às suas costas, ele, o carpidor gigantesco, recebe por um momento na face toda a...

— Sou tão desgraçada, Septimus! — dizia Rezia, tentando fazê-lo sentar.

Os milhões lamentavam-se; durante séculos haviam sofrido. Ele ia voltar-se, ia dizer-lhes dentro em poucos instantes, dentre em poucos instantes mais, a libertação, a surpreendente revelação...

— As horas, Septimus — repetia Rezia. — Que horas são?

Falava, agitava-se, aquele homem ia notar. Já estava olhando para eles.

— Vou dizer-te a hora — disse Septimus, devagar, sonolentamente, sorrindo com ar misterioso para o morto de gris. Enquanto ele se sentava, a sorrir, o quarto de hora bateu — um quarto para as doze.

O que é ser jovem!, pensou Peter Walsh, ao passar por eles. Estão fazendo uma terrível cena — a pobre moça parecia completamente desesperada — em plena manhã. Que se passará?, perguntou-se. Que lhe estará dizendo o jovem de sobretudo, para a pôr em tal estado? Em que dificuldades não se haveriam metido, para estarem tão desesperados numa manhã tão linda? Ao voltar à Inglaterra depois de cinco anos, as coisas, pelo menos no princípio, eram como se a gente nunca as tivesse visto antes; amantes brigando debaixo de uma árvore; a vida familiar dos parques. Nunca Londres lhe parecera tão encantadora; a suavidade das distâncias; a riqueza; a verdade; a civilização, depois da Índia, pensou, caminhando sobre a relva.

Aquela sensibilidade fora a sua desgraça, pensou. Ainda na sua idade tinha, como um rapaz ou uma rapariga, aquelas alternativas: dias bons, dias maus, sem nenhuma razão suficiente, felicidade ante uma cara bonita, abatimento ante uma feia. Depois da Índia, é natural, a gente se enamora de cada mulher que encontra. Tinham agora uma frescura! Até as mais pobres se vestiam melhor, por certo, do que há cinco anos; e, a seu ver, nunca as modas haviam assentado tão bem; as longas capas negras; a esbeltez; a elegância; e depois o delicioso e aparentemente universal costume de pintar-se. Cada mulher, mesmo a mais respeitável, tinha rosas em redomas; lábios feitos a cinzel; bucles de manequim; havia intenção, arte, por tudo; indubitavelmente, algo havia mudado. Que pensariam os jovens daquilo?, perguntava-se Peter Walsh.

Aqueles cinco anos — de 1918 a 1923 — haviam constituído, suspeitava, alguma coisa de muito importante. A gente parecia diversa. Os jornais também. Agora, por exemplo, num dos mais respeitáveis semanários, alguém escrevia abertamente sobre aparelhos sanitários. Coisa que não se podia fazer dez anos antes — escrever abertamente sobre isso num respeitável semanário. E depois, isso de tomar um batom, ou uma esponja, e compor-se em público... A bordo vinha uma porção de rapazes e moças; dentre estas recordava-se particularmente de Betty e Bertie, que o faziam abertamente; a velha mãe que as vigiava, fazendo crochê, completamente impassível. A moça detinha-se e empoava o nariz em frente de qualquer pessoa. E nada de compromissos; divertiam-se, simplesmente; nenhum sentimento profundo. Difícil mulher essa Betty Não Sei o Quê, mas de boa espécie. Daria uma excelente esposa aos trinta — pois casaria quando lhe aprouvesse; casaria com um ricaço e habitaria um casarão nos arredores de Manchester.

Mas quem é que fizera isso?, perguntava-se Peter Walsh, dobrando a avenida. Quem é que se havia casado com um ricaço e habitava um casarão nos arredores de Manchester? Alguém que ainda há pouco lhe escrevera uma longa e efusiva carta, falando de "hidrângeas azuis". Vendo hidrângeas azuis, havia pensado nele e nos velhos dias — Sally Seton, naturalmente! Era Sally Seton — a última pessoa no mundo de quem se esperaria que fosse casar com um ricaço e habitar um casarão nos arredores de Manchester, a selvagem, a ousada, a romântica Sally!

Mas de todo aquele antigo grupo de amigos de Clarissa — os Whitbreads, os Kindersleys, os Cunninghams, os Kinloch-Jones — Sally era provavelmente a melhor. Tratava sempre de encarar as coisas sem subterfúgios. Soube ver quem era Hugh Whitbread — o admirável Hugh — quando Clarissa e os demais estavam todos caídos por ele.

— Os Whitbreads? — ainda a ouvia dizer. — Quem são os Whitbreads? Vendedores de carvão. Respeitáveis comerciantes.

A Hugh, detestava-o por alguma razão. Só pensava na sua própria aparência, dizia ela. Devia ter nascido duque. Teria por certo casado com uma das princesas reais. E sem dúvida Hugh tinha, dentre todos os seres humanos, o mais extraordinário, o mais natural, o mais sublime respeito pela aristocracia britânica. Até Clarissa tinha de confessá-lo. Oh, mas era tão bom, tão pouco

egoísta, deixava de caçar para agradar à sua velha mãe... lembrava-se dos aniversários das tias, e assim por diante.

Sally, justiça lhe seja feita, via claro no assunto. Uma das coisas que melhor recordava era uma discussão ocorrida num sábado de manhã, em Bourton, acerca dos direitos das mulheres (essa questão antediluviana), quando Sally, perdendo a paciência, disse, encolerizada, a Hugh, que ele representava tudo o que havia de mais detestável na classe média inglesa. E que o considerava responsável pela sorte "dessas pobres raparigas de Piccadilly". Hugh, o perfeito *gentleman*, pobre Hugh!... nunca um homem pareceu tão horrorizado. Fizera-o de propósito, disse ela depois (pois costumavam ir ambos para a horta, trocar impressões). "Ele não lê nada, não pensa nada, não sente nada", ouvia-a dizer com aquela voz enfática, muito mais impressionante do que ela supunha. Os moços de cavalariça tinham mais vida do que Hugh, dizia Sally. Um perfeito exemplar do padrão formado pela escola pública, dizia. Só a Inglaterra poderia tê-lo produzido. Estava realmente despeitada, por alguma razão; guardava-lhe algum rancor. Alguma coisa (ele não mais se lembrava o quê) havia acontecido no salão de fumar. Tê-la-ia ofendido... beijara-a? Incrível! Ninguém acreditaria em nada contra Hugh, naturalmente. Como?! Beijar Sally no salão de fumar! Se se tratasse de alguma Honourable Edith, ou Lady Violet, talvez; mas não aquela miserável da Sally, sem nada de seu, e com um pai, ou uma mãe, a jogar em Monte Carlo. E, dentre todos os que ele tinha conhecido, Hugh era o mais esnobe, o mais obsequioso — não, não adulava propriamente. Era muito orgulhoso para isso. Um mordomo de primeira, era essa a comparação óbvia; alguém que segue atrás, carregando valises; de confiança para passar telegramas — indispensável para uma dona de casa. E tinha achado o que lhe servia — casara com a sua Honourable Evelyn; arranjara o seu biscate na corte, de fiscal das adegas reais, ou lustrador das imperiais fivelas, e pavoneava-se de calções curtos e punhos de renda. Como a vida é implacável! Um biscatezinho na corte!

Desposara aquela dama, a Honourable Evelyn, e moravam por ali mesmo, assim pensava ele (olhando as suntuosas residências que circundavam o parque), pois almoçara ali uma vez, em certa casa que tinha, como tudo o que pertencia a Hugh, alguma coisa que nenhuma outra casa poderia ter: acaso armários para roupa branca. Tinha de ir visitá-los; sempre se levava uma porção de tempo a admirar o que ali havia: armários de roupa branca, fronhas, antigos móveis de carvalho, quadros que Hugh conseguira por uma ninharia. Mas Mrs. Hugh algumas vezes fazia das suas. Era uma dessas mulherzinhas de cara de fuinha que admiram os homens robustos... Quase insignificante. Mas de repente dizia algo inesperado, agudo. Conservava acaso restos do grande estilo. O carvão era demasiado forte para ela: espessava a atmosfera. E assim viviam, com seus armários de roupa branca e seus quadros de velhos mestres, e suas fronhas adornadas, com uma renda de cinco a dez mil libras por ano, ao passo que ele, que era dois anos mais velho do que Hugh, precisava solicitar um emprego.

Aos 53 anos, tinha de pedir aos amigos que o pusessem nalguma secretaria, nalgum empreguinho de explicador de latim, ou às ordens de algum mandarim num escritório, algo que lhe desse quinhentas libras por ano; pois, se desposasse Daisy, mesmo contando com a pensão, não poderiam viver com menos. Whitbread talvez lhe conseguisse alguma coisa; ou Dalloway. Com Dalloway não tinha constrangimento. Era um excelente homem; um pouco limitado, um pouco espesso; sim, mas um excelente homem. No que quer que se metesse, fazia-o da mesma maneira positiva; sem um toque de imaginação, sem uma faísca de brilho, mas com a inexplicável delicadeza característica do seu tipo. Deveria era ter sido um *gentleman* campesino; estava a desperdiçar-se na política. Ao ar livre, com cavalos e cães, estava no seu elemento: como se portara bem, por exemplo, quando o grande ovelheiro de Clarissa quase perdeu a perna numa armadilha; Clarissa desmaiou e Dalloway teve de fazer tudo; vendou, encanou; disse a Clarissa que não fosse boba. Por isso é que ela o amava, decerto; era disso que necessitava.

“Agora, querida, não sejas boba. Segura isto. Traze aquilo”, e falava ao mesmo tempo com o cachorro, como se se tratasse de um ser humano.

Mas como podia ela tragar todas as suas digressões sobre poesia? Como podia deixá-lo falar em público sobre Shakespeare? Com toda a seriedade e solenidade, Richard Dalloway punha-se de pé nas patas traseiras e dizia que nenhum homem decente devia ler os sonetos de Shakespeare, pois era o mesmo que escutar pelo buraco da fechadura (de resto, não aprovava relações de tal classe). Nenhum homem decente deve deixar que a mulher visite a irmã da falecida esposa. Incrível! A única coisa a fazer era empanturrá-lo com amêndoas açucaradas, pois isso se passava à mesa. Mas Clarissa bebia tudo aquilo; parecia-lhe prova de honestidade, de independência; sabe lá Deus se não o considerava o espírito mais original que já encontrara em sua vida!

Esse foi um dos vínculos entre Sally e ele, Peter. Havia um quintal por onde costumavam passear, um recinto murado, com roseiras e couves-flores gigantes; recordava Sally apanhando uma rosa, detendo-se com uma exclamação ante a beleza das alfaces ao luar (extraordinário como lhe ocorriam tão vivas essas coisas em que não havia pensado durante anos), enquanto lhe implorava, meio por brincadeira, naturalmente, que raptasse Clarissa, para livrá-la dos Hughs e dos Dalloways e de todos os outros “perfeitos *gentlemen*”, que “sufocariam a sua alma” (ela escrevia resmas de poesias naquela época) e a converteriam numa simples dama, incentivando apenas o seu mundanismo. Mas cumpria ser justo com Clarissa. De maneira alguma ela desposaria Hugh. Tinha perfeita noção do que queria. Suas emoções ficavam todas à superfície. No íntimo, era bastante perspicaz — compreendia melhor os caracteres do que Sally, por exemplo —, e, com tudo isso, era essencialmente feminina; com esse extraordinário dom, peculiar às mulheres, de fazer-se num mundo próprio, onde quer que se encontrasse. Entrava numa sala; parava, como tantas vezes a vira, no umbral, com uma porção de gente em derredor. Mas, dentre o grupo, era só de Clarissa que a gente se lembrava. Não que fosse impressionante; bonita, não era; nem tinha nada de original; nunca dizia coisas dignas de nota; mas estava ali; e isso era tudo.

Não, não! Não estava mais enamorado de Clarissa! Apenas sentia, depois de vê-la naquela manhã, com as suas tesouras e costuras, preparando-se para a festa, que lhe era impossível deixar de pensar nela; a sua imagem voltava-lhe incessantemente, como um viajante adormecido que caísse de vez em quando sobre o seu ombro, com os solavancos do trem; o que sem dúvida não era estar enamorado; pensava nela, analisava-a, tentava, após trinta anos, decifrá-la de novo. O mais óbvio que se poderia dizer dela é que era mundana; preocupava-se demasiado com a posição, a sociedade, os êxitos de salão — o que era verdade, num sentido; ela própria o reconhecia (sempre se podia fazer com que confessasse as coisas; era leal). O que detestava, diria, eram os rabugentos, os antiquados, como ele próprio, provavelmente; achava que ninguém tinha o direito de vaguear de mãos nos bolsos, mas fazer alguma coisa, ser alguma coisa; e aquelas altas personagens, aquelas duquesas, aquelas velhas condessas encanecidas que se encontravam no salão dos Dalloways, inenarravelmente remotas para que lhe pudessem significar qualquer coisa, eram, para Clarissa, algo de verdadeiramente real. Lady Bexborough, dissera ela certa vez, sabia conservar-se erguida (assim a própria Clarissa; não se abandonava nunca, em todos os sentidos do termo, era direita como um dardo, um pouco rígida até). Dizia que havia nelas uma espécie de coragem, que cada vez mais respeitava, à medida que envelhecia. Em tudo isso havia muito de Dalloway, naturalmente; muito do espírito das classes governantes — bem público, reformas tarifárias, Império Britânico —, que se apoderara dela, como acontece. Embora duas vezes mais inteligente que o marido, via as coisas pelos olhos deste — uma das tragédias da vida conjugal. Com um espírito bastante pessoal, estava sempre a citar Richard Dalloway, como se a gente não pudesse saber o que Richard pensava, lendo o *Morning*

Post de manhã! Aquelas recepções, por exemplo, eram todas por causa dele, ou da ideia que ela formava a seu respeito (para fazer-lhe justiça, Richard se sentiria melhor numa granja em Norfolk). Fazia do seu salão uma espécie de assembleia; para isso ela possuía um verdadeiro gênio. Muitas vezes a vira apoderar-se de algum jovem bisonho, sacudi-lo, despertá-lo; lançá-lo. Verdade que muita gente aborrecida a cercava, como era natural. Mas surgiram alguns inesperados estranhos; às vezes um artista; às vezes um escritor, ave rara naquele ambiente. E, por detrás de tudo, havia a infindável malha das visitas, dos cartões, das gentilezas, remessa de flores, de pequenos mimos; fulana vai à França? pois é mandar-lhe uma almofada; um verdadeiro desperdício de energias; oh! toda aquela interminável faina das mulheres do seu mundo; mas Clarissa a desempenhava espontaneamente, por instinto.

Coisa estranha, Clarissa era um dos espíritos mais céticos que ele havia encontrado, e com certeza (esta era uma teoria que aplicava a Clarissa, tão transparente em certos sentidos, tão imperscrutável em outros), com certeza ela dizia consigo: como somos uma espécie condenada, prisioneira num barco que naufraga (suas leituras favoritas, quando moça, eram Huxley e Tyndall, tão afeiçoados a essas metáforas náuticas), como tudo é uma farsa de mau gosto, desempenhemos, afinal de contas, nosso papel; mitiguemos as penas dos nossos companheiros de prisão (Huxley de novo); decoremos o calabouço com flores e almofadas; sejamos o mais corretos possível. Esses rufiões, os deuses, nem sempre teriam a melhor parte; pois a sua ideia era que os deuses nunca perdem ocasião de ferir, contrariar e arruinar as vidas humanas, e que ficavam seriamente desapontados quando ela, apesar de tudo, se conduzia como uma grande dama. Tal fase teve início logo após a morte de Sylvia, essa horrível tragédia. Ver a própria irmã vitimada pela queda de uma árvore (tudo por culpa de Justin Parry, tudo por seu descuido) ante os seus próprios olhos, uma moça igualmente na flor da idade, a mais bem-dotada das duas, dizia sempre Clarissa, era mesmo para amargar o espírito de uma criatura. Mais tarde já não seria tão positiva, talvez; pensava que não havia deuses; que não tinha culpa de coisa alguma; e assim fora evoluindo para essa religião dos ateus, de fazer o bem pelo próprio bem.

E aproveitava a vida, imensamente. Que isso estava na sua natureza (embora, só Deus o sabia, tivesse ela algumas reservas; depois de tantos anos, sentia que só lhe era possível traçar um simples esboço de Clarissa). Em todo caso, não havia amargura nela; nada desse sentido da virtude moral, tão repulsivo em excelentes mulheres. Tudo, virtualmente, a divertia. Se se andava com ela pelo Hyde Park, bastava-lhe, para isso, um canteiro de tulipas, uma criança num carrinho, algum absurdo drama que imaginava de momento. (Provavelmente teria falado com aquele casal, se os julgasse infelizes.) Tinha um senso do cômico realmente precioso, mas precisava de gente, sempre de gente, para exercitá-lo, com o inevitável resultado de que perdia o tempo em almoços, em jantares, naquelas suas recepções, falando de tolices, dizendo coisas que nada significavam, embotando o fio do seu espírito, perdendo o discernimento. Via-se na obrigação de sentar-se à cabeceira da mesa e esforçar-se para atender a algum velho tonto que poderia ser útil a Dalloway — ambos conheciam os mais terríveis caceteadores da Europa —, ou então chegava Elizabeth, e tudo tinha de ser para *ela*. Da última vez em que a vira, achava-se ela no ginásio; era pálida e tinha uns olhos muito abertos; silenciosa e calma criatura, sem nada da sua mãe; estava num período inconsistente, em que parecia aceitar tudo e deixava Clarissa tratá-la como bem lhe parecesse, dizendo depois, como uma menina de quatro anos: "E agora, posso ir?" E lá se ia jogar hóquei, explicava Clarissa, com aquele ar entre divertido e orgulhoso, que o próprio Dalloway parecia comunicar-lhe.

Agora Elizabeth tinha sido "apresentada", provavelmente; considerava-o uma múmia, ria dos amigos de sua mãe. Mas que se lhe havia de fazer? A compensação de a gente envelhecer, pensava Peter Walsh, retirando-se do Regent's Park, com o chapéu na mão, era simplesmente esta: que as paixões permanecem tão fortes como antes, mas adquire-se — afinal! — o poder que

dá o supremo sabor à existência: o poder de nos apoderarmos da experiência e volteá-la, lentamente, em plena luz.

Uma terrível confissão (pôs novamente o chapéu), mas a verdade é que agora, aos 53 anos, quase que não se precisa dos outros. A vida em si, cada momento da vida, cada gota sua, aqui, neste instante, agora, ao sol, era suficiente. Demasiado, até. Uma vida inteira, agora que está adquirido o poder, era demasiado curta para se lhe gozar todo o sabor; para extrair-lhe cada grama de prazer, cada sombra de sentido; uma e outra coisa muito mais consistentes que antes, muito menos pessoais. Impossível que ele pudesse sofrer de novo como Clarissa o fizera sofrer. Passava horas e dias sem pensar em Daisy.

Será que estaria amando, então? Mas onde a solução, a tortura, a extraordinária paixão daqueles dias? Era uma coisa completamente diversa — uma coisa muito mais agradável —, pois a verdade era que agora *ela* estava enamorada dele. Fora talvez por isso que, quando o navio zarpou, sentira um extraordinário alívio, e o que mais desejara era estar sozinho, e aborrecera-lhe achar na cabina todas as atenções dela — cigarros, cadernetas, uma manta de viagem. Todos, se fossem sinceros, diriam o mesmo: não se precisa dos outros depois dos cinquenta; não se precisa andar dizendo às mulheres que são lindas; eis o que a maioria dos cinquentões deviam confessar, pensou Peter, se fossem sinceros.

Mas e aqueles incríveis acessos de emoção — a explosão de lágrimas daquela manhã —, que significava tudo aquilo? Que pensaria dele Clarissa? Que era um tolo, provavelmente, e não pela primeira vez. No fundo, o que havia eram ciúmes — os ciúmes, que sobrevivem às demais paixões dos homens, pensou Peter Walsh, segurando o canivete e estirando o braço. Havia-se encontrado com o major Orde, dizia Daisy na sua última carta; dizia-o de propósito, bem o sabia; dizia-o para lhe provocar ciúmes; via-a franzir a testa enquanto escrevia, imaginando o que poderia dizer para feri-lo; mas isso não fazia diferença; ele ficava furioso! Tudo isso de vir à Inglaterra e consultar advogados não era tanto para casar-se com ela como para impedi-la de casar com outro. Era isso o que o torturava, isso que o dominara quando vira Clarissa tão tranquila, tão fria, tão atenta ao seu vestido, ou ao que quer que fosse; e quando considerara como teria cuidado dele, e a que o havia reduzido — a ser um velho tolo, lamuriento e choramingas. Mas as mulheres, pensou, fechando o canivete, não sabem o que é paixão. Não sabem o que significa isso para os homens. Clarissa era fria como gelo. E sentara a seu lado no sofá, abandonara-lhe a mão, beijara-o na face... Ele já estava no cordão da calçada.

Um som o interrompeu; um frágil e trêmulo som, uma voz incerta e sem direção, sem vigor, sem princípio nem fim, fluindo débil e aguda, sem nenhum significado humano:

ii an fa un sô
fuu suii tu in uu...

voz sem idade, sem nexo, a voz de uma antiga fonte jorrando da terra; que brotava exatamente defronte à estação do metrô do Regent's Park, de uma trêmula e longa forma, semelhante a um cano, a uma bomba enferrujada, a uma árvore ventada e para sempre desnuda de folhas, que deixa o vento lhe correr os galhos, cantando

ii an fa un sô
fuu suii tu in uu...

e oscila e estraleja e chora na brisa eterna.

Do fundo das idades — quando o calçamento era relva, era pântano através da idade das grandes presas e dos mamutes, da idade das auroras silenciosas, aquela mulher acabada — pois vestia uma saia —, com a mão direita estendida e a esquerda junto ao corpo, estava cantando de amor, amor que vinha de um milhão de anos, cantava, amor que perdura, e milhões de anos fazia que o seu amante, morto naqueles séculos, cantarolava, havia passado com ela, em maio; mas, no decurso das idades, longas como dias de verão, e apenas avivadas de ásteres vermelhos, recordava, ele se fora embora; a enorme segadeira da morte assolara aquelas tremendas colinas, e quando ela afinal pousara a cabeça branca e imensamente velha sobre a terra, agora uma triste geleira, suplicara aos deuses que deixassem a seu lado um ramo de urzes purpúreas, ali naquele seu alto cemitério, que acariciavam os últimos raios do último sol; pois então o espetáculo do mundo haveria terminado.

Enquanto a antiga canção borbulhava defronte ao metrô do Regent's Park, a terra ainda parecia verde e florida; ainda, embora fluindo de tão rude boca, mero buraco na terra, puro lodo, obstruído de raízes e ervas emaranhadas, ainda a murmurejante canção abria caminho através das raízes nodosas do tempo infinito, dos esqueletos, dos tesouros, espraiava-se em arroios sobre o calçamento, e ao longo de Marylebone Road, e para as bandas de Euston, fertilizando, deixando um rastro úmido.

E ainda recordando que uma vez, nalgum primevo mês de maio, havia ela passeado com o seu amante, aquela bomba enferrujada, aquela velha decrépita, com uma das mãos estendida para a esmola, a outra unida ao corpo, ainda ali continuará, durante dez milhões de anos, recordando que uma vez passeara, em maio, por onde agora só havia mar, passeara não importava com quem: um homem, sim, um homem que a havia amado. Mas a passagem dos séculos empanava a claridade daquele antigo dia de maio; as folhas de brilhantes pétalas estavam brancas de geada; e ele não mais via, quando lhe implorava (como o fazia agora claramente): "Olha bem para mim com esses teus doces olhos", não mais via olhos castanhos, negros bigodes, ou curtida face, mas uma vaga, uma sombria forma, para a qual, com a frescura de pássaro da velhice extrema, ainda gorjeava "dá-me essa mão e deixa-me apertá-la" (Peter Walsh não pôde deixar de dar uma moeda à pobre criatura, ao tomar o táxi), "e se alguém nos vê, que importa?", perguntava ela; e sua mão fechou-se, e ela sorriu, embolsando o xelim, e todos os olhos curiosos pareceram apagar-se, e as gerações que passavam — o pavimento estava coberto de afanosos pequenos-burgueses — desapareciam, como folhas atropeladas, molhadas e convertidas em barro por aquele eterno manancial:

ii an fa un sô
fuu suii tu in uu...

— Pobre velha! — disse Rezia Warren Smith, esperando para atravessar.

Oh! A pobre infeliz!

E se chovesse à noite? E se um padre, ou alguém que tivesse conhecido a pobre em melhores dias, ali passasse por acaso e a visse na sarjeta? E onde dormiria ela à noite?

Suavemente, quase alegremente, o invencível fio sonoro se desenrolava no ar, como o fumo da chaminé de um *cottage* se entrelaça nas faias claras, para emergir num penacho azul, dentre as folhas mais altas. "E se alguém nos vê, que importa?"

Desde que era tão infeliz, fazia agora semanas e semanas, Rezia emprestava significações às coisas que ocorriam, e às vezes até sentia vontade de fazer parar os transeuntes, quando lhe pareciam bondosos, amáveis, apenas para lhes dizer: "Sou tão infeliz!"; e agora aquela velha a cantar na rua: "Se alguém nos vê, que importa?", lhe deu de súbito a certeza de que tudo sairia

direito. Dirigiam-se à casa de *sir* William Bradshaw; achou que o seu nome soava bem, curaria Septimus, com toda a certeza. E passava um caminhão de cervejaria, e os cavalos tordilhos tinham felpas de palha na cola; e ali estavam uns cartazes... Que coisa mais estúpida, ser infeliz!

Mr. e Mrs. Septimus Warren Smith atravessaram a rua; e haveria, afinal de contas, alguma coisa que chamasse atenção sobre eles, alguma coisa que fizesse um transeunte suspeitar de que ali seguia o portador da maior mensagem do mundo e que era, de resto, o homem mais feliz do mundo, e o mais digno de compaixão? Talvez caminhassem mais devagar que os outros e houvesse algo de hesitante, de arrastado, no passo do homem, mas nada mais natural que um empregado, que durante anos não estivera um só dia de semana em West End, olhasse para o céu, para uma coisa e outra, como se Portland Place fosse um salão onde ele houvesse entrado na ausência da família, um salão com os seus candelabros envoltos em lonas, e a zeladora, deixando as faixas de luz poeirenta alcançarem as poltronas vazias, erguesse uma ponta das longas cortinas e explicasse aos visitantes que maravilhoso lugar era aquele; que maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, pensava ele, que estranho.

Por seu aspecto, seria um empregado, mas de categoria; pois usava sapatos marrons; tinha as mãos finas; assim, também, o perfil, de nariz afilado, um inteligente e sensível perfil, não os lábios, que eram frouxos; e os olhos, meramente olhos, castanhos, grandes; em suma, um tipo-limite, sem extremos; poderia terminar com uma casa em Purley e um auto, ou continuar toda a vida alugando apartamentos em ruas afastadas; um desses homens semieducados, autodidatas, cuja cultura provém de livros de aluguel, lidos depois do trabalho cotidiano, a conselho de autores famosos consultados por carta.

Quanto às outras experiências, as que a gente adquire a sós, no quarto, no escritório, ou andando pelos campos e arredores de Londres, ele as tivera; deixara a casa em menino, por causa da sua mãe; esta não se mostrava sincera; porque descera ele para o chá, pela quinquagésima vez, de mãos sujas; porque não via nenhum futuro para um poeta em Stroud; e assim, tomando como confidente a sua irmãzinha, deixando um absurdo bilhete em casa, desses que os grandes homens escreveram e o mundo lê mais tarde, quando se torna famosa a história das suas lutas.

Londres tragara muitos milhões de jovens chamados Smith; não acha nada de fantástico em nomes como Septimus, com que os pais pensaram distingui-lo. Morando em Euston Road, sofrera ali experiência sobre experiência, o suficiente para mudar, em dois anos, o inocente oval de um rosto rosado numa face magra, contraída, hostil. Mas, de tudo isso, que poderia dizer o mais atento dos amigos, senão o que diz o jardineiro, quando abre pela manhã a porta da estufa e encontra uma nova flor na sua planta? "Floresceu"; floresceu da vaidade, da ambição, do idealismo, da paixão, da solitude, da coragem, da preguiça, as habituais sementes que, confundidas todas (em um quarto de Euston Road), tornaram-no tímido e balbuciante, insuflaram-lhe a ânsia do aperfeiçoamento, e fizeram-no enamorar-se de Miss Isabel Pole, que dava aulas sobre Shakespeare, em Waterloo Road.

Não seria ele como Keats?, indagou consigo, e refletiu sobre a maneira de fazê-lo apreciar Antônio e Cleópatra e o resto; emprestou-lhe livros; escreveu-lhe rascunhos de cartas, e acendeu nele uma dessas flamas que só ardem uma vez na vida, sem calor, uma flama dourada que se projetava, infinitamente etérea e imponderável, sobre Miss Pole; sobre Antônio e Cleópatra, e sobre Waterloo Road. Achava-a linda, julgava-a infinitamente sábia; sonhava com ela, escrevia-lhe poemas que, sem tomar conhecimento do assunto, ela corrigia a tinta vermelha, e uma vez, por uma tarde de verão, vira-a numa praça, de vestido verde. "Floresceu", teria dito o jardineiro, abrindo a porta; isto é, se tivesse ido vê-lo alguma noite, naquele quarto encontrá-lo-ia escrevendo, escrevendo e rasgando os seus escritos; terminando uma obra-prima às três da madrugada, saindo após a vaguear pelas ruas, e a visitar igrejas e a jejuar num dia, a embriagar-se no outro, e devorando Shakespeare, Darwin, *A história da civilização* e Bernard Shaw.

Alguma coisa se estava preparando, sabia-o Mr. Brewer, gerente da firma Sibleys & Arrowsmiths, Valores, Imóveis, Vendas e Locação, alguma coisa se estava preparando, pensava, paternal como era com os seus subordinados e tendo em muito boa conta as aptidões de Smith, a quem profetizara que, de dez a 15 anos mais tarde, seria seu sucessor na poltrona de couro da peça do fundo, sob a claraboia, com os fichários em torno, "mas cuidasse da saúde", acentuava Mr. Brewer, pois aí é que estava o perigo: achava-o com um ar doentio; aconselhava-lhe futebol, convidava-o para jantar e estava tratando de conseguir-lhe um aumento, quando aconteceu algo que destruiu muitos dos projetos de Mr. Brewer, levou-lhe os melhores empregados e, além disso, tão rapaces e insidiosos eram os dedos da guerra europeia, aplastrou uma reprodução de Ceres, abriu um buraco no canteiro de gerânios e estragou completamente os nervos da cozinheira de Mr. Brewer, na sua casa de Muswell Hill.

Septimus foi um dos primeiros voluntários. Partiu para a França a salvar uma Inglaterra que consistia quase inteiramente das peças de Shakespeare e de Miss Isabel Pole passeando de verde numa praça. Nas trincheiras, operou-se instantaneamente a mudança que Mr. Brewer desejava, ao aconselhar-lhe o futebol; Septimus desenvolveu sua virilidade; foi promovido; despertou a atenção e o afeto de seu superior, Evans. Era o caso de dois cachorros brincando junto ao fogo; um sacode um pedaço de papel, rosna, procura morder, de vez em quando, a orelha do mais velho; o outro, sonolento, olhando o fogo, ergue uma pata e rosna benevolamente. Tinham de estar juntos, partilhar de tudo, lutar, discutir. Mas quando Evans (Rezia, que o vira uma vez, dizia-o um "homem quieto", um homem decidido, ruivo, calado em presença de mulheres), quando Evans foi morto, pouco antes do armistício, na Itália, Septimus, longe de demonstrar emoção e reconhecer que era o fim de uma amizade, congratulou-se por sentir tão pouco e ser tão razoável. A guerra o havia educado. Era sublime, aquilo. Passara por tudo, amizade, guerra, morte, fora promovido, ainda não tinha trinta anos e ia sobreviver. Estava tudo direito. As últimas bombas não haviam acertado nele. Vira-as explodir com indiferença. Quando veio a paz, estava em Milão, alojado numa estalagem, onde havia um pátio, flores em bacias, e as filhas do proprietário, que faziam chapéus, com a mais moça das quais, Lucrezia, comprometeu-se uma tarde em que o pânico se apoderou dele... porque não podia sentir nada.

Pois agora que estava tudo acabado, assinado o armistício e enterrados os mortos, vinham-lhe, especialmente ao entardecer, aqueles súbitos acessos de medo. Não podia sentir. Quando abria a porta da sala onde as italianinhas estavam fabricando chapéus, podia vê-las; podia ouvi-las; enfiavam, num arame, contas coloridas que havia num recipiente; moldavam entretelas; a mesa estava atulhada de plumas, lantejoulas, sedas, fitas; as tesouras batiam na mesa; mas alguma coisa lhe faltava; não sentia nada. No entanto, as tesouras que tiniam, as moças que riam, os chapéus que se iam aprontando eram para ele uma proteção; encontrava-se em segurança; tinha um refúgio. Mas não podia ficar sentado ali toda a noite. Às vezes despertava de manhã cedo. A cama estava caindo; ele também caía. Oh! as tesouras e a luz da lâmpada e as formas de chapéus! Pediu Lucrezia em casamento, a mais jovem das duas, a alegre, a frívola, a dos dedinhos de artista, que ela mostrava, dizendo: "Tudo está aqui!" Sedas, plumas, o que eles não faziam viver!

— O mais importante é o chapéu — dizia ela, quando saíam juntos a passear. Examinava todos os chapéus que passavam; e as capas, e os vestidos, e a maneira como os usavam as mulheres. Estigmatizava as malvestidas, as sobrecarregadas, não violentamente, mas com impacientes movimentos das mãos, como os de um pintor que rechaça alguma evidente impostura; e depois, generosa mas sempre criticamente, aprovava uma empregadinha que arranjava os seus retalhos com elegância, ou louvava, integralmente, com entusiástica e profissional competência, a uma dama francesa que descia de sua carruagem: chinchila, *soirée*, pérolas.

— Que lindo! — murmurava, dando uma cotovelada em Septimus, para que olhasse. Mas a beleza estava por detrás de um vidro. Nem ao menos o paladar (Rezia adorava gelados, chocolates, doces) tinha encantos para ele. Deixava a sua taça pousada na mesinha de mármore. Olhava a gente que passava; pareciam felizes, parando no meio da rua, gritando, rindo, discutindo por qualquer coisa. Mas ele não sentia gosto, não sentia coisa alguma. No café, entre as mesas e os garçons loquazes, o terrível medo o dominava: ele não podia sentir. Raciocinar, podia; podia ler Dante, por exemplo, com toda a facilidade ("Septimus, deixa o livro", dizia Rezia, fechando-lhe gentilmente o "Inferno"); podia fazer contas; o cérebro estava perfeito; se não podia sentir, a culpa devia ser do mundo, então.

— Os ingleses são tão silenciosos — dizia Rezia. Gostava disso, dizia. Respeitava esses ingleses, e desejava ver Londres; e os cavalos ingleses, e os vestidos de confecção, e lembrava-se de ter ouvido como eram maravilhosas as lojas, a uma tia que casara e residira em Soho.

Bem podia ser, pensava Septimus, olhando a Inglaterra da janelinha do trem, quando deixava Newhaven, bem podia ser que o próprio mundo não tivesse sentido.

No escritório, promoveram-no para um posto de considerável responsabilidade. Estavam orgulhosos dele; tinha sido condecorado. "O senhor cumpriu com o seu dever; temos a obrigação de...", começou Mr. Brewer; e não pôde terminar, tal era a sua emoção. Alugaram um admirável apartamento em Tottenham Court Road.

Então abriu Shakespeare de novo. O juvenil pendor de intoxicar-se com palavras — Antônio e Cleópatra — havia enfraquecido. Como Shakespeare desprezava a humanidade, o vestir-se, o ter filhos, a sordidez da boca e do ventre! Eis o que se revelava agora a Septimus: a mensagem oculta sob a beleza das palavras. O secreto sinal que, disfarçadamente, uma geração passa a outra não é mais que desprezo, ódio, desespero. Dante, a mesma coisa. Ésquilo (traduzido), a mesma coisa. Ali estava Rezia sentada à mesa, modelando chapéus. Fazia chapéus para as amigas de Mrs. Filmer; durante horas e horas. Estava pálida, misteriosa, como um lírio mergulhado na água, pensou.

— Os ingleses são tão sérios... — dizia ela, enlaçando Septimus, com a face contra a sua.

O amor entre homem e mulher era repulsivo para Shakespeare. Isso da cópula lhe parecia uma imundície antes do fim. Mas, dizia Rezia, ela devia ter filhos. Fazia cinco anos que estavam casados.

Foram juntos à Torre; ao Victoria and Albert Museum; estiveram em meio à multidão, quando o rei abria o Parlamento. E havia as lojas, chapelarias, casas de modas, as malas de couro nas vitrinas, que ela se detinha para admirar. Mas precisava ter um filho.

Precisava ter um filho como Septimus, dizia. Mas ninguém podia ser como Septimus; tão amável; tão sério; tão inteligente. Não poderia, ela também, ler Shakespeare? Era Shakespeare um autor difícil?, perguntava.

Não se podem trazer crianças a um mundo como este. Não se pode perpetuar o sofrimento, ou aumentar a espécie desses animais sensuais, que não têm emoções perduráveis, mas unicamente caprichos e vaidade, que os impelem ora numa, ora noutra direção.

Ele a via cortar, modelar, como a gente observa um pássaro que saltita e revoa pela grama, sem atrever-se a mover um dedo. Pois a verdade (que ela o ignore), a verdade é que os seres humanos não têm bondade, nem fé, nem caridade, senão o necessário para aumentar o prazer do momento. Caçam em matilhas. Suas matilhas percorrem o deserto e dispersam-se, ladrando, pelos ermos. Abandonam os que tombam. Estão caiados, disfarçados. Ali estava, por exemplo, Brewer, no escritório, com os seus bigodes untados, seu alfinete de coral, os seus vivos brancos no casaco, as suas ternas emoções — todo frieza e viscosidade por dentro, os seus gerânios destruídos na guerra; os nervos da sua cozinheira abalados; ou então Amélia Não Sei de Quê — uma insidiosa, escarninha, obscena harpia no fundo; e os Toms e Berties, suando grossas gotas

de vício sob os peitilhos engomados. Eles nunca o viram quando os retratava nus no bloco de apontamentos, em todo o seu grotesco. Na rua, caminhões atroavam a seu lado; a grosseria bradava nos cartazes; e havia homens soterrados nas minas; mulheres queimadas vivas; e, uma vez, o espetáculo daqueles miseráveis loucos em desfile, para diversão do populacho (que ria alto), aqueles loucos que passavam por ele, em Tottenham Court Road, numa lenta andadura, oscilando a cabeça, mostrando os dentes, cada qual a ostentar, meio se desculpando, embora triunfalmente, o seu mal sem esperança. Será que *ele* também ia ficar louco?

Ao chá, Rezia contou-lhe que a filha de Mrs. Filmer estava esperando um bebê. Ela não queria envelhecer sem ter filhos! Sentia-se tão só, tão infeliz! Chorou pela primeira vez desde que se haviam casado. Ouvia-lhe os soluços de longe; ouvia-os perfeitamente, distintamente; comparava-os a um êmbolo batendo. Mas não sentia nada.

Sua mulher estava chorando, e ele não sentia nada; somente, a cada um daqueles profundos, abafados, desesperados soluços, descia ele mais um passo no abismo.

Afinal, com um melodramático gesto que fazia automaticamente e com inteira consciência da sua insinceridade, Septimus pendeu a cabeça entre as mãos. Estava rendido agora; tinham de socorrê-lo. Era preciso chamar gente. Desmaiou.

Não houve nada que o reanimasse. Rezia o pôs na cama. Mandou chamar um médico, o médico de Mrs. Filmer, dr. Holmes. O dr. Holmes examinou-o. Não, não tinha nada de importância, assegurou o dr. Holmes. Oh, que alívio! Que bom, que excelente homem!, pensou Rezia. Quando ele se sentia assim, ia ao *music hall*, disse o dr. Holmes. Ou fazia um dia de férias com a sua mulher e iam jogar golfe. Por que não tentar dois comprimidos de brometo, dissolvê-los num copo de água, ao deitar-se? Estas antigas casas de Bloomsbury, disse o dr. Holmes, batendo na parede, possuem muitas vezes lindos painéis, que os proprietários cometem a loucura de empapelar. Ainda o outro dia, visitando um paciente, o dr. Fulano, em Bedford Square...

De modo que não havia mesmo desculpa; não tinha absolutamente nada, exceto o pecado pelo qual a natureza humana o condenava à morte, o pecado de não sentir. Não se havia importado quando Evans fora morto; isto era o pior; mas todos os outros crimes erguiam a cabeça, agitavam o indicador, escarneciam, desde manhã cedo, aos pés da cama, do corpo que jazia prostrado e cônscio da sua degradação; casara com Rezia sem amor, mentira-lhe; seduzira-a; conspurcara Miss Isabel Pole, e estava tão marcado pelo vício que as mulheres estremeciam quando o encontravam na rua. Morte, essa era a sentença da natureza humana para um miserável assim!

O dr. Holmes voltou. Alto, a pele fresca, simpático, a sacudir a poeira dos sapatos, a mirar-se no espelho, afastou tudo com um gesto — dores de cabeça, insônias, terrores, pesadelos — sintomas nervosos e nada mais, dizia ele. Ele, dr. Holmes, quando via que diminuíra meio quilo, pedia à mulher outro prato de mingau de aveia na primeira refeição (Rezia devia aprender a fazê-lo). Mas, continuava, a saúde depende, em grande parte, da nossa própria vontade. Trate de interessar-se por alguma coisa; procure alguma distração. Abriu Shakespeare — Antônio e Cleópatra; deixou Shakespeare de lado. Alguma distração, repetiu; pois não devia ele próprio a sua excelente saúde (e trabalhava tão rijo como qualquer outro em Londres) ao fato de que sempre descansava de seus pacientes, ocupando-se de móveis antigos? E, com a sua licença, que lindo pente usava Mrs. Warren Smith!

Quando o amaldiçoado voltou, Septimus recusou-se a recebê-lo. Deveras?, disse o dr. Holmes com um sorriso condescendente. E na verdade teve de dar àquela encantadora mulherzinha, Mrs. Smith, um amistoso empurrão, para que o deixasse entrar no quarto do marido.

— Com que então estamos com uma crise? — disse amavelmente, sentando-se ao lado do enfermo. Tinha seriamente falado em matar-se à sua mulher, ainda uma menina, uma estrangeira, não era? Pois não seria dar-lhe uma ideia muito esquisita dos áridos ingleses? Acaso não tem a

gente deveres para com a esposa? Não seria melhor fazer alguma coisa do que ficar ali deitado, na cama? Pois ele, dr. Holmes, contava quarenta anos de experiência; e Septimus podia confiar na sua palavra de como não tinha absolutamente nada. E na próxima visita, o dr. Holmes esperava encontrar Smith já levantado e aquela encantadora senhora, a sua esposa, perfeitamente tranquilizada a seu respeito.

Em suma, a natureza humana estava no seu encalço, aquela repelente besta de focinho ensanguentado. Holmes estava no seu encalço. Holmes vinha regularmente todos os dias. Tropece alguém, escreveu Septimus nas costas de um postal, e a natureza humana o perseguirá! Holmes o perseguiria. A única salvação era escapar-se, sem que Holmes o soubesse; para qualquer parte... longe do dr. Holmes.

Mas Rezia não podia compreendê-lo. Era um homem tão bom, o dr. Holmes! Interessava-se tanto por Septimus! Queria apenas ajudá-lo, dizia ela. Tinha quatro filhinhos e a convidara para tomar chá, contou a Septimus.

Estava, pois, abandonado. Todos lhe bradavam: mata-te, mata-te, para salvação nossa. Mas por que devia matar-se por eles? Comer era agradável; o sol aquecia; e isso de matar-se, como é que se fazia? Com uma faca, terrivelmente, entre golfadas de sangue? Aspirando gás? Estava demasiado fraco; mal podia erguer a mão. De resto, agora que estava completamente só, condenado, abandonado, como estão sozinhos os que vão morrer, sentia uma liberdade que nunca podem conhecer os que estão ligados ao que quer que seja. Holmes vencera, sem dúvida; a besta de focinho ensanguentado vencera, na verdade. Mas nem o próprio Holmes poderia alcançar aquele último remanescente extraviado nos confins do mundo, aquele proscrito que contempla atrás de si as regiões ocupadas, e que jazia, como um marinheiro afogado, à beira do mundo.

Foi naquele momento (Rezia saíra a compras) que sucedeu a grande revelação. Uma voz falou detrás do biombo. Evans lhe falava. Os mortos estavam com ele.

— Evans, Evans! — bradou.

Mr. Smith estava falando sozinho, gritou Agnes, a criada, a Mrs. Filmer, que se achava na cozinha. “Evans, Evans!”, dizia Mr. Smith, quando ela entrava com a bandeja. Ela dera um salto, sim. E correra escada abaixo.

E Rezia chegou, com flores, atravessou a peça, colocou as rosas num vaso, sobre o qual o sol bateu diretamente, e pôs-se a rir e a saltar pelo quarto.

Comprara as rosas, disse Rezia, de um pobre homem, na rua. Mas estavam quase mortas, dizia, enquanto arranjava as rosas.

De modo que havia um homem lá fora; Evans, provavelmente; e as rosas, que Rezia dizia estarem meio mortas, tinham sido colhidas por ele nos campos da Grécia. — Comunicação é saúde; comunicação é felicidade. Comunicação... — murmurava ele.

— Que estás dizendo, Septimus? — perguntou Rezia, louca de terror, pois ele estava a falar sozinho.

Mandou Agnes correndo chamar o dr. Holmes. O marido, dizia, estava louco. Mal a conhecia.

— Besta! Fera! — gritou Septimus, ao ver a natureza humana, isto é, o dr. Holmes, entrar no quarto.

— De que se trata agora? — indagou o dr. Holmes, da maneira mais amável do mundo. — Dizendo tolices para assustar a sua mulher? — Mas ele lhe daria alguma coisa para fazê-lo dormir. Como tinham recursos, disse, olhando ironicamente o quarto, podiam, em todo caso, ir a Harley Street; se é que não tinham confiança nele, acrescentou o dr. Holmes, já não tão amável desta vez.

Eram precisamente 12 horas; 12 pelo Big Ben; cujo sonido foi sendo arrastado para o norte de Londres; mesclando-se com o de outros relógios, confundindo-se, etereamente, com as nuvens e espirais de fumo, e indo afinal morrer além, entre as gaivotas — 12 horas quando Clarissa Dalloway estendia o vestido verde sobre a cama e os Warren Smith desciam Harley Street. Às 12; a hora da consulta. Com certeza, pensou Rezia, aquela era a casa de *sir* William Bradshaw, com o auto gris parado à porta. Os pesados círculos dissolviam-se no ar.

Sim, era o auto de *sir* William Bradshaw; baixo, pesado, gris, com simples iniciais entrelaçadas no painel, como se as pompas da heráldica fossem inadequadas a seu dono, gênio benéfico, sacerdote da ciência; e, como o auto era gris, combinando com a sua sóbria suavidade, amontoavam-se ali peles cinzentas, mantas cor de prata, a fim de que a senhora não sentisse frio enquanto esperava. Pois seguidamente *sir* William corria sessenta milhas ou mais, estrada afora, para visitar os ricos, os atribulados que podiam pagar os altos honorários que ele devidamente cobrava por seus serviços.

Esperava-o uma hora ou mais, reclinada, com as mantas sobre os joelhos, pensando às vezes no enfermo, e às vezes, escusavelmente, no muro de ouro que se erguia minuto por minuto enquanto esperava; que se erguia entre o casal e todos os trabalhos e ansiedades (ela os suportara corajosamente; tinham tido as suas lutas), até que se sentia embalada sobre um calmo oceano, onde apenas sopravam perfumosos ventos; respeitada, admirada, invejada, com quase nada que desejar, embora lamentasse sua gordura; grandes ceias todas as quintas aos colegas do marido; ocasionalmente, a inauguração de uma quermesse; cumprimentos à realeza; muito pouco tempo, ai, com o marido, cujo trabalho crescia e crescia; um filho brilhando em Eton; desejaria também uma filha; ocupações, em todo caso, não lhe faltavam: a saúde do filho; a convalescença dos epilépticos, e fotografias; de modo que, se havia uma igreja em construção, ou uma igreja em ruínas, dava uma gorjeta ao sacristão, conseguia a chave e, enquanto esperava, tirava fotografias, que mal se distinguiam das obtidas por profissionais.

Sir William também já não era moço. Trabalhara duro; conquistara a sua posição por mérito próprio (era filho de um lojista); amava a sua profissão; fazia boa figura nas cerimônias e falava bem — o que tudo lhe dera, na época em que o enobreceram, um ar pesado e cansado (tão contínuo era o deslizar dos pacientes, tão poderosas as responsabilidades e privilégios da profissão), fadiga essa que, a par de seus cabelos grisalhos, aumentava a extraordinária distinção da sua pessoa e lhe dava a fama (da máxima importância para quem se ocupa de moléstias nervosas) não apenas de brilhante hab ilidade e quase infalível precisão de diagnóstico, mas de simpatia, tato; compreensão da alma humana. Pôde ver, logo que entraram no consultório (os Warren Smiths acabavam de ser chamados); teve imediata certeza quando avistou o homem; era um caso de extrema gravidade. Um caso de completo esgotamento — completo esgotamento físico e nervoso, com todos os sintomas em avançado grau (confirmou-o em dois ou três minutos, enquanto anotava, numa ficha cor-de-rosa, as respostas que davam às suas interrogações discretamente murmuradas).

Há quantas semanas o vinha tratando o dr. Holmes?

Seis semanas.

Receitara um pouco de brometo? Disse que não era nada? Ah, sim. (Esses clínicos gerais!, pensou *sir* William. Passava a metade do tempo a desfazer as suas cincadas. Algumas eram irreparáveis.)

— O senhor distinguiu-se na guerra?

O paciente pronunciou a palavra "guerra" interrogativamente.

Estava atribuindo significados de caráter simbólico às palavras. Um sério sintoma para anotar na ficha.

— A guerra? — perguntou o paciente. A guerra europeia — aquela miserável choldra de colegiais e pólvora? Se havia ele servido com distinção? Na verdade, esquecera. Até na guerra havia fracassado.

— Sim, distinguiu-se muito — assegurou Rezia ao doutor. — Foi promovido.

— E têm a melhor opinião a seu respeito no escritório, não é? — murmurou *sir* William, lançando um olhar à carta, tão generosamente adjetivada, de Mr. Brewer. — De modo que o senhor não tem nada que o aborreça, nenhum aperto financeiro, nada?

Ele tinha era cometido um tremendo crime e fora condenado à morte pela natureza humana.

— Eu... eu... — começou ele — cometi um crime...

— Ele nunca fez nada de mal — assegurou Rezia ao doutor. Se Mr. Smith quisesse esperar um pouco, disse *sir* William, ele iria falar com Mrs. Smith na sala próxima. Que o seu marido estava muito doente, disse *sir* William a Rezia. Não havia ameaçado matar-se?

Oh, sim, exclamou Rezia. Mas ele falava sem pensar, acrescentou. Naturalmente que não o faria. Era uma simples questão de repouso; um longo repouso na cama. Havia uma bela casa de saúde no campo, onde o seu marido seria perfeitamente tratado. Longe dela?, indagou Rezia. Infelizmente, sim, as pessoas de quem mais gostamos não servem para nós quando estamos doentes. *Sir* William nunca falava de "loucura"; sempre dizia que isso era não ter senso da medida. Mas o marido não gostava de médicos... Recusar-se-ia a ir para lá. Brevemente, brandamente, *sir* William explicou-lhe o caso. Ele havia ameaçado matar-se. Não havia alternativa. Era uma questão de lei. Deveria ficar de cama em uma bela casa no campo. As enfermeiras eram admiráveis. *Sir* William o visitaria uma vez por semana. Se Mrs. Warren Smith estava absolutamente certa de que não havia mais nada a perguntar — ele nunca apressava os pacientes —, voltariam para junto do marido. Não, ela não tinha mais nada para perguntar — pelo menos a *sir* William.

Voltaram, pois, para o mais exaltado dos homens; o criminoso que afrontava os seus juízes; a vítima exposta nas alturas; o fugitivo; o marinheiro afogado; o poeta da ode imortal; o Senhor que passara da vida à morte; voltaram para Septimus Warren Smith, que, sentado na cadeira de braços sob a claraboia, fitava uma fotografia de Lady Bradshaw em vestido de corte e murmurava mensagens sobre a beleza.

— Conversamos um pouco — disse *sir* William.

— Ele diz que tu estás muito, muito doente — choramingou Rezia.

— Estivemos combinando a sua ida para uma casa de campo — disse *sir* William.

— Uma das casas de Holmes? — escarneceu Septimus.

O homem provocava uma impressão desagradável. Pois havia em *sir* William, cujo pai fora comerciante, um inato respeito pelas boas maneiras e o bem-vestir, de modo que o desalinho sempre o irritava; e depois, mais profundamente, havia em *sir* William, que nunca tivera tempo para ler, um rancor muito bem oculto contra os intelectuais que vinham a seu consultório e pretendiam que os médicos não eram homens cultivados, exatamente os médicos, cuja profissão é um constante exercício das mais altas faculdades.

— Uma das *minhas* casas, Mr. Warren Smith — disse ele —, onde nós o ensinaremos a repousar.

Mas havia outra coisa.

Tinha absoluta certeza de que Mr. Warren, quando estava bem, era o último homem no mundo que se lembraria de assustar a sua esposa. Mas tinha falado em matar-se...

— Todos nós — acrescentou *sir* William — temos os nossos momentos de depressão.

Quando se cai, repetia Septimus a si mesmo, a natureza humana lança-se sobre a gente. Holmes e Bradshaw lançam-se sobre a gente. Eles percorrem o deserto. Voam, bradando, na solidão. E vem o potro de tortura e o torno. A natureza humana é implacável.

— Ele não tem acessos, às vezes? — perguntou *sir* William a Rezia, com lápis erguido sobre a ficha cor-de-rosa.

Mas isso era assunto pessoal, assunto seu, protestou Septimus.

— Ninguém vive só para si mesmo — disse *sir* William, relanceando um olhar ao retrato da esposa em vestido de corte.

— E o senhor tem uma brilhante carreira diante de si — continuou *sir* William. Tinha a carta de Mr. Brewer sobre a mesa. — Uma carreira excepcionalmente brilhante.

Mas... e se confessasse? Se revelasse tudo? Será que então o largariam, seus torturadores?

— Eu... eu... — balbuciou.

Mas qual era o seu crime? Não podia lembrar-se.

— Diga... — encorajou-o *sir* William. (Mas já ia ficando tarde.)

Amor, árvores, não havia crime... qual era mesmo a sua mensagem?

Não podia lembrar-se.

— Eu... eu... — balbuciava Septimus.

— Tente pensar o menos possível em si mesmo — disse *sir* William bondosamente. Com efeito, nada se podia tirar dali.

Havia mais alguma coisa que desejassem perguntar-lhe? Ele, *sir* William, ia tomar as providências (murmurou para Rezia) e lhe comunicaria tudo aquela tarde, entre as cinco e as seis.

— Contem comigo — disse, e despediu-os. Nunca, nunca havia Rezia sentido tal agonia na vida! Tinha pedido auxílio e fora abandonada. Ele lhes havia falhado! *Sir* William Bradshaw não era um bom homem.

— Só a manutenção desse auto deve custar-lhe um bom dinheiro — disse Septimus, quando saíram à rua.

E agarrou-se a seu braço. Tinham sido abandonados.

Que mais queria, afinal?

Sir William concedia três quartos de hora a cada um dos seus pacientes; e nessa ciência exigente que lida com aquilo de que nada se sabe, em suma — o sistema nervoso, o cérebro humano —, se um médico perde o senso da medida, então está fracassado como médico. Saúde é o que se deve ter; e saúde é medida; de modo que, quando um homem nos entra no consultório e diz que é Cristo (uma ilusão comum) e que tem uma mensagem, como a maioria deles, e ameaça, como geralmente fazem, com o suicídio, tem-se de invocar a medida; prescrever repouso na cama; repouso na solidão; silêncio e repouso; repouso sem amigos, sem livros, sem mensagens; seis meses de repouso; até que um homem que nos chega com cinquenta quilos saia pesando oitenta.

Medida, divina medida, deusa de *sir* William, que *sir* William adquirira visitando hospitais, pescando salmão, engendrando um filho, em Harley Street, por intermédio de Lady Bradshaw, que também pescava salmão e tirava fotografias que mal se distinguiam das obtidas por profissionais. Com a sua adoração pela medida, *sir* William não só prosperava pessoalmente, como fazia prosperar a Inglaterra, isolando-lhe os lunáticos, proibindo-lhes procriarem, incriminando o desespero, impedindo os incapazes de propagarem as suas ideias até que estes também compartilhassem do seu senso da medida — o seu, se eram homens, o de Lady Bradshaw, se eram mulheres (ela bordava, fazia trabalhos de agulha, passava quatro noites por semana em casa com o filho), de modo que não apenas os colegas o respeitavam, e temiam-no os subordinados, mas os amigos e a parentela de seus pacientes lhe dedicavam a mais viva gratidão, por insistir em que aqueles proféticos Cristos e Cristesas, que anunciavam o fim do mundo, ou o advento de Deus, tomassem leite na cama, como *sir* William prescrevia; *sir* William, com os seus trinta anos de experiência desses casos, o seu infalível instinto: isto é loucura, isto é senso; o seu senso da medida.

Mas a Medida tem uma irmã, menos sorridente, mais formidável, uma deusa agora mesmo empenhada — no sol e areias da Índia, na lama e pântanos da África, nas cercanias de Londres, em toda parte, enfim, onde o clima ou o Diabo tentam o homem a abandonar a verdadeira fé, que é a dela própria —, agora mesmo empenhada, sim, em derrubar altares, despedaçar ídolos e erigir no lugar deles o seu austero porte. Conversão é o seu nome, e regala-se na vontade dos débeis, pois ama convencer, impor-se, e adora as próprias feições estampadas na face do populacho. Em Hyde Park Corner, predica, sobre um barril; veste-se de branco e vai penitencialmente disfarçada de fraternidade, por fábricas e parlamentos; oferece auxílio, mas deseja poder; afasta brutalmente do caminho o dissidente ou o insatisfeito; outorga a sua bênção àqueles que, erguendo a cabeça, recebem submissamente, dos olhos dela, a luz dos próprios olhos. Essa potestade também (Rezia Warren Smith adivinhou-o) tinha sua morada no coração de *sir* William, embora oculta, como quase sempre, sob algum plausível disfarce, algum venerável nome: amor, dever, sacrifício. Como não deveria ele trabalhar! que de esforços para obter fundos, propagar reformas, fundar instituições. Mas a Conversão, deusa importuna, ama o sangue mais que a pedra, e regala-se mais refinadamente na vontade humana. Por exemplo, Lady Bradshaw. Quinze anos antes havia-se submetido. Nada que se notasse, afinal; nenhuma cena, nenhum ruído; apenas o moroso

afundamento, o lento naufrágio da sua vontade na dele. Doce era o seu sorriso, atenta a sua submissão; as ceias em Harley Street, de oito ou nove pratos, e que reuniam de dez a 15 colegas, eram tranquilas e urbanas.

Somente, enquanto a noite avançava, um levíssimo enfado, ou constrangimento talvez, um gesto nervoso, embaraço, desassossego ou confusão indicavam — coisa penosa de crer — que a pobre senhora mentia. Em outros tempos, há muito, ela pescara salmão livremente; agora, pronta a atender à sede de domínio, de poder, que ardia untuosamente nos olhos do marido, ela diminuía-se, continha-se, recolhia-se, apagava-se, apenas aparecia; de modo que, sem que se soubesse ao certo o que tornava desagradável o serão e punha um peso na cabeça (o que bem se podia atribuir à conversação profissional ou à fadiga de um grande médico, cuja vida, dizia Lady Bradshaw, "não era sua, mas de seus pacientes"), os convidados, quando o relógio batia as dez, respiravam com delícia o ar de Harley Street; alívio este que, no entanto, era vedado aos pacientes de Bradshaw.

Ali no salão cinzento, com os quadros nas paredes e os móveis luxuosos, junto à claraboia lateral, inteiravam-se eles da magnitude das suas transgressões; afundados nas poltronas, viam-no fazer, em benefício deles, um curioso exercício com os braços, que ele distendia e contraía bruscamente para os quadris, como prova (se o paciente era rebelde) de que *sir* William era dono de suas ações, e o paciente, não. Alguns entregavam-se debilmente; soluçavam; submetiam-se; outros, inspirados sabe Deus por que intemperante loucura, diziam-lhe na cara que ele não passava de um maldito impostor, e até punham em dúvida, da maneira mais sacrílega, a razão da própria vida. Para que viver?, indagavam. *Sir* William replicava que a vida era boa. Era verdade que Lady Bradshaw pompeava sobre a lareira, com as suas plumas de avestruz, e os emolumentos de *sir* William atingiam a 12 mil libras anuais. Mas conosco, protestavam, a vida não tivera tais bondades. Ele aquiescia. Faltava-lhes o senso da medida. E se, depois de tudo, não houvesse Deus? Ele dava de ombros. Mas, em suma, viver, ou não viver, não é um assunto particular? Não, aqui é que eles estavam muito e muito enganados. *Sir* William tinha um amigo em Surrey em cuja casa lhes ensinariam o que *sir* William francamente admitia ser uma difícil arte: o senso da medida. Havia, de resto, a afeição da família; a honra; a coragem; e uma brilhante carreira. De tudo isso era *sir* William um resoluto paladino. Se isso falhasse, a polícia e o bem público o ajudariam, observava tranquilamente, a velar lá em Surrey para que esses impulsos antissociais, nascidos, antes de tudo, de um sangue viciado, ficassem sob o devido controle. E então saía do seu esconderijo e subia ao trono aquela deusa cuja volúpia consiste em esmagar a oposição e estampar indelevelmente a sua própria imagem nos santuários alheios. Desnudo, indefeso, o exausto, o sem amigos recebia a marca da vontade de *sir* William. Este abatia-se sobre a presa, devorava-a. Aprisionava os outros. Era essa mescla de decisão e humanidade que angariava para *sir* William a maior gratidão dos parentes de suas vítimas.

Mas Rezia Warren Smith, ao voltar por Harley Street, dizia, chorando, que aquele homem não lhe agradava.

Cortando e repartindo, dividindo e subdividindo, os relógios de Harley Street iam roendo o dia de junho, aconselhavam a submissão, exaltavam a autoridade e louvavam em coro as supremas vantagens do senso da medida, até que o monte do tempo de tal forma diminuiu, que um relógio comercial, na fachada de uma loja de Oxford Street, anunciou, cordial e fraternalmente, como se fosse um prazer para a Rigley & Lowndes dar a informação grátis, que já era uma e meia.

Erguendo o olhar, via-se que cada letra dos seus nomes representava uma das horas; subconscientemente, ficava-se grato a Rigley & Lowndes, por darem uma hora ratificada por Greenwich; e essa gratidão (assim ruminava Hugh Whitbread, flanando defronte à vitrina da loja) naturalmente se materializava mais tarde na aquisição de meias ou sapatos no estabelecimento de

Rigley & Lowndes. Assim ruminava ele. Tal era o seu hábito. Não aprofundava muito. Roçava superfícies; línguas mortas, línguas vivas, vida em Constantinopla, Paris, Roma; equitação, caça, tênis... Diziam os maliciosos que ele agora montava guarda no Palácio de Buckingham, não se sabia a quê, de meias de seda e calções curtos. Mas fazia-o às maravilhas. Mantivera-se à tona da alta sociedade inglesa durante 55 anos. Conhecera primeiros-ministros. Reconhecia-se que suas amizades eram profundas. E, se era certo que não tomara parte em nenhum dos movimentos da época, nem desempenhara nenhuma função importante, tinha a seu crédito algumas pequenas reformas; o melhoramento dos asilos públicos, por exemplo; a proteção das corujas em Norfolk; as criadas também tinham motivos para lhe serem gratas; e o seu nome, subscrevendo cartas ao *Times* em que solicitava fundos, em que fazia apelos ao público para proteger algo, para evitar ou reparar depredações, para diminuir o fumo, para eliminar a imoralidade dos parques, era coisa que impunha respeito.

E que magnífica figura fazia ele, parado ali um momento (enquanto se desvanecia a vibração da meia hora) para olhar criticamente, magistralmente, as meias e os sapatos; impecável, substancial, como se olhasse o mundo de uma eminência; e vestido à perfeição; mas cumpria as obrigações que comporta a aparência, a saúde, a riqueza, e observava meticulosamente, ainda quando não absolutamente necessárias, certas pequenas cortesias, certas antiquadas cerimônias, que emprestavam a suas maneiras um especial valor, algo digno de imitação, algo que não se podia esquecer, pois nunca, por exemplo, almoçava com Lady Bruton, a quem conhecia há vinte anos, sem que lhe oferecesse, com a mão estendida, um ramalhete de cravos, e nunca esquecendo de perguntar a Miss Brush, secretária de Lady Bruton, pelo seu irmão da África do Sul, o que, por algum motivo, tanto a comovia, que ela, carecente de quaisquer atributos do encanto feminino, lhe respondia: "Vai muito bem na África do Sul, obrigada", quando na verdade fazia seis anos que ele ia muito mal em Portsmouth.

Lady Bruton, da sua parte, preferia Richard Dalloway, que chegara ao mesmo tempo. Haviam-se encontrado ambos à entrada.

Lady Bruton preferia Richard Dalloway naturalmente. Era feito de material muito mais fino. Mas não deixava que criticassem o seu pobre querido Hugh. Não podia esquecer a sua bondade: fora realmente muito bom... não se lembrava em que ocasião. Mas mostrara-se muito bom mesmo... De resto, a diferença entre um homem e outro nunca é muito grande. Nunca compreendera a razão de dissecar as pessoas, como fazia Clarissa Dalloway, desmontando-as e recompondo-as depois; coisa que não tem sentido depois que a gente completou 62 anos. Tomou os cravos de Hugh, com o seu sorriso anguloso e severo. Não viria mais ninguém, disse. Pretextara aquela reunião para que a ajudassem numa dificuldade...

— Mas primeiro vamos almoçar — acrescentou.

E começou então, pelas portas de mola, um silencioso ir e vir de criadas de avental e touca branca, não propriamente serviçais das necessidades domésticas, mas iniciadas de um mistério ou ilusionismo, praticado pelas donas de casa de Mayfar, da uma e meia às duas, quando, a um gesto, cessa o tráfego, e vem para o primeiro plano essa profunda ilusão do alimento... que não se paga; e a mesa cobre-se de cristais e prata, de guardanapinhos, de bandejas com frutas vermelhas; camadas de molho ocultam o peixe; nas caçarolas, tornam-se os frangos cada vez mais tenros; colorido, selvagem, arde o fogo; e, com o vinho e o café (que não se paga), erguem-se jucundas visões ante os olhos cismarentos; olhos gentilmente pensativos; olhos a que a vida se afigura cheia de harmonia e mistério; olhos agora acesos para observar afavelmente a beleza dos cravos vermelhos que Lady Bruton (de gestos sempre angulosos) colocara junto do prato, até que Hugh Whitbread, sentindo-se em paz com todo o universo e ao mesmo tempo perfeitamente seguro de si, disse, depondo o garfo:

— Não ficariam encantadores sobre as suas rendas?

Miss Brush ficou muito escandalizada com tal familiaridade. Achou-o mal-educado. O que fez rir a Lady Bruton.

Lady Bruton ergueu os cravos, segurando-os com certa rigidez, na mesma atitude com que o general, no quadro, às suas costas, segurava um rolo de papel, e assim quedou, imóvel, absorta. Que era ela do general? Neta? Bisneta? *Sir* Boderick, *sir* Miles, *sir* Talbot... qual deles? Notável como naquela família persistia a parecença nas mulheres. Ela própria poderia ter sido um general de dragões. E Richard teria servido prazerosamente sob o seu comando; tinha-lhe o maior respeito; encarava romanticamente essas emproadas velhas de alta linhagem, e gostaria de trazer, com o seu bom humor, alguns jovens distorcidos para almoçarem com ela; como se um tipo como o seu pudesse pertencer a uma raça de amáveis bebedores de chá! Conhecia a propriedade de Lady Bruton. Conhecia a sua gente. Havia lá um parreiral, ainda fértil, sob o qual havia sentado Lovelace ou Herrick; ela nunca lera um verso, mas essa era a lenda. Melhor esperar um pouco para lhes expor o assunto que a preocupava (um apelo ao público, e, se fosse viável, em que termos fazê-lo etc.), melhor esperar para depois do café, pensou Lady Bruton; e deixou de novo os cravos junto ao prato.

— Como vai Clarissa? — perguntou bruscamente.

Clarissa sempre dizia que Lady Bruton não gostava dela. Na verdade, Lady Bruton tinha a reputação de interessar-se mais por política do que pelas pessoas; de falar como um homem; de se haver metido numa notória intriga dos anos 80, que agora se começava a mencionar nas memórias. Por certo que havia uma alcova no seu salão, e uma mesa nessa alcova, e, sobre a mesa, uma fotografia do general *sir* Talbot Moore, que ali escrevera (numa noite dos anos 80), em presença de Lady Bruton, com seu conhecimento, talvez a conselho seu, um telegrama que ordenava o avanço das tropas britânicas, num momento decisivo. (Ela conservava a pena e contava a história.) Assim pois, quando dizia repentinamente: "Como está Clarissa?", dificilmente os maridos podiam persuadir as esposas, e eles próprios secretamente duvidavam disso, apesar do seu devotamento, de que ela se interessasse verdadeiramente por mulheres que muitas vezes prejudicam a carreira dos maridos, impedindo-os de aceitarem postos no exterior, e que tinham de ser levadas para a praia, em pleno período de sessões, para convalescer de uma influenza. Todavia, a sua pergunta "Como está Clarissa?" era infalivelmente interpretada como um sinal de simpatia, quase sempre silenciosa, cujas exteriorizações (meia dúzia de palavras, talvez, em toda uma vida) significavam o reconhecimento de certa camaradagem feminina que, detrás daqueles almoços com homens, unia, singularmente, Lady Bruton e Mrs. Dalloway, as quais raramente se encontravam, e, quando isso acontecia, mostravam-se indiferentes e até hostis.

— Encontrei Clarissa no parque esta manhã — disse Hugh Whitbread, mergulhando na caçarola, ansioso por pagar a si mesmo esse pequeno tributo, já que lhe bastava chegar a Londres para encontrar logo a todo mundo; mas glutão, um dos homens mais glutões que ela havia conhecido, pensava Milly Brush, que observava os homens com inflexível retidão e era capaz de eterna abnegação para com o seu próprio sexo em particular, pois era desajeitada, malfeita, angulosa e sem nenhum encanto feminino.

— Sabem quem está na cidade? — disse Lady Bruton, lembrando-se de súbito. — O nosso velho amigo Peter Walsh.

Todos sorriram. Peter Walsh! E Mr. Dalloway está realmente satisfeito, pensou Milly Brush; e Mr. Whitbread só pensa no seu frango.

Peter Walsh! Os três, Lady Bruton, Hugh Whitbread e Richard Dalloway, recordavam a mesma coisa: que Peter se enamorara loucamente; que fora recusado; partira para a Índia; dera para trás; metera-se em embrulhadas; e Richard Dalloway dedicava grande afeto ao seu velho amigo. Milly Brush via tudo isso; viu tornar-se mais profundo o castanho dos seus olhos; viu que

ele hesitava; que ele refletia; e tudo isso a deixou interessada, como Mr. Dalloway lhe interessava sempre, em saber o que estaria ele pensando acerca de Peter Walsh...

Que Peter Walsh estivera apaixonado por Clarissa; e que ele, Richard, após o almoço, iria diretamente ter com ela; e lhe diria, nesses próprios termos, que a amava. Sim, havia de dizer-lhe isso mesmo.

Milly Brush já estivera uma vez a ponto de enamorar-se daqueles silêncios; e Mr. Dalloway era sempre tão digno; tão cavalheiro, também. Agora que havia ela completado quarenta anos, bastava Lady Bruton esboçar um gesto, ou volver a cabeça um pouco bruscamente, e Milly Brush captava o sinal, por mais absorta que estivesse naquelas reflexões de espírito desencarnado, de alma incorrupta a que a vida não podia enganar, pois não lhe pusera o mínimo atrativo: nem cabelos, nem sorriso, nem lábios, nem face, nem nariz que fossem apresentáveis; nada, absolutamente; bastava Lady Bruton esboçar um gesto, e Perkins recebia ordem de apressar o café.

— Sim; Peter Walsh voltou — disse Lady Bruton. O que era vagamente lisonjeiro para todos eles. Tinha voltado, sim; batido, fracassado, para as tranquilas ribas onde se achavam. Mas ajudá-lo, refletiam, era impossível; havia alguma falha no caráter de Peter. Hugh Whitbread disse que se podia, naturalmente, recomendar seu nome a fulano. Franziu lugubremente as sobrancelhas ao pensamento das cartas que escreveria aos chefes de gabinete, acerca do "meu velho amigo Peter Walsh" etc. Mais isso não levaria a nada, a nada de perdurável, devido ao seu caráter.

— Alguma questão de saias... — disse Lady Bruton. Todos haviam adivinhado que era *isso* o que havia no fundo.

— Em todo caso — disse Lady Bruton, ansiosa por mudar de assunto —, o próprio Peter nos contará toda a história.

(O café estava demorando.)

— O endereço? — murmurou Hugh Whitbread; e correu logo uma onda pela cinzenta correnteza do serviço que circundava Lady Bruton, dia após dia, recolhendo tudo, interceptando obstáculos, envolvendo-a num fino tecido que amortecia choques, mitigava interferências, e estendia por toda a casa uma fina rede onde as coisas eram apanhadas e retiradas facilmente, instantaneamente, pela grisalha Perkins, que há trinta anos acompanhava Lady Bruton, e agora escrevia o endereço; estendeu-o a Mr. Whitbread, que tirou do bolso a carteira, ergueu as sobrancelhas e, mergulhando-o entre documentos da máxima importância, disse que pediria a Evelyn que o convidasse para almoçar.

(Estava esperando que Mr. Whitbread terminasse, para trazer o café.)

Hugh é muito vagaroso, pensava Lady Bruton. Estava engordando, observou. Richard, esse sempre se mantinha em forma. Ela já estava ficando impaciente; todo o seu espírito tendia, positivo, irrevocável, dominador, depois de haver varrido aqueles insignificantes obstáculos (Peter Walsh e os seus assuntos), para o tema que lhe absorvia a atenção, e não simplesmente a atenção, mas aquela fibra que era o sustentáculo da sua alma, aquela parte essencial da sua individualidade, sem a qual Millicent Bruton não seria Millicent Bruton; aquele projeto de emigração de jovens de ambos os sexos, pertencentes a famílias respeitáveis, para os instalar no Canadá, com perspectivas de prosperidade. Exagerava. Tinha talvez perdido o senso da medida. Para os outros, a emigração não era evidentemente a solução óbvia, o sublime achado. Não era para eles (não era para Hugh, nem para Richard, nem mesmo para a abnegada Miss Brush) a adequada válvula de escape desse egotismo que uma mulher forte e marcial, próspera, bem-nascida, de impulsos diretos, de sentimentos positivos e escassa introspecção (sincera e simples — por que não é toda a gente sincera e simples?, indagava consigo) sente erguer-se em seu íntimo, uma vez passada a juventude, e que deve incidir sobre algum objeto: pode ser a emigração, pode ser a emancipação; mas, qualquer que seja esse objeto, em redor do qual a alma

segrega diariamente a sua essência, acaba inevitavelmente por se tornar algo de prismático, de brilhante, metade espelho, metade pedra preciosa: ora cuidadosamente oculto para evitar zombarias, ora orgulhosamente exibido. A emigração se havia convertido, em suma, em grande parte de Lady Bruton.

Mas tinha de escrever. E uma carta ao *Times*, costumava dizer a Miss Brush, custava-lhe mais do que organizar uma expedição à África do Sul (coisa que ela havia feito durante a guerra). Após uma manhã de luta, iniciando, rasgando, começando a eterna carta, sentia, como em nenhuma outra ocasião, a futilidade da sua condição feminina, e evocava gratamente a Hugh Whitbread, que possuía — ninguém o poderia duvidar — a arte de escrever ao *Times*.

A uma criatura constituída tão diversamente do seu modo de ser, com tal domínio da linguagem, hábil em redigir as coisas ao gosto dos diretores de jornais, não se lhe poderia considerar um simples glutão. Lady Bruton muita vez suspendia o juízo acerca dos homens, em consideração ao misterioso acordo em que eles, e não as mulheres, parecem encontrar-se com as leis do universo; sabem como encarar as coisas; sabem como dizê-las; de modo que, se Richard a aconselhasse, e Hugh escrevesse por ela, estava certa de fazer alguma coisa às direitas. Deixou, pois, que Hugh terminasse o seu *soufflé*; perguntou pela pobre Evelyn; esperou que acendessem os cigarros, e então disse:

— Milly, queres ir buscar os papéis?

E Miss Brush foi, voltou; pôs os papéis sobre a mesa; e Hugh tirou do bolso a caneta-tinteiro; aquela caneta que tinha vinte anos de serviço, disse ele, destorcendo-a. Estava ainda perfeita; tinha-a mostrado aos fabricantes; não havia razão, diziam eles, para que não funcionasse sempre; o que honrava a Hugh e aos sentimentos que a sua pena expressava (sentiu Richard Dalloway), enquanto Hugh começava cuidadosamente a escrever maiúsculas adornadas, à margem, reduzindo maravilhosamente os borrões de Lady Bruton ao sentido e à gramática, de um modo que o diretor do *Times*, sentiu Lady Bruton, vendo a maravilhosa transformação, só poderia respeitar. Hugh era vagaroso. Hugh era tenaz. Richard dizia que era preciso arriscar-se. Hugh propunha modificações, em atenção aos sentimentos públicos, que, afirmou com certa acrimônia, ao ver que Richard estava rindo, "devem ser tomados em consideração", e leu em voz alta: "...como, por conseguinte, somos de opinião que os tempos estão maduros... a juventude supérflua da nossa crescente população... o que devemos aos mortos...", frases que Richard considerava vulgares e ocas, mas inofensivas, enquanto Hugh continuava expressando, por ordem alfabética, sentimentos de maior nobreza, sacudindo de vez em quando a cinza do casaco e recapitulando o que escrevera, até que finalmente leu o rascunho de uma carta que a Lady Bruton se afigurou uma verdadeira obra-prima. Poderia o seu próprio pensamento revestir-se de tanta eloquência?

Que o diretor do *Times* a publicasse, Hugh não garantia; mas ele iria encontrar-se com alguém na hora do lanche.

Depois do que, Lady Bruton, que raramente fazia algo de gracioso, apertou os cravos de Hugh contra o peito e, estendendo as mãos, chamou-lhe "Meu primeiro-ministro!". Que poderia ela fazer sem o concurso de ambos? Ergueram-se. E Richard Dalloway aproximou-se, como de costume, para olhar o retrato do general, pois tencionava escrever, quando dispusesse de lazeres, uma história da família de Lady Bruton.

E Millicent Bruton estava muito orgulhosa da sua família. Mas eles podem esperar, podem esperar, disse ela, olhando o retrato; queria dizer que a sua família, de militares, de administradores, de almirantes, tinha sido de gente de ação, que havia cumprido com o seu dever; e o primeiro dever de Richard era para com a sua pátria, mas isso era muito bonito, disse ela; e todos os papéis estavam prontos para Richard, em Aldmixton, quando chegasse a oportunidade; referia-se ao governo trabalhista. "Ah, as notícias da Índia!", exclamou.

Depois, quando já se achava no hall, apanhando as luvas amarelas da bandeja colocada sobre a mesa de malaquita, e Hugh oferecia a Miss Brush, com desnecessária cortesia, algum convite ou outro favor, que ela, enrubescendo, desprezava do fundo do coração, Richard voltou-se para Lady Bruton, com o chapéu na mão, e disse:

— Nós a veremos em nossa festa de hoje? — diante do que Lady Bruton reassumiu a imponência que a elaboração da carta havia quebrado um pouco. Sim, poderia ir; ou não poderia... Essa Clarissa era uma energia maravilhosa. As festas aterrorizavam a Lady Bruton. Com certeza era porque estava envelhecendo. Assim se expressou no umbral da porta; formosa; muito direita; enquanto o seu pequinês se espreguiçava atrás dela e Miss Brush desaparecia no fundo, com as mãos cheias de papéis.

E Lady Bruton subiu gravemente, majestosamente, para o quarto, e deitou-se, com um braço estendido, no sofá. Suspirava, ressonava, não porque estivesse adormecida, mas sonolenta e pesada, sonolenta e pesada; como um campo de trevo ao sol, naquele ardente dia de junho, com abelhas e borboletas amarelas a lhe voejarem por cima. Sempre evocava aqueles campos de Devonshire, cujos arroios havia saltado com Patty, seu pônei, com Mortimer e Tom, seus irmãos. E havia os cães; havia os ratos; e o pai e a mãe sobre a relva, debaixo das árvores, com as coisas para o chá em redor, e as dálias, as malvas, as gramíneas; e eles, os diabretes, sempre prontos para alguma travessura... deslizando furtivamente pelo bosque, para que não os vissem voltar de alguma escapada. O que não diria a velha criada quando visse o estado do seu vestido!

Ah!... lembrou-se: estava numa quarta-feira, em Brook Street. Aqueles bons camaradas, Richard Dalloway, Hugh Whitbread, andavam lá fora, naquele dia tórrido, pelas ruas cujo rumor lhe chegava até o sofá. Tinha poder, posição, fortuna. Vivera no primeiro plano da sua época. Tivera bons amigos; conhecera os homens mais notáveis do tempo. O rumor afluía até ela. E a sua mão, pousada no dorso do sofá, curvava-se sobre um imaginário bastão, como o haviam empunhado seus avós, com o qual parecia, sonolenta e pesada, comandar batalhões em marcha para o Canadá, e aqueles bons amigos que caminhavam agora por Londres, aquele território particular, aquele pedaço de alfombra, Mayfair.

E eles se iam afastando cada vez mais, e o delgado fio que os unia a ela (por havê-los convidado a almoçar) se ia estirando e adelgaçando à medida que atravessavam Londres; como se o corpo de nossos amigos ficasse ligado ao nosso, depois de um almoço em comum, por um delgado fio (sonhava ela) que se turba com os sons que marcam a hora ou o início do trabalho, como a teia da aranha solitária se curva ao peso das gotas de água... Adormeceu.

E Richard Dalloway e Hugh Whitbread hesitavam na esquina de Conduit Street, no mesmo momento em que Millicent Bruton, estendida no sofá, deixava romper-se o fio; ressonava. Ventos contrários sopravam na esquina. Olharam uma vitrina, não desejavam comprar nada, nem falar, mas despedir-se. Como, porém, ventos contrários sopravam na esquina, e sentiam no corpo duas forças a se chocarem em torvelinho, a manhã e a tarde, detiveram-se ambos um momento. Veio voando um anúncio pelo ar, suavemente, como uma pandorga, fez uma pausa, tombou, fremindo; agitou-se o véu de uma senhora. Palpitavam cortinas amarelas. Morria o tráfego matinal e alguns poucos autos trepidavam, impudicamente, nas ruas meio desertas. Em Norfolk, que Richard Dalloway vagamente evocava, uma brisa morna abatia as pétalas; confundia as águas; curvava a grama florida. Os segadores, que repousavam, atrás das sebes, da faina matinal, afastavam cortinas de folhas verdes; afastavam as trêmulas umbelíferas para ver o céu; o azul, o sólido, o ofuscante céu de verão.

Consciente embora de que olhava uma caneca Jaime I de prata, com duas asas, e de que Hugh olhava condescendentemente, com ares de conhecedor, um colar espanhol de que desejava indagar o preço, no caso de Evelyn se agradar dele, Richard sentia-se amodorrado; não podia nem pensar nem mover-se. A vida relegara aqueles despojos; vitrinas cheias de coisas coloridas;

e ele ali, parado no letargo da velhice, empertigado na rigidez dos anos, parado e olhando. A Evelyn Whitbread poderia agradar aquele colar espanhol — sim, poderia. Poderia, bocejou. Hugh entrava na loja.

— Aqui está — disse Richard, acompanhando-o.

Deus sabia que ele não queria ir comprar colares com Hugh. Mas há marés no corpo. A manhã encontra-se com a tarde. Como uma frágil chalupa sobre ondas profundas, o avô de Lady Bruton, e sua memória e suas campanhas na América, oscilou, submergiu. Millicent Bruton também. E ela foi mais fundo. Nada importava a Richard a sorte da emigração, e se a carta seria ou não publicada. O colar ostentava-se entre os admiráveis dedos de Hugh. Que o dê a uma rapariga, se quer comprar joias... a qualquer rapariga, a uma rapariga da rua. E de súbito se revelou a Richard a insignificância daquela vida... comprar colares para Evelyn. Se ele, Richard, tivesse um filho, decerto lhe diria: trabalha, trabalha. Mas tinha a sua Elizabeth; adorava a sua Elizabeth.

— Desejaria avistar-me com Mr. Dubonnet — disse Hugh, no seu incisivo tom mundano. Sucedia que esse Dubonnet tinha as medidas do colo de Mrs. Whitbread, ou, mais estranho ainda, conhecia os seus gostos em matéria de joalheria espanhola e a extensão das suas posses nesse setor (o que Hugh não podia recordar). E tudo aquilo se afigurava a Richard uma coisa muito esquisita. Pois ele nunca dava presentes a Clarissa, exceto um bracelete, dois ou três anos antes, e que não havia sido um sucesso. Ela nunca o usara. Magoava-o pensar que ela nunca o usara. E como o fio da aranha solitária, que, depois de haver flutuado de um lado para outro, afinal se prende à ponta de uma folha, assim o pensamento de Richard, saindo do letargo, pousava agora em sua mulher, em Clarissa, a quem Peter Walsh amara tão apaixonadamente; e Richard tivera uma súbita visão dela durante o almoço; dela e de si próprio; da sua vida em comum; puxou a bandeja de joias antigas e tomando ora um broche, ora um anel, indagou: — Quanto custa? — mas não confiava no seu próprio gosto. Desejava abrir a porta do salão e entrar com alguma coisa; um presente para Clarissa. Mas que presente? Hugh aprumara-se de novo. Estava indescritivelmente solene. Realmente, depois de comprar ali durante 35 anos, não iria deixar-se atender por um simples empregado, que nada conhecia do assunto. Pois Dubonnet parece que havia saído e Hugh não compraria nada sem Mr. Dubonnet, ao que o jovem se ruborizava e assentia com corretas reverências. Tudo era perfeitamente correto. Mas o fato é que Richard seria incapaz de fazer aquilo, nem para salvar a própria vida! Era inconcebível como os outros pudessem suportar aquela maldita insolência. Hugh se estava tornando um intolerável asno, palavra! Richard Dalloway não poderia aguentar a sua companhia por mais uma hora. E, erguendo o chapéu em despedida, Richard dobrou a esquina de Conduit Street, ansioso, sim, muito ansioso por percorrer o fio de aranha que se estendia entre ele e Clarissa; iria direito a ela, em Westminster.

Mas desejava chegar com alguma coisa. Flores? Sim, flores, já que não confiava no seu gosto em matéria de joias; inúmeras flores, rosas, orquídeas, para celebrar o que era, afinal, um acontecimento; aquilo que sentira ao falarem de Peter Walsh durante o almoço; e nunca se referiam àquilo; durante anos não haviam falado naquilo; o que, pensou, apertando rosas vermelhas e brancas (um grande ramalhete envolto em papel de seda), é o maior erro do mundo. Chega um momento em que se torna impossível dizê-lo; fica-se demasiado tímido para dizê-lo, pensou, embolsando o troco e dirigindo-se, com o grande ramo aconchegado ao corpo, para Westminster, a fim de dizer, com aquelas mesmas palavras (pensasse ela o que quisesse a seu respeito), enquanto entregava as flores a Clarissa: “Eu te amo.” Por que não? E na verdade era um milagre, quando se pensava na guerra, e em todos aqueles pobres camaradas, que tinham toda uma vida diante de si, e agora enterrados, e quase esquecidos; um milagre. Ia ele assim, através de Londres, para dizer a Clarissa, com aquelas mesmas palavras, que a amava. O que

nunca se diz, pensou. Parte por preguiça; parte por timidez. E Clarissa... era difícil pensar nela; exceto por impulso, como ao almoço, quando a vira com nitidez perfeita; com toda a sua vida em comum. Deteve-se no cruzamento; e repetia — pois era um homem simples e austero, que distraía e caçava; um homem pertinaz que sustentara, seguindo os seus instintos, sustentara na Câmara dos Comuns a causa dos oprimidos; que preservara a sua simplicidade, tornando-se embora silencioso e um tanto rígido —, repetia que era um milagre haver-se casado com Clarissa; um milagre... toda a sua vida fora um milagre, pensou, enquanto hesitava em atravessar a rua. Mas sentiu ferver-lhe o sangue ao ver criaturas de cinco ou seis anos atravessarem Piccadilly sozinhas. A polícia devia ter detido o tráfego. Não alimentava ilusões sobre a polícia de Londres. Na verdade, andava colhendo provas da sua ineficiência; e os vendedores ambulantes, a quem não era permitido deter os carrinhos nas calçadas; e as prostitutas, meu Deus, que nunca tinham culpa alguma, nem tampouco os jovens, mas sim o nosso detestável sistema social etc.; isso o que considerava, o que a gente poderia vê-lo considerar, enquanto, grisalho, pensativo, determinado, leve, atravessava o parque para dizer à mulher que a amava.

Pois lho diria com essas mesmas palavras, quando entrasse na sala. É na verdade uma pena não dizer o que sentimos, pensava, atravessando o Green Park, e observando com prazer famílias inteiras, famílias pobres à sombra das árvores; bebês agitando as perninhas; mamando; sacos de papel pelo chão, que poderiam facilmente ser recolhidos (se alguém reclamasse) por algum daqueles gordos indivíduos de uniforme; pois achava que todos os parques, todas as praças deviam ser franqueados às crianças durante o verão (a relva do parque, fresca ou fanada, iluminava verdadeiramente as pobres mães de Westminster e seus irrequietos bebês, como se uma luz os estivesse focando). Mas que se poderia fazer por mulheres vagabundas como aquela pobre criatura ali, apoiada ao cotovelo, como se se houvesse arrojado ao chão, isenta de qualquer escrúpulo, para observar curiosamente, para pensar com toda a liberdade, considerar os porquês e os paraquês, impudente, de língua solta, zombeteira? Isso ele não sabia. Segurando as flores como uma arma, Richard Dalloway se aproximava dela; passou por ela; mas sempre houve tempo para uma centelha entre ambos... ela riu ao vê-lo, ele sorriu bem-humorado, pensando no problema da mulher vagabunda; mas nem por sombras pensaram em falar-se. E ele iria dizer a Clarissa que a amava, com essas mesmas palavras. Uma vez já estivera ciumento de Peter Walsh; ciumento dele e de Clarissa. Mas esta várias vezes lhe havia dito que fizera bem em não casar-se com Peter Walsh; o que, para quem conhecia Clarissa, era evidente: ela necessitava de apoio. Não que fosse fraca; mas necessitava de apoio.

Quanto àquele Palácio de Buckingham (dir-se-ia uma velha prima-dona que, toda de branco, enfrenta o público), não se lhe poderia negar certa dignidade, considerava ele, nem desprezar o que representa, afinal de contas, para milhões de pessoas (um pequeno grupo esperava ao portão para ver o rei), um símbolo, enfim, por absurdo que fosse; uma criança, com uma caixa de sarrafos, tê-lo-ia construído melhor, pensou; e o monumento da rainha Vitória (a qual recordava ter visto em Kensington, na sua carruagem, de óculos de chifre), com o seu branco pedestal, a sua opulenta maternidade; mas aprazia-lhe ser governado pela descendente de Horsa; aprazia-lhe a continuidade; e o sentimento de estar ligado às tradições. Tinha vivido uma grande época. Na verdade, a sua própria vida era um milagre; quanto a isto, não havia dúvida; ali estava ele, na primavera da vida, dirigindo-se à sua casa em Westminster para dizer a Clarissa que a amava. A felicidade é isso, pensou.

É isso, disse consigo, ao entrar em Dean’s Yard. O Big Ben começava a ressoar, primeiro a advertência, musical; depois a hora; irrevocável. Os almoços fora fazem perder toda a tarde, pensou, aproximando-se da sua porta.

As batidas do Big Ben inundavam o salão de Clarissa, que estava sentada, aborrecida, à sua escrivaninha; mal-humorada; aborrecida. Era bem verdade que não convidara Ellie Henderson

para a sua festa; mas fizera-o de propósito. E agora Mrs. Marsham escrevia: “Dissera a Ellie Henderson que pediria a Clarissa... Ellie tinha tanta vontade de ir...”

Mas por que deveria ela convidar todas as mulheres aborrecidas de Londres? Por que tinha Mrs. Marsham de interferir? E agora Elizabeth todo o tempo encerrada com Doris Kilman! Não podia conceber nada mais repugnante... Rezando a tal hora com aquela mulher! E o som do sino inundava a sala com a sua vaga melancolia, que se retirava e novamente alvoroçava-se para investir uma vez mais, quando ouviu, distraidamente, alguma coisa tateando, alguma coisa arranhando a porta. Quem seria, àquela hora? Três, meu Deus! Já três horas! Pois, com imponente decisão e dignidade, o relógio bateu três horas; e ela não ouviu mais nada; mas o trinco da porta girou e entrou Richard! Que surpresa! Entrou Richard, trazendo flores. Ela lhe havia faltado, uma vez em Constantinopla, e Lady Bruton, cujos almoços, ao que diziam, eram tão divertidos, não a tinha convidado. Ele trazia flores; rosas, rosas vermelhas e brancas. (Mas não conseguiu dizer que a amava; não com essas mesmas palavras.)

— Mas que lindo! — disse ela, tomando as flores. Compreendia; compreendia sem que ele falasse; a sua Clarissa. Colocou-as em vasos, sobre a lareira. — Que lindo! — disse. E fora divertido?, indagou. Lady Bruton perguntara por ela? Peter Walsh estava de volta. Mrs. Marsham tinha escrito. Devia convidar Ellie Henderson? Aquela mulher, a Kilman, estava lá em cima.

— Mas não podemos sentar uns cinco minutos? — disse Richard.

Tudo parecia tão vazio... As cadeiras, todas contra a parede. Que se passava? Ah, sim, a festa; não, não tinha esquecido a festa. Peter Walsh voltara. Oh, sim, estivera ali pela manhã. Tinha vindo tratar de um divórcio; enamorara-se de alguma mulher, lá na Índia. E não mudara coisa alguma. Ela estava ali, a compor o seu vestido...

— E pensava em Bourton — acrescentou.

— Hugh estava no almoço — disse Richard. Pois ela também o havia encontrado! Bem, Hugh estava ficando absolutamente intolerável. Comprando colares para Evelyn; cada vez mais gordo; um asno intolerável.

— E ocorreu-me que podia ter casado com ele — disse Clarissa, pensando em Peter, ali sentado, com a sua gravata-borboleta, com o seu canivete, que abria e fechava. — Tal e qual como antes, lembras-te?

Tinham falado a seu respeito durante o almoço, disse Richard. (Mas não conseguia dizer-lhe que a amava. Tomou-lhe a mão. A felicidade é isso, pensou ele.) Tinham redigido uma carta ao *Times*, para Millicent Bruton. Era só o que Hugh sabia fazer.

— E a nossa cara Miss Kilman? — perguntou ele. Clarissa achava as rosas um verdadeiro encanto; primeiro bem juntas, nos vasos, e agora afastadas, naturalmente, por conta própria.

— Kilman chegou logo depois do almoço — disse. — Elizabeth logo mudou. Trancaram-se as duas. Creio que estão rezando.

Meu Deus, ele não gostava daquilo; mas essas coisas passam, se não se lhes dá importância.

— De capa de borracha e um guarda-chuva — acrescentou Clarissa.

Ele não lhe dissera “Eu te amo”, mas segurava-lhe a mão. A felicidade é isso, é isso, pensou.

— Mas por que devo convidar para as minhas festas todas as mulheres aborrecidas de Londres? — disse Clarissa. Pois se Mrs. Marsham desse uma festa, deveria *ela*, Clarissa, escolher-lhe os convidados?

— Pobre Ellie Henderson — disse Richard. Esquisito como aquelas festas preocupavam Clarissa.

Richard, porém, não tinha noção do arranjo de uma sala. Mas que ia dizer?

Se a torturavam tanto aquelas recepções, não lhe deveria permitir que as desse... Desejaria ela ter casado com Peter? Bem, mas tinha de ir andando...

Tinha de ir andando, disse ele, erguendo-se. Mas parou, como se fosse dizer alguma coisa; e ela indagava consigo qual a causa. Pois não estavam ali as rosas?

— Algum comitê? — perguntou, enquanto ele abria a porta.

— Os armênios — disse Richard. — Ou seriam os albaneses?...

Há uma dignidade nas pessoas; uma solidão; até entre marido e mulher, um abismo; mas que se devia respeitar, pensou Clarissa, vendo-o abrir a porta; pois não se podia renunciar a isso, ou denegá-lo a um marido, contra a vontade deste, sem perder a própria independência, o respeito próprio; algo que não tem preço, em suma.

Richard voltou com um travesseiro e uma coberta.

— Uma hora de completo repouso, após o almoço — disse ele. E retirou-se.

Era bem dele aquilo. Continuaria a dizer: "Uma hora de completo repouso, após o almoço", até o fim da vida, porque o médico certa vez o prescrevera. Era bem dele tomar ao pé da letra o que diziam os médicos; fazia parte da sua adorável, da sua divina simplicidade, que ninguém possuía no mesmo grau; que o tinha feito agir e decidir tudo, enquanto Peter e ela perdiam o tempo em brigas inúteis. Estava já a meio do caminho da Câmara dos Comuns, dos seus armênios, dos seus albaneses, depois de a ter acomodado no sofá, a olhar para as rosas. E as pessoas diriam: "Clarissa Dalloway é uma criatura estragada." Importavam-lhe muito mais as rosas que os armênios. Escorraçados da vida, trôpegos, mortos de frio, vítimas da crueldade e da injustiça (tantas e tantas vezes ouvira Richard repeti-lo) — não, não podia fazer nada pelas albanesas... ou seriam os armênios? Mas amava as suas rosas (não podia isso aliviar os armênios?) — a única flor que suportava cortada. Mas Richard já estava na Câmara dos Comuns; no seu comitê, depois de haver resolvido todas as dificuldades que a preocupavam. Mas não, não era verdade. Ele não compreendera as razões contra Ellie Henderson. Faria, naturalmente, a sua vontade; já que ele tinha trazido os travesseiros, repousaria... Mas... mas por que se sentia de súbito, por alguma causa que não podia atinar, desesperadamente infeliz? Como alguém que houvesse perdido uma pérola ou um diamante na relva e separa cuidadosamente as hastes, aqui, acolá, e busca em vão, cavando afinal até as raízes, assim examinou Clarissa uma coisa e outra; não, não era por Sally Seton haver dito que Richard nunca entraria no Gabinete, por ter um cérebro de segunda ordem (recordava-o agora); não, isso não lhe importava; nem por causa de Elizabeth e Doris Kilman; tudo isso eram fatos. O que havia era um sentimento, algum desagradável sentimento, experimentado talvez pela manhã; alguma coisa que Peter dissera, de mistura com certa predisposição sua, no quarto, ao tirar o chapéu; e também o que Richard dissera havia agravado aquilo... mas que dissera ele? Trouxera-lhe rosas. As suas recepções! Era aquilo! As suas recepções! Ambos a tinham criticado, tinham zombado injustamente dela, por causa das suas recepções. Era aquilo! Era aquilo!

Bem, como iria ela defender-se? Agora que sabia do que se tratava, sentia-se perfeitamente feliz. Pensavam, ou Peter pelo menos pensava, que ela gostava de impor-se; que gostava de ter pessoas famosas em torno de si; grandes nomes; uma simples esnobe, em suma. Bem, Peter podia pensar assim. Richard, esse, achava apenas uma loucura buscar excitações, quando ela bem sabia como isso lhe fazia mal ao coração. Uma infantilidade, achava ele. E ambos estavam muito enganados. O que ela amava era simplesmente a vida.

— É por isso que eu o faço — disse ela, falando alto, falando para a vida.

Desde que estava reclinada no sofá, enclausurada, protegida, a presença daquela coisa que sentia tão óbvia se tornara fisicamente viva, vestida dos sons da rua, banhada de sol, com uma cálida, sussurrante respiração que movia as cortinas. Mas, supondo que Peter lhe dissesse: "Sim, sim, mas e as tuas recepções... que sentido têm as tuas recepções?", só poderia dizer (e talvez ninguém o compreendesse): "São uma oferenda", o que parecia horrivelmente vago. Mas quem era Peter para dizer que a vida era uma plácida viagem? Peter, sempre enamorado, sempre

enamorado de quem não devia. Que é o teu amor?, podia ela perguntar-lhe. E já sabia a resposta: que era a coisa mais importante do mundo, e nenhuma mulher talvez o compreendesse. Muito bem. Mas poderia algum homem compreender o que nada significava? Poderia compreender a vida? Não podia imaginar Peter ou Richard dando-se ao trabalho de oferecer uma recepção, sem motivo nenhum.

Mas aprofundando mais, indo ao âmago do que diziam os outros (e que fragmentários, que superficiais os seus juízos!), no fundo do seu próprio espírito, agora, que significava para ela essa coisa a que chamava a vida? Oh! era muito estranho. Era fulano, de South Kensington; algum outro, de Bayswater; e mais alguém, digamos, de Mayfair. E ela experimentava continuamente a sensação das suas existências; e achava isso um desperdício; uma pena; se ao menos se pudessem juntar... era o que tentava. E isso era uma oferenda; combinar, criar; mas oferenda a quem?

Uma oferenda pela própria oferenda, talvez. Em todo caso, era esse o seu dom. Não tinha nenhum outro, por mínimo que fosse; não podia nem pensar, nem escrever, nem ao menos tocar piano. Confundia os armênios com os turcos; amava o sucesso; abominava o desconforto; tinha necessidade de ser estimada; dizia uma porção de tolices; e ainda agora, se lhe perguntassem onde ficava o Equador, não saberia responder.

De qualquer modo, que um dia se siga ao outro; quarta, quinta, sexta, sábado; que a gente desperte de manhã; olhe para o céu; passeie pelo parque; encontre Hugh Whitbread; depois, subitamente, Peter; depois aquelas rosas, era o suficiente. Afinal de contas, que inacreditável era a morte! — que aquilo devesse terminar; e ninguém no mundo saberia o quanto ela havia amado aquilo tudo; quanto, a cada instante...

A porta abriu-se. Elizabeth sabia que a mãe estava descansando. Entrou silenciosamente. Permaneceu perfeitamente imóvel. Será que, cem anos antes, teria algum mogol naufragado nas costas de Norfolk (como dizia Mrs. Hilbrey), unindo-se então a alguma Dalloway? Pois os Dalloways, em geral, eram ruivos; tinham olhos azuis; Elizabeth, pelo contrário, era morena; tinha olhos chineses numa face pálida; um mistério oriental; era gentil, discreta, silenciosa. Quando criança, havia demonstrado um perfeito senso de humor; mas agora, aos 17 anos, Clarissa não podia compreender como se tornara tão séria; qual um jacinto no seu brilhante cálice, de botões apenas coloridos, um jacinto que não recebera sol.

Permanecia completamente imóvel e olhava para a mãe; mas a porta estava entreaberta, e por trás da porta se achava Miss Kilman. Clarissa o sabia; Miss Kilman com a sua capa de borracha ouvindo tudo o que elas dissessem.

Sim, Miss Kilman estava no patamar e vestia uma capa de borracha; mas tinha as suas razões. Primeiro, porque era barato; depois, porque já passara dos quarenta; e não se vestia, afinal de contas, para agradar. Era pobre, de resto; degradantemente pobre. Se assim não fosse, não teria aceitado empregos de gente como os Dalloways; de gente rica, que queria ser boa. Mr. Dalloway, justiça lhe seja feita, tinha-se mostrado bom. Mas não Mrs. Dalloway. Fora apenas condescendente. Provinha da mais inútil de todas as classes; a dos ricos com um verniz de cultura. Tinha coisas caras por toda parte; quadros, tapetes, uma infinidade de criados. Considerava-se com o maior direito ao que quer que os Dalloways fizessem por ela.

Fora ludibriada. Sim, o termo não era exagerado, pois não tinha uma moça direito a um pouco de felicidade? E nunca fora feliz, por ser tão desajeitada e tão pobre. E depois, exatamente quando ia ter a sua oportunidade na escola de Miss Dolby, veio a guerra; e ela nunca soubera mentir. Miss Dolby achava que se daria muito melhor com gente que compartilhasse da sua opinião acerca dos alemães. E ela tivera de retirar-se. Verdade que sua família era de origem alemã; escreviam “Kiehlman” no século XVIII; mas seu irmão fora morto na guerra. Haviam-na despedido porque ela não achava que os alemães fossem todos uns monstros; quando tinha

amigos alemães, e os únicos anos felizes da sua vida havia-os passado na Alemanha! E, em todo caso, podia lecionar história. Era preciso aceitar o que se lhe oferecesse. Mr. Dalloway encontrara-a trabalhando para "Amigos". Permitira-lhe (e fora realmente uma generosidade da sua parte) que ensinasse história a Elizabeth. Também fizera um curso de aperfeiçoamento, ou coisa parecida. Depois Nosso Senhor descera até ela (e, ao dizer isto, sempre baixava a cabeça). Fazia dois anos e três meses que recebera a luz. Agora não invejava a mulheres como Clarissa Dalloway; tinha era pena delas.

Tinha-lhes pena e desprezava-as do fundo do coração, ali de pé no macio tapete, a olhar para a velha gravura da menina com um regalo. Com todo aquele luxo, que esperança poderia haver de um melhor estado de coisas? Em vez de ficar estirada num sofá ("Minha mãe está repousando", dissera Elizabeth), ela deveria estar numa fábrica; ou atrás de um balcão; Mrs. Dalloway e todas as outras damas distintas!

Amargurada e raivosa, Miss Kilman entrara numa igreja, fazia agora dois anos e três meses. Ouvira o sermão do rev. Edward Whittaker; cantavam os meninos de coro; vira apagarem-se as luzes solenes; e fosse a música ou as vozes (ela própria, quando sozinha, à noite, achava consolo no violino; mas o som era lastimável; não tinha ouvido), o certo é que os iracundos sentimentos que lhe fervilhavam no íntimo se haviam apaziguado quando sentara, e tinha chorado copiosamente, e fora visitar Mr. Whittaker na sua residência particular, em Kensington. Era a mão de Deus, disse-lhe ele. O Senhor lhe havia mostrado o caminho. De modo que agora, quando lhe vinham aqueles exaltados e penosos sentimentos, aquele ódio a Mrs. Dalloway, aquele rancor contra o mundo, ela pensava em Deus. Pensava em Mr. Whittaker. À cólera sucedia a calma. Um suave perfume lhe percorria as veias, seus lábios se entreabriam, e, temível, de pé, no patamar, com a sua capa de borracha, olhava agora com firme e sinistra severidade para Mrs. Dalloway, que saía do salão com a filha.

Elizabeth disse que havia esquecido as luvas. Era porque sua mãe e Miss Kilman se odiavam. Não podia vê-las juntas. Correu para cima, em busca das luvas.

Mas Miss Kilman não odiava Mrs. Dalloway. Voltando os grandes olhos cor de groselha para Clarissa, observando-lhe a face rósea, o delicado corpo, o seu ar de frescura e elegância, Miss Kilman sentiu: Tola! Simplória! Quem és tu, que não conheceste nem mágoas nem prazer; que desperdiçaste a tua vida em futilidades?! E veio-lhe um imperioso desejo de dominá-la; de desmascará-la. Se ao menos pudesse lançá-la por terra, isso a teria aliviado. Mas não era o corpo; era a alma e a sua irrisão que ela queria subjugar, fazer-lhe sentir o seu domínio. Se ao menos pudesse fazê-la chorar; aniquilá-la; humilhá-la, obrigá-la a cair de joelhos, chorando: "Sim, tens razão!" Mas isso era desejo de Deus, não de Miss Kilman. Devia ser uma vitória religiosa. Assim diziam os seus olhos ardentes, inflamados.

Clarissa estava verdadeiramente chocada. Uma cristã — aquela mulher! Aquela mulher que lhe havia roubado sua filha! Ela, em comunicação com invisíveis presenças!? Ela, feia, pesada, vulgar, sem bondade e sem graça, podia por acaso conhecer a significação da vida?!

— Vais levar Elizabeth a compras? — indagou Mrs. Dalloway.

Miss Kilman disse que sim. E permaneceram mudas. Miss Kilman não tinha o mínimo empenho em fazer-se agradável. Sempre havia ganhado a sua vida. Seu conhecimento da história moderna era invejável. Do seu amargo salário, punha sempre de parte alguma coisa, para ajudar as causas em que acreditava; ao passo que aquela mulher não fazia nada, não acreditava em coisa alguma; ela lhe educara a filha... mas ali vinha, quase sem fôlego, essa linda menina, Elizabeth.

Iam, pois, fazer compras. Era curioso, enquanto Miss Kilman permanecia ali (e permanecia com o poder e taciturnidade de algum monstro pré-histórico armado para as primitivas lutas), como, de segundo a segundo, a sua ideia cedia, e como o ódio (que era pelas ideias, não pelas

pessoas) ia abrandando, e ela perdia a sua malignidade, aquele seu aspecto convertia-se, de segundo a segundo, na simples Miss Kilman, de capa de borracha, a quem Deus sabe se Clarissa não desejaria mesmo ajudar.

Ao esvair-se o monstro, Clarissa sorria. E foi sorrindo que lhes deu até logo.

Desceram juntas, Miss Kilman e Elizabeth.

Com um súbito impulso, uma violenta angústia, pois aquela mulher lhe tirava a sua filha, Clarissa inclinou-se sobre o balaústre e gritou: "Não te esqueças da festa! Não te esqueças da nossa festa hoje à noite!"

Mas Elizabeth já abria a porta da rua; passava um caminhão; ela não deu resposta.

Amor e religião!, pensou Clarissa, voltando ao salão, trêmula. Que coisas detestáveis, detestáveis! Pois agora que o corpo de Miss Kilman não estava ante os seus olhos, a sua ideia se apoderava dela. As coisas mais cruéis do mundo, pensou, vendo-as pesadas, rancorosas, dominantes, hipócritas, intrometidas, ciumentas, infinitamente cruéis e sem escrúpulos, ali, de capa de borracha, no patamar: o amor e a religião. Já tentara ela algum dia converter alguém? Não desejava que cada um fosse simplesmente ele próprio? E olhava, da janela, a velha senhora da casa em frente, que subia a escada. Que subisse, se assim o desejava; que se detivesse, que alcançasse o seu quarto, como Clarissa a vira fazer tantas vezes, que abrisse as cortinas, e desaparecesse novamente, ao fundo. De qualquer maneira, devia-se respeitar aquilo — aquela velha mulher olhando pela janela; inconsciente de que a observavam. Havia alguma coisa de solene naquilo. Mas o amor e a religião destruiriam, onde quer que estivesse, aquele santuário da alma. A odiosa Kilman o destruiria. E, só de ver aquela senhora à janela, dava-lhe vontade de chorar.

O amor também destruía. Tudo o que era belo, tudo o que era verdadeiro desaparecia. Peter Walsh, por exemplo. Era um homem encantador, inteligente, com ideias a respeito de tudo. Se a gente desejava, por exemplo, saber algo a respeito de Pope, ou Addison, ou simplesmente falar sobre pessoas e coisas, não havia ninguém como Peter. Fora Peter que a guiara; quem lhe emprestara livros. Mas as mulheres a quem ele amava? Vulgares, triviais, comuns. Peter, enamorado, vinha vê-la depois de tantos anos — e de que falava? De si mesmo. Horrível paixão!, pensou. Degradante paixão! pensou, lembrando-se de Kilman e de sua Elizabeth, que iam aos Army and Navy Stores.

O Big Ben bateu a meia hora.

Que extraordinário era, que estranho, que comovente mesmo, ver a velha senhora (há tantos anos que eram vizinhas!) retirar-se da janela, como se estivesse ligada àquele som, àquela corda. Formidável como era, tinha alguma relação com ela. Profundamente, em meio às coisas ordinárias, tomba o dedo, solenizando o momento. Ela era forçada por aquele som, imaginou Clarissa, a mover-se, a retirar-se... mas para onde? Clarissa procurou segui-la enquanto ela se voltava e desaparecia, e pôde ainda ver-lhe a touca branca a se mover no fundo do quarto. Para que credos e orações e capas de borracha? quando, pensou Clarissa, ali estava o milagre, ali estava o mistério: aquela velha senhora, a quem podia ver dirigindo-se da sua cômoda para o toucador. Ainda podia vê-la. E o supremo mistério, que Kilman ou Peter diriam ter resolvido, embora Clarissa não os julgasse capazes da mínima ideia em tal sentido, era simplesmente isto: aqui havia um quarto, ali outro. Acaso o resolveria a religião, ou o amor?

O amor... Mais eis que o outro relógio, o relógio que sempre batia dois minutos depois do Big Ben, entrou com as suas mangas cheias de bagatelas, que despejou no chão, como se ao Big Ben, tão solene, tão injusto, coubesse ditar a lei, com a sua majestade, ao passo que ele devia lembrar toda espécie de coisas insignificantes — Mrs. Marsham, Ellie Henderson, pratinhos para gelados —, toda espécie de pequeninas coisas, que inundaram a sala, saltando e dançando, ao

despertarem com aquela solene pancada que batia em cheio, como uma barra de ouro no mar. Mrs. Marsham, Ellie Henderson, pratinhos para gelados. Devia telefonar o quanto antes.

Voluvelmente, turbulentamente, o relógio atrasado ressoou, entrando atrás do Big Ben, com as suas mangas cheias de bugigangas. Batido, quebrado pela investida dos carros, a brutalidade dos caminhões, o apressado avanço dos milhares de homens angulosos, de mulheres enfeitadas, os domos e frechas dos escritórios e hospitais, lançou o resto das mangas cheias de quinquilharias, que se derramaram como uma onda exausta sobre o corpo de Miss Kilman, ainda parada um momento na rua, para murmurar: "É a carne."

A carne é que ela devia controlar. Clarissa Dalloway a tinha insultado. Assim o esperava. Mas não triunfara; não dominara a carne. Como era feia, desajeitada, Clarissa Dalloway sorrira dela; e isso lhe havia reavivado as disposições carnais, pois dera-se conta da sua insignificância perante Clarissa. Nem poderia falar como ela o fizera. Mas por que desejava assemelhar-se-lhe? Por quê? Desprezava Mrs. Dalloway do fundo do coração. Não era séria. Não era boa. Sua vida era um tecido de vaidade e mentiras. Contudo, Doris Kilman fora vencida. Na verdade, quase rompera em pranto quando Clarissa Dalloway rira dela. "É a carne, é a carne", murmurou (pois costumava falar em voz alta), tentando dominar aquele forte e penoso sentimento, enquanto caminhava por Victoria Street. Orava a Deus. Não podia evitar a fealdade; não podia comprar lindos vestidos. Clarissa Dalloway tinha rido... Ela, no entanto, procuraria concentrar o espírito sobre outra coisa, antes de chegar à caixa do correio. Em todo caso, tinha a Elizabeth. Mas ia pensar em qualquer outra coisa; ia pensar na Rússia, antes de chegar à caixa.

Que lindo deve estar o campo!, disse ela, lutando, como lhe recomendara Mr. Whittaker, com aquele violento rancor contra o mundo, que a tinha desprezado, escarnecido, escorraçado, começando por infligir-lhe aquela indignidade: um corpo impossível de amar, cuja vista ninguém suportava. De qualquer modo que arranjasse o cabelo, a sua fronte sempre ficava como um ovo, nua, branca. Nenhum vestido lhe assentava. Podia comprar qualquer coisa. E, para uma mulher, naturalmente, isso significava não interessar nunca ao sexo oposto. Nunca seria a primeira para ninguém. Ultimamente lhe parecia, às vezes, que, excetuando Elizabeth, só vivia para o alimento; para o conforto; a ceia, o chá; a botija de água quente, à noite. Mas era preciso lutar; vencer, ter fé em Deus. Mr. Whittaker dissera que ela estava no mundo para um fim. Mas ninguém tinha conhecimento da sua agonia? Ele replicava, apontando o crucifixo, que Deus o sabia. Mas por que tinha ela de sofrer quando outras mulheres, como Clarissa Dalloway, escapavam a isso? O conhecimento vem atrás da dor, dissera Mr. Whittaker.

Tinha passado a caixa, e Elizabeth entrara na fresca seção dos cigarros dos Army and Navy Stores, enquanto ela ainda murmurava consigo o que dissera Mr. Whittaker acerca do conhecimento através da dor e da carne. "A carne", murmurou.

A que seção queria ir?, interrompeu-a Elizabeth.

— Saias — disse ela bruscamente, enveredando para o elevador.

Subiram. Elizabeth guiava-a por um lado e outro; guiava-a na sua abstração, como se ela fora uma criança grande, um couraçado ingovernável. Até que chegaram às saias; havia-as marrons, recatadas, frívolas, raiadas, fortes, vaporosas; e ela, na sua abstração, escolheu de maneira tão disparatada que a caixeira a julgou louca.

Elizabeth perguntava-se, enquanto faziam o pacote, em que estaria pensando Miss Kilman. Tinham de tomar chá, disse Miss Kilman, despertando. Foram tomar chá.

Elizabeth espantava-se da fome de Miss Kilman. Era, principalmente, o seu modo de comer, com intensidade, a olhar, repetidas vezes, para um prato de bolos, na mesa próxima; e igualmente quando uma senhora e um menino sentaram e o menino serviu-se de uma torta — que poderia isso importar a ela? Sim, a Miss Kilman isso importava muito. Pois estava desejando

exatamente aquela torta — a rosada. O prazer de comer era talvez o único prazer completo que lhe restava, e até nisso era ludibriada!

Quando a gente é feliz, dissera ela a Elizabeth, tem uma reserva, de que lança mão, ao passo que ela era uma roda sem pneu (gostava de tais metáforas) sacudida a cada acidente; dissera-o depois da lição, de pé junto à lareira, com o seu pacote de livros, a sua "mochila", como lhe chamava, isso numa terça-feira de manhã, depois de terminada a lição. E também falava sobre a guerra. Afinal de contas, havia gente que não pensava que os ingleses estavam invariavelmente com a razão. Havia livros. *Meetings*. Outros pontos de vista. Não gostaria Elizabeth de ir com ela, ouvir fulano? (um velho de aspecto extraordinário). Depois Miss Kilman levara-a a uma igreja em Kensington, e haviam tomado chá com um pastor. Também lhe emprestara livros. Direito, medicina, política, todas as profissões estavam franqueadas às mulheres da sua geração. Quanto a ela própria, a sua carreira estava absolutamente arruinada, e era sua a culpa? Naturalmente que não, meu Deus, dizia Elizabeth.

E sua mãe podia vir dizer-lhe que chegara um cesto de Bourton e que, se Miss Kilman quisesse algumas flores... Ela era muito, muito boa com Miss Kilman, mas Miss Kilman aplastava as flores num molho e não dizia nada, e o que interessava a Miss Kilman aborrecia à sua mãe, e Miss Kilman e ela eram terríveis quando juntas; e Miss Kilman se formalizava toda e parecia muito rude, mas Miss Kilman era de uma inteligência incrível. Elizabeth nunca tinha pensado a respeito dos pobres. Viviam com tudo o que desejavam: sua mãe fazia a primeira refeição na cama todos os dias; Lucy lhe levava as coisas; e ela, Elizabeth, gostava das mulheres velhas, porque eram duquesas e descendiam de algum lorde. Mas Miss Kilman dissera (numa daquelas terças, depois da lição): "Meu avô tinha uma loja de tintas em Kensington." Miss Kilman era completamente diferente de todos os que conhecia; fazia-a sentir-se tão pequena...

Miss Kilman tomou outra taça de chá. Elizabeth, com o seu aspecto oriental, seu inescrutável mistério, sentava-se perfeitamente ereta; não, não desejava mais nada. Procurou as luvas — as suas luvas brancas. Estavam debaixo da mesa. Ah, mas não devia ir embora! Miss Kilman não podia deixá-la ir embora. Tão linda aquela juventude, e a quem ela tão genuinamente amava! E a grande mão de Miss Kilman abriu-se e fechou-se sobre a mesa.

Em todo caso, não deixava de ser cacete aquilo, sentia Elizabeth. E na verdade gostaria de ir embora.

— Mas eu ainda não terminei — disse Miss Kilman.

Naturalmente, então, Elizabeth esperaria. Mas aquilo ali estava muito abafado.

— Vais à festa hoje à noite? — indagou Miss Kilman. Elizabeth supunha que sim; sua mãe desejava que fosse. Não deveria deixar que as festas a absorvessem, disse Miss Kilman, apanhando o último pedaço de um doce de chocolate.

Não gostava muito de festas, disse Elizabeth. Miss Kilman abriu a boca, avançou o queixo, engoliu o último pedaço de doce, depois limpou os dedos e esvaziou o bule na sua taça.

Estava a ponto de despedaçar-se, sentia. Uma terrível agonia, aquela. Se pudesse agarrá-la, prendê-la, se pudesse fazê-la sua absolutamente e para sempre, e depois morrer! era tudo o que desejava. Mas ficar ali sentada, incapaz de pensar no que quer que fosse para dizer; ver Elizabeth voltar-se contra ela; sentir-se repulsiva até para ela... era demais; não podia suportá-lo. Seus grossos dedos se crisparam.

— Eu nunca vou a festas — disse Miss Kilman, para impedir que Elizabeth fosse embora. — Não me convidam para festas. — E, enquanto o dizia, reconhecia que tudo vinha do seu amor-próprio; bem que Mr. Whittaker prevenia; mas não o podia evitar. Sofrera tão horrivelmente. — E por que me haviam de convidar? — disse. — Sou feia, sou infeliz. — Reconheceu que estava dizendo idiotices. Mas era toda aquela gente que passava — gente com pacotes, que a desprezava — que a fizera dizer aquilo. E, no entanto, ela era Doris Kilman. Tinha o seu

diploma. Uma mulher que abrira caminho no mundo. Seus conhecimentos da história moderna eram mais do que respeitáveis.

— Eu não tenho pena de mim — disse ela. — Tenho muito mais pena... — ia dizer "de tua mãe", mas não, não podia, não podia dizê-lo a Elizabeth. — Tenho muito mais pena é de outras pessoas.

Como um animal silencioso levado para junto de uma porta com um propósito ignorado e que espia uma oportunidade de escapar-se, Elizabeth Dalloway permanecia muda na sua cadeira. Iria Miss Kilman dizer alguma coisa mais?

— Não me esqueças completamente — disse Doris Kilman; sua voz tremia. Direito, para o fim do campo, o silencioso animal galopava aterrorizado.

A grande mão abriu-se e fechou-se.

Elizabeth voltou a cabeça. Veio a empregada. Tinha-se de pagar na caixa, disse Elizabeth, e afastou-se, arrancando-lhe, assim o sentiu Miss Kilman, arrancando-lhe as entranhas do corpo, estirando-se, enquanto atravessava a sala, e depois, numa torção final, inclinando polidamente a cabeça, despediu-se.

Tinha ido embora. Miss Kilman, sentada à mesa de mármore, entre os doces, sentiu uma, duas, três pontadas de dor. Tinha ido embora. Mrs. Dalloway triunfara. Elizabeth tinha ido embora. A beleza tinha ido embora; a juventude tinha ido embora.

E ela ali sentada. Depois ergueu-se, hesitando entre as mesinhas, sem direção, e alguém a alcançou, entregando-lhe o pacote da saia, e ela perdeu-se em meio de fardos endereçados para a Índia, foi parar na seção de especialidades para mães e bebês; perambulou entre todas as mercadorias do mundo perecíveis e duradouras, fiambres, drogas, flores, coisas para escritórios, cheiros vários, suaves ou fortes; viu-se a si mesma de corpo inteiro em um espelho, perdida, o chapéu de viés, a cara vermelha; afinal, saiu para a rua.

À sua frente erguia-se a torre da catedral de Westminster, a casa de Deus. Em meio ao tráfego, ali estava a casa de Deus. Bruscamente, com o seu pacote, encaminhou-se para aquele outro santuário, a abadia, onde sentou, com as mãos unidas ante o rosto, entre outros que ali tinham ido refugiar-se; os adoradores de toda espécie, despidos agora de categorias sociais, quase despidos de sexo, quando erguiam as mãos ante o rosto; mas que, ao retirá-las, viravam de novo pacatos ingleses e ingleses da classe média, alguns dos quais desejosos de apreciar os votos de cera.

Mas Miss Kilman continuava com as mãos no rosto. Ora se encontrava a sós, ora acompanhada. Novos fiéis chegavam da rua para substituir os que se iam, e, enquanto passavam e desfilavam ante o túmulo do Soldado Desconhecido, ela mantinha os olhos tapados, tentando, naquela dupla escuridão, pois a luz da abadia era muito débil, erguer-se acima das vaidades, dos desejos, das comodidades, e livrar-se de todo ódio e todo amor. Suas mãos se crispavam. Parecia lutar. Mas, para outros, Deus era acessível, e suave o caminho que levava a ele. Mr. Fletcher, aposentado do Tesouro, Mrs. Gorsham, viúva do famoso K.C., aproximavam-se dele simplesmente e, depois de haverem rezado, acomodavam-se no banco, gozavam a música (o órgão ressoava suavemente), e viam Miss Kilman, na extremidade da fila, rezando, rezando, e, como se achava ainda no umbral do seu mundo interior, consideravam-na com simpatia, como a uma alma que explorava o mesmo território; uma alma de imaterial substância; não uma mulher: uma alma.

No entanto, Mr. Fletcher tinha de retirar-se. Teve de passar por ela, e, como era limpo como um alfinete novo, não pôde deixar de penalizar-se um pouco com a desordem da pobre mulher, seus cabelos caídos; seu pacote no chão. Ela não o deixou passar imediatamente. Mas, enquanto ele se mantinha de pé, circunvagando o olhar pelos mármores brancos, os vitrais, os tesouros ali acumulados (pois era extremamente orgulhoso da abadia), impressionaram-no o tamanho, a

robustez, a força daquela mulher que de vez em quando se movia sobre os joelhos (era tão difícil aproximar-se de Deus, apesar de todo o seu desejo), como haviam impressionado a Mrs. Dalloway (que não deixou de pensar nela toda a tarde), ao rev. Edward Whittaker, e também a Elizabeth.

E Elizabeth esperava um ônibus em Victoria Street. Era tão bom andar pelas ruas! Achou que talvez não fosse necessário voltar em seguida para casa. Era tão bom estar fora, ao ar livre! De modo que ia tomar um ônibus. E enquanto ali se achava, com seu vestido tão justo, tão elegante, já aquilo começava... já começavam a compará-la com os álamos, com a aurora, com os jacintos, com as gazelas, com a água das fontes e os lírios dos jardins; e isto lhe tornava um fardo a sua vida, pois preferia estar sozinha no campo, a fazer o que bem quisesse, mas comparavam-na a lírios e ela devia ir a festas, e Londres era tão aborrecida quando pensava estar sozinha no campo, com o seu pai e os cachorros...

Ônibus apontavam na esquina, detinham-se, partiam — vistosa caravana, luzente de vernizes rubros e amarelos. Mas qual deles tomaria? Não tinha preferência. Naturalmente, não forçaria a decisão. Era inclinada à passividade. Sim, faltava-lhe expressão, mas os seus olhos eram lindos, chineses, orientais, e, como sua mãe dizia, com tão belos ombros e mantendo-se tão direita, sempre atraía os olhares; e nos últimos tempos, principalmente à noite, quando se interessava por alguma coisa, pois nunca chegava a entusiasmar-se, era quase bela no seu porte sereno. Em que poderia pensar? Todos os homens se enamoravam dela, e isto na verdade a aborrecia terrivelmente. Pois já estava começando... Sua mãe podia vê-lo; os galanteios estavam começando. Que ela não se preocupasse com tais coisas — com vestidos, por exemplo — algumas vezes inquietava a Clarissa, mas talvez fosse o mesmo que incomodar-se com todas aquelas bonecas e porquinhos-da-índia... E agora aquela esquisita amizade com Miss Kilman. Bem, considerava Clarissa, lendo o *Barão de Marbot* às três da madrugada, porque não podia dormir, isto prova que ela tem coração. De súbito Elizabeth avançou e, com a maior desenvoltura, abordou o ônibus, na frente de todos. Escolheu um assento na imperial. A impetuosa máquina — um navio pirata — trepidou, partiu; ela teve de agarrar-se ao balaústre para não cair, pois aquilo era mesmo um navio pirata, com toda a sua brutalidade, a falta de escrúpulos, que avançava implacavelmente, fazia as mais perigosas curvas, colhia este passageiro, desprezava aquele, deslizava por entre o tráfego como uma enguia, e precipitava-se, insolentemente, com todas as velas pandas, em Whitehall. Tinha ela um pensamento para a pobre Miss Kilman, que a amava sem ciúme, e para quem havia sido uma gazela no vale, uma lua na clareira? Estava encantada de sentir-se livre. Tão delicioso o ar fresco! E estava tão abafado lá nos Army and Navy Stores! E agora parecia uma cavalgata, aquela corrida para Whitehall; e a cada movimento do ônibus, o belo corpo, no seu vestido laranja, respondia livremente, como um cavaleiro, como uma figura de proa, pois a brisa a desarranjava um pouco; o calor lhe dava às faces a palidez da madeira envernizada; e os seus belos olhos, sem outros olhos que contemplar, olhavam direito para a frente, vazios, brilhantes, com a incrível fixidez e inocência de uma escultura.

O que tornava Miss Kilman tão penosa de suportar é que falava sempre de seus sofrimentos. E tinha ela razão para isso? E se pertencer a comitês e dedicar-lhes horas e horas todos os dias auxiliava aos pobres, também seu pai fazia o mesmo (ela mal o via quando ele se achava em Londres), Deus sabe se o fazia... se era isso o que Miss Kilman entendia por ser cristã... mas era tão difícil sabê-lo! Oh, desejaria ir um pouco mais longe... Outro pêni até o Strand? Aqui está o outro pêni, então. Iria até o Strand.

Agradavam-lhe as pessoas doentes. E todas as profissões estavam franqueadas às mulheres da sua geração, dizia Miss Kilman. Poderia então formar-se em medicina. Poderia ter uma granja. Os animais adoecem seguidamente. Poderia adquirir centenas de acres e ter gente sob o seu

domínio. Iria vê-los nas suas moradas. Ali estava Somerset House. Sim, poderia ser uma excelente granjeira. E essa ideia tão estranha, embora inspirada por Miss Kilman, fora quase que inteiramente devida a Somerset House. Era tão esplêndido, tão sério, aquele grande edifício cinzento! E ela gostava de sentir gente trabalhando. Gostava daquelas igrejas, como silhuetas de papel cinzento, marginando o Strand. Era muito diferente de Westminster, pensou, descendo em Chancery Lane. Tudo parecia ali tão grave; tão atarefado! Em suma, gostaria de ter uma profissão. Seria médica, granjeira, quem sabe se não iria para o Parlamento, se necessário, tudo por causa do Strand.

Os passos daquela gente atarefada nas suas atividades, as mãos colocando pedra sobre pedra, os espíritos eternamente ocupados, não com frases triviais (comparar as mulheres com álamos... divertido, sim, mas idiota), porém com os navios, os negócios, as leis, a administração, e, além disso, tudo tão majestoso (estava no Temple), tão alegre (o rio), tão piedoso (a igreja) — aquilo a decidiu irrevogavelmente, dissesse o que dissesse a sua mãe, a ser granjeira ou médica. Sentia-se, contudo, um pouco indolente.

Era muito melhor não dizer nada. Pareceria uma tolice. É o que às vezes acontece, quando a gente está sozinha: edifícios sem o nome do arquiteto, multidões que regressam ao centro tinham mais poder do que aquele simples pastor de Kensington, do que os livros que lhe emprestava Miss Kilman, para estimular o que jazia adormecido, impotente e tímido no chão de areia da consciência, para quebrar a superfície, como uma criança que subitamente distende os braços; era isso mesmo talvez, um suspiro, um espreguiçar de braços, um impulso, uma revelação, que produz os seus efeitos para sempre e depois remergulha no areal. Tinha de ir para casa. Tinha de vestir-se para o jantar. Mas que horas seriam? Onde haveria um relógio?

Olhou para Fleet Street. Caminhou, caminhou na direção de São Paulo, como alguém que entra na ponta dos pés e explora de noite, com uma vela, uma casa estranha, com medo de que o dono apareça de súbito à porta do quarto, indagando o que deseja; e ela não se atrevia a aventurar-se naquelas estranhas passagens, naquelas tentadoras ruas transversais, como ninguém se aventura, em casa alheia, a abrir uma porta que pode ser a do quarto, ou a da sala, ou a da despensa. Pois os Dalloways não frequentavam o Strand; era uma pioneira, uma aventureira, arriscando-se, explorando...

Nalguns sentidos, sua mãe o sabia, ela era muito pouco amadurecida, apegada às suas bonecas, a seus velhos sapatos; um perfeito bebê; o que não deixava de ser um encanto. Mas, estava visto, havia na família Dalloway a tradição do serviço público. Abadessas, diretoras, superintendentes, dignitárias, isso eram todas, sem maior brilho, na república das mulheres. Avançou um pouco mais na direção de São Paulo. Agradava-lhe a cordialidade, a fraternidade daquele tráfego. Parecia-lhe bom aquilo. O ruído era tremendo; de súbito ouviram-se trombetas (os desocupados!) explodindo, ecoando no bruaá; uma banda militar; como se todos estivessem em marcha; mas e se houvesse um moribundo?... se alguma mulher houvesse exalado o último suspiro, e a pessoa que a assistia, ao abrir a janela do quarto onde ela acabava de cumprir esse ato de suprema dignidade, quedasse a olhar para Fleet Street, aquela música marcial teria chegado triunfalmente a seus ouvidos, consoladora, indiferente.

Não tinha consciência aquela música. Não reconhecia a ventura nem a desgraça de ninguém, e por isso mesmo era consoladora, até para aqueles que haviam sondado os últimos vislumbres de consciência na face de um moribundo.

O esquecimento dos homens nos pode ferir, como nos pode corroer a sua ingratidão, mas aquela voz, brotando interminavelmente, anos em fora, carrega tudo o que pode; essa promessa; aquele carro; esta vida; aquela profissão; envolve-os e arrasta-os, como na torrente do degelo é arrastado e sumido um fragmento de osso, uma pétala azul, um tronco de carvalho.

Mas era mais tarde do que supunha. Sua mãe não gostaria de que ela andasse a flanar sozinha. Voltou, pois, ao Strand.

Uma lufada (apesar do calor, havia vento) distendeu uma leve gaze escura sobre o sol e sobre o Strand. As faces empalideceram; os ônibus perderam de súbito o brilho. Porque, embora as nuvens fossem montanhas de brancura, de que se poderiam tirar lascas com um machado, com suas vertentes de ouro, seus jardins suspensos, e tivessem todo o aspecto de moradas para a assembleia dos deuses por sobre o mundo, estavam sempre num perpétuo movimento. Trocavam sinais quando, como para seguir um plano previamente traçado, ora desabava um píncaro, ora todo um bloco, do tamanho de uma pirâmide, até então inalterável, avançava para o centro, ou gravemente conduzia a procissão para um novo ancoradouro. Embora parecessem fixas em seus postos, repousando em perfeita unanimidade, nada podia ser mais leve, mais livre, mais sensível do que aquelas superfícies de neve ou ouro; mudar, sumir, dispersar a solene assembleia era imediatamente possível; e, apesar da grave fixidez, da solidez e da força acumulada, ora mandavam luz à terra, ora mandavam sombra.

Tranquila, habilmente, Elizabeth Dalloway subiu no ônibus de Westminster.

A luz e a sombra, indo e vindo, avivando de amarelo as bananas, amortecendo de cinza as paredes, amortecendo de cinza o Strand, avivando de amarelo os ônibus, pareciam a Septimus Warren Smith, estendido no sofá do quarto, fazer-lhe misteriosos acenos e sinais, enquanto olhava o ouro fluido arder e fanar-se, com a assombrosa sensibilidade de uma criatura viva, por sobre as rosas do papel do forro. Fora, as árvores estendiam a sua folhagem, como redes no abismo do ar; o quarto estava cheio do fragor das águas, e através das vagas chegava o canto da passarada. Todas as potências derramavam-lhe na cabeça os seus tesouros, e a sua mão jazia no dorso do sofá, tal como a vira à tona das águas, ao banho, enquanto os cães, lá longe, estavam ladrando, ladrando. Nada mais temas, diz o coração no corpo; nada mais temas.

Não tinha medo. A cada momento a Natureza lhe dava a entender, com algum risonho aviso, como aquela mancha de ouro que percorria a parede — ali, ali, ali —, a sua intenção de revelar-lhe, agitando as plumas, sacudindo as tranças, lançando o manto de um modo ou outro, mas com beleza, sempre com beleza, ou ficando a seu lado para sussurrar entre as mãos em concha as palavras de Shakespeare... a intenção de revelar-lhe o seu oculto sentido.

Rezia, sentada à mesa, vigiava-o, enquanto terminava um chapéu; viu-o sorrir. Era, pois, feliz. Mas não suportava vê-lo sorrir daquele jeito. Aquilo não era casamento; não era próprio de um marido mostrar-se assim tão esquisito, sobressaltar-se, rir, ficar horas e horas silencioso, ou ordenar-lhe de repente que escrevesse. A gaveta da mesa estava cheia daqueles escritos; sobre a guerra; sobre Shakespeare; sobre grandes descobertas; sobre a inexistência da morte. Ultimamente excitara-se de súbito, sem motivo algum (e tanto o dr. Holmes como *sir* William Bradshaw diziam que a excitação era o que havia de pior para ele), e agitara as mãos, gritando que conhecia a verdade. Que conhecia tudo! Aquele homem, o amigo morto, Evans, tinha voltado, dizia. Estava cantando por detrás do biombo. Ela escrevia o que ele falava. Algumas coisas eram muito bonitas; outras, verdadeiras tolices. E sempre parava no meio e mudava de ideia; desejava acrescentar algo; ouvia algo novo; escutava com a mão no ouvido.

Mas ela não ouvia nada.

E uma vez surpreenderam a camareira, morta de riso, a ler um daqueles papéis. Foi horrível. Pois Septimus começara a bradar contra a crueldade humana, a queixar-se de como os homens se despedaçam mutuamente. Aquele que tomba, disse, os outros reduzem-no a pedaços. “Holmes nos persegue”, dizia, e inventava histórias sobre Holmes; Holmes comendo mingau de aveia; Holmes lendo Shakespeare... e sacudiu-se de riso ou furor, pois o dr. Holmes parecia encarnar para ele alguma coisa horrível. “Natureza Humana”, era assim que o chamava. Depois vinham as visões. Afogara-se, costumava dizer, e jazia sobre um penhasco, sob o alarido das gaivotas. E,

por sobre o encosto do sofá, contemplava, lá embaixo, o mar. Ou então ouvia música. Na verdade só havia um realejo na rua, ou pregão de algum vendedor ambulante. Mas ele exclamava: "Maravilhoso!", e as lágrimas lhe corriam pelas faces, e isto era o mais terrível de tudo, ver um homem como Septimus, que havia lutado, que era um bravo, chorar daquela maneira. E ele continuava a escutar, até que subitamente gritava que estava caindo, que estava caindo nas chamas! E tão vivamente o fazia que ela chegava a olhar, como se houvesse chamas mesmo. Mas nada havia. Estavam sozinhos no quarto. Era um sonho, dizia-lhe, e tranquilizava-o afinal, mas às vezes ficava também assustada. E suspirava, enquanto cosia.

O seu suspiro era terno e encantador, como o vento num bosque, ao crepúsculo. Ora pousava a tesoura, ora voltava-se para apanhar alguma coisa da mesa. Um leve movimento, um roçar de pano, uma batida denunciavam a sua presença junto à mesa em que cosia. Dentre as pálpebras entrecerradas, ele podia ver a sua confusa silhueta; o miúdo vulto escuro; a face e as mãos; seus movimentos em redor da mesa, quando tomava um carretel ou procurava alguma fita (pois era vezeira em extraviar as coisas). Estava fazendo um chapéu para a filha casada de Mrs. Filmer, que se chamava... Havia-lhe esquecido o nome.

— Como é o nome da filha casada de Mrs. Filmer? — perguntou ele.

— Mrs. Peter — disse Rezia. Tinha medo de que ficasse muito pequeno, acrescentou, erguendo o chapéu ante os olhos. Mrs. Peter era uma mulher imponente; mas Rezia não gostava dela. Só porque Mrs. Filmer se mostrava tão bondosa com ambos ("Deu-me uvas esta manhã") é que Rezia desejava fazer alguma coisa, para mostrar a sua gratidão. Ao entrar no quarto, na última noite, encontrara Mrs. Peter, que os julgava ausentes, tocando o gramofone.

— Deveras? — indagou Septimus. Ela estava tocando o gramofone? Sim, Rezia já lhe havia falado nisso; encontrara Mrs. Peter tocando o gramofone.

Começou, com toda a precaução, a abrir os olhos para ver se na verdade havia ali um gramofone. Mas as coisas reais... as coisas reais eram demasiado excitantes. Devia ter cuidado. Não queria ficar louco. Primeiro olhou para os figurinos, na prateleira inferior, e, depois, gradualmente, para o gramofone, com a sua trompa verde. Nada podia ser mais real. E depois, reunindo toda a coragem, olhou para o aparador, para a bandeja de bananas; para a gravura da rainha Vitória e do príncipe-consorte; para a lareira, com a jarra de rosas. Nenhuma daquelas coisas se movia. Tudo estava quieto; tudo era real.

— É uma mulherzinha linguaruda — disse Rezia.

— E que faz o marido? — indagou Septimus.

— Ah — disse Rezia, tentando lembrar-se. Parece que Mrs. Filmer dissera que viajava para alguma companhia. — Atualmente, ele se acha em Hull — disse ela.

"Atualmente!" Dissera-o com o seu sotaque italiano. Ela própria o dissera. Septimus levou as mãos aos olhos, de modo a ver-lhe somente um pedaço do rosto de cada vez; primeiro o queixo; depois o nariz; depois a fronte, pois tinha medo de que estivessem deformados ou houvesse neles alguma terrível marca. Mas não, ali estava ela, perfeitamente natural, cosendo, com os lábios apertados e a tranquila, melancólica expressão que têm as mulheres quando cosem. Mas não havia nada de terrível, assegurou-se, olhando-lhe uma segunda, uma terceira vez, o rosto, as mãos... que havia nela de temível ou repugnante sentada ali, à luz do dia, costurando? Mrs. Peter era linguaruda. Mr. Peter estava em Hull. Por que então encolerizar-se e profetizar? Por que voar, assim, expulso e torturado? Por que tremer e soluçar junto às nuvens? Por que descobrir verdades e enviar mensagens, quando Rezia estava sentada a prender alfinetes no peito do vestido e Mr. Peter se achava em Hull? Milagres, revelações, agonias, quedas no mar, no mar ou nas chamas, tudo se desvanecia agora, pois, enquanto via Rezia guarnecer o chapéu de palha de Mrs. Peter, sentia-se em uma colcha de flores.

— É muito pequeno para Mrs. Peter — disse Septimus.

Pela primeira vez, durante dias, estava falando como antes! Por certo que era pequeno — absurdamente pequeno, disse Rezia. Mas Mrs. Peter assim o escolhera.

Septimus lho tomou das mãos. Disse que era um chapéu de macaquinho de realejo.

Como a alegrara aquilo! Fazia semanas que não riam assim, troçando em particular, como marido e mulher, isto é, se Mrs. Filmer entrasse, ou Mrs. Peter, ou qualquer outra pessoa, não compreenderiam do que estavam rindo os dois.

— Aqui — disse ela, pregando uma rosa no lado do chapéu. Nunca se sentira tão feliz! Nunca, em toda a sua vida!

Mas assim ainda ia ficar mais ridícula, disse Septimus. Agora a pobre mulher ia parecer um leitão na feira. (Ninguém a fazia rir como Septimus.)

Que tinha ela no cesto de costura? Tinha fitas e contas, pompons, flores artificiais. Emborcou tudo na mesa. Ele começou a combinar cores disparatadas, pois, embora não tivesse jeito, nem mesmo para fazer um pacote, possuía um olho maravilhoso, e seguidamente acertava; algumas vezes fazia absurdos, estava visto, mas doutras vezes acertava maravilhosamente.

— Vai ficar com um chapéu magnífico! — murmurava ele, apanhando uma coisa e outra, enquanto Rezia, ajoelhada junto dele, olhava por cima do seu ombro. Agora estava pronto, isto é... o projeto; ela devia coser. Mas era preciso muito, muito cuidado, recomendou Septimus, para conservar tudo exatamente como ele havia ajustado.

Rezia começou a coser. Quando ela cose, pensou ele, faz um ruído como de chaleira na trempe; um cicio, um afanoso murmurinho, os dedinhos firmes picando, puxando a agulha rápida rebrilhando. Podia o sol ir e vir sobre as cornijas, sobre o forro de papel, mas ele esperaria, pensou, estirando as pernas, contemplando as suas meias enroladas nos tornozelos; esperaria naquele tépido local, naquele recesso de ar tranquilo, como os que a gente encontra às vezes na orla de um bosque, à tarde, quando, devido a uma depressão do terreno ou a uma especial disposição das árvores (pois devemos ser, antes de tudo, científicos), o calor como se espraia e o ar roça as faces como a asa de um pássaro.

— Pronto — disse Rezia, girando o chapéu de Mrs. Peter na ponta dos dedos. — Por enquanto, basta. Mais tarde, eu... — e a frase jorrava, corria, corria, como uma torneira satisfeita de estar aberta.

Admirável. Nunca fizera ele nada que se sentisse tão orgulhoso. Era tão real, tão substancial, o chapéu de Mrs. Peter.

— Olha, olha — dizia a Septimus.

Sim, ela sempre olharia com gosto aquele chapéu. Pois ele tinha voltado a si; ele tinha rido. Haviam estado a sós, os dois. Sempre gostaria daquele chapéu.

Septimus lhe disse que o experimentasse.

— Mas eu devo ficar tão esquisita com ele! — exclamou Rezia, correndo ao espelho e mirando de todos os lados. Mas logo tirou o chapéu, porque batiam à porta. *Sir* William Bradshaw? Já teria ele mandado chamar?

Não, era apenas a menina com o jornal da tarde.

Então aconteceu o que sempre acontecia, o que lhes acontecia todas as noites. A meninazinha chupava o dedo, à porta; Rezia ajoelhou-se junto dela; Rezia arrulhava, beijava-a; Rezia tirou um saco de bombons da gaveta. Pois sempre assim acontecia. Primeiro uma coisa, depois outra. Pois assim fazia ela, primeiro uma coisa, depois outra. Dançaram, pularam as duas, rodeando o salão. Apanhou o jornal. Surrey perdera, leu em voz alta. E havia uma onda de calor. Surrey perdeu, repetiu Rezia. E havia uma onda de calor, que fazia parte daquele seu brinquedo com a neta de Mrs. Filmer, ambas a rir, a tagarelar ao mesmo tempo, no seu brinquedo. Ele sentia-se muito cansado. Muito feliz. Desejaria dormir. Fechar os olhos. Mas logo que deixou de ver, o barulho

do brinquedo se foi tornando indistinto, cada vez mais estranho, como de gente a procurar qualquer coisa e que, sem nada encontrar, se fosse afastando, afastando...

Ergueu-se, aterrorizado. Que via ele? A bandeja de bananas no aparador. Ninguém estava ali (Rezia tinha levado a menina para a mãe; eram horas de ir para a cama). Era isto; estava sozinho para sempre. Tal a sentença pronunciada em Milão, quando entrara na sala e as vira cortando tela com as tesouras; sozinho para sempre.

Estava sozinho, com a bandeja e as bananas. Sozinho, exposto naquela desolada altura, estendido... mas não numa colina, não num penhasco; no sofá de Mrs. Filmer. E quanto às visões, as faces, as vozes dos mortos, onde é que estavam? Havia um biombo à sua frente, com juncos negros e andorinhas azuis. Onde uma vez vira montanhas, onde vira faces, onde tinha visto a beleza, estava agora um biombo.

— Evans! — gritou. Não veio resposta. Algum rato guinchava, ou agitava-se uma cortina. Aquelas eram as vozes dos mortos. O biombo, o balde de carvão, o aparador, permaneciam com ele. Enfrentaria o biombo, e o balde de carvão e o aparador... mas Rezia irrompeu na sala, tagarelando.

Tinha chegado uma carta. Estavam modificados todos os projetos. Mrs. Filmer, afinal, não poderia ir a Brighton. Não havia tempo para avisar Mrs. Williams, e na verdade tudo aquilo era muito aborrecido... só de olhar o chapéu... Mas quem sabe se ainda não poderia... mais um pequeno retoque... E sua voz morreu em uma alegre melodia.

— Maldição! — gritou ela (era um dos seus brinquedos, aquela praga); a agulha se havia quebrado. Chapéu, criança, Brighton, agulha. Ela animava tudo aquilo; primeiro uma coisa, depois outra, animava tudo, enquanto cosia.

Queria que ele dissesse: mudando a rosa, não melhoraria o chapéu? Sentou-se na ponta do sofá.

Estavam perfeitamente felizes agora, disse ela de repente, pousando o chapéu. Pois agora lhe poderia dizer tudo. Podia dizer-lhe o que quer que lhe viesse à cabeça. Fora essa, ou quase, a primeira impressão que lhe causara ao entrar aquela noite no café, com os seus amigos ingleses. Tinha entrado, um pouco tímido, olhando em redor, e o chapéu lhe caíra da mão quando o dependurava no cabide. Lembrava-se de tudo. Sabia que era inglês, embora não fosse um desses grandalhões que a sua irmã admirava, pois sempre fora delgado; mas tinha boa cor; e, com aquele grande nariz, aqueles olhos brilhantes, a sua maneira de sentar-se um pouco inclinado para a frente, fizera-a pensar, como muitas vezes lhe dissera, em um jovem falcão, na primeira vez em que o vira, quando estavam a jogar dominó e ele havia entrado... um jovem falcão; mas com ela sempre fora muito gentil.

Nunca o vira de mau humor ou embriagado, apenas triste, às vezes, durante aquela terrível guerra, mas mesmo assim, quando ela chegava, esquecia tudo. Qualquer coisa, qualquer coisa neste mundo, qualquer pequena dificuldade com seu trabalho, tudo o que lhe ocorresse dizer-lhe, ele logo compreendia. Nem com a própria família se dava o mesmo. Mais velho do que ela, e mais inteligente — tão sério que ele era, tentando fazer com que ela lesse Shakespeare antes mesmo que pudesse compreender uma história infantil em inglês —, e com muito mais inteligência, ele a auxiliaria. E ela também poderia auxiliá-lo.

Mas tratava-se agora daquele chapéu. E depois (já ia ficando tarde) ainda havia *sir* William Bradshaw.

Levou as mãos à cabeça, para que Septimus lhe dissesse se gostava ou não do chapéu, e enquanto permanecia sentada, esperando, de olhos baixos, ele podia seguir-lhe o pensamento, como a um pássaro sempre revoando de ramo em ramo, sempre pousando onde devia; podia seguir-lhe o pensamento, enquanto ela quedava, numa dessas posturas de abandono que tomava

naturalmente, sorrindo-lhe quando ele dizia alguma coisa, como um pássaro esvoaçante que se firma afinal em um galho.

Mas ele se lembrava agora. Bradshaw dissera: “As pessoas de quem mais gostamos não nos servem quando estamos doentes.” Bradshaw dissera que ele devia aprender a descansar, Bradshaw dissera que eles deviam separar-se.

“Deviam”, “deviam”, por que “deviam”? Que poder tinha Bradshaw sobre ele? — Que direito tem Bradshaw para dizer “deve” a mim? — indagou.

— É porque falavas em matar-te — disse Rezia. (Felizmente podia agora dizer qualquer coisa a Septimus.)

Com que então, estava em poder dos dois! Holmes e Bradshaw o perseguiam! O bruto de focinho ensanguentado estava a farejar os sítios mais secretos! Podia dizer “deve”! Onde estavam os papéis? as coisas que ele havia escrito?

Trouxe-lhe os papéis, as coisas que Septimus havia escrito, as coisas que ela havia escrito para ele. Espalhou-as no sofá. Olharam-nas juntos. Diagramas, desenhos, pequeninos homens e mulheres empunhando bastões; com asas — seriam asas? —, com asas nas costas; círculos traçados com moedas — sóis e estrelas; precipícios ziguezagueantes, com alpinistas subindo atados uns aos outros e que pareciam garfos e facas; paisagens marinhas, com risonhas caras a emergir do que talvez fossem ondas: o mapa do mundo. — Queima-os! — gritou ele. Agora os escritos; de como cantavam os mortos atrás dos rododendros; odes ao Tempo, conversações com Shakespeare; Evans, Evans, Evans... as suas mensagens dentre os mortos; não cortar árvores; falar com o primeiro-ministro. Amor universal: a significação do mundo. — Queima-os! — gritou.

Mas Rezia protegeu-os com as mãos. Alguns eram muito bonitos, pensava. Atá-los-ia (pois não tinha envelope) com uma fita de seda.

Mesmo que o levassem, disse, iria com ele. Ninguém poderia separá-los contra a vontade de ambos, disse ela.

Emparelhando as bordas, ergueu os papéis e atou o maço quase sem olhar, sentada bem perto dele, a seu lado, pensava Septimus, com todas as pétalas a cercá-la. Rezia era uma árvore em flor; e dentre seus ramos olhava a face de um legislador, ela, que havia alcançado um santuário onde não temia a ninguém; nem a Holmes; nem a Bradshaw; um milagre, um triunfo, o último e o maior. Imobilizado, ele a via subir a terrível escada, ladeada por Holmes e Bradshaw, homens que não pesavam menos de oitenta quilos, que mandavam as esposas à corte, homens que ganhavam dez mil libras por ano e falavam do senso da medida; que divergiam nos seus veredictos (pois Holmes dizia uma coisa e Bradshaw, outra), embora fossem juízes; que confundiam a visão e o aparador; que não viam nada claro, embora ditassem regras, embora as impusessem. De ambos, Rezia triunfava.

— Pronto! — disse ela. Os papéis estavam atados. Ninguém os levaria. Ia guardá-los.

E, disse ela, ninguém separaria aos dois. Sentou-se a seu lado, dando-lhe o nome daquele falcão, ou corvo, que, por maléfico e nocivo às colheitas, era exatamente como ele. Ninguém poderia separá-los, disse ela.

Depois ergueu-se para ir ao quarto guardar as suas coisas, mas, ouvindo vozes e supondo que fosse o dr. Holmes, correu a impedi-lo que subisse.

Septimus agora a ouvia falar com Holmes na escada.

— Mas, minha cara senhora, eu venho como amigo — dizia Holmes.

— Não, não lhe permitirei que veja meu marido — dizia ela.

Septimus imaginava-a com uma galinhazinha, de asas tufadas, a barrar-lhe a passagem. Mas Holmes insistia.

— Minha cara senhora, permita-me... — dizia Holmes, afastando-a (Holmes era um homem corpulento).

Holmes estava subindo a escada. Holmes ia entrar porta adentro. Holmes diria: "Com uma crise, hein?" Holmes o levaria embora. Mas não: nem Holmes; nem Bradshaw. Erguendo-se com certa dificuldade, trôpego até, fitou a reluzente faca de cortar pão, de Mrs. Filmer, com a palavra "pão" gravada no cabo... Ah, mas iria sujá-la. E o gás? Mas era demasiado tarde. Holmes se aproximava. Poderia utilizar as navalhas, mas Rezia, que sempre fazia das suas, as havia guardado. Restava a janela, uma daquelas grandes janelas do hotel de Bloomsbury; o aborrecido, importuno e melodramático gesto de abrir a janela e arremessar-se na rua. Era a ideia que os outros faziam da tragédia, não ele, nem Rezia (pois Rezia estava com ele). A Holmes e Bradshaw agradavam tais coisas. (Sentou-se no peitoril.) Mas esperaria até o último momento. Não desejava morrer. A vida era boa. O sol aquecia. Se não fossem os seres humanos... Um velho que descia a escada da casa fronteira estacou e ficou a olhar para ele. Holmes já estava na porta. — Isto é para você! — gritou-lhe Septimus, e arrojou-se com força, violentamente, sobre a cerca de Mrs. Filmer.

— O covarde! — gritou o dr. Holmes, precipitando-se. Rezia correu à janela, viu; compreendeu. O dr. Holmes e Mrs. Filmer esbarraram um contra o outro. Mrs. Filmer tirou o avental e, tapando os olhos de Rezia, levou-a para o quarto. Havia um grande movimento, acima e abaixo, nas escadas. O dr. Holmes entrou no quarto, branco como um lençol, trêmulo, com um copo na mão. Ela devia ter coragem e beber alguma coisa (que seria aquilo? Qualquer coisa adocicada...), pois o marido estava horrivelmente mutilado, não recuperaria a consciência e ela não deveria vê-lo, tinha de poupar-se, cuidar-se o mais possível, era preciso afrontar o interrogatório, a pobre senhora... Quem poderia ter previsto aquilo? Um súbito impulso, a ninguém cabia a mínima culpa (disse a Mrs. Filmer). Por que diabo fora ele fazer aquilo era coisa que o dr. Holmes não podia conceber.

Parecia a Rezia, à medida que ia bebendo a droga açucarada, que escancarava amplas janelas, que entrava nalgum jardim. Mas onde?

O relógio estava batendo: uma, duas, três; que sutil era o som! comparado com todos aqueles rumores e murmúrios; sutil, sensível como o próprio Septimus. Ela estava mergulhando no sono. Mas o relógio continuava batendo, quatro, cinco, seis, e Mrs. Filmer, sacudindo o avental (será que iriam trazer o corpo para ali?), parecia fazer parte do jardim; parecia uma bandeira. Vira uma vez uma bandeira arriar-se lentamente num mastro, quando estava com sua tia em Veneza. Os que morriam em combate eram assim saudados, e Septimus estivera na guerra. As recordações que lhe vinham eram quase todas felizes.

Pôs o chapéu e correu através de um trigal — onde seria? — até uma colina, nalguma parte à beira-mar; pois havia barcos, gaivotas, borboletas; sentaram-se sobre um rochedo. Estavam também sentados em Londres, e, num entressonho, chegava-lhe pela porta do quarto um rumor de chuva caindo, o estalido das ervas secas, a carícia do mar, abrigando a ambos numa sonora concha e murmurando qualquer coisa para ela, que jazia na margem, como uma florada a esparzir-se sobre um túmulo.

"Morreu", disse ela, sorrindo para a pobre velha que a velava, com os francos olhos azuis fixos na porta. (Não iam trazê-lo para ali, não era?) Mas Mrs. Filmer garantia: oh, não! Iriam levá-lo embora. Deveria dizer-lhe isso. Os casados devem permanecer juntos, pensava Mrs. Filmer. Mas deviam fazer como o doutor recomendara.

— Deixem-na dormir — disse o dr. Holmes, tomando-lhe o pulso. Ela entreviu o amplo contorno do seu corpo escuro contra a janela. Sim, era o dr. Holmes.

Um dos triunfos da civilização, pensou Peter Walsh. É um dos triunfos da civilização... (enquanto estridulava a clara campainha da ambulância). Rápida, límpida, corria a ambulância para o hospital, após haver recolhido instantaneamente, humanamente, algum pobre-diabo; algum ferido na cabeça, abatido pela doença, atropelado talvez há um minuto ou dois em um daqueles cruzamentos, como pode acontecer a qualquer um de nós. Isso era a civilização. Isso o que o impressionava, ao regressar do Oriente — a eficiência, a organização, o espírito comunal de Londres. Cada caminhão ou carro se afastava de moto próprio para deixar passar a ambulância. Talvez parecesse mórbido, se não fora antes de tudo comovedor, o respeito perante aquela ambulância com a sua vítima dentro: homens afanosos, a caminho de casa, pensavam, ao vê-la, numa esposa; ou talvez em que bem poderiam estar eles próprios ali, estendidos na maca, entre um médico e uma enfermeira... Ah, mas o pensamento se torna mórbido, sentimental, logo que se começa a evocar doutores e cadáveres; uma leve, agradável animação, uma espécie de volúpia, também, que se acrescenta à impressão visual, adverte-nos de que não convém ir muito longe nesse assunto, fatal para a arte, fatal para a amizade. Isso mesmo. E, no entanto — pensava Peter Walsh, enquanto a ambulância dobrava a esquina, embora ainda se lhe ouvisse a campainha na rua próxima e depois mais longe, em Tottenham Court Road —, este é um privilégio da solidão: pode a gente fazer o que bem nos parece. Pode-se até chorar, se ninguém está olhando. Essa impressionabilidade, tal fora o seu mal na sociedade anglo-indiana: sempre chorava, ou ria, no momento inadequado. Tenho alguma coisa em mim, pensou, parado junto à caixa postal, que poderia agora dissolver-se em lágrimas. Por que motivo, só Deus o sabe. Alguma impressão de beleza, talvez, e o peso do dia, que, iniciado com a visita a Clarissa, o exaurira com o seu calor, a sua intensidade e a interminável queda de uma impressão após outra, no fundo da cela escura onde quedavam, e que ninguém jamais descobriria. Em parte por esse motivo, por esse completo e inviolável segredo, a vida se lhe antolhava como um jardim ignoto, cheio de atalhos e recessos, um surpreendente jardim; na verdade, momentos como esse nos cortam a respiração; momentos como o que vivera junto à caixa postal do museu, e em que tudo aparece junto; aquela ambulância; e a vida e a morte.

Era como se aquela onda de emoção o tivesse erguido ao alto de um telhado, e o resto de si mesmo ficasse lá embaixo, a descoberto, como uma alva praia semeada de conchas e mariscos. Fora o seu mal na sociedade anglo-indiana; toda aquela impressionabilidade...

Clarissa, outrora, quando iam juntos a alguma parte na imperial de um ônibus, Clarissa, tão mutável à superfície, tão facilmente impressionável, ora cheia de animação, sempre vibrante naqueles dias e tão boa companheira, sempre à cata, ali da imperial do ônibus, de cenas, tabuletas e tipos urbanos, pois costumavam explorar Londres e trazer pacotes cheios de tesouros da feira de Caledônia, Clarissa tinha então uma teoria — tinham ambos montões de teorias, sempre teorias, como todos os jovens as têm. Era para explicar aquele sentimento de insatisfação por não conhecerem as outras pessoas, por não serem conhecidos. Pois como poderiam conhecer-se? Encontravam-se um dia, outro dia; depois não se avistavam durante meses, anos. Era lamentável, convinham, o pouco que as pessoas se conheciam umas às outras. Mas Clarissa dizia, no ônibus da Shaftesbury Avenue, que se sentia em toda parte; não “aqui, aqui, aqui”; e batia nas costas do banco; mas em toda parte. Estendia a mão, enquanto corriam pela Shaftesbury Avenue. Ela era tudo aquilo. De modo que para conhecê-la ou a qualquer outra pessoa era só procurar a gente que fosse o seu complemento; a gente, e também os lugares. Tinha estranhas afinidades com gente a quem nunca falara, esta mulher na rua, aquele homem atrás de um balcão — até mesmo com árvores ou galpões. O que tudo redundava numa transcendental teoria que, combinada com o seu horror à morte, a induzira a acreditar, ou a dizer que acreditava (pois era toda ceticismo), que, sendo tão momentâneas as nossas aparições, a nossa parte invisível, em comparação com a outra, a que se não mostrava, mas que era tão extensa, talvez esse invisível

“eu” sobrevivesse, se refizesse de algum modo, ligado a essa ou aquela pessoa, ou mesmo frequentando certos lugares, após a morte. Talvez...

Considerando aquela longa amizade de quase trinta anos, dir-se-ia confirmada a teoria de Clarissa. Por breves que fossem os seus reais encontros, breves, acidentados e até constrangedores, com todas as ausências e interrupções (naquela manhã, por exemplo, justamente quando estava começando a falar a Clarissa, entrara Elizabeth, como uma potranca de pernas altas, bela, silenciosa), o efeito que haviam tido na vida dele era, de fato, incomensurável. Havia um mistério naquilo. Recebia-se uma dura, amarga, desagradável semente (aqueles encontros, tão penosos às vezes); mas eis que, nos mais imprevistos lugares, aquilo floria, abria-se, aromava, deixava-se tocar, saborear, olhar, entregando toda a sua poesia e significação, depois de jazer longos anos perdido. Assim viera Clarissa ter com ele; a bordo do navio; no flanco do Himalaia; evocada pelas mais estranhas coisas (como essa tonta da Sally Seton, tão franca, tão impulsiva, pensara nele, ao ver hidrângeas azuis). Clarissa o influenciava mais do que qualquer outra pessoa conhecida. E sempre se lhe apresentava de um modo imprevisto: fria, senhoril, crítica; ou arrebatadora, romântica, relembrando prados ou searas da Inglaterra. A maioria das vezes, vira-a no campo, não em Londres. Uma cena após outra, em Bourton...

Chegara ao hotel. Atravessou o hall, com os seus grupos de cadeiras e sofás vermelhos, as suas folhagens pontiagudas e secas. Tirou a chave do quadro. A moça lhe alcançou algumas cartas. Subiu as escadas... Em Bourton, vira-a mais tempo em Bourton, naquele verão, quando ali passaram uma semana ou duas, como era costume. Primeiro parada no alto de uma colina, defendendo os cabelos revoltos, a capa ao vento, e apontando, gritando-lhes que avistava o Severn lá embaixo. Ou no mato, fazendo ferver a chaleira — muito sem jeito, aliás; o fumo desenrolava-se de encontro às suas faces; e através dele entremostrava-se a sua carinha afogueada. Ou então quando ela pedia um copo de água, de passagem, a alguma velha, que ficava à porta, a segui-los com o olhar. Sempre andavam a pé; os outros, a cavalo ou de carro. Ela detestava andar de carro, detestava todos os animais, exceto aquele seu cachorro. Andavam milhas e milhas pela estrada. Clarissa detinha-se para orientar-se e guiava-o através do campo; e durante todo o tempo em que velavam, discutiam poesia, indivíduos, política (ela era tão radicalista), não atentavam em coisa alguma no caminho, salvo quando ela parava com uma exclamação ante uma paisagem ou uma árvore e fazia com que ele também olhasse; e assim de novo, através das noites, ela sempre adiante, com uma flor para a tia, e jamais cansada de caminhar, apesar da sua fragilidade; até chegarem em Bourton, ao escurecer. E após o jantar o velho Breitkopf abria o piano e punha-se a cantar sem voz nenhuma, e eles ali agarrados às poltronas, esforçando-se por não rir, mas sempre acabavam explodindo, e riam, riam... sem motivo... pois estava visto que Breitkopf jamais desconfiaria... E depois, pela manhã, a andar daqui para ali, pela frente da casa, como uma lavandisca.

Oh, uma carta sua! O envelope azul; a sua letra. E tinha de lê-la: mais um encontro, mais um daqueles penosos encontros! Ler a sua carta demandava um esforço incrível. “Estava encantada de tornar a vê-lo. Precisava dizer-lhe isso.” E era só...

Mas aquilo transtornou-o. Aborreceu-o. Desejaria que não houvesse escrito. Aquilo era como um cotovelão nos nervos. Por que não o deixava em paz? Afinal de contas, casara com Dalloway, e vivera com ele em perfeita felicidade durante todos aqueles anos.

Esses hotéis não são locais consoladores. Longe disso. Todo mundo dependura o chapéu nesses cabides. Até as moscas, pensando bem, haviam pousado no nariz de todo mundo. E quanto à limpeza, não era propriamente limpeza, mas desnudez, frialdade; uma coisa que tinha de ser. Alguma árida matrona punha-se a rondar pela madrugada farejando, inspecionando, e obrigava as camareiras de nariz gelado a esfregar com toda a força, como se o futuro hóspede fosse algum assado que se tivesse de servir numa travessa imaculadamente limpa. Para dormir,

uma cama; para sentar, uma cadeira, para escovar os dentes e barbear-se, um copo, espelho. Os livros, as cartas, a roupa íntima espalhados por sobre a impessoalidade dos móveis, como impertinentes incongruências. E fora a carta de Clarissa que lhe fizera compreender tudo isso. "Estava encantada de tornar a vê-lo. Tivera de lho dizer!" Dobrou a carta; pô-la de parte; nada no momento o induziria a lê-la outra vez.

Para que a carta lhe chegasse às seis horas, deveria ela ter sentado a escrevê-la logo que ele a deixara; pregara-lhe o selo; mandara-a pôr no correio. Era bem seu aquilo. A visita a abalara. Comovera-a bastante; por um momento, quando lhe beijava a mão, ela lamentara a sua perda, invejara-o até, recordando provavelmente (assim lhe parecera) alguma coisa que ele havia dito... Como não transformariam o mundo, se o tivesse desposado! Ao passo que a realidade era outra; o envelhecimento; a mediocridade; depois obrigava-se, com a sua indomável vitalidade, a não mais pensar naquilo, pois havia nela uma corrente de vida cuja força, resistência e poder de derribar obstáculos, e transportá-la, em triunfo, acima de tudo era, sem dúvida, inigualável. Sim; mas tivera uma reação logo que ele a deixara. Decerto se afligia muito por sua causa; pensaria em tudo o que poderia fazer no mundo para agradar-lhe (faltando sempre a única coisa, e imaginava-a com as lágrimas a lhe correrem pelas faces e dirigindo-se à escrivaninha, a fim de lhe garatujar aquelas linhas que ele acharia tão lisonjeiras). "Encantada de tornar a ver-te!" E realmente o sentia.

Peter Walsh tinha agora desatado os sapatos.

Mas, se se casassem, não seria um sucesso. O resto, afinal de contas, sucedera muito mais naturalmente.

Era estranho; era isso mesmo; muita gente o sentia. Peter Walsh, que vivera respeitavelmente, desempenhara os cargos comuns com invejável competência, era estimado, mas consideravam-no um tanto excêntrico, cheio de atitudes... era estranho que *ele* mostrasse, agora que tinha os cabelos grisalhos, um ar satisfeito; um ar de quem dispusesse de reservas. Era isso o que o tornava atraente para as mulheres, que apreciavam não o sentir demasiado masculino. Havia algo de estranho na sua pessoa, ou no seu íntimo. Acaso o fato de ser afeiçoado aos livros — nunca, quando em visita, deixava de examinar o livro que estava sobre a mesa (agora mesmo estava lendo, com os cordões dos sapatos arrastando no chão); ou por ser um *gentleman*, o que se via pelo modo como esvaziava o cachimbo ou como lidava com as mulheres. Pois era a um tempo encantador e ridículo ver como qualquer moça sem miolo o tinha logo a sua mercê. Mas o risco era todo dela. Isto é, por mais fácil que fosse de conduzir, e com toda a sua alegria e boa sombra, só se deixava levar até certo ponto. Ela dissera alguma coisa... não, ele é que o tinha adivinhado.

Descalçou os sapatos. Esvaziou os bolsos. Junto com o canivete, apareceu um instantâneo de Daisy na varanda; Daisy, toda de branco, com um *fox-terrier* sobre os joelhos; encantadora, morena; o melhor retrato seu que conhecia. Ocorrera, afinal, tão naturalmente... muito mais naturalmente do que com Clarissa. Sem barulho. Sem incômodo. Sem suscetibilidades nem inquietações. De vento em popa. E a morena, a adorável jovem da varanda exclamava (podia ouvi-la) que naturalmente, naturalmente lhe daria tudo! gritava (não tinha o senso da discrição): tudo quanto ele desejasse! gritava, correndo a seu encontro, embora os outros pudessem reparar. E não tinha mais que 24 anos. E dois filhos: bem, bem!

Metera-se realmente em uma embrulhada, na sua idade. E isso mais intensamente o sentia quando despertava à noite. E supondo que se casassem? Para ele seria excelente. Mas para ela? Mrs. Burgess, uma boa e discreta senhora a quem fizera confidências, achava que aquela sua ida à Inglaterra, ostensivamente para consultar advogados, serviria para que Daisy reconsiderasse e pensasse no que ia fazer. Tratava-se da sua posição, dizia Mrs. Burgess; das convenções sociais; do futuro de seus dois filhos. Seria a qualquer momento uma viúva com um passado, arrastando-se pelos subúrbios, ou melhor, algo de indiscriminado (o senhor conhece o gênero; demasiado

pintadas). Mas Peter Walsh zombava de tudo isso. Ainda não pensava em morrer. De qualquer modo, ela devia decidir por si mesma; julgar por si mesma, pensava ele, andando de meias pelo quarto e alisando a sua camisa de peitilho; pois poderia ir à recepção de Clarissa, ou a algum concerto, se é que não preferia ficar no quarto a ler um absorvente livro escrito por alguém que conhecera em Oxford. Se se aposentasse, era isto que faria: escrever livros. Iria a Oxford e pesquisaria na Bodleiana. Em vão a morena, a adorável jovem corria até a extremidade da varanda; em vão lhe abanava; em vão lhe gritava que não se importava o mínimo com o que dissessem os outros. Ali estava ele, o homem que ela mais considerava, o perfeito *gentleman*, tão atraente, tão distinto (e sua idade não significava para ela menor diferença), a andar de um lado para outro, no quarto de um hotel em Bloomsbury, barbeando-se, e continuando, enquanto erguia jarros e largava navalhas, a pesquisar na Bodleiana, para descobrir a verdade acerca de uma ou duas pequenas questões que lhe interessavam. E ficaria a conversar com quem quer que fosse, e depois chegaria cada vez mais tarde para o almoço e negligenciaria os compromissos; e quando Daisy reclamasse um beijo, ele faria uma cena (embora lhe quisesse sinceramente): em suma, seria melhor, como dizia Mrs. Burgess, que ela o esquecesse, ou que simplesmente o recordasse tal como era em agosto de 1922, como um vulto de pé no meio de uma encruzilhada, ao crepúsculo, que se torna cada vez mais longínquo à medida que a charrete se afasta, levando-a, fortemente segura ao banco traseiro, embora estenda os braços e, enquanto o vulto diminui e desaparece, grite ainda que faria tudo neste mundo, tudo, tudo...

Ele nunca sabia o que os outros pensavam. Cada vez se lhe tornava mais difícil tomar pé. Andava absorto; metido com as suas coisas; ora resmungão, ora alegre; dócil às mulheres, caprichoso, cada vez menos capaz (pensava, enquanto fazia a barba) de compreender por que Clarissa não poderia simplesmente arranjar-lhe um apartamento e ser amável com Daisy; apresentá-la. E então ele poderia... poderia o quê?... poderia espairecer (estava, naquele momento, empenhado em retirar várias chaves, papéis), poderia colher e provar, estar sozinho, em suma, bastar-se a si mesmo; e contudo ninguém, por certo, dependia tanto dos outros; fora esta a sua perdição. Era-lhe impossível viver afastado dos salões de fumar, gostava de coronéis, de golfe, de bridge e sobretudo da sociedade das mulheres, da delicadeza, da sua camaradagem, da sua fé e audácia e grandeza no amor, o que, apesar dos seus inconvenientes, lhe parecia (e o moreno, adorável rostinho ali estava, acima dos envelopes) uma coisa absolutamente admirável, uma esplêndida flor no píncaro da vida humana, e no entanto não podia entregar-se completamente a ela, devido à sua faculdade de ver mais além das coisas (Clarissa lhe deixara uma indelével marca) e à sua inclinação para fatigar-se logo do mudo devotamento e desejar variedade no amor, apesar de que ficaria furioso se Daisy amasse a qualquer outro, furioso!, pois era ciumento, incontrolavelmente ciumento, por gênio. Sofria verdadeiras torturas! Mas onde estava o seu canivete? E o seu relógio; os seus carimbos; a sua caderneta; a carta de Clarissa, que não releria, mas em que gostava de pensar, e a fotografia de Daisy? Bem, estava na hora do jantar.

Os hóspedes se achavam à mesa.

Sentados às mesinhas entre os vasos, e alguns vestidos a rigor, com mantas e bolsas ao lado, com o seu ar de falsa compostura, pois não estavam acostumados a tantos pratos ao jantar; e de confiança, porque podiam pagá-los; e de fadiga, porque haviam percorrido Londres todo o dia em compras e passeios; com uma natural curiosidade, pois olhavam em torno e ergueram os olhos quando entrou o simpático cavalheiro de óculos de tartaruga; e cheios de boa vontade, pois lhes agradaria prestar algum pequeno serviço, como emprestar um horário de trens ou dar alguma informação útil; e o desejo, que neles pulsava, e subterraneamente lhes trabalhava o espírito, de descobrir ligações, afinidades, como um comum lugar de nascimento (Liverpool, por exemplo) ou amigos comuns ou do mesmo nome; com seus olhares furtivos, seus silêncios e

seus súbitos acessos de familiaridade; assim estavam os hóspedes quando Mr. Walsh entrou e sentou-se a uma mesa junto à cortina.

Não era o que dizia; pois, estando só, apenas podia dirigir-se ao garçom; era a sua maneira de olhar o homem, de indicar com o índice um determinado vinho, de instalar-se à mesa, de atacar com seriedade, não com glutoneria, os pratos que lhe serviam; foi isso que lhes inspirou respeito, sentimento que, devendo permanecer inexpressado durante a maior parte do jantar, ainda mais se avivou na mesa onde estavam os Morris, quando ouviram Mr. Walsh dizer, no fim da refeição: "Peras Bartlett." Por que falara tão moderadamente, mas com tanta firmeza, com o ar de um homem disciplinado que se apoia em seus direitos solidamente assentes na justiça, nem o jovem Charles Morris, nem o velho Charles, nem Miss Elaine ou Mrs. Morris o sabiam. Mas o fato é que, quando Mr. Walsh, sentado sozinho à sua mesa, disse: "Peras Bartlett", sentiram que contava com o apoio deles em uma petição legítima; era paladino de uma causa que imediatamente adotaram como própria, de maneira que os olhos se encontraram com simpatia e, quando chegaram ao mesmo tempo ao salão de fumar, fez-se inevitável uma pequena conversação.

Nada de muito profundo; somente que Londres estava superlotada; que mudara muito em trinta anos; que Mr. Morris preferia Liverpool; que Mrs. Morris visitara a exposição de flores em Westminster, e todos haviam visto o príncipe de Gales. No entanto, pensava Peter Walsh, nenhuma família no mundo podia comparar-se com a dos Morris; nenhuma; as relações entre os seus membros eram perfeitas, não lhe importavam absolutamente as classes elevadas, faziam o que bem lhes parecia: Elaine estudava para ocupar-se dos negócios da família, o rapaz obtivera um diploma em Leed, e a velha senhora (que tinha mais ou menos a sua idade) deixara mais três filhos em casa; tinham dois autos, mas Mrs. Morris ainda remendava os sapatos aos domingos: e isso era soberbo, absolutamente soberbo, pensava Peter Walsh, oscilando um pouco de trás para diante, com o cálice de licor na mão, entre as poltronas vermelhas e os cinzeiros, muito satisfeito consigo mesmo, porque os Morris simpatizavam com ele. Sim, simpatizavam com um homem que dizia "Peras Bartlett". Simpatizavam com ele, sentia-o.

Iria à recepção de Clarissa. (Os Morris retiravam-se; mas haveriam de encontrar-se outra vez.) Iria à recepção de Clarissa, porque desejava indagar de Richard o que pretendiam fazer com a Índia esses imbecis dos conservadores. E quais seriam os números da festa? E a música... Oh, sim! e também por causa da conversação, simplesmente...

Pois esta é a verdade sobre a nossa alma, pensou ele, sobre o nosso eu, que habita, como um peixe, os mares profundos, e navega nas trevas buscando caminho entre as algas gigantes, atravessa espaços filtrados de sol e remergulha na escuridão gelada, abismal, imperscrutável: ei-lo que de súbito emerge à superfície e salta sobre as ondas crespas de vento; isto é, sente uma absoluta necessidade de contatos, de animar-se, de entrar em comunicação... Que pensaria o governo — Richard decerto o sabia —, que pensaria o governo fazer com a Índia?

Como a noite estava muito quente e os jornaleiros carregavam cartazes anunciando em grandes letras vermelhas que havia uma onda de calor, colocaram cadeiras de vime à entrada do hotel, onde alguns cavalheiros bebiam e fumavam. Peter Walsh também se sentou. Podia-se imaginar que o dia, o dia de Londres, recém-começava. Como uma mulher que retira o simples vestido estampado e o avental branco para adornar-se de azul e pérolas, o dia mudava, despia a roupa comum, preparava-se para o sarau e, com o mesmo suspiro de alívio de uma mulher ao deixar deslizarem as saias, também se despojava do pó, do calor, da cor; o tráfego atenuava-se; automóveis sonoros, rápidos, substituíam o estrépito dos caminhões; e aqui e ali, em meio à espessa folhagem das praças, pendia uma luz intensa. Renuncio, parecia dizer a tarde, enquanto empalidecia e murchava sobre os edifícios e as cimeiras curvas ou agudas dos hotéis, escritórios e lojas; renuncio, fano-me, começava ela, desapareço; mas Londres não o permitia, e eriçava as suas baionetas para o céu, prendendo-a, obrigando-a a participar do seu festim.

Pois a grande revolução da hora de verão de Mr. Willett se efetuara depois da última vez em que Peter Walsh visitara a Inglaterra. O prolongado crepúsculo era novo para ele. Inspirador, até. Pois, quando as jovens saíam do emprego, contentíssimas de se verem em liberdade, orgulhosas, também, de pisarem em silêncio aquele pavimento famoso, uma espécie de alegria, barata, vulgar, se quiserem, mas sempre um arrebatamento, lhes coloria o resto. Vestiam-se bem, de resto; meias cor-de-rosa; lindos sapatos. Dispunham agora de duas horas para o cinema. Modelava-as, refinava-as o amarelo-azul do entardecer; e nas folhas da praça brilhava, lúrida, lívida — pareciam mergulhadas na água do mar —, a folhagem de uma cidade submersa. Estava assombrado de tanta beleza; confortado também pois enquanto os anglo-indianos, de regresso a Londres (conhecia-os aos montes), advogavam direitos e passavam o dia no Clube Oriental a proclamar deliciosamente a ruína do mundo, ali estava ele, jovem como sempre; invejando o verão dos jovens, e o resto, e reconhecendo, nas palavras de uma moça, no riso de uma criada — coisas intangíveis em que se não podia pôr a mão —, o deslocamento de toda aquela pirâmide de coisas que na sua juventude lhe pareciam irremovíveis. Fora oprimida do alto; e pesava sobre todos, sobre as mulheres especialmente, como aquelas flores que tia Helena, após o jantar, sentada junto à lâmpada, costumava imprensar entre folhas de mata-borrão cinzento. Estava morta agora. E antes havia perdido, dissera-lhe Clarissa, a visão de um olho. Teria decerto morrido como uma ave em manhã de geada, fortemente empoleirada no seu galho. Pertencia a uma outra época, mas tão inteira e completamente que permaneceria sempre de pé no horizonte, branco vulto de pedra, alto, como um farol a assinalar uma passada etapa naquela aventurosa, longa, longa viagem, naquela interminável (procurou um níquel para comprar um jornal e informar-se da partida entre Surrey e Yorkshire — havia tirado aquele níquel um milhão de vezes —; Surrey ganhara uma vez mais), naquela interminável vida... Mas críquete não era um simples jogo. O críquete era uma coisa importante. Impossível deixar de ler as partidas de críquete. Leu primeiro os resultados na seção especial; depois as notícias do calor; depois a reportagem de um crime. Ter feito coisas milhões de vezes enriquece-as, embora possa dizer-se que lhes tira a superfície. O passado nos enriquece e a experiência, e o ter amado uma ou duas vezes, pois se adquire o poder, que falta à juventude, de ir direito ao fim, de fazer o que bem se entende, sem dar importância aos outros, e de mover-se pelo mundo sem grandes expectativas (deixou o jornal sobre a mesa e retirou-se), o que, no entanto (foi buscar o chapéu), não era inteiramente certo para ele, pelo menos naquela noite, pois saía a fim de ir a uma festa, na sua idade, certo de que ia ter uma nova experiência. Mas que experiência?

De beleza, pelo menos. Não a crua beleza dos olhos. Não a beleza pura e simples — Bredford Place desembocando em Russell Square. Era a retidão e o vácuo, por certo; a simetria de um corredor; mas eram também janelas iluminadas; um piano, um gramofone tocando; um senso de prazer que permanece oculto, mas que emerge aqui ou ali, quando, pela janela aberta, se avista gente sentada em torno da mesa, jovens que dançam lentamente, conversações entre homens e mulheres, criadas olhando preguiçosamente para fora (os seus curiosos comentários, depois de concluído o trabalho), meias secando, um papagaio, algumas plantas. Absorvente, misteriosa, de uma infinita riqueza, aquela vida. E na praça por onde os carros tão rapidamente deslizavam havia pares retardados, enlaçando-se, afagando-se, aconchegando-se debaixo das frondes pendidas; e aquilo era de tal modo tocante; tão silenciosos estavam, tão absortos, que a gente passava discretamente, timidamente, como ante alguma cerimônia sagrada que seria sacrílego interromper. Era interessante. E assim até o largo.

Sua leve capa ondulava ao vento, e ele caminhava daquele modo todo seu, um pouco inclinado para diante, com as mãos às costas e os olhos ainda um pouco duros; caminhava rapidamente, através de Londres, rumo a Westminster, olhando, observando.

Todos jantavam fora, então? Um criado abria a porta para dar passagem a uma velha dama de andar majestoso, sapatos de laço, três vermelhas plumas de avestruz no cabelo. Outras portas se abriam ante damas envoltas como múmias nos xales de flores brilhantes, e damas de cabeça a descoberto. E nos respeitáveis quarteirões com pilares de estuque nos jardins minúsculos de grama cortada rente, assomavam mulheres de pente nos cabelos (tinham subido às pressas para ver como ficavam os filhos), e os homens as esperavam, de capote aberto, flutuando; e os carros partiam. Todos partiam. Com aquelas portas que se abriam, e a descida, e a partida, parecia que toda Londres estava embarcando em pequenos botes atracados à calçada, dançando sobre as águas, como se tudo flutuasse num carnaval.

Mas ali estava a rua, a rua de Clarissa; os carros dobravam rapidamente a esquina, como água em redor dos pilares de uma ponte, atraídos, pareceu-lhe, pela recepção de Clarissa, pois todo mundo ia à sua recepção.

Cessou então a fria corrente das impressões visuais, como se o olho fosse uma taça que transbordasse, deixando despreocupadamente cair o resto ao longo das suas paredes de porcelana. O cérebro devia despertar agora. O corpo devia agora retesar-se, entrar na casa, a casa iluminada, cujas portas estavam abertas, onde se detinham automóveis e desciam brilhantes mulheres; a alma devia preparar-se para afrontar tudo aquilo. Ele abriu a larga lâmina do canivete.

Lucy desceu correndo as escadas, depois de haver entrado no salão para alisar uma toalha, endireitar uma cadeira, deter-se um momento para imaginar como os convidados achariam tudo tão limpo, tão brilhante, tão bem cuidado, quando vissem a magnífica prataria, os candelabros de bronze, as novas capas dos móveis e as cortinas de chitão amarelo; apreciou tudo; ouviu um ruído de vozes; já vinham de volta da mesa; ela devia sair ventando!

Ia chegar o primeiro-ministro, dissera Agnes: foi o que ouvira no salão, disse ela, voltando com uma bandeja de taças. Mas acaso importava, importava o mínimo que fosse um primeiro-ministro a mais ou a menos? Era uma coisa que não fazia diferença, àquela hora da noite, para Mrs. Walker, no meio das travessas, galheteiros, coadores, frigideiras, restos de frango em geleia, pratinhos de sorvetes, côdeas de pão, limões, terrinas e pires de pudim, que, por mais que fossem lavados, pareciam estar sempre ali a abafá-la, sobre a mesa da cozinha, sobre as cadeiras, enquanto o fogo estralejava, ardiam as lâmpadas elétricas, e ainda era preciso servir a ceia. Tudo o que sentia era que um primeiro-ministro a mais ou a menos não fazia a mínima diferença para Mrs. Walker.

As senhoras já estavam subindo a escadaria, disse Lucy; as senhoras estavam subindo uma por uma, Mrs. Dalloway deixando-se ficar e quase sempre mandando recados para a cozinha. Na manhã seguinte ainda falariam sobre os pratos; a sopa, o salmão; o salmão, sabia-o Mrs. Walker, estava malcozido, como de costume, pois ela sempre ficava nervosa com o pudim e deixava o peixe a cuidado de Jenny; por isso acontecia que o salmão ficava sempre malcozido. Mas uma senhora de cabelos ruivos e adereços de prata, disse Lucy, perguntara se os frios tinham sido realmente preparados em casa. Mas era o salmão que aborrecia Mrs. Walker; e veio um riso da sala de jantar; uma voz que falava; outro riso... os cavalheiros se divertiam na ausência das senhoras. O tócai, disse Lucy, que entrou correndo. Mrs. Dalloway mandara buscar o tócai, o das adegas do imperador, o tócai imperial.

Foi levado através da cozinha. Por cima do ombro, Lucy contava como Miss Elizabeth estava bonita; não podia tirar os olhos dela; toda de cor-de-rosa e com o colar que Mr. Dalloway lhe dera. Que Jenny não se esquecesse do cachorro, o *fox-terrier* de Miss Elizabeth, que tinha de ser encerrado porque mordia, e que, pensava Elizabeth, podia ter precisão de alguma coisa. Mas

Jenny não se atrevia a subir as escadas com toda aquele gente. Já estava um automóvel à porta! Soava a campainha... e os cavalheiros ainda na sala de jantar bebendo tócai!

Subiam, subiam as escadas; chegavam os primeiros convidados, e agora deveriam ir chegando cada vez mais, tanto que Mrs. Parkinson (contratada para a festa) deixou entreaberta a porta do hall, enquanto os cavalheiros esperavam (parados, alisando o cabelo) e as senhoras deixavam as capas no toalete junto ao corredor, onde as atendia Mrs. Barnet, a velha Ellen Barnet, que por assim dizer fazia parte da família naqueles últimos quarenta anos, e vinha cada verão ajudar as senhoras, e lembrava-se das mães quando eram mocinhas, embora fosse muito modesta, e distribuía-lhes cordiais apertos de mão, e dizia *milady* com todo o respeito, sem deixar de olhar as jovens senhoras com bondosa malícia, e que agora, com tanto jeito, ajudava Lady Lovejoy a reparar certo acidente na sua roupa de baixo. E Lady Lovejoy e Miss Alice sentiam-se privilegiadas na utilização de escovas e pentes, pois Mrs. Barnet lhes conhecia a família "há trinta anos, *milady*". As moças não usavam ruge, dizia Lady Lovejoy, quando iam a Bourton, nos velhos tempos. E Miss Alice não tinha mesmo nenhuma necessidade de ruge, observava Mrs. Barnet, olhando-a bondosamente. Ali ficaria Mrs. Barnet, no vestiário, escovando as peles, alisando os xales, arranjando o toucador, e bem sabia ela, a despeito das peles e rendas, quais as verdadeiras damas e quais as que não o eram. Boa velhinha, a ama de Clarissa, dizia Lady Lovejoy, subindo as escadas.

E em seguida Lady Lovejoy empertigou-se. — Lady e Miss Lovejoy — murmurou para Mrs. Wilkins (contratada para a festa). Tinha um admirável estilo, de curvatura e aprumo, quando se curvava e aprumava, ao anunciar, com perfeita imparcialidade: "Lady e Miss Lovejoy... *sir* John e Lady Needham... Miss Weld... Mr. Walsh." Admirável o seu estilo: a sua vida familiar devia ser irreprochável; apenas parecia impossível que uma criatura de lábios esverdeados e faces escanhoadas houvesse cometido o erro de complicar-se com filhos.

— Encantada de o ver! — disse Clarissa a Peter. Dizia o mesmo a todo mundo. Encantada de o ver! Estava nos seus piores momentos: expansiva, insincera. Eu deveria ter ficado no quarto a ler o meu livro, pensava Peter Walsh; deveria ter ido a um *music hall*; deveria ter ficado no quarto; pois não conhecia ninguém.

Meu Deus, parece que isso vai ser um fracasso; um completo fracasso, sentia Clarissa em todos os seus nervos, enquanto o bom do velho Lord Lexham apresentava desculpas por sua mulher, que apanhara um resfriado no *garden-party*[27] do Palácio de Buckingham. Via disfarçadamente Peter, a criticá-la ali daquele canto. Por que, afinal de contas, fazia ela aquelas coisas? Por que se metia em tais alturas, por que atravessava o fogo? Tomara que a consumisse! Que a reduzisse a cinzas! Antes brandir a flama e arremessá-la à terra, que bruxulear a consumir-se como qualquer Ellie Henderson! Extraordinário como Peter podia deixá-la em tal estado só em postar-se ali naquele canto. Fazia-a ver-se a si própria; fazia-a exagerar. Era estúpido, aquilo. Mas por que vinha ele então, simplesmente para criticar? Por que tomar sempre, não dar nunca? Por que não arriscar o seu pequeno ponto de vista pessoal? Ali andava ele vagando, era preciso falar-lhe. Mas não teria oportunidade... Era isto a vida: humilhação, renúncia. E Lord Lexham a dizer-lhe que sua esposa tinha ido desabrigada ao *garden-party*, porque, "minha cara, vocês, mulheres, são todas iguais"... embora Lady Lexham tivesse no mínimo 75 anos! Era uma delícia ver como se mimavam aqueles velhos esposos. Gostava do velho Lord Lexham. Considerava a importância da sua festa e sentiu-se doente ante a impressão de que tudo ia mal, tudo ia fracassar. Tudo, qualquer exploração, qualquer escândalo, seria melhor do que ver aquela gente a errar sem rumo, ou atirada a um canto, como um pacote, como Ellie Henderson, que nem ao menos se preocupava em manter-se direita.

Suavemente, a cortina amarela agitou-se, com todas as suas aves-do-paraíso, e foi como se houvesse uma revoada pela sala, e depois desinflou-se, pendeu. (Pois as janelas estavam abertas.) Havia correntes de ar?, indagou Ellie Henderson. Era propensa a resfriados. Mas pouco se lhe dava de espirrar no dia seguinte; as moças de ombros nus é que a preocupavam, pois seu falecido pai, um inválido, que fora vigário de Bourton, acostumara-a a pensar no próximo; e de resto, os resfriados dela nunca afetavam o peito. Era nas moças que ela pensava, nas moças de ombros nus, ela, que sempre fora uma criatura insignificante, de cabelos ralos e perfil agudo; embora ultimamente, passados os cinquenta anos, começasse a irradiar uma pálida chama, purificada e refinada em anos e anos de abnegação, embora perpetuamente empanada por sua embaraçosa burguesia, seu medo pânico, proveniente de uma renda de trezentas libras e da sua inércia (era incapaz de ganhar um pêni), e isso a tornava mais tímida, mais desqualificada, cada ano, a encontrar-se com gente bem-vestida, que fazia tal coisa todas as noites da temporada, bastando dizer à camareira: "Porei isto, ou aquilo", ao passo que Ellie Henderson correra a comprar meia dúzia de flores baratas e lançara um xale sobre o seu velho vestido negro. Pois o convite de Clarissa havia chegado à última hora. O que não a deixara muito contente... Tinha a desconfiança de que Clarissa não tencionava convidá-la aquele ano.

E por que a convidaria? Não havia reais motivos para isso, exceto que sempre se haviam conhecido. Na verdade, eram primas... Mas naturalmente haviam seguido cada uma para o seu lado, em vista de Clarissa ser tão requestada... Para ela, Ellie Henderson, era um acontecimento ir a uma festa. O que mais lhe interessava eram os belos vestidos.

Não era Elizabeth, aquela, tão crescida já, com um penteado da moda e vestido cor-de-rosa? Não podia ter mais de 17 anos. Muito, muito bonita mesmo. Parece que as moças, quando se apresentam, não se vestem mais de branco, como antigamente. (Lembrar-se-ia de tudo, para contar a Edith.) As moças usavam vestidos justos, simples, com as saias acima dos tornozelos. Não lhes assentava, pensou.

Com a sua miopia, Ellie Henderson inclinava-se um pouco para a frente, e não lhe importava muito não ter com quem conversar (conhecia tão poucos ali), pois havia muita gente interessante para o olhar; políticos, provavelmente; amigos de Richard Dalloway; mas foi o próprio Richard que sentiu que não poderia deixar a pobre criatura sozinha toda a noite.

— E então, Ellie, como te trata o mundo? — disse ele, com o seu ar afetuoso, e Ellie Henderson, nervosa e ruborizada, sentindo que era extraordinariamente gentil da parte dele ter vindo falar-lhe, observou que muita gente, na verdade, era mais sensível ao calor do que ao frio.

— Efetivamente — disse Richard Dalloway. — Efetivamente.

Que mais poderia ele dizer?

— Olá, Richard! — disse alguém, pegando-lhe no braço. Meu Deus, era o velho Peter, o velho Peter Walsh. Estava encantado de o ver... verdadeiramente encantado! Não havia mudado coisa alguma. E lá se foram os dois através do salão, dando-se palmadinhas nas costas... como se não se vissem há muito tempo, pensou Ellie Henderson, certa de que conhecia aquele homem... Alto, de certa idade, belos olhos, moreno, de óculos e parecido com John Burrous. Edith com certeza saberia quem era.

A cortina, com a sua revoada de aves-do-paraíso, inflou-se de novo. E Clarissa viu... viu Ralph Lyon empurrá-la para trás, e continuar falando. De modo que afinal de contas não era um fracasso! Começava a animar-se a reunião. Já estava em andamento. Mas ainda havia certa indecisão. Ela devia permanecer ali, por enquanto. Chegava uma onda de gente.

"Coronel Garrod e senhora... Mr. Hugh Whitbread... Mr. Bowley... Mrs. Hilbery... Lady Mary Maddox... Mr. Quin...", entoava Wilkin. Clarissa trocava seis ou sete palavras com cada um, e eles iam entrando, espalhando-se pelas salas, desde que Ralph Lyon endireitara a cortina.

Mas aquilo ainda era demasiado esforço para ela. Nada divertido. Era demasiado permanecer ali; é certo que qualquer pessoa poderia fazê-lo; em todo caso, essa pessoa lhe merecia certa admiração, pois não deixava de sentir que, de qualquer maneira, fizera com que sucedesse aquilo tudo; e aquele era um posto, um cargo que assumira, e, embora não conhecesse ao certo o que representava, sentia-se como uma lança plantada no alto da sua escadaria. De cada vez que dava uma festa, vinha-lhe aquela sensação de não ser ela própria e de que cada pessoa era irreal em certo sentido; e muito mais real por outro lado. Era, pensou, parte pela indumentária com que se apresentava, parte por estarem fora da sua vida comum, parte pelo cenário; era possível dizerem-se coisas que se não poderiam dizer em outras ocasiões; era possível aprofundar. Mas não para ela, Clarissa; ou pelo menos ainda não.

— Encantada de o ver! — disse. O bom do velho *sir* Harry! Ele conhecia todo mundo.

E como era estranho o que sentia, ao vê-los subir a escada, um após o outro, Mrs. Mount e Celia, Herbert Aimsty, Mrs. Dakers... oh, e Lady Bruton!

— Muita bondade da sua parte ter vindo! — disse ela, e de fato o sentia... Como era estranho vê-los ir subindo, subindo, uns já tão velhos, outros tão...

Como? Que nome era? Lady Rosseter? Mas quem era Lady Rosseter neste mundo?

— Clarissa! — Oh! aquela voz! Era Sally Seton! Sally Seton! depois de tantos anos! Aparecia como através de um nevoeiro. Pois ela não era *assim*, Sally Seton, quando Clarissa lhe levava água quente. Pensar que ela estava sob aquele teto, sob aquele mesmo teto! Mas não como outrora!

Uma após outra, chocando-se, risonhas, as palavras precipitavam-se... Estava de passagem em Londres; soubera-o por Clara Haydon; que sorte a minha poder ver-te! De modo que me apresentei... sem convite...

Tinha perdido o brilho. Mas era tão extraordinário vê-la de novo, mais feliz, menos encantadora. Beijaram-se, primeiro numa face, depois na outra, junto à porta do salão, e Clarissa voltou-se, com a mão de Sally na sua, e viu as suas salas repletas, ouviu o murmúrio das vozes, viu os candelabros, as cortinas esvoaçantes e as rosas que Richard lhe trouxera.

— Estou agora com cinco filhos enormes — disse Sally.

Tinha o mais natural egoísmo, o mais sincero desejo de que se pensasse primeiro nela, e Clarissa gostou de ver como continuava sempre a mesma Sally. — Não me digas! — exclamou, incendiada de prazer, à evocação do passado.

Mas, ai, Wilkins a reclamava. Wilkins, que emitira certo nome com voz de imperiosa autoridade, como se toda a companhia devesse ser admoestada e a dona da casa arrancada a quaisquer frivolidades.

— O primeiro-ministro — disse Peter Walsh.

O primeiro-ministro? Era mesmo o primeiro-ministro?, maravilhava-se Ellie Henderson. Que coisa para contar a Edith!

Podia até causar riso. Ele parecia tão vulgar! A gente imaginava-o por detrás de um balcão, a vender biscoitos... pobre homem, todo enfaixado. Mas, sinceramente, quando percorreu os salões, primeiro com Clarissa, depois com Richard de escolta, fê-lo muito corretamente. Tratava de parecer alguém. Era divertido vê-lo. Ninguém o fitava. Continuava conversando, mas era perfeitamente claro que todos sentiam, até a medula, a passagem daquela majestade; o símbolo do que todos eles representavam, a sociedade inglesa. A velha Lady Bruton, tão distinta, tão imponente nas suas rendas, foi a seu encontro, e ambos se retiraram para uma saleta que se converteu em objeto de curiosidade, de vigilância, enquanto uma espécie de arrepio, de emoção, perpassava de um em um: o primeiro-ministro!

Meu Deus, meu Deus, o esnobismo dos ingleses!, pensava Peter Walsh, parado a um canto. Como gostavam de usar insígnias e fazer mesuras! Oh! Mas aquele devia ser... por Júpiter que o

era!... Hugh Whitbread, farejando o recinto da grandeza, mais gordo do que antes, mais encanecido, o admirável Hugh!

Parecia estar sempre em alguma missão, pensava Peter, como se fora um ser privilegiado, mas reservadíssimo, portador de segredos que defenderia até a morte, embora não passassem de pequenos diz que diz ques da corte, que lhe revelara algum mordomo e que no outro dia estaria em todos os jornais. Tais as suas manias, o seu fraco, em cujo jogo havia encanecido, chegando às portas da velhice, gozando do respeito e afeição de todos os que tinham o privilégio de conhecer aquele tipo da escola pública inglesa. Por força pensava a gente nessas coisas, a respeito de Hugh; era o seu estilo; o estilo das admiráveis cartas que Peter lera no *Times*, a léguas e léguas de distância, dando graças a Deus por estar fora daquela perniciosa agitação, embora para ouvir tão somente a grita dos babuínos e os cules que batiam nas mulheres. Um jovem de pele cor de azeitona, procedente de alguma universidade, mantinha-se obsequiosamente ao lado de Hugh. Este o patrocinava, iniciava-o, ensinava-lhe como conduzir-se. Pois nada lhe agradava tanto como prestar gentilezas, fazer palpitar o coração das velhas damas, cheias de alegria de serem atendidas na sua idade, nas suas preocupações, quando já se julgavam completamente esquecidas; pois Hugh passava uma hora com elas a falar no passado, a recordar ninharias, a louvar os bolos feitos em casa, embora, provavelmente, todos os dias comesse bolos com uma duquesa; e, só de vê-lo, parecia que dedicava de fato a maior parte do tempo a essa agradável ocupação. O Supremo Juiz, o Infinitamente Misericordioso poderia perdoá-lo. Mas Peter, esse, era implacável. Tinham de existir, os vilões; e quem sabe se os criminosos enforcados por haverem rebentado os miolos a uma rapariga no trem não faziam menos mal, em conjunto, do que Hugh Whitbread e suas gentilezas!

Era de vê-lo agora, dançando na ponta dos pés, e inclinar-se numa reverência, quando o primeiro-ministro e Lady Bruton regressavam ao salão, para que todo mundo pudesse ver que ele, Hugh Whitbread, tinha o privilégio de dizer alguma coisa, de passagem, alguma coisa íntima, a Lady Bruton. Ela deteve-se. Sacudiu a sua distinta cabeça de anciã. Estava-lhe agradecendo, sem dúvida, algum servilismo. Pois tinha seus aduladores, pequenos oficiais dos departamentos do governo, que se apressavam em prestar-lhe pequenos serviços, que ela recompensava com convites para almoços. Mas Lady Bruton vinha do século XVIII. Estava no seu papel.

E agora Clarissa escoltava o seu primeiro-ministro até a saída, resplendente na dignidade de seus cabelos grisalhos. Trazia brincos, e um vestido de cauda de sereia, verde-prata. Dir-se-ia que estava em meio às ondas, a desnastrar a cabeleira, pois ainda tinha esse dom: ser ela própria; existir; absorver tudo no momento em que passava; volteava, prendia a manta no vestido de alguma outra mulher, desprendia-a, ria, tudo com a mais perfeita naturalidade e o ar de uma criatura a se mover no seu verdadeiro elemento. Mas a idade a atingira; e, tal uma sereia, podia contemplar no seu espelho um claro pôr do sol por sobre as águas. Havia nela um sopro de ternura; sua severidade, sua contenção, sua rigidez se haviam agora abrandado, e olhava em torno, enquanto se despedia do dignitário que estava fazendo o mais que podia, Deus o ajudasse, para parecer importante; uma indizível dignidade; uma cordialidade rara; como se desejasse o bem de tudo, e tivesse de despedir-se agora, estando no extremo limite das coisas. Era o que ela o fazia pensar. (Mas não estava enamorado.)

Quanto ao primeiro-ministro, fora mesmo muita bondade sua, sentia-o Clarissa, ter comparecido à festa. E, ao acompanhá-lo pelo salão, com Lady e Peter presentes e Richard muito satisfeito, e toda aquela gente talvez inclinada à inveja, sentira ela a embriaguez do momento, essa dilatação dos nervos do próprio coração, que parecia palpitar, crescer, elevar-se... sim, pois afinal era isso o que os outros sentiam; pois, embora gostasse daquilo e o sentisse espicaçá-la e estimulá-la, o fato é que aquelas aparências, aqueles triunfos (que o querido velho Peter, por exemplo, a julgasse tão brilhante), tudo eram coisas completamente ocas; coisas de fora, não do

coração; podia ser que estivesse ficando velha, mas na verdade não a satisfaziam mais como do costume; e, de súbito, enquanto o primeiro-ministro descia as escadas, a moldura dourada do quadro de *sir* Joshua (a menina do regalo) trouxe-lhe a imagem de Miss Kilman; Kilman, a sua inimiga. Isso sim era satisfatório; era real. Ah, como a odiava — com um ódio ardente, disfarçado, corrupto; com toda a sua ascendência; a sedutora de Elizabeth; a mulher que se havia insinuado em sua casa para roubar, para conspurcar. (Tolices!, dizia Richard.) Odiava-a: amava-a. De inimigos é que se precisava, não de amigos... não de Mrs. Durrant e Clara, ou *sir* William e Lady Bradshaw, Miss Truelock e Eleanor Gibson (a quem via subirem as escadas). Que a procurassem, se o quisessem. Ela devia-se à sua festa!

Ali estava o seu velho amigo *sir* Harry.

— Meu caro *sir* Harry! — disse ela, dirigindo-se ao belo ancião que tinha produzido sozinho mais telas ruins que dois acadêmicos de St. John's Wood juntos — eram sempre animais pastando em banhados, ao crepúsculo, ou significando (pois possuía certo dom para as atitudes), pelo alçar de uma pata ou a inclinação dos chifres, "a aproximação de um estranho"... todas as suas atividades, jantares, corridas eram em função dos animais pastando em banhados, ao crepúsculo.

— De que estão rindo? — indagou ela. Pois Willie Titcomb e *sir* Harry e Herbert Aimsty estavam todos a rir. Mas não. *Sir* Harry não podia contar a Clarissa Dalloway (embora gostasse dela e a julgasse um tipo perfeito, tendo até ameaçado pintá-la), não podia contar-lhe as suas histórias de bastidores. Caçoou com ela sobre a sua festa. Ele sentia falta do seu *brandy*. Aqueles círculos, dizia, estavam muito acima dele. Mas queria-lhe bem; respeitava-a, apesar do seu maldito, difícil e aristocrático refinamento, que o impossibilitava de pedir a Clarissa Dalloway que lhe sentasse nos joelhos. E eis que se aproximava aquele errante fogo-fátuo, aquela vaga fosforescência que era a velha Mrs. Hilbery, estendendo as mãos para o calor do seu riso (acerca do duque e da duquesa), riso esse que ela, tendo-o ouvido através do salão, considerou um alívio, talvez, para a angústia que sentia às vezes, ao despertar de manhã cedo, e que a impedia até de encomendar o chá à criada: a certeza de que temos de morrer.

— Eles não querem contar-me as suas histórias — disse Clarissa.

— Querida Clarissa! — exclamou Mrs. Hilbery. Estava tão parecida com a mãe naquela noite, observou-lhe, quando a primeira vez a vira, passeando num jardim com um chapéu cinzento.

E os olhos de Clarissa ficaram realmente rasos de água. A sua mãe, passeando num jardim. Mas tinha de seguir adiante.

Pois lá estava o prof. Brierly, que fazia conferências sobre Milton, falando com o jovem Jim Hutton (sempre incapaz, mesmo numa festa como aquela, de ajustar a gravata com o casaco ou de assentar os cabelos), e, apesar da distância, ela podia ver que estavam discutindo. Esse prof. Brierly era um tipo esquisito. Com todos aqueles diplomas, honras e cátedras que o separavam dos escrevinhadores, farejava instantaneamente qualquer atmosfera desfavorável à sua difícil personalidade; ao seu prodigioso saber e timidez; ao seu hibernal e inóspito encanto; à sua dignidade mesclada de esnobismo; e tremia quando notava, na cabeleira revolta de uma mulher, nos sapatos de um jovem, a existência desses antípodas, muito estimáveis aliás, constituídos de criaturas rebeldes e de jovens ardentes; de pretensos gênios; e dava logo a entender, com um movimento, um grunhido — humm! —, o valor da moderação; o manuseio, ainda que moderado, dos clássicos, a fim de apreciar devidamente a Milton O prof. Brierly (via-o Clarissa) não concordava com o jovem Jim Hutton (que calçava meias vermelhas, pois as pretas estavam na lavadeira) a respeito de Milton. Ela os interrompeu.

Disse que gostava de Bach. Hutton também gostava. Era o que ligava a ambos, e Hutton (um péssimo poeta) sempre admitira que Mrs. Dalloway era quase a única, dentre as grandes damas, que mostrava algum interesse pela arte. Era estranho como se mostrava estrita. No tocante à

música, era absolutamente impessoal. Quase uma pedante. Mas que mulher encantadora! Sua casa seria admirável, se não fossem os professores. Clarissa sentia-se tentada a levá-lo para o piano, na peça ao lado. Pois ele tocava divinamente.

— Mas o barulho! — dizia ela. — O barulho!

— O barulho é a característica do sucesso de uma festa. — Dito isto, o professor saudou-os e retirou-se delicadamente.

— Ele sabe tudo o que é possível a respeito de Milton — disse Clarissa.

— É mesmo? — indagou Hutton, que tencionava parodiar o professor por todo o Hampstead: o professor a discorrer sobre Milton; o professor prescrevendo moderação; o professor retirando-se delicadamente.

Mas devia ir falar com aqueles dois, ali, com Lord Gayton e Nancy Blow, disse Clarissa.

Não que eles aumentassem perceptivelmente o rumor da festa. Não falavam (pelo menos perceptivelmente), sentados perto das cortinas amarelas. Logo se retirariam, juntos; e nunca tinham muito que dizer, em nenhuma circunstância. Figuravam, isso era tudo. E era bastante. Tinham aspecto tão limpo, tão sadio, ela com a sua tez que lhe emprestava um aveludado de pêssego, ele magro, enxuto, com aqueles olhos de pássaro, como se nem uma bola pudesse ultrapassá-lo, nem um golpe apanhá-lo de surpresa. Sabia golpear, saltar, no momento exato. Os focinhos dos pôneis tremiam na extremidade das suas rédeas. Tinha as suas honras, monumentos ancestrais, flâmulas na capela dos seus domínios. Tinha os seus deveres; seus arrendatários; mãe e irmãs; estivera todo o dia na Câmara dos Lordes, e sobre tudo aquilo é que estavam falando — críquete, parentes, cinema — quando chegou Mrs. Dalloway. Lord Gayton estimava-o muitíssimo. Miss Blow também. Eram tão encantadoras as suas maneiras...

— É angelical... é delicioso da sua parte terem vindo! — disse ela. Amava os lordes, amava a juventude, e Nancy, vestida com enorme despesa pelos maiores artistas de Paris, estava ali, como se o seu corpo se inclinasse por si mesmo, qual uma corola verde.

— Eu desejaria que se dançasse... — disse Clarissa.

Pois os jovens não sabiam conversar. E para que conversariam? Gritar, enlaçar-se, rodopiar, levantar cedo; levar açúcar para os pôneis; beijar e acariciar os focinhos de adoráveis cães; e depois, palpitantes, mergulhar e nadar. Mas os enormes recursos da língua inglesa, o poder que concede, enfim, de comunicar sentimentos (na sua idade, ela e Peter poderiam conversar toda a noite) ficavam-lhes vedados. Estabilizar-se-iam. Mostrar-se-iam bons, mas apenas bons, um tanto enfadonhos talvez.

— Que pena! — disse ela. — Eu esperava que dançassem.

Haviam sido tão extraordinariamente amáveis em vir. Mas falar em baile! Os salões estavam repletos.

Vinha chegando a velha tia Helena com o seu xale. Ah, tinha de deixá-los, a Lord Gayton e Nancy Brow. Ali estava a velha Miss Parry, sua tia.

Pois Miss Helen Parry não tinha morrido: Miss Parry ainda vivia. Tinha passado dos oitenta. Subia lentamente as escadas, com um bastão. Acomodaram-na numa poltrona (Richard providenciara isso). As pessoas que haviam estado em Burma pelas proximidades de 1870 eram sempre conduzidas à sua presença. Onde estava Peter? Haviam sido tão amigos... À simples menção da Índia, ou mesmo de Ceilão, os olhos de Miss Parry (só que um era de vidro) aprofundavam-se lentamente, tornavam-se azuis, viam, não criaturas humanas — não conservava amáveis lembranças sobre os vice-reis, os generais, os motins —, mas orquídeas, a passagem de montanhas, viam a si própria, carregada às costas de cules pelos anos 60, sobre solitários píncaros ou descendo a apanhar orquídeas (assombrosas florações, nunca dantes vistas) que ela pintava a aquarela; uma indomável inglesa, apenas distraída pela guerra, diziam, que arrojara

uma bomba à sua porta, da sua profunda meditação sobre orquídeas e sobre a sua própria pessoa a percorrer a Índia pelos anos 60... Mas ali estava Peter.

— Vem conversar com tia Helena sobre Burma — disse Clarissa.

E ele ainda não havia trocado uma palavra com ela toda a noite.

— Falaremos mais tarde — disse Clarissa, levando-o para onde se achava tia Helena, com o seu xale branco e o seu bastão.

— Peter Walsh — disse Clarissa.

Mas esse nome não significava nada para a velha.

Clarissa convidara-a. Era cansativo, muito barulhento, aquilo; mas Clarissa convidara-a. Por isso tinha vindo. Era uma pena que morassem em Londres, Richard e Clarissa. Ao menos para a saúde de Clarissa, seria melhor que vivessem no campo. Mas Clarissa sempre gostara da sociedade.

— Ele esteve em Burma — disse Clarissa.

Ah! a velha dama não podia deixar de recordar o que dissera Charles Darwin a respeito do pequeno livro que ela escrevera sobre as orquídeas de Burma. (Clarissa tivera de ir falar com Lady Bruton.)

Sem dúvida que estava esquecido agora o seu livro sobre as orquídeas de Burma, mas tivera três edições antes de 1870, contava ela a Peter.

Agora lembrava-se dele. Estivera em Bourton (e ele a abandonara no salão, sem uma palavra, recordava Peter Walsh, naquela noite em que Clarissa o convidara para andarem de barco).

— Richard ficou encantado com o seu almoço — dizia Clarissa a Lady Bruton.

— Richard me foi preciosíssimo — replicou Lady Bruton. — Ajudou-me a escrever uma carta. E você, como vai?

— Oh, perfeitamente bem! — respondeu Clarissa. (Lady Bruton detestava doenças nas mulheres dos políticos.)

— Mas eis Peter Walsh! — disse (pois nunca achava o que conversar com Clarissa, embora a estimasse. Possuía inúmeras qualidades, mas não tinham nada em comum, ela e Clarissa. Seria melhor que Richard houvesse casado com uma mulher menos encantadora, mas que o ajudasse mais na sua carreira. Perderia a oportunidade de entrar para o Gabinete).

— Eis Peter Walsh! — disse ela, apertando as mãos daquele simpático pecador, daquele homem tão inteligente, que poderia ter feito um nome, mas havia-o desdenhado (sempre metido em complicações com mulheres). Ah! e Miss Parry! A admirável velha!

E Lady Bruton ficou de pé, junto à poltrona de Miss Parry, como um espectral granadeiro, de preto, e convidou Peter Walsh para almoçar; muito cordial, sim, mas incapaz de falar de coisas leves e de recordar o que quer que fosse sobre a flora ou a fauna da Índia. Estivera lá, naturalmente; privara com três vice-reis; achava que alguns dos hindus civilizados eram pessoas verdadeiramente excepcionais; mas que tragédia... a situação da Índia! O primeiro-ministro acabava justamente de lhe dizer... (à velha Miss Parry, corcovada sob o seu xale, pouco se lhe dava o que teria dito o primeiro-ministro) e Lady Bruton gostaria de saber a opinião de Peter Walsh, recém-chegado da Índia, e proporcionaria a ele encontro com *sir* Sampson, e na verdade aquilo a impedia de dormir, à noite, aquela loucura, aquela iniquidade, poderia ela dizer, pois era filha de um militar. Ela era agora uma mulher velha, que não servia para grande coisa. Mas a sua casa, o seu pessoal, a sua boa amiga Milly Brush — lembrava-se dela? — só esperavam ser utilizados, se para alguma coisa pudessem servir, afinal... Pois nunca falava na Inglaterra, mas essa ilha de homens, essa querida, querida terra estava no seu sangue (embora não lesse Shakespeare), e, se jamais uma mulher fosse capaz de cingir o elmo e arremessar a frecha, conduzir tropas ao ataque, governar as hordas bárbaras com indomável justiça e repousar depois, sob um escudo roto, numa igreja, ou sob a verde relva de uma colina antiga — essa mulher seria

Millicent Bruton. Privada por seu sexo, e por certa preguiça, também, de faculdades lógicas (sentia-se incapaz de escrever uma carta ao *Times*), acompanhava-a constantemente a imagem do Império, e a sua intimidade com esse deus potente lhe comunicava aquela imponência e rigidez, de modo que ninguém podia imaginá-la, nem depois da morte, habitando territórios onde não flamulasse, de algum modo espiritual, a Union Jack.[28] Deixar de ser inglesa, mesmo entre os mortos... nunca!

Mas seria Lady Bruton? (com quem já tivera relações). Seria Peter Walsh, de cabelo grisalho?, indagava consigo Lady Rosseter (que fora Sally Seton). E aquela, sem dúvida, era Miss Parry, a velha tia tão rabugenta quando ela, Sally, estivera em Bourton. Jamais esqueceria o dia em que correra nua pelo corredor e Miss Parry a mandara chamar! E Clarissa! Oh, Clarissa! Sally pegou-lhe o braço.

Clarissa deteve-se ante eles.

— Mas não posso ficar — disse ela. — Virei mais tarde. Esperem — disse, olhando para Peter e Sally. Deviam esperar, queria ela dizer, até que toda a gente houvesse ido embora.

— Voltarei — disse, olhando para os seus velhos amigos, Sally e Peter, que trocavam um aperto de mão, enquanto Sally sorria, recordando sem dúvida os velhos tempos.

Mas sua voz não tinha a fascinadora riqueza de outrora; seus olhos não fulgiam como antes, quando fumava charutos, quando corria pelo corredor em busca da esponja, sem uma roupa em cima do corpo, e Ellen Atkins exclamava: "E se algum dos homens a tivesse encontrado?" Mas todos a perdoavam. Ia saborear um frango no guarda-comida, porque lhe dera fome, altas horas da noite; fumava charutos no quarto; esquecera um livro valiosíssimo no barco. Mas todos a adoravam (com exceção de papai, talvez). Era por seu entusiasmo; por sua vitalidade; queria pintar, queria escrever. As velhas da localidade ainda lhe perguntavam por "sua amiga de casaco vermelho, que parecia tão brilhante". Tinha uma vez acusado Hugh Whitbread (e ali estava o seu velho amigo Hugh, palestrando com o embaixador português) de a ter beijado no salão de fumar, para castigá-la de haver dito que as mulheres deveriam votar. Como um vilão, dizia. E Clarissa lembrava-se de que tivera de persuadi-la a que não o denunciasse na hora da oração em família — coisa que era muito capaz de fazer, com a sua audácia, a sua temeridade, o seu gosto melodramático de ser o centro de tudo e de provocar cenas, o que a faria terminar, pensava então Clarissa, nalguma terrível tragédia; oh, a sua morte; o seu martírio; e, em vez disso, desposara, da maneira mais inesperada, um homem calvo, com uma grande botoeira, que possuía, diziam, fábricas de tecidos em Manchester. E tinha cinco filhos!

Ela e Peter haviam sentado juntos. Estavam conversando: parecia tão familiar... que estivessem conversando. Decerto discutiam o passado. Com aqueles dois (mais até que com Richard) dividia ela o seu passado; o jardim; as árvores; o velho Joseph Breitkopf a cantar Brahms sem voz nenhuma; o papel do salão; o cheiro dos estofos. Sally seria sempre uma parte disso tudo; Peter também. Mas devia deixá-los. Ali estavam os Bradshaws, de quem não gostava.

Devia ir ao encontro de Lady Bradshaw (de cinza e prata, balouçando como uma foca à beira do seu tanque, implorando convites, duquesas, a esposa típica do homem de êxito); devia ir ao encontro de Lady Bradshaw e dizer-lhe...

Mas Lady Bradshaw antecipou-se:

— Estamos inconvenientemente atrasados, querida Mrs. Dalloway; quase não nos atrevíamos a entrar.

E *sir* William, que parecia muito distinto, com seus cabelos grisalhos e seus olhos azuis, confirmou-o; mas não tinham podido resistir à tentação. Estava falando com Richard, provavelmente a respeito dessa lei que desejavam fazer passar na Câmara dos Comuns. Por que sentira uma crispação, à vista daquele homem, falando com Richard? Parecia o que de fato era,

um grande médico. Um homem no apogeu da sua carreira, poderoso, um tanto gasto. Pois cumpria considerar os casos que se lhe apresentavam: gente nos últimos degraus da decadência; gente às portas da loucura; maridos e mulheres. Tinha de resolver problemas terrivelmente difíceis... Mas... no íntimo, não lhe agradaria que *sir* William a visse desgraçada. Não; qualquer outro, menos aquele homem.

— Como vai seu filho em Eton? — perguntou a Lady Bradshaw.

Não pudera entrar na equipe, disse Lady Bradshaw, por causa das amígdalas. O pai sentira mais do que ele, supunha, "pois não passava", disse ela, "de uma criança grande".

Clarissa olhou para *sir* William, que falava com Richard. Não parecia uma criança... não, não parecia absolutamente uma criança.

Acompanhara certa vez alguém que fora consultá-lo. Mostrara-se muito correto; perfeitamente compreensivo. Mas, meu Deus, que alívio quando se vira novamente na rua! Havia algum pobre-diabo a soluçar, lembrava-se, na sala de espera. Não sabia, no entanto, o que se dava com *sir* William, não sabia o que lhe desagradava naquele homem. Apenas Richard concordava com ela, "não gostava do seu cheiro". Mas era extraordinariamente hábil. Falavam acerca da referida lei. *Sir* William mencionava algum caso, baixando a voz. Tinha alguma relação com o que estavam dizendo sobre as repercussões tardias dos choques cerebrais. Devia haver algum dispositivo na lei.

Baixando a voz, atraindo Mrs. Dalloway para o campo de uma comum feminice, de um comum orgulho pelas qualidades ilustres dos respectivos maridos, e o seu triste pendor para o excesso de trabalho, Lady Bradshaw (pobre tola... não havia por que lhe ter antipatia) segredou-lhe que "justamente quando íamos sair, telefonaram para meu marido, um caso tristíssimo". Um jovem (era o que *sir* William estava contando a Mr. Dalloway) se havia suicidado. Oh!, pensou Clarissa, no meio da minha festa aparece a morte, pensou.

Dirigiu-se à saleta onde o primeiro-ministro estivera com Lady Bruton. Talvez houvesse alguém por lá. Mas não havia ninguém. As poltronas ainda tinham as marcas do primeiro-ministro e de Lady Bruton, ela inclinada com deferência, ele, sentado com todo o seu peso, autoritariamente. Tinham estado a falar sobre a Índia. Não havia ninguém. O esplendor da festa caiu por terra, tão estranho era estar ali sozinho, naquele luxo.

Que tinham os Bradshaws de falar em morte na sua festa? Um jovem se havia suicidado. E falavam disso na sua festa — os Bradshaws falavam de morte. Suicidado... mas como? sempre que lhe falavam num acidente, sentia-o, logo, em si mesma; o seu vestido em chamas, o seu corpo carbonizado. Jogara-se de uma janela. O chão como que subia; duras, agudas, as pedras penetravam o corpo. Ali jazia (aquele golpe, aquele golpe no cérebro!), e depois o afogamento na treva. Assim o via. Mas por que fizera ele aquilo? e os Bradshaws falavam naquilo em sua festa!

Ela uma vez lançara um xelim na Serpentina, nada mais. Mas ele jogara a si mesmo. Os outros continuavam a viver (devia voltar; os salões ainda estavam cheios; ainda chegava gente). Eles (todo o dia pensara em Bourton, em Peter, em Sally), eles envelheceriam. Mas havia uma coisa que mais importava; uma coisa, emaranhada pelas conversas, desfigurada, obscurecida, na própria existência dela, Clarissa, uma coisa que se desgastava, dia a dia, em corrupção, mentiras, conversas. Essa coisa, ele a havia preservado. A morte era um desafio. A morte era uma tentativa de união ante a impossibilidade de alcançar esse centro que nos escapa; o que nos é próximo se afasta; todo entusiasmo desaparece; fica-se completamente só... Havia um enlace, um abraço, na morte.

Mas esse jovem que se havia suicidado... mergulhara acaso com o seu tesouro? "Se tivesse de morrer agora, seria no momento mais feliz", dissera consigo certa vez, ao descer a escadaria, toda vestida de branco.

Mas havia também os que eram poetas e pensadores. Suponhamos que ele tivera essa paixão e fora consultar *sir* William Bradshaw, um grande médico, mas para ela obscuramente maléfico, sem sexo nem desejo, extremamente atencioso para com as mulheres, mas capaz de algum indescritível ultraje — violar a nossa alma, por exemplo —, se esse jovem tivesse ido vê-lo e *sir* William o houvesse impressionado com o seu poder, não poderia o pobre ter dito (como o sentia ela agora) que a vida se tornara intolerável? Pois não tornam a vida intolerável homens como aquele?

E, depois (sentira-o ainda naquela manhã), havia o terror; a acabrunhante incapacidade, pois nossos pais a puseram em nossas mãos, esta vida, para que a vivamos até o fim, para que andemos serenamente com ela; havia nas profundezas do seu coração um terrível medo. E quantas vezes, ultimamente, se Richard não estivesse ali a ler o *Times*, de modo que ela se aconchegava como um pássaro na sua presença, e gradualmente ia revivendo, exaltando-se num incomensurável júbilo, juntando uma coisa a outra, quantas vezes já não deveria ter perecido? Conseguira escapar. Mas aquele jovem se havia suicidado.

De certo modo, era aquilo um desastre dela própria, uma catástrofe sua. Era-lhe um castigo ver afundar e desaparecer aqui um homem, ali uma mulher, naquela profunda escuridão, enquanto ela era forçada a permanecer, ali, com seu vestido de gala. Havia intrigado; havia enganado. Nunca fora integralmente admirável. Tinha almejado o sucesso, Lady Bexborough, e o resto. E tinha vagueado pelo terraço em Bourton.

E, coisa estranha, incrível: nunca se sentira tão feliz. Nada poderia agora ser bastante lento; nada durar demais. Nenhum prazer poderia igualar-se, pensava, endireitando uma cadeira, recolocando um livro na estante, a isto de haver terminado com os triunfos da juventude, de se haver perdido na corrente da existência, para encontrar a vida, com um choque de alegria, quando o sol nascia, quando o sol se punha. Mais de uma vez, quando estavam todos conversando, em Bourton, tinha ido olhar o céu; ou tinha-o visto dentre os ombros dos outros; ou em Londres, quando não podia dormir. Encaminhou-se para a janela.

Por mais louca que fosse a ideia, aquele céu familiar, aquele céu de Westminster continha alguma coisa de si mesma. Apartou as cortinas; olhou. Oh, que surpreendente! Na sala fronteira, a velha senhora olhou para ela! Ia deitar-se. E o céu... Devia ser um céu solene, tinha pensado, um céu escuro, a esconder sua bela face. Mas ali estava, de um cinza-pálido, percorrido rapidamente por vastas nuvens. O que era novo para ela. Devia ter-se erguido o vento. A senhora da casa em frente ia deitar-se. Era fascinante olhá-la, aquela velha senhora, movendo-se, atravessando o quarto, aproximando-se da janela. Poderia ela vê-la? Era fascinante, com toda aquela gente ainda a rir e a falar no salão, contemplar aquela velha mulher que se preparava tranquilamente para ir dormir sozinha. Fechou a cortina. O relógio começou a bater. O jovem se havia suicidado; mas não podia lamentá-lo; com o relógio a bater a hora, uma, duas, três, não podia lamentá-lo, com tudo aquilo indo para diante. Pronto! A velha senhora apagara a luz! Toda a casa estava agora às escuras, com tudo indo para diante, e outra vez lhe ocorreram as palavras: "Não mais temas o calor do sol..." Devia ir para junto deles. Mas que noite extraordinária! Sentia-se de certo modo como ele... o jovem que se havia suicidado. Sentia-se contente de que ele tivesse feito aquilo; alijado a vida, enquanto ela continuava a viver. O relógio batia. Os pesados círculos se dissolviam no ar. Mas tinha de voltar para junto deles. Tinha de reuni-los. Tinha de encontrar-se com Sally e Peter. E deixou a saleta.

— Mas onde estará Clarissa? — disse Peter. Estava sentado no sofá com Sally. (Depois de todos aqueles anos, não podia realmente chamá-la de "Lady Rosseter".) — Onde terá ido essa mulher? — indagou. — Onde estará Clarissa?

Sally supunha, e também Peter, que havia ali muita gente de importância, políticos, a que nenhum dos dois conhecia, a não ser pelos retratos nos jornais, e a quem Clarissa devia atender,

agradar. Estava com eles, sem dúvida. Em todo caso, Richard não havia entrado para o Gabinete. Ele não fora propriamente um sucesso, achava Sally. No entanto, ela raramente lia os jornais. Algumas vezes lera o seu nome... Bem... mas o fato é que ela vivia uma vida muito solitária no deserto, como diria Clarissa, entre grandes comerciantes, grandes industriais, homens que, afinal de contas, tinham feito coisas. Ela também fizera coisas!

— Eu tenho cinco filhos! — confessou-lhe. Meu Deus, meu Deus, como havia ela mudado! A doçura da maternidade; o seu egotismo, também. A última vez em que se haviam encontrado, recordava Peter, fora entre as couves-flores, ao luar, com as suas folhas "como bronze azinhavrado", dissera ela, no seu estilo literário; e colhera depois uma rosa. Havia caminhado com ele naquela terrível noite, depois da cena junto à fonte; ele devia tomar o trem noturno. E havia chorado, meu Deus!

Ainda tinha a sua velha mania de abrir o canivete, pensava Sally, de abrir e fechar o canivete sempre que se achava enervado. Tinham sido muito íntimos, os dois, quando ele se achava enamorado de Clarissa e houvera aquela terrível e ridícula cena, ao almoço, a respeito de Richard Dalloway. Ela o havia chamado de Richard "Wickham". Por que não o chamar de Richard "Wickham"? Clarissa encolerizara-se! e, desde então, não se haviam avistado mais, ela e Clarissa; em todo caso, não mais que meia dúzia de vezes, talvez, naqueles últimos dez anos. E Peter Walsh fora para a Índia, e ela soubera vagamente que havia feito um casamento infeliz, mas não sabia se tinha filhos, nem lho podia perguntar agora, pois ele estava mudado. Tinha um ar um tanto gasto, mas bondoso, sentia-o; e ela lhe dedicava um real afeto, pois o conhecera na mocidade e ainda conservava um pequeno livro de Emily Brontë que ele lhe dera... e sem dúvida ele escrevia... pois naqueles dias tinha intenção de escrever...

— Tens escrito? — perguntou-lhe, espalmando a mão, a sua mão firme e bem-feita, sobre os joelhos, num gesto que ele recordava.

— Nem uma linha! — disse Peter Walsh, e ela riu.

Era ainda atraente, ainda era uma personagem, Sally Seton. Mas quem era aquele Rosseter? Ostentava duas camélias no dia do casamento — era só o que Peter sabia a seu respeito. "Eles têm milhares de criados, léguas de estufas", escrevera-lhe Clarissa; ou coisa parecida. Sally confessou-o, com uma gargalhada.

— Sim, tenho dez mil libras por ano. — Não podia lembrar-se se antes ou depois de pago o imposto, pois seu marido, "que você tem de conhecer", disse ela, "de quem você gostará", afiançou, não lhe negava coisa alguma.

E Sally, antes, podia-se dizer que andava em andrajos. Pois o anel que Maria Antonieta dera a seu bisavô — não era isso? — ela o havia empenhado para ir a Bourton.

Oh, sim! Sally se lembrava; ainda o tinha, o anel de rubi que Maria Antonieta dera a seu bisavô. Nunca tinha um pêni de seu naqueles tempos, e uma viagem a Bourton sempre representava um terrível problema. Mas a viagem a Bourton significara muito para ela: salvara-lhe a razão, acreditava, tão infeliz se sentia em casa. Mas tudo eram águas passadas... tudo estava acabado agora, disse ela. E Mr. Parry estava morto; e Miss Parry ainda vivia. Nunca recebera tamanho choque em sua vida!, disse Peter. Pois estava absolutamente certo de que ela havia morrido. E o casamento de Clarissa e Richard, supunha Sally, tinha sido um sucesso, não? E aquela jovem tão bonita, tão senhora de si, com um vestido cor-de-rosa, junto às cortinas, era Elizabeth.

(Parecia um álamo, parecia um arroio, parecia um jacinto, estava pensando Willie Titcomb. Oh! como não seria melhor, dizia consigo Elizabeth, estar no campo e fazer o que bem quisesse! Podia ouvir, estava certa de que ouvia agora o seu pobre cachorro latindo.)

— Oh, Clarissa! — exclamou Sally.

O que Sally sentia era simplesmente isso. Devia muitíssimo a Clarissa. Tinham sido amigas, não conhecidas, amigas, e ainda via Clarissa, toda de branco, pela casa, com as mãos cheias de flores: até hoje os pés de fumo lhe evocavam Bourton. Mas — Peter a compreendia? — alguma coisa faltava a Clarissa. Mas o quê? Tinha encanto; tinha um extraordinário encanto. Mas, falando com toda a franqueza (e sentia que Peter era um velho amigo, um verdadeiro amigo... Que importava a ausência? a distância? Várias vezes desejara escrever-lhe, mas ficara em nada, o que ele compreenderia, pois a gente, quando envelhece, entende as coisas sem necessidade de palavras. E velha estava ela, sim, pois naquela mesma tarde tinha ido a Eton ver os filhos, que estavam com caxumba), com toda a franqueza, pois como poderia Clarissa ter feito aquilo? Casar com Richard Dalloway? Um *sportsman*, um homem que só se preocupava com os seus cães. Quando ele entrava numa sala, sentia-se literalmente um cheiro de estábulo. E tudo isso, ainda por cima! E ela abrangeu a sala com um gesto.

Ia passando Hugh Whitbread, com o seu colete branco, vulgar, gordo, cego, sem outra expressão que a satisfação de si mesmo e o bem-estar.

— Ele não nos vai reconhecer... — disse Sally, e realmente ela não tinha coragem... então era Hugh? o admirável Hugh!

— E que faz ele? — perguntou a Peter.

Lustrava os sapatos do rei; ou contava garrafas em Windsor, disse Peter. Peter ainda conservava a sua má língua! Mas Sally devia ser franca com ele, solicitava Peter. Como tinha sido mesmo aquela história do beijo, do beijo de Hugh?

Na boca, assegurou ela, uma tarde, no salão de fumar. Ela, furiosa, fora correndo aonde estava Clarissa. Não, Hugh não faria uma coisa daquelas! dissera Clarissa, o admirável Hugh! As meias de Hugh eram, sem exceção, as mais bonitas meias que ela já vira... E aquele fraque, então? Perfeito! E filhos?

Não tinha ele filhos?

— Todos, nesta sala, têm seis filhos em Eton — confiou-lhe Peter. Exceto ele, Peter. Graças a Deus, não tinha nenhum. Nem filhos, nem filhas, nem mulher. Bem, mas isso não haveria de importar-lhe muito, pensou. De resto, Peter parecia mais jovem do que qualquer um deles.

Muito provavelmente, pois afinal de contas devia ser penoso para ele (embora fosse um original, uma espécie de espírito, de nenhum modo um homem vulgar), devia ser uma coisa desoladora, na sua idade, não ter nenhum lar, nenhuma casa aonde ir. Mas tinha de ir visitá-los, durante semanas e semanas. Naturalmente que sim; gostaria muito de estar com eles; e foi o que acontecera. Durante aqueles anos, os Dalloways não tinham ido uma única vez. E tinha-os convidado, ano após ano. Clarissa (pois naturalmente havia sido Clarissa) não quisera ir. Porque Clarissa, dizia Sally, era, no fundo, uma esnobe; tinha-se de reconhecê-lo: uma esnobe. E era o que as separava, estava certa disso. Clarissa pensava que ela havia casado mal, pois o seu marido — orgulhava-se disso — era filho de um mineiro. Cada pêni que possuíam, ele o ganhara com o seu trabalho. E quando menino (sua voz tremia) havia carregado sacos.

(E assim prosseguiria horas a fio, sentiu Peter; o filho do mineiro; os que a julgavam malcasada; os seus cinco filhos; e que mais?... ah! as plantas, hidrângeas, siringas, raríssimos hibiscos que nunca cresciam ao norte do canal de Suez, mas de que ela, com um jardineiro nos arredores de Manchester, possuía canteiros, verdadeiros canteiros! Tudo aquilo de que Clarissa agora estava livre, tão pouco maternal que era.)

Seria uma esnobe, Clarissa? Sim, de certo modo. Por onde andaria ela, todo aquele tempo? Ia ficando tarde.

— Mas — disse Sally —, quando soube que Clarissa dava uma festa, senti que não podia deixar de vir e vê-la de novo (e estou hospedada em Victoria Street, aqui ao lado, por assim dizer). De modo que vim sem convite. Mas quem é aquela? — murmurou.

Era Mrs. Hilbury, procurando a porta. Pois já ia ficando tarde! E à medida que a noite avança e o pessoal se retira, a gente vai achando velhos amigos; velhos amigos, cantinhos sossegados e as melhores cenas. Saberiam eles que os cercava um jardim encantado? Luzes e árvores e maravilhosos lagos resplandecentes, e o céu. Apenas algumas lâmpadas de feira pelo jardim, dissera Clarissa Dalloway. Mas Clarissa era uma feiticeira! Porque aquilo era um verdadeiro parque... E embora não lhes soubesse os nomes, sabia que eram amigos, amigos sem nomes, cantos sem palavras, sempre os melhores. Mas havia tantas portas, tantos locais inesperados, que ela bem podia não encontrar o caminho.

— A velha Mrs. Hilbury — disse Peter. Mas quem seria aquela? aquela senhora sentada toda a noite junto à cortina, sem falar? Conhecia, sim, aquele rosto; provavelmente de Bourton. Não era a que fazia roupas brancas, na grande mesa junto à janela? Davidson, não era esse o seu sobrenome?

— Oh, é Ellie Henderson — disse Sally, Clarissa era realmente muito dura com ela. Tratava-se de uma prima muito pobre. Clarissa era muito dura com as pessoas.

Era mesmo, concordou Peter. Mas, disse Sally, num ímpeto daquele entusiasmo que Peter tanto lhe apreciava, embora o temesse um pouco, pois podia tornar-se demasiado efusiva... Clarissa era tão generosa com as amigas! Uma qualidade tão rara de encontrar... Por isso, muitas vezes, na noite de Natal, quando enumerava os bens que recebera, punha aquela amizade em primeiro lugar. Era jovem, naquele tempo; isso era tudo. Clarissa era pura de coração; isso mesmo. Peter que a julgasse sentimental. Assim era. Pois sentia agora que a única coisa que vale a pena dizer é o que se sente, afinal. A inteligência era uma estupidez. Devia-se dizer simplesmente o que sentia.

— Mas eu não sei — disse Peter Walsh —, eu não sei o que sinto.

Pobre Peter, pensou Sally. Por que não vinha Clarissa falar com eles? Era isso que Peter estava esperando. Ela o sabia. E durante todo o tempo estivera a pensar unicamente em Clarissa, e a brincar com o canivete.

Não tinha achado simples a vida, disse Peter. As suas relações com Clarissa não foram simples. Haviam-lhe arruinado a vida, disse Peter.

(Tinham sido tão íntimos, ele e Sally Seton, que seria absurdo não lhe dizer.) Não se podia amar duas vezes, disse ele. E que poderia ela responder-lhe? Que, de qualquer modo, era sempre melhor ter amado (mas ele a julgaria sentimental: era tão sardônico!). Devia ir passar uns tempos com eles em Manchester. Isso mesmo, concordou Peter. Isso mesmo. Gostaria de ir passar uns tempos com eles, logo que terminasse o que tinha a fazer em Londres.

E Clarissa (Sally tinha toda a certeza) o havia amado muito mais do que amara depois a Richard.

— Não, não! — protestou Peter (Sally não devia dizer aquilo: estava indo muito longe). Aquele excelente sujeito... ali estava ele, ao fundo da sala, perorando, sempre o mesmo, o velho Richard.

E com quem falava ele? indagou Sally. Quem era aquele homem de aspecto tão distinto? Vivendo no deserto, como dizia, tinha uma insaciável curiosidade de saber quem eram as pessoas. Mas Peter não o conhecia. Não lhe agradava o seu aspecto, disse, provavelmente algum ministro. Dentre todos eles, Richard lhe parecia o melhor, afiançou, o mais desinteressado.

— Mas que fez ele? — indagou Sally. Beneficência, supunha. E eram felizes os dois?, indagou Sally (ela era extremamente feliz); pois, admitia, nada sabia deles, apenas saltava às conclusões, como se faz: pode-se acaso saber alguma coisa, mesmo da gente com quem se vive todos os dias?, indagou. Não somos todos uns prisioneiros? Lera uma peça maravilhosa a respeito de um homem que escrevia na parede da sua cela, e ela achava que essa era a verdade da vida: a gente escrevia coisas na parede. Desprezada das relações humanas (eram tão difíceis

as pessoas), fora muitas vezes ao jardim, receber das suas flores uma paz que os homens e as mulheres não lhe davam nunca. Mas não; ele não gostava de legumes; preferia as criaturas humanas, dizia Peter. Na verdade, os jovens são belos, disse Sally, vendo Elizabeth atravessar o salão. Como era diferente de Clarissa, na sua idade! Poderia ele tirar alguma coisa dela? Ela não abria os lábios. Não muito, ainda não, pelo menos, admitiu Peter. Era como um lírio, disse Sally, um lírio à beira de um pântano. Mas Peter não concordava em que não se pudesse saber nada. Sabe-se tudo, afirmava; ele pelo menos sabia.

— Mas esses dois — murmurou Sally —, esses dois que vêm vindo — e na verdade ela devia ir-se embora, se Clarissa não aparecesse logo —, esse homem tão distinto e essa mulher tão vulgar, que falavam com Richard... que se pode saber a respeito de gente como essa?

— Que são uns terríveis embusteiros — disse Richard, passando casualmente. O que fez Clarissa rir.

Mas *sir* William Bradshaw deteve-se à porta para olhar um quadro. Procurou num canto o nome do gravador. Sua mulher também. *Sir* William Bradshaw se interessava muito pelas artes.

Quando jovem, disse. Peter, a gente é demasiado excitável para que possa conhecer os outros. Mas agora, na velhice, 52 anos, para ser exato (Sally tinha 55, no corpo, dizia ela, pois o coração era como o de uma moça de vinte); agora, na maturidade, pode-se observar, pode-se compreender, sem ter perdido a faculdade de sentir, disse ele. Sim, era verdade, concordou Sally. Ela sentia mais profundamente, mais apaixonadamente, cada ano que passava. E aquilo aumentava, suspirava ele; mas antes devíamos alegrar-nos: aquilo aumentava com a experiência. Havia certa pessoa lá na Índia. Gostaria de falar com Sally a respeito dela. Era casada, disse. Tinha dois filhos pequenos. Pois deviam ir todos a Manchester, disse Sally: ele tinha de prometê-lo antes de se despedirem.

— Eis Elizabeth — disse ele —, e ela ainda não sente metade do que nós sentimos. — Mas bem se vê — observou Sally, notando que Elizabeth se dirigia para o pai — que os dois se estimam muito. — Via-se pela maneira como Elizabeth se dirigia para o pai.

Pois o pai a estivera olhando, enquanto falava com os Bradshaws, e perguntara a si mesmo quem seria aquela encantadora moça... E de súbito descobrira que era a sua própria Elizabeth, e ele não a tinha reconhecido, tão encantadora estava com o seu vestido cor-de-rosa! E Elizabeth sentira que ele estava olhando, enquanto conversava com Willie Titcomb. Por isso fora ter com ele, e permaneciam juntos, agora que a festa estava quase finda, a olhar a gente que se ia, e os salões cada vez mais desertos, com coisas esparsas pelo assoalho. Até Ellie Henderson se ia embora, quase que por último, embora ninguém houvesse falado com ela, mas tinha querido ver tudo, para contar a Edith. E Richard e Elizabeth estavam até contentes de que houvesse terminado, mas Richard sentia-se orgulhoso da sua filha. E não tencionava dizer-lhe isso, mas não pôde deixar de lho dizer. Estivera a olhá-la, contou ele, e indagara consigo quem seria aquela moça tão encantadora... e era ela, a sua filha! Isso a fizera sentir-se feliz. Mas o seu pobre cachorro estava latindo, latindo.

— Richard melhorou. Tens razão — disse Sally. — Vou falar com ele. Vou dar-lhe boa-noite. Que importa o cérebro — disse Lady Rosseter, levantando-se —, comparado com o coração?

— Eu também vou — disse Peter, mas deixou-se ficar sentado um momento. Mas que terror é esse?, pensou consigo. Que êxtase me vem? Que é que me enche de tão extraordinária excitação?

É Clarissa, descobriu.

Pois ela ali estava.

Sobre a autora

Virginia Woolf nasceu em Londres, Inglaterra, em 25 de janeiro de 1882. Filha do editor Leslie Stephen, recebeu uma educação apurada, frequentando o mundo literário desde cedo.

Em 1912, Virginia casou-se com Leonard Woolf. Juntos fundaram, em 1917, a Hogarth Press, editora que, além de publicar as histórias de Virginia, notabilizou-se também por revelar escritores como Katherine Mansfield e T.S. Eliot. O casal Woolf ainda fez parte do grupo Bloomsbury, círculo de intelectuais que se posicionaria contra as tradições literárias, políticas e sociais da Era Vitoriana.

Nesse ambiente de extraordinária expressão intelectual, Virginia Woolf pôde produzir uma obra requintada. Seu maior legado foi desenvolver o que em literatura se convencionou chamar de *stream of consciouness* (fluxo de consciência), isto é, o registro minucioso e fiel do que se passa nas profundezas da mente. Seu romance de estreia foi *A viagem* (1915), e uma das suas obras mais importantes foi *Orlando* (1928), romance histórico que evoca com brilho e humor a Inglaterra da era elisabetana. Destacam-se ainda os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927), *As ondas* (1931), *Os anos* (1937) e *Entre os atos* (publicado postumamente em 1941).

Frequentemente atormentada por crises de depressão, Virginia Woolf se suicidou em 28 de março de 1941, atirando-se ao fundo do rio Ouse, no condado de Sussex, Inglaterra.

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Adriana Torres
André Marinho

Revisão
Luisa Suassuna

Capa
Mateus Valadares

Diagramação
Filigrana

Podução de ebook
S2 Books

[1] Em inglês: *The sun is hot* e *The wind is cold*, frases compostas de monossílabos. (N.T.)

[2] Woolf, V. *The Diary of Virginia Woolf*, ed. Anne Olivier Bell, v. 3, 1925-1930, 5 de outubro de 1927.

[3] Woolf, V. *The diary of Virginia Woolf*. ed. Anne O. Bell, v. 3, 1925-1930, 22 de março de 1928.

[4] *Honourable*: tratamento reservado a determinadas categorias da nobreza: condes, barões etc. (N.E.)

[5] Creio ter conhecido, na Polônia, no verão passado, um cavalheiro que era seu parente. (N.E.)

[6] A beleza das damas da corte da Inglaterra me encanta. Não se pode ver dama mais graciosa do que a vossa rainha, nem um penteado mais belo do que o seu. (N.E.)

[7] Como uma grande vara malfeita. (N.E.)

[8] Luz da minha vida! (N.E.)

[9] Em francês no texto: A Glória. (N.E.)

[10] Em francês no original: novo-rico. (N.E.)

[11] Whigs: membros de um partido político da história inglesa favorável às reformas e ao progresso. Tories: membros do Partido Conservador inglês. (N.E.)

[12] O capitão estava cometendo um erro, como se pode verificar consultando qualquer manual de literatura; mas, como o erro era bem-intencionado, deixamos que permanecesse.

[13] Em francês no original: mistura, miscelânea. (N.E.)

[14] Em francês no original: *mot*, palavra, dito de espírito. (N.E.)

[15] Estes ditos são conhecidos demais para requererem repetição, e, além disso, são todos encontrados nas suas obras completas.

[16] Variedades de bolos secos, que se servem com chá. (N.E.)

[17] Dialeto popular londrino. (N.E.)

[18] *I am myself but a vile link*
Amid life's weary chain,
But I have spoken hallow'd words,
Oh, do not say in vain!

Will the young maiden, when her tears,
Alone in moonlight shine,
Tears for the absent and the loved,
Murmur —

[19] *She was so changed, the soft carnation cloud*
Once mantling o'er her cheek like that which eve
Hangs o'er the sky, glowing with roseat hue,
Had faded into paleness, broken by
Bright burning blushes, torches of the tomb,

[20] Título de cortesia que se emprega após o nome, correspondente a ilustríssimo senhor. (N.T.)

[21] *And then I come to a field where the springing grass*

Was dulled by the hanging cups of fritillaries,
Sullen and foreign-looking, the snaky flower,
Scarfed in dull purple, like Egyptian girls —

[22] Editora pertencente a Leonard e Virginia Woolf. (N.T.)

[23] Em francês no original: entradas servidas antes dos pratos principais de uma refeição. (N.E.)

[24] Em francês no original: gratinado. (N.E.)

[25] Em francês no original: alemão sujo! (N.E.)

[26] * Jornalista, apresentadora, atriz e escritora brasileira.

[27] Festa ao ar livre. (N.T.)

[28] Pavilhão do Reino Unido. (N.T.)

Poliana

Eleanor
H. Porter

Poliana

Porter, Eleanor H.
9788520938317
152 páginas

Compre agora e leia

Eleanor H. Porter (1868-1920), autora norte-americana, escreveu vários romances de sucesso; nenhum deles, porém, despertou tanto interesse no mundo inteiro quanto Poliana, de 1913. Já no primeiro ano de sua publicação, o livro vendeu mais de um milhão de cópias na Europa e nos Estados Unidos.Quando da morte de seu pai, a menina de dez anos, que já era órfã de mãe, vai morar com a tia Paulina, uma solteirona rica, severa e pouco afetuosa. Mas a vida da pequena cidade de Beldingsville vai mudar com a chegada desta que se tornou a própria personificação do otimismo na literatura ocidental. Poliana nunca deixa de praticar algo que o pai criou e lhe ensinou: o jogo do contente — a tentativa de sempre se posicionar de maneira positiva frente às adversidades.

Compre agora e leia


Ivan Zigg
Só um minutinho

Só um minutinho

Zigg, Ivan
9788520936153
24 páginas

Compre agora e leia

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo sufi ciente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

Compre agora e leia

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai

Mar de Histórias

ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL



VOLUME 5

O realismo

O Realismo

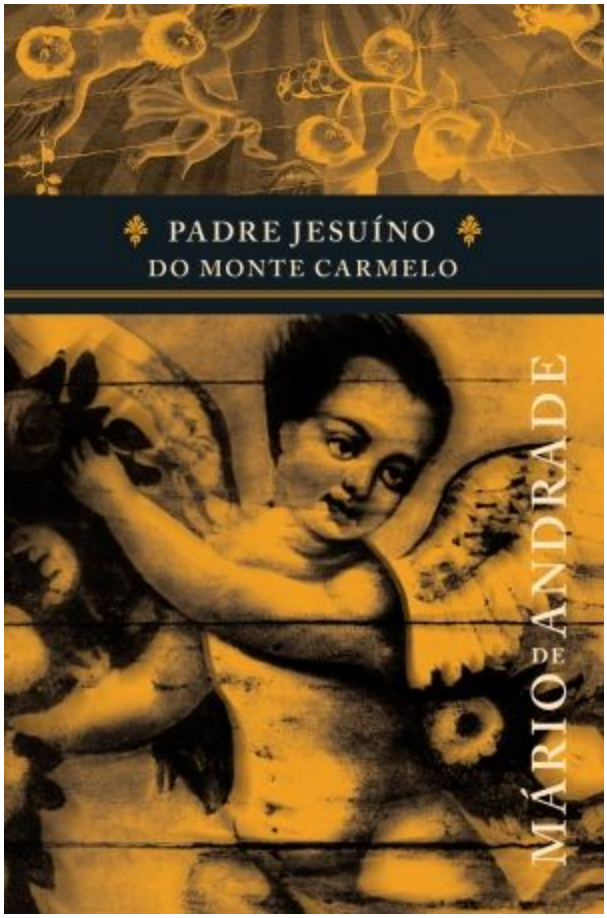
Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda
9788520937730
352 páginas

Compre agora e leia

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros.O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo.O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam.Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas

esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

Compre agora e leia


PADRE JESUÍNO
DO MONTE CARMELO
DE
MÁRIO ANDRADE

Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de
9788520933480
384 páginas

Compre agora e leia

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

Compre agora e leia


Adaptação
do romance de
Júlio Verne
CONY
carlos
heitor
Um capitão
de quinze
anos

Um capitão de quinze anos

Cony, Carlos Heitor
9788520940044
216 páginas

Compre agora e leia

EXCLUSIVO EM EBOOK!Sobre Carlos Heitor Cony:Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida.Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000.Sobre Júlio Verne (1828-1905):Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Um capitão de quinze anos (1878), os romances Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870) e A volta ao mundo em oitenta dias (1872).Quando uma terrível tragédia se abate sobre a tripulação do brigue-galeota Peregrino, o jovem Dick Sand se vê obrigado a assumir o comando do navio e conduzir a família Weldon de volta a São Francisco, nos Estados Unidos. Mas uma conspiração nefasta pretende colocar tudo a perder. Com a competente adaptação do clássico de Júlio Verne por Carlos Heitor Cony, as novas gerações de leitores passarão a conhecer esta história repleta de intrigas, reviravoltas e muitas aventuras, passada em pleno século XIX.

Compre agora e leia

Table of Contents

Folha de rosto principal
Ficha catalográfica
Folha de rosto 1º livro
Sobre a autora
Folha de rosto 2º livro
Apresentação Virginia e Orlando
Sumário
Prefácio
Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Sobre a autora
Folha de rosto 3º livro
Apresentação
Sobre a autora
Colofão